WILLIAM SHAKESPEARE
Hamlet
TEXTO ADAPTADO
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Há mais coisas entre o céu e a terra, Horácio, do que o sonhado por sua vã filosofia.

HAMLET – Ato I – Cena V

Capítulo UM

Há algo podre no reino da Dinamarca

I

Na vastidão sombria e praticamente indevassável do forte nevoeiro, Elsinore erguia-se como ilha solitária e inóspita, os paredões maciços e limosos das muralhas resistindo aqui e ali, desaparecendo mais adiante no cinza gélido e desolador de tão intimidante paisagem. Assustava, como se, com o cair da noite, todo mundo diluísse na neblina, aprisionando cada morador daquele lugar mais facilmente em sua imaginação, na verdade, na parte mais amedrontadora de suas mentes, território fértil e em especial fecundo às ideias mais apavorantes, a aparições sobrenaturais e, de hábito, fantasmagóricas.

Natural, portanto, que assim que o vulto ainda indistinto de Bernardo se materializou no corredor escuro, os passos estalando na laje fria, Francisco tenha se voltado em um salto e, brandindo a alabarda na defensiva, perguntado:

– Quem está aí?

– Ora, vejam só! Quem poderia ser?

– Não, diga-me tu. Pare e mostre-se.

– Vida longa ao rei!

– És tu, Bernardo?

– Eu mesmo e, como podes ver, na minha hora. Anda, vá para a cama, Francisco.

– Que alívio! Está tão frio que até meu coração está doente...

Francisco entregou a alabarda para Bernardo e por um instante lançou um olhar apreensivo para o nevoeiro que aparentava estreitar-se ainda mais em torno do castelo.

– Algum problema? – perguntou Bernardo.

Francisco forçou um sorriso e, sacudindo a cabeça, respondeu:

– Não, nada.

– Tanto melhor. Caso encontres Horácio e Marcelo pelo caminho, diga-lhes que se apressem. Não gostaria de ficar por aqui sozinho por muito tempo.

– O que foi? Estás com medo?

Bernardo lançou-lhe um olhar contrariado e insistiu:

– Apenas peça que se apressem, está bem?

Francisco concordou com um aceno de cabeça e já se encaminhava para a longa escada que descia para o amplo e nevoento pátio interno quando viu Horácio e Marcelo galgando os degraus à sua frente.

– Boa noite, Francisco! – cumprimentou Horácio, um tipo macilento e de vasta cabeleira vermelha. – Quem substitui a ti?

– Bernardo ficou no meu lugar – respondeu Francisco, descendo rapidamente as escadas e desaparecendo depressa na primeira curva.

Os dois recém-chegados se entreolharam, e o grandalhão Marcelo perguntou:

– Por que toda essa pressa? Medo ou sono?

– Talvez as duas coisas – respondeu Horácio, indulgente, apesar da expressão zombeteira no rosto.

Achegaram-se a Bernardo.

– Então, meu amigo, a coisa apareceu de novo nesta noite? – indagou Marcelo.

– Não que eu tenha visto – respondeu Bernardo. – Mas isso não significa grande coisa. Acabei de chegar.

– Horácio não acredita...

– Bobagem! Bobagem das grandes!

– ... ele diz que é tudo fantasia da nossa parte.

– E não é?

– É? – insistiu Bernardo, por trás de uma ponta de receio.

– Não faço ideia. De qualquer forma, foi por isso que o trouxe comigo hoje. Assim, se a aparição surgir mais uma vez, teremos uma testemunha bem mais crível do que nós dois.

– Não vai aparecer, acreditem. Não passa de fantasia de gente assustada ou...

– Ora, sente-se aí e feche a boca, bom Horácio, e permita que enchamos teus ouvidos com a história sobre o que andamos vendo nas últimas duas noites... – pediu Bernardo.

– Pois bem – disse Horácio –, pode me contar a tua história, Bernardo. Fale-me de tua misteriosa aparição.

– Nem tão misteriosa assim... – sugeriu Marcelo.

Os dois se voltaram para Bernardo, que começou a contar que...

– Na noite passada, eu e Marcelo estávamos de guarda quando...

Marcelo interrompeu-o de súbito e, debruçando-se na amurada, os olhos voltados para o nevoeiro, falou baixo:

– Quietos!

Horácio e Bernardo juntaram-se a ele.

– O que houve?

– Olhem, lá vem ele novamente! – Marcelo apontava insistentemente para a frente, um vulto que se movia e se agigantava de modo intimidador, aproximando-se da muralha. – Digam se são meus olhos que me iludem. O que veem?

– Tem a mesma forma do rei morto – repetiu Bernardo, duas ou três vezes, os olhos estatelados, fixos na sombra medonha que ganhava formas mais bem definidas, a imagem de um guerreiro solidamente protegido por uma armadura, uma capa esfarrapada drapejando furiosamente em torno dele, impelida por vigorosa porém ilusória ventania.

– Fale com ele, Horácio – pediu Marcelo. – Diga-lhe que...

– Isso, Horácio – insistiu Bernardo. – Diga-me que estou equivocado e que não estou vendo o rei. Não se parece com o rei?

– Devo admitir... – Horácio se mostrou confuso e comprimiu os olhos como se procurasse enxergar melhor o vulto que crescia diante dos três e efetivamente assumia as formas de um guerreiro metido em uma imponente armadura.

– Ele quer que falemos com ele – observou Bernardo.

Marcelo cutucou Horácio com o cotovelo e pediu:

– Vamos, meu amigo. Pergunte-lhe alguma coisa!...

Adiantando-se aos companheiros, Horácio apoiou-se em uma das ameias e, lançando o corpo com temor para a frente, gritou:

– O que quer, criatura? Quem és tu e por que estás usando a armadura com que o antigo rei da Dinamarca marchava para o campo de batalha? Vamos, fala!

– Tu o ofendeste, Horácio... – observou Marcelo, enquanto o enorme vulto ia mais uma vez desaparecendo dentro do nevoeiro.

– Ele vai embora – acrescentou Bernardo, aflito.

– Fala! – gritou Horácio, contrariado. – Volta e fala!

Os gritos perderam-se na distância e na imensidão nevoenta. Resposta alguma. O vulto foi se desfazendo vagarosamente, até não haver o menor vestígio de sua aparição.

– Ele se foi... – balbuciou Marcelo, entre assustado e decepcionado.

Virando-se para Horácio e tão pálido e assustado quanto ele, Bernardo perguntou:

– O que achas, meu amigo? Não é algo realmente além de nossa imaginação?

– Não sei bem o que vi – admitiu Horácio –, mas está bem distante de ser apenas fruto de minha imaginação.

– Parecia com o nosso rei – insistiu Bernardo.

– A armadura que o fantasma estava usando era em tudo semelhante àquela que nosso rei usava quando combateu o rei da Noruega, e ouso dizer que vi no rosto do fantasma a mesma máscara de grande ódio e fúria em que se transformou o rosto de nosso rei enquanto massacrava os poloneses na última guerra que travamos contra eles. Não sei explicar...

– Preocupa-me muito mais o porquê dessa repentina aparição – afirmou Marcelo. – Teria algo a ver com esses preparativos febris que tomaram conta do reino e em tudo aparentam os preparativos para nova guerra?

– Não estás enganado, meu bom amigo – ajuntou Horácio. – Como bem sabes, nosso rei Hamlet foi desafiado ao combate pelo invejoso rei da Noruega, o famigerado Fortinbras. A vitória foi nossa, e, além de matar o atrevido, apropriou-se de todas as terras que até então pertenciam à Noruega. Pois bem, nos últimos anos o jovem príncipe Fortinbras andou realizando sérios preparativos para vingar o pai, o velho Fortinbras, e recuperar o território perdido, e se possível apossar--se de outros que nos pertencem. Tenho informações de que

ele recrutou um formidável exército de bárbaros nos confins da Noruega e pretende marchar contra nós ainda neste ano. Não é outro, portanto, o motivo de nosso povo estar de forma tão atarefada envolvido em preparativos para o que já sabemos ser uma nova guerra contra os noruegueses.

– Não é outra a razão da repentina aparição dessa figura agourenta em Elsinore e de sua semelhança com o nosso antigo rei, que por sinal foi um dos responsáveis por essa guerra – observou Bernardo.

– A aparição de antigos reis ou de fantasmas de guerreiros já mortos ou de mortos simplesmente é comum a muitas sociedades deste mundo, e sabemos que ela surge sempre como parte de outros tantos maus augúrios, prenunciando guerras e tantos outros eventos cruéis...

Os três se calaram repentinamente ao ver o enorme vulto do fantasma mais uma vez materializar-se na distância e fender o nevoeiro com sua apavorante figura.

– Ele está voltando! – alertou Horácio, alarmado, a mão apertando o cabo da espada, gesto fútil e acima de tudo inútil para lançar-se a um combate improvável. – Venha, ilusão infernal! Diga alguma coisa! Se sabes algo sobre o futuro de teu país ou se tens como nos ajudar a diminuir tanta morte e tanto sofrimento, diga-nos!

Por um instante, tanto Horácio quanto seus companheiros acreditaram que seria possível ouvir qualquer palavra, um débil murmúrio, por menor que fosse. Os lábios do descomunal fantasma se abriram e pareceu que algo seria dito, vaticínio espúrio ou um simples gesto premonitório. Nada aconteceu, pois, naquele exato momento, ouviu-se a distância o canto de um galo que se repetiu mais algumas vezes, ao final do que o fantasma já havia se dissipado no nevoeiro.

– Ele ia dizer alguma coisa... – garantiu Bernardo, frustrado.

– O galo o afugentou – disse Horácio. – O galo ou a manhã que se aproxima, vai-se saber. Talvez devamos comunicar ao jovem Hamlet sobre o que vimos nesta noite.

– A troco de quê? – perguntou Marcelo.

– Não sei bem, mas suspeito que o fantasma falará com seu filho ou pelo menos a ele não negará qualquer informação, por menor que seja.

– Pois falemos com ele então! – pediu Marcelo.

II

O amplo salão do castelo de Elsinore poucas vezes se vira tão absolutamente cheio como naquele dia em que Cláudio, o novo rei da Dinamarca, e sua esposa Gertrude, que fora esposa do antigo rei, se apresentaram pela primeira vez à corte. Nobres de várias partes do território dinamarquês afluíram para a celebração, a qual desde que fora anunciada se vira alvo dos mais variados comentários, boa parte deles extremamente maledicentes.

Nenhum deles escapara ao conhecimento do novo rei e, um pouco depois de se levantar do trono, Cláudio abordou o assunto.

– Ocioso lembrar que meu querido irmão é morte recente e, portanto, dolorosa em nossos corações. Ninguém nega isso e não serei eu a negá-lo. Fosse outro e me dedicaria por muito tempo, como o povo de nosso reino, a pranteá-lo, e calaria meu coração. Certamente evitaria muita incompreensão e igual quantidade de comentários maldosos. O veneno comum a almas mesquinhas não chegaria até mim e não semearia a desagregação entre nós. Infelizmente preferi me fazer surdo aos sábios conselhos que recebi, e, mesmo sem abdicar do pesar que sinto pela morte de meu irmão, considerei que não deveria silenciar meus sentimentos com relação àquela que até há poucos meses fora apenas minha cunhada e hoje transformei em minha esposa e rainha. Dividir-me entre a dor do luto e a felicidade do casamento não se faz tarefa das mais fáceis e sem se pagar um alto preço. Estou consciente disso e de que sempre há um custo por cada um de nossos atos. Nem mesmo o rei escapa de tal verdade, e de antemão gostaria de agradecer a todos que estão aqui pela compreensão e apoio. Tanto a minha consciência quanto a de vossa rainha está tranquila, até porque desafios maiores nos esperam e merecem a nossa atenção.

Cláudio sentou-se e indicou o segundo trono a seu lado para que Gertrude o acompanhasse em gesto grave e untuoso.

– Como todos estão informados, o jovem príncipe Fortinbras da Noruega há tempos vem nos importunando atrevidamente com mensagens, exigindo a devolução das terras perdidas pelo pai para o nosso falecido rei. Suponho que tal gesto, além de motivado pela intempestiva natureza comum à sua pouca idade, prenda-se a crenças

equívocas, tais como a de que a morte de nosso saudoso rei Hamlet tenha nos deixado enfraquecidos ou transtornados, o que desencadearia algum processo de desunião e toda sorte de divergências. Por algum tempo, preferimos pura e simplesmente ignorá-lo, pois, como sabemos, ele não detém nenhum poder real naquele país, e, mesmo com os graves problemas de saúde do legítimo rei da Noruega, poder algum foi repassado para o jovem príncipe. Quem fala em cada uma daquelas mensagens é a alma rancorosa e sedenta de vingança do filho do rei morto, e por certo tempo preferimos ser indulgentes e deixá-lo sem resposta. Infelizmente, temos informações seguras de que Fortinbras, à revelia de nosso irmão da Noruega, está recrutando um exército e se armando, com o qual tenciona conseguir pela violência o que nunca conseguirá pelas palavras. Não podemos continuar de braços cruzados e ignorando suas intenções, e em razão disso tomamos a decisão de escrever ao rei da Noruega, dando-lhe ciência dos projetos belicosos do sobrinho e exigindo uma atitude enérgica que ponha termo a esse absurdo.

A carta já está pronta, e estamos constituindo como mensageiros reais nossos nobres e leais súditos Cornelius e Voltimand.

Apontou para a figura rotunda e demasiada hirsuta do primeiro e para o segundo, gigante ossudo e completamente calvo, de pé à esquerda do trono em que estava sentado.

– Esperamos que desempenhem a contento missão tão vital para a paz e a prosperidade de nosso reino.

– Assim será feito, Vossa Alteza – garantiu Cornelius, inclinando-se reverenciosamente.

– Seremos os mais obstinados no cumprimento da missão que a nós confiaste, meu senhor – ajuntou Voltimand.

Os dois saíram apressadamente.

Mal a grande porta do salão de conferências se fechou atrás de ambos, o rei virou-se para os dois homens em pé a sua esquerda. Polônio era o mais velho deles, o mais antigo conselheiro real. Fosse pelas vastas cabeleira e barba brancas por completo a praticamente esconder o rosto macilento e encovado, os olhos estreitos e esverdeados sumindo em sucessivas dobras rugosas, aparentava bem mais idade do que de fato tinha, as roupas permanentemente escuras investindo de severidade a sua figura já taciturna. De pé a seu lado estava Laerte, seu filho. Corpulento e avermelhado, os olhos de um

verde mais escuro e denso se faziam inquietos de forma natural, animados por aquela centelha tão característica à juventude e que em tudo o diferia da irmã Ofélia.

Os olhos do rei o alcançaram com interesse.

– Teu pai me disse que tinhas um pedido a fazer, meu rapaz – disse Cláudio. – Do que se trata?

– Peço permissão e boa vontade para retornar à França, de onde vim apenas para participar de tua coroação... – respondeu Laerte.

– E teu pai? O que pensa a esse respeito?

Cláudio desviou o olhar para Polônio e insistiu:

– O que diz?

– Ele tem a minha permissão, meu rei. Suplico que também conceda a tua.

Cláudio sorriu para Laerte.

– Pois já a tens, meu leal Laerte – disse, a atenção desviando-se para Hamlet, que naquele instante se aproximava, passos furtivos, o olhar deambulando distraidamente pelo rumorejante ajuntamento de nobres que acompanhavam com indisfarçável ansiedade e tensão sua aproximação ao trono. – Seja bem-vindo, jovem Hamlet. Não se acanhe e junte-se a nós.

Um sorriso sarcástico insinuou-se no rosto do recém-chegado.

– Acanhamento algum, Vossa Alteza – disse. – Sinto-me em casa...

– Certamente, certamente. Sinto-me tão à vontade quanto tu deves se sentir, pois este reino é tão meu quanto teu. Nada mudou, e inclusive gostaria de chamá-lo de filho.

– Assim seja, se te agrada e aquieta o coração...

Cláudio e Gertrude se entreolharam. O desconforto mostrou-se evidente e perceptível a todos, o rumor aumentando.

– Que sejamos um pouco mais do que família e menos do que familiar... – gracejou Hamlet.

Silêncio. Um silêncio desconfortável que desembocava na correnteza profunda e traiçoeira do mais palpável constrangimento. Todos sabiam, e os poucos que ainda desconheciam mal se encontravam por uns poucos instantes em ambiente partilhado pelos três e facilmente perceberiam o quanto era incômoda para o casal real a presença e ainda mais a proximidade do jovem príncipe. Em vão, rei e rainha dissimulavam ou sem maiores pudores se mantinham afastados ou o toleravam a custo.

Cláudio obrigou-se a um sorriso e fez o possível para dele subtrair contrariedade e até uma evidente irritação.

– Por que as nuvens negras deste abatimento interminável ainda te acompanham, meu sobrinho? – desconversou, provocando-o.

O sorriso de Hamlet alargou-se um pouco mais e ele divertiu-se com a provocação, pois lhe permitiu lançar-se a outra quando disse:

– Como poderiam, meu senhor, quando me encontro diante do próprio sol de nossas existências?

Incomodada, Gertrude interferiu, pedindo:

– Por favor, meu filho, acalma teu coração e aceita como todos que a vida é assim mesmo, e que apenas nos magoa insistindo em velar por teu pai. Todos sabemos que a vida vai ser sempre assim e que tudo o que vive um dia inevitavelmente terá que morrer...

– Bem sei, minha senhora... – concordou, como a embeber cada palavra em estudada malícia e deboche.

– Então por que insistir nesse luto sem sentido?

– Aparento estar com a alma triste e enlutada? Pois assim é!

Cláudio ajuntou, incomodado com o silêncio constrangido que se apossou dos convidados.

– Comovente é vossa devoção a seu pai, bom Hamlet – disse. – Mas deves te lembrar de que a vida se faz dessa maneira há mais tempo do que podemos imaginar, ou seja, seu pai perdeu o pai dele e este, o dele, assim sucedendo de forma natural e ao longo do tempo. Portanto, parece--nos tolo e igualmente inútil prolongar-se o luto por quem quer que seja. Bem sabes que é assim que deve ser: normalmente o pai vai antes do filho, e o filho, saudoso e sofrido, guarda carinhoso luto por certo tempo e, em seguida, a vida deve continuar. Por isso, peço que abandones esse luto desnecessário e essa dor sem sentido. Você é o herdeiro imediato do nosso trono e, em razão disso, peço que me aceite carinhosamente como a um pai que zelará por ti e, consequentemente, pelo reino. Aliás, sabedor de que desejas voltar para a escola em Wittenberg, suplico-te que permaneça no reino...

– Por favor, filho – suplicou Gertrude. – Ouça nosso rei e fique conosco!

Hamlet olhou para um e para outro. Mais uma vez, os olhos melancólicos e aprisionados em grandes e cinzentas olheiras foram de um rosto ao outro, prolongando o silêncio de todos, mas, antes de

mais nada, o seu próprio.

Expectativa.

Dava para ver por trás da tristeza que o convertera em sombria figura que perambulava dias e noites, insone e transtornado, por salões e corredores do castelo, ódio e contrariedade frios que se convertiam em poderoso combustível a alimentar persistente suspeita e raiva imperecível em seu coração.

Não se conformava com a morte repentina do pai e a investia de incontornável suspeita que só fazia crescer desde que, poucos dias depois do falecimento do rei, mãe e tio anunciaram, para espanto dele e da própria corte, que iriam se casar.

Intolerável estar na presença de ambos. Insuportável sequer olhar para ambos. Raiva homicida fazendo seu coração bater de forma mais acelerada e um esforço cada vez maior, por vezes praticamente incontrolável, obrigando-o a controlar-se para não os matar.

Por muitos e muitos dias, nada ou pouco comera. Simplesmente não sentira fome ou sede. Escapara-lhe o sono por completo, e, como comentavam soldados e outros servos, transformara-se em um dos muitos fantasmas que assombravam Elsinore. Vira-se presa fácil da suspeita e do inconformismo diante do rápido sepultamento do pai e o apressado casamento da mãe e do tio. Nojo e desprezo iam aos poucos alimentando aquela repulsa crescente, a ainda vacilante certeza de que os dois eram os responsáveis pela morte de seu pai. Nem as lágrimas hipócritas da mãe, muito menos a falsa tristeza do tio, foram capazes de arrefecer a sólida desconfiança que controlava sua língua e alimentava o desejo de vingança em seu coração.

Olhou para ambos. Diante da expectativa em seus olhos, mais uma vez refugiou-se no cinismo e na dissimulação. Sorriu e uma máscara de absoluto fingimento cobriu-lhe o rosto quando disse:

– Farei o melhor para obedecer-vos, minha mãe...

III

Novos disparos estrondearam nos altos muros de Elsinore, resultado de promessa do rei de que cada brinde por ele feito naquele dia seria imediatamente saudado por uma salva de canhões. Não obstante, não

eram nem os disparos que irritavam tanto Hamlet. Bem pior, apenas a barulhenta celebração dos convidados, aqueles que uns poucos meses antes desdobravam-se em mesuras e subserviências para com o falecido rei, ao mesmo tempo que ignoravam ou até mesmo desprezavam aquele que naquele instante celebravam com assombrosa animação.

"Vermes! Escória!"

Abandonado à solidão da ampla sala do trono, vociferava, pálido fantasma a assombrar a si mesmo, quando Horácio e seus companheiros entraram.

– Então, Horácio? Por que também não estais celebrando teu novo soberano? – indagou, com amargura, os olhos indo de Horácio para Bernardo e Marcelo, que o acompanhavam. – Incomodam-se com o barulho dos canhões? O que os traz para tão longe de Wittenberg?

Os três recém-chegados se entreolharam, e sorrindo zombeteiramente Horácio respondeu:

– Uma deliciosa inclinação para matar aulas, meu bom lorde.

– Fossem outros a dizê-lo e eu não teria dúvidas em acreditar, mas não tu, Horácio. Porventura vieste aprimorar-se na arte de tomar porres? Se assim for, acredite, vieste ao lugar certo e as aulas estão sendo ministradas neste momento na muralha.

– Longe disso, meu senhor. Viemos para o funeral de vosso pai.

– E não foi para participar do casamento de minha mãe?

– De fato, meu senhor, foi logo em seguida... – Horácio experimentou certo constrangimento diante do evidente desprezo que percebia nas palavras do amigo. Marcelo e Bernardo anuíram silenciosamente, balançando a cabeça.

– As carnes assadas do funeral de meu pai foram servidas como frios no casamento de minha mãe, você acredita?

– Lamentável realmente, meu senhor – comentou Marcelo.

– Posso ver meu pai...

Horácio e os companheiros se entreolharam, espantados, Bernardo dizendo:

– Onde, meu amigo? – perguntou.

– O quê?

– Onde viste vosso pai?

– Na mente, onde mais? – Hamlet percebeu o olhar inquieto trocado pelos três e, estranhando, indagou: – O que houve? Não estou

gostando da feição dos três...

Depois de certo tempo de silêncio e maior constrangimento, Horácio admitiu:

– Vimos vosso pai ontem à noite, milorde.

– Viram? Como assim?

– Acalme-se, bom Hamlet – pediu Horácio. – Já te contaremos.

– Por Deus, não me faça esperar. Do que falam?

– Meus dois amigos aqui presentes, Bernardo e Marcelo, por duas vezes seguidas, quando estavam de guarda na muralha, viram a figura fantasmagórica de vosso pai.

– O que diz, Horácio? Como isso é possível?

– Não sabemos te dizer, milorde, mas é fato que o testemunho é verídico, até porque não brincaríamos com algo tão sério e caro a teu coração, vitimado por perda recente e bem dolorosa. No entanto, é fato que por duas vezes seguidas o fantasma de vosso pai foi visto marchando lenta e majestosamente através da neblina.

– Eles realmente o viram?

– Tão grande foi a convicção de ambos de que estavam diante do fantasma de nosso falecido rei que na terceira noite fui chamado para vê-lo e efetivamente posso te assegurar que o reconheci. Sem sombra de dúvidas, trata-se de vosso pai, nosso rei.

– Onde foi que o viram?

– Na plataforma onde mantemos guarda.

– Falaram com ele? Ele disse alguma coisa?

– Por mais que tentássemos, ele nada disse, milorde. Na última vez, eu até tive a impressão de que fez menção de dizer alguma coisa, mas justamente naquela hora o galo cantou e ele sumiu de nossas vistas.

– Muito estranho...

– Verdade, mas podemos garantir que falamos a verdade.

– Não duvido disso, meu bom Horácio.

– Ainda desconfia de nós, meu senhor? – insistiu Bernardo.

– Me pergunto como sabeis que era realmente meu pai...

– Ele estava armado por completo, mas a viseira da armadura estava levantada e pudemos ver o seu rosto...

– E então?

– Era ele – ajuntou Marcelo.

Hamlet ensimesmou-se por um instante, indo de um lado para outro do salão silencioso, entregue aos seus próprios pensamentos,

entre taciturno e inquieto. Por fim, parou e virou-se para os três cavaleiros que o observavam vivamente apreensivos.

– Vocês estarão na guarda hoje à noite? – perguntou.

– Certamente, meu senhor – respondeu Bernardo.

– Pois eu estarei com os três!

– Meu senhor, consideras prudente? – indagou Horácio, entreolhando-se com os companheiros.

– Trata-se de meu pai, Horácio – afirmou Hamlet. – Tenho certeza de que ele não me negará uma palavra que seja.

– Mas meu...

– Sem mais palavras, amigos! Eu estarei nesta noite na muralha, esperando meu pai!

IV

A angústia corroía a alma e enchia de preocupação e inconformismo o coração de Polônio. Não se conformava com a partida de Laerte justamente quando a presença do filho, dada a situação conturbada na corte de Elsinore, provocada principalmente pela instabilidade emocional de Hamlet, fazia-se tão necessária. Como conselheiro real, preocupava-se sobremaneira com os últimos acontecimentos.

Os ânimos no reino encontravam-se exaltados. As aparências deveras enganavam, e a paz reinante era por demais frágil, quando não muito ilusória. As circunstâncias extremamente nebulosas que cercavam a morte do antigo rei Hamlet, de grande suspeição, e o intempestivo casamento da rainha com o cunhado pouco tempo depois literalmente dividiram o reino entre o jovem príncipe e o novo rei, seu tio. Enquanto a nobreza se acomodara com rapidez e facilidade à nova situação, a população apoiava francamente Hamlet e, como ele, desconfiava que a morte do rei não passara de uma trama urdida pelo novo casal real. De outro lado, não apenas os problemas reais inquietavam Polônio.

Desagradava-se do interesse de Hamlet por sua filha Ofélia. Na verdade, desaprovara-o desde que os primeiros boatos chegaram aos

seus ouvidos. Temia que o príncipe estivesse fazendo como a maioria daqueles em sua condição, brincando com os sentimentos dela, usando--a enquanto esperava os inevitáveis preparativos comuns à realeza para unir-se e à casa real da Dinamarca em um arranjo matrimonial vantajoso com outra casa real. Odiaria ver Ofélia reduzida ao papel de simples concubina e mãe de indesejados bastardos que certamente acabariam envolvidos nas rotineiras tramas e conspirações palacianas, em que de hábito muito sangue era derramado e guerras sanguinolentas se estendiam por anos e se contavam em milhares de vidas perdidas. Além disso, a instabilidade mental de Hamlet se somava a tais temores para preocupá-lo ainda mais. Estivesse ao seu alcance e fosse do interesse de Laerte, deixaria o filho a seu lado e enviaria Ofélia para a corte de algum nobre francês, dentre os muitos com que o filho mantinha excelentes relações; na pior das hipóteses, enviaria ambos para a França e enfrentaria sozinho a grande confusão que se aproximava de Elsinore.

Ao encontrar os dois conversando em uma das salas de sua casa, fácil percebeu pela expressão preocupada de Laerte que ele e a irmã discutiam as relações de Ofélia com Hamlet, e Polônio bem sabia ou pelo menos intuía que o filho partilhava de sua preocupação.

– ... o príncipe não pode, ao contrário das pessoas irrelevantes, trilhar seus próprios rumos, porque a segurança e o bem-estar de todo este reino dependem da esposa que escolher – ouviu Laerte dizer, alertando-a, angustiando-se com a possibilidade de que Ofélia viesse a se decepcionar e sofrer, muito menos por qualquer desonestidade de Hamlet, mas por causa de sua posição, sólido obstáculo a qualquer amor, verdadeiro que fosse, entre ambos.

– O que ainda fazes aqui, meu filho? – perguntou, interrompendo a conversa entre ambos. – O barco já está prestes a partir! Todos estão esperando apenas por ti!

– Já estou indo, meu pai! – Laerte sorriu para ele e em seguida, virando-se para a irmã, apertou-lhe a mão entre as suas com carinho e insistiu: – Lembre-se, minha doce Ofélia: nem a virtude escapa aos ataques da calúnia. Tenha cuidado!

Os dois se abraçaram, e ao abraço fraterno entre ambos se juntou Polônio, a custo dissimulando sua própria preocupação. Afastando o filho, mas encarando-o firmemente, aconselhou:

– Precavei-vos, meu filho. Vivemos tempos sombrios. Todo cuidado

é pouco quando até amigos antigos se transformam rapidamente em inimigos recentes, e devemos ouvir tudo mas entrincheirar no silêncio para não sucumbir a calúnias e outras tramas perpetradas pelas almas traiçoeiras de quem nos cerca.

– Não se preocupe, meu pai – disse Laerte, tornando a abraçá-lo. Encaminhando-se para a porta, ainda parou e virou-se para a irmã, preocupado. – Adeus, Ofélia. E lembre-se bem daquilo que falei.

– Vá tranquilo, meu irmão – disse Ofélia, tranquilizando-o. – Prometo guardar cada palavra em minha memória até a tua volta.

Um breve silêncio instalou-se na sala depois que Laerte saiu e encerrou-se quando Polônio se virou para a filha e disse:

– Ele também está preocupado contigo, não?

– O senhor está falando de Lorde Hamlet? – indagou Ofélia, com uma ponta de infelicidade desprendendo-se de cada palavra dita com evidente cansaço.

– E pelo tom de sua voz, Laerte também, ou estou enganado?

– Não, não está.

– Me preocupa teu envolvimento com o príncipe...

– O que vos preocupa, meu pai? Minha honra?

– Até mesmo tua sanidade, minha filha.

– Ah, não me diga que o senhor também está dando ouvidos aos boatos que circulam na corte?

– Não são apenas boatos. Antes fossem, eu te digo. Hamlet não está bem da cabeça!

– Como o senhor pode dizer isso, meu pai?

– Digo porque tenho acompanhado seu comportamento há semanas, desde a morte do pai, mas principalmente depois do casamento da mãe dele. Algo não vai bem em sua alma.

– A perda do pai...

– Antes fosse apenas isso, minha filha...

– Nada tenho a vos dizer que deponha contra a sanidade de Hamlet. Muito pelo contrário, em todas as demonstrações de amor por mim, tenho encontrado apenas um homem gentil e verdadeiramente apaixonado. Seu amor...

– Amor, amor... O que sabeis do amor, minha filha?

– Acredite, meu pai, Hamlet tem sido por demais respeitoso comigo...

– Todos o são no princípio.

Ofélia, indignada, irritou-se ao dizer:

– Mas o que é isso, meu pai?

– Precaução, minha filha.

– Como assim?

– Ouça bem o que vos digo: precavei-vos contra as belas palavras de qualquer homem, mas principalmente de alguém como Lorde Hamlet. Somos de mundos diferentes, e o dele é o mundo dos privilégios e responsabilidades distantes do nosso, homens comuns. A ele são permitidos atos que nós nem sequer cogitamos imaginar, e, diante de alguém tão ingênua, as doces palavras são armadilhas eficientes que a lançarão com facilidade à vergonha e à condenação de todos, quando não à franca difamação.

– O que é isso, meu pai?

– Por favor, minha querida filha, não se ofenda. Se digo tais coisas, é pensando principalmente em tua reputação, e mesmo sanidade. O ser humano é algo extraordinário, mas, dependendo da situação e de seus interesses, pode ser tanto admiravelmente bom quanto inacreditavelmente mau. Enquanto puder, eu te pouparei de maiores sofrimentos e decepções, e, acredite, não há futuro mas apenas sofrimento neste amor que tanto alardeia Hamlet por ti. Ele é tão sombrio e atormentado quanto o próprio Hamlet.

V

O frio fustigava tanto quanto a ansiedade e o temor nos olhos de todos. A plataforma no alto das muralhas de Elsinore pairava na desolada paisagem do denso nevoeiro que se estendia, opressivo e intimidador, em qualquer direção em que olhassem.

– Que horas são? – perguntou Hamlet, o mais ansioso entre todos.

– Quase meia-noite, meu senhor – respondeu Horácio, os olhos deambulando pelas ameias silenciosas que varavam a névoa como fantasmagóricos pináculos negros, amedrontadores.

– Engana-se, meu amigo – contrapôs Marcelo. – Deve ser bem mais do que isso, pois já soou o sino.

– Pois então aproxima-se a hora em que habitualmente o fantasma

aparece...

Calaram-se, sobressaltados, quando ribombaram noite adentro os repetidos disparos de canhões seguidos de imediato pelo soar igualmente barulhento de trombetas.

– O que é isso? – tornou Horácio, alarmado.

– Ah, certamente é o rei que continua de pé e, pelo que vejo, em grande bebedeira, celebrando a si mesmo – respondeu Hamlet, com desprezo.

– E o que celebra o novo rei?

– Acredito que ele esteja celebrando o fato de eu ter concordado em permanecer na Dinamarca. Na verdade, trata-se de um costume muito antigo e dos mais estúpidos, que inclusive faz tão somente que sejamos desprezados por outras nações e reinos vizinhos. Muitos nem sequer se preocupam em disfarçar tais sentimentos e nos chamam abertamente de porcos... – Hamlet calou-se, aturdido, quando Horácio, os olhos arregalados e o rosto transido de medo, apontou para algum ponto no meio do nevoeiro. – O que foi?

– Ele está vindo, milorde! – gritou Horácio.

Todos se voltaram quase de imediato no instante em que um enorme vulto fendeu a densa barreira cinzenta do nevoeiro, avançando pesadamente na direção da plataforma no alto da muralha.

– Quem sois, ó, sombra grandiosa? – gritou Hamlet, adiantando-se aos companheiros e equilibrando-se com temor no alto de uma das ameias escorregadias. – Sois Hamlet, rei, pai, monarca dinamarquês? Qual o significado de violar sua própria finitude, deixar de ser cadáver para armar-se, paramentar-se com o aço formidável de vossa armadura e vir ao nosso encontro? Qual o propósito de tão inesperado retorno? O que desejais?

Os apelos frenéticos morreram no silêncio angustiante da noite gélida e sobrenatural. Por certo tempo, o enorme vulto do insondável guerreiro permaneceu na distância, absolutamente imóvel, como a desafiar com a sua imobilidade a ansiedade verborrágica de Hamlet e aguçar o temor no coração de cada um de seus companheiros.

– O que esperais de nós?

Repentinamente, uma das colossais mãos do fantasma varou o nevoeiro e pôs-se a acenar.

– Penso que ele deseja falar a sós contigo, milorde – opinou Horácio.

O indicador do fantasma apontou para um lugar na escuridão.

– Horácio está com a razão, Lorde Hamlet – disse Marcelo. – Acaso não percebestes que ele indica um local onde podem ficar a sós?

– Não vá, meu senhor! – gritou Horácio, alarmado.

– O que posso fazer, bom amigo? – indagou Hamlet. – Ele nada diz. Devo segui-lo.

– Não, milorde, eu suplico que não vá.

– O que temeis?

– E se em seu silêncio esconder-se o mal, temível perfídia?

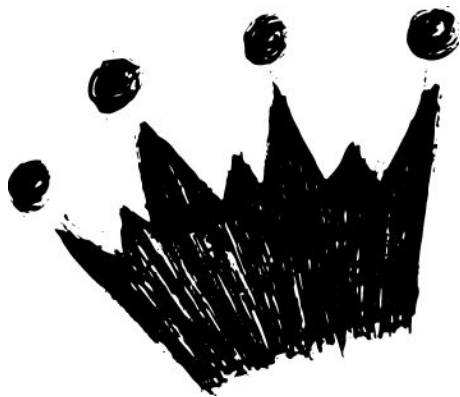
– Do que falais?

– E se ele trama contra vossa existência?

– Tolice!

– Nem tanto, milorde. Ele pode desejar lançar-vos de um penhasco ou afogar-vos no mar. E se a sua simples visão despojar-vos completamente da sanidade e prostrar-vos na mais irremediável loucura? O risco é considerável...

– Pois eu pretendo arriscar-me! – Mais uma vez Hamlet virou-se para o vulto colossal que lhe acenava de novo, insistindo para que ele o seguisse. Marcelo agarrou-se a seu braço, mas Hamlet o afastou com um safanão, rugindo: – Soltem-me! Eu já me decidi, e qualquer um que ousar se colocar entre mim e meu destino será transformado em fantasma por minhas próprias mãos!

Seus companheiros se afastaram, respeitosos e intimidados por sua beligerante determinação.

– Vá na frente! – gritou Hamlet para o fantasma. – Vá que eu te seguirei!

O vulto diluiu-se vagarosamente no nevoeiro, e um pouco mais tarde Hamlet encontrou igual destino.

Virando-se para os companheiros, Marcelo, inquieto e preocupado, insistiu:

– Não devemos obedecê-lo agora. Vamos segui-lo.

– Irei contigo – ajuntou Horácio, igualmente tenso, os olhos vasculhando a escuridão. – Mas no que isso vai dar?

Capítulo DOIS

Ouça, ouça, oh, ouça! – Se você algum dia amou seu pai

Por um momento, fragmento de uma verdadeira eternidade constituída na pressa e em uma sucessão de lembranças mais felizes, Hamlet nem sequer conseguiu respirar. Experimentou vertigem estonteante tal a velocidade daquela miríade de imagens, sufocado pela saudade mas também, e de forma contraditória, pela impossibilidade de voltar sobre os próprios passos e correr ao encontro do guerreiro valoroso, rei poderoso mas igualmente generoso, aquele que lhe deu nome, e que por instantes, enquanto caminhava a seu lado, o fez prisioneiro da própria emoção e, em mais de uma ocasião, quase o derrubou.

Confusão.

Angústia.

Sofrimento.

Profunda melancolia.

Vontade desesperadora de chorar.

Não sabia o que fazer ou como compreender o que acontecia.

O que era aquilo ou aquele que a seu lado, lacônico e lúgubre, caminhava?

“Meu pai...”

Teve vontade de dizer, mas, bem antes, de entender o que se passava.

Seria realmente seu pai ou tão somente uma brincadeira perversa

de algum duende do inferno?

Uma peça pregada por seus sentidos corrompidos por aquelas semanas de ódio e inconformismo?

Claro que não!

Horácio e os outros cavaleiros eram testemunhas amedrontadas porém convictas daquela fantasmagórica aparição. Os três, como outros tantos cavaleiros e soldados que haviam ficado de guarda na plataforma, a viram ou padeciam do mesmo mal, aquela ilusão que marchava silenciosamente alguns passos a sua frente.

"Meu pai..."

Gostaria de dizer e estreitá-lo num forte abraço, desfazer-se de todos os sentimentos ruins que alimentava desde que ele fora enterrado às pressas e, se possível fosse, apagar tudo o que aconteceu depois de sua morte e até mesmo a sua morte.

Impossível. Absurdo. O tempo não permitiria. O tempo era inimigo invencível, tão implacável e definitivo quanto a morte.

A resignação veio quando o fantasma foi diminuindo o passo e, por fim, parou a alguns metros de Hamlet.

– Quem sois? – perguntou Hamlet, impaciente. – Diga ou não darei nem mais um passo.

– Pois então apenas ouça...

– O que tens a dizer, pobre alma?

– Minha hora se aproxima e muito em breve o inferno será o meu destino.

– Meu pobre pai... – balbuciou Hamlet, penalizado.

– Não se apiede de mim, meu filho, mas apenas ouça o que tenho a te dizer...

– Fale, meu pai, que eu vos ouvirei.

– E espero que possa me vingar depois de tudo o que eu te contar.

– Como assim, meu pai?

– Todo crime é uma infâmia e não há infâmia maior do que um assassinato. Eu mesmo estou condenado a vagar pelo mundo e a queimar por certo tempo no fogo do inferno até expiar todos os crimes que cometi em minha vida. Foram crimes terríveis, e ao castigo eu me resigno sem maiores problemas. Todavia, nada se faz mais infame do que um assassinato, e nenhum assassinato é mais abominável e desnaturado do que aquele de que fui vítima.

– Do que me falais, meu pai?

– Do assassinato do qual fui vítima.

– Por favor, meu pai, conte-me tudo para que eu possa vingar a vossa morte o mais depressa possível. Quem vos matou?

– Tu bem o sabes, e se não sabes inteiramente, suspeita como o bom povo da Dinamarca, que não fala de outra coisa desde a minha morte, morte forjada...

– Por Deus, meu pai, quem forjou vossa morte?

– Trazes a suspeita em teu coração, meu filho. A serpente que me picou hoje carrega a minha coroa na cabeça!

– Meu tio... – disse Hamlet, rilhando os dentes com raiva.

Não se espantou. Há muito tempo que, como boa parte do reino, desconfiava que o tio e a mãe conspiraram para matar seu pai. Apesar de tudo, foi chocante receber tal informação da boca do próprio pai ou daquela aparição que em tudo emulava a imagem e o espírito do homem que fora seu pai.

– Sim, meu filho, não faço ideia de há quanto tempo meu irmão e minha até então devotada rainha estavam envolvidos em relação tão promíscua e incestuosa. Até hoje nem sei bem o que me matou mais rapidamente, se o adultério ou o veneno com que ambos consumaram a conspiração que finalmente me matou...

O fantasma calou-se por um instante, a dor e a infelicidade cingindo-lhe a cabeça, a melancolia como que lhe depositando aos olhos o brilho opaco de lágrimas em princípio surpreendentes nos olhos de um fantasma. Constrangido, Hamlet nada disse, permitindo-lhe a iniciativa de reiniciar a conversa.

– O ar mais tépido da manhã se avizinha – observou o fantasma, a voz langorosa e ainda triste. – Devo me apressar...

– Fale, meu pai...

– Não há muito a se falar realmente. Eu dormia no meu pomar quando seu tio, de posse de um frasco, derramou essência de *hebona* em um de meus ouvidos. A morte sobreveio rápida mas inacreditavelmente dolorosa, com o veneno queimando, rasgando e dissolvendo-me por inteiro, até no mais recôndito de meu corpo. Que horrível! Inacreditável dor! Infame partida que me privou a um só tempo de meu reino, de minha coroa e, por fim, até da menor possibilidade de expiar meus pecados, o que me lançou a este périplo infeliz entre o que fui e o que estou impedido de ser.

– O que posso fazer, meu pai? A vingança se insinua em minha

alma revoltada há tempos...

– Se teu sangue queima em tuas veias e tua alma vaga, insone e intranquila, pela vastidão de teu inconformismo, vinga-me, meu filho.

– É o que farei, prometo!

– Mas aplaca tua raiva para com tua mãe.

– Como assim, meu pai?

– Deixe a infeliz em paz...

– Mas pai...

– Que a dor e o remorso que já neste momento a consomem façam o que tu, filho, não deves fazer, eu te peço.

A noite se desfazia na débil luminosidade de uma manhã que se esgueirava através do nevoeiro, trilhas brilhantes varando a palidez diáfana, mais e mais translúcida do fantasma que sumia diante dos olhos de Hamlet.

– Lembre-se de mim, meu filho – o apelo se repetiu por certo tempo, e mesmo depois que Hamlet não mais enxergava o fantasma do pai, a voz angustiada distanciando-se: – Adeus, adeus, adeus...

O silêncio voltou ainda mais esmagador sobre Hamlet. Sufocava-lhe a ânsia por vingança tanto quanto a dificuldade em acalmar o coração inquieto que o acossava, empurrando-o a uma precipitação desnecessária. Precisava acalmar-se, lançar-se às aparências para não afugentar ou deixar de sobreaviso aqueles que pretendia matar.

Como?

Inferno atormentador que quase o enlouquecia sempre que pensava na alma torturada do pai assassinado.

Tão absolutamente entregou-se a seus próprios pensamentos que não notou a aproximação de Horácio. Muito lentamente, tanto a sua voz quanto a de Marcelo e Bernardo foram se juntando e o alcançando, até que os três emergiram detrás de um grupo de árvores.

– Como estais, milorde? – interessou-se Horácio, o primeiro a alcançá-lo.

– Magnífico! – respondeu Hamlet, investindo-se de um momento para o outro de surpreendente ânimo, a ponto de os recém-chegados se entreolharem, desconfiados. – Nas últimas semanas, é a primeira vez que me sinto tão extraordinariamente em paz comigo mesmo.

– Como pode ser isto, meu senhor? – indagou Marcelo.

– Não sei se devo contar a vós...

– Rogo-te que o faça, Lorde Hamlet – pediu Bernardo, com Horácio

e Marcelo anuindo de maneira aprovadora com a cabeça em mudo assentimento.

– Os três guardariam segredo?

– Decerto que sim – respondeu Horácio, ansioso.

– Milorde nos ofende com tal pergunta – reclamou Marcelo. – Acaso tens alguma dúvida?

– Não me queiram mal, meus grandes amigos, mas a noite foi extremamente atribulada e há muito a se fazer. Até mesmo os três decerto devem ter outros tantos afazeres com que se ocupar...

Horácio entreolhou-se com os companheiros e, voltando a encarar Hamlet, observou:

– Aparentais estar à mercê de grande turbilhão de ideias e pensamentos...

– Realmente? Ainda não havia me apercebido disso.

– Porventura, tem algo a ver com o grande segredo que...?

– Em certa medida. Há um grande vilão entre nós que deveras podemos assumir como o mais notório patife da Dinamarca. Por certo sabeis a quem me refiro, pois não?

– Nem duvide, milorde. No entanto, um fantasma não se ocuparia de abandonar sua tumba apenas para vos dizer isso.

– Quando for oportuno vos contarei mais sobre esta noite ou meus próximos atos falarão por mim, o que vier primeiro. No momento, eu só queria vos pedir um grande favor...

– Qualquer coisa, meu senhor – adiantou-se Marcelo.

– Nunca em tempo algum tornem público o que viram hoje à noite.

– Nunca, milorde – prometeram os três homens quase em uníssono.

Surpreenderam-se, recuando no momento em que Hamlet sacou a espada e a ergueu, insistindo:

– Jurem por minha espada!

– Isso é verdadeiramente muito estranho, milorde... – disse Marcelo.

– Vamos, vamos, deitem as mãos em minha espada e jurem que jamais falarão sobre o que ouvimos.

Reiniciaram uma lenta e silenciosa marcha de volta a Elsinore. Tensão evidente. Grande preocupação nos olhares de tempos em tempos trocados entre Horácio e seus companheiros, principalmente quando tartamudeava de modo peculiar, falando não com eles mas com algo ou alguém que apenas ele conseguia ver. Inquietante laivo

de loucura, pensavam...

"... não importa quão estranho ou excêntrico seja o meu comportamento, pois eu talvez adote, de agora em diante, atitudes grotescas..."

Capítulo Três

... com tamanha decadência, ele agora delira na loucura

I

Os boatos se espalhavam rapidamente pela corte. Elsinore e aos poucos o próprio reino inquietando-se diante da perturbadora transformação do jovem príncipe Hamlet. Pouco a pouco, o que até então se dizia e se repetia reservadamente alastrou-se com a rapidez devastadora do fogo em um abrasador dia de verão. O fantasma insone dos primeiros dias em que perambulava pelos corredores e salões do castelo, melancolicamente taciturno, entregue a seus próprios pensamentos e a um silêncio pesaroso, foi aos poucos se transformando em um alucinado que vagava pelos cantos, na companhia de outras tantas aparições que apenas a seus olhos se faziam visíveis e companheiras de interminável conversação sem nexo algum. Gritos horripilantes eram ouvidos nas noites frias e nevoentas, seu vulto aparecendo e desaparecendo no alto das muralhas, a figura desgrenhada e de olhos esbugalhados, atormentada por pavor intenso e insondável, ou, o mais certo, pelo desvario característico de inapelável desatino, assombrando sentinelas e quem quer que ousasse perambular pelo castelo cada vez mais assustador.

Ninguém estava livre de cruzar com tão desagradável espetáculo de degradação humana, e nos últimos tempos até os próprios servos e soldados, quando possível, esquivavam-se a sua proximidade, tal o temor de ser vitimado por seus cada vez mais comuns acessos de loucura, as temerárias explosões de violência que o levavam a destruir tudo o que encontrasse pela frente, ou agredir de maneira repentina e sem qualquer razão, por menor e menos significativa que fosse, quem quer que fosse.

Elsinore se transformara em uma das antessalas do inferno, e o medo se fazia presença constante entre todos. As festas e grandes celebrações tão ao gosto do novo rei foram pouco a pouco escasseando, não por falta de convite, mas simplesmente porque os pretextos se multiplicavam, com a nobreza dos quatro cantos da Dinamarca esforçando-se para manter-se a prudente distância dele e da cada vez mais infeliz rainha. Amiúde, as poucas festas a que acorria parte da antiga nobreza eram interrompidas com brusquidão e violência por um Hamlet absolutamente transtornado e, por consequência, incontrolável, que se comprazia em derrubar mesas e tudo o que sobre elas se encontrasse, ou em atirar cadeiras e outros tantos objetos sobre os convidados, afugentando os mais renitentes à ponta de florete.

Hamlet estava louco, era quase uma certeza, mas àquela constatação respondia-se com um silêncio cúmplice e atemorizado, a um afastamento cheio de culpa principalmente em se tratando do rei e da rainha, o que servia apenas para aumentar outros tantos boatos e comentários acerca do envolvimento de ambos na morte do antigo rei. Remorso. Consciência culpada. Eram as palavras mais frequentemente usadas, acusação surda, porém persistente. Perante tão funesta constatação, poucos eram os que tinham ânimo ou coragem para aparecer diante do casal real e apelar por alguma reação de ambos a fim de que fosse dado um basta aos arroubos de insanidade do príncipe. O mais insistente era sempre Polônio, o conselheiro real, e motivos não lhe faltavam, sendo o mais conhecido a proximidade de Hamlet e sua filha.

Algo de profundamente perturbador operara uma crescente transformação no coração e na alma frágil e delicada de Ofélia. O amor de pouco tempo atrás consumira-se rapidamente e apresentava-se como um inescapável receio que a fazia se apresentar com

frequência e cada vez mais tensa, deveras assustada, na frente do pai. Naquela manhã não seria diferente. Bastou vê-la entrar na sala de maneira precipitada e muito pálida e ele correu a seu encontro.

– O que houve, minha filha? – perguntou, sobressaltado. – Qual o problema?

Ofélia tinha os olhos avermelhados, inchados de tanto chorar, e tremia de forma incontrolável.

– Ah, meu pai... – gemeu ela. – Estou tão apavorada!

– Por quê? Qual a razão?

– Hamlet...

Polônio irritou-se.

– O que fez ele desta vez? – resmungou. – Machucou-te?

– Por pouco. Quer dizer, não sei bem...

– Como assim?

– Não sei bem...

– Como não? Explique-se, minha filha!

Ofélia desvencilhou-se de suas mãos e pôs-se a ir e vir pela sala, ainda trêmula, nervosa, tartamudeando frases desconexas aqui e ali, interrompendo-se por meio de palavras que pareciam não fazer o menor sentido.

Depois de certo tempo, Polônio a alcançou mais uma vez e a conduziu até uma poltrona, onde a fez sentar-se.

– Calma – pediu. – Vá com calma e me conte o que aconteceu...

Ofélia o encarou, ofegante, e por certo tempo nada disse.

– Eu estava costurando em meu quarto... – principiou, por fim. – Aí, meu Deus, quando olhei para a porta o príncipe entrara em um estado deplorável.

– Como assim?

– O casaco que usava estava inteiramente aberto e rasgado em várias partes. As meias sujas e sem jarreteiras, caídas nos tornozelos, davam a impressão de que chafurdara em um chiqueiro por muito, mas muito tempo mesmo. Ele tremia dos pés à cabeça e seus joelhos batiam um no outro, ensanguentados. E, Deus do céu, como fedia!...

– O que me contas, minha filha?

– E os olhos? Estavam arregalados, tomados por tal pânico, que quem o visse certamente o tomaria como um fugitivo recente do próprio inferno, ainda com todas as hordas malditas de demônios em seus calcanhares...

– Ardendo de paixão por ti?

– Antes fosse, meu pai. Aquilo que vi era apavorante demais para que eu acredite que houvesse qualquer tipo de amor dentro de seu coração, mas principalmente em seus olhos assustadores...

– Ele a atacou? Foi violento? – perguntou Polônio, ao perceber que o vestido da filha apresentava rasgões e nódoas e, principalmente, sujeiras nos braços.

– Ele me agarrou, admito, mas não me agrediu em momento algum. Ficou apenas apertando meus braços e me obrigando a encará-lo sem nada dizer. Ficamos assim por muito tempo até que eu tentei me soltar. Nessa hora ele soltou um grande suspiro e tive muito medo. Não por mim, mas por ele mesmo, pois me pareceu que Hamlet estava prestes a morrer.

– Por que disso agora, minha filha?

– Não sei bem, meu pai. Eu fiz o que o senhor me pediu: afastei-me dele e nos últimos dias passei a recusar suas cartas e os apelos enviados por servos e soldados.

– Ah, certamente foi isso!

– Senhor?

– Ele enlouqueceu de paixão! – Polônio alarmou-se, balbuciando: – Meu Deus, o que fiz? Ele deve estar inconformado.

– Acredita mesmo nisso, meu pai?

– E você teria explicação melhor para gesto tão tresloucado?

– Eu não sei. Ultimamente, Hamlet não é mais o mesmo príncipe gentil e educado pelo qual cheguei a estar apaixonada...

– Eu arrisquei tua vida com meu julgamento...

– De que maneira, pai?

– Julguei que fosse algo sem importância o interesse dele por ti, e vejo agora que a conjuntura é muito mais séria e, portanto, perigosa. Precisamos falar com o rei!

– Não, não!

– Como não? A situação pode ficar fora de controle se ele continuar te agredindo dessa maneira.

– Ele não me agrediu...

– Venha, Ofélia. Por Deus, nós não temos tempo a perder!...

II

Rosencrantz era o mais velho dentre os dois homens que se aproximavam a passos largos e despreocupados do casal real. Corpulento e muito alto, a vasta cabeleira vermelha emoldurava um rosto anguloso e ossudo, o nariz adunco exacerbando a fisionomia aquilina que a feia cicatriz que descia do lado esquerdo da boca larga e sem lábios até o queixo apenas agravava. Com dois ou três anos a menos do que o companheiro, Guildenstern elevava-se a pelo menos dez centímetros a mais do que Rosencrantz, em um corpo esguio que claudicava da arqueada perna direita. A ausência de cabelos em uma cabeça abaulada era compensada com folga pela barba nigérrima que lhe cobria a mandíbula por inteiro.

Ao vê-los inclinarem-se de forma reverenciosa, o rei sorriu e disse:

– Sejam bem-vindos! Há tempos que gostaria de voltar a vê-los e, em certa medida, lamento que isso aconteça por força de uma necessidade, mas tal é a gravidade do momento que eu só posso me desculpar e entrar diretamente no assunto, pois de fato não temos tempo a perder.

– Não te martirizes com tamanhas irrelevâncias, meu caro milorde – disse Guildenstern.

– O que tanto aflige Vossa Alteza? – perguntou Rosencrantz.

– Bem sabeis sobre a repentina transformação de nosso amado Hamlet, pois não?

– Ouvimos alguns comentários... – admitiu Guildenstern, vagamente. – Todavia, como não somos dados a dar ouvidos a boatos...

– Lamento dizer que não são apenas boatos...

Os dois recém-chegados se entreolharam, preocupados.

– O príncipe deveras enlouqueceu? – espantado, Rosencrantz agarrou-se ao cabo da espada e pôs-se a apertá-lo nervosamente.

– Não sabemos bem, mas decididamente o jovem príncipe que temos hoje em dia entre nós em nada se assemelha àquele com o qual os dois cresceram e viveram momentos de maior alegria e felicidade...

– Como pode ser?

– Não sabemos bem. Muito se diz e se atribui à morte de seu pai, mas eu pessoalmente acredito que não é apenas isso...

– Pobre Hamlet!

– Realmente. Mas eu e a mãe dele estamos decididos a não desistir dele tão facilmente e, por causa disso, resolvemos pedir aos dois que se hospedem aqui na Corte, para que, quem sabe, a sua presença e proximidade aos poucos lhe restituam a juventude e sanidade perdidas, bem como nos ajudem a descobrir se existe alguma outra motivação além da morte do pai.

A rainha achegou-se dos dois cavaleiros e aduziu:

– Meus bons amigos, eu vos suplico que venham em nosso auxílio. Hamlet ainda fala de ambos com carinho e acreditamos que a sua presença será de grande ajuda para devolver a paz e tranquilidade à Corte.

– Somos todos seus mui fiéis súditos, minha adorada rainha – assegurou Guildenstern. – Peça e nós obedeceremos com prontidão.

– Realmente não há tempo a perder – admitiu a rainha, ansiosa, por trás de um grande sorriso de satisfação e indisfarçável alívio. – Mandarei que vos levem até ele.

– Hamlet já sabe que estamos aqui? – perguntou Rosencrantz.

– Ele já vos espera.

Os dois saíram no mesmo instante em que Polônio entrou na companhia de dois outros cavaleiros.

– Os nossos embaixadores na Noruega acabam de retornar e trazem excelentes notícias – informou o conselheiro.

O rei sorriu.

– Ah, Polônio, ao que parece o dia hoje está cheio apenas de boas notícias – saudou-o. – Aliás, sempre foste o portador das melhores notícias que recebo.

– E muito em breve vos darei uma outra que espera há tempos...

O casal real entreolhou-se, a rainha lançando um olhar dos mais nervosos para Polônio e perguntando:

– É alguma sobre Hamlet?

– Certamente, alteza. No momento, creio que seja o que mais vos aflige, não?

– Nem tenhas dúvidas...

– Pois creio ter descoberto a causa exata da demência de vosso filho.

– Não me diga isso, Polônio – exaltou-se a rainha. – Do que se trata?

– Meu Deus, conte-nos logo.

Polônio virou-se e olhou para os dois homens que o acompanhavam, antes de mais uma vez encarar o rei e dizer:

– Tudo a seu tempo, meus senhores. Receba os embaixadores e mais tarde poderemos nos regozijar com a boa notícia que trago comigo.

Polônio sinalizou para que os dois cavaleiros se aproximassem, e logo em seguida afastou-se para que ambos se achegassem ao casal real.

– Diga-me, Voltimand, que notícias trazeis da Noruega? – indagou o rei.

– As melhores possíveis, Vossa Alteza – respondeu Voltimand, com entusiasmo, a figura rotunda e balouçante avançando a passos largos, gesticulando para que o segundo embaixador o acompanhasse. – Logo que eu o pus a par das intenções do jovem Fortinbras, ou seja, de que ele estava recrutando tropas não para uma guerra contra a Polônia, como alardeava, mas para marchar contra nosso reino e reaver o território perdido pelo pai, sua majestade, o rei da Noruega, o proibiu de seguir em frente com sua empreitada.

– Que maravilha!

– Como milorde bem sabe, o pobre homem está muito adoentado e afastado de suas atribuições reais, o que se faz terreno mais do que fértil para toda sorte de maquinações entre os nobres da corte norueguesa, tal e qual o que pretendia seu sobrinho. Bom, de qualquer forma, tudo se ajeitou da melhor maneira possível, com Sua Majestade aplacando o ardor guerrilheiro do jovem Fortinbras com a concessão de uma renda anual de três mil coroas, além de instruí-lo a usar os soldados já recrutados em uma efetiva guerra contra o reino polonês. Por causa disso, inclusive, trago comigo uma solicitação para que concedamos permissão e garantia de passagem pacífica e segura do exército norueguês por nosso país.

– Fico imensamente feliz e agradecido por vossos esforços terem sido coroados de êxito, nobre Voltimand e nobre Cornélio – o segundo embaixador, um indivíduo macilento e de pequena estatura, o rosto afilado parcialmente oculto por um par de suíças e uma barba curta porém cerrada, branca quase que em sua totalidade, limitou-se a inclinar-se em nova e silenciosa reverência, enquanto Voltimand entregava um envelope lacrado ao rei. – Acredito que esse documento

não passe de mera formalidade, mas de todo modo irei lê-lo quando oportuno e com mais vagar. Descansem. À noite, festejaremos missão tão bem-sucedida.

Mal os dois embaixadores abandonaram a sala do trono, Polônio achegou-se ao rei e principiou:

– Fico deveras feliz demais que esse assunto esteja bem resolvido, Alteza, e gostaria de encerrar o dia com toda a alegria que sei perfeitamente que acalenta vossa alma, mas lamento muitíssimo ter que ser o infortunado portador de más notícias...

– Do que se trata, Polônio? Tu disseste que tinha notícias acerca de meu filho...

– De forma lastimável, não chega a ser mera notícia, mas triste e inescapável verdade.

– De que verdade estamos falando? – interveio a rainha, apreensiva.

– Não ficarei de rodeios desnecessários, madame, pois o tema merece a nossa mais profunda atenção e preocupação...

– Pois falai de uma vez, Polônio. Estás me deixando nervosa.

– Vosso nobre filho está louco! Sei que posto nesses termos não vos digo nenhuma novidade, pois há tempos suspeitamos do fato, e desde então apenas carreamos motivos para tristeza e nada além...

– Deixe de floreios, Polônio, e vá logo ao assunto – cortou o rei, inquieto. – Se já aventávamos a possibilidade de que Hamlet estivesse inevitavelmente louco, que outra novidade trazes?

– Novidade alguma, milorde. Ele está louco e isso é um fato. Falta agora nos atermos a descobrir a causa de sua loucura. É tudo o que nos resta perante o inevitável de tão sombria constatação, concorda?

– Certamente. E porventura tens conhecimento da causa da loucura do príncipe?

– Acredito que sim – Polônio achegou-se uns passos a mais e pediu: – Por favor, reflitam...

O casal real entreolhou-se, intrigado, o rei por fim indagando:

– Sobre o que exatamente?

– Eu tenho uma filha, a qual por dever e obediência ainda hoje me entregou isso – Polônio entregou a folha dobrada de uma carta a seu interlocutor.

– E o que vem a ser isto? – Cláudio a apanhou e, enquanto desdobrava a folha de papel, indagou mais uma vez: – O que é isso?

Gertrude, a rainha, igualmente curiosa e interessada, ajuntou:

– O que tem a ver com meu filho?

Polônio apanhou a carta que o rei lhe devolveu e pôs-se a lê-la:

“Para a deusa celestial da minha alma, a mais belíssima Ofélia...”

– Ah, uma carta de amor!... – disse a rainha, sobressaltada.

“Na primorosa alvura de teu seio, esse...”

– Hamlet escreveu isso? – perguntou o rei.

– Escreveu e enviou, Majestade – respondeu Polônio.

“Oh, querida Ofélia, não tenho talento para versos, nem mesmo arte para os meus lamentos. Mas te amo muito, oh, muitíssimo, acredite nisso...”

– Meu Deus!... – a rainha empalideceu.

“Para sempre teu, queridíssima dama, ao menos enquanto este corpo a mim pertencer, Hamlet.”

– Basta, Polônio! – ordenou o rei, irritado.

– Filha obediente que é, Ofélia me mostrou esta carta e me contou tudo sobre outros convites inconvenientes feitos anteriormente pelo príncipe...

– E acaso ela tem correspondido a eles?

– Por que espécie de gente nos toma, Majestade?

– Por favor, meu fiel conselheiro, não se aborreça. Sei bem que sois um homem de grande retidão e caráter, de honra inatacável. Todavia, a jovem...

– Desde que soube dessas investidas do jovem príncipe, tratei de deixar claro para minha filha que, por um lado, como me aborrecia e era contrário a tal envolvimento, e, por outro, que não seria aconselhável que alimentasse tais sonhos e devaneios, já que Hamlet, justamente por ser um príncipe, seria inalcançável para alguém de sua condição, de imediato dei-lhe ordens para fechar todos os caminhos que dessem a impressão ou que ao menos insinuassem interesse dela pelos avanços dele. Insisti em termos vigorosos que não recebesse mensageiros e tampouco os presentes que porventura lhe fossem enviados em nome dele ou por ele mesmo. Fico feliz de vos assegurar que fui obedecido de forma muito escrupulosa por minha filha, mas isso produziu um efeito colateral que não imaginava ser possível.

– E qual foi?

– Vendo-se frustrado em suas investidas e repudiado no amor que dizia ter por minha Ofélia, nosso príncipe caiu em profunda tristeza,

mal come ou dorme, e, como podemos ver, nos últimos tempos tem-se entregue a um crescente desvario, a decadência se fazendo tão assustadoramente absoluta e incontrolável que a loucura o tomou de roldão.

– Acredita mesmo que este seja o motivo de sua loucura? – perguntou o rei, virando-se para Gertrude.

– Pode ser... – respondeu ela, os dois mais uma vez olhando para Polônio. – Eu não sei como saber realmente se essa é a verdade.

– Como poderemos confirmar?

Alcançado não apenas pelo olhar inquiridor do rei, mas também pelo ceticismo de suas palavras, Polônio afirmou:

– É de notório conhecimento de todos no palácio que Hamlet tem por hábito perambular por horas a fio pelos corredores...

– Realmente – concordou a rainha.

– Pois eu vos proponho falar com minha filha e lhe solicitar que o procure em um desses seus passeios.

– A troco de quê?

– Nesse ínterim podemos nos esconder e observar. Eu vos asseguro que, se ele não a ama e não constatarmos ser essa a verdadeira razão da loucura dele, renunciarei de imediato ao meu cargo de conselheiro de Estado e abandonarei o palácio no mesmo dia.

– Impressiona-me vossa convicção, meu caro Polônio – admitiu a rainha.

– Pois então faremos o que nos sugere – assegurou o rei, saindo na companhia de Gertrude.

III

Guildenstern. Rosencrantz. Mal os viu e Hamlet sorriu de modo zombeteiro. Imaginou com facilidade o que faziam na Corte, e principalmente o que passara pela cabeça da mãe e do tio, os novos rei e rainha da Dinamarca, ao trazê-los de volta. Não era nenhum idiota e sabia, ou na pior das hipóteses intuía sem muita dificuldade, que os dois eram responsáveis pela repentina aparição de seus antigos companheiros de infância e adolescência.

– Meu honrado lorde! – gritou Guildenstern.

– Meu mais querido amigo – Rosencrantz fez-se mais efusivo, e Hamlet observou que ele não mudara em nada, pois sempre fora o mais dissimulado e interesseiro dos dois.

Abraçou-os com ainda mais entusiasmo.

– Meus grandessíssimos amigos! – forçou-se a um entusiasmo de largos sorrisos e repetidos tapas nas costas. – Como estão? O que vos traz à Corte?

– Acreditaria se lhe disséssemos que estávamos com saudades? – contrapôs Rosencrantz.

– Nem um pouco – os sorrisos se multiplicaram de parte a parte, e Hamlet insistiu: – Foram abandonados pela Fortuna? Ah, certamente foi isso, não? Apenas tal infortúnio explicaria serem mandados para esta prisão infernal...

– Prisão, milorde?

– Então não estão sabendo?

– Do quê?

– A Dinamarca inteira atualmente é uma grande prisão.

Guildenstern e Rosencrantz trocaram um olhar de cumplicidade, e Hamlet imaginou que já eram sabedores dos boatos da preocupante loucura que cercavam sua triste figura e, como tal, já haviam sido instruídos a relevar seus comentários, por mais que fossem descabidos.

– Do que falas, meu bom amigo? – brincou Guildenstern.

– Não lhe disseram? – insistiu Hamlet. – Temos muitas celas, guardas e masmorras, todas nas piores condições. Acreditem, hoje em dia a Dinamarca é uma das piores prisões...

– Nada vimos acerca disso – disse Rosencrantz.

– Então para os dois não é. Que assim seja. Na verdade, nada é bom ou ruim, mas simplesmente é como nós o vemos. Para mim, acreditem, é uma prisão.

– Talvez seja o momento enfrentado pelo amigo que vos faça enxergar as coisas desse modo... – opinou Guildenstern.

– Provável. É bem provável. Não fossem meus sonhos ruins e muito possivelmente eu teria outros olhos para tudo o que vejo e vivencio – Hamlet piscou para ambos, antes de dizer: – Ah, mas que anfitrião relapso eu sou? Voltemos para a Corte antes que eu perca o pouco de lucidez que ainda tenho.

Rosencrantz e Guildenstern sorriram um para o outro e, ao encará-lo novamente, pediram:

– Nós estaremos bem atrás de ti, milorde – disseram.

Hamlet alcançou-os com um olhar malicioso e redarguiu:

– De modo algum. Não vou tratá-los como a qualquer um de meus servos...

– Nunca pensaríamos algo assim de ti, milorde – assegurou Rosencrantz.

– Ah, grandes amigos!...Vamos, vamos, digam-me sinceramente o que estão fazendo aqui.

– É como vos dissemos...

– Penso não ter ouvido direito...

– Viemos visitá-lo, milorde.

– Ah, vamos, meus amigos. Algumas coisas não mudam nunca, e a maneira constrangida como fogem de meus olhares denuncia o desejo de confissão de seus olhos.

– Confissão, milorde? Do que falas?

– A astúcia não vos cabe e mais se assemelha a roupas largas que rapidamente percebemos que não vos pertence. Sei bem que o rei e a rainha enviaram os dois...

– Despropósito! – protestou Guildenstern.

– Com que fim, milorde? – dissimulou Rosencrantz.

– Vamos, vamos – Hamlet tornou a abraçá-los. – Se prezam a minha amizade e ainda têm na memória a força de nossa camaradagem, não me escondam que...

Guildenstern sorriu, aparentando certo acabrunhamento, e depois de nova troca de olhares com o companheiro admitiu:

– Pois bem, fomos enviados...

Hamlet não lhe permitiu que continuasse a falar, tapando-lhe a boca com a mão e, por trás de um sorriso amistoso, disse:

– Acalmem-se, por favor, e nem percam mais tempo me dizendo qualquer coisa. Sei bem da preocupação que intranquiliza o sono do rei e da rainha e vou poupá-los de mais constrangimento ou de se envolverem em dificuldades com ambos. Como acredito que eles vos disseram, nos últimos tempos, por razões que desconheço, perdi toda a minha alegria e vontade de viver. Sinceramente, desconheço os motivos. Nada mais me alegra. O riso desapareceu de meus lábios. O sono me foge com facilidade e vago pelo castelo como um fantasma a assombrá-lo, e há alguns meses tenho percebido que me foge algo mais preocupante...

– O que seria, milorde?

– Meu juízo.

– O que dizes?

– Meu coração se envenena lentamente com a angústia e a melancolia que tomaram de assalto meu cotidiano. Como já disse, sou débil resquício do que fui. Nada me alegra, a começar pela própria vida e a cada um dos atores desta obra celestial em que somos inseridos neste ou naquele papel. Desinteressei-me de tudo por completo. Homem, mulher, a grandiosa obra de Deus em que fomos colocados...

– Que lástima, milorde...

– Por quê, Guildenstern? Qual a origem de tal lamentação?

– Ah, perdoe-me, milorde, mas longe de mim querer fazer pouco ou amesquinhar seus sentimentos com minhas palavras.

– O que o preocupa? Bem noto que estás preocupado...

– Vindo para cá cruzamos com uma companhia de atores que se dirige para cá...

– Eles disseram que passam por aqui durante a quaresma – lembrou Rosencrantz.

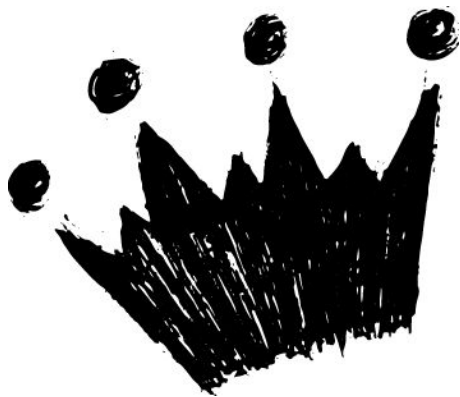
– Isso é fato – concordou Hamlet.

– Depois de tudo o que disseste, temi que não se deleitará com qualquer apresentação...

– Se for apenas isso, tranquilize-se, meu bom amigo. Todos serão muito bem recebidos. Aquele que representará o rei merecerá toda a minha atenção, pois traz meu presente para Sua Alteza. Àquele que representará o cavaleiro corajoso será permitido usar seu florete e escudo. O amante não será confinado à solidão de afetos. O humorista terá toda a liberdade para exercer o seu ofício como bem entender, e ao palhaço não se lhe sonegará sequer um riso...

Hamlet calou-se de súbito, olhos enormes, o espanto sendo rapidamente substituído por um contentamento quase infantil. Um largo sorriso arreganhou-se para que os dentes alvíssimos ficassem à mostra em um sorridente desvario de alegria que o animou por completo e o lançou na direção da amurada de uma das amplas galerias do castelo.

– Eles chegaram! Eles chegaram! – gritou, o som tonitruante das trombetas, como que vindo de todas as direções, antecedendo a visão do grupo de três carroças que se materializava de forma preguiçosa na

distância e avançava na direção de Elsinore. Tambores e pandeiros misturavam-se ao som das trombetas em uma delirante confusão de sons. – Os atores chegaram!

Capítulo Quatro

Ser ou não ser, eis a questão

I

Mal os sólidos portões de Elsinore se abriram e as três carroças avançaram, balouçantes e vagarosas, para o pátio interno do castelo, Hamlet despachou-se em desabalada carreira pelos corredores e escadarias, Rosencrantz e Guildenstern esfalfando-se inutilmente para escoltá-lo.

– Ele está realmente louco! – observou Rosencrantz, irritado, enquanto o via distanciar-se degraus abaixo. – Veja como corre!

– Parece uma criança... – arquejou Guildenstern, arreganhando a boca como que a buscar desesperadamente por um pouco mais de ar, o rosto vermelho e molhado de suor.

– Acredite, meu amigo. Ele está louco! Muito louco!...

– De onde saiu tanta certeza, posso saber?

– Ouviste o que ele disse enquanto descíamos...

– Aquela história dos ventos? Ah, ele zombava de nós!

– “Eu só enlouqueço com o vento noroeste. Quando sopra do sul, distingo muito bem o falcão da garça...” Pois sim! Eu é que não me fio nisso...

– Bobagem!

– E a mãe? Ele a chamou de tia-mãe.

– O rei é o tio-pai...

– Louco, completamente louco!

Encontraram-se com Polônio nos últimos degraus da escada que desembocava no pátio onde os atores desembarcavam uma quantidade extraordinária de baús e outros tantos apetrechos.

– Os atores estão aqui, milorde – disse ele ao ver Hamlet e seus companheiros.

– Tá, tá – disse o príncipe, passando por ele apressadamente...

– Posso assegurar que são os melhores atores do mundo...

– Oh, Jefté, juiz de Israel, que tesouro tinhas tu!

Polônio pestanejou, confuso, sem entender o que ele dizia:

– O que dizes, milorde?

– "Uma bela filha, sua única, a quem extraordinariamente amava..."

Polônio virou-se para Rosencrantz e Guildenstern e disse:

– Ele não tira a minha filha da cabeça.

Hamlet insistiu:

– Tenho ou não tenho razão, velho Jefté?

– Se é a mim que chama de Jefté, milorde, realmente tenho uma filha que amo extraordinariamente...

Hamlet parou, e de repente uma peculiar carranca taciturna, até hostil, tomou conta do seu rosto suado. Polônio e os dois cavaleiros pararam e se entreolharam, sem saber o que fazer ou dizer, esperando que Hamlet fizesse ou falasse algo.

– Olhem, olhem! – gritou, explodindo em uma estrondosa gargalhada. – Meu passatempo finalmente chegou!

Correu ao encontro de cinco atores.

– Sejam bem-vindos! Sejam bem-vindos! – repetia. – Não podem imaginar como fico feliz em vê-los aqui. Bem-vindos, bons amigos...

Achegou-se ainda mais efusivo, surpreendendo os cinco atores que desembarcavam das carroças, tanto ou mais do que aqueles que o acompanhavam. Falava sem parar, por vezes respondendo às próprias perguntas que fazia, fazendo uma após outra, incontrolável, verborrágico no limite da incômoda histeria.

– Como vai, minha jovem senhora! – disse, dirigindo-se a um dos atores vestido de mulher e com o rosto coberto por pesada

maquiagem. – Minha Nossa Senhora, sua feminilidade está muitas vezes maior do que aquela que exibiste de forma tão desavergonhada no ano passado...

Puxou a orelha de um anão. Chutou um ator franzino, lançando-o ao chão. Alcançou as costas de dois outros com tapas formidáveis e dolorosos a custo dissimulados.

– Bom, bom, mas não percamos tempo – prosseguiu em sua avassaladora recepção. – Há muito a se fazer e pouquíssimo tempo para levarmos tudo a bom termo.

Assediou o mais experiente dos recém-chegados e dele exigiu que recitasse trechos de uma das peças apresentadas no ano anterior. Inutilmente Polônio acercou-se dele e tentou desanuviar o medo que tomava conta dos atores. A notícia da loucura de Hamlet espalhara-se rapidamente pelo reino, e já fazia tempo que qualquer um que entrasse no palácio real o fazia cheio de ressalvas e preocupações, incapaz de imaginar o que poderia acontecer se o príncipe ensandecido cruzasse seu caminho. Inútil. Completamente inútil. Por mais que dissesse e fizesse, Hamlet persistia em inquietar os atores, insistindo para que repetissem tediosos e longos trechos de uma peça que ele alegava ter visto no ano anterior, mas de que alguns deles não mais se recordavam.

– Assegure-se de que todos sejam muito bem acolhidos – pediu Hamlet por fim, acalmando-se. – Que não lhes falte nada e que suas acomodações sejam acolhedoras e confortáveis.

– Nada temas, meu senhor – tranquilizou-o Polônio, atarantado e nervoso.

– Não quero nenhum deles saindo daqui a dizer que foram desprestigiados ou que não receberam acomodações à altura de seu talento e boa vontade.

– Asseguro-te que vou tratá-los como merecem.

– Por Deus, não, homem! – Hamlet gargalhou poderosamente, girando sobre os calcanhares e quase caindo. – Se começarmos a tratar todos como eles efetivamente merecem, estaremos a vergastar cada miserável deste mundo com um chicote, não é verdade?

Uma gargalhada nervosa encadeou cada um dos que se entreolhavam no amplo pátio de Elsinore.

– Vamos, vamos, amados! – insistiu Hamlet, empurrando-os ao mesmo tempo que gesticulava para que acompanhassem Polônio, que

se dirigia a passos nervosos na direção da íngreme escadaria que levava para o interior do castelo. Em dado momento, puxou o mais experiente dos atores pelo braço e, aproximando-lhe o rosto do seu, cochichou: – Escuta-me, bom homem, podeis encenar “O Assassino de Gonzaga”?

– Se assim desejais, meu príncipe... – apressou-se em responder o ator.

– Amanhã à noite.

– Perfeitamente, senhor. Será feito como desejardes...

– Pois sendo assim, necessito de um novo favor.

– Considerai realizado.

– Podeis vós, se eu assim determinar, decorar uma fala relativamente curta, algo em torno de uma dúzia a dezesseis linhas escritas por mim, e inseri-las na apresentação?

– Certamente, meu príncipe. Assim será feito, posso lhe garantir... acaso tendes o texto em seu poder?

– Não, não...

– O senhor compreende, não? Apesar de experientes e acostumados a essas alterações, precisamos de um certo tempo para ensaiar...

Percebendo a aproximação e interesse de Guildenstern e Rosencrantz, Hamlet dispensou o ator e prometeu:

– Mais tarde farei chegar às suas mãos, se é que eu mesmo não as levarei...

– Estarei à espera, meu príncipe...

– Isso, isso...

Assim que o autor afastou-se, Hamlet virou-se para os dois cavaleiros e, sorrindo, disse:

– Meus bons amigos, sintam-se em casa! Nos vemos à noite, pois não?

– Com toda certeza, milorde – garantiu Rosencrantz.

– Pois sejam bem-vindos a Elsinore.

Não se moveu. Continuou parado no meio do pátio, entre as carroças dos atores, vendo tanto um quanto outro se distanciar e por fim desaparecer no interior do castelo. A solidão fez-se refúgio seguro mais uma vez para o grande ódio e a ânsia asfixiante por vingança que o transformava em patético sonâmbulo, órfão melancólico de um pai querido mas assassinado, perambulando feito fantasma pelo desejo de desforrar-se de todos os responsáveis por sua infelicidade e mesmo

loucura, vai-se saber?

A cada dia que passava, divorciava-se de si mesmo ou pelo menos do que fora até poucos meses antes. A figura gentil desfizera-se feito a névoa que rodeava o castelo, vagarosa mas inapelável. Bons sentimentos, a alegria de viver, as atribulações aventurescas de uma vida vivida em sua plenitude e sem maiores dificuldades. Tudo se extraviara e chafurdava, quase perdido e incapaz de ser encontrado, no pântano infecto e doentio de suas maquinações mais perversas. Não mais os atos o definiam ou dignificavam sua existência, mas as palavras, as insinuações, a virulência muda dos olhares que fustigavam a mãe e o tio, o casal incestuoso, e os deixavam em estado de permanente intranquilidade e desconfiança.

O que tramava a mente vil e rancorosa?

Ouvira dizer não sabia onde e por meio de quem que até mesmo homicidas, vendo uma peça, sentiram-se encurralados por suas consciências, fustigados pela necessidade de expiar pecados e outros tantos crimes, instilados por esta ou aquela cena mais contundente, e por fim confessaram a hediondez de crimes terríveis cuja simples menção assombraria outros pelo resto da vida. Engendrava tal artifício. Meses consumidos pela manipulação e escolha das palavras certas, o momento mais oportuno para repeti-las e encurralar os criminosos reais. Iria se valer dos recém-chegados, apresentaria a cada um deles o papel ou pelo menos a fala que, qual lâmina invencível da mais afiada das espadas, cortaria fundo na alma tanto do rei quanto da rainha, o assassinato ganhando vida e voz, acusadoramente mordaz, despindo cada um deles de suas máscaras e fazendo com que se entregassem à condenação de todo o reino ou pelo menos da Corte, apresentando provas do próprio crime.

Não mais se valeria do recurso espúrio, mesmo infantil, das acusações veladas, as insinuações atribuídas a um transtorno mental causado pela morte do pai e, por conseguinte, jamais levadas em conta por quem quer que fosse. Não, naquela noite, na peça, entre as palavras que introduziria de maneira insidiosa no texto original, buscaria a consciência do rei e dela arrancaria a confissão, a qual esperava que aplacasse seu coração e impedisse que a sanidade lhe escapasse por completo.

“Demônios!”

Demônios?

Seriam eles a manipular seus atos, transformando-o em débil marionete, sem vontade e à mercê de algum jogo perverso e sem sentido algum, a não ser, é claro, satisfazê-lo e oferecer sádica diversão?

Depois de certo tempo, desvencilhou-se de tais pensamentos e marchou ao encontro das provas necessárias para desmascarar aqueles que haviam assassinado seu pai.

II

Hamlet ainda entrava, os passos medidos e excepcionalmente silenciosos, quando se escondeu atrás de uma coluna para espreitar Rosencrantz e Guildenstern, que se dedicavam a uma conversa das mais reticentes e embaraçosas com o rei e Polônio, a rainha carrancuda e contrariada, taciturnamente abandonada a um canto. Não precisou apurar muito os ouvidos para perceber que falavam dele. Desde que os vira, sabia que os antigos amigos de infância haviam sido convocados pelo casal para investigá-lo, vigiá-lo ou controlá-lo, ou mesmo as três coisas juntas. Mais do que nunca, os últimos meses que o separavam da morte do pai, e de sua própria sanidade, haviam incutido em sua alma uma desconfiança imperecível. Não acreditava em mais nada. Nem em nada e muito menos em alguém, pelo menos não naquela Corte.

Esperou que saíssem. Entediou-se, pois duvidava que houvesse o que tanto um quanto outro pudessem relatar que ele de maneira antecipada não pudesse adivinhar. Não lhes escondeu nada, pois nada havia para ocultar, e mesmo em sua loucura todos sabiam ou suspeitavam de suas intenções. Eram por demais cristalinas, de fato. Aliás, tanto quanto as intenções de Polônio ao chamá-lo.

Ria-se de suas intenções de vincular a propalada loucura que o acometia àquela paixão por ele considerada desenfreada que alimentava pela bela Ofélia.

Velho tolo!

Como fora capaz de enganar-se tão completamente?

Com certeza fruto de um coração desabituado à pureza de sentimentos e, de outro lado, afeito a constituir cada ideia ou

pensamento no veneno da suspeita e da desconfiança.

Amava com sinceridade Ofélia, e até certo ponto se sentia magoado pela maneira subserviente com que ela agia diante das maquinações e elucubrações do pai. Como não era capaz de compreender seus sentimentos, a generosidade e a pureza de seu amor?

Rosencrantz e Guildenstern saíram. Continuou ainda por algum tempo ouvindo e observando. Rei e conselheiro tramavam diante dos olhos de Ofélia e da rainha, as duas silenciosas e à mercê de ambos.

A raiva desfez-se depois de poucos instantes. Divertia-se com o medo instilado em todos por aquela loucura que nem ele sabia definir muito bem se era real ou fruto do desvario natural de um filho que vê de um momento para o outro os alicerces mais comezinhos de sua vida ruírem diante de seus olhos e o confinarem à solidão de si mesmo até para se defender de quase todos que o rodeavam. Desfez-se da normalidade de sua angústia e marchou com a expressão transtornada que todos conheciam, o louco que perambulava, que não dormia e que vivia pelos cantos, tartamudeando de maneira interminável...

"Ser ou não ser, eis a questão. É mais nobre a alma sofrer com as pedradas e flechadas de um destino ultrajante ou pegar em armas contra um mar de aflições e, por combatê-las, terminá-las?"

Aproximou-se recitando, um delírio premente de desorientação e melancolia, quando Polônio e o rei partiram, a rainha esgueirando-se, tensa e aflita, em seu encalço. Ofélia encolheu-se, acovardada e trêmula, misto de amor e receio, faces dúbias de uma mesma moeda cunhada na paixão que cega, mas também assusta.

Hamlet deliciou-se com tais sensações...

"Quem suportaria os açoites e os escárnios do tempo, os malfeitos do opressor, o menosprezo dos orgulhosos, as dores do amor desdenhado, a demora da justiça, a insolência das autoridades, o insulto às pessoas pacientes vindo de quem não é digno de mérito, quando se pode descansar em paz com um mero punhal?..."

Parou ao ver que Ofélia, aflita e agarrada a um rosário, as contas passeando nervosamente entre seus dedos finos de uma pequena e pálida mão como ela própria, rezava. Sorriu.

– Acalme-se, bela Ofélia – pediu, tranquilizador. – E que haja um lugarzinho carinhoso em tuas orações para os meus muitos pecados.

– Como tem passado, meu bom lorde? – perguntou ela, a voz trêmula, praticamente inaudível. – Tenho algumas coisas a vos

devolver...

– Como pode ser isso se nada vos dei?

Ofélia baixou os olhos, embaraçada.

– Bem sabeis que destes, milorde... – insistiu ela, sem olhá-lo.

– Pois bem, guarde-as, pois eu vos amei, um dia...

Os tristes olhos de corça assustada levantaram-se lentamente até encontrar os dele.

– Durante certo tempo, milorde, fez com que eu acreditasse nisso.

– Eu vos enganei.

– Pois o fizestes realmente...

– Que posso fazer? Sou de natureza inquieta. Orgulhoso e vingativo, a ambição entranha-se em mim como outros tantos sentimentos desagradáveis que não temo definir-me mesmo como um rematado patife que se dedicava a levar a desgraça e a infelicidade às vidas de tolas do seu tipo. Estarias mais segura em um convento, sabeis disso, pois não? – os olhos de Hamlet passearam, inquietos, pelo salão silencioso, antes de mais uma vez ele fixar os olhos em Ofélia e perguntar: – Onde está teu pai?

– Em casa...

– Ah, imaginei... – seus olhos se arregalaram, centelhas de desvario incendiando-os, transformando-os em duas temíveis labaredas de sentimentos assustadores. – Mas não vá para lá! Vá para um convento! Estará mais segura em um deles.

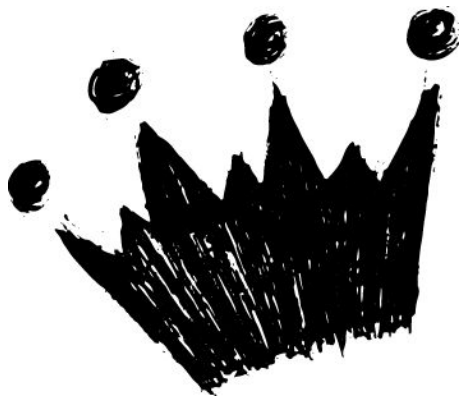
– Milorde...

– Se fordes casar, escolha um tolo, pois um homem de juízo sabe que deve fugir o máximo possível ou da mulher ou do casamento, mas os tolos são presas fáceis, pois se apaixonam e assim se deixam levar sem maior resistência.

Ofélia lançou um olhar de espanto para ele, lágrimas escorrendo, quentes e amargas, no rosto muito pálido.

– Vá para um convento! – gritou Hamlet, saindo precipitadamente, a frase repetida mais quatro ou cinco vezes na distância.

– Deus meu... – gemeu Ofélia, ignorando até mesmo a volta do pai e do rei, Polônio repetindo seu nome e fazendo perguntas que ela, angustiada, nem sequer conseguia ouvir. Seus olhos, escuros poços de interminável melancolia, eram apenas para Hamlet, cuja imagem cabisbaixa diluía-se pouco a pouco na escuridão ao longe. Lábios trêmulos, olhos úmidos, as lágrimas escorrendo pelo rosto, lamentou:

– Ele enlouqueceu...

Capítulo Cinco

Se a culpa oculta dele não se revelar com a fala, o que é
um fantasma do inferno, e minha imaginação é tão infecta
quanto a forja de Vulcano.

I

Às vezes, no refúgio mais seguro da existência humana, que invariavelmente é a nossa própria solidão, Hamlet perdia-se na própria dúvida. Confundia-se. Vitimado por lapsos de inefável melancolia, submergia na inconsciência da qual voltava esquecido de longos momentos de si mesmo, fatos embaralhando-se sem muito nexo ou compreensão em sua mente, palavras desconexas nada significando ou afundando-o em charcos cada vez mais sombrios e preocupantes de ignorância. Surpreendia-se e até se preocupava com este ou aquele desvario, imensos hiatos de sanidade que se abriam em seu dia a dia.

O que era?

Estava mesmo absolutamente senhor de suas faculdades?

Estaria enlouquecendo?

Aquele ódio intenso e a fúria a custo controlada que lhe serviam de companhia desde a morte misteriosa do pai, ou da suspeitosa e repentina união de mãe e tio em um matrimônio, finalmente surrupiavam-lhe o bom senso e a astúcia que engendrava não apenas a

vingança tão cuidadosamente planejada, mas também aquela loucura fingida que iludia e confundia a todos em Elsinore?

Estaria sendo vítima de seus próprios planos?

Enlouquecia?

Não sabia, ou pior, temia estar se perdendo na tênue e igualmente nebulosa fronteira entre o que ainda se acreditava ser e aquele desconhecido com que volta e meia se deparava.

Onde andava? Por onde perambulava? Em que infernal torvelinho de palavras confusas e incompreensíveis se perdia de si mesmo? Que atos praticava? Para onde ia e de onde retornava quando não se sabia senhor de seus próprios pensamentos, quando se abandonava em tão completa escuridão de sentidos? O que ou quem o substituía? O que fazia?

A indagação persistia, atormentadora...

Enlouquecia?

Vagamente, em tempestuosa confusão de sentidos, lembrou-se que o dia avançou em horas apressadas e da febricitante preparação para a peça que seria representada pelos atores recém-chegados a Elsinore. Mobilizara meio mundo com sua ansiedade e para que tudo ficasse pronto para aquela única apresentação noturna, a começar por certificar-se de que os atores decorariam as alterações feitas às pressas na peça que originalmente apresentariam. Polônio, tinha certeza, e tanto Rosencrantz quanto Guildenstern, apenas intuía que os convocara para auxiliá-lo, foram mobilizados, e em um breve lampejo acreditou que conversara com Horácio. A noite fria e inóspita, como que antecipando o portentoso drama que pretendia provocar, apropriou-se da luminosidade de um dia ensolarado e a substituiu pelo lúgubre silêncio que pesava, opressivo, por toda a extensão do castelo.

À chegada do rei e de sua pequena comitiva, embarafustou-se na loucura de palavras desconexas e observações sem nenhum sentido, que levavam todos a sua volta a se buscar com os olhos, inquietos, quando não visivelmente assustados.

– A apresentação já vai começar – anunciou, ao ver um dos atores surgir junto do pequeno palco improvisado diante dos tronos do casal real.

– Venha aqui, querido Hamlet – pediu a rainha. – Sente-se ao lado de sua mãe.

Hamlet sorriu com deboche, os olhos deambulando pelos rostos em

torno de si, até se fixarem na figura entristecida de Ofélia.

– Serei obrigado a declinar de vosso amável convite, minha mãe – disse. – Será que a senhorita permitiria que eu me aconchegasse em seu colo?

Ofélia empertigou-se, lançando-lhe um olhar de forte indignação.

– Decerto que não! – respondeu, tão contrariada quanto Polônio e os que se reuniam em torno dela e de Hamlet.

– Ah, perdoe-me. Penso que me expressei mal...

– Ou eu vos entendi mal, como saber?

– Imagino que pensaste que eu pretendia deitar minha cabeça em seu colo ou mesmo deitar-me com...

– Não pensei nada, milorde.

– Seria um pensamento justo...

– Estais bem alegre hoje, não é mesmo, milorde?

– Não vos agrada? Serei eu o único piadista aqui nesta noite? Não, claro que não. Minha mãe, por exemplo, parece bem animada, e olha que meu pai morreu não faz mais de duas horas...

– Equivoca-se, milorde – atalhou Ofélia, apreensiva. – Já faz bem mais de dois meses...

– Tanto assim? Que espantoso! Faz dois meses que morreu e ainda não foi esquecido? Pelo visto há esperança de que a memória de um grande homem possa viver bem mais do que ele...

O constrangimento espalhou-se em todas as direções; o silêncio ora contrariado, por vezes entristecido em uns poucos, visivelmente enfurecido no olhar faiscante do rei. Horácio aproximou-se de forma protetora de Hamlet, e Rosencrantz e Guildenstern aferraram-se ao cabo de suas espadas, temendo qualquer desenlace sangrento. Salvaram-se as aparências e dissolveu-se o iminente conflito com o estrondear de oboés, trombetas e outros tantos instrumentos que irromperam salão adentro em uma tonitruante confusão de sons com os atores.

– Graças a Deus! – balbuciou Polônio, aliviado, puxando a filha pela mão e a afastando de Hamlet. – O espetáculo vai começar.

Rapidamente os atores foram se espalhando pelo cenário, os convidados se ajeitando com igual rapidez e de modo precipitado pela amplidão gélida do salão, enquanto os servos acendiam os archotes que iluminaram um rei e rainha que tomavam conta do palco, os gestos e carinhos demonstrando fundamentada certeza de que eram

apaixonados um pelo o outro. O burburinho do início do espetáculo foi amainando à medida que o casal de atores prosseguia em sua atuação: a rainha ajoelhou--se junto do rei e, por meio de gestos, aparenta lhe dizer algo, talvez palavras carinhosas, apaixonadas também. A expectativa entre a plateia cresce na mesma proporção que as cenas se sucedem. Algo inquieta o casal real, que se mexe de forma repetida e incômoda nos respectivos tronos. Os olhos de Cláudio de tempos em tempos buscam a figura sorridente e tomada de impenetrável satisfação de Hamlet. À inquietação segue-se certa irritação e, por fim, franca suspeita. Sobra convicção de que trama algo, e certamente desagradável. O casal de atores no palco representando rei e rainha não são mero acaso; duvida de coincidência na escolha da peça e tem certeza de que o sobrinho e enteado a escolheu. Gertrude, a rainha, olha para um e para outro, rei e filho, o desgosto apenas aumentando.

No palco, o rei da peça representada ajuda a rainha a levantar-se e inclina a cabeça em direção ao pescoço dela. Trocam todo um demorado gestual de paixão e carinho, antes que ele se deite em um banco de jardim e a rainha, ao vê-lo adormecer, se retire. Um terceiro personagem sobe ao palco e esgueira-se de forma sorrateira na direção do rei, de quem subtrai a coroa que beija repetidas vezes. Traz consigo um pequeno frasco cujo conteúdo líquido esvazia em uma das orelhas do rei, antes de devolver-lhe a coroa à cabeça e sair. Quase que no momento seguinte, o rei levanta-se abruptamente e agarra com desespero a cabeça, fazendo uma apavorante careta de dor, antes de tombar estirado no banco do jardim.

Gertrude e Cláudio entreolham-se. Visível o pânico em seus olhares. Polônio abraça-se à filha e geme:

– Deus do céu...

A plateia é tomada por um único e inquietante murmúrio.

No palco, a rainha retorna ao jardim e encontra o rei morto. Ergue-se, angustiada, entregando-se a uma quase interminável e exagerada sucessão de gestos desesperados. Passados uns poucos instantes, o envenenador retorna na companhia de três outras testemunhas. Aparenta consternação, entrega-se a novos gestos de desconsolo e, abraçado à rainha, esforça-se para demonstrar sinceridade no lamento de ambos. Mais adiante, ajuda as três testemunhas a carregar o cadáver do rei para fora do palco, retornando um pouco depois e se

sentando no banco onde momentos antes o rei morrera. Entrega-lhe presentes e, no início, a rainha demonstra certa relutância, recusa os presentes e ensaia um protesto em gestos enfáticos e de genuíno desagrado. Não obstante, acaba cedendo à corte e os dois saem do palco abraçados, aparentemente apaixonados.

Sem entender muito bem o drama que se desenrolava no palco, Ofélia, abraçada ao pai e junto ao casal real, virou-se para Hamlet e perguntou:

– O que isso quer dizer, milorde? Confesso que...

Ele a interrompeu e, por trás de um sorriso zombeteiro, respondeu:

– Que uma peça também é capaz de pregar uma peça.

Os atores que representavam o rei e a rainha retornam e alcançam o palco onde são timidamente confundidos por uma plateia mais receosa em ter compreendido o drama que se desenrolara diante de seus olhos do que confirmar as suas suspeitas.

– Veja, os atores estão voltando – informou Hamlet.

– Eles irão dizer o que a cena significa?

– Asseguro-vos que sim...

Longos versos, no início impenetráveis palavras de saborosa erudição mas despojadas de maior explicação, falavam de um grande amor que surgiu, como tantos outros prometendo-se eternidade, mas que, com o passar do tempo, relegou-se ao veneno mortal da rotina e da mesmice, o caminho mais curto para a infelicidade e outros tantos sentimentos ruins.

"... ai de mim, você ultimamente está tão mal, tão distante da alegria e de seu estado natural, que me preocupo", lastima-se o ator que representava a rainha.

"Por Deus, eu abandonarei você, meu amor, e em breve tu terás de viver neste belo mundo além de mim, honrada, amada, e que o destino te brinde enfim com um novo marido", vaticina o ator que se faz rei no palco.

Ela chega a se indignar:

"Tal amor é a traição de uma mulher casta... Um segundo marido me conduziria à abominação... só casa de novo quem matou seu primeiro varão."

No que o rei argumenta:

"Eu acredito mesmo que pensais o que dizeis agora, mas muitas vezes quebramos o que prometemos outrora... Então, se tu achas que

não casarás com um segundo marido, extermina tal pensamento quando teu primeiro lorde tiver morrido.”

Quando o ator que representava a rainha abandona o palco depois de reiteradas juras de amor e fidelidade eternos, Hamlet aproveita para se virar para a mãe e perguntar:

– Estais gostando da peça, minha rainha?

– Essa rainha faz promessas demais – resmungou Gertrude.

Sentado a seu lado, Cláudio indagou:

– E como se chama essa peça?

– *A Ratoeira,* meu rei – respondeu Hamlet. – Ela apresenta um assassinato cometido em Viena: Gonzaga é o nome do duque, o da esposa dele é Baptista... – vendo o ator que representara o envenenador entrar, apressou-se em apresentá-lo: – Este é Luciano, sobrinho do rei.

– Pareces conhecer muito bem a peça, milorde... – observou Ofélia.

Hamlet sorriu misteriosamente.

– Bem mais do que podeis imaginar... – concordou, e em seguida, virando-se para o recém-chegado, gritou: – Comece de uma vez, assassino!

“Ideias sombrias, mãos aptas, drogas misturadas e hora marcada, o momento em cumplicidade, sem qualquer criatura avistada. Tu, fétida mistura de ervas à meia-noite coletadas, triplamente infectadas, que tua natural magia e tua horrenda propriedade imediatamente usurpem esta vida em sua integridade”, recitou o ator ao mesmo tempo que derramava o veneno dentro do ouvido do rei.

– Essa história é verídica – informou Hamlet –, e agora vai ficar mais interessante...

Ofélia o chamou e alertou:

– O rei está se levantando!...

Hamlet, completamente enlevado pela trama, aparentando mais uma vez estar fora de si, continuou:

– ... o assassino conquista o amor da esposa de Gonzaga.

Finalmente, acompanhando os outros olhares que, espantados, convergiam para a figura colérica do rei de pé junto ao trono, Hamlet perguntou:

– Que temeis, meu rei? Que mal vos aflige?

Gertrude juntou-se a ele, aflita.

– O que se passa contigo, milorde? – perguntou.

– Vamos embora! – trovejou Cláudio.

Polônio ia e vinha, gesticulando para os atores e insistindo:

– Parem! Parem imediatamente! Parem a peça!

Os atores se entreolharam, confusos. O murmúrio da plateia elevou-se ainda mais e avançou na direção de todos feito maré incontrolável de mar tempestuoso. A confusão apenas aumentou quando Hamlet, como que tomado por um repentino acesso de loucura, se pôs a declamar o que a todos pareciam trechos da peça interrompida:

“O macho ferido deixa o bando e o novo líder inaugura seu mando, pois uns têm de vigiar, enquanto outros caem no sono. Assim vai o mundo: sempre com um dono...”

Horácio, percebendo que Rosencrantz e Guildenstern se moviam na direção de Hamlet, antecipou-se a ambos e agarrou o príncipe pelo braço, tentando afastá-lo do rei.

– Não ganharia muito dinheiro como ator, milorde – troçou, colocando-se entre ele e os cavaleiros, percebendo que se agarravam firmemente ao cabo de suas espadas, dando a impressão de estarem prestes a desembainhá-las. – Venha comigo...

Hamlet alcançou-o com seus olhos esbugalhados, a expressão desvairada em um rosto suarento e extremamente contente, fosse lá com o que fosse.

– Oh, bom Horácio, aposto mil libras na palavra do fantasma agora – desafiou.

– Do que está falando, meu amigo? – surpreendeu-se Horácio.

– Não acredito. Não percebestes?

– Certamente, milorde.

– Na hora da fala do envenenamento...

– Sim, milorde, nesta hora a consciência do rei lhe doeu.

Hamlet desvencilhou-se de sua mão com um forte repelão e, lançando um olhar de zombaria e desafio para o rei, pôs-se a ir de um lado para outro, agitando os braços e gritando:

– Vamos, música para o rei! Vamos! Se não lhe agrada a comédia, pois o assusta e mais se assemelha à tragédia, vamos lhe dar música! Música! Música!

Nesse momento, Guildenstern colocou-se entre ele e a visão dos dois tronos vazios. Cláudio e Gertrude haviam abandonado o salão.

– O rei, meu senhor... – disse o cavaleiro, incapaz de desvencilhar-se de um grande constrangimento que afinal de contas parecia

irmanar todos à sua volta.

– O que tem ele? – perguntou Hamlet. – Não gostou do espetáculo?

– Ele retirou-se com a rainha para seus aposentos e estava bem irritado, se me permite dizer.

– Melhor proveito teria essa sua informação se fosse transmitida ao médico deles, pois não?

– A rainha, vossa mãe, está muito aflita e me pediu para vir falar com o senhor.

– E o que tens a falar comigo, Guildenstern?

– Ela me pediu que informasse que vosso comportamento a deixou preocupada e perplexa. Ela deseja conversar com o senhor nos aposentos dela, antes de irdes para a cama.

– Obedeceremos, nem duvide, como se ela fosse dez vezes nossa mãe.

Rosencrantz achegou-se a ambos e, virando-se para Hamlet, indagou:

– Meu bom lorde, o que tanto vos incomoda e provoca tais mudanças de humor em Vossa Majestade?

– Careço de uma promoção.

– Como podeis dizer tal coisa? O rei já não lhe assegurou que estais na linha de sucessão ao trono da Dinamarca?

– Infelizmente, meu bom amigo, é como diz o velho provérbio: "Enquanto a grama cresce, o pangaré passa fome"...

Rosencrantz e Guildenstern trocaram um olhar de perplexidade, como se não soubessem muito bem o que fazer e o que dizer diante das palavras inteiramente despropositadas de Hamlet. Disso se aproveitou ele para, misturando-se a um grupo de músicos que adentrava o salão em uma barulhenta apresentação, tomar um flautim de um deles e se pôr a tocar. Debalde, insistiram mas não conseguiram que os acompanhasse, Guildenstern por fim gesticulando para Polônio e insistindo para que se aproximasse.

– Milorde, a rainha gostaria de vos falar agora – insistiu o conselheiro, os três homens marchando desajeitadamente atrás de Hamlet, que pulava e saltava, misturado aos músicos e atores.

"Chega agora o momento de bruxarias da noite, quando as tumbas nos cemitérios se abrem, e o próprio inferno exala sua peste contagiosa pelo mundo."

Hamlet estava completamente fora de si. Declamava e no momento

seguinte tocava o flautim de modo pavoroso, antes de recomeçar a declamar…

“Eu poderia beber sangue quente e fazer outras tantas crueldades que a luz do dia estremeceria ao olhar…”

Quando Rosencrantz, junto a Guildernstern, o alcançou, ambos o agarraram pelos braços; Hamlet, percebendo que da confusão já se aproximava Horácio, a espada em uma das mãos, gritou:

– Calma!

Diante da surpresa produzida, sorriu e afirmou:

– Agora, minha mãe!

Capítulo Seis

Pode alguém ser perdoado e manter o lucro do crime?

I

O rei urrava de ódio enquanto ia e vinha pela pequena e mal-iluminada sala.

– Eu não gosto dele, jamais gostei – rugiu. – Se o suportava, era por conta do amor que nutro por sua mãe. Mas agora ele passou de todos os limites. Minha decisão já está tomada: preparem-se, senhores. Despacharei imediatamente sua delegação para a Inglaterra e Hamlet irá com os dois. Não vou arriscar o reino e muito menos deixá-lo à mercê da demência desse estúpido!

– Estamos preparados, Vossa Alteza – garantiu Rosencrantz.

– Se o homem comum deve se proteger de todos os males desta vida, mais ainda precisa se precaver o nobre espírito de cujo bem-estar depende e repousa a vida de muitos – acrescentou Guildenstern.

– Agradeço a lealdade de ambos, mas previno a ambos: armem-se e tomem cuidado, pois esse que agora anda entre nós com os pés demasiado livres pode se mostrar bem perigoso.

– Sabemos muito bem disso, milorde.

Polônio entrou um pouco depois que os dois cavaleiros saíram.

– Hamlet está indo para os aposentos da mãe, milorde – informou. – Estarei escondido atrás da tapeçaria para ouvir o que quer que conversem. Asseguro-vos antecipadamente que ela irá censurá-lo em termos bem vigorosos...

– Não sei, não, Polônio...

– Não se preocupe, milorde, pois eu estarei de volta para contar tudo o que ouvir muito antes que se retire para dormir.

No momento seguinte à partida de Polônio, como sempre célere e absolutamente subserviente como todo aquele que se faz duradouro vivendo das migalhas de qualquer poder, Cláudio arrependeu-se, ou pelo menos detestou ter ficado mais uma vez só.

Sem plateia, de que servem a dissimulação e a farsa ao artista?

Em mesma medida, para quem fingir e a quem enganar se estamos a sós conosco?

Se somos confrontados, postos a nu em nossa essência, naquilo que realmente somos?

Cláudio sentia-se mal em sua própria companhia. Seguramente porque sua consciência não o deixava em paz. Maldizia Hamlet muito antes daquela sórdida artimanha operada pela encenação da peça de teatro menos de uma hora antes. Sua presença não lhe permitia esquecer o pai dele, o irmão que Cláudio envenenara e por cuja morte se mortificava desde então.

Pérfido e maldito. Era como se sentia. Sua consciência, aquele irremovível sentimento de culpa que pespegara em si mesmo, não o deixava em paz. Hamlet era a materialização de tal sentimento. Tê-lo próximo, aquele exacerbante cotidiano de olhares e insinuações maldosas, a acusação visível em seus olhares oblíquos, tanto em seus olhares quanto nos outros tantos de nobres e servos, constituía-se em seu inferno particular.

Haveria crime maior do que derramar o sangue dentro de sua própria família?

Que alma impura mataria o próprio irmão?

Mão maldita, apodreça após tão odioso crime!

Sua coroa fora adquirida de modo indigno e era possuída sob a pecha de invencível vergonha; estaria sempre manchada de sangue. A grande ambição que o levara a tão imundo assassinato se fazia prisão da qual, por mais que se esforçasse, não conseguia se libertar. A rainha, que antes fora prêmio cobiçado, nada mais era do que objeto

de crescente aversão e lembrança permanente de uma relação até certo ponto incestuosa, posse indigna, pois a tirara do próprio irmão, régia ofensa.

Esquivar-se da justiça dos homens fora bem mais fácil do que se libertar de uma consciência culpada. Manter Hamlet na Corte fora seu grande erro, e aquela encenação noturna, a prova mais eloquente disso. Não havia muito mais o que fazer antes do recurso extremo de matá-lo.

É, iria mandá-lo para longe, um exílio sutil, porém o mais prolongado possível e o mais distante que sua autoridade permitisse. Tudo ficaria bem, disse de si para si, tentando mais uma vez acreditar.

II

Por um instante Hamlet hesitou ao parar diante da porta do quarto da mãe. Olhou para o longo corredor deserto e por um momento lembrou-se de ter visto Cláudio ajoelhado a um canto de uma sala próxima. Visível angústia. Preocupação. Imaginou-o entregue a conhecido dilema com sua consciência e ainda irritado com a apresentação de horas antes. Ou com a sua reação perante o denunciador da cena fatídica do envenenamento do rei?

Deveria ter-se aproveitado da ocasião e o matado de uma vez por todas!

“Alto lá, espada, que tu reconheças a chance para um golpe mais terrível”, pensou, afastando-se.

Seus olhos continuaram fixos na porta fechada. Rumor dentro do quarto. Conspiravam contra ele, pensou. Vozes. Palavras sussurradas.

“Ele virá logo. Seja firme com ele...”, reconheceu a voz de Polônio.

“Garanto a ti que serei...”, assegurou sua mãe.

Hamlet sorriu debochadamente. Conspiravam.

Não ouviu outras vozes. Esperou, mão fechando-se em torno do cabo da espada, receando alguma emboscada. Depois de algum tempo, teve certeza de que apenas a rainha e seu conselheiro sussurravam do outro lado da porta. Bateu repetidas vezes com os nós dos dedos.

– Mamãe, mamãe... – chamou.

A porta se abriu e Gertrude encarou-o em silêncio por uns

instantes, a severidade do rosto taciturno denunciando evidente contrariedade.

– Ofendeste muito teu pai... – resmungou ela, afastando-se para o lado e gesticulando para que entrasse.

– Querida mãe, creio que fostes vós que ofendestes muito meu pai – replicou Hamlet, vendo-a fechar a porta atrás de si, a atenção atraída para uma tapeçaria que se movia estranhamente. Seu sorriso alargou-se ainda mais na brilhante máscara de escárnio em que se convertia seu rosto. Encontrara um desajeitado Polônio escondido.

– Insolência, meu filho? É assim que responde a sua mãe?

– Como posso me comportar se me questionas com língua imoral?

Gertrude bufou, desanimada.

– Para que isso, Hamlet? Já esqueceu que sou sua mãe?

– Como poderia? Bem sei quem sois a rainha, a esposa do irmão de seu marido e, desgraçadamente, minha mãe.

– Se é assim que me vês, posso chamar outra pessoa que...

– Vai, senta-te aí e não te movas!

– O que pretendes? Vais me matar?

Hamlet viu que a tapeçaria às suas costas se agitava. Polônio, alarmado, devia estar desesperado e talvez começasse a gritar se não o acalmasse ou silenciasse. Sua hesitação limitou-se a uns poucos segundos, em que lucidez e loucura digladiaram dramaticamente, a segunda por fim o levando a desembainhar sua espada e começar a gritar:

– O que é isso? Que rato se mete em nossa conversa, minha mãe?

Cravou-a na tapeçaria e, ao puxá-la de volta, a rainha, apavorada, perguntou:

– O que fizeste, seu louco?

O corpo de Polônio, com uma grande mancha de sangue aumentando na altura do peito, desabou para fora do esconderijo atrás da tapeçaria e estatelou-se no chão bem na frente de ambos.

– Não sei bem – respondeu Hamlet, devolvendo a lâmina ensanguentada da espada à bainha, aparentando indiferença. – É o rei?

– Que ato sanguinário cometeste?

– Ato sanguinário? Eu? Mais sanguinário que matar o rei e se casar com o irmão dele?

– Como matar um rei... – gemeu Gertrude, trêmula e arquejante.

– Sim, senhora, essas foram exatamente as minhas palavras... – Hamlet levantou a tapeçaria e reconheceu o velho conselheiro real. – Ah, mas não se trata do rei, mas deste infeliz intrometido. Infeliz e imprudente, morreu por se meter em assuntos alheios... – Virou-se para a mãe e corrigiu-se: – ... ou para servir-te!

– Mas o que é que eu fiz para que me trates assim?

– Qual o quê? Fingirás ignorância para fugir à tua culpa?

– Que culpa? Que culpa? Do que estais falando?

Hamlet a xingou, enfurecido, enquanto retirava dois pequenos quadros que trazia guardados à algibeira.

– Olhe aqui este retrato, e agora este – exibiu-os para a mãe, que reconheceu neles o antigo rei Hamlet, de quem era viúva, e seu atual marido, Cláudio, que vinha a ser o irmão daquele. – A representação em imagem de dois irmãos.

– De que me acusas?

– Tu bem o sabes, não te faças de sonsa!

– Mas eu...

– Traíste teu marido, o senhor meu pai, a adorável combinação do que há de mais valoroso e belo neste mundo, e mancomunada com essa criatura abjeta, hoje o rei, mas antes a peçonhenta imagem de um homem vil e sem nenhum atributo, o matou...

– Por Deus, meu filho, não fale mais! Reconheço que errei...

– Reconhecimento tardio e fútil, minha senhora, se ainda vives no suor rançoso de uma cama sebenta, ensopada de corrupção, adoçando e fazendo amor em uma pocilga imunda.

– Já chega, meu doce Hamlet!

– Um assassino e vilão, um escravo que não vale a vigésima parte do dízimo do seu lorde anterior, um bobo da corte entre reis, um punguista do império e da lei que roubou de uma prateleira o mais precioso diadema e o enfiou no bolso!

– Basta! Por Deus, basta!...

Completamente fora de si, os olhos dardejando ódio e ferocidade, Hamlet calou-se de forma abrupta quando viu materializar-se na porta do quarto a figura do fantasma do pai.

– Salvem-me e me protejam todos os anjos do céu! – disse, virando-se para ele. – O que desejais, meu senhor? Diga-me!...

Gertrude calou-se, apavorada e confusa, pois nada via. A seus olhos inexistia qualquer presença no quarto além do filho que tagarelava de

maneira respeitosa com alguém que aparentemente residia apenas em sua insanidade.

– Deus tenha misericórdia, meu filho adorável está louco! – exclamou, mãos estendidas protetoramente entre ambos.

“Não se esqueça: essa visita é apenas para aguçar teu quase cego propósito, meu filho...”, informou o fantasma.

– Com quem pensas conversar, filho? – indagou Gertrude.

Hamlet sorriu, uma expressão carinhosa iluminando-lhe o rosto até beligerante e ameaçador.

– Como a senhora está, minha mãe?

– Como estou? Como estou? Como posso estar vendo meu filho conversando com o vazio do quarto?

Hamlet apontou para o fantasma, e com um sorriso de incredulidade indagou:

– Verdade que não o vês?

– Para o quê ou para quem olhas, meu filho?

– Para ele! Para ele!

– Ele quem?

– Olhe ali, mãe! Não me digas que não o vês?

– Quem?

– Meu pai, com as roupas que sempre vestia! Olha como vai agora mesmo na direção da porta...

– Loucura, filho. Isso só pode ser loucura!

– Loucura? Mãe, pela graça de Deus, não use isso como um bálsamo reconfortante para a sua alma. É o seu crime que fala, não a minha loucura. Confesse-se aos céus, arrependa-se do que é passado e evite o que está por vir...

– Ah, Hamlet, meu querido, rachaste meu coração em dois...

– Pois jogue fora a pior parte dele e viva mais pura com a outra metade. Mas não se deite na cama do meu tio. Aparente alguma virtude, se não as tem...

– Meu Deus, o que posso fazer por ti?

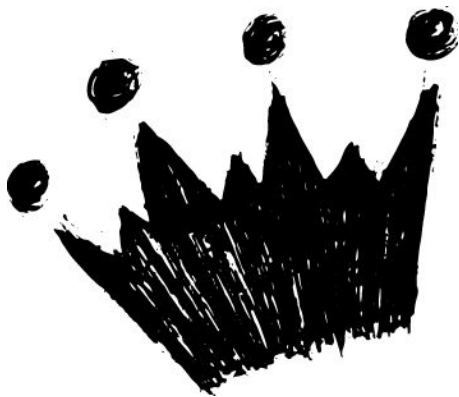
– Eu tenho que ir à Inglaterra. Tu sabes disso?

– Eu havia esquecido...

– E meus dois colegas de escola, que julgo tão confiáveis quanto as presas de uma víbora, irão me acompanhar sabe-se com que ordens do rei. Acredito que estão instruídos a me levar a algum tipo de armadilha... – de repente Hamlet se calou e olhou para o cadáver de

Polônio estirado a seus pés. – Venha, senhor, que preciso me livrar muito rapidamente de ti.

Agarrando-o por uma das pernas, pôs-se a vagarosamente arrastá-lo na direção da porta do quarto. Abriu-a e reiniciou sua marcha para o corredor, o corpo sem vida em sua companhia. Parou e olhou por um instante para Gertrude.

– Boa noite, minha mãe – despediu-se.

Capítulo Sete

O êxtase da loucura tem a astúcia para criar criaturas imateriais

I

– Ele está completamente louco!

O desabafo da rainha assombrou a todos.

– Onde está seu filho? – perguntou o rei.

Gertrude ainda tremia e seus olhos traziam a inquietação de alguém que experimentara momentos de genuíno e grandioso terror. Virando-se para Rosencrantz e Guildenstern, pediu:

– Seria possível os senhores me permitirem uns instantes a sós com o rei?

Os dois cavaleiros olharam para Cláudio, que de imediato os dispensou com um gesto.

– Estamos a sós, minha rainha – disse ele, depois de vê-los desaparecer atrás da porta da sala fracamente iluminada. – O que foi, Gertrude? Como vai Hamlet?

– Ah, meu bom lorde, nem podeis imaginar o que testemunhei nesta noite!...

– O que houve?

– A mais completa insanidade. Meu Deus, uma grande loucura...

– Como assim?

– Mal entrou em meu quarto e, ao perceber movimento atrás de uma das tapeçarias, ele sacou a espada e gritando algo como “um rato, um rato” ou algo semelhante, não me recordo bem, matou Polônio...

Cláudio empalideceu.

– Teria sido a mim ou a ti se não fosse o pobre Polônio a estar escondido atrás daquela tapeçaria – afirmou, indo de um lado para outro, tenso e desorientado. – Em liberdade, ele se converte dia após dia em grande ameaça para nós, nem duvide. Caso nada façamos, serão a nós creditados todos os atos sangrentos que de maneira desafortunada ele ainda venha a perpetrar.

– O que podemos fazer?

– Onde ele está?

– Ele disse que ia se livrar do corpo de Polônio.

– Pois temos que encontrá-lo e despachá-lo o mais depressa possível para bem longe do reino.

– Para onde?

– Não se preocupe. Eu já resolvi tudo... – Cláudio encaminhou-se para a porta e, escancarando-a, chamou por Guildenstern.

Rosencrantz acompanhava o cavaleiro chamado e, antecipando-se a ele, perguntou:

– O que houve, milorde? Aparentas grande preocupação...

– Depressa, os dois, reúnam alguns outros homens e busquem Hamlet.

– O que fez ele agora, milorde? – preocupou-se Guildenstern.

– Assassinou Polônio e agora anda sabe-se lá por onde, arrastando o cadáver para escondê-lo. Depressa! Encontrem-no! Não temos tempo a perder!

Os dois cavaleiros se afastaram precipitadamente, Rosencrantz adiantando-se ao companheiro, gritando ordens e convocando soldados ao longo dos corredores do castelo.

– O que será de nós, milorde? – indagou a rainha, esfregando nervosamente as mãos uma na outra, consumida por grande tensão.

– Temos que agir rapidamente para impedir que o crime nefando de vosso filho nos alcance com a calúnia e nosso nome seja maculado pelo reino.

II

Como que por encanto, Elsinore encheu-se com o alvoroço operoso de Rosencrantz e Guildenstern e um numeroso bando de soldados e cavaleiros, a escuridão de corredores e escadarias devassada pela luminosidade tremeluzente de pesados archotes, o silêncio sucumbindo sob a atropelada correria de quase uma centena de homens. Espadas e alabardas retiniam pela labiríntica construção, os gritos de alguns arrastando o numeroso grupo de um extremo a outro, ao longo da muralha, para as profundezas apavorantes das masmorras ou para os pináculos mais sombrios das torres do castelo, por muito tempo, sem proveito algum.

Era como se Hamlet simplesmente tivesse desaparecido em pleno ar.

Os pesados portões de Elsinore fecharam-se e novas sentinelas se juntaram àquelas que costumavam controlar os que entravam e saíam. Servos foram despachados pelos campos e florestas com matilhas de perdigueiros. Nobres convocados pelo casal real se reuniam a eles na capela e eram informados do ato tresloucado de Hamlet que custara a vida do antigo conselheiro. A confusão era tamanha, e por causa disso as primeiras notícias de que tropas norueguesas sob o comando do príncipe Fortinbras cruzavam o território da Dinamarca nem sequer chegaram aos ouvidos do rei e de seus principais comandantes. Com os temores de vozes mais preocupadas e nobres desconfiados das reais intenções do jovem príncipe, tudo se perdeu na insignificância atribuída a sua presença a poucos quilômetros de Elsinore.

Encontrar Hamlet era tudo que importava, e finalmente ele foi achado. Na verdade, ele se apresentou àqueles que o procuravam. Despreocupado e sorridente, caminhou ao encontro das tropas.

– Que barulho é este? – perguntou ele. – Quem me chama?

Rosencrantz foi o primeiro a alcançá-lo.

– O que fizestes com o cadáver, milorde? – perguntou ele. – Diga-nos para que possamos carregá-lo até a capela e lhe conceder um sepultamento decente.

– Nada vos direi, meu caro senhor. Como posso? Como me sujeitaria a falar com uma esponja?

Rosencrantz entreolhou-se com os outros cavaleiros e soldados e,

tornando a encará-lo, insistiu:

– Tomas-me por uma esponja, milorde?

– Certamente, senhor, daquelas que suga os favores do rei, suas recompensas, e a própria autoridade dele.

– Eu francamente não o entendo, milorde...

Uma expressão zombeteira como que iluminou o rosto de Hamlet.

– O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo. Aliás, o que é o rei? Eu vos digo: o rei é algo.

– Algo, milorde?

– Algo de coisa alguma – os olhos brilhantes e febris de Hamlet foram de um rosto ao outro, como que se divertindo com o embaraço e a perplexidade que imobilizavam todos que o rodeavam. – Levem-me até ele... – como nenhum deles se mostrava disposto a se mover, sacudiu os ombros e resolutamente gritou: – Prontos ou não, senhores, aqui vou eu!

Abriu caminho entre o numeroso grupo, forçando-os a segui-lo, suas largas passadas arrastando-os por estreitos corredores e amplos salões escuros. Em um deles encontraram o rei.

– Então, Hamlet, onde está Polônio?

O sorriso alargou-se no rosto suado de Hamlet.

– E onde mais poderia estar? – contrapôs. – No jantar...

Diante da perplexidade geral, continuou:

– Não onde está a comer, mas onde é seguramente comido. Uma poderosa assembleia de vermes políticos se ocupa dele agora...

– O que queres dizer com todo esse desvario? Onde está Polônio?

– No céu...

– Com todos os diabos, Hamlet!...

– Não acreditais em mim? Pois então mande alguém lá para ver. Eu não irei a nenhum lugar no momento e posso perfeitamente esperar. Se vosso emissário não o encontrar lá, podeis ir pessoalmente a qualquer outro lugar lá embaixo. Mas se ainda assim não o encontrar, quem sabe, com um pouco de sorte, conseguireis farejá-lo ao subir as longas e flamejantes escadas do inferno.

O rei virou-se para um grupo de soldados e servos e ordenou:

– Vão procurá-lo no local onde encontraram o príncipe!

O risinho sarcástico de Hamlet enregelou o sangue nas veias de alguns que o rodeavam e levou Cláudio a encará-lo mais uma vez, louco de raiva.

– Perdem apenas o seu tempo e desses infelizes – disse Hamlet. – Mas procurem. Posso lhes assegurar que Polônio seguramente não vai a lugar algum.

– Infelizmente não tenho alternativa. Pensando na vossa segurança, mas acima de tudo na de nosso reino, sinto-me forçado a mandá-lo embora. Portanto, preparai-vos. A embarcação que vos levará já está a sua espera no porto, e o vento favorece nossa empreitada. Aqueles que o acompanharão já estão preparados, e a Inglaterra será vosso destino.

– Que seja, então! – anuiu Hamlet com entusiasmo. – Vamos para a Inglaterra!

Afastou-se aos saltos, abraçando um e outro entre os soldados e cavaleiros que se juntavam a ele, rodeando-o em uma constrangida porém severa escolta.

Enquanto o via se distanciar, o rei virou-se para Rosencrantz e ordenou:

– Sigam-no bem de perto, ouviu? Certifiquem-se de que estará a bordo e a caminho da Inglaterra ainda nesta noite.

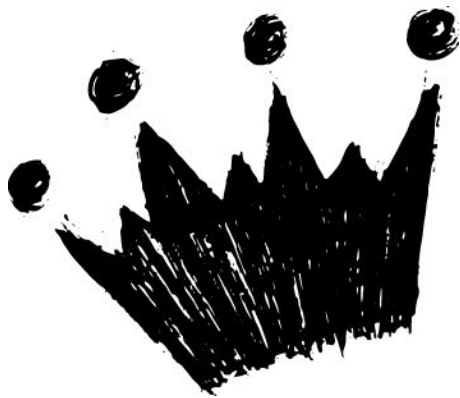
Entregou dois envelopes lacrados a Guildenstern e acrescentou:

– E assegurem-se de que estas duas cartas de grande importância cheguem seguras a seus destinatários.

Guildenstern sacudiu a cabeça e com obediência assentiu:

– Será feito, milorde.

Saiu.

A rainha o esperava na porta da capela, e ela, como todos os outros, vira as duas cartas entregues a Guildenstern. As perguntas se fizeram absolutamente desnecessárias. Tanto para ela quanto para todos os outros que acompanharam o casal real em silêncio para dentro da capela. A resposta estava no olhar de Cláudio. Na selvagem e súbita satisfação em seus olhos. Com Hamlet e seus companheiros de viagem seguindo a sua imediata condenação à morte assim que pisassem em solo inglês. Dele e até mesmo de todos que o acompanhavam.

Capítulo Oito

Oh, céus! É possível que o juízo de uma jovem donzela seja
tão moribundo quanto a vida de um velho?

I

O formidável exército do jovem príncipe norueguês Fortinbras passara por longos e tensos quatro dias através do reino, e por todos aqueles dias reinou uma grande expectativa no coração tanto de nobres quanto da população do país. Muitos, não sem uma certa razão, temeram que sua alma inquieta e ainda rancorosa se deixasse dominar por antigas paixões e desejos recentes de vingança, ou mesmo que a propalada guerra contra a Polônia não passasse de um engodo e que seu verdadeiro objetivo fosse aquele que o mobilizara desde o início a recrutar aqueles milhares de homens nos quatro cantos da Europa: recuperar os territórios perdidos para o rei Hamlet da Dinamarca e vingar a morte de seu pai.

Sob dezenas de bandeiras e estandartes reconhecidos e temidos por mais campos de batalhas do que qualquer um conseguisse se lembrar, flibusteiros batavos se juntavam aos mortíferos arcabuzeiros da Boêmia, seguiam a vigorosa cavalaria lombarda e pequenos exércitos constituídos de arqueiros bávaros, alabardeiros flamengos e suíços, e mercenários oriundos dos recantos mais distantes dos Cárpatos e da

Transilvânia. Uma intimidante máquina de guerra que tirou o sono de cada habitante do reino, até que o último deles cruzou a fronteira a caminho da Polônia.

Infelizmente, nem Cláudio nem a rainha conseguiriam respirar tranquilos depois disso, pois as misteriosas circunstâncias que cercavam tanto a morte quanto o rápido sepultamento de Polônio lançariam mais uma vez boa parte do reino contra o casal real. Imediatamente retornariam idênticas suspeitas relacionadas à morte do antigo rei, e a elas se somariam outras tantas envolvendo o súbito desaparecimento do jovem príncipe Hamlet. Os boatos sobre conspirações palacianas reavivariam no coração da população um crescente sentimento de revolta contra o novo casal real, que se materializaria em pequenas explosões de violência cada vez mais frequentes país afora. Entre os muitos que se rebelavam naqueles dias, um era Laerte, filho do velho conselheiro morto, que voltara de modo precipitado da França e, nos dias que se seguiram, amealhara apoiadores e a simpatia de parte da população, que celebravam o filho sedento de vingança e um provável pretendente ao trono dinamarquês.

"Laerte deve ser rei!"

"Laerte rei!"

Os gritos se elevavam de multidões cada vez maiores e o clima de medo e suspeita só fazia crescer em Elsinore, com o próprio rei se cercando e confiando bem mais em sua guarda suíça do que no próprio exército dinamarquês. Não obstante seus temores, Cláudio se surpreendeu quando viu o castelo invadido por Laerte e um numeroso grupo de cavaleiros dinamarqueses.

– Onde está o rei? – gritou ele, que, irrompendo porta adentro, rumou para a figura acovardada de Cláudio.

Entrincheirado atrás de uma pesada mesa, o rei empertigou-se orgulhosamente, esforçando-se para aparentar calma.

– Qual a causa de tua rebelião, Laerte?

– Onde está meu pai?

– Morto.

– Decerto não pelas mãos dele, ou estou enganado?

– Laerte...

– Como ele morreu? Não ouse mentir para mim nem apelar a lealdades, juramentos e respeitos neste momento totalmente

descabidos! Nada temo. Venha o que vier, nesta hora só me interessa vingar a morte de meu pai.

– Quem poderia conter-te?

– Nem o mundo inteiro, mas apenas a minha vontade...

Como que a recobrar sua calma e sangue-frio, Cláudio abandonou o esconderijo atrás da mesa e aproximou-se vagarosamente de Laerte.

– Acalma-te e aplaca tua vingança para que ela não te cegue. Não arraste todos de maneira indistinta para teu ódio e desejo de sangue...

– Somente os inimigos de meu pai...

– Agora falas como um bom filho e um verdadeiro cavalheiro. Saibas que não tenho culpa alguma na morte de teu pai e que ela me entristece até hoje...

O rei calou-se bruscamente quando um grande tumulto se instalou entre os cavaleiros dinamarqueses que vigiavam a porta.

– Que barulho é este? – perguntou Laerte, calando-se em seguida, pasmo de surpresa ao ver a irmã esgueirar-se por entre os corpos que se engalfinhavam, tentando impedi-la de entrar. – Meu Deus, Ofélia, o que aconteceu contigo?

Não a reconheceu. Aquela figura transtornada e de olhos esbugalhados, a palidez cadavérica assombrosa, em nada se assemelhava à irmã que deixara pouco tempo antes.

– Por Deus, Ofélia... – gemeu, o peito oprimido por uma dor angustiante, aproximando-se mas hesitando em tocá-la, estreitá-la em um abraço interminável. – O que houve contigo? É você mesmo, Ofélia?

Não podia acreditar nos próprios olhos. Lágrimas, muitas, sofridas, escorreram pelo rosto, ele tentando contê-las com as costas das mãos, o ódio aumentando à medida que, vencendo os próprios temores, a culpa imanente, finalmente a abraçou.

"Com o caixão aberto seu cortejo partiu/Ai, ai, que dor!.../E quando em sua sepultura uma chuva de lágrimas caiu/Que horror!/ Pobre pombinha, ficou sozinha..."

Um canto triste, na verdade, débil fio de voz, movia seus lábios, os olhos vidrados, febricitante loucura que não permitia esperança ou dúvida alguma, a alma gentil e delicada que habitava aquele corpo partira, substituída por uma alma vazia, uma criatura cada vez mais distante, prisioneira de um mundo todo seu, onde aquele sofrimento descomunal que levara sua sanidade não mais a alcançava.

– Ah, Ofélia... – gemeu Laerte, rilhando os dentes, cheio de irritação. – Eu não preciso mais de outras razões para justificar minha vingança...

"... Ele se foi, nunca mais voltará/Tinha a barba branca como a neve/Quem por ele chorará?/que Deus o tenha e leve..."

– Ela está assim desde que o pai morreu, meu bom Laerte – informou Cláudio, achegando-se com passos curtos e receosos. – Talvez não haja muito o que possamos fazer, mas se nos julgar culpados de tão grande desgraça, eu e a rainha abriremos mão de nosso reino, de nossa coroa, até mesmo de nossas vidas e de tudo o que chamamos de nosso para a tua satisfação...

– O modo indigno como meu pai foi enterrado, as circunstâncias que levaram a sanidade de minha irmã... por enquanto todos são culpados, pois suspeito de tudo e de todos.

– É o que deves fazer...

Laerte o alcançou com um demorado olhar de raiva e intensa desconfiança.

– É o que farei...

– ... e que o grande machado caia onde houver culpa.

II

Nuvens negras desprenderam-se da desolada e fria amplidão de um mar inesperadamente hostil ainda quando amanhecia e o sol só era percebido em uma luminosidade baça e fugidia. Avançaram como um gigante ameaçador, mãos imensas apossando-se do fraco azul daqueles últimos dias de um outono que se perdera na última visão da costa dinamarquesa dois ou três dias antes. Naquele momento, em qualquer direção que olhassem, havia apenas o mar que os rodeava, a amplidão borrascosa varrida por ventos cada vez mais violentos que sopravam do norte desconhecido. Enquanto Rosencrantz e Guildenstern se recolheram aos aposentos improvisados na proa da embarcação, Hamlet insistira em continuar debruçado a bombordo, alheio à mudança do tempo e ao vaivém atarantado da tripulação e até mesmo despreocupado com o que o esperava em sua chegada à Inglaterra. Na solidão da tempestade que se avizinhava, a desconfiança animava seus

pensamentos.

Desde que embarcara, via na repentina viagem uma evidente sentença de morte e apenas não sabia se seus companheiros de viagem seriam também os seus algozes. Há muito tempo despojara-se de quaisquer ilusões de que os dois ainda fossem os amigos de infância e companheiros de aventuras e de desregramento dos tempos mais felizes de uma adolescência que se fora com a morte abrupta e misteriosa do pai. As vozes e as fisionomias eram as mesmas, mas algo mudara e entrevia com facilidade aquela mudança em seus gestos, olhares e até na adulação de palavras exageradamente amistosas e servis. Imaginava que a lealdade de ambos fora comprada a alto preço e que estava de forma efetiva a serviço do novo rei fratricida. Cláudio se tornara senhor de suas vidas e, por causa disso, mentor de cada gesto ou ação de ambos.

Nem um nem outro escapavam de seus olhos atentos. Até então acreditava que conseguira dissimular toda a desconfiança que sentia por eles. Não dormia, mas nesse caso seus motivos eram bem outros. A morte o acompanhava ou o esperava na Inglaterra e, solidamente refugiado em sua solidão, entregava-se a buscar modos e maneiras de dela escapar e ao mesmo tempo de retornar à Dinamarca para consumar sua vingança. Nada mais importava, nem a própria existência.

Existir a troco de quê?

Para quê?

Nada mais ambicionava além de consumar sua vingança. Nada havia depois de tal momento. Os dias, meses e anos eram um grande vazio e não pensava neles. Por vezes acreditava que não suportaria a dolorosa prisão do tempo mais do que o que teria até aplacar aquele ódio que pesava de forma absurda em seu coração.

“Sobrevenha a morte e me livre de tanto sofrimento...”

A vida nada mais era do que o instrumento de sua vingança, e depois que desejo e maldição se tornassem uma coisa só, acalmando sua alma torturada, não se via arrastado à marcha torturante de um tempo indesejado e sem sentido algum.

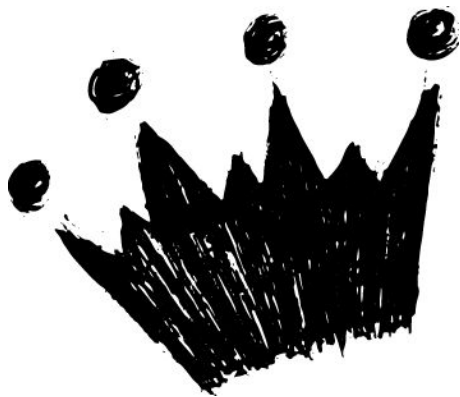
“Morrer será uma bênção...”

A frase desfez-se em seus lábios, substituída por um esgar de espanto, ao ouvir Rosencrantz gritar seu nome...

– Hamlet! Hamlet!

Virou-se, agarrado ao cabo da espada que já desembainhava, acreditando que afinal de contas os dois seriam os seus assassinos, mas sua surpresa foi ainda maior ao entrever uma segunda embarcação arremetendo com velocidade contra a amurada sobre a qual estava debruçado. O violento abalroamento o lançou contra alguns fardos de mercadorias, e em seguida seu corpo foi arremessado para o alto, estatelando-se na proa daquele que rapidamente descobriria tratar-se de um navio pirata.

Completamente zonzo, o sangue escorrendo do alto da cabeça e dificultando-lhe a visão, claudicou por uns poucos passos, tentando ficar de pé, antes de mais uma vez esparramar-se no meio de vários homens que lhe apontavam várias lanças e espadas.

Eram os piratas. Tornara-se prisioneiro deles.

Capítulo Nove

Oh, que dessa hora em diante meus pensamentos sejam sanguinários, ou de nada valham!

I

A chegada de Rosencrantz e Guildenstern à Inglaterra constituiu-se em empreitada das mais arriscadas depois que sua embarcação foi abalroada em pleno Mar do Norte por um navio pirata. Seriamente avariado, em mais de uma ocasião estiveram a ponto de naufragar e parte da carga que transportavam teve de ser jogada ao mar. Medo permanente acompanhou-os ao longo de todo o trajeto, pois temia-se que, sabedores de que não possuíam meios de se defender e tripulação reduzida, os piratas voltassem. No entanto, nada deixava os dois cavaleiros mais intranquilos do que as explicações que teriam que dar por conta do desaparecimento de Hamlet. Um dos marinheiros que o vira estatelar--se no convés do navio pirata assegurara que ele fora capturado, mas estava incólume e aparentemente sem ferimentos.

– Não te preocupes, meu amigo – disse Rosencrantz. – Assim que souberem quem ele é, aqueles piratas terão o maior interesse em tratá-lo bem.

– Acreditas que pedirão resgate por ele? – preocupou-se

Guildenstern.

– Não tenho a menor dúvida.

– E se eles o matarem?

– Seriam tolos se o fizessem, mas se o matarem acreditas mesmo que o rei lamentará muito?

Depois de costearem a região de Holderness e alcançarem o estuário do Ouse, a embarcação em que viajavam ancorou no pequeno porto de Cleethorpes, onde foram recebidos por um nobre local e pelo menos duas dezenas de soldados.

– Achas prudente entregar-lhes a documentação que Sua Alteza nos confiou? – perguntou Guildenstern logo depois que Rosencrantz entregou as duas cartas lacradas que carregava ao velho cavaleiro que os recepcionara.

– Minhas ordens eram de entregá-las à primeira autoridade que nos recebesse – respondeu Rosencrantz, sorrindo despreocupadamente. – Devem ser cartas de apresentação...

Guildenstern relanceou o pequeno grupo de soldados que acompanhavam o nobre que se aproximava, as cartas nas mãos. Aparentemente preocupado, admitiu:

– Não estou gostando das feições dessa gente...

– Bobagem! Estás te preocupando à toa... – Rosencrantz sorriu para o velho cavaleiro e indagou:

– Então, milorde, nossos papéis estão em ordem?

– Absolutamente – respondeu o nobre, antes de apontar de modo repentino para os dois e ordenar: – Matem-nos!

As espadas dos soldados precipitaram-se sobre os dois cavaleiros sem lhes dar oportunidade de defesa.

– Podemos averiguar com a tripulação do navio, milorde – informou seu interlocutor –, mas apenas esses dois desembarcaram.

– Ah, esqueça! As ordens eram para executar os portadores das cartas, e foi o que fizemos.

II

Mais uma vez Laerte alcançou o rei com o seu olhar e por uns instantes nada disse, mas permaneceu no mesmo silêncio questionador

e absolutamente desconfiado que durante um bom tempo acompanhou a narrativa sobre todos os acontecimentos que abalaram a Corte em Elsinore. Descrença mais ou menos evidente. Ceticismo.

Como poderia ser diferente?

Estava diante de alguém obviamente merecedor de pouca confiança. Não, de maneira alguma se fiava apenas nos muitos boatos que circulavam sobre Cláudio na Corte muito antes da misteriosa morte do antigo rei Hamlet e de seu ainda mais surpreendente casamento com a rainha viúva e sua cunhada. O novo rei sempre fora um pária no seio da própria família, e não fossem um sem-número de circunstâncias das mais fortuitas – falecimento de outros irmãos ou herdeiros do trono e, por fim, do próprio rei, seu irmão – jamais teria sido sequer cogitado ou imaginado como ocupante do trono real na Dinamarca ou em qualquer lugar, mesmo um simples condado. Notório covarde, afastado dos campos de batalhas ou dos cargos mais importantes no governo, desprezado pela nobreza e ignorado pelo próprio povo, ao longo dos anos frequentara os muitos comentários e observações que Polônio fizera de maneira reservada ao filho, quase sempre desabonadores. Era única e exclusivamente em tudo o que ouvira do pai que Laerte se fiava para ouvir o longo e por vezes estrambótico relato de Cláudio.

– E se tudo o que me relataste é a mais pura expressão da verdade, por que não tomaste qualquer providência mais rigorosa contra tais atos criminosos, milorde? – questionou em dado momento. – Estaria em vosso direito...

– Talvez não compreenda ou considere meus motivos por demais frágeis, Laerte – disse o rei. – Em tudo o que faço e que esteja relacionado a Hamlet, sempre tenho que levar em conta sua mãe. A rainha praticamente vive em função dele. Sempre foi assim, mas desde que nos casamos, talvez atormentada por sua consciência, fustigada de maneira contínua pelas recriminações de Hamlet, que nunca escondeu sua aversão a mim e passou a vitimar nossa união com toda sorte de insinuações maldosas, ela se submete mais docilmente aos seus caprichos e despropósitos. Eu a amo muito e fiz o possível e o impossível para não a magoar, o que decerto aconteceria se eu tomasse alguma posição de força contra ele. Por outro lado, como bem sabeis, o jovem príncipe goza de enorme popularidade entre o povo, e um julgamento público de seus atos, mesmo que fosse o assassinato de

vosso pai, implicaria consequências que apenas nos dividiriam e porventura facilitariam as intenções muito pouco amistosas de alguns de nossos inimigos. Estou certo de que não preciso vos lembrar de que, por exemplo, neste momento um forte contingente do exército norueguês atravessa nosso território comandado nada mais nada menos do que pelo jovem príncipe Fortinbras...

– E por causa de tais implicações políticas eu devo me resignar com a perda de meu nobre pai? Acaso devo fechar os olhos ao fato de que o grande desespero causado por sua morte e o envolvimento de minha irmã com aquele louco a levou igualmente à loucura?

– Decerto que não, meu fiel cavaleiro! – respondeu Cláudio de forma enfática, calando-se ao ver um dos servos entrar na companhia de um mensageiro. – O que está acontecendo?

– Trago mensagens de Lorde Hamlet, Vossa Alteza – informou o recém-chegado. – Duas cartas. Uma para Vossa Majestade e outra para a rainha.

Laerte e o rei se entreolharam, absolutamente surpreendidos.

– De Hamlet? – Cláudio estava pálido, lábios trêmulos e aparentando dificuldades em articular as poucas palavras que conseguia dizer. – Quem as trouxe?

– Dois marinheiros, milorde. Não cheguei a vê-los, mas Horácio os recebeu e me pediu que trouxesse as cartas.

Cláudio dispensou o mensageiro e mãos nervosas romperam o lacre da carta a ele destinada.

– Vossa Alteza não me falou que o mandou para a Inglaterra com Rosencrantz e Guildenstern?... – lembrou Laerte, mais uma vez desconfiado.

– Pois assim o fiz...

– Então como explica essa volta?

– Aparentemente ele encontrou alguma maneira...

– A troco de quê?

Cláudio ainda lia a carta enquanto respondeu a Laerte:

– Ele não diz muita coisa. Apenas pede a minha permissão para vir à minha presença. Quer contar pessoalmente as razões de seu súbito e muito estranho retorno.

– Estranho...

– Ainda mais com o exército norueguês no reino.

– Acredita que ele iria tão longe?

– Que sei eu? O que podemos esperar de um louco?

– Realmente...

– Não faço a menor ideia do significado de tudo isso. Ele pouco diz sobre Rosencrantz e Guildenstern. Os dois também teriam voltado? Ou nada disso é crível, a começar por esta carta, e tudo não passa de um embuste?

– A letra é dele?

– É. Eu a reconheceria mesmo que dispusesse de um único olho. Aparentemente ele está só, pois no *post scriptum* ele mesmo diz "sozinho". O que achas?

– Também estou bem confuso, milorde. De qualquer forma, deixe que venha. Eu, de minha parte, sinto meu coração aquecer-se na expectativa de poder olhar dentro dos olhos dele e dizer: "Foste tu!".

– Se assim desejas, Laerte, permita-me que o guie.

– Não me oponho, milorde, desde que não tente me induzir a fazer as pazes com ele.

– Compreendo e respeito vosso motivo, Laerte, e saibais que o considero justo e sensato. Mas em tudo devo ser cauteloso, pois, como já vos disse, amo muito a mãe de Hamlet, e se penso em ajudá-lo também tenho que levar em consideração os sentimentos de Gertrude. Tudo deve transcorrer de tal maneira que seja encarado como acidente e, portanto, sem que a rainha possa culpar qualquer um de nós.

– Nada me oponho, desde que venha a ser colocado como protagonista de tão justo empreendimento.

– Serás, não te preocupe, serás...

– Em que pensas, milorde?

– Notória é vossa reputação em determinada habilidade. Dizem-no verdadeiramente brilhante, e nada provoca tanta inveja em Hamlet do que tais comentários.

– E qual seria essa habilidade, milorde?

– Dois meses atrás esteve em Elsinore um certo cavalheiro da Normandia que participou de um de nossos torneios. Eu mesmo lutei contra os franceses e me encantei com a sua assombrosa capacidade de combater. Nada nem ninguém conseguia arrancá-lo da sela, e isso me fez desfazer-me em sinceros elogios...

– Decerto é Lamond. Eu o conheço bem.

– Pois esse tal de Lamond também o conhece, visto que me confidenciara nutrir grande admiração por ti.

– Realmente, milorde?

– Ele insistiu que nunca vira alguém tão absolutamente dotado de excepcional maestria na arte e no exercício de se defender, em especial com seu florete. Os esgrimistas do país dele, disse e repetiu várias vezes, não tinham a vossa agilidade, e por fim concluiu que seria um verdadeiro acontecimento se um dia surgisse alguém que a ti se equiparasse em agilidade e destreza. Hamlet estava presente e foi perceptível a todos como tais comentários o envenenaram com tamanha inveja, ao ponto de, em dado momento, ele afirmar que estava ansioso por sua volta a fim de desafiá-lo. A questão, portanto, é...

– Traga-o e eu cortarei o pescoço daquele assassino na igreja!

Mal ouviu tais palavras e o rosto de Cláudio cobriu-se com brilhante máscara de satisfação.

– Pois bem – principiou –, agora que sabemos que Hamlet está de volta, preparemo-nos para que tenhas vossa vingança e o reino recobre a paz de que tanto necessita. Faremos saber ao invejoso que também retornastes da França e acrescentarei a dose certa de elogios a tal informação, instando meus mensageiros a louvar ainda mais sua habilidade e destreza com o florete até que, como bem sei, já que o conheço à perfeição e o quanto a inveja envenena com facilidade sua alma desvairada, ele o desafie. Tão cego estará que se despreocupará da escolha da arma adequada e tranquilamente vós podereis matá-lo e assim vingar a morte de vosso pai e ao mesmo tempo restaurar o bem-estar e o sossego a esta Corte.

– É o que farei. Asseguro-vos que ele não sairá vivo desse combate. Cuidarei pessoalmente desse detalhe, pois trago comigo um unguento adquirido na França capaz de, com um simples arranhão, envenenar minha vítima. Vou molhar a ponta da minha espada nesse veneno e, ainda que com um pequeno corte, decretarei o fim de Hamlet.

– Brilhante, Laerte! – saudou o rei, com entusiasmo. – Mas nada deve ficar ao acaso em nossos planos e devemos estar prevenidos contra qualquer imprevisto...

– Hamlet não me vencerá!

– Acredito, com certeza que acredito. De qualquer forma, caso seu veneno não surta o efeito esperado, acrescentarei algo extra...

– Como o quê?

– Tais combates costumam levar os contendores a sentir calor e,

consequentemente, sede. Com certeza Hamlet pedirá uma bebida, e já estarei preparado para essa possibilidade com um cálice transbordando de um veneno tão poderoso que apenas um gole bastará para consumir-lhe a vida. Caso vossas estocadas venenosas não consigam, meu veneno certamente o fará.

Um risinho de escárnio levou Cláudio a regozijar-se consigo mesmo e com a astúcia que demonstrava diante de um problema que pelas circunstâncias unia ambos. Laerte sabia muito bem disso e não guardava a menor ilusão de que poderia confiar nele muito mais tempo depois que Hamlet estivesse morto.

– Faça como quiser – disse simplesmente, calando-se quando a porta da sala se abriu de maneira brusca e a rainha entrou.

– O que houve, Gertrude? – perguntou o rei, achegando-se a ela.

– Um infortúnio, meu rei… – respondeu a rainha, a apreensão no olhar que ia de um para o outro e por fim fixou-se com crescente constrangimento em Laerte.

– A que se refere? Vamos, mulher, fale. Este teu silêncio está me deixando muito preocupado…

– É Ofélia…

Laerte empalideceu.

– O que tem ela? – perguntou.

– Alguns camponeses acabaram de encontrá-la no rio…

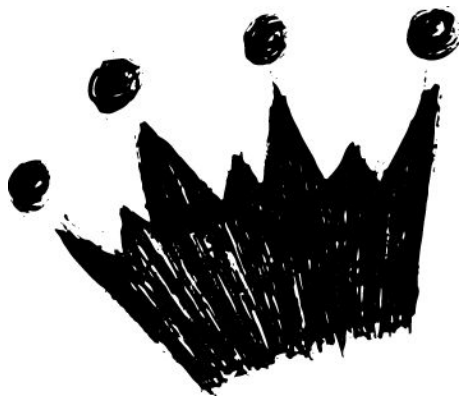
– Como assim? O que houve? Por Deus, milady, fale!

– Eles não sabem bem o que aconteceu. Um deles diz que a tinha visto empoleirada em um dos galhos de um salgueiro quando passou por lá pela manhã…

– Oh, não, Ofélia…

– … ao que parece, o galho se quebrou e ela caiu dentro d’água.

– Ela afogou-se?

– Lamento, Laerte, mas ela se afogou…

Capítulo Dez

Boa noite, doce príncipe. Que anjos em revoada cantem
para o teu descanso!

I

A chuva caía fina, mas bem persistente. No mundo vazio e silente do cemitério, ausentava-se até mesmo a dor da perda, o choro dos que lamentam, o chap-chap de passos na lama pegajosa e escorregadia. Naquele melancólico instante, sobreveio um laivo de sanidade de alguém que seguramente, se pudesse escolher, preferiria a mansidão do alheamento que se estabelece com a loucura.

Impossível. Hamlet sabia com exatidão onde estava. Naquele instante os tambores da realidade ribombavam no horizonte sombrio de sua existência. Não que o esperasse, ou mesmo desejasse; nem sequer olhava para trás.

Para quê?

Mais dor, maior e inescapável melancolia. Talvez a pergunta mais adequada, e por isso mesmo mais assustadora, fosse: valera a pena?

Horácio o acompanhava desde que desembarcara da nau que o trouxera de um porto distante ao sul de Elsinore. Sua preocupação apenas aumentava à medida que tomava conhecimento dos últimos

acontecimentos na Corte, mas sem sombra de dúvida nada destroçara mais sua alma do que a informação de que Ofélia estava morta.

Culpava-se por gestos, mas se martirizava acima de tudo por palavras, repetindo recriminações que desapareciam de forma abrupta quando a sanidade cedia lugar àquela loucura intermitente, talvez conveniente como derradeiro refúgio de uma culpa devastadora.

Contrariando suas recomendações, Hamlet insistira em visitá-la mesmo que fosse unicamente no cemitério onde ela, e antes dela o pai, o velho conselheiro Polônio, também fora enterrada. Dois coveiros abriam nova cova e pareciam de tal maneira absortos na tarefa que nem sequer se aperceberam da presença de ambos ou simplesmente não lhes deram a menor importância, enquanto um deles se entregava a uma canção jocosa...

"Quando jovem, eu amava e amava,
Pensava que era uma doçura,
E a qualquer chance, ah... ao dever faltava,
Oh, eu achava uma loucura."

– Será que esse homem não tem consciência do trabalho que faz? Está cantando... – observou Hamlet, voz arrastada, a expressão cansada do rosto aparentando alguma contrariedade.

– Vai-se saber – disse Horácio. – Quem sabe a morte já se tornou uma grande rotina para ele e tanto faz quem vai ocupar a cova que abre...

– Talvez seja isso mesmo. A mão que pouco trabalha tem tato mais sensível e talvez confira grande importância ao que praticamente ao acaso se faz e se desfaz...

Por fim, um dos coveiros parou de cavar e com um sorriso zombeteiro perguntou:

– Interessa-vos a modesta moradia, milorde?

– De quem é essa cova? – contrapôs Hamlet.

– Por enquanto, podemos dizer que é minha...

– Decerto, porque estais dentro dela...

– Muito perspicaz, milorde...

– ... mas ela certamente é para quem já se foi e não para quem ainda está. Portanto, mentes.

– Mentiras, verdades, quem se importa, milorde? Tudo morre, tanto eu quanto o senhor.

– Quem será enterrado aí?

O coveiro balançou os ombros com indiferença.

– Alguém que até há pouco foi mulher, mas que sua alma descanse em paz, hoje está morta.

– Aparentemente não te abala essa proximidade da morte. Há quanto tempo és coveiro?

– Sou coveiro praticamente desde que nasci, e lá se foram trinta anos. Para mim, resulta tudo na mesma coisa. Aqui recebemos clientela variada e, no fundo, até o mais grandioso torna-se nada – de repente o coveiro estendeu a mão na direção de uma sepultura vizinha e já fechada, e dela trouxe um crânio que lhe servia de lápide anônima. Exibiu-o para Hamlet e disse: – Este crânio mesmo, milorde, era de Yorick, o bobo da Corte do rei...

– Yorick? – indagou Hamlet, com evidente desconfiança e incredulidade, pegando o crânio.

– Ele mesmo...

Hamlet contemplou o crânio com indisfarçável desencanto e repugnância.

– Pobre Yorick!... – balbuciou. – Você acredita, Horácio? Eu o conheci. Um mestre em seu ofício, um dos poucos com coragem e autoridade para se dirigir ao rei em termos que custariam a vida a outros, senhor de infinitas galhofas e da mais sedutora simpatia...

Um arrulhante rumor de vozes e passos avançava atrás de Horácio, que, apreensivo, se achegou a Hamlet e sussurrou:

– Melhor sairmos daqui, milorde. A comitiva real se aproxima!

– Mas Ofélia... – protestou Hamlet.

– Não agora, não agora... – Horácio retirou o crânio de suas mãos e o atirou para um dos dois coveiros, empurrando o príncipe, que resistia e insistia em ficar onde estava.

– Mas o que estão fazendo aqui?...

– Não faço ideia...

– O que estão dizendo? – Hamlet parou, e, vendo-se incapaz de fazê--lo prosseguir e ambos saírem do cemitério, Horácio buscou refúgio atrás das lápides de algumas sepulturas.

A voz tonitruante de Laerte misturava-se a outras tantas e à persistente cantoria de um dos coveiros. Mesmo assim foi possível ouvi-lo quando perguntou de maneira interessada:

– Mais alguma cerimônia?

O mais velho dentre os vários padres que acompanhavam a

comitiva real explicou:

– As obséquias foram estendidas tanto quanto nos foi permitido, dada a suspeita de que vossa irmã se suicidou. Não fossem as ordens expressas de Sua Majestade e do senhor bispo, seguramente ela seria sepultada em solo profano, coberta apenas de pedras e sem as exéquias necessárias a uma boa alma cristã.

– E não há realmente mais nada a ser feito?

– Lamentavelmente não, milorde. Não sem que arriscássemos profanar o funeral daquelas almas que partiram em paz cantando um réquiem para Lady Ofélia.

Laerte irritou-se.

– Sendo assim, então coloque-a simplesmente na terra! – rugiu. – Decerto que de sua pura e imaculada carne nascerão violetas! – Virando-se para os coveiros, bracejou de forma vigorosa e ameaçadora, obrigando-os a se afastar para que se atirasse dentro da cova aberta. Fuzilando o religioso com o olhar, gritou: – Vamos, seu grosseirão, enterre este vivo com a morta! Eu te asseguro que Ofélia estará no ministério dos anjos quando tu estiveres uivando nas profundezas do inferno!

Calou-se, surpreendido, ao sentir-se repentinamente coberto por grande vulto que afugentou o casal real e a comitiva de padres e nobres que os acompanhavam, levando-os a recuar de forma atabalhoada, uns caindo sobre os outros. Levantando a cabeça, reconheceu Hamlet, que repetia o nome de Ofélia aos gritos, e por fim se lançou para dentro da cova.

– Maldito seja, Hamlet! – vociferou Laerte, atracando-se com ele. – Que o Diabo leve tua alma!

Engalfinharam-se, Laerte estreitando-lhe o pescoço entre as mãos furiosamente crispadas, e Hamlet esmurrando-o e estapeando-o com igual violência, grunhindo uma confusa profusão de palavrões e ameaças.

– Por Deus, separem esses dois! – suplicou o rei, enquanto continha a rainha, que esperneava e lutava para se libertar de seu forte abraço, ao mesmo tempo que repetia desesperadamente o nome do filho.

Horácio e um numeroso grupo de cavaleiros e servos engalfinharam-se com os dois violentos contendores.

– Eu amava Ofélia! – protestou Hamlet em mais de uma ocasião, esmurrando às cegas. – O que vieste fazer aqui, seu covarde? Vieste

apenas choramingar?

– Eu vou matá-lo, Hamlet! – berrou Laerte. – Foi isto que vim verdadeiramente fazer aqui!

– Qual a razão para me tratar desta maneira, nobre Laerte?

– Vou matá-lo!

Por fim os dois foram separados.

– Que assim seja! – assegurou Hamlet, saindo do cemitério na companhia de Horácio.

Entreato

Estandartes se multiplicavam e drapejavam orgulhosa e vigorosamente na vastidão da chuvosa e lamacenta planície dinamarquesa. Aos vários brasões de poderosas famílias reconhecidas da aristocracia norueguesa se somavam aqueles que identificavam os muitos contingentes de tropas mercenárias que os acompanharam na vitoriosa campanha polonesa, e aqueles arrebatados de cidades pilhadas e exércitos derrotados no antigo território da lendária Liga Hanseática. Trombetas e tambores estrondeavam em todas as direções, anunciando a campanha gloriosa e antecipando a longa procissão de carroças transbordantes do generoso butim amealhado dos vencidos. Multidões iam se juntando ao poderoso exército mal cruzava a fronteira dinamarquesa, e ao anoitecer do terceiro dia os embaixadores ingleses finalmente os alcançaram. Mal introduzidos na tenda do jovem príncipe Fortinbras, manifestaram a grande preocupação de todos com relação aos trágicos acontecimentos que agitavam a corte dinamarquesa, fazendo-se convincentes o suficiente para que no final da noite o até então relutante herdeiro do trono norueguês concordasse em marchar na manhã seguinte para Elsinore.

II

O resto do dia transcorreu em tensa expectativa. As horas vazias iam aos poucos sendo povoadas por lembranças perturbadoras de um

passado angustiante e tumultuado, e adquiriam novos e trágicos personagens, muitos deles vitimados pela loucura crescente de Hamlet. Logo chegaria uma hora de paz, disse ele para si mesmo, misterioso, inquietando Horácio, que ao longo do mesmo dia o acompanhou na solidão do castelo.

Elsinore se revestiu de sobrenatural quietude, corredores desertos, salões amplos cedendo aos poucos sua claridade a uma semipenumbra perturbadora e através da qual Hamlet se juntava aos incontáveis fantasmas de uma loucura inesperadamente vencida por uma insólita lucidez. A lucidez ambicionada do fim, repetiu em duas ou três ocasiões. Ofélia seria o pior entre tantos fantasmas e a única culpa que sinceramente carregaria enquanto assombrava os corredores e escadarias pelos quais deambulava e, rindo-se de si mesmo, assegurava ao fiel companheiro que provavelmente viria a assombrar muito em breve.

– Sobre tais assuntos, milorde, já basta! – reclamou Horácio, interrompendo-o com brusquidão. – Deveis precaverdes...

– E não é o que faço desde a morte de meu bom pai, vosso rei?

– Certamente...

– Não fosse assim, como me livraria das muitas canalhices reais de meu tio? Lembrai por acaso de que por minha imprudência ou minha audácia, não sei bem até hoje, ao entrar na cabine do comandante do navio que me levava à Inglaterra encontrei as cartas que meu tio enviava ao rei da Inglaterra, e em uma delas a ordem para que este, seu tributário, assim que me visse, decepasse minha cabeça?

– Ainda não sei como isso foi possível...

– Eu ainda a tenho – Hamlet retirou uma carta que carregava guardada à algibeira, o selo perceptivelmente rompido. – Leia quantas vezes quiser.

– Estando eu preso em uma rede de vilanias, nem tive tempo de pensar muito e, quando dei pela coisa, estava redigindo uma nova carta que substituiria a que ainda carrego, um sincero apelo do rei da Dinamarca a seu fiel tributário para que matasse imediatamente os portadores da carta, sem mesmo dar-lhes tempo para dizer qualquer palavra. A providência divina veio em meu socorro, pois eu carregava comigo uma das poucas lembranças de meu querido pai, um selo real da Dinamarca. Dobrei o manuscrito à mesma maneira do outro, assinei-o, gravei o selo e o coloquei com cuidado no lugar do original,

sem permitir que qualquer um percebesse ou suspeitasse da troca.

– Então Guildenstern e Rosencrantz estão mortos, meu senhor?

– Asseguro-lhe que sim. E, se quer mesmo saber, não pesam em minha consciência. Eles venderam a nossa antiga amizade por preço vil àquele que matou meu pai, prostituiu minha mãe e se intrometeu na minha proclamação ao trono, levando junto todas as minhas mais fundamentadas esperanças. Não é perfeitamente adequado e compreensível que eu busque vingança contra ele?

– Muito em breve o rei da Inglaterra lhe comunicará que cumpriu à risca o que lhe foi solicitado na correspondência real que recebeu...

– Francamente, não me importo. Tudo o que realmente me dói a alma é o infortúnio ao qual arrastei a minha amada. Ofélia e Laerte não mereciam o destino que reservei para ambos. Eu a amava de maneira sincera e verdadeira, e dele sempre cortejei a amizade.

Subitamente, Horácio o interrompeu com um gesto e, apontando para a escuridão adiante, perguntou:

– Quem vem lá?

A figura opulenta e balouçante de um homem de pequena estatura e ralos cabelos vermelhos emergiu do negrume até então silencioso e aproximou-se, expressão grave e firmemente agarrado a um chapéu enfeitado com uma longa pena verde.

– Que sua senhoria seja muitíssimo bem-vinda em seu retorno à Dinamarca, milorde – disse ele, inclinando a cabeça de modo reverencioso.

– Quem é? – quis saber Hamlet, mantendo-o fixamente ao alcance de seus olhos. De pé a seu lado e acompanhando a aproximação do recém-chegado com olhos atentos e desconfiados, Horácio respondeu:

– Seu nome é Osric, um grande proprietário de terras aliado de vosso tio...

Hamlet sorriu para Osric quando este parou à sua frente.

– Sois o meu comitê de recepção, senhor? – indagou Hamlet.

– Trago uma mensagem de Sua Majestade... – respondeu Osric, perceptivelmente pouco à vontade.

– Meu pai? – Hamlet fingiu espanto.

– Sei que o senhor não é ignorante, milorde...

– Que bom que sabeis. Pois bem, o que afinal de contas dizeis?

– Tendo testemunhado a viva discussão entre Sua Excelência e o jovem Laerte, e preocupado unicamente com seu bem-estar, mas

igualmente compreendendo a justeza da demanda do filho de seu fiel conselheiro Polônio e irmão da bela Ofélia...

– Por Deus, homem, vossos bolsos deveis estar vazios agora, já que gastastes todas as palavras de ouro que tinhas. Diga de uma vez a que viestes!

– Não sois ignorante a respeito da perícia de Laerte no manejo da arma. Aliás, é voz corrente de que ninguém é páreo para ele neste quesito...

– E qual é a arma dele?

– Florete e adaga.

– Então são duas armas.

– Realmente, milorde.

– E a troco do que estamos tendo esta conversa, bom Osric?

– Preocupado que haja um inútil banho de sangue na Corte e em dirimir as divergências existentes entre ambos, nosso rei propôs, e o nobre Laerte já antecipadamente aceitou, que ocorra um duelo entre vós e o jovem Laerte. Inclusive, o rei apostou com ele seis cavalos berberes, contra os quais Laerte empenhou, segundo dizem, seis floretes e seis punhais franceses, com todos os acessórios como cinto, ganchos, boldriés e assim por diante...

Um sorriso irônico materializou-se no rosto de Hamlet.

– Sua Majestade, o rei, apostou em mim?

– O rei, milorde, apostou que, em um combate de doze assaltos entre vós e Laerte, ele não conseguirá abrir uma diferença de três toques sobre o senhor...

– E Laerte se dispõe a submeter-se a vingança tão branda? Hoje no cemitério ele parecia ter grande interesse em me matar.

– Aparentemente, o rei lhe apresentou sólidos argumentos para que ele se sinta satisfeito com um duelo.

– Muito generoso da parte dele. E se eu morrer em um infeliz acidente? Bom, acredito que Laerte ficará consternado mas igualmente satisfeito, pois não?

– Assim o senhor me deixa constrangido, milorde. O que sei eu do que vai na mente e no coração do jovem Laerte?

– Nada realmente.

– O que sei é que Laerte apostou que marcará doze pontos contra nove seus, o que pode ser posto à prova imediatamente...

O sorriso alargou-se ainda mais na desbragada expressão de

deboche que se espalhara pelo rosto de Hamlet.

– Ele já está me esperando? – indagou, dissimulando grande espanto e certo receio.

– ... assim que milorde se dignar a dar-lhe uma resposta.

– E se eu disser que ele não consegue?

– Não me refiro à pontuação, milorde, mas ao fato de aceitar e se apresentar para o duelo.

– Meu bom Osric, vou terminar meu passeio vespertino pelo castelo, pois ainda estou em minha hora de descanso diário. De qualquer forma, que tragam os floretes se assim deseja Laerte, e se essa é a expectativa do rei, eu vencerei por ele, bem entendido, se estiver ao meu alcance. Caso contrário, ganharei apenas a vergonha e alguns golpes de espada.

– Devo levar sua resposta nesses termos, milorde?

– Esse é o sentido geral de minha resposta. A partir dele, o senhor está livre para dar asas a vossa imaginação.

Osric fez nova mesura e apressou-se em buscar refúgio e sumir na escuridão no fim do corredor.

Hamlet e Horácio afastaram-se em direção oposta, Horácio, carrancudo e preocupado, dizendo:

– Ele foge como um passarinho assustado, ainda com a casca do ovo presa à cabeça...

– Os tempos imorais em que vivemos estimulam a aparição desse tipo de gente, Horácio...

Não foram muito longe, até que um cavalheiro apareceu em seu caminho.

– Sua Majestade me enviou para saber se ainda é do seu desejo duelar com Laerte ou se milorde gostaria de esperar um pouco mais? – perguntou ele.

– Pois diga ao rei que continuo firmemente aferrado a meus propósitos, que, ao que parece, são também os do rei. Se ele está pronto, eu também estou, seja agora, seja quando for, desde que eu me considere tão apto quanto agora.

– O rei e a rainha e todos os outros já estão descendo para o salão.

– Fico feliz em saber.

– A rainha solicita que milorde receba Laerte com grande gentileza antes de iniciarem o duelo.

– Levarei em conta o conselho de nossa rainha.

Enquanto o cavalheiro se afastava, Horácio disse:

– Receio que irás perder essa aposta, milorde.

– Qual o quê, Horácio! Desde que Laerte partiu para a França, eu tenho praticado...

– Laerte é imbatível no florete!

– Sei bem disso, mas nem é o que mais me preocupa...

– O que o aflige, milorde?

– Não sei bem. Tem algo aqui no meu coração que...

– Se algum pressentimento o incomoda, respeite. Não te preocupes. Assim que todos chegarem aqui, vou anunciar que o senhor não está pronto.

– De modo algum! Vou desafiar tais agouros. Se minha hora for agora, não será outra. Se não for outra, será agora. Se não for agora, amiúde, será um dia. Ficarei atento...

Mal se calou e Hamlet viu a pequena comitiva constituída pelo rei e a rainha, Osric e vários cavalheiros, alguns deles acompanhados de suas esposas e filhos, e dezenas de servos que carregavam floretes e manoplas, uma mesa e jarros de vinho.

– Venha, Hamlet – chamou o rei, enquanto os recém-chegados se espalhavam pelo grande salão, Laerte já de pé a sua frente –, venha e segure a mão que ofereço a vós.

Hamlet obedeceu e submeteu-se quando ele pôs a mão de Laerte sobre a sua e prendeu ambas entre as suas.

– Conceda-me vosso perdão, milorde – disse Hamlet inesperadamente. – Perdoe-me, como cavalheiro que é. Todos aqui presentes sabem, e vós mesmo deveis saber ou pelo menos ter ouvido, que estou assolado por uma dolorosa e persistente desordem mental. Se Hamlet está fora de si mesmo, e estando nesta condição ofendeu Laerte, então, creia, não é Hamlet que o fez, e ele nega peremptoriamente. Quem o fez então? Ah, decerto a loucura. Assim sendo, qualquer um depreende com facilidade que Hamlet também pode ser visto como ofendido. A loucura é a própria inimiga de Hamlet...

– Fossem apenas meus sentimentos e diante de suas palavras, eu certamente conseguiria aplacar tudo o que até então me levava a clamar por vingança. Todavia, em termos de honra, mantenho-me indiferente aos seus apelos e não aceitarei qualquer reconciliação...

– Que assim seja, e que duelemos apenas pela aposta feita e,

portanto, sem animosidade...

Rapidamente os dois apelaram por seus florestes, e, enquanto experimentavam do seu jeito e a seu modo as armas, rei e rainha se sentaram nas cadeiras que os servos haviam trazido e se esforçavam para escolher uma melhor para que ambos testemunhassem o combate.

– Coloquem os jarros de vinho nesta mesa – ordenou o rei, apontando para a mesa disposta próxima a ele, entre seu trono e aquele ocupado pela rainha. – A cada toque de Hamlet, que os canhões disparem em celebração. A mim caberá tomar o primeiro cálice de vinho e nele colocarei uma pérola, mais valiosa do que aquela que quatro reis em sequência já ostentaram na coroa da Dinamarca. Deem-me as taças e o rei brinda a Hamlet agora. Vamos, comecem!

Os dois duelistas lançaram-se impetuosamente um sobre o outro, e não se passou muito tempo antes que Hamlet, anunciando o primeiro golpe bem-sucedido, gritasse:

– Um!

Laerte contestou e os juízes escolhidos entre os nobres presentes foram chamados para dar sua opinião, prevalecendo o veredicto de Osric, que assegurou que o golpe fora válido. Os contendores já se preparavam para reiniciar o combate quando o rei se ergueu e disse:

– Deem-me um cálice – atendido, virou-se para Hamlet e informou: – Esta pérola é tua!

Hamlet entreolhou-se com Horácio, que, apreensivo, gesticulou para que não aceitasse.

– Deem o cálice a ele – ordenou o rei, um instante antes de, sem que se percebesse, substituir a pérola por uma outra esfera escura e achatada.

Hamlet agradeceu, mas recusou-a, pretextando:

– O brinde pode esperar. Lutarei este assalto primeiro.

O combate fez-se ainda mais rápido por mais alguns segundos, antes que o próprio Laerte acusasse o recebimento de um segundo golpe.

– Nosso filho vai vencer! – gritou o rei, fingindo entusiasmo e estendendo a mão para apanhar o cálice.

– Ele não está em forma e certamente lhe faltará ar – argumentou a rainha, nervosa, antecipando-se a ele e o pegando. Chamou o filho e

ofereceu-lhe um lenço. – Seque a testa, meu filho! Beberei em sua honra!...

Apavorado, o rei, num fio de voz, ainda pediu:

– Não beba, Gertrude!...

Ela, sorridente, o ignorou e sorveu novo gole da taça.

– Vem, deixe-me enxugar teu rosto – apelou ela.

– Ainda não, milady! – gritou Hamlet, virando-se para Laerte e desafiando: – Vamos lá, para o terceiro assalto, milorde! Ataque-me com violência! O que pensas? Que sou uma reles vagabunda?

– Se é o que queres, é o que lhe darei! – berrou Laerte, lançando-se com grande ímpeto sobre Hamlet, que, recuando, se limitou a simplesmente amparar os golpes. – Lute como um homem, seu covarde!

Os floretes se chocavam barulhentamente, o retinir das lâminas afiadas ecoando pelo salão e assustando a plateia que, de tempos em tempos, recuava à aproximação dos contendores. Os gritos dos mais entusiasmados contribuíam ainda mais para substituir a elegância de um e de outro duelista por um combate enfurecido e sem regras.

– Golpe de Laerte! – anotou Osric.

Em dado momento, os golpes se tornaram tão violentos que os floretes escaparam das mãos de ambos e, na pressa de recuperá-los, foram trocados, cabendo o de Laerte a Hamlet e o de Hamlet a Laerte, sem que os dois se dessem conta da troca.

– Terceiro golpe de Hamlet! – observou um segundo juiz.

Nova troca de golpes. Golpearam o ar. Irritados, engalfinharam-se, irritando o rei, que se levantou do trono e ordenou:

– Separem os dois! Esses não são modos de dois cavalheiros lutarem...

Subitamente, calou-se ao ver a rainha cair do trono e estatelar-se sobre a mesa, derrubando os cálices e as jarras de vinho.

– Meu Deus, a rainha caiu! – desesperou-se Osric. – Ela está morrendo!

Os dois duelistas se afastaram. Sangravam em vários cortes espalhados pelo corpo.

– Meu Deus, como sangram!... – Horácio estava horrorizado, e virando-se para Hamlet perguntou: – Como estais, milorde?

A confusão aumentava, com servos e os outros convidados indo com desorientação de um lado para outro, sem saber se acorriam aos

contendores ou socorriam a rainha, que gemia, as mãos apertando fortemente a barriga, rolando pelo chão.

Laerte soltou um palavrão e, ante o espanto de Osric, admitiu:

– Fui abatido justamente por minha própria traição!

Estatelou-se sem vida sobre Hamlet, que o empurrou para o lado e achegou-se ao corpo da mãe.

– Ela desmaiou ao vê-los sangrando – pretextou o rei.

Ela o alcançou com um olhar acusador.

– A bebida... a bebida... – gemia num fio de voz. – Eu fui envenenada...

Angustiado e fora de si, Hamlet olhava de um lado para outro, buscando fosse o que fosse na multidão que perambulava em torno dele, sem saber o que fazer ou mesmo para onde ir.

– Traição! – gritou. – Tranquem bem as portas! O culpado está entre nós!...

Estirado no chão, Laerte agarrou-se a uma de suas pernas, e quando Hamlet, irritado, ergueu o florete e fez menção de golpeá-lo, balbuciou:

– Ele está aí, a seu lado, esperando para te ver morto como eu, Hamlet. Meu florete estava com a lâmina envenenada, como o vinho bebido por vossa mãe. Não há remédio que possa te salvar e muito menos a ela. Ela se foi e tu não tens mais que meia hora de vida. Meu florete também se virou contra mim... o rei, o rei é o culpado!

Hamlet, a vista turva, zonzo, os joelhos fraquejando, virou-se para o rei e cravou o florete em sua barriga.

– Faça o seu trabalho, veneno! – disse, ignorando os gritos que vinham de todos os lados, a multidão convergindo para ele e os outros mortos.

Traição! Traição! Traição!

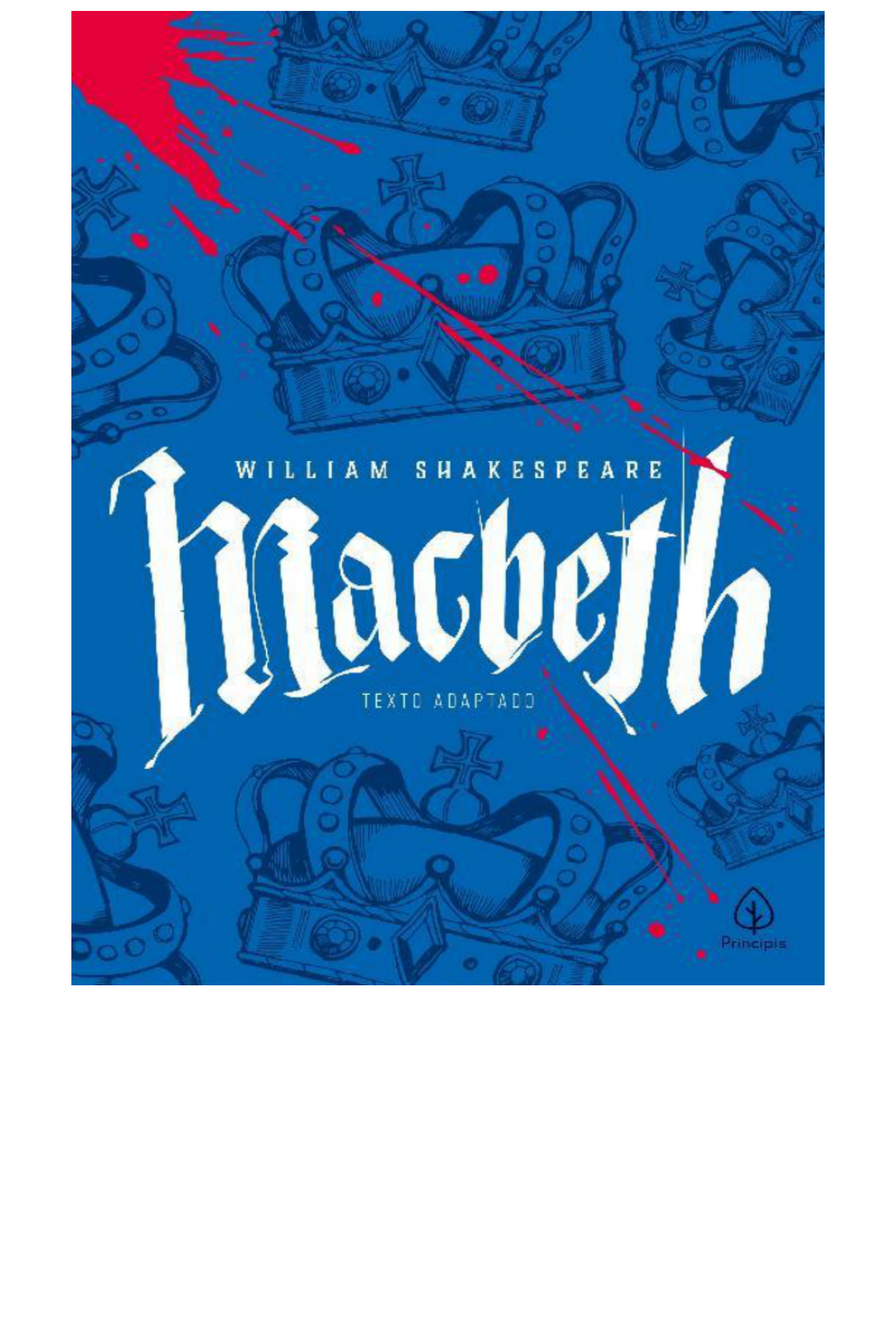
Horácio acorreu em seu socorro, afastando uns e outros que se precipitavam para atingi-lo com seus socos e pontapés.

– Horácio, vou morrer, mas tu viverás. Por favor, conta a verdade da minha história e da minha causa a quem ainda não estiver convencido... – implorou.

Canhões estrondearam ainda distantes. Trompas sucederam-nos barulhentamente, misturadas a uma maré de igual trovejada de vozes que pareciam se tornar cada vez mais próxima de Elsinore.

– Que barulho é esse? – perguntou Hamlet. – Que exército fabuloso

se aproxima de Elsinore?

– O jovem príncipe Fortinbras está retornando de suas conquistas na Polônia, meu amigo – informou Horácio. – Essas salvas de canhões saúdam os embaixadores da Inglaterra...

– Estou morrendo, meu amigo, e não resistirei para ouvir as notícias vindas da Inglaterra, mas vos asseguro que Fortinbras será aclamado novo rei da Dinamarca. Diga-lhe que ele tem meu voto moribundo e as circunstâncias que nos trouxeram até aqui a este grande massacre.

A morte sobreveio bem rapidamente para o jovem e infeliz príncipe da Dinamarca. Quando os portões de Elsinore se abriram e, algum tempo depois, Fortinbras e os embaixadores ingleses que o acompanhavam enfim chegaram ao grande salão do trono, encontraram apenas Horácio e uns poucos nobres a esperá-los. Da boca de Horácio e nos dias que se seguiram todos ouviram acerca dos atos carnais, sangrentos e desnaturados, julgamentos acidentais, assassinatos casuais, mortes motivadas por causas forjadas em artimanhas, e, para esse desfecho, sobre os planos equivocados que caíram sobre a cabeça de quem os inventou...

– Boa noite, doce príncipe. Que anjos em revoada cantem para o teu descanso! – repetiria, triste epitáfio que dedicara ao grande e sofrido amigo até o último de seus dias.

Fim

WILLIAM SHAKESPEARE
Macbeth
TEXTO ADAPTADO
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

Macbeth

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Texto
William Shakespeare
Adaptação
Júlio Emílio Braz
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Fátima Couto
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
GeekClick/Shutterstock.com;
wtf_design/Shutterstock.com;
aksol/Shutterstock.com;
RATOCA/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527m Shakespeare, William

Macbeth [recurso eletrônico] / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021.

128 p. ; ePUB ; 1,9 MB. - (Shakespeare, o bardo de Avon)
Adaptação de: Macbeth
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-336-2 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Teatro. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título. III. Série.

2021-336 CDD 823
CDU 821.111

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Fora, mancha maldita!
Fora, estou dizendo!

MACBETH – Ato V – Cena I

ATO I

Quando é que vamos nós três
encontrar-nos outra vez?
Com chuva, raio ou trovão?
Terminada a agitação,
ganho o combate e perdido.
Antes de o sol ter caído,
Onde?
A charneca é o lugar
para Macbeth nos achar.

Cena I

A manhã nascia mais uma vez funesta e sombria, e à noite nevoenta e amedrontadora se sucedia o céu enfarruscado, onde pesadas nuvens negras se metamorfoseavam constantemente ao sabor do imaginário e do temor das tropas em monstros apavorantes, demônios desconhecidos, campos de batalhas ainda por vir, mas inescapavelmente sangrentas. O vento soprava enregelante e interminável desde as primeiras horas de mais um dia, estandartes e bandeiras dos vários feudos ali reunidos preparando-se para uma nova marcha por meio da vastidão fantasmagórica das charnecas, onde os cadáveres putrefatos dos mortos de outras tantas batalhas sucumbiam pacientemente ao tempo e à expectativa de nova confrontação. Trombetas soavam de todas as direções conclamando ao combate e anunciando a possibilidade de novas mortes. Bravos experimentados amofinavam-se àquela constatação infeliz, enquanto os jovens guerreiros, muitos ainda imberbes, sonhavam com o sangue derramado em batalhas memoráveis, ansiando pela glória e pelas honrarias que sequer experimentariam.

Ferreiros e armeiros lançavam-se à faina habitual de seu ofício, consertando espadas, machados e outras tantas armas e escudos, produzindo arreios e arneses, reavivando, na medida do possível, a proteção das armaduras. Servos e escudeiros, pequenos pajens, taciturnos palafreneiros, uma apreciável multidão de prostitutas, curandeiros e espertalhões complementavam a persistente multidão que acompanhava as tropas reais e se misturavam à crescente balbúrdia do acampamento. Empoleirados no alto dos galhos retorcidos de algumas árvores desfolhadas, corvos sobrevoavam as tendas e os carroções, agourando a todos com um grasnar intermitente, tão ou mais perturbador do que o uivo angustiante do vento que soprava do norte, aos mais supersticiosos atribuído a feiticeiras que os perseguiam, premiando valentes e covardes, honoráveis e traidores, com a cega imparcialidade da morte.

O corpulento capitão das tropas reais chegara algumas horas antes e ainda encontrava muita dificuldade para responder a tantas indagações que lhe faziam Duncan e os muitos senhores da guerra que o acompanhavam.

— Quem é este homem todo ensanguentado, meu filho? – perguntou o rei, com certa impaciência.

Malcolm, um dos dois jovens príncipes que acompanhavam Duncan, apressou-se em responder:

— Devo minha vida a este homem, meu pai. O capitão lutou como um valente para impedir que eu caísse nas mãos do inimigo...

Nesse instante, o capitão o interrompeu e apressou-se em corrigi-lo:

— Nada mais fiz do que estar entre os bravos que seguiam o intrépido Macbeth, *milord*. É a ele e a sua coragem indômita que verdadeiramente devem ser gratos. O torpe rebelde Mcdonwald acabara de receber um formidável reforço de infantes galeses. Os *kerns* nunca foram grandes guerreiros, mas o seu número era assombrosamente grande. Os cavaleiros que os acompanhavam eram altos e fortes, e as machadinhas que carregavam abriram grandes clarões em nossas tropas. Não fosse o destemor do grande Macbeth, nem eu nem o príncipe teríamos escapado para chegar até Vossa Majestade. Ele inclusive se ocupou de Mcdonwald, abrindo-o do umbigo ao queixo e pendurando a cabeça do traidor em uma das ameias do castelo onde ele e suas tropas acreditavam que nos encurralariam.

– Valente Macbeth! – exultou Duncan. – A corte da Escócia não poderia ter alguém mais valoroso a defender sua causa do que o senhor de Glamis!

– Deve realmente saudá-lo, *milord* – afirmou o capitão. – Macbeth e Banquo não se satisfizeram com a vitória e a tornaram ainda mais completa, levando tanto o rei da Noruega quanto aqueles que dentre nós a ele se aliaram, traindo o rei e o povo da Escócia, a uma ainda maior batalha...

– Que prodígio de coragem! – surpreendeu-se Duncan. – Macbeth e Banquo merecem tudo o que deles se diz.

Um verdadeiro gigante entre outros cavaleiros de igual estatura, Duncan, o estimado rei da Escócia, rejuvenescia diante de todos. A fisionomia carregada, cavada em rugas profundas de permanente

preocupação, desfazia-se ainda em tímidos sorrisos, o brilho faiscante restituía-lhe o ânimo aos olhos azul-acinzentados e até cansados diante da expectativa de derrota das forças norueguesas que haviam invadido o reino e, aliadas a vários lordes, marchavam para assumir o reino escocês.

Preocupado com o estado do soldado, apelou para que o conduzissem à tenda dos cirurgiões e rumou para dois outros cavaleiros que entravam a todo galope no acampamento.

– Quem vem aí? – indagou Duncan, dirigindo um olhar apreensivo e desconfiado aos recém-chegados.

O menor deles, um indivíduo de vasta cabeleira vermelha e grossas sobrancelhas encrespadas, achegou-se a ambos e, enquanto entregava as rédeas de sua montaria a um cavalariço, foi reconhecido por Malcolm, que, segurando a mão do pai, que fazia menção de desembainhar a espada, informou:

– É lorde Ross, *milord*.

No intuito possivelmente de apaziguar a alma inquieta do rei, Lennox, um dos membros da comitiva real, sorriu e disse:

– Seja bem-vindo, Ross!

– Deus guarde o Rei! – saudou Ross, eufórico.

Lennox era um gigante de enormes suíças acinzentadas e ventre volumoso, e acolheu entusiasticamente o abraço de Ross.

– Percebo que traz boas notícias, pois não? – afirmou.

– Certamente, *milord* – confirmou Ross.

– De onde vem, *milord*? – perguntou Duncan, mais calmo.

– De Fife, meu rei, onde as bandeiras norueguesas agora servem apenas para refrescar os nossos soldados do calor da batalha que conseguimos vencer. O próprio rei da Noruega e seu formidável exército, sempre com o infame traidor, lorde Cawdor, sucumbiram à força dos nossos bravos.

– Esplêndido! – alegrou-se Duncan. – Celebro a todos os que a essa batalha se lançaram com tanta coragem...

– Pois celebre principalmente o nobre Macbeth! Coube a ele conduzir-nos a tal vitória.

– Que assim seja! Retorne e informe ao rei da Noruega que o preço da paz e o sepultamento de seus mortos lhe custará muito caro, e que exijo que lorde Cawdor a minhas tropas seja entregue para que receba

o devido pagamento por sua traição. Morte imediata para ele, e que seu título e tudo o que dele fizer parte seja dado a Macbeth.

CENA II

Na névoa espessa e opressiva, a longa procissão de soldados cansados não passava de débil visão fantasmagórica arrastando-se vagarosamente aqui e ali e desaparecendo na vastidão de um silêncio irremovível. Borrões coleantes de vida avançavam sem destino certo, bandeiras e estandartes drapejavam, e o retinir do metal das armas se desprendia da fugidia imagem e se diluía na distância incalculável. Enormes árvores desfolhadas, de galhos pavorosamente retorcidos e erguidos na direção de um céu plúmbeo e invisível, assombravam o caminho feito às cegas, bem devagar. Por causa de tão monótona paisagem, nenhum deles deu muita importância aos três vultos que apareciam e desapareciam diante de seus olhos. Imaginando tratar-se de outras árvores ou pequenos arbustos, simplesmente os ignoravam. Mais adiante, no entanto, perceberam que se moviam e, mais à frente, as vozes os alcançaram, roufenhas, interrompidas por uma ou outra gargalhada escarninha, dando a impressão de que vinham de várias direções, rodeando-os, inquietando-os, mas, acima de tudo, causando incompreensões.

– Salve, Macbeth! Salve, lorde Glamis!

Macbeth e Banquo se entreolharam, puxando as rédeas das montarias e olhando de um lado para outro. A compreensão alcançou-os ao mesmo tempo que um certo receio.

– O que se passa? – perguntou Macbeth.

A inesperada saudação repetia-se de tempos em tempos, e os três vultos se materializavam diante de ambos, cada vez mais próximos.

– Quem são essas criaturas detestáveis? – perguntou Macbeth, enquanto os vultos se convertiam nas figuras engelhadas e intimidadoras de três mulheres excepcionalmente magras, de pele apergaminhada e de um esverdeado malsão, onde se entreviam misteriosas inscrições e tatuagens. As bocas desdentadas emitiam aquela saudação que se repetia entre gargalhadas e um estranho bracejar, ao passo que os cabelos longos e desgrenhados, de aspecto

sujo e entremeados de folhas e outros objetos indefinidos, lhe açoitavam o rosto, misturando-se com uma estranhíssima barba. – Quem são vocês?

De súbito, a saudação se alterou e ao longe se ouvia...

– Salve, Macbeth! Salve lorde Cawdor. Salve, Macbeth, que ainda será rei!

– O que teme, *milord*? – indagou Banquo. – Tais palavras soam bem e falam de um futuro promissor. – Fustigando os flancos da montaria com as esporas, adiantou-se e dirigiu-se aos três vultos, insistindo: – E a mim, nada dizem? Se algo sabem, digam-me então, pois não peço nem temo seus favores ou seu ódio.

As três bruxas saudaram-no de dentro do nevoeiro com risinhos zombeteiros, divertindo-se com seu interesse, até que uma delas, como que atendendo a seus apelos, informou:

– Menor do que Macbeth e bem maior...

Ao que uma de suas companheiras, ainda mais enigmaticamente, aduziu:

– Menos feliz e muito mais feliz.

A terceira desdobrou-se em mais poderoso e insondável vaticínio, ao informar:

– Não será rei, mas pai de reis...

Por fim, as três saudaram ambos, o que inquietou Macbeth, que, juntando-se ao companheiro, virou-se para os vultos que praticamente desapareciam na névoa mais uma vez espessa e gritou:

– Suas predições carecem de sentido! Soam incompletas ou absolutamente erradas!

Uma risada casquinante e zombeteira uniu os três vultos que se agitavam à distância, praticamente indistinguíveis.

– Eu sei que sou, por morte de Sinel, o senhor de Glamis – continuou, impaciente –, mas como posso ser o senhor de Cawdor se o senhor de Cawdor é outro e ainda está vivo? Maior absurdo apenas eu vir a ser rei, por mais que as três possam alcançar o futuro. Como sabem de tais notícias?

Calou-se, surpreso, ao ver que os três vultos haviam desaparecido e à distância estendia-se apenas a trilha silenciosa que avançava, erma e coleante, charneca adentro.

– Foram-se, *milord* – disse Banquo. – Como se nunca tivessem

estado ou conversado conosco. Aparições...

Um risinho zombeteiro suavizou as feições transtornadas pela inquietação de Macbeth, e, achegando-se Banquo, ele disse:

– Seus filhos serão reis, meu amigo.

Banquo devolveu-lhe o sorriso e afirmou:

– E você será rei...

– E também senhor de Cawdor, não podemos nos esquecer disso.

– Queira me perdoar, grande Macbeth.

Novos risos. Interromperam-se quando, ao olhar para trás, viram dois cavaleiros aproximar-se a trote rápido.

– São Ross e Angus – disse Banquo, reconhecendo-os de imediato.

Alto e corpulento, a vasta cabeleira louro-acinzentada presa atrás de grandes orelhas, Ross adiantou-se ao segundo cavaleiro e saudou ambos.

– O grande Macbeth! Nosso rei mal cabe em si de ansiedade para vê-lo e celebrá-lo e as suas proezas na luta contra o invasor norueguês – falou. – O entusiasmo dele é tamanho que mandou espalhar mensageiros pelos quatro cantos do reino para celebrar suas façanhas e deixar clara a sua gratidão.

– E estamos aqui exatamente para levá-lo até ele – informou Angus, um tipo atarracado e completamente calvo, refreando a custo o cavalo cinzento em que montava. Em dado momento, aparentando grande ansiedade, virou-se para Ross e insistiu: – Conte-lhe logo, Ross!

Macbeth e Banquo entreolharam-se, e, por fim, Macbeth virou-se para Ross e insistiu:

– Contar o quê?

O rosto suarento de Ross iluminou-se com um largo sorriso.

– Como prova de eterna gratidão, nosso rei mandou que doravante o chamássemos de senhor de Cawdor – respondeu Ross, fazendo uma mesura reverenciosamente e concluindo: – Portanto, desde já o saúdo com esse título que lhe pertence, ó grande senhor de Cawdor.

Banquo praguejou sorridente e comentou:

– Quer dizer que o demônio estava dizendo a verdade?

Macbeth lançou-lhe um olhar de espanto e receio antes de virar-se mais uma vez para Ross e insistir:

– Como isso é possível, se o senhor de Cawdor ainda está vivo?

– Não por muito tempo, *milord* – afirmou Angus. – O senhor de

Cawdor aliou-se aos noruegueses, e, agora que o invasor foi derrotado e as muitas provas de sua traição foram confessadas e provadas, nosso rei o condenou à morte.

Macbeth calou-se, e a confusão instalou-se em seu rosto. Aparentava dúvida e mesmo desconfiança e demorou-se em um renitente silêncio ante os cumprimentos e comentários elogiosos dos recém-chegados. Sentia-se inquieto e assombrado pela premonição das três bruxas que há poucos instantes haviam se interposto em seu caminho, lutando intimamente para decidir se as ignorava ou lhes dava fé perturbadora, inebriado pela possibilidade de vir a reinar no lugar de Duncan, o atual rei. Medo. Dúvida. Um poderoso receio apoderou-se de seus pensamentos, e por instantes os próprios mensageiros e Banquo se entreolharam, entre surpresos e preocupados, sem entender muito bem o que se passava com ele.

– Glamis e senhor de Cawdor... – balbuciou e, logo depois, voltou-se para Banquo e perguntou: – Você acredita que seus filhos serão reis?

– Mas que bobagem! – comentou Banquo, constrangido.

– Não foi a promessa feita por aquelas que me deram o título de Cawdor?

– Se acreditarmos em tudo que as três disseram, você poderá tranquilamente aspirar à coroa, não?

– Elas dizem a verdade...

– Melhor não nos preocuparmos com isso no momento, meu amigo. Confesso que tudo isso me soa bem estranho, e certa dose de precaução se faz necessária, pois, para nos levar à perdição, o Mal muitas vezes nos apresenta verdades como ilusões sedutoras e acaba nos ludibriando em relação a coisas que realmente importam.

– Tem razão, meu bom Banquo – concordou Macbeth. – Tais premonições não são necessariamente boas nem más. Não me deixarei seduzir por ambições desmedidas nem me empolgarei com sugestões sobrenaturais. Se estiver em meu caminho no futuro a coroa da Escócia, que assim seja. Nada farei para fugir a tal destino ou para concretizá-lo.

Banquo olhou para os dois cavaleiros. Eles os observavam silenciosos e sem entender muito bem sobre o que discutiam. Em certo momento, até acreditou que, por obra de forças sobrenaturais, as

mesmas que os haviam surpreendido com seus prodigiosos vaticínios, nem um nem outro houvesse escutado o que haviam dito.

Macbeth também os alcançou com o olhar e, fingindo constrangimento, sorriu e desculpou-se:

– Queiram me perdoar, meus bons amigos, mas foram tantas informações em um mesmo momento que meu cérebro me abandonou em devaneios tolos e sem sentido...

– Acredito então que podemos ir, não é mesmo, nobre Macbeth? – sugeriu Banquo.

– De bom grado, meu bom amigo – concordou Macbeth.

ATO II

Salve, Macbeth! Salve tu, senhor de Glamis!
Salve, Macbeth! Salve tu, senhor de Cawdor!
Salve, Macbeth, que ainda serás Rei!

CENA I

– Será que Cawdor já foi executado?

A indagação de Duncan ainda pairava no ar, ressoando pelos frios corredores de Forres, ao alcançar Macbeth e a pequena comitiva que o acompanhava.

Sortilégio, componente espúrio dos perturbadores presságios das três bruxas que encontrara na árdua, porém gloriosa volta dos campos de batalha mais ao sul?

Prodigioso augúrio que acompanhava seus temores e, contraditoriamente, o cada vez mais embriagador desejo de que tais predições estivessem bafejadas pela verdade?

Desejos contraditórios vicejavam em seus pensamentos e, por vezes, mesmo enquanto percorria os últimos quilômetros da longa jornada de volta para casa através das desoladas charnecas, digladiavam-se de forma persistente e renhida em sua alma. Não sabia o que fazer diante de tais pensamentos, que não o abandonavam e o levaram a se refugiar cada vez mais em um silêncio que incomodava aos próprios companheiros.

– Nossos emissários ainda não retornaram – informou Malcolm em resposta à indagação de Duncan. – No entanto, já estou sabendo que ele admitiu sua traição e, mesmo sem confirmação, sei que morreu rogando o perdão de Vossa Majestade...

– Cawdor era um nobre em quem eu depositava a mais irrestrita confiança, e, portanto, todos podem imaginar como pesa em minha alma o pecado de tão grande ingratidão... – Duncan calou-se bruscamente no instante em que Macbeth surgiu à porta ao lado de Banquo, ambos escoltados por Ross e Angus. – Nobre e fiel Macbeth, com que alegria e enorme felicidade o recebo entre nós! Por mais que deseje, e você certamente é merecedor, não tenho fortuna suficiente para pagar-lhe o tanto que devo...

O ligeiro embaraço que aparentou diante da entusiasmada e sincera recepção com que Duncan o acolheu surpreendeu até mesmo o

próprio Macbeth e foi mais fruto de ser tão repentinamente arrancado de seus próprios pensamentos e inquietações, a mente fervilhante de sentimentos contraditórios que assustavam a ele mesmo. O constrangimento nada mais era do que o medo, a custo dissimulado, de que, por meios inalcançáveis por ele, certa dor na consciência provavelmente, tanto Duncan quanto os outros membros de seu séquito percebessem que era dominado por crescente ambição despertada pelas palavras das três bruxas que encontrara na desolação da charneca. A lisonja apresentou-se como arma mais ou menos óbvia para esconder tais sentimentos ou torná-los inalcançáveis ao olhar agradecido do rei.

– Acredite, *milord*, o serviço e a lealdade que vos devo encontra sólida recompensa em vosso afeto e generosidade – disse, inclinando ligeiramente a cabeça e escondendo de todos os olhos a grande confusão mental em que se encontrava mergulhado até então.

– Sejam bem-vindos, estimados Macbeth e Banquo! Deixem que eu os abrace e os acolha imensamente grato em meu coração!

Os abraços foram efusivos e prolongados. Os cumprimentos, intermináveis, estenderam-se por certo tempo, até que o rei, no auge de seu entusiasmo, convocasse a todos e anunciasse:

– Filhos, parentes, lordes e todos os oriundos de lugares mais próximos de nós, saibam que tenho a intenção de declarar Malcolm, meu primogênito, herdeiro do trono da Escócia, e desde já o nomeamos príncipe de Cumberland. Mas não apenas isso. Nossa gratidão é infinita, e, por causa disso, títulos de nobreza cairão como estrelas sobre muitos de vocês. Portanto, não percamos mais tempo. Partamos para Inverness.

Macbeth celebrou Malcolm. Desdobrou-se em gentilezas. Gritou em mais de uma ocasião:

– Príncipe de Cumberland!

Mais adiante, pretextando cansaço, mas sobretudo um vivo interesse em, antecipando-se ao rei, recebê-lo condignamente em sua casa, desculpou-se por partir o mais depressa possível.

– Serei prazerosamente seu arauto! – disse. – Minha esposa ficará mais do que satisfeita e se esmerará para acolhê-los em nosso castelo.

Agradecido, Duncan o celebrou com seu novo título:

– Tem a minha permissão, meu fiel Cawdor!

Macbeth saiu precipitadamente, com o coração anuviado e inquieto, dominado pela certeza de que tinha um novo e inesperado obstáculo em seu caminho ao trono da Escócia. O príncipe de Cumberland como inimigo assombraria seus pensamentos ao longo de toda a jornada para Inverness.

CENA II

Caminho certo, levado a toda pressa por um coração inquieto, incerto, principalmente adiantando-se desesperadamente a Duncan e seu séquito, Macbeth sequer parou ao longo da fria e inóspita distância entre Forres e seu castelo nas imediações de Inverness.

Assustava-se consigo mesmo, com as sensações desencontradas que passavam por sua cabeça desde a vitória sobre as forças invasoras norueguesas. Algo se transformara aos poucos dentro dele e vencera as últimas vacilações depois da vitória, quando se viu celebrado até mesmo pelo inimigo derrotado.

O que acontecera realmente?

Não sabia muito bem. Desconfiava até se aquela mudança fora tão repentina e começara com aquele fatídico encontro com as três bruxas a caminho de Forres. Por vezes desconfiava, duvidava sinceramente se elas eram reais ou se não haviam passado de fruto de sua imaginação, obra daquela ambição recôndita. Banquo titubeara ao dizer que as vira e apenas dissera ter tido a impressão de tê-las visto; nem sabia se ouvira verdadeiramente ou fora levado pela forte convicção de Macbeth.

Teria sido ilusão, a materialização de desejos muito antigos, uma parte sombria de si que até então conseguia conter, manter na prisão de seus próprios medos, no receio de se expor e se lançar a todos os riscos por sua ambição?

Seria aquela inquietação nada além de uma desculpa sem o menor sentido para tentar escamotear de si o interesse que sempre existira de ir muito além dos limites estreitos do poder de um simples senhor feudal?

As misteriosas bruxas não haviam recitado apenas o que ele sempre quisera ouvir, o futuro que planejava muito maior e relevante para si?

Mentia para si mesmo?

Não fosse esse o caso, como a esposa deixava claro que sabia o que ia em sua mente e até mesmo partilhava entusiasticamente de tais

propósitos?

– Duncan chega hoje à noite, meu amor – informou ele assim que chegou ao castelo e a encontrou em um dos salões.

Uma centelha de cumplicidade lampejou em seus olhos azul--acinzentados, e o tom conspirativo de cada palavra dita não deixava margem a qualquer dúvida de que ela partilhava igual ambição ou mesmo que superava a dele.

– E quando irá embora? – O rubor repentino nas maçãs salientes de um rosto afilado e emoldurado por vasta cabeleira vermelha traía ansiedade e uma grande inquietação; os olhos iam de um lado a outro, temendo que ouvidos indesejáveis partilhassem da conversa entre ambos.

– Amanhã.

– O tempo conspira contra nós.

– Certamente...

– Não temos tempo para temores e hesitações. Se queremos ir adiante em nossos planos, não teremos uma oportunidade tão boa quanto a que se aproxima. Não vire as costas a ela, meu esposo! O poder e a glória que ambicionamos está em suas mãos...

Calaram-se, alcançados repentinamente pela maré sonora de trompas e oboés que anunciavam a aproximação de uma comitiva. Os olhos arregalados de um e de outro agravavam a certeza que surgiu nas palavras de Macbeth quando ele disse:

– Duncan chegou!

– Eu os receberei – definiu Lady Macbeth. – Você sabe bem quais são os preparativos com que deve se ocupar para esta noite.

Saíram e precipitaram-se pelo corredor, no fim do qual se separaram. Macbeth esgueirou-se por vários lances de escada, enquanto a esposa desceu por uma escadaria mais estreita, que a levou ao amplo pátio interno da soturna construção onde Duncan e um pequeno grupo de cavaleiros e soldados desmontavam.

– Que Deus lhes pague pelo incômodo que estamos causando, *milady* – disse Duncan.

– Sentimo-nos honrados em recebê-lo em nossa casa, Majestade – retrucou Lady Macbeth, fazendo uma mesura reverenciosa.

– Onde está o senhor de Cawdor? Nós até tentamos acompanhá-lo ou mesmo suplantá-lo em sua presteza, mas a boa vontade de nosso

Macbeth não nos permitiu sequer tentar.

– Desde que chegou, ele mal teve tempo de descansar, *milord,* tão ocupado se encontra em ultimar todos os preparativos para que sua estada aqui, ainda que breve, seja o mais acolhedora e confortável possível.

CENA III

A noite chegou pouco depois e, logo após a recepção com que Macbeth acolheu Duncan e seu séquito, constituiu-se modesta e pachorrenta. O cansaço da longa viagem e, antes disso, dos meses de tensão e conflitos contra o invasor norueguês finalmente cobrava o devido preço. Um pouco depois do jantar, muitos se viam vencidos pelo sono, e pelo menos um deles desabou barulhentamente da cadeira, ameaçando a outros tantos com destino ainda mais vexatório. Mesmo celebrado pelos companheiros de armas e principalmente por Duncan, que, ao longo das horas e a custo de uma renhida luta contra o próprio sono, não se cansava de cobri-lo de elogios e sincero reconhecimento, Macbeth era um homem taciturno e preocupado. O riso era falso e tão aparente quanto a alegria de breves sorrisos.

Algo o preocupava, e Lady Macbeth não teve dificuldade em perceber. Seus olhos, vigilantes e inquietos, acompanhavam-no aonde quer que ele fosse, e, em dado momento, ao vê-lo sair do salão, ela foi em seu encalço.

– O que tanto o incomoda, meu marido? – perguntou ao encontrá-lo absolutamente entregue a seus pensamentos em um canto escuro de um dos corredores que levavam ao salão.

– Ele está quase terminando a ceia... – respondeu Macbeth, com certa angústia e tremor na voz.

– E por causa disso você saiu do salão?

– Ele me procurou?

– Você sabe que sim. O que o incomoda?

– Não vamos prosseguir nessa empreitada!

– Por que isso agora? Está com medo? Foi dormir e, ao acordar, deixou sua coragem no leito macio?

– Cale-se, eu lhe peço!

– Antes você era a própria imagem da coragem e da ousadia. Inexistiam condições para lhe assegurar que sua empreitada, temerária e cheia de riscos, seria seguramente bem-sucedida. Apesar disso,

mesmo sem condições propícias, você nunca se preocupou com o fato de sua empreitada ser ou não coroada de êxito.

– E se falharmos, mulher? – gemeu Macbeth, tenso e nervoso.

– Como assim? Não creio nisso, assim como você também não se preocupava com alguma possibilidade de fracasso de seus projetos.

– Não sei, não. A prudência...

– Não se ocupava da prudência nem se deixava sucumbir a quaisquer temores.

– Duncan me tem em alta consideração, e acabo de ser agraciado com Cawdor. Minha lealdade...

– Não se preocupava antes...

– Não quero macular meu nome com a mancha infame da traição...

– Ponha a bravura à frente de seus temores, meu marido, e não haverá meio de fracassarmos em nosso intento. Quando Duncan sucumbir ao sono e ao cansaço, os camareiros que o acompanham não seguirão rumo muito diferente, pois providenciaremos todo o vinho e outros mimos para que sucumbam à embriaguez e ao sono. Depois disso, será deveras fácil imputarmos a eles a culpa da morte régia, concorda?

– Quem duvidará da culpa desses sonolentos e imprestáveis beberrões se os mancharmos de sangue e usarmos seus próprios punhais para matar Duncan?

– Certamente, meu marido! Quem ousará crer em outra coisa?

– Sua alma indomável me convenceu, mulher! Nada temo! Acabaram-se as vacilações e os temores! Às favas a prudência! Vamos, voltemos para a festa do rei! Que nosso sorriso e a lisonja de belas palavras enganem todo mundo! Que ninguém possa sequer desconfiar do que se esconde em nosso coração!

ATO III

Salve! Salve! Salve!
Menor do que Macbeth e bem maior.
Menos feliz e muito mais feliz.
Não serás rei, mas pai de reis...

CENA I

O vento frio soprou repentinamente do leste, e Banquo estremeceu à força de seus próprios temores, ainda incomodado pelos sombrios presságios ouvidos na volta para casa. O sortilégio enigmático das bruxas o fez voltar-se para Fleance, o filho, que a chama bruxuleante do archote iluminava de modo estranho e intermitente, sobrenatural.

– Que horas são? – perguntou, sem saber muito bem por quê, talvez para se desprender de tão incômoda lembrança.

Fleance, um jovem alto e esbelto, com a cabeleira longa e negríssima açoitando-lhe o rosto ossudo e anguloso, alcançou-o com os olhos fundos e esverdeados, experimentando igual tremor e encolhendo-se para dentro da espessa capa de peles que se estendia praticamente até as pesadas botas que estalavam na laje fria do interior do castelo.

– A lua já se pôs, meu pai – informou.

– Ela se põe à meia-noite...

– Pois deve ser mais tarde então. O senhor está com sono?

– Bem ao contrário... – Banquo calou-se e virou-se para um dos extremos do pátio, com a atenção atraída por um segundo archote cuja chama cintilava à distância. – Quem vem lá?

Macbeth, iluminado pela chama do archote que um criado carregava, avançou de dentro da escuridão e gritou:

– Um amigo!

– O que o inquieta, meu senhor? – questionou Banquo. – Por que ainda está de pé? Não encontrou o sono? O rei inclusive já se deitou...

– Creio que fizemos o melhor na imperfeição do pouco tempo que tivemos para recebê-lo com alguma dignidade.

– Que bobagem, *milord*! Tudo está ótimo. – Por alguns instantes, os dois trocaram olhares, e certa inquietação transfigurou a fisionomia de um e de outro. Banquo a custo a dissimulou com um sorriso e um comentário: – A quietude e a satisfação são tantas que até pude me dar ao luxo de entreter-me pensando naquelas três bruxas com que

cruzamos pelo caminho e contabilizar o que havia de verdade nas palavras delas.

– Nem penso mais nelas – mentiu Macbeth, e, no momento seguinte em que tais palavras foram pronunciadas, Banquo percebeu que eram mentiras. – No entanto, se assim o deseja, poderemos trocar umas palavras sobre esse assunto.

– Sempre ao seu dispor, nobre Cawdor.

– Bom, por ora, bom repouso para todos!

– É o que também lhe desejo. – Banquo e Fleance se afastaram, desaparecendo debaixo do arco que encimava um dos corredores que, por sua vez, estendia-se para as entranhas do silencioso castelo.

Virando-se para o servo que o acompanhava, Macbeth o despediu e acompanhou o clarão tremeluzente do archote até que ele se apagasse à distância. Ao virar-se para reiniciar sua marcha pelo pátio vazio, estacou, surpreso, ao ver uma adaga pairar no ar a poucos centímetros dele, enquanto uma aura coruscante o fazia luzir no negrume da noite fria.

Estremeceu, pasmo e assustado, incapaz de se mover.

Estaria tendo uma visão? Seria culpa do vinho quente condimentado? Bebera demais?

Aquilo não podia ser real, disse para si. A aparição foi aos poucos se investindo de detalhes ainda mais claros e assustadores. A lâmina tingiu-se de vermelho do sangue que escorria saído sabe-se lá de onde e retirado de corpos desconhecidos.

Que poderosas entidades demoníacas zombavam de seu juízo?

Seria tal alucinação fruto de embriaguez exagerada ou obra de uma imaginação potencializada pelos seus maiores anseios e desejos?

Gotas de sangue despejavam-se da lâmina afiada e rutilante. O vento frio que soprava forte do leste repetia sibilantes vaticínios aos seus ouvidos, frases entrecortadas, por vezes incompreensíveis, que o mantinham parado, absolutamente imobilizado, à mercê de seus olhos iludidos por visão tão persistente quanto inconcebível.

Repentinamente, assim como se fez, a visão fantasmagórica da adaga ensanguentada se desfez, impelida pelos liames da teia insidiosa do destino, manipulada por potências infernais, como que impelindo-o com o som distante de um sino em algum lugar à sua volta para a empresa sinistra que rondava seus pensamentos.

– Duncan... – foi tudo o que conseguiu balbuciar, lançando-se em um ímpeto ao objetivo daquela caminhada insone pelo castelo, acreditando que, mais do que apenas para animá-lo, o sino tocava para assinalar a morte do rei da Escócia. Tarde demais para voltar atrás.

A noite tornou-se absoluta, companheira infernal em seus desígnios. Pesadas nuvens tempestuosas, empurradas pela violência crescente do gélido vento que soprava do leste, avançaram velozmente, devorando a fraca luminosidade da lua e de umas poucas estrelas que lampejavam no infinito de um silêncio perturbador. Nem sombra nem nada. Forças diabólicas apagaram os poucos archotes acesos ao longo dos vários corredores no interior do castelo, por um lado trazendo a escuridão e, por outro, conduzindo Macbeth com extrema facilidade ao encontro de seu destino. Em muito pouco tempo, encontrou-se diante dos servos que dormiam pesadamente, com as costas apoiadas na parede à direita e à esquerda da porta que fechava o quarto onde Duncan certamente estava dormindo e, como os três, igualmente embriagado. Aliás, não estivessem tão bêbados – o ar rescendia a um odor característico e nauseabundo de *posset*, uma beberagem assustadora em que leite quente se misturava a vinho branco ou cerveja, açúcar, raspa de biscoito, ovos e outros tantos ingredientes nele fervidos –, certamente acordariam à sua simples aproximação. Nenhum deles o fez, nem o próprio Duncan, mesmo quando as velhas dobradiças da porta do quarto produziram um persistente guincho metálico, e Macbeth, ansioso e tenso, o coração batendo violentamente, de tal maneira descompassado que chegou a crer que pararia, acelerou os passos e precipitou-se sobre ele, com a adaga em riste.

A lâmina reluziu inesperadamente no quieto horror da morte veloz, que se fez em segundos, e cravou-se várias vezes no peito de Duncan. Nada além de um breve suspiro desprendeu-se de seus lábios, com o odor apodrecido da exagerada embriaguez.

Macbeth recuou, assustado com o seu gesto, a adaga ensanguentada como que grudada em sua mão. Tropeçou, estatelando-se de costas no chão, e rumou ainda engatinhando para a porta, que abriu em um forte repelão para que um dos três servos entrasse. Ágil e desesperado, angustiou-se ainda mais quando viu os dois outros acompanhá-lo, com

os corpos bamboleantes mal se aguentando em pé. Refugiou-se atrás de uma cadeira, protegido pela escuridão que voltou mais uma vez ao quarto.

Os três se transformaram mais uma vez em sombra. Os dedos de Macbeth estreitaram-se mais fortemente em torno do cabo da adaga, e por algum tempo ele acreditou que seu plano se avizinhava de inapelável fracasso. Pouco tempo. Os três servos se encontravam em estado lastimável, e, mal alcançou a cama, o primeiro deles estatelou-se no chão para não mais levantar. O segundo acercou-se do corpo de Duncan estatelado sobre os lençóis e cobertores encharcados com o sangue que jorrava dos vários ferimentos no peito.

“Assassinado...”

Foi tudo o que disse antes de despejar um jorro de vômito sobre ele e desabar em um dos lados da cama.

Macbeth esquadrinhou nervosamente a escuridão à procura do terceiro deles e o encontrou estatelado entre a porta entreaberta e a cama. Rapidamente se desfez da adaga, preocupando-se em deixá-la na mão de um deles e fechar os três servos junto com o corpo do rei. Quando, algum tempo depois, conseguiu esgueirar-se para dentro do quarto da esposa, estava inacreditavelmente pálido e sem fôlego, com o rosto suado e desfigurado pelo medo, e conseguiu apenas balbuciar:

– Está feito...

Fortes batidas estrondearam castelo adentro, assustando-o ainda mais.

– Onde estão batendo? – indagou, alarmado, as costas ainda apoiadas na porta fechada.

– É na porta sul – respondeu Lady Macbeth.

– Quem será?

– Vamos voltar para o quarto e nos lavar. Temos que nos preparar, e, seja lá quem for, não pode sequer perceber que estávamos acordados. Será que você consegue fazer isso sem se trair, meu marido?

Novas batidas estrondearam com impaciência quando Lady Macbeth conseguiu finalmente afastá-lo da porta.

CENA II

Numa barulhenta discussão, as vozes alteadas se digladiavam pelas dependências do castelo. Lennox e Macduff estavam entregues a uma animada conversa com o porteiro, que lhes abriu a porta do lado sul.

– Isso é que é bater! – gracejou o porteiro. As mãos inchadas e deformadas pela artrite serviam como muda justificativa para a demora com que empreendia seu solitário e cada vez mais custoso ofício.

– Você foi tão tarde para a cama que eu ainda o acordei, meu velho? – retrucou Macduff, o turbulento e hirsuto cavaleiro, ajeitando a longa barba cinzenta com as manzorras peludas.

– Perdoe, *milord*, mas bebemos até o galo cantar pela segunda vez, e, como bem sabe, a bebida invariavelmente provoca três coisas...

Macduff, sorridente, olhou para Lennox, e o companheiro, igualmente sorridente, indagou:

– E que três coisas seriam essas, meu bom homem?

– Nariz vermelho, sono e urina!

Gargalharam demorada e alegremente.

– A bebida o derrubou com vontade nesta noite – concordou Macduff, galgando os três os degraus de um longo lance de escada, os recém-chegados à mercê do andar trôpego do porteiro e, na verdade, praticamente escorando-o para que não caísse. – E, cá entre nós, nem faço ideia do que você bebeu, mas sem dúvida era forte!

Novas gargalhadas os acompanhavam quando alcançaram um longo corredor.

– Seu amo já acordou? – Macduff surpreendeu-se ao ver Macbeth achegando-se por um corredor menor. – Nós o acordamos ao bater...

Foram saudados.

– O rei já está acordado, digno lorde?

– Ainda não – respondeu Macbeth, olhando para um e para outro, curioso. – Por quê?

– Ele nos deu ordens para chamá-lo cedo – respondeu Macduff,

evidenciando certo constrangimento. – Quase perdi a hora...

– Vou levá-los até ele. – Macbeth dispensou o velho porteiro com um aceno displicente de mão e escoltou os dois cavaleiros pelo corredor até parar diante de uma das portas na confluência de três corredores menores. – Quer que o desperte?

– Ah, não se preocupe, nobre senhor – disse Macduff, sorridente. – Fui encarregado de fazê-lo...

– O rei partirá hoje? – surpreendeu-se Lennox.

– Assim ele decidiu – informou Macbeth.

– Nossa, que noite turbulenta! – comentou Lennox. – Uma ventania infernal!

– Verdade?

– O vento derrubou as chaminés de onde dormimos, o senhor acredita? Dizem que pelo ar se ouviram queixas e clamores misteriosos de morte, como a pressagiar acontecimentos horríveis...

– Realmente foi uma noite das mais terríveis... – aduziu Macbeth.

– Minha jovem memória não se lembra de outra igual...

– Bobagem! – resmungou Macduff com desdém, empurrando a porta. – Coisa de matronas medrosas e de crianças choronas... – A voz sumiu abruptamente, e, pálido e horrorizado, ele recuou sobre os próprios passos, balbuciando: – Que horror, meu Deus, que horror!

Macbeth e Lennox trocaram um olhar de apreensão e surpresa, perguntando os dois praticamente ao mesmo tempo:

– De que se trata?

Macduff balançava a cabeça desconsoladamente, os olhos muito arregalados, e, incapaz de dizer qualquer palavra, por menor que fosse, limitou-se a escancarar a pesada porta para que ambos se lançassem para dentro do quarto.

– De pé! De pé! – gritou Macbeth, enquanto uma apavorante máscara de espanto e horror lhe emoldurava o rosto transtornado por uma vermelhidão de indignação e incontida raiva. – Acordem todos! A traição levou a vida de nosso amado rei!

Lançou-se sobre os três servos, que, lambuzados de sangue, o mais próximo da porta com a adaga ensanguentada na mão e uma expressão aparvalhada no rosto sonolento, gemendo incompreensivelmente, também se surpreendiam ao contemplar o corpo trucidado de Duncan estirado sobre a cama.

– Acalme-se, *milord*! – gritou Lennox, finalmente livrando-se da paralisia que o acometera diante do espetáculo de morte que descortinava bem à sua frente. – Temos que pegar pelo menos um deles vivo!

Inútil. Mal despertando do torpor característico da embriaguez e do sono, horrorizados pela repentina aparição dos três cavaleiros e balbuciando indagações desconexas, os três servos foram alcançados pela espada de Macbeth, que os golpeava incontrolavelmente mesmo depois que o último deles sucumbiu ao aço frio e implacável.

Aparecendo na porta, Lady Macbeth, sem entender muito bem o que se passava, com os olhos indo de um para outro e finalmente se detendo nos corpos ensanguentados dos servos estirados no chão aos pés do marido, indagou:

– Meu Deus, que desgraça! – Macduff abraçou-se a ela e, empurrando-a para fora do quarto, ainda a ouviu lamentar-se: – E ainda por cima aqui, em nossa casa...

Quase se chocou com Banquo, que se aproximava pelo corredor.

– Banquo! Banquo! – gritou Macduff, transtornado. – Nosso rei foi assassinado!

Outros cavaleiros acorreram ao quarto. Donalbain precipitou-se para dentro do aposento, empurrando a todos que encontrava pela frente, e, achegando-se a Macbeth, indagou:

– O que está errado?

– Assassinaram seu pai, meu príncipe! – respondeu Macduff.

Malcolm, que acompanhava Donalbain, insistiu:

– Quem fez isso?

Lennox juntou-se a eles e informou:

– Ao que parece, foram os próprios camareiros.

– Absurdo! A troco de quê?

– Não sabemos, *milord*. Mas havia manchas de sangue no rosto e nas mãos de todos eles, e suas adagas também estavam sujas...

Nesse momento, todos os olhares convergiram para Macbeth, que se desculpou:

– Creio que perdi a cabeça e, na minha loucura, matei todos eles...

ATO IV

Razão não tenho, bruxas insolentes?
Como é que ousastes vós, ó impertinentes,
negociar com Macbeth tratos de porte
usando enigmas e questões de morte?

CENA I

Preocupado com Lady Macbeth, Banquo, virando-se por fim para Macduff e outros cavaleiros, insistiu:

– Levem a senhora para seus aposentos, pois resta-nos muito a discutir e outro tanto a refletir a respeito desses sombrios acontecimentos e sobre a traição que se oculta por trás da morte de nosso rei.

Um pouco depois de Lennox e um dos servos saírem do quarto, acompanhando Lady Macbeth, Donalbain puxou o irmão pelo braço a um canto do quarto, mantendo os olhos fixos no cadáver ensanguentado de Duncan, ainda na cama, à mercê do interesse de Macbeth e dos outros cavaleiros.

– Nada diga! – aconselhou.

– Por quê? – surpreendeu-se Malcolm. – Por que nada devemos dizer se talvez seja o que esperam de nós?

– E por que deveríamos dizer alguma coisa se o lugar está tão cheio de traição que, por mais que observemos, nada sabemos sobre quem exatamente nos espreita e pode a qualquer momento nos matar? Melhor partirmos...

– Como partir? Certamente pensarão que somos os responsáveis por essa matança.

– Pouco me importa. Melhor partirmos e voltarmos em momento mais propício para defender a nossa inocência.

– Talvez tenha razão. Não devemos nos juntar a eles agora. Sempre é fácil para o homem falso demonstrar uma tristeza que não sente. Vou para a Inglaterra.

– E eu parto para a Irlanda. – Donalbain dirigiu um olhar apreensivo para a porta e acrescentou: – Estaremos mais seguros. Aqui há muitas adagas no sorriso alheio. Quem por sangue nos for mais próximo, mais próximo estará de derramar o nosso sangue.

Cautelosos e amedrontados, os dois ainda esperaram por certo tempo dentro do quarto, até que, adiantando-se ao irmão, Donalbain

achegou-se à porta e, depois de olhar de um lado para outro no corredor silencioso, gesticulou para que ele se aproximasse, e ambos se esgueiraram para um dos pequenos corredores que levavam ao quarto onde o pai fora assassinado.

CENA II

Após um estranhamento inicial, muito rapidamente tornou-se voz corrente entre os vários nobres reunidos no grande salão do castelo de Macbeth que a repentina fuga dos jovens príncipes era a confissão mais eloquente de que ambos estavam envolvidos no assassinato de Duncan. A revolta e a perplexidade espalharam-se em igual medida entre todos, e muitos já falavam abertamente em caçá-los e a seus partidários país afora. Espontaneamente ou insuflados pelo palavrório de muitos aliados de Macbeth, os quais propugnavam que todos deveriam partir em perseguição aos patricidas herdeiros reais, os eleitores, reunidos às pressas, partilhavam da ansiedade de eleger um novo rei para que se tomassem as decisões cabíveis ao assassínio de Duncan o mais depressa possível.

Informações contraditórias e até descabidas circulavam dentro do castelo e espalhavam-se incontrolavelmente por suas imediações. Os primeiros rumores asseguravam que Malcolm e Donalbain haviam fugido pouco depois da descoberta do corpo do pai, e a partir daí as opiniões eram divergentes. A maioria acreditava que se refugiariam na Inglaterra, mas pelo menos um dos lordes assegurava que tinha informação segura de que pelo menos Donalbain partira ao encontro das forças norueguesas que aparentemente se retiravam para o sul, razão pela qual considerava urgente que tivessem um novo rei a liderá-los em uma cada vez mais esperada retomada das hostilidades com o notório invasor.

Teorias conspiratórias das mais descabidas chegavam a cada momento ao castelo com novas comitivas que acompanhavam os eleitores. O país estava absolutamente convulsionado, e quanto mais se encontrasse sem liderança, sem um rei forte e respeitado tanto pela nobreza quanto pelo povo, maior a possibilidade de um dos príncipes voltar para envergonhar o reino com o gesto impuro de ocupar o trono da Escócia pela força e com o apoio de inimigos ou tropas de mercenários vindos sabe-se lá de onde, mas que perambulavam pelas

ilhas britânicas agitadas por grandes e pequenos conflitos entre reinos e feudos.

– Macbeth! Macbeth! – Aos poucos a unanimidade se fez aos gritos e por aclamação da maioria dos nobres presentes, e qualquer contrariedade ou oposição foi vencida pela intimidação e pelos olhares beligerantes dos que se aglutinavam em torno do cada vez mais poderoso senhor de Cawdor.

O clima de suspeição assombrava a todos, e qualquer gesto ou palavra irrefletida rapidamente suscitava a desconfiança, a ameaça dardejante de olhares trocados por partidários deste ou daquele pretendente ao trono ou de antigos colaboradores de Duncan ou de seus filhos. A mácula da traição era imediatamente impingida pela minoria mais belicosa e barulhenta. O fantasma de uma possível guerra civil rondava os mais sensatos. Temor real. Conflito indesejado por todos, cansados que estavam por causa do longo e sangrento conflito com os noruegueses. "A paz a qualquer preço", clamavam, esperando serenar os ânimos e apaziguar os corações mais dispostos ao confronto.

A lâmina da paz imposta pela violência silenciosa, porém presente, apontava de forma cada vez mais insistente para a figura taciturna e de poucas palavras de Macbeth. A dúvida e o impasse insuflados em um primeiro momento pela sua voz aparentemente melíflua para colocar os outros pretendentes ao trono uns contra os outros e assim alcançar a unanimidade, algo insinuado também pela figura viperina de sua esposa, que sussurrava cizânia aos ouvidos mais suscetíveis a mexericos e intrigas de toda ordem, cavavam profundamente as garras da conveniência e da falta de opções na alma dos que titubeavam e encurralavam as cada vez menores vozes dissonantes que clamavam por Banquo.

– Macbeth! Macbeth! – Aos gritos seguiam-se os pés que golpeavam forte e impacientemente o piso frio do castelo, o retinir de lâminas e a maré de olhares hostis que varriam para longe os últimos adversários daquele que por fim foi aclamado como o novo rei. – Macbeth! Macbeth!

O próprio Banquo, como que a encerrar a acirrada disputa, foi o primeiro a estender a mão para Macbeth e submeter-se a seu comando, dizendo:

– Minha espada estará sempre a seu dispor, meu rei, e certamente o acompanhará até Scone para a coroação e onde mais o senhor assim o determinar.

– Sei disso, nobre Banquo. – Macbeth apertou-lhe a mão oferecida, mas seu coração batia inquieto, à sombra de uma lembrança recente, as vozes encarquilhadas das bruxas alfinetando sua memória com o sortilégio que pouco a pouco se cumpria...

"Não será rei, mas pai de reis..."

– Sentará sobre a Pedra do Destino em Scone e reinará sobre toda a Escócia por muitos e muitos anos – continuou Banquo, incitando os outros eleitores a celebrar e acompanhar o novo rei até a antiga capital dos pictos e, desde a construção da catedral, local onde os reis escoceses eram coroados desde que haviam abandonado a ainda mais antiga capital de Dunstaffnage. – Macbeth! Macbeth!

O silêncio acompanhou o novo rei naquela primeira noite. Silêncio. Desconfiança. A falta de sono enchia seu coração de novos temores, o maior deles representado pela renitente lembrança do encontro com as três bruxas na estrada de Forres, pelas predições que se cumpriam, mas principalmente pela mais irremovível delas que se repetia...

"Não será rei, mas pai de reis..."

Banquo. Não parava de pensar em Banquo com grande temor.

CENA III

A pequena tarde esmaecia fracamente pouco depois das três horas. O céu cinzento assumia fortes tons alaranjados, e um vento gelado soprava mais uma vez do leste, quebrando o silêncio intimidante do castelo, onde janelas tremeluziam na débil luminosidade de velas acesas. O tropel dos cavalos de mensageiros apressados distanciava-se pelas estradas do reino. Portavam novidades, conclamavam multidões eufóricas, ou pelo menos interessadas, a se dirigir a Scone para celebrar a coroação do novo rei. Para trás ficavam o ar soturno e tenso das muralhas povoadas por soldados e por uma desconfiança irremovível e a paz aparente que marchava par a par com a precariedade da traição.

– Esta noite terrível tornou inexpressivas todas as outras tantas que vivi ao longo de meus setenta anos – desabafou o velho ao lado de Ross, enquanto buscava o imponente vulto do castelo de Macbeth na crescente escuridão.

– Concordo, meu pai – disse Ross, apreensivo. – E nada sugere que a situação melhorará...

– Todo esse clima de suspeita...

– Bem sei. Ninguém confia em ninguém...

– Todos se entredevoram. – O velho carregava sólido pesar na voz arrastada; a decepção se desprendia, amarga e dolorida, de cada palavra pronunciada a custo e com redobrada cautela. Calou-se abruptamente no momento em que Macduff se materializou na escuridão que avançava tão vagarosamente quanto ele. – Veja quem se aproxima...

Ross o saudou e em seguida perguntou:

– Como estão indo as coisas, meu amigo?

Macduff balançou a cabeça com desconsolo e, aparentando forte contrariedade, redarguiu:

– Como assim? Não está vendo que vão de mal a pior?

– Já sabem quem afinal de contas matou nosso rei?

– Aqueles que Macbeth matou, quem mais?

– Será?

– Não acredita?

– A troco de quê? Que proveito esperavam alcançar com seu gesto?

– Também andei pensando...

– Receberam suborno, penso eu. E, como os filhos de Duncan fugiram sorrateiramente, são os principais suspeitos. Isso certamente fará a realeza recair sobre Macbeth...

– Já foi eleito e há horas partiu para Scone para ser coroado.

– E onde está o corpo de Duncan?

– Já o conduziram para o sagrado abrigo de nossos antepassados na ilha de Colmekill, que São Columba proteja sua alma generosa.

– Você irá a Scone?

– Não, voltarei para casa, em Fife.

– Pois eu estarei lá.

– Bom, que a coroação de Macbeth possa verdadeiramente ser uma boa coisa para a Escócia.

O ceticismo congestionou o rosto do velho pai de Ross, e, enquanto ele e Macduff se afastavam, os dois ainda o ouviram dizer:

– Que todos vocês consigam transformar novamente os inimigos em amigos e que a paz retorne definitivamente à nossa terra.

ATO V

Mas o pior é que fizestes tudo
por um filho maligno, cabeçudo,
irado: como os demais que são assim,
não vos ama por vós, mas por vosso fim.

CENA I

– Os sortilégios das três bruxas se cumpriram, nobre amigo – disse Banquo, sorridente, enquanto ele e Macbeth atravessavam um dos amplos salões do palácio real. – Você é rei agora e, em muito pouco tempo, foi Glamis e Cawdor. Espero que meus presságios alcancem a mesma fortuna.

Macbeth parou e encarou-o, uma certa impressão a custo dissimulada no rosto pálido e cansado.

– Como assim? – questionou.

– Decerto se esqueceu das palavras das três velhas...

– Aparentemente...

O sorriso alargou-se no rosto de Banquo.

– Bom, se em você os fatos se cumpriram, sinto-me capaz de alimentar fundadas esperanças de que tal se dê também para mim, mas principalmente para os meus.

Clarins soaram, desviando ambos da conversa. Voltaram-se para Lady Macbeth e o pequeno séquito que a seguia, Ross à frente dos cavaleiros e dos soldados.

– Veja, querida – disse Macbeth, apontando para Banquo. – Nosso principal convidado já chegou.

Lady Macbeth achegou-se, amistosa, a solicitude indo além de seu sorriso, mas presente em igual medida nas palavras...

– Nossa festa se faria totalmente incompleta se ele fosse esquecido.

– Hoje à noite daremos um grande banquete para todos os presentes, e faço questão absoluta de sua presença – aduziu Macbeth.

– Ordene, Majestade, e aqui estarei.

– Você irá cavalgar hoje à tarde?

– Certamente. Mas se precisar...

– Não, não. Vá, meu amigo. Seria interessante tê-lo no conselho dos nobres, pois sua opinião é de grande valia para as decisões que tomo. Todavia, posso perfeitamente tomá-la amanhã. Não pensa em ir muito longe?

– Não se preocupe, pois estarei de volta muito antes do jantar.

– Por favor, não falte ao jantar!

– Absolutamente, Majestade!

– Sabe das novidades?

– De que novidades está falando, *milord*?

– Os príncipes sanguinários...

– Malcolm e Donalbain?

– Exatamente.

– O que quer dizer?

– Foram acolhidos nas cortes da Inglaterra e da Irlanda, de onde, sem confessar o parricídio cruel de que são responsáveis, dedicam-se a espalhar boatos e invencionices de toda ordem, a mais frequente a de que sou o responsável pela morte de Duncan...

– Absurdo!

– Certamente. Mas não se preocupe. Disso cuidaremos amanhã, junto com outros tantos assuntos oficiais que merecem muito mais a nossa atenção. Fleance vai cavalgar com você?

– Sim, estaremos juntos.

– Pois não o prenderei mais, meu fiel amigo. Aproveitem o passeio, mas, por favor, não descuidem da hora. Faço questão da presença de ambos no banquete de logo mais. – Macbeth despediu-se com um forte e prolongado aperto de mão, e seus olhos seguiram Banquo e se ocuparam em observá-lo, primeiramente ao se juntar a Ross e outros cavaleiros e por fim, após breve troca de cumprimentos e palavras, sair do salão. Esperou ainda por certo tempo e, somente depois que estava sozinho, virou-se para um servo que se encontrava poucos passos atrás de si, gesticulou para que se aproximasse e indagou:

– Aqueles homens que convoquei hoje pela manhã ainda estão aqui?

– Esperam no portão, Majestade – respondeu ele.

– Acompanhe-nos até aqui.

O servo fez uma mesura reverenciosa e, em seguida, desapareceu à distância em um longo e umbroso corredor, através do qual voltaria acompanhado de dois homens algum tempo mais tarde.

– Fique no corredor e não volte antes que eu o chame – ordenou Macbeth de olhos vigilantes, acompanhando atentamente o servo até se certificar de que ele lhe havia obedecido. Virando-se para um dos

recém-chegados, indagou: – Lembram-se do que conversamos ainda ontem?

– Não esquecemos uma palavra sequer, meu senhor – respondeu seu interlocutor, um indivíduo corpulento, de rosto ossudo e hirsuto desfigurado por feias cicatrizes que, em esbranquiçadas linhas coleantes, partiam de sua orelha esquerda até o queixo quadrado e coberto por um longo cavanhaque vermelho.

– E pensaram sobre o que lhes disse?

– E lhe somos gratos por tudo o que nos contou, *milord* – informou o segundo homem, tão corpulento quanto o companheiro, mas alguns centímetros mais alto e inteiramente calvo. – Há tempos suspeitávamos que devíamos a Banquo a falta de reconhecimento e a pouca importância que nossos esforços sempre receberam...

– Sei bem que sempre foram combatentes valorosos e de grande bravura... – disse Macbeth, viperino. – Mas Banquo...

– Sempre ele! – O primeiro cavaleiro rilhou os dentes, irritado. – Somos gratos por ter confirmado o que há tempos suspeitávamos...

– É o meu dever, e só lamento tê-lo postergado por tanto tempo em nome da velha amizade entre mim e Banquo.

– Não tarda a verdade que chega, Majestade. Somos gratos por tudo o que nos contou, e, se me permite a sinceridade, encontramo-nos de tal maneira irritados que a vingança é algo absolutamente natural em nosso coração, e estamos dispostos a fazer o necessário para saciar nossa sede por justiça.

– Bem sei que Banquo é seu desafeto e, nos últimos tempos, tornou-se meu também.

Os dois homens se entreolharam, e o menor deles disse:

– Não haverá obstáculos para o senhor se livrar dele, Majestade. Será fácil...

– Mas seria prudente?

Nova troca de olhares entre os dois homens. Perplexidade.

– Do que fala, senhor? – indagaram praticamente ao mesmo tempo.

– Não sei se os dois podem imaginar as implicações que cercariam qualquer prisão e morte de Banquo por meu intermédio – falou Macbeth. – Mesmo possuidor de régia autoridade, Banquo e eu temos amigos em comum que certamente se rebelariam à simples menção de que eu estaria inclinado a tomar tal decisão. As implicações seriam

por demais graves e até poderiam nos lançar a uma indesejada guerra civil, o que não seria aconselhável com os filhos de Duncan insuflando seus protetores ingleses e irlandeses contra nosso reino, e outros inimigos, como os noruegueses, ainda rondando nossas fronteiras. Não, não, de maneira alguma. Não posso ser tão imprevidente e condenar nossa amada Escócia à destruição com algum gesto justo, porém irrefletido...

– Faremos tal justiça pelo senhor, Majestade! – prontificou-se o segundo homem.

– Já estávamos decididos desde ontem – ajuntou o primeiro homem.

Uma chispa de incontível satisfação iluminou os olhos de Macbeth, e foi quase impossível escondê-la de seus interlocutores, principalmente quando disse:

– Vou chamá-los novamente dentro em breve para lhes dizer o local e a hora exata em que deverão ir ao encontro de Banquo e de sua vingança... Não deixem o palácio!

CENA II

Inquietos persistiam a alma e o coração de Banquo ao longo do tempo que o separava dos misteriosos acontecimentos que cercavam a morte de Duncan. Descria vivamente da culpa que se impingia aos filhos do rei morto, mas, diante do sufocante clima de suspeição que se seguiu ao macabro achado e à imediata execução dos prováveis assassinos, calou-se. As paredes começaram a ter ouvidos logo depois que Macbeth fora aclamado o novo rei, e, mesmo por trás de tanto carinho e reverência, era impossível não desconfiar dele. Banquo carregava em seu silêncio a exata noção de que Macbeth desconfiava dele e, em certa medida, temia-o.

A corte que emergira da coroação em Scone enchia-se de novos arranjos políticos. O rei se cercava de seguidores entre os diversos senhores feudais e planejava livrar-se daqueles que guardavam distância ou, conservavam renitente fidelidade à antiga casa real representada pelos filhos de Duncan. Conspirava-se no recôndito do castelo de Macbeth em Inverness ou na escuridão de outros tantos pelo reino.

Banquo não guardava ilusão alguma e sabia ser o mais vigiado. Estava nos olhares, nos gestos, mas, principalmente, nas palavras de todos os que dele se aproximavam. Era fácil identificar isso na insistência com que o casal real se esforçava para mantê-lo próximo, valendo-se dos mais variados subterfúgios. Algo o preocupava. No princípio considerou uma bobagem, mas, à medida que os dias se passavam e por mais absurdo que aparentasse ser, começou a não conseguir desassociar os últimos acontecimentos, as mudanças extraordinárias acontecidas no reino, daquele repentino encontro com as três bruxas no caminho para Forres.

Teria sido influenciado pelo sortilégio daquelas criaturas cuja existência volta e meia questionava, atribuindo-a a alguma artimanha de forças demoníacas que sequer conseguia ou ousava identificar?

Seriam reais, e suas palavras apenas haviam suscitado um interesse

anterior àquele encontro fortuito, agravando intenções que pairavam e se intensificavam ao longo dos meses de vitórias e celebrações nos campos de batalha onde derrotara o invasor norueguês?

Fosse uma coisa ou outra, Macbeth transformara-se rapidamente e, ao mesmo tempo, passara a encará-lo com outros olhos. Algo surgira contraditoriamente no momento em que se vira aclamado como o novo rei. Um brilho novo e perturbador atribuía intenções insondáveis e uma interminável suspeita a seus olhares; os elogios se faziam desagradavelmente frequentes e falsos, convenientemente alcançáveis pelos outros nobres que frequentavam a corte. Buscavam forjar uma confiança e fidelidade de parte a parte que não existia e erodia rapidamente a partir do momento em que a coroa fora colocada na cabeça de Macbeth.

Fleance, o primogênito de Banquo, sabia que Macbeth era o único responsável pela mudança de comportamento do pai e, desde a coroação de Macbeth, insistia em acompanhá-lo para onde quer que fosse, sobretudo quando o rei o convocava à corte. Suspeitava que conspiravam rei e rainha – ele, como todos no reino, em momento algum menosprezava a grande influência de Lady Macbeth sobre o marido – às costas do pai, e a traição e a morte seriam o pagamento final por tantos anos de lealdade que Banquo dedicara ao antigo companheiro de batalha. Mesmo enquanto galopavam e viam o Castelo desaparecer à distância, tanto um quanto outro partilhavam de igual certeza, a de que a morte espreitava seus passos e que havia pouco ou nada a fazer para detê-la. Sobreviver era tudo o que poderiam fazer.

CENA III

Ela viu pai e filho se distanciarem do castelo em desabalada carreira, como se empreendessem fuga temerária, assombrados por imensa desconfiança ou motivados por temíveis planos futuros.

– Banquo partiu da corte? – perguntou assim que os dois desapareceram na luminosidade intensa de um dia ensolarado e inesperadamente quente.

O servo mais próximo respondeu:

– Partiu, *milady*, mas assegurou que voltará hoje à noite.

Lady Macbeth afastou-se da janela e, encarando-o, continuou:

– E Sua Majestade?

– Aproxima-se... – O servo inclinou-se em uma rápida reverência ao ver Macbeth entrar e saiu em seguida, quando ele o dispensou e aos outros dois servos presentes.

Lady Macbeth esperou até que a porta se fechasse atrás dos três homens para finalmente olhar para o marido e perguntar:

– Por que está com essa cara, meu marido? O que inquieta sua alma e o faz preferir estar sozinho a partilhar comigo as tristes fantasias que tanto o incomodam?

– Nossa vitória ainda não é completa – admitiu Macbeth, com rugas de preocupação investindo o rosto de uma fisionomia pesada e taciturna, apreensiva. – A paz é aparente...

– Não leve tais sinais de medo e fraqueza para hoje à noite. A jovialidade e a confiança são armas poderosas diante dos tantos inimigos e falsos amigos que a coroa colocou em seu caminho...

– Assim me apresentarei, não se preocupe, meu amor. Aliás, peço-lhe que faça o mesmo, principalmente com Banquo. Cubra-o de gentilezas e lisonjas...

– Tem razões para temê-lo, *milord*.

– Não tenho dúvida disso. No entanto, aquiete seu coração, pois brevemente terei consumado um ato terrível, porém necessário à nossa paz e à da coroa...

Lady Macbeth achegou-se e, bem mais curiosa do que preocupada, indagou:

– O que pretende fazer?

– Melhor que você não saiba.

– Não se preocupe, meu marido. Vejo em seu olhar o que o senhor está há semanas me negando com suas palavras.

– Não estou preocupado.

– Nem deve. Aliás, já deveria ter feito isso há muito mais tempo...

– Banquo é um grande amigo...

– Banquo agora não passa de um estorvo!

– ... mas é como dizem: todas as coisas que começam mal ficam mais fortes como o próprio mal.

– O que não tem remédio remediado está. Não há outro caminho. Se pretende ter um reinado duradouro, precisa tirar Banquo e sua descendência das muitas preocupações que atormentam um rei.

CENA IV

A noite chegou pouco depois das cinco horas. Sem estrelas ou lua. Nevoenta. Intimidadora. A estrada diluiu-se na bruma esverdeada que ora se tornava espessa, ora se adelgaçava, revelando apenas trechos coleantes meramente insinuados através do negrume noturno. A poucos metros do portão do castelo, um daqueles trechos se estreitava ainda mais; as copas das árvores que a marginavam dobravam-se, formando um longo dossel verdejante dentro do qual pouco ou nada se via além de vultos. Entrincheirados atrás de algumas delas, os três homens esquadrinhavam a curva estreita, cada vez mais ansiosos, desviando os olhos apenas quando o clarão de um archote tremeluzia no alto da muralha do castelo, carregado por uma das várias sentinelas.

– Mas quem o mandou juntar-se a nós? – perguntou o mais truculento deles, virando-se para o terceiro, um sujeito bem mais jovem do que ele e o companheiro, que aparecera repentinamente quando os dois já se encontravam escondidos entre as árvores.

– Macbeth! – disse o rapaz, lacônico, sustentando o olhar desconfiado dos dois homens.

– Deixe de ser cismado, homem! – pediu aquele que se colocara entre ambos. – Tudo o que ele nos contou confere com o que combinamos com Macbeth.

– Não sei, não...

O rapaz gesticulou para os companheiros e pediu:

– Ouçam!

Os dois se entreolharam.

– O que foi?

Ouviu-se o tropel de cavalos aproximar-se rapidamente, e em seguida a voz de Banquo ecoou:

– Deem-me um dos archotes! Está muito escuro ali na frente!

O clarão tremeluzente de uma chama afugentou a escuridão na curva estreita e iluminou Banquo, que carregava um archote e

galopava ao lado do filho. Os três homens encolheram-se atrás do tronco robusto de uma das árvores, retirando os punhais da bainha enfiada na cintura.

– Eles estão desmontando – informou o sujeito truculento e atarracado, apreensivo.

Foi rapidamente tranquilizado pelo terceiro homem, o mais jovem, que esclareceu:

– É costume, quando se aproximam do castelo, os visitantes desmontarem nessa curva e entregarem suas montarias aos servos, que as levam por um atalho até os estábulos. Daqui em diante eles vão andando até a entrada do palácio.

O clarão do archote aumentou, afugentando os três para trás da árvore. Banquo o carregava, tendo Fleance a seu lado com uma espada em uma das mãos.

– Hoje à noite vai chover – observou Banquo, olhando distraidamente para o céu sem estrelas e cada vez mais enfarruscado.

Como se obedecessem a algum comando dado pelo próprio Banquo, o rapaz abandonou seu esconderijo e apagou o archote, gritando:

– Que chova!

A escuridão envolveu a todos imediatamente e, de dentro dela, ouviu-se Banquo gritar:

– Traição! Fuja, meu filho! Fuja!

Vultos agitavam-se, indistintos, em violenta confusão; o vestígio brilhante do archote que Banquo brandia contra aos atacantes serviu somente para atrair a fúria dos punhais que se cravaram seguidamente em seu corpo.

– Quem apagou o archote? – interrogou o mais velho dos atacantes, com grande irritação.

– Não era o certo? – questionou o jovem, intimidado.

– Banquo está morto – informou o terceiro deles. – Mas infelizmente o filho dele escapou.

Estabeleceu-se uma rápida e irritada troca de palavrões entre eles. O mais velho, inconformado, rugiu:

– Perdemos a melhor metade dessa empreitada, justamente a que mais esperavam que fosse bem-sucedida.

– Que fazer? Melhor sair logo daqui e dar conta do que fizemos.

Sumiram na escuridão.

CENA V

Celebrava-se com entusiasmo, os convidados se esbaldavam na mesa farta do grande banquete oferecido pelo novo rei e sua esposa. Canecas metálicas se entrechocavam, vinho e cerveja respingavam até mesmo em Macbeth, sentado à cabeceira da longa e sólida mesa, sobre a qual se espalhava a comida a que muitos se lançavam atabalhoadamente e com desusada voracidade.

– Sejam todos bem-vindos! – saudava Lady Macbeth, que ia e vinha de um lado para outro da mesa, cumprimentando os convidados. – Meu coração, como nossas portas, estará sempre aberto para nossos amigos!

A embriaguez veio rápida para muitos dos convidados, e às saudações barulhentas sucediam-se o martelar temerário das canecas contra o tampo da mesa e o estilhaçar de pratos que despencavam de tempos em tempos para a laje fria do chão.

Macbeth era a própria imagem da alegria e aderia barulhentamente à comemoração, sorvendo sofregamente grandes goles de cerveja e vinho, mais bebendo que comendo, a embriaguez aos pouco perceptível até mesmo para ele. Por essa razão, quando viu um dos assassinos que mandara atrás de Banquo gesticular para ele de uma porta próxima, acreditou-se vítima de alguma ilusão e o ignorou. Apenas a persistência e a insistência do homem o fizeram retornar aos poucos a alguma coisa próxima da sobriedade e, mesmo claudicando, achegar-se com curiosidade.

– Há sangue em seu rosto – observou.

O assassino livrou-se rapidamente da mancha rubra que lhe lambuzava o queixo e afirmou:

– Com certeza é de Banquo.

– Melhor fora de você do que dentro dele. Está morto?

– Está de garganta cortada perto daqui. Eu mesmo a cortei...

– Você é um grande corta-goelas!

– ... Infelizmente, *milord*, Fleance escapou.

Macbeth sacudiu a cabeça, desconsolado, com o rosto preocupantemente exangue.

– Eis-me mais uma vez prisioneiro de meus medos e incertezas. Mas não há dúvida sobre Banquo?

– Nenhuma, *milord*, eu lhe asseguro. Nós o deixamos a poucos metros de sua porta, dentro de uma vala, com vinte cortes dos mais profundos na cabeça. Lamentamos por Fleance...

– No devido tempo, meu fiel amigo, no devido tempo. A serpente ainda não está crescida e lhe falta a devida peçonha que me preocupará. Deixemos para o futuro as preocupações do futuro.

– Certamente, *milord*...

– Agora pode ir. Conversaremos outra vez amanhã.

O assassino esgueirou-se para dentro da escuridão de um estreito corredor que descia para as entranhas do castelo, onde finalmente desapareceu. Macbeth fechou a porta e assustou-se ao virar-se e deparar com a esposa sorridente.

– Que preocupações o consomem desta vez, meu marido? – perguntou ela. – Desagradou-se do banquete?

Um esboço de sorriso e algumas palavras se perderam, sem serem ditas por Macbeth, transformadas em um débil gemido de surpresa no momento em que, olhando para a mesa ao longo da qual se reuniam Ross, Lennox e outros tantos membros de seus respectivos séquitos, avistou o que rapidamente identificou como um fantasma. O fantasma de Banquo encontrava-se sentado à cabeceira da mesa, na mesma cadeira que Macbeth ocupara praticamente a noite inteira.

Ouviu seu nome ser pronunciado por Lennox. Outros cavaleiros fizeram o mesmo. Chamavam-no. Macbeth continuou estático, entregue a sentimentos os mais variados possíveis; o medo se alçava a senhor absoluto de seus movimentos, mas, acima de tudo, de seus temores. Arrepiou-se por inteiro uma, duas, mais vezes. O fantasma o olhava impassível, sem nada dizer, nem uma condenação sequer no olhar duro, persistente. Questionou-se se os outros haviam sido vitimados pela sua aparição, mas, pela maneira como se comportavam, tinha a mais absoluta certeza de que não o viam.

– Não pretende mais voltar a tomar assento entre nós, Majestade? – insistiu Lennox.

– Pensava em Banquo... – mentiu Macbeth, aparvalhado, os olhos

cravados na aparição silenciosa. – Prefiro acusá-lo de descortesia por sua ausência a ter de chorar por qualquer acidente.

– A ausência dele não o deveria molestar, Majestade... Por favor, honre-nos com sua régia companhia.

– A mesa está completa, *milord*...

Um rumor de constrangimento espalhou-se entre os convidados.

– Há um lugar reservado para o senhor... – insistiu Lennox, indicando a cadeira, a seus olhos vazia, mas onde Macbeth persistentemente encontrava Banquo.

– Onde?

Lennox apontou para a cadeira e, mais uma vez, disse:

– Aqui... Acaso não se sente bem, Majestade?

Macbeth não se movia, em um esforço angustiante para fugir ao dardejante olhar de Banquo.

– Quem dentre vocês fez isso?

Confusão geral. Os nobres se olharam, confusos, incapazes de compreender o que se passava com Macbeth.

– O quê, Majestade? Do que nos acusa? – indagaram, ignorando a que se referia com certa irritação e cada vez maior raiva.

– Não pode afirmar que eu tenha feito... – gemeu Macbeth, esbugalhando os olhos à visão do sangue que borbulhava e escorria do alto da cabeça do fantasma. – Meu Deus, não faça isso! Não agite seus cabelos cheios de sangue!

Ross levantou-se de um salto, preocupado, e, voltando-se para os outros cavaleiros em torno da mesa, instou:

– Levantem-se, cavalheiros, que Sua Majestade não está bem.

Impasse. Olhares constrangidos e preocupados de parte a parte. Um silêncio inesperado e tenso os dominou, até que Lady Macbeth, vencendo a própria paralisia, colocou-se entre o marido e os nobres e insistiu:

– Acalmem suas almas generosas, senhores, pois tal distúrbio atormenta Sua Majestade desde os tempos de mocidade. Não, não se aproximem! Continuem em seus lugares e vejam que muito em breve tudo voltará ao normal. Esse acesso é momentâneo. Sentem-se e continuem a se divertir. Olhá-lo poderá inquietá-lo e fará esse mal persistir.

Virou-se para o marido e, irritada, indagou:

– O senhor ainda é homem?

– E dos mais valentes, daqueles que seriam capazes de tirar a coroa do próprio diabo!

– Que vergonha! Como é capaz de temer uma simples cadeira?

– Rogo-lhe que olhe para ela. Não há nada de simples nela... – Repentinamente, Macbeth virou-se para a esposa e questionou: – Não está vendo?

– O que deveria ver?

– O fantasma que se ergue, que move a cabeça e agora está indo sem pressa alguma para aquela porta...

– Fantasma? Que absurdo! De que fantasma está falando? Não há fantasma algum!

– Ele está indo embora. Não vê aquele que abre a porta e parte?

– Pois quê! A única coisa que percebo é que a loucura se apossa do senhor. Mas que vergonha!

Lady Macbeth aproximou-se e entredentes sussurrou:

– Digno senhor, seus amigos estão reclamando a sua presença entre eles.

Macbeth pestanejou nervosamente, buscando com os olhos, sobre os ombros da esposa, os nobres reunidos, as fisionomias congestionadas, trafegando confusamente entre os mais diversos sentimentos – espanto, desconfiança, vívido temor –, enquanto a preocupação crescente os imobilizava em um silêncio perturbador. Forçou um sorriso, esforçando-se por restituir-lhes uma tranquilidade que inexistia dentro de si.

– Nada temam, digníssimos amigos – principiou, com frágil sorriso nos lábios. – Como lhes disse minha esposa, sofro de estranho mal, insignificante e que poucas vezes se manifesta. Por favor, eu lhes peço que esqueçam isso e que voltemos à nossa celebração. Alguém me dê vinho, encha a taça até a beira. – Um dos servos apressou-se em atendê-lo e recuou, trêmulo e pálido, temendo ser golpeado quando o rei ergueu a taça e gritou: – Celebremos a alegria de toda a mesa e também o nosso querido Banquo, que tanto nos faz falta! Uma lástima que não esteja aqui conosco... – Por uma fração de segundo, o medo retornou e o fez hesitar, vendo o fantasma invocado de Banquo atravessar a porta por onde saíra um pouco antes e pôr-se a observá-lo. Levou a taça aos lábios e sorveu com sofreguidão, deixando

escorrer o vinho pelos cantos da boca.

– Brindemos todos! – gritaram Ross, Lennox e os vários cavaleiros que se amontoavam diante dele.

Macbeth gesticulou freneticamente para que o servo mais uma vez enchesse a taça e bebeu. Uma, duas e, por fim, duas outras vezes, os olhos incapazes de desviar-se do espectro silencioso que o observava junto à cadeira na cabeceira da mesa. Bebeu, bebeu, como se perseguisse na embriaguez fuga possível àquela visão implacável e silenciosa. Em vão. Por fim, irritado, arremessou a taça na direção do fantasma e gritou:

– Fora! Afaste-se de mim, fantasma dos infernos!

Lady Macbeth, confusa e envergonhada, olhava para o marido e voltava-se para os nobres, tão incomodados quanto ela, até que finalmente, encarando-os, forjou um sorriso e desculpou-se, dizendo:

– Veem? Nada grave, mas realmente estraga o prazer da ocasião.

Nenhum deles disse sequer uma palavra. Assustados, paralisados por imensa surpresa e maior desconfiança, continuaram calados, prisioneiros de medo e sentimento comum, sem explicação.

– Volte à vida, maldito, e desafie-me a lutar com você em qualquer deserto ou onde quiser. Vá embora, sombra horrorosa! Vá embora, ilusão irreal! – Macbeth continuou gritando, ignorando a todos, até que finalmente o espectro desapareceu. Ofegante, dando mostra preocupante de estar praticamente sem fôlego, encarou a todos, buscando justificar-se: – Ele se foi. Voltei a ser homem novamente.

Os convidados se entreolharam, pasmos e preocupados; nenhum deles disse alguma coisa ou se moveu.

– Por favor, eu lhes suplico que sentem e me acompanhem na celebração... – disse Macbeth.

Lady Macbeth colocou-se entre ele e os cavaleiros e, sem se preocupar em esconder a sua grande irritação, resmungou:

– Como podem, meu marido? O senhor afastou toda a alegria e entusiasmo desta reunião com seu estranhíssimo comportamento...

Macbeth a fitou e, em seguida, encarou os convidados; seus gestos atabalhoados eram incapazes tanto de acalmá-lo quanto de alcançar algum tipo de solidariedade de algum deles, todos entregues a um silêncio apreensivo.

– Eu não sei como explicar tais momentos. Confesso que mal me

reconheço... eu não sou o homem que todos conhecem. Essas visões...

Ross adiantou-se aos outros cavaleiros e, intrigado, perguntou:

– Que visões, Majestade?

Lady Macbeth, temendo o que o marido, de modo intempestivo, pudesse dizer, interpôs-se entre ambos e implorou:

– Por Deus, *milord*, eu lhe suplico que não lhe dirija a palavra. Sua Majestade vai de mal a pior e, nessas ocasiões, perguntas o enfurecem e podem levá-lo a cometer desatinos ainda mais assustadores...

Todos os olhares convergiram para Macbeth, que arquejava de modo intimidador e distante, os olhos obliquamente voltados para algum ponto indefinido do amplo salão.

Lady Macbeth continuou:

– Quero desejar-lhes uma boa noite e apelar à generosidade e à compreensão de todos, pedindo a vocês que vão embora.

Todos concordaram e aos poucos foram se afastando.

– Boa noite, *milady* – despediu-se Lennox, com o olhar preocupado indo e vindo dela para Macbeth. – Melhor saúde para Sua Majestade!

Lady Macbeth, como a querer se certificar de que partiriam e não espreitariam a conversa que certamente se desenrolaria entre ela e o marido, acompanhou a todos e somente fechou a porta no momento em que o último deles desapareceu no limiar da longa escada que descia para o pátio interno do palácio. Com o rosto transfigurado por intenso ódio e contrariedade, virou-se e deu uns poucos passos antes de assombrar-se com a rápida aproximação dele e, ainda mais, com a mesma palavra que repetia:

– Macduff! Macduff!

Novamente aparentava estar fora de si, os olhos feito chispas rutilantes de um aborrecimento homicida. Por um instante ela temeu que a golpeasse com os punhos assustadoramente cerrados, a ponto de os nós dos dedos apresentarem uma brancura intimidante, mortal.

– O que tem Macduff? – indagou ela, esforçando-se para aparentar calma.

– Ele recusou-se a vir à minha celebração... – disse Macbeth, rilhando os dentes.

– Mandou chamá-lo, meu senhor? Como pode ter certeza de que ele recusou seu convite?

– Tenho olhos por toda parte, mulher...

– Soube por seus espiões?

– Decerto que sim!

– Majestade...

– Porventura você me toma por ingênuo? Sei com quem estou lidando e, por causa disso, nenhum deles tem um servo ou um cavalariço que não esteja a soldo de minha segurança. Eu já fui muito longe e derramei muito sangue para impor limites aos meus desejos. Amanhã mesmo irei em busca daquelas bruxas...

– Meu senhor... aquelas criaturas infernais...

– Para o meu próprio bem, estou disposto a me despir de quaisquer escrúpulos que possa ter. Eu já fui longe demais para me ater a melindres de qualquer espécie. As coisas mais estranhas perambulam por minha cabeça, e encontro cada vez menos resistência a lançar mão delas para... para...

– O senhor perdeu o sono, Majestade. Isso não lhe faz bem.

– Vamos dormir, meu amor. A pouca prática que tenho em tais empresas e a falta de sono podem estar me conduzindo a ilusões de toda espécie e a temores exagerados...

CENA VI

Os dois se encontraram em um dos incontáveis cruzamentos da longa estrada que se desfazia em muitos destinos por toda a Escócia. Em seu companheiro de jornada, Lennox viu cansaço e a perplexidade dos últimos tempos no reino, aqueles que se seguiram à coroação de Macbeth.

Medo. Incertezas. Selvageria. Suspeita. Um mundo inteiro de uma hora para outra à mercê dos temores de seu soberano e dos horrores que sua crescente insanidade ou tibieza espalhavam em todas as direções para as quais se olhasse.

– Tudo se faz muito inseguro e incerto nos últimos tempos, meu bom homem – continuou Lennox, enquanto se aproximavam de uma pequena estalagem na beira da estrada. – Duncan foi morto, e, como seus filhos desapareceram, a eles é imputado o régio crime. Da mesma forma, Banquo foi assassinado ao voltar de um inocente passeio, e, como Fleance, seu primogênito, também escapou ou fugiu, sabe-se lá, também se apresenta ou nos é apresentado como culpado do crime por aquele que chorou pelos dois mortos. Não se passa um dia sem que Macbeth deixe de reafirmar seu interesse em trazer os três filhos homicidas de volta à corte para vingar a morte tanto de Banquo quanto de Duncan. Melhor silenciarmos, pois a morte ronda aqueles que, cobertos pela sombra da suspeita que atormentar o novo rei, caem em seu desfavor. Veja o que aconteceu com Macduff. Por não ter ido à festa do tirano, teve de fugir às pressas.

O nobre de vasta barba branca e ar cansado esquadrinhou a desolada paisagem que rodeava a estalagem e, por fim, voltou a encará-lo.

– Acautele-se de sua língua, meu senhor – disse. – Ultimamente, onde quer que estejamos, nunca estamos sós.

– Sabe onde se refugiou Macduff?

– Um dos filhos do rei Duncan, Malcolm, eu creio, que o tirano se apressou em despojar de todos os seus direitos e impingir-lhe a culpa

pela morte do próprio pai, vive atualmente na corte inglesa, sob a proteção do piedoso Eduardo, e o convidou a se juntar a ele. Fala-se à boca pequena que pretende se unir a Siward, conde de Northumberland, e ao jovem Malcolm para marchar contra nossa amada Escócia.

– É por isso que Macbeth anda tão especialmente cruel nos últimos dias?

– E por que outra razão seria? Os boatos e rumores falam de muitas perseguições no norte e no leste, com Macbeth e seus assassinos eliminando todo e qualquer lorde que seus espiões assegurem que pretendem se juntar a Malcolm e aos ingleses.

– Que transformação!

– Do que está falando, Lennox?

– Macbeth transformou-se enormemente...

– Engana-se, meu bom amigo. O poder e a ambição apenas lhe permitiram ser o que ele verdadeiramente sempre foi. Ninguém está a salvo nos dias de hoje, e Macduff foi apenas o primeiro de muitos.

– Macbeth não se preocupa mais em nos adular.

– Ele não precisa mais de nós. Tem suas próprias tropas, e o que elas não conseguem fazer seus assassinos o fazem à perfeição, na escuridão da noite, à ponta de seus punhais.

– É por isso que está me aconselhando a ir ao encontro de Macduff?

– É por isso que talvez eu mesmo siga esse caminho, meu bom homem.

ATO VI

– Mas emendai-vos; ide-vos embora;
na furna de Aqueronte, pela aurora, buscai-me:
ele irá lá para indagar seu destino: tratai
de preparar vasilhas, fórmulas, bruxedo e o resto:
empregarei a noite – e a voar me apresto –
numa obra terrível e fatal:
meio-dia é o prazo para um grande mal.

CENA I

A boca larga e negra, pavorosamente arreganhada e pontuada de maneira irregular por estalagmites e estalactites, que em tudo se assemelhava à boca quase inteiramente desdentada das três bruxas, parecia sussurrar de tempos em tempos aos seus ouvidos:

– Ele está vindo... ele está vindo...

Seria o vento que soprava em sua direção?

Ilusão provocada pelo ribombar intermitente dos trovões que soavam ainda distantes?

Falsa impressão de mentes apreensivas, ansiosas?

Não se sabia e, ao que se via, nem aparentava preocupar sobremaneira qualquer uma delas, mais entretidas que estavam com os sortilégios que cantarolavam.

– Gato malhado três vezes miou... – casquinou a primeira delas.

– Três vezes, e uma gemeu o ouriço... – acompanhou a segunda.

– Harpia grita: já é hora, já é hora... – ajuntou a terceira.

– O caldeirão vamos circundar – voltou a primeira, com os olhos arregalados, a carranca apergaminhada do rosto praticamente comum a todas, tornando-as praticamente iguais, confundíveis como irmãs, se não no sangue, pelo menos nos malefícios. – Envenenadas tripas iremos jogar, suou veneno enquanto dormia, por trinta e uma noites e dias na fria pedra, ó sapo entocado: vá você primeiro ao pote encantado.

Interrompeu-se por um instante, para em seguida associar-se às irmãs de malefícios em um misterioso sortilégio...

– Dobra que dobra a aflição em obra: caldeira, espume! Fogo, manobre!

– Carne de cobra da lamaceira ferve e cozinha nesta caldeira; dedo de rã, olho de tritão, pelo de morcego e língua de cão, língua de víbora bifurcada, presa de cobra-de-vidro irada, asa de mocho e perna, além disso, de algum lagarto, para o feitiço de vigorosa perplexidade,

espume, ferva de verdade, como se fosse caldo infernal – recitou a segunda bruxa; o solitário e faiscante olho direito agravava o buraco do olho esquerdo ausente.

Mais uma vez as três se juntaram em apavorante refrão, deixando clara a sua intenção de invocar poderosas forças infernais:

– Dobra que dobra a aflição em obra: caldeira, espume! Fogo, manobre!

Em seguida, ciosa de seu papel em tão infame espetáculo, enquanto ventos e chuva redemoinhavam e aumentavam a virulência das chamas debaixo do caldeirão com a sua crescente proximidade, a terceira bruxa, os longos cabelos avermelhados a açoitar-lhe a magérrima figura, avançou em evocação ainda mais intimidante:

– Dente de lobo, escama de dragão, bucho mais goela de tubarão que rapinasse na onda salgada; raiz de cicuta em trevas tirada, múmia de bruxa mais que macabra; fígado hebreu com fel de uma cabra, teixo em eclipse lunar colhido; dedo de um simples recém-nascido, estrangulado assim que expelido nalguma vala por meretriz; beiços de tártaro e até o nariz de um turco; engrosse a papa isso tudo, e mais de um tigre qualquer miúdo no caldeirão forme o conteúdo.

E mais uma vez se uniram no apavorante refrão:

– Dobra que dobra a aflição em obra: caldeira, espume! Fogo, manobre!

Elevando os braços para o ar, a segunda bruxa pôs-se a gritar:

– Para esfriar, sangue de babuíno: e eis o feitiço pronto e genuíno!

Em roda fantástica, provavelmente interessadas em aumentar o poder de misteriosa poção, as três se deram as mãos e passaram a se entregar a alucinante dança, aqui e ali interrompida por tenebrosa e premonitória invocação, como se soubessem que aquele que esperavam estava prestes a chegar.

– Pela ferroada em meu polegar, algum malvado já vai chegar – assegurou a segunda bruxa por intermédio de seu canto casquinante. – Ó fechos, abram a quem bate aí.

Palmas repetiam-se e ressoavam ao longo das sombrias paredes de pedra, cada vez mais próximas, até que as chamas brilhantes sob o caldeirão iluminaram a truculenta figura de Macbeth.

– O que estão fazendo, ó bruxas da meia-noite? – indagou ele.

No mesmo instante, as três responderam:

– Algo em seu nome!

Por alguns instantes, e por medo ou espanto, quem sabe uma perversa mistura dos dois sentimentos, Macbeth calou-se, limitando-se a olhar para os três espectros demoníacos, que, em igual medida, também se calaram, entreolhando-se e provavelmente se divertindo com a apreensão que provocavam na alma e no coração do recém-chegado.

– Pelo que acabo de ouvir, acredito que sabem muito bem por que estou aqui – disse ele finalmente. – Portanto, pouparei as três de maiores e inúteis delongas, pedindo única e tão somente que respondam ao que vim lhes perguntar.

– Fale – instou a primeira bruxa.

– Interrogue – ajuntou a segunda bruxa.

– Nós responderemos – assegurou a terceira bruxa.

– A escolha é sua – explicou a primeira bruxa, concluindo: – Quer ouvir de nossa boca ou por meio de nossos senhores?

– Invoquem tais forças prodigiosas – apelou Macbeth. – Que eu possa vê-las.

Atendendo ao pedido dele, a bruxa desvencilhou as mãos das de suas companheiras e as lançou espalmadas para o alto com inesperada agilidade, enquanto recitava apavorante invocação:

– Verta o sangue de alguma porca que os nove filhos haja comido; lance ao fogo o sebo escorrido do cadafalso de um assassino. Deve subir ou deve descer, faça bem hábil aparecer sua função e seu próprio ser...

Mais uma vez os três pares de mãos artríticas e pavorosamente retorcidas apontaram para o caldeirão fumegante. No mesmo instante, a fumaça que dele se desprendia adquiriu a consistência surpreendente de uma cabeça coberta por pesado elmo. Um trovão ribombou à distância, e incontrolável tremor espalhou-se vigorosamente pelo corpo de Macbeth.

– Diga-me... – balbuciou, assombrado. As palavras escapavam-lhe estranhamente à consciência.

A primeira bruxa o interrompeu, dizendo:

– Cale-se e apenas ouça, seu tolo! Ele já sabe o que você tem em mente, e, portanto, é desnecessário dizer qualquer coisa. Apenas escute!

Outro trovão. Relâmpagos rasgaram a escuridão em incontáveis pedaços, serpentes cintilantes que aparentavam estar prestes a se lançar sobre Macbeth, ao mesmo tempo em que uma voz desconhecida, saída do mais recôndito e assustador recanto do inferno, alertou:

"Macbeth! Macbeth! Macbeth! Cuidado com Macduff! Precavenha-se contra o senhor de Fife!"

Macbeth alarmou-se:

– O quê? – gaguejou. – Fale-me mais, eu lhe imploro...

Em vão.

A voz sobrenatural ignorou seus apelos angustiados e, impaciente, despediu-se:

– Basta! Deixe-me ir!

Uma pequena explosão, e a grande cabeça com elmo desfez-se em uma nauseante nuvem verde que espalhou um insuportável fedor de carne putrefata pela caverna.

– Estou imensamente agradecido pelo aviso, desconhecido – disse Macbeth. – Mas agradeceria se...

A primeira bruxa o interrompeu mais uma vez com brusquidão:

– Desista, Majestade! Ele não recebe ordens de ninguém e só fala o que quer falar, quando assim lhe é conveniente...

– Ele tocou a corda certa de meu medo...

– Não se preocupe. Outro ainda mais poderoso do que ele se aproxima...

Novo trovão, e de dentro do caldeirão emergiu espectro ainda mais horripilante de uma criança ensanguentada, mas cujo rosto contraditoriamente era o de um homem velho e de longa barba negra cujos anéis em tudo se assemelhavam a víboras que se digladiavam e se enrodilhavam em botes temíveis.

– Macbeth! Macbeth! Macbeth!

Seja sanguinário, audaz e decidido:
ria do poder dos homens, pois ninguém
que haja nascido de mulher conseguirá
fazer mal a Macbeth!

Novo malogro. Absolutamente tenso e nervoso, fora de si, Macbeth buscou fazer-lhe novas perguntas, mas a estranha aparição diluiu-se no fundo fuliginoso do caldeirão, apenas para ceder lugar a uma

terceira aparição, outra criança, desta vez coroada e com uma árvore na mão.

Em meio ao ribombar de novo trovão, Macbeth lançou-se a nova indagação:

– Se Macduff ainda vive, devo temê-lo?

Foi ignorado pela terceira aparição, que se preocupou em recitar novo vaticínio:

– Seja soberbo e mostre ânimo de leão para com aqueles cheios de mágoa e irritação. Os traiçoeiros deixe onde estão, porque Macbeth não será vencido até que ao monte de Dunsinane vá a floresta de Birnam contra ele...

Cada vez mais confuso, Macbeth viu a terceira aparição diluir-se na insondável poção que borbulhava no fundo do caldeirão.

– Isso não faz o menor sentido – admitiu, angustiado. – Quem seria capaz de mover uma floresta ou ordenar às árvores que se desprendam de suas raízes? – Acalmando-se, chegou a sorrir quando disse: – Encantam-me tais predições pelo seu absurdo. Nada tenho a temer de Banquo, e não se erguerá a floresta a ponto de marchar para Dunsinane. Viverei o tempo a mim designado e morrerei como qualquer um, pois o natural de todas as coisas é que se morra mais cedo ou mais tarde. – Virou-se para as três bruxas e insistiu: – Apenas algo ainda inquieta meu coração: um dia ainda reinará neste país a geração de Banquo?

– O senhor quer saber em demasia... – repetiram as bruxas a uma só voz.

– Eu preciso de tal informação!

– Melhor se contentar com o que tem...

– Que sobre as três caia terrível praga se a mim for negada essa informação!

Repentinamente, como que impelido por forças misteriosas e das mais poderosas, o caldeirão tombou bem diante de Macbeth. Ao mesmo tempo, diluindo-se em enorme nuvem de fumaça, como se jamais tivessem existido, as vozes encarquilhadas das três bruxas elevaram-se em um único e apavorante chamado:

– Apareça! Apareça! Apareça!

No mesmo instante em que silenciaram, trovões estrondearam assustadoramente próximos, como se a tempestade tivesse se

transportado para o interior da caverna, e, de dentro da grande nuvem verde e malcheirosa, começaram a sair oito reis, o último deles carregando um espelho que parecia refletir Banquo, a nona aparição.

– Malditas bruxas! – urrou Macbeth, ao mesmo tempo irritado e sentindo-se intimidado por algo que não compreendia inteiramente, mas temia com todas as suas forças. – Por que me mostraram tais imagens? Que enigmas escondem? Por que Banquo sorri? É assim que as coisas transcorrerão? A descendência dele reinará sobre a Escócia? Por que é assim?

– Porque é assim que as coisas terão de transcorrer – respondeu a primeira bruxa, enquanto, na companhia das outras duas, se retorcia em uma estranha e até mesmo obscena dança dentro da grande nuvem verde, acompanhando com débeis risinhos zombeteiros o lento porém inevitável desaparecimento delas, da fumaça e do próprio caldeirão.

Macbeth girou sobre os próprios calcanhares, desorientado, angustiado e enfurecido, procurando por elas. Nada. Não viu nenhum vestígio, como se nada tivesse acontecido e ele fosse vítima de alguma ilusão perversa, de suas próprias e cada vez mais arraigadas dúvidas e temores.

Gritou. Chamou por aqueles que o haviam acompanhado e esperavam obedientemente na entrada da caverna. Lennox foi o primeiro a aparecer.

– O que deseja, Majestade? – perguntou ele.

– Você viu para onde foram as bruxas? – contrapôs Macbeth.

– Que bruxas?

– As que estavam aqui, dentro da caverna.

– Nada vi, Majestade...

– Não passaram por você?

– Realmente não.

Macbeth enfureceu-se, vociferando pragas terríveis em todas as direções em que se virava, ainda buscando pelas três bruxas. Por fim, voltando-se mais uma vez para Lennox, indagou:

– Acabei de ouvir o galope de alguns cavalos. Quem chegou?

– Seus emissários, Majestade...

– Que emissários?

– Os que o senhor enviou a Fife.

– E o que dizem? Macduff não voltou com eles?

– Eles informaram que Macduff fugiu para a Inglaterra, senhor.

Mais uma vez praguejou Macbeth, com o coração carregado de mágoa e desejo de vingança.

– Chega de visões! Chega de bruxas! – resmungou, a fisionomia carregada, ensombrada repentinamente por desejos cruéis. – Temos que ir a Fife!

CENA II

Todos os relatos que doravante se seguirão derivam de narratvas as mais diversas, mas que confluem para semelhanças mais ou menos comuns quando se referem aos trágicos acontecimentos ocorridos no Castelo de Fife e que vitimaram de modo infame e covarde Lady Macduff, sua virtuosa cortesã e todos os seus filhos.

Choremos pela orgulhosa descendência que hoje se resume apenas a uns poucos parentes distantes, inalcançáveis pela tirania insana e cada vez mais sanguinária do novo rei da Escócia.

Cidades e lugarejos inteiros sucumbiram da noite para o dia à violência cega provocada por uma simples suspeita de traição. A leviandade de denúncias feitas apenas por inveja ou para agradar àquele que se arroga o direito de se apresentar como rei da Escócia e senhor da vida de cada um de seus súditos condenou centenas à morte ou à fuga precipitada para reinos vizinhos.

Os campos queimaram por semanas, e as plantações ficaram arrasadas. Tristes frutos da loucura balançaram na ponta das cordas de enforcamentos feitos a horas mortas de noites infernais, povoadas por hordas muitas vezes mais cruéis do que aqueles que supomos serem os que frequentam o inferno de nossos antigos temores. O silêncio era a única coisa que restava aos que queriam continuar vivos, e, mesmo assim, nada lhes garantia que um vizinho não fosse cobiçar o pouco que tinham ou que um nobre não fosse desejar a filha ou mesmo o feudo de outro que rapidamente imputava à nódoa mortal da traição.

Nem mesmo a Igreja estava segura naqueles tempos sangrentos. Abadias e mosteiros foram atacados, pilhados, saqueados, e os religiosos, mortos sem dó nem piedade e das maneiras mais tenebrosas possíveis, algumas indescritivelmente cruéis, a ponto de muitos cronistas evitarem descer ao aviltamento de detalhá-las.

O nobre senhor de Fife foi um dos primeiros a ser vitimado pela abominação sanguinária proclamada rei pela covardia e a conveniência interesseira de parte da nobreza. A acusação fútil – não

compareceu à celebração da coroação de Macbeth em Scone – foi mais do que suficiente para que sobre ele se lançassem as tropas reais e as outras tantas pertencentes aos lordes aliados. Nenhum dos relatos esclareceu de maneira insofismável a participação de Ross, um dos mais estimados amigos de Macduff, nos tristes acontecimentos de Fife, mas, de qualquer maneira, todos lhe atribuíram o papel de mensageiro real na busca por ele.

Algumas semanas depois que as notícias da fuga de Macduff chegaram à corte, Ross, à frente de um pequeno destacamento, chegou a Fife e realizou rápido interrogatório, ao qual Lady Macduff se submeteu sem nenhuma resistência. Protestou ignorar o paradeiro do marido e se mostrou até mesmo contrariada por ter sido abandonada, juntamente com os filhos, sem a menor consideração e à mercê de boatos e insinuações de traição que, na opinião dela, careciam de verdade.

Um dos relatos dos sobreviventes entre a criadagem do castelo informou que Ross se mostrou absolutamente solidário e se comprometeu a advogar em favor do antigo companheiro de lutas logo que retornasse a Scone e se encontrasse com o novo rei.

Muitos asseguraram que a presença de Ross em Fife se prestou apenas a municiar Macbeth de informações concretas sobre as intenções de Macduff. Sob tal óptica, ele teria desempenhado um papel indigno de sua posição, qual seja, o de reles espião real. A seguir-se o mesmo raciocínio, coube-lhe também responsabilidade pelo triste destino de Lady Macduff e seus filhos, e foi crível o testemunho de alguns que afiançam que Ross marchou para Fife com ordens expressas de livrar o reino daquele que, aos olhos reais, era considerado um traidor, e, diante do imprevisto de sua fuga, temendo que Macbeth contra ele se voltasse, ocupou-se de aplacar o muito provável ódio e a suspeita real com a vida dos membros da família do fugitivo.

Os vários relatos divergem nesse quesito. Os sobreviventes que fugiram da matança no castelo asseguraram que Ross partiu antes do anoitecer e, portanto, não participou nem direta nem indiretamente da chacina em que sucumbiram Lady Macduff e os filhos, pesando sobre si unicamente a acusação de omisso diante da mais do que plausível possibilidade de a vingança recair sobre a família real.

De opinião distinta partilharam dois ou três lordes refugiados com suas famílias na corte inglesa e que se aliaram a Malcolm em sua intenção de retomar o trono escocês. Todos foram unânimes em responsabilizar Ross, insistindo que os assassinos que executaram a família de Macduff e a maioria de seus servos chegaram a Fife em sua companhia, e, depois de fingir que partia, o próprio Ross retornou e assassinou pessoalmente o primogênito de Macduff.

Outras tantas versões se espalharam pelo reino, pelo menos duas das quais atribuíam papel de destaque e de grande coragem pessoal a Lady Macduff, que se engalfinhou com os assassinos enviados pelo rei em uma tentativa desesperada de permitir que os filhos tivessem tempo de escapar. O relato de um monge beneditino colocou o primogênito dos Macduffs ao lado da mãe e atribuiu à sua bravura a morte de pelo menos sete de seus algozes, antes que Ross o apunhalasse traiçoeiramente pelas costas. Havia ainda a informação de que uma das filhas menores de Macduff escapara do incêndio que se seguiu à matança e um casal de camponeses a encaminhara para um convento, onde as freiras a protegiam dos temíveis espiões que Macbeth espalhara pelo reino.

Algumas narrativas mais recentes davam conta de que o feudo de Macduff fora dividido entre alguns de seus vizinhos e reconhecidos apoiadores do novo rei, cabendo a maior parte a um dos irmãos da odiada Lady Macbeth. No entanto, a nenhum deles foi atribuído o castelo do antigo senhor, que permaneceu como advertência a todos os que porventura se opusessem aos desmandos e à tirania de Macbeth.

CENA III

O primeiro sangue demorou a ser derramado na Escócia. Talvez por prudência ou tibieza do novo soberano, que ainda se acomodava às sutilezas do trono, mas, antes de mais nada, inteirava-se acerca de aliados e adversários, analisando modos e maneiras de aumentar ainda mais a fidelidade dos primeiros e mesmo compreender a natureza, extensão e profundidade de tal fidelidade, e, em contrapartida, fazer-se implacável e definitivo na eliminação dos segundos. Não que se tenha passado muito tempo. Na verdade, até o morticínio de Fife, feito inaugural da face mais sinistra de tal reinado, em que mulher, filhos e servos de Macduff foram impiedosamente massacrados, não havia transcorrido sequer um mês. Amiúde, apesar de estarrecedor e amplamente divulgado pelo país, por mais algum tempo a maioria das pessoas, a começar pelos outros nobres, preferiu atribuir o massacre a uma prerrogativa real diante da aludida traição de Macduff, e não às intenções autoritárias de Macbeth e muito menos a qualquer desequilíbrio mental, em que a desconfiança, justificada ou não, era comum. As pequenas escaramuças ocorridas nos limites da Escócia e os cada vez mais corriqueiros assassinatos que vitimavam os frequentadores da corte em Scone ou aqueles que visitavam o castelo do rei provocaram nada além de tímidas e cautelosas suspeitas. Os mais ingênuos ou acovardados atribuíam tais arroubos sangrentos à insegurança temporária de um soberano investido de seu poder em circunstâncias extraordinárias e em meio a temores fundamentados de conspiração no seio da nobreza. Alguns asseguraram que isso passaria conforme o rei fosse estreitando seus laços de vassalagem e se sentindo mais confortável no trono. Mais cedo ou mais tarde, os ânimos serenariam, e Macbeth se acalmaria, o reino voltaria aos seus dias de paz. Não deviam enfrentá-lo e, muito menos, lançar-se a precipitadas propostas de rebelião e desobediência, o que inevitavelmente provocaria ainda mais derramamento de sangue. Na verdade, todos estavam cansados da prolongada guerra travada para

expulsar o invasor norueguês. O país, empobrecido e assombrado por fantasmas tão ou mais assustadores, como a fome e as doenças que se espalhavam, simplesmente deixaria de existir se fosse levado a nova guerra, acreditavam muitos, o que esticava a corda da tolerância e do conformismo com relação aos desmandos de Macbeth.

Contrariamente ao que a maioria acreditava, tal comportamento, longe de acalmar o coração inquieto e desconfiado do rei, prestou-se apenas para incentivá-lo e conduzi-lo a maior desenvoltura sanguinolenta contra os inimigos que escolhia entre aqueles que o rodeavam. Insuflado por seus seguidores e presa fácil da lisonja e das intrigas palacianas, passaram-se apenas mais uns poucos meses para que a violência real se fizesse às claras Escócia afora e pelas mãos de suas tropas, e não no silêncio da noite, na ponta das adagas cruéis de sicários bem pagos, trazidos de todos os cantos ou escolhidos entre os piores malfeitores do país. Os campos ardiam em chamas. Aldeias ou pequenos lugarejos sumiam do mapa como que removidos por extraordinárias forças demoníacas. Estradas viam-se da noite para o dia povoadas pelos cadáveres de dezenas, centenas e, por fim, milhares, em uma crescente insanidade que se tornou tão rotineira que a cegueira da conveniência e da covardia finalmente se desfez até entre os mais renitentes.

Macbeth enlouquecia, asseguravam os primeiros a finalmente se levantar em armas contra ele, e apenas os espertalhões e os mais gananciosos ainda eram capazes de se acumpliciar a ele para usufruir de privilégios, benesses e das riquezas retiradas de outros, um quadro estarrecedor que encheu o coração de Malcolm de intensa revolta logo depois que Macduff encerrou seu relato. Os próprios nobres ingleses, que, como o rei Eduardo, o haviam acolhido na Inglaterra, se mostraram chocados diante de tudo que ouviam da primeira vítima de Macbeth e do próprio Ross, que fugira semanas antes da Escócia logo que boatos sobre sua traição começaram a chamar a atenção do tirano.

– Esse tirano, cujo simples nome enche de pústulas a nossa língua, foi tido não faz muito tempo como homem honrado – disse Malcolm. – Muitos de nós o estimaram como tal, e muitos dos que se aproximaram de mim nos últimos tempos apareceram aqui com o mesmo ar honrado e a virtude perpassando suas belas palavras, com o

único intuito de me atrair de volta para a morte que hoje ele oferece a cada um de nossos súditos. Por isso, compreendam por que de início recebi seus relatos com reservas e justificada desconfiança.

– Não sou um traidor! – desabafou Macduff com os lábios trêmulos de indignação.

– Mas Macbeth é, e o justo desejo de extirpar esse cancro de nossa vida não deve nos tornar incautos...

– Para ser sincero, Alteza, perdi totalmente as esperanças quanto ao futuro da Escócia...

– Não tão depressa, meu bom Macduff, não tão depressa...

– Não o compreendo, *milord*...

– Não devemos nos entregar a qualquer precipitação quanto a uma expedição contra Macbeth nem quanto a que ela seja impossível. Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo...

Por um instante, Macduff calou-se, perpassando os olhos pelos muitos rostos soturnos e céticos que se multiplicavam em torno de si à medida que avançava em seu relato. O olhar indagador de Malcolm o inquietava e o fazia sentir-se pouco à vontade. Outros nobres escoceses exilados na corte inglesa já o haviam advertido de que o herdeiro do trono da Escócia via com extrema reserva a sua presença. Questionamentos sobre as razões que o haviam levado a abandonar mulher e filhos em Fife o empurravam contra uma desagradável, mas bem justificada, pecha de covarde, e desde o princípio Malcolm fora sincero em admiti-lo, não por desconfiar de sua honra ou suspeitar de seus propósitos, mas por cautela – outros nobres tinham vindo do norte e dele se haviam aproximado, enviados por Macbeth com o único intuito de assassiná-lo; portanto, era natural que desconfiasse de Macduff, particularmente depois que soube das tristes circunstâncias em que se dera a chacina de sua família.

– Sei bem que desconfia de mim, Alteza... – disse.

– E eu não o nego...

– Todavia, nossa mísera pátria sangra enquanto minha presença o constrange e não nos permite libertá-la do tirano que usa a coroa cujo direito a usá-la, pelo que vejo, nem Sua Alteza contesta. Como pressinto que me tem por vil e não me quer ao seu lado, partirei.

– Não se ofenda, Macduff. Eu não falo por total desconfiança. Sei bem do sofrimento que padece nossa amada pátria e sou o maior

interessado em tirar de seus ombros tão pesado fardo. No entanto, temo a precipitação e temo ainda mais que o povo que libertarei, por meus métodos, acabe por ter-me como pior do que o tirano que hoje assola sua vida.

– Nem nas legiões infernais encontraremos demônio mais abominável do que Macbeth, posso lhe assegurar – asseverou Macduff.

– Meus defeitos...

– Esqueça seus temores sobre seus possíveis defeitos. Nenhum dos defeitos que porventura venha a alardear pode ser pior do que a avareza, pois esta prolonga-se até a velhice e produz frutos não apenas amargos, mas duradouros.

Macduff esforçou-se para ser sedutor e envolvente em suas palavras e, por mais que clamasse pelo destino sangrento da Escócia, seus interesses moviam-se abertamente na direção de seu próprio futuro. Ciente de que Malcolm não desejava ser rei e por isso adiava indefinidamente uma tão desejada expedição para destronar Macbeth, também sabia que, enquanto no trono estivesse Macbeth, pouca ou nenhuma chance teria de voltar e recuperar o título de senhor de Fife, bem como todos os benefícios dele decorrentes.

Felizmente não precisou falar muito mais, pois em dado momento Malcolm o silenciou com um gesto e admitiu:

– Aquiete seu coração, nobre Macduff! Tudo o que lhe disse até o momento foi uma das poucas, se não a única, mentira que disse na vida.

Macduff empalideceu. As palavras lhe escaparam dos lábios, inúteis e silenciadas pela surpresa que lhe infundira a afirmação de Malcolm.

– Não o compreendo, Alteza... – confessou, mais por medo do que por sinceridade, esforçando-se em vasculhar de modo febril os próprios pensamentos caso o que entrevia no que dizia Malcolm fosse o início de uma condenação sabe-se lá a quê.

– Há tempos que Macbeth tem procurado me atrair de volta à Escócia com palavras em tudo semelhantes às suas, e, portanto, você terá de compreender que devo ser ainda mais cauteloso que a maioria dos homens. No entanto, entrevejo sinceridade e justa preocupação em tudo o que me disse e relatou, e entrego-me desde já às mãos de Deus quanto à justeza de minha decisão.

– Do que fala, Alteza?

– De tudo o que falei de desabonador sobre minha pessoa, ignore cada palavra. O que realmente sou desde já coloco à disposição de minha pobre pátria e também ao seu dispor. Antes de sua chegada, para lá estava de partida na companhia de Siward, que bem conhece, o filho de Beorn, conde de Northumberland, levando dez mil homens dos mais corajosos e temíveis, realmente preparados para tudo. Nós agora iremos juntos!

Ó Escócia! Ó Escócia!

Os gritos entusiasmados de Macduff, depois de um instante de relutância e desconfiança, foram se multiplicando entre os presentes até que se fizeram único e estrondoso, maré forte de entusiasmo que contagiou a todos e ressoou alegremente pela vastidão do grande castelo do piedoso rei da Inglaterra.

ATO VII

Numa ponta da lua está suspensa
profunda gota, de vapores densa:
colhê-la-ei quando faltar um triz
para que toque o solo. com ardis
de magia estilada, ela, sem mais,
fará nascer espíritos irreais,
que usando a força de sua ilusão
hão de levá-lo à própria perdição.
Desdenhará o destino; zombará
da morte; e as esperanças levará
acima de sabedoria e bem;
acima de qualquer temor, também.
Sabeis que segurança por demais
é o pior inimigo dos mortais.

CENA I

— Quando eu vinha para cá a fim de trazer as notícias dolorosas que todos agora sabem, ouvi os primeiros rumores de que muitos valentes haviam se posto em campo, e bastaram uns poucos quilômetros em minha fuga para o sul para que me apercebesse da verdade de tais rumores. As forças do tirano se encontravam em pé de guerra e, mobilizadas, marchavam para vários cantos do reino. Desfizeram-se todas as poucas dúvidas que carregava em meu coração, e galopei a toda a pressa, consciente de que era chegada a hora de ajudar aqueles que, de armas nas mãos, se lançavam ao combate por toda a Escócia. Até mesmo nossas mulheres se transformavam em soldados, fartas dos mais atrozes sofrimentos...

As palavras de Ross continuaram soando mesmo depois que ele se calou ao completar seu relato dos tristes acontecimentos que se consumaram com o massacre de Lady Macduff e seus filhos no Castelo de Fife, apressando a marcha do temerário Siward à frente de numeroso exército ao qual, mal cruzada a fronteira entre os reinos, se juntariam grandes contingentes de lordes e patriotas escoceses. Às primeiras escaramuças ainda nas imediações de Liddell Water se seguiriam confrontos maiores nas primeiras aldeias e vilas do Planalto do Sul, como Langholm e Moffat, e ao longo do rio Clyde e das colinas de Ochil. A devastação era absurda, e em muitas localidades não se encontrava um morador sequer. Escombros calcinados. Populações massacradas. Um silêncio por vezes sobrenatural, como se o mundo inteiro houvesse sido assolado pelas mais temíveis e cruéis forças demoníacas.

A pequena Lochearnhead ainda queimava quando os primeiros batedores de Siward a alcançaram. Os pequenos afluentes do Almond foram encontrados tingidos de vermelho pelo sangue derramado de populações inteiras em qualquer direção em que se olhasse. Corpos de homens, mulheres e crianças balançavam na ponta de cordas, enforcados, ao longo das estradas fantasmagóricas de Strathearn. O

céu se tingia de negro, tomado por imensos bandos de corvos empenhados em sua sanha pela carne apodrecida que se desprendia da multidão de mortos. O ódio era tamanho entre as tropas que subiam do sul e encontravam apenas devastação e morte pelo caminho que, nas várias batalhas ao longo de Loch Tay e nas proximidades de Ben Lawers, não houve preocupação em fazer prisioneiros, e mesmo os seguidores de Macbeth que se rendiam foram passados ao fio da espada. Conta-se que, depois da fragorosa derrota de Schiehallion, as forças remanescentes do tirano recuaram na direção de Dunsinane, nas colinas Sidlaw, e Siward e seus aliados acamparam em Perth, treze quilômetros a noroeste da pequena colina, acreditando que se avizinhava o derradeiro combate que poria fim ao sofrimento da Escócia.

– Que os céus nos coloquem frente a frente, o demônio da Escócia e eu – disse Macduff, entredentes e mais uma vez melancólico, ao ser alcançado pelos tenebrosos detalhes da morte da esposa e dos filhos. – Que ele fique ao alcance de minha espada!

– Venha, vamos até o rei – instou Malcolm, ao seu lado, como a infundir-lhe ânimo para o que acreditava ser o momento decisivo da campanha contra Macbeth. – Nossas forças estão prontas. Macbeth está maduro para a queda. Não o deixemos esperar por mais tempo...

CENA II

Os dois estavam apreensivos. Iam de um lado para outro e, desnorteados, carrancudos e genuinamente preocupados, entreolhavam-se, sem saber o que dizer nem o que fazer.

– Passei duas noites em sua companhia e creio ter visto o mesmo que você – afirmou o médico, alto e excepcionalmente magro, cuja vasta cabeleira branca lhe caía sobres os ombros ossudos. Cofiando a barba igualmente branca e longa com impaciência, olhou para a jovem que o espreitava no outro extremo da mesa, esfregando nervosamente as mãos, e concluiu: – Não posso acreditar...

– Mas é verdade, doutor! – cortou a jovem, pálida e angustiada.

– Quando foi que ela andou pela última vez?

– Desde que Sua Majestade, nosso rei, entrou em campanha, é sempre a mesma coisa: ela se levanta da cama, veste o chambre, abre o armário... Acredite, ela chega a pegar papel, dobra-o e escreve, lê o que escreveu e chega a selar a carta, mas nunca a envia, voltando para a cama e caindo no sono mais profundo. Isso se repete há muitos e muitos dias.

– É realmente perturbador...

– É o que estou lhe dizendo...

– Ser beneficiada por sono tão profundo e ao mesmo tempo praticar ações comuns à pessoa acordada.

– Exatamente, doutor!

– E, nessa movimentação durante o sono, além de caminhar e fazer outras coisas, o que mais você a ouviu dizer ou a viu fazer?

Os olhos da jovem arregalaram-se, o rosto se deformou na mais apavorante máscara de inquestionável terror.

– Não ouso dizer... – gemeu, os lábios trêmulos, praticamente chorando.

– Pode dizer para mim, eu lhe asseguro.

A jovem dama fez o sinal da cruz e deu alguns passos para trás, amedrontada.

– Nem para o senhor, nem para ninguém...

– Por que não?

– Não tenho testemunhas... – A jovem calou-se e recuou mais alguns passos quando a porta se escancarou e Lady Macbeth entrou, carregando uma vela e caminhando na direção de ambos, mas aparentando não os ver. – Está vendo o que lhe disse, doutor? Foi assim que ela fez nas outras vezes, e, se o senhor olhar bem, perceberá que está em profundo sono...

– Onde ela conseguiu essa vela?

– Tem sempre uma à cabeceira de sua cama. Foi a ordem que deu...

– Realmente ela está de olhos abertos...

– Mas não nos vê. É como se não estivéssemos aqui, percebe?

– Certamente, certamente... – O médico calou-se por um instante, surpreendido pelo gesto obsessivo de Lady Macbeth, que esfregava insistentemente as mãos uma na outra, como se buscasse se livrar de algo ou simplesmente limpá-las. – O que ela está fazendo agora? Por que esfrega as mãos dessa maneira?

– Não faço ideia. Ela vem fazendo a mesma coisa, como se lavasse as mãos, várias vezes ao dia, desde que Sua Majestade partiu...

Os dois se calaram no momento em que Lady Macbeth, ainda esfregando as mãos, balbuciou:

– Ainda estão manchadas... ainda estão manchadas...

Acercaram-se dela e, em um sussurro, o médico falou:

– Ela está falando...

– Como eu lhe disse, doutor.

Calaram-se e, assustados, recuaram, um amparando o outro para que não caíssem tropeçando nas próprias pernas, quando Lady Macbeth arregalou os olhos ainda mais e, fixando-os nas mãos, esfregou-as selvagem e repetidamente, aos gritos:

– Fora, mancha maldita! Fora, estou dizendo! Eu esfregarei uma, duas, tantas quantas forem as badaladas do sino ou até mais, mas esfregarei! Que vergonha, meu senhor, que vergonha! Um soldado e com medo?

O médico e a jovem dama se entreolharam, confusos, e ele perguntou:

– Sabe a que ela se refere?

– Não faço ideia, doutor...

Lady Macbeth continuava gritando, absolutamente fora de si, em um desvario interminável e dos mais verborrágicos:

– O senhor de Fife tinha esposa, e onde está ela agora? Deus meu, será que essas mãos jamais ficarão limpas?

Nova troca de olhares entre a jovem e o médico. O velho apontou para ela, insistindo:

– Você ficou sabendo mais do que deveria saber...

– Eu lhe garanto que nada sei, mas seguramente a senhora fala o que não devia. Sabe lá Deus o que seria isso...

Lady Macbeth rodopiava pelo salão e continuava tagarelando misteriosamente:

– O cheiro ainda está aqui, e nem todos os perfumes da Arábia seriam capazes de purificar essa pequenina mão! Digo que Banquo está enterrado e não pode sair do túmulo, não pode lhe fazer mal algum! Depressa, depressa! Voltemos para a cama. Venha, venha, venha logo! Dê-me sua mão! O que foi feito não pode ser desfeito! Para a cama, para a cama...

Lady Macbeth afastou-se, ainda balbuciando palavras incompreensíveis, frases sem sentido algum, e, por fim, perdeu-se na escuridão dos longos corredores. Sua presença era revelada apenas pela chama tremeluzente da vela que carregava.

– Está indo para a cama? – perguntou o médico.

– Mais do que certo, doutor.

– Tenho que admitir que essa enfermidade está além do meu conhecimento, e muito pouco ou nada posso fazer. Pelos boatos que circulam pela corte, chego à conclusão que o mal que aflige *milady* seria mais bem atendido por um padre do que por um médico, pois é a alma que se vê atormentada, e não o corpo que padece.

– Então não há nada que possamos fazer, doutor?

– O que posso lhe aconselhar é que não a perca de vista! No mais, que Deus perdoe a todos nós segundo as nossas culpas em tão misterioso acontecimento...

CENA III

Foram poucas, porém das mais encarniçadas as muitas escaramuças em que se envolveram as tropas inglesas de Siward e seus aliados escoceses ao longo dos treze quilômetros que separavam Perth de Dunsinane. Cientes da cada vez maior superioridade numérica dos invasores, os poucos nobres ainda fiéis a Macbeth e os agrupamentos de mercenários por ele recrutados, divididos em grupos de não mais de vinte homens, tinham como único intuito o que parecia ser retardar o avanço das tropas inimigas ou, como acreditavam o velho conde de Northumberland e seus mais próximos comandantes, a começar por Malcolm, quebrar-lhes o ânimo e a confiança e, em contrapartida, tornar a perda de vidas de tal maneira insuportável que finalmente seriam obrigados a negociar um acordo vantajoso que, entre outras coisas, poupasse a vida do tirano ou mesmo que lhe permitisse conservar o trono da Escócia. Independentemente das razões, as emboscadas eram violentas, e a ferocidade dos combatentes, por vezes, indescritível. Os enfrentamentos eram rápidos, mas redundavam em grande destruição. Holinshed simplesmente foi riscada do mapa por um incêndio que consumiu cada construção da pequena aldeia. Ao longo do rio Warburton, empilharam-se tantos corpos que o sangue dos mortos chegou a tingir suas águas de vermelho, e aquela vermelhidão espalhou-se por muitos de seus pequenos afluentes. Depois de uma emboscada bem-sucedida em Kittredge, Siward viu-se obrigado a estabelecer um acampamento no cruzamento entre as estradas que levavam a Dunsinane e ao leste escocês, e valer-se dos mesmos artifícios do inimigo, enviando pequenos grupos de soldados à frente de suas tropas para literalmente exterminar o pequeno contingente de soldados de Macbeth. Uma tática bem-sucedida depois da chacina do velho castelo picto em Clarendon e da tomada da ponte do rio Willoughby.

Menteith, um dos líderes da ocupação da ponte, fora enviado para comunicar a Siward as operações em Willoughby e, ao voltar, trazia a

notícia que todos esperavam:

— As tropas inglesas reiniciaram a marcha para Dunsinane!

Uma comemoração eufórica espalhou-se entre todos os acampados em um dos extremos da pequena ponte de pedra e cercou o recém-chegado. Extremamente alto, de ralos cabelos ruivos e uma tonsura encimando uma cabeça desproporcionalmente pequena, Menteith acrescentou:

— Estarão aqui dentro de poucas horas.

Angus, um jovem rechonchudo e de grandes olhos verdes que o acompanhava, ajuntou:

— Vamos encontrá-los no bosque de Birnam.

Caithness, outro jovem magricela e de pequena estatura, que era servo de um dos cavaleiros, indagou:

— Alguém sabe se Donalbain está com o irmão?

Nem Menteith nem Angus souberam responder. Coube a Lennox, que comandava o pequeno acampamento após a tomada da ponte, informar:

– Nenhum de nós o viu. Eu tenho uma relação de todos os que acompanham Siward e Malcolm, e, além do filho de Siward e de um grupo de jovens cavaleiros sedentos por sangue e batalhas, não havia nenhum conhecido, muito menos Donalbain.

– Temos alguma notícia do tirano? – perguntou Menteith.

– Pouca coisa – respondeu Lennox. – Soubemos que está fortificando o grande Dunsinane. Alguns garantem que está completamente louco, mas outros, que talvez não o odeiem tanto, asseguram que busca apenas uma paz honrosa ou uma morte gloriosa.

– Se estivesse no lugar dele, eu preferiria a loucura – afirmou Menteih. – Prisioneiro de si mesmo é aquele que a loucura alcança, mas que a sanidade condenaria como vil homicida.

– Bem, marchemos então para tributar fidelidade àquele que sabemos dela ser merecedor – disse Caithness. – Sejamos o médico que irá curar esta pátria enferma.

– Para Birnam, senhores! – bradou Lennox, no que foi seguido por gritos ainda mais entusiasmados.

CENA IV

Nada restava além das esperanças cada vez mais profundas, porquanto desesperadas, nos sortilégios das três bruxas. Suas tropas desertavam. Maldizia os nobres sublevados que se juntavam às tropas de Siward e Malcolm e se espalhavam, invencíveis, pelo reino. Finalmente, restavam-lhe apenas o castelo em Dunsinane e as palavras das bruxas a lhe assegurar pálido ânimo e desesperada crença de resistir e vencer os inimigos que o sitiavam.

"Até que venha a Dunsinane a floresta de Birnam, eu não preciso me entregar ao medo da derrota."

"Quem é o jovem Malcolm? Não nasceu de mulher? Acaso não foi o que aquelas criaturas horrendas lhe garantiram?"

"Não receie, Macbeth: homem nenhum, nascido de mulher, terá poder sobre você."

Que fugissem todos os lordes e se juntassem aos ingleses. Aferrado às promessas das bruxas, seu coração se mantinha forte, e sua disposição para a batalha, invencível. Não lhe restava alternativa. Pouco lhe importava que apenas forças infernais, o Diabo em pessoa, estivessem ao seu lado. Ficaria enfurnado em Dunsinane por quanto tempo fosse necessário.

Passava dias e noites inteiros vagando pelo castelo, à mercê de toda sorte de olhares e se perguntando se todos eram confiáveis ou se a traição, feito fera poderosa, cravava garras cada vez mais enérgicas, irresistíveis, na alma e na convicção daqueles que estavam à sua volta e que a qualquer momento poderiam fugir, o que vinha acontecendo frequentemente nos últimos dias, ou, pensamento cada vez mais frequente e sombrio, voltar-se contra ele e matá-lo. O fantasma assombrava a si mesmo.

Entregue aos seus próprios pensamentos, contemplava a desolação dos campos em torno do castelo, quando um dos poucos servos que ainda lhe restavam aproximou-se, uma ponta de receio no rosto apreensivo.

– O que quer, rapaz? – perguntou, irritado. – Assustar-me com a palidez do medo em seu rosto?

– Eles são dez mil, Majestade... – gaguejou o jovem, aproximando-se em passos curtos e vacilantes.

– Dez mil o quê, biltre? Gansos?

– Soldados, senhor.

– Que soldados, seu bobo?

– Os espiões informam que as tropas inglesas são em número de dez mil homens.

Macbeth, irritado, xingou-o e rugiu:

– Vá para os infernos com seu rosto branco de medo, praga! Fico deprimido só de olhar para você. Não são esses dez mil que você alardeia que me tiram a paz e o sossego e muito menos vão me destronar, mas, sim, esse pavor que você carrega no rosto. Vá de uma vez antes que eu o prive dessa miserável vida que você carrega como fardo por aí!

O servo recuou e em seguida afastou-se precipitadamente, tropeçando nas próprias pernas e derrubando Seyton, que galgava um dos últimos degraus de uma das escadas que levavam ao alto da muralha do castelo.

– O que tem para me dizer, Seyton? – perguntou ao ver o cavaleiro achegar-se. – Também traz outras más notícias para mim?

– As informações dos espiões se confirmaram, Majestade – informou Seyton, empertigando-se e projetando o ventre proeminente para fora do barulhento arnês que trajava. – Os campos em torno do castelo estão tomados pelos ingleses.

– Que venham, então! Eu lutarei até que meus ossos sejam separados da carne. O meu arnês...

– Por enquanto ainda não irá precisar dele, senhor.

– Mas eu quero pô-lo! Aliás, mande novas patrulhas sair pelos caminhos daqui a Perth! Enforque qualquer um que demonstrar um pingo de medo! Ainda há muito a lutar! – Macbeth calou-se, surpreendido pela repentina aparição do médico. – E então, doutor, como está sua paciente?

– Não tão enferma quanto perturbada, Majestade – respondeu o recém-chegado. – As tais visões não lhe dão descanso e não a deixam dormir.

– Não consegue curá-la disso? A mente enferma...

– Nisso a paciente há de tratar-se sozinha.

– Pois então atire sua medicina aos cães! Eu não a quero!

Macbeth afastou-se com brusquidão, ainda gritando ordens despropositadas para Seyton e maldizendo tudo e todos à sua volta, entre tantos o próprio médico, que, depois de vê-lo desaparecer em desabalada carreira degraus abaixo, resmungou:

– Tivesse deixado Dunsinane há mais tempo e por nenhum dinheiro do mundo voltaria para cá!

Um instante depois a voz de Macbeth soava em algum ponto da imponente fortaleza no alto da colina e repetia:

– Até que o bosque de Birnam venha a Dunsinane, não temerei morte nem destruição!

CENA V

A ideia partiu de Malcolm, preocupado com as poucas informações confiáveis que tinha acerca do contingente de homens e armas que Macbeth mantinha na formidável fortaleza que dominava o topo da colina de Dunsinane. Enquanto se aproximavam do bosque que dominava o amplo terreno que ia da estrada de Perth até as encostas da verdejante elevação, Menteith e outros tantos guerreiros jovens ainda contemplavam a maciça e intimidante muralha quando Siward perguntou:

– Que bosque é este à nossa frente?

– O bosque de Birnam, *milord* – respondeu Menteith. – O inimigo...

Malcolm o interrompeu e, virando-se para Siward, afirmou:

– Não precisamos que o inimigo saiba exatamente quantos somos.

– E o que sugere? – indagou Siward.

– Que cada soldado corte um galho de bom tamanho para si e o leve à sua frente. Com alguma sorte, iludiremos seus batedores quanto ao número exato de nossas tropas.

– Bem sensato, Alteza – concordou o velho militar. – Pouco ou nada sabemos sobre o tirano, a não ser que, confiante, refugiou-se em Dunsinane e se pôs até docilmente a deixar que o sitiemos.

– Creio que é tudo o que lhe resta – ajuntou Malcolm. – Ele nada mais tem, e poucos de valor estão ao lado dele, a não ser, é claro, os que são bem pagos para tal, ou os pobres-diabos que o servem a contragosto. Os pequenos e grandes revoltaram-se há muito tempo e marcham conosco.

– Que o que está para acontecer confirme as nossas palavras, senhores – disse Macduff.

– Que assim seja! – concordou Siward.

CENA VI

O grito soou verdadeiramente assustador no instante em que Macbeth, Seyton e outros de seus seguidores arremetiam para o alto das muralhas que defendiam o castelo, em uma barulhenta confusão de bandeiras e flâmulas, tambores e trombetas.

– A força de nosso castelo zombará de qualquer sítio que o inimigo tente nos impor – garantiu, calando-se em seguida; os olhos inquietos iam de um lado a outro, confusos e assustados.

– É um grito de mulher... – afirmou Seyton, descendo para o pátio interno do castelo, onde desapareceu em um instante no nevoeiro que subia vagarosamente para o topo da colina.

Macbeth acompanhou-o com os olhos e surpreendeu-se ao ver um mensageiro subir pela mesma escada e achegar-se apressadamente.

– O que tem a informar, bom homem? – perguntou. – Vamos, desembuche de uma vez!

– Eu sinceramente gostaria, Majestade – disse o recém-chegado, visivelmente apreensivo –, mas não sei se devo.

– Diga de uma vez!

– Não sei como lhe dizer sem parecer que enlouqueci...

– Dizer o quê?

– Estava eu de vigia na colina quando vi o bosque para os lados de Birnam começar a se mover...

Macbeth empalideceu, o rosto transfigurado por imenso pavor.

– Como é isso?

– Não me queira mal, senhor...

– Mentiroso! Pulha dos infernos!

– Juro por tudo que é mais sagrado, Majestade, que é verdade. Em um raio de três milhas, poderá ver o bosque avançar... Ele está se movendo! Juro! Ele está se movendo!

– Se estiver mentindo, asseguro-lhe que o pendurarei na árvore mais próxima, até que a fome o faça ressecar. Caso seja verdade o que está dizendo, pouco me importo com qualquer coisa, pois fui tolo em

acreditar em predições maliciosas, mas aparentemente verdadeiras do demônio...

– Eu lhe asseguro que é a mais pura verdade, Majestade. O bosque se move...

Macbeth deixou o mensageiro a implorar pela própria vida e a repetir que vira com seus próprios olhos o bosque se mover. Aproximando-se das silenciosas ameias do castelo, enquanto a melancolia se aprofundava no rosto pálido e até então apavorado, repetia:

“Não receie até que o bosque de Birnam suba para Dunsinane... Não receie até que o bosque de Birnam suba para Dunsinane...”

Repentinamente, em um assomo de temerária coragem ou invencível resignação, virou-se para todos no alto da muralha e gritou:

– Às armas! Às armas! Saiamos! Se for verdade o que diz o mensageiro, tanto faz fugir ou ficar aqui! Que toque o sino e nos leve para a batalha! Pelo menos morrerei de armadura!

CENA VII

O grito foi o último alento, um gesto libertador depois de dias e mais dias entregue à desolação de uma solidão ensimesmada, assombrada pela própria consciência. Aquele sono perturbador que se dividia entre horas intermináveis estirada em uma cama e outras tantas construída em um sonambulismo que a fazia perambular feito um fantasma pela imensidão de Dunsinane finalmente terminara, fora embora com ela e com os muitos personagens misteriosos que a haviam atormentado até aquele lancinante grito. Como se não acreditasse no próprio fim, mesmo estirada na cama, seus olhos continuaram obstinadamente arregalados, em oblíqua desconfiança, voltados para a porta por onde ela sempre esperara chegarem aqueles cujos nomes repetia e que acreditava viriam um dia para levá-la.

– O inferno... o inferno... – repetira por muitos meses. Naquele derradeiro instante, antes do grito, ela finalmente concluiu: – O inferno é aqui... é aqui...

Ao médico e à jovem serva que a tinham acompanhado até Dunsinane restara a herança indesejada das dúvidas e das perguntas sem resposta, aqueles nomes que a tiravam da cama nas horas mortas de seu inferno particular. Nas mãos impuras, maculadas por culpa insondável e passível de meras hipóteses e suposições por parte tanto de um quanto de outro, persistiria a mancha de sangue derramado por ambição. Continuariam impuras.

Seyton encontrou os dois aos pés da cama, rezando por ela.

– Morreu... – foi tudo o que o médico disse, antes que Seyton se aproximasse e, por piedade ou por se sentir incomodado, fechasse os olhos arregalados de Lady Macbeth.

CENA VIII

"Não receie até que o bosque de Birnam suba para Dunsinane."

Tudo se desfez, sem sentido. Apenas aquele sortilégio se repetia em sua cabeça enquanto Macbeth e aqueles que ainda combatiam ao seu lado desciam a colina ao encontro das tropas inglesas. Nada importava, e seus olhos nem tiveram tempo de assimilar o momento em que o inimigo se livrou do artifício dos galhos das árvores arrancados do bosque de Birnam e usados para ludibriá-los. Quando deram pelo fato, uma multidão, uma barulhenta maré de morte representada por uma quantidade muitas vezes maior de soldados e cavaleiros, derramou-se sobre eles. Em poucos segundos, o combate se transformou em um grande massacre, e tanto Macbeth quanto seus seguidores espalharam-se pela planície, sendo caçados implacavelmente para onde quer que corressem.

Trombetas e tambores soaram na vastidão, anunciando sangue e morte. Siward e suas tropas fizeram jus à fama de sanguinários adquirida em incontáveis campos de batalha e lançaram-se indiscriminadamente contra soldados, cavaleiros e, no momento em que invadiram o castelo, contra todos os que nele se encontravam. Segundo relatos de cronistas da época, por anos e anos o vento sopraria pelas ruínas da formidável fortaleza de Dunsinane, e os mortos que a assombravam contariam sua triste história em uivos e gemidos intermináveis.

O trovejante tropel de incontáveis cavalos soava, onipresente, por todos os lados. O clangor das incontáveis armas misturava-se a ele como os soldados que se engalfinhavam pelas clareiras nevoentas que se abriam aqui e ali pelas sombrias extensões de Birnam. Grossos rolos de fumaça desprendiam-se das torres do castelo, enquanto as chamas de um incontrolável incêndio avançavam por suas dependências, entranhando-se até nos mais profundos porões e labirintos. Um inferno.

"Quem será a criatura que de mulher não foi nascida?"

A pergunta se repetia na mente angustiada de Macbeth.

A que mais poderia se agarrar a não ser à triste e, naquele momento, pouco confiável profecia das bruxas?

Nada mais lhe restava além de tão frágil esperança de sobreviver a seus sonhos de grandeza. Seu reinado soçobrava ao peso da virulência desmedida de Siward e dos muitos lordes rebelados. Seyton e os tantos que o seguiam não passavam de fantasmas recentes em tensa expectativa pelo instante em que nada mais seriam além de lembranças infames a povoar histórias de velhos guerreiros que haviam estado em Dunsinane para enfrentá-los e lançá-los ao inferno da vilania interminável, alcançados pela pecha de traidores e inimigos de seu próprio povo.

"A ninguém mais tenho de temer a não ser a este que não nasceu de mulher..."

Repetia, repetia, repetia, transtornado, abandonado e incontornavelmente só.

Escapando à confusão da batalha, deambulava de um lado para outro do bosque, pensando apenas em fugir e em nada mais. O futuro era um lugar longínquo e incerto; continuar vivo, mero instinto, o retorno à essência comum a qualquer criatura, a autopreservação. Nada mais era do que um animal acuado lutando pela própria vida. Todas as glórias e honrarias perdiam-se na total ausência de importância, e sua derradeira preocupação se resumia ao desejo de continuar vivo e ir para o lugar mais distante daquele mundo que construíra para si e não mais lhe pertencia.

Para onde ir? Onde esconder-se? Alguém lhe daria asilo e abrigo? Encontraria algum aliado entre os reinos vizinhos ou mesmo distantes que se dispusesse a muni-lo de homens e armas para retomar sua amada Escócia? E a que preço? Conseguiria voltar a ser senhor ou apenas se entregaria aos desígnios de outros mais poderosos, simples vassalo?

Nada sabia. Nada importava. À falta de qualquer outra coisa a fazer, corria, fugia. Ignorava tudo e qualquer coisa para unicamente continuar vivo.

Ainda estava à mercê de seus temores, entregue àqueles pensamentos e questionamentos, quando um jovem cavaleiro, nada além de seus dezesseis anos ou talvez menos, imberbe e imprudente

como qualquer um de tão pouca idade, surgiu à sua frente, brandindo uma espada reluzente e ainda inocente ao sangue alheio derramado, e gritou:

– Qual é o seu nome?

Macbeth indignou-se ao não ser reconhecido pelo jovem inglês que usava as insígnias de Siward.

– Se soubesse, certamente tremeria, insolente! – replicou, desafiador.

– Nem que fosse um dos nomes daqueles que estão a caminho do inferno!

– Pois meu nome é Macbeth!

– Nem mesmo o diabo diria nome tão odioso aos meus ouvidos.

– Nem mais apavorante!

O jovem sorriu desdenhosamente.

– Não estou certo disso, tirano odioso – rugiu, agitando a espada e avançando na direção de Macbeth. – Um Siward lhe provará que é mentira o que você disse!

– Siward... – gemeu Macbeth, irritado. A pouca idade fez o jovem guerreiro lançar-se de modo afoito e descuidado sobre ele, facilitando o combate, que se fez breve para ambos, porém mortal para Siward, que tombou transpassado pela lâmina implacável e muito mais experiente do tirano.

Sequer houve tempo para satisfação ou qualquer comemoração, por menor que fosse. Um vozerio crescente e eufórico alertou-o para a aproximação das tropas vitoriosas e, na falta de outro caminho por onde escapar, Macbeth retornou ao castelo.

O velho Siward e outros tantos entre os ingleses e vários lordes escoceses não o viram desaparecer na noite, embalados pelo entusiasmo da comemoração barulhenta.

– O castelo rendeu-se, senhores! – gritou Siward. – Os mercenários irlandeses do tirano ainda resistem perto de Birnam, mas duvido que lutem pelo tirano.

– Combatem pela vida, *milord* – garantiu Macduff.

Os dois se calaram, surpresos, ao se depararem com o corpo sem vida do jovem Siward.

– Meu filho... – balbuciou o velho comandante, ajoelhando-se e abraçando-o desesperadamente. Uma pequena multidão de soldados

reuniu-se repentinamente em torno de ambos. Nenhuma lágrima. Por mais que pairassem e fizessem seus olhos cintilar, uma chispa dardejante de ódio foi tudo o que viram quando Siward, o temido conde de Northumberland, ergueu a cabeça e alcançou Macduff com o olhar enquanto dizia: – Entre no castelo, senhor...

CENA IX

Nada além da espada. A espada e o sangue que ainda escorria da lâmina, o calor imanente da vida que tirara do jovem Siward, construíram a trilha que tornaria fácil a seus perseguidores alcançá-lo. Antes assim, resignou-se. Como a morte era inevitável, parou de correr e decidiu-se a torná-la digna. Que seus inimigos e detratores ficassem livres para imputar-lhe os piores crimes e injustiças, mas nunca associariam seu nome à covardia – jamais tiraria a própria vida – ou lhe negariam até mesmo a coragem e a bravura que o haviam tornado notório e respeitado nos muitos campos de batalha em que estivera.

Ainda não acreditava na própria morte, obstinadamente aferrado ao derradeiro sortilégio das bruxas, perguntando-se de tempos em tempos:

"Quem será a criatura que de mulher não foi nascida?"

Aquela desesperada e persistente indagação constituía o último fio de esperança de sobreviver à derrota e à morte. Não teria razões para temer ninguém. Por causa disso, não se mostrou preocupado ao ver Macduff aproximar-se a passos lentos à frente de numeroso exército. Chegou mesmo a desdenhar de sua presença.

– Vire-se para cá, cão infernal! – Macduff carregava muita raiva dentro de si, e ela transpareceu em toda a sua intensidade ao xingá-lo desafiadoramente.

– Afaste-se, Macduff, pois o sangue dos seus já é peso demais para a minha espada.

– Nada tenho a lhe dizer, biltre dos infernos! Todas as palavras as trago na lâmina de minha espada.

– Não perca tempo, seu tolo. Minha vida está sob encantamento, e dela nenhuma criatura nascida de mulher me privará...

– Então tem fundamentado motivo para desesperar-se. De nada lhe valerá seu encanto, pois Macduff foi tirado antes do tempo do ventre maternal.

– Está mentindo!

– A mentira está na língua maldita que lhe encheu os ouvidos de falsas promessas...

– Demônios enganosos!

– Isso! Maldiga aqueles a quem você entregou sua alma e o coração valoroso que um dia teve! – Com passos lentos, fortalecido pelo medo que fazia com que Macbeth recuasse diante de sua aproximação, Macduff falou: – Para que a minha vida fosse poupada, minha mãe morreu no parto, e mãos operosas e imbuídas de extrema generosidade me tiraram de sua barriga antes que morrêssemos juntos... Deus me colocou neste mundo...

Macbeth claudicou e, ao recuar, quase caiu em pelo menos duas ocasiões. O medo apossou-se de seu coração e, em dado momento, ele disse:

– Não lutarei com você.

– Então entregue-se, covarde! Entregue-se e viva para ser objeto do escárnio do povo que você fez sofrer, transforme-se no protagonista da sua própria infâmia, espetáculo humilhante para multidões sedentas de vingança contra raros monstros como você é em vida e, por muito tempo, será na morte...

– Não...

– Eu mesmo me incumbirei do cartaz e o porei no seu retrato que mandarei pintar, para que todos leiam: "Aqui está o tirano em exposição".

Macbeth parou de fugir da proximidade belicosa de Macduff no momento em que Malcolm assomou do meio das tropas que se amontoavam nos portões do castelo. Seus olhos se encontraram, e ele odiou-se, envergonhado, por permitir que um dos filhos de Duncan estivesse vivo para testemunhar um ato de covardia de sua parte, mesmo que se tratasse do último.

– Eu não me renderei se isso significar que terei de beijar o chão aos pés do jovem Malcolm ou me prestar a ser mero divertimento da ralé – desabafou. – Mesmo servindo de perversa diversão de forças infernais e que, neste momento, todos os demônios do inferno estejam gargalhando à minha custa; embora eu tenha sido tolo aos despropósitos traiçoeiros de seus sortilégios e a floresta de Birnam tenha subido até Dunsinane e eu venha a morrer pelas mãos de um homem que não nasceu de uma mulher. Apesar de tudo isso, tolo que

fui, não sucumbirei como um covarde, aos poucos.

Macbeth ergueu a espada e bateu forte no peito, como a orgulhar-se do brasão que ostentava.

– Bata forte, Macduff! – gritou. – Meu aguerrido escudo coloco à sua disposição para o combate, e que ninguém nos separe ou tente intervir até que um de nós sucumba a este último recurso!

Nenhum dos homens que se aglomeravam nos portões de Dunsinane se moveu. O silêncio por muito tempo só foi quebrado pelo retinir das espadas e pelo resfolegar beligerante de ambos. Cortes abriram-se tanto no corpo de Macduff quanto no de Macbeth, e o sangue tingiu-lhes as vestes guerreiras, espalhou-se pelo chão e, quanto mais se derramava, mais aparentava infundir raiva, ódio e outros tantos sentimentos ruins em suas almas desesperadas; certamente os tornou infatigáveis. Como afirmara Macbeth, nenhum dos silenciosos espectadores, nem mesmo Malcolm ou Siward, teve a temeridade de ousar pôr termo ao combate por palavras ou gestos.

A morte apresentou-se aos poucos, mas inevitavelmente; apesar disso, por certo tempo, nenhum dos presentes ousou definir qual dos dois seria o vencedor. Muitos acreditam que tanto um quanto outro tinham bons motivos para persistir no combate, e isso nada tinha a ver com as forças que lhes faltavam ou com a expectativa das tropas que continuavam a subir para Dunsinane.

Macduff era empurrado para a luta infatigável pela lembrança odiosa da mulher e dos filhos que haviam sucumbido aos assassinos de Macbeth, mas acima de tudo pela consciência que lhe cobrava pela fuga egoísta, que em certa medida vitimara a família. Macbeth ainda se via assombrado por sua rainha diabólica, a persegui-lo com acusações sempre renovadas de tibieza e covardia diante das decisões que ela praticamente o obrigara a tomar e que em certa medida o haviam transformado em um odiado açougueiro a fartar-se na carne do próprio povo apenas para saciar seus sonhos de grandeza.

Independentemente dos motivos que animavam aqueles corações tão absolutamente atormentados, finalmente o golpe fatal lançou Macbeth ao chão e fez a multidão explodir em selvagem euforia. Siward e Malcolm foram os primeiros a avançar na direção do vencedor, mas mesmo os dois, experimentados em muitos e muitos campos de batalha, estremeceram ao ver Macduff caminhar ao seu

encontro exibindo a cabeça decepada de Macbeth pelos cabelos.

– Salve, ó Rei, porque o é. Aqui tem a cabeça do tirano. Todo o mundo está novamente livre!

Fim

WILLIAM SHAKESPEARE
A megera domada
TEXTO ADAPTADO
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original
The taming of the shrew
Texto
William Shakespeare
Adaptação
Júlio Emílio Braz
Preparação
Cristiana Gonzaga Souto Corrêa
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Agnaldo Alves
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Ilustração de capa
GeekClick/Shutterstock.com;
wtf_design/Shutterstock.com;
Kamieshkova/Shutterstock.com;
rudall30/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527m Shakespeare, William

A Megera Domada [recurso eletrônico] / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021.

128 p. ; ePUB ; 2 MB. – (Shakespeare, o bardo de Avon)
Adaptação de: The Taming of the Shrew
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-340-9 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Comédia. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título. III. Série.

2020-341 CDD 823
CDU 821.111

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Catarina, a megera! Belo apelido para uma donzela.
A Megera Domada – Ato I – Cena II

Prólogo

Antes da história de Catarina propriamente dita, o pretexto...

Noite fria e tediosa, o silêncio preguiçosamente nos arrasta para o derradeiro refúgio contra tanta monotonia, o pensamento e...

Zás!

A qualquer momento, um lampejo e novamente o tempo marchará, célere e interessado, para qualquer gesto ousado de desprendimento e ousadia, arremessando-nos ao eficaz antídoto contra a monotonia ou mesmo à solução de algum problema, indicando simplesmente nova direção para nossa existência.

Em contrapartida, triste fado são o tédio e a falta do que fazer que vitimam aqueles que, possuidores de certo poder, temidos ou obedecidos por força de tão abrangente benefício, na ausência ou necessidade de se entreter, atiram-se às maiores sandices capazes de promover e desembocar em situações realmente insólitas.

De que falo?

Quer saber?

Para quê? Por quê?

Acaso você está vitimado por semelhante apatia, nada tem a fazer ou, por isso, também ambiciona entreter-se com a desgraça alheia como o fez o rubincudo e entediado lorde ao passar pela taberna de Mariana Hackett e se deparar com Christopher Sly e com a

possibilidade de se divertir à custa do pobre coitado do caldeireiro beberrão de Wincot?

De minha parte, estou aqui para partilhar a mesma história que ouviram Sly e todos aqueles que se divertiram à custa dele.

Pobre Christopher Sly!

Mais uma noite à mercê da bebida e dos consequentes destemperos da bem-nutrida Mariana Hackett, a famigerada taberneira da igualmente sórdida e insignificante Wincot, a quem, por sinal, devia mais cervejas do que se podia lembrar (o que certamente não justificava a fúria iracunda com que ela diuturnamente se lançava sobre o pobre beberrão), mas que inescapavelmente bebera.

A discussão já se estendia fazia um bom tempo e em tudo se assemelhava aos inevitáveis becos sem saída em que se convertiam aquela confrontação barulhenta tão comum aos outros frequentadores da taberna.

— Eu quero o dinheiro por todos os copos que você quebrou, canalha! – ameaçou a taberneira, uma centelha de ódio incontido vitimando-o mais uma vez através das dobras de gordura do rosto rechonchudo e avermelhado.

Cada vez mais trôpego e cambaleante, oscilando ora em uma, ora em outra perna, Sly cuspiu na direção da mulher e replicou:

— Morda a língua, víbora balofa e malcheirosa! Veja como fala! Os Slys não são canalhas e chegaram a esta terra com o próprio Ricardo...

— Ricardo? Ricardo? Que Ricardo, sacripanta? Você está tão bêbado que não sabe de quem está falando...

— Como assim?

— Você chegou com Guilherme, o Conquistador... Não é o que vive dizendo por aí?

— Que seja! De qualquer forma...

— Não tenho o menor interesse em suas mentiras. Eu quero o dinheiro pelos copos que você quebrou!

— Pois não terás nem sequer um vintém!

— Se assim quiser, assim será. Vou chamar a sentinela...

— Sentinela! Sentinela! Se quiser, eu mesmo a convocarei.

— Atrevido!

Sly esparramou-se no chão lamacento a poucos metros da entrada da taberna e, sorrindo despreocupadamente, a cabeça apoiada nas

mãos, dormiu depois de uns poucos minutos, prometendo:

— Eu vou esperar por ele... vou, sim... vou, sim...

Irritada, a taberneira o cutucou e mesmo o chutou, mas dormindo ele estava e dormindo ficou. Por fim, irritada, mas impotente, xingou-o e voltou para dentro da taberna, de lá saindo apenas algumas horas mais tarde, ao ouvir o soar de trompas e o tropel barulhento de cavalos se aproximando.

Um corpulento e hirsuto nobre cavalgava à frente do numeroso grupo de caçadores e criados, dois deles firmemente agarrados às correias que prendiam uma esfalfada matilha de cães, gritando ordens e multiplicando elogios aos atributos de alguns animais e recomendando cuidados extremos aos melhores.

— Excelência... – A taberneira inclinou o opulento busto em uma reverência respeitosa assim que ele refreou a montaria diante do estabelecimento dela.

Ele a encarou distraidamente, a atenção atraída para o corpo de Sly estirado junto à porta.

— Que vem a ser isso, mulher? Um morto ou um bêbado? – perguntou o nobre.

— Um pouco de ambos, meu senhor – respondeu ela, lançando um olhar de desprezo para Sly, antes de acrescentar: — E, além de tudo, um caloteiro!

O nobre gesticulou para um dos caçadores e ordenou:

— Veja se ele respira.

Foi prontamente atendido.

— Respira... mas fede!

— Bem o percebo. Fede e dorme como um porco!

— A vida de nada lhe serve! – resmungou a taberneira. — Um peso morto, isto é o que é! De nada serve, não...

Uma expressão astuciosa iluminou o rosto do nobre depois de gesticular para que se calasse.

— Não se precipite, mulher – disse. – Até o mais miserável dos homens pode prestar-se a alguma coisa neste mundo.

Caçadores e criados se entreolharam, e a perplexidade de todos era em tudo semelhante à da taberneira enquanto se achegava ao nobre para indagar:

— A que se refere, senhor?

O mais velho entre os caçadores virou-se e, lançando um sorriso malicioso para os companheiros, falou:

— Eu conheço muito bem esse olhar. Sua excelência está tendo uma de suas ideias...

O nobre apontou para Sly, que ressonava pesadamente, alheio a tudo e a todos, e pôs-se a divagar:

— E se puséssemos esse bêbado em uma cama bem confortável...

A taberneira pestanejou, confusa.

— Como disse, senhor?

— E indo mais além – prosseguiu o nobre, ajeitando-se na sela, entretido com as ideias que de um momento para o outro lhe vinham à mente –, se o cobríssemos com os lençóis mais preciosos e depois enchêssemos seus dedos com os melhores anéis que tenho e, por fim, lhe propiciássemos um grande banquete?

— Continue, meu senhor – apelou o velho caçador, interessado.

— Ele não abdicaria de sua condição de bêbado e mendigo?

— Que opção teria? – o velho caçador sorriu maldosamente.

— O espanto certamente o mataria – um dos mais jovens, às voltas com um galgo dos mais inquietos, juntou-se a ele.

O nobre exultou.

— Excelente! – regozijou-se. – Vejo que concordam comigo.

— Como não, meu senhor?

— Pois bem. Peguem esse traste e o levem imediatamente para o meu castelo. Deem-lhe um banho. Perfumem sua carcaça infecta e vistam-no com as minhas melhores roupas. Deitem-no na melhor cama do melhor quarto e cubram tudo a sua volta com o que houver na casa do bom e do melhor. Quadros, cortinas, móveis e, naturalmente, os criados sempre dispostos a atendê-lo em seus menores caprichos. Música! Quero músicos para tocar o que quer que ele queira ouvir. Tratem-no com respeito e cumulem-no de reverências e palavras gentis. Usem as palavras mais bem escolhidas e elogiem-no e a seu poder e riqueza, até ao ponto que ele pare de insistir que é Sly, o caldeireiro, e se submeta ao fato que incutiremos em sua cabeça de que é um nobre e dos mais ricos e poderosos.

— Vamos nos divertir à custa desse idiota? – perguntou, rindo a valer, o velho caçador.

— Se seguirem à risca o que estou dizendo, certamente – respondeu

o nobre, disparando ordens a torto e a direito, instando até com impaciência para que caçadores e criados carregassem o corpo do sonolento Sly para sua rica propriedade. Quando fustigou o cavalo e se preparava para acompanhá-los, uma trompa soou na entrada da localidade, chamando a sua atenção. – Menino, vá ver do que se trata!

A taberneira achegou-se a ele e indagou:

— Vossa Alteza espera por alguém?

Os dois olharam interessadamente na direção da entrada da localidade. O criado desfez-se feito fantasma na escuridão.

— Talvez seja algum de meus vizinhos chegando de uma viagem longa e buscando algum lugar para descansar – opinou o nobre, enquanto o criado retornava das sombras, as trompas soando bem em seus calcanhares. – Então? Quem é essa gente?

Esbaforido, o criado ainda gesticulou por uns instantes, pedindo que o nobre esperasse até que recuperasse o fôlego.

— São comediantes, meu senhor – respondeu por fim. – Buscam serviço.

O nobre sorriu.

— Pois vá até eles e diga que se aproximem – ordenou. Mais uma vez o criado se afastou, retornando minutos mais tarde com um grupo de homens cujas vestimentas multicoloridas e espalhafatosas retratavam à perfeição o ofício a que se dedicavam. Saltimbancos, artistas itinerantes que se amontoavam em duas balouçantes e igualmente enfeitadas carroças e em pelo menos dois burricos. Inclinaram-se reverenciosamente, e no momento seguinte o nobre perguntou: — Acaso buscam abrigo?

O mais velho, um homem excepcionalmente alto com ralos cabelos brancos, respondeu:

— Se Vossa Senhoria tiver interesse em nossos serviços...

— Muito me agrada. A bem da verdade, eu já o vi em outra ocasião e muito me agradou o seu trabalho.

— Creio que o senhor se refere ao papel de Soto...

— Exatamente!

— Preciosa lembrança, meu senhor...

— Oportuna, eu diria. Quero dizer, tanto a minha memória quanto a sua aparição.

— A que se refere, posso saber?

— Recebi ainda esta noite em minha casa um nobre a quem muito me agradaria oferecer uma representação...

— Estamos inteiramente à sua disposição.

— Ah, não se apresse, meu bom homem. O nobre em questão nunca assistiu a uma peça, e temo que o comportamento dele possa se mostrar tão inusitado que tanto você quanto seus companheiros acabem não resistindo e rindo dele, o que pode levá-lo sabe-se lá a quais reações.

— Não se preocupe, meu senhor. Mesmo que seu hóspede se mostre a criatura mais ridícula do mundo, asseguro-lhe que saberemos nos controlar.

Levando adiante as tratativas para se divertir à custa do pobre Sly, o nobre ordenou ao jovem criado que acompanhasse os comediantes e abrisse a despensa do castelo à fome e às outras necessidades do grupo, fossem quais fossem. Em seguida, orientou-o a encontrar um dos pajens, Bartolomeu, e vesti-lo de mulher.

— Leve-o ao quarto de nosso "hóspede" e diga-lhe para não sair do lado dele – continuou. – Ah! Em momento algum deixem de chamá-lo de "senhora". Obedeçam-lhe como se senhora, a mulher daquele bêbado, ele fosse. Aliás, diga-lhe que, assim que Sly abrir os olhos, eu o quero cobrindo-o de beijos e carinhos, comportando-se como se mulher dele realmente fosse e não permitindo que duvide disso, mas, bem ao contrário, convencendo-o de que é a sua amada esposa e que ele é efetivamente um nobre que acolhi em meu castelo. Assim o faça e se comporte, e eu saberei ser extremamente generoso em momento oportuno.

Assim ordenou, e a seu modo e do seu jeito tudo foi feito. Tanto fizeram e se mostraram de tal maneira convincentes que a criadagem do castelo, mesmo se controlando a grande custo para não rir, por fim conseguiu convencer o pobre beberrão de que era um nobre. Redemoinhavam em torno dele, oferecendo-lhe tudo o que desejasse, conduzindo-o reverenciosamente pelos corredores e escadarias e finalmente introduzindo-o no mais amplo e luxuoso dos quartos do nobre, mesmo não sendo tarefa das mais simples, pois volta e meia, em laivos cada vez mais raros de consciência, Sly protestava:

— Parem de me tratar dessa maneira! Não sou lorde de coisa nenhuma, mas somente um homem que tem apenas as roupas do

corpo, e não tantas a ponto de vocês ficarem me perguntando quais quero usar hoje!

— Por que age assim, meu senhor? – indagavam os criados, as mãos estendidas em sua direção, querendo apoiá-lo, mas principalmente conduzi-lo pelo quarto luxuoso. – Acaso não reconhece suas propriedades?

Depois de certo tempo, a confusão se instalara na alma de Sly. Tanto o nobre castelão quanto seus criados divertiam-se perversamente com a perplexidade que o deixava levar-se pela profusão de quadros e tapetes valiosos ou vestir e despir-se interminavelmente com as roupas mais caras e elegantes que possuía. Aos poucos, submeteu-se e acreditou que fora vítima de misteriosa doença que o levara a crer que era um bêbado sem eira nem beira, maltratado por todos e especialmente por uma taberneira cujo rosto e ferocidade não saíam de sua cabeça.

— Delírio, meu amigo, simples delírio! – insistia o castelão, entreolhando-se zombeteiramente com os criados que rodeavam um e outro. – Quinze anos de um pavoroso delírio.

— Mas parecia tão real...

— Assim todos o são, meu senhor...

Por fim, sucumbiu àquela argumentação falaciosa, mas das mais convincentes, a tal ponto que, em dado momento, sinceramente agradecido, prometeu:

— Agradeço a todos vocês. Não duvidem que saberei recompensá-los...

O pequeno pajem Bartolomeu, convenientemente vestido como mulher, foi o golpe final na sórdida encenação de que Sly se fazia vítima. Como o nobre lhe ordenara, mostrou-se carinhoso e exageradamente terno, apresentando-se como a dedicada esposa de Sly. Mesmo quando o beberrão, tomado pela certeza de que estava diante de sua esposa, convidou-a a partilhar com ele a cama, o pajem foi hábil o bastante para esquivar-se à inequívoca insinuação de prazeres sensuais que faziam os olhos de Sly cintilar ansiosamente.

— Nossos médicos me alertaram que eu tenho de me manter afastada de nosso leito por mais tempo, sob pena de você sucumbir a uma recaída e ficar mais quinze anos em delírio... — disse, esquivando-se a seu interesse, ao mesmo tempo em que apresentava os

saltimbancos. – Eles souberam de sua cura e vieram até aqui para homenageá-lo com a encenação de uma saborosa comédia.

Sly resignou-se.

— O que fazer, não é mesmo? Que se apresentem então. Do que se trata?

— Ah, é uma comédia romântica passada em algum lugar da Itália...

— Que comédia?

— Ah, não faço ideia!

O castelão, que naquele momento se sentava ao lado do “casal”, sorriu zombeteiramente e informou:

— Um deles disse que se chama “A megera domada”.

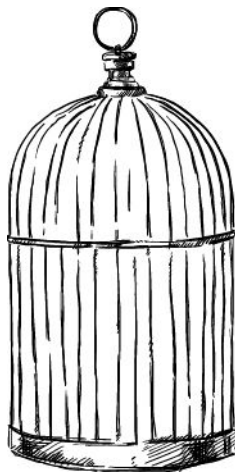
Sly estreitou o jovem pajem em seus braços e, sorrindo, disse:

— Ah, que encantador, não é, meu amor?

— É... – O pajem mexia-se desconfortavelmente, tentando escapar àquele abraço e aos beijos que volta e meia Sly despejava em sua testa.

— Vamos, acalme-se e venha comigo... Venha...

1

A história propriamente dita

1

O sol debruçava-se preguiçosamente sobre os telhados da cidade, naquele instante barulhenta e movimentada. Pádua acordara fazia poucas horas, e suas ruas fervilhavam da atividade característica às barulhentas urbes comerciais do Vêneto nos tempos hoje longínquos de poderio e riqueza da Sereníssima República.

Esquivando-se das muitas barracas que atravancavam as ruas estreitas e disputavam espaço com as carroças que iam e vinham, Lucêncio e Trânio finalmente alcançaram uma ampla praça nas imediações da já então famosa universidade local. Lucêncio ficou encantado com as incontáveis e imponentes construções que se erguiam à sua volta, os alegres bandos de estudantes que acrescentavam seu vozerio ao dos comerciantes e os grandes negociantes que circulavam em todas as direções em que olhassem. Filho de Vicêncio, mercador conhecido e pertencente à ainda mais afamada e respeitada família Bentivolli da cidade de Pisa, trazia sobre os ombros a responsabilidade de se matricular na universidade e avultar ainda mais (se fosse possível) o bom e secular nome da família. Esse fardo por vezes era insuportável e obscurecia outros tantos prazeres que podiam advir de tais experiências e que transcendiam em muito a todo envolvimento educacional que encontrasse dentro dessas instituições.

— Estude apenas o que lhe agradar, meu senhor – disse Trânio, seu devotado criado, em certo momento, já acostumado àqueles primeiros instantes de angústia e incertezas que acompanhavam o jovem Bentivolli sempre que chegava a tais destinos.

— Sábio conselho, meu bom Trânio – concordou Lucêncio, os olhos indo ansiosamente de um lado para o outro. – Se Biondello já tivesse chegado...

— Aquele não vai chegar na hora nem no próprio velório!

— Bem sei, mas a viagem foi longa e cansativa, e, se já tivéssemos arranjado uma casa em que pudéssemos ficar... – repentinamente Lucêncio calou-se, a atenção atraída para um grupo de homens chefiado por duas belas jovens que emergia de uma ruela em um dos extremos da praça. – Ei, quem será essa gente?

O mais velho dos homens, corpulento e extremamente avermelhado, cofiava a barba com impaciência e de tempos em tempos virava-se para os outros, que o acompanhavam em um alvoroço sem medida, e resmungava:

— Por favor, cavalheiros, não me aborreçam mais!

— Mas, Baptista... – o mais próximo dos homens ensaiou um protesto.

— Pense bem, senhor Baptista – um segundo, mais conciliador, juntou as mãos em uma súplica infantil.

Os apelos se sucediam e vinham de todas as direções e daqueles homens que rodeavam o infeliz chamado Baptista. Muitos iam ficando pelo caminho, abatidos, desanimados ou francamente revoltados diante da obstinação do velho, que aqui, ali ou mais adiante bradava:

— Está decidido: minha filha mais jovem não terá pretendente algum enquanto a mais velha não tiver marido.

Em muito pouco tempo, só restavam dois recalcitrantes em seus calcanhares, clamando pela permissão que ele negava obstinadamente. Um deles se chamava Grêmio, e o outro, Hortênsio, e a ambos, depois de certo tempo, Baptista fez parar com um questionamento:

— Eu estimo e reconheço os dois como homens honrados e, portanto, queria saber se pelo menos um não teria interesse em cortejar a minha Catarina.

Aquele que atendia por Grêmio empalideceu e protestou:

— Cortejar ou esquartejar?

— Como assim?

— Ela é grosseira demais para meu gosto – Grêmio virou-se para o outro pretendente e perguntou: — Não era você que buscava uma esposa, meu bom amigo?

Foi nesse instante que aquela que Baptista oferecia a ambos, uma bela ruiva de feições beligerantes e até mais bonita do que a mais jovem de pé a seu lado, virou-se para Baptista e grunhiu:

— Então é assim que me apresenta a nossos pretendentes, meu pai? Como um brinquedo para ambos e diversão para os que passam?

Hortênsio e Grêmio se entreolharam e, horrorizados, recuaram à simples aproximação dela. Hortênsio protestou:

— Pretendentes? Pretendentes? Que pretendentes? Se pretensão há, é de sua parte. Como podemos sequer pensar em nos aproximar de mulher tão pouco gentil e suave?

Os dois recuaram, ainda mais assustados, verdadeiramente intimidados pela centelha de raiva em que se converteram os olhos de Catarina.

— Tranquilize-se, meu bom homem, pois ninguém poderia estar mais distante de meu coração do que o senhor. Aliás, outra intenção com relação a você eu não teria a não ser penteá-lo com um tridente, pintar sua cara e dar-lhe a utilidade comum aos de sua laia, ou seja, a de um imbecil.

Hortênsio recuou, aterrorizado e fazendo o sinal da cruz.

— Deus me livre de tal demônio!

— Digo o mesmo, amigo Hortênsio! – ajuntou Grêmio.

Catarina rilhou os dentes com raiva e já se preparava para lançar-se sobre ambos quando Baptista interpôs-se, barrando-lhe a passagem com o próprio corpo ao mesmo tempo em que repetia:

— Não insistam! É inútil! Não insistam!

— Por que comportamento tão bizarro, senhor Baptista? – protestou Grêmio. – Por que enjaular Bianca pela língua desse demônio infernal?

— Quanta injustiça! – berrou Hortênsio. — É lamentável que nossas boas intenções causem tanto aborrecimento a essa criatura tão doce...

— Conformem-se, senhores! — bradou Baptista, irredutível. – A minha decisão está tomada!

Virou-se para a jovem miúda e de ar desamparado a seu lado. A

pobre Bianca, a filha mais jovem, encolheu-se assustada, os belos olhos azuis-acinzentados arregalando-se e fixos no pai, abria e fechava a boca de lábios vermelhos e carnudos, como se pretendesse dizer alguma coisa. Não conseguiu.

— Entre, Bianca! – rugiu o mercador, autoritário, apontando para a porta que se abria na sólida e imponente construção atrás deles.

Bianca obedeceu. Catarina marchou a seu lado, sorrindo e dizendo zombeteiramente:

— Coitadinha! Tão mimada e tão infeliz...

— Agrada-me perceber que minha infelicidade a deixa tão feliz, minha irmã – replicou Bianca. Seus olhos infelizes debruçaram-se sobre Baptista e sobre seus pretendentes. – Eu, de minha parte, tenho meus livros e meus instrumentos como companhia, mesmo que tenha de aprender a tocar sozinha.

— Pobrezinha... – gemeram Hortênsio e Grêmio, praticamente ao mesmo tempo, dando um passo na direção de Baptista. Este os deteve com o próprio corpo, sacudindo as mãos como que para afastá-los.

— Por favor, deixem-me em paz! – pediu. – Como viram, eu tenho mais com que me ocupar. Preciso encontrar professores para minha doce filhinha. Ela ama a música e a poesia, e eu a amo imensamente. Tenho de lhe propiciar o melhor pelo menos para aplacar a dor e a decepção que tomam conta de seu coração.

Acompanhou Bianca. Catarina fez menção de segui-los, mas ele a deteve com o braço, pedindo:

— Fique, Catarina! Preciso falar com sua irmã...

Catarina esquivou-se à sua mão e protestou:

— Nem pensar! Aliás, por que eu ficaria?

— Eu...

— Espanta-me a sua atitude, meu pai. Acaso esqueceu que ninguém me diz o que devo ou não fazer? Francamente!

Baptista resignou-se e mais uma vez aquiesceu. Catarina marchou a passos duros e resolutos atrás dele e de Bianca.

— Mulher infernal! – rugiu Grêmio. – Não vejo melhor destino para o nosso amor, por mais extraordinário e sincero que seja, enquanto essa bruxa que ninguém quer for obstáculo...

— Tem razão, meu amigo – concordou Hortênsio, desanimado.

— Eu, por mim, sairei por aí e, caso encontre um bom professor

para minha amada, mais do que depressa o mandarei para que lhe ensine a tocar seus instrumentos e a encontrar prazer nos melhores poemas que já produziu o gênero humano.

— Penso em fazer o mesmo, meu amigo. Na verdade, pensei em lhe propor algo...

— Pois não. Do que se trata?

— Sei que somos rivais no amor e afeição da bela Bianca...

— Nunca neguei isso.

— ... mas neste momento é imperativo que nos unamos em prol de igual objetivo.

— Que vem a ser?

— Ora, o que mais seria? Arranjar um louco que se disponha a casar com a irmã mais velha.

— Jesus, Maria, José! Um marido? Buscas decerto um demônio!

— Um marido, insisto.

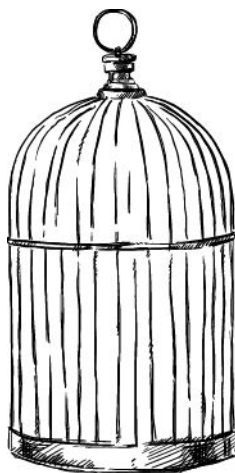
— Caríssimo Hortênsio, eu insisto. Apesar da apreciável fortuna do pai dela, você acredita mesmo que encontraremos alguém que concordará em lançar-se voluntariamente a tal inferno?

— Meu bom amigo, não subestime a natureza humana. Decerto que, se procurarmos com afinco, encontraremos aquele que ignorará seus muitos defeitos e olhará com muita atenção para o dinheiro que a acompanhará em um eventual casamento.

— Não seria eu, acredite!

— Muito menos eu. De qualquer forma, que mal há em procurar? Pense bem: livres do obstáculo que Catarina representa, estaremos desimpedidos para disputar o coração de Bianca. Não considera útil e desejável que alimentemos nossa amizade pelo menos até que isso ocorra?

— Concordo entusiasticamente. Darei o que for preciso e necessário para que tal ocorra.

Justos e acordados, mas, acima de tudo, partilhando de idêntico desespero e angústia, apertaram-se as mãos, selando provisória trégua na sólida disputa pelo coração de Bianca.

2

Lucêncio os viu distanciar-se rua abaixo. Abraçados e entretecendo projeto responsável por tão repentina e inusitada aliança, Grêmio e Hortênsio nem sequer perceberam quando ele se virou para a soberba propriedade de Baptista e se pôs a contemplá-la. Não propriamente a bela residência, mas a imagem da igualmente bela Bianca que ficara gravada em sua mente desde que sobre ela repousara seus olhos e o crescente interesse que Bianca provocava, assenhoreando-se de seus pensamentos, mas, acima de tudo, de seu coração. Trânio o percebeu e, em dado momento, como o jovem patrão persistia naquele demorado olhar, questionou:

— Seria possível o amor dominar assim tão completamente um homem?

Lucêncio sorriu, embaraçado, e virando-se para ele admitiu:

— Antes de eu mesmo me ver vitimado por ele, também acreditava ser impossível....

— Senhor?

— Não se faça de tolo, meu amigo. Você bem o notou, e não serei idiota ao não confessar que estou irremediavelmente apaixonado...

— Pela mais jovem, não é mesmo?

— E havia outra?

— Lamento ser eu aquele que o despertará de tão grandioso enlevo,

mas infelizmente havia, e ela certamente é o grande obstáculo entre o senhor e sua felicidade.

— Como disse?

— Decerto o senhor ouviu bem o que disse a víbora...

— O quê? Que víbora?

— Vejo que nada viu além daquela que o seduziu...

— Doce Bianca...

— Pois é, meu senhor, entre o senhor e a doce Bianca existe a realidade infernal, e por que não dizer indigesta, da irmã mais velha.

— O que tem ela?

— Além do gênio infernal? A possibilidade de impedir a felicidade da irmã mais nova. Aliás, pelo que vi, com indisfarçável prazer.

— A irmã mais velha...

— Catarina é o nome da bruxa, meu senhor, e o pai, consciente do demônio que ajudou a pôr no mundo e da dificuldade que terá para dele se livrar, interpôs entre a filha mais nova e seus incontáveis pretendentes a obrigação de livrar-se de Catarina, a megera, pelo caminho mais curto do casamento.

— Como é que é?

— Enquanto solteira for Catarina, Bianca também o será.

— Quanta crueldade! – trovejou Lucêncio, alcançado pelas garras afiadas da incompreensão e da decepção causada pela determinação paterna. – Isso... isso...

— Isso é um imenso absurdo, bem sei – aduziu Trânio. – Mas nada se faz completamente intransponível quando se trata do amor. Não é o que o senhor pensa?

— É no que acredito.

— E decerto já está pensando em algo que vença ou remova tal obstáculo...

— Tudo a seu tempo, meu bom amigo.

— No que o senhor pensa então?

— Em primeiro lugar, em estar próximo do objeto de tanto amor...

— A doce Bianca?

— E de quem mais seria?

— E como pretendes fazê-lo?

Lucêncio sorriu, um brilho de malícia e interesse iluminando a misteriosa maquinação que se insinuava em seu rosto até então

aparvalhado pela grande paixão.

— O senhor ouviu que é intenção do pai de Bianca provê-la de um professor...

— Certamente.

— E pretende apresentar-se para o cargo, não?

— Você me conhece muito bem, Trânio.

— A paixão o cegou a certo empecilho, meu senhor.

— Verdade? E qual seria?

— Quando o senhor for o professor, quem fará o seu papel?

Lucêncio sorriu, tranquilizado.

— Esperava maior dificuldade, Trânio...

— E esta não é?

— Nada tão instransponível assim.

— E como pretende...

— E quem mais poderia ou saberia desempenhar tão apropriadamente tal papel?

— Senhor?

— Você irá desempenhá-lo, meu amigo.

— Eu?

— Pense bem: ninguém nos viu até agora e, portanto, ninguém sabe qual de nós é o servo ou o senhor. E como Lucêncio, filho de Vicêncio, você será tratado, cuidado e alimentado. Temos de somente nos precaver para quando Biondello chegar. Temos de colocá-lo a par de nossos planos para que não ponha tudo a perder com a língua dele. Ele deverá servir você como serviria a mim e tratá-lo como tal, inclusive quando você for à casa de Baptista e se apresentar como um dos pretendentes ao coração de Bianca.

Trânio empalideceu, apavorado.

— Eu, meu senhor? – horrorizou-se. – Que insensatez está me propondo?

Lucêncio sorriu.

— A que despropósitos nos lançamos pelo amor, não é mesmo, Trânio? – disse, passando o braço pelos ombros do criado e o arrastando consigo rua abaixo.

— Ai, meu Deus do céu!... – gemeu ele, absolutamente desnorteado, deixando-se levar.

ENTREATO

Sonolento e quase caindo da cadeira em que se refestelava, Sly bocejou e esfregou os olhos em mais de uma ocasião. Reunidos em torno dele, tanto o castelão – que se divertia com toda aquela situação, uma encenação dentro de outra – quanto os muitos criados que se amontoavam em torno do caldeireiro, em lorde poderoso transformado pelas artimanhas de um nobre entediado, entreolharam-se, e um deles perguntou:

— Meu senhor, gostaria que interrompêssemos a apresentação?

Sly levantou a cabeça vagarosamente, como se ela lhe pesasse toneladas, e pestanejou vigorosamente antes de balbuciar:

— Não compreendo...

— Notamos que o senhor está cabeceando de sono...

— Mas eu estou vendo.

— Não queremos obrigá-lo a ver o que aparentemente não o está interessando.

— Você está enganado.

— Estou?

— A história é tão interessante que mal posso esperar para ver como isso acabará.

— Realmente?

— Claro... – os olhos de Sly deambularam pelos rostos à sua volta, antes de ele perguntar: — Ainda falta muito?

Sorrisos zombeteiros se multiplicaram silenciosamente em torno dele.

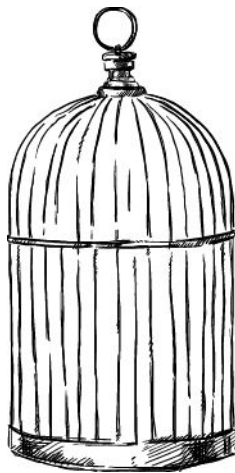
— Mal começou, meu senhor...

O pajem que se fazia passar por sua esposa repousou a cabeça em seu peito e, fingindo carinho e preocupação, disse:

— Você aguentará, meu querido?

— Decerto que sim, mulher! – Sly bocejou mais uma vez, antes de concluir: — Quero ver como termina!

2

Voltando à história e à cidade de Pádua

1

— Mas com todos os diabos, quem será a uma hora dessas?

Hortênsio irritou-se, e sua contrariedade apenas aumentava desde que a primeira batida na porta de sua casa estrondeou por escadarias, salões e corredores. Multiplicava-se, e, em dado momento, acreditou que a porta desabaria sobre os criados que se apressavam em abri-la, tamanha a violência com que a golpeavam. Recuou, assustado, e ainda tremia dos pés à cabeça quando a viu escancarar-se e um grandalhão avermelhado avançar aos trambolhões e finalmente esparramar-se a seus pés.

– Grúmio! – reconheceu-o e, no momento seguinte, olhando para a porta aberta, viu a figura ainda maior e hirsuta de Petrucchio avançar com cara de poucos amigos, erguendo um dos pés, prestes a chutar seu mais fiel criado.

Por trás de uma verborrágica chuva de palavrões os mais ferozes e assustadores possíveis, irritou-se quando Grúmio engatinhou desesperadamente e refugiou-se atrás de Hortênsio.

– Saia da frente, meu amigo! – gritou. – Deixa-me acertar uma boa meia dúzia de pontapés nesse imprestável!

– Proteja-me, senhor! – apelou Grúmio, aflito. – Meu amo enlouqueceu completamente!

– Poltrão dos infernos! Inútil! – rugiu Petrucchio. – Vou lhe mostrar

quem está louco!

Hortênsio sorriu e balançou as mãos para Petrucchio, como a apelar para que se acalmasse, enquanto dizia:

– Seja bem-vindo à minha casa, meu grande amigo – olhou de esguelha para Grúmio, ainda entrincheirado atrás de si, e acrescentou: – Tu também, querido Grúmio. Agora vá, levante. A briga acabou.

Grúmio alcançou a truculenta figura do patrão com um olhar ainda receoso e insistiu:

– Acabou mesmo, meu amo?

– Vá embora daqui, rapaz, ou feche essa boca de uma vez.

Grúmio ainda se demorou uns instantes para sair de trás de Hortênsio e juntar-se a outros criados que observavam a insólita cena a prudente distância.

– Que bons ventos o trazem de Verona, Petrucchio? – perguntou Hortênsio, sorridente.

– O melhor dentre tantos ventos: aquele que conduz os jovens a sair pelo mundo atrás de aventura e fortuna.

– Como assim?

– Meu bom e velho pai acaba de morrer, e eu achei por bem ajeitar-me na vida, pois de aventuras posso bem falar, mas é chegada a hora de arranjar-me com um matrimônio vantajoso e aumentar o peso da bolsa que carrego.

– Como é?

– Não me falta dinheiro. Trago bolsa pesada dele e tenho muito mais de onde venho. No entanto, aumentar tanto uma coisa quanto outra me fará muito bem, pois não?

– Devo entender que você veio a Pádua para encontrar um bom partido para casar?

– Entendeu muito bem.

Um lampejo. Um simples e quase imperceptível lampejo. Hortênsio não precisou de mais nenhum desnecessário discurso ou uma exagerada profusão de palavras. Uma fração de segundos e o sorriso desenhou-se em seus lábios, aquele pensamento crescendo, espalhando-se em um enredo silencioso e de inacreditável potencial para desatar o verdadeiro nó górdio em que se transformara sua paixão pela encantadora filha mais nova de Baptista.

– Amigo Petrucchio... – principiou, aquele pensamento

cristalizando-se em sua mente, uma hipótese mais do que possível de converter-se em maravilhosa e desejada realidade.

– Diga, Hortênsio – desconfiado estava e desconfiado foi se tornando ainda mais Petrucchio à medida que persistia o olhar de Hortênsio. Algo o inquietou, e sentiu-se mesmo devassado, destrinchado feito um pedaço de carne por seu interlocutor. Tramava algo, disse de si para si, defensivo.

– Você me permitiria indicar-te uma mulher?

– Como não? Confio plenamente em seu julgamento.

– Não se trata de qualquer mulher...

– Como assim?

– Poucas vezes conheci neste mundo criatura tão grosseira e realmente detestável...

– Eu já lhe disse que não sou filho de pai assustado! Não temo coisa alguma neste mundo de Deus. Por que temeria uma mulher?

– Não se trata de qualquer mulher...

– O que é isso, Hortênsio? Deixa de rodeios e me fala de quem se trata!

– Posso assegurar que ela é rica, muito rica...

– Hortênsio, vim a Pádua atrás de um casamento rico e, se este for o caso, não me preocupo se a mulher é feia como a necessidade, velha e enrugada feito a morte ou mais feroz do que um urso, caso com ela o mais depressa possível.

– Você fala assim porque ainda não a viu, meu amigo...

Misturado aos outros criados de Hortênsio, Grúmio deu um risinho zombeteiro e afirmou:

– Se houver dinheiro envolvido, creia, meu bom senhor, o patrão vai para a cama com o mais feroz dos tigres.

Hortênsio olhou de esguelha para Petrucchio.

– Isso é verdade? – perguntou, como se ainda resistisse ou temesse avançar em sua proposta.

Petrucchio afugentou seu criado com um olhar perpassado de ameaças que o fez encolher-se e refugiar-se mais uma vez entre os criados de Hortênsio.

– Esse bode velho e imprestável fala demais, mas me conhece muito bem – respondeu. – Portanto, fique à vontade para seguir em frente com a sua proposta.

– Na verdade, não chega a ser tão ruim assim...

– Entendo...

– Ela é jovem, bem bonita...

– Sim...

– E o que mais te interessa: é rica.

– Ainda não encontro motivo para temer tal criatura.

– Mas tem um senão...

– E não tem sempre? Qual é ele?

– Ela é brusca, teimosa e, acima de tudo, das mais violentas...

– Basta, Hortênsio! Chega de descrições tediosas! O ouro sempre falará mais alto, e eu o ouço neste momento. Diga-me apenas o nome do pai da donzela, e do resto cuido eu.

– Baptista Minola é o nome dele, e Catarina é o nome de sua filha mais velha...

– A que tenho que cortejar?

– Isso.

– Eu o conheço, mas nunca pus os olhos em minha noiva. Aliás, mal posso esperar. Então, vens comigo ou terei que o abandonar e ir por minha conta?

– Tem certeza?

Escondido atrás dos criados de Hortênsio, Grúmio elevou a cabeça acima da proteção de carne e osso e disse:

– Se o senhor conhecesse melhor o meu patrão, ficaria mais preocupado com a infeliz que ele acaba de escolher como noiva. Pobre criança! É inútil ofendê-lo, xingá-lo ou mesmo tentar agredi-lo. O Diabo o está mantendo aqui embaixo, pois não quer concorrência no inferno. Agora que pôs uma ideia na cabeça, nada nem ninguém vai tirá-la de lá de dentro, e coitado daquele que se colocar em seu caminho.

Hortênsio olhou para Petrucchio com uma ponta de temor.

– Penso que é melhor ir com você – disse. – A flor da minha vida também está sob o teto de Baptista...

– Do que está falando, homem?

– A filha mais nova, Bianca. A pobrezinha é vítima da megera que é a irmã mais velha. O velho Minola não arreda pé da ideia de só permitir que ela se case depois que Catarina encontre aquele que com ela se case.

– Pois se depender de mim, meu amigo, teus problemas acabaram. O demônio de saias que atende pelo nome de Catarina já tem pretendente e vai se casar comigo, não se preocupe.

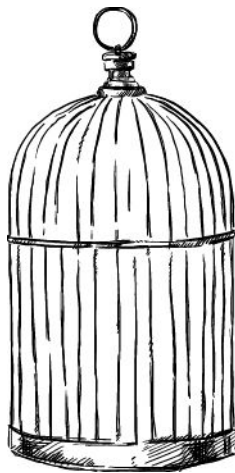
– Acredito – Hortênsio achegou-se a Petrucchio e disse: – Agora eu gostaria de pedir um favor...

– O que desejar.

– Eu o acompanharei em outros trajes e gostaria que tu me apresentasses ao velho Baptista Minola como um competente professor de música...

– Mas ele não te conhece?

– Duvido que se lembre de mim. São tantos os pretendentes de Bianca que ele nem sequer presta atenção em algum de nós. De qualquer modo, valerá a pena o risco.

– Nossa, você está realmente apaixonado, hein, amigo Hortênsio?

– Mais do que talvez você consiga imaginar ou pelo menos supor. Então, posso contar com você?

– Sem dúvida. Como o apresento?

– Como um professor de música. Assim...

– Bem sei. Assim você terá mais tempo e liberdade para namorar a jovenzinha sem que alguém suspeite.

– Isso!

2

Eles se encontraram praticamente à porta de Baptista Minola. Entreolharam-se desconfiadamente. Inimigos cordiais, Lucêncio dirigiu um olhar de irremovível curiosidade para Petrucchio, enquanto Hortênsio e Grêmio buscavam estudar-se. A aliança fortuita e das mais frágeis, por ser igualmente ilusória, aqui e ali dava lugar a uma desconfiança a custo dissimulada.

– Ah, deixem-me apresentar-lhes meu amigo Petrucchio – disse Hortênsio. – Ele vai ser a solução para nosso grande problema.

– Catarina? – perguntou Grêmio.

– E quem mais?

Grêmio virou-se para Petrucchio e perguntou:

– E como te propões a resolver o nosso problema, meu senhor? – perguntou.

– Da maneira mais simples possível – respondeu Petrucchio, o queixo espetando arrogantemente o ar entre ele e seus interlocutores. – Casando-me com ela.

Lucêncio virou-se para Hortênsio e perguntou:

– Ele sabe o que o espera?

– Perfeitamente – respondeu Petrucchio. – Sei que se trata de criatura irascível, brigona e de língua das mais ferinas...

– E mesmo assim...

– Pouco me importam todos os defeitos e qualidades dela. Sei o que vim buscar e é o que vou levar, nada mais.

– Você é corajoso.

– Determinado, eu diria.

Grêmio olhou, sorridente, para os outros à sua volta.

– Tanto faz – disse. – O importante é que não poderia ter chegado em hora mais providencial e, no que precisar, conte conosco.

– Agradeço, mas não creio que seja necessário.

– Talvez mude de ideia ao conhecer a fera que você pretende desposar...

– Talvez seja ela que se transforme depois que souber com quem está lidando.

O pequeno grupo ainda discutia à frente da casa de Baptista quando Trânio, seguido por um jovem magricela e de vasta cabeleira negra, aproximou-se e perguntou:

– Os senhores saberiam me dizer qual o caminho mais rápido para a casa de Baptista Minola?

Grêmio e Hortênsio se entreolharam, desconfiados.

– Acaso não é aquele que tem duas filhas muito bonitas?

– Exatamente – concordou Trânio.

– E a qual delas se refere, poderíamos saber?

– Que lhe importa?

Petrucchio interveio, beligerante:

– Espero que não esteja atrás da brigona.

– Não gosto de mulheres brigonas – afirmou Trânio. Virando-se para o pajem, ordenou: – Vamos andando, Biondello.

Hortênsio colocou-se em seu caminho e interrogou:

– Então está interessado na outra?

– E se estiver?

– Eu sairia daqui o mais depressa.

– Por quê?

– Porque ela já é desejada pelo senhor Grêmio – respondeu Grêmio.

– E também pelo senhor Hortênsio – ajuntou Hortênsio, ambos indisfarçavelmente hostis.

– Senhores, senhores – disse Trânio, apaziguador. – Será que teremos mesmo de brigar pela donzela antes de sequer podermos estar diante dela?

– Não a viu? – Grêmio era o mais desconfiado e não desgrudava o olhar de Trânio, que de tempos em tempos olhava para Lucêncio, por quem fazia se passar.

– Na verdade nem sequer conheço o bom Baptista Minola. Ele e meu pai tiveram boas relações, e da filha só tenho os comentários...

– Que comentários?

– Você sabe que são duas?

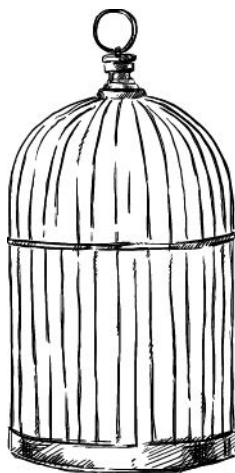
– Sei que uma tem a língua afiada e mortal e que a outra se conhece pela modéstia e incrível formosura.

Petrucchio aproximou-se, empurrando Biondello para o lado e se colocando à frente de Trânio.

– A primeira é minha noiva – informou. – E eu agradeceria se a deixasses em paz. Na verdade, eu vos aconselho a se concentrar em suas próprias batalhas, pois, ao casar com a minha doce Catarina, o caminho estará livre para que os três se matem pelo coração da irmã dela, como, ao que parece, é o interesse de todos.

– Pois bebamos então ao senhor e ao bem que está fazendo por nós! – disse Trânio, conciliador.

3

Confusões e artimanhas na honorável casa de Baptista Minola

1

O conflito era permanente e se fazia longo e de maneira tão persistente que ninguém naquela casa sabia bem quando começara. Inveja. Inveja persistente. Inveja que muito provavelmente começara quando Catarina teve a percepção exata ou pelo menos a crença de que a irmã mais nova era a favorita do pai e, na verdade, de todos que gravitavam em torno de ambas. Uma criatura mais racional e mesmo coerente com toda a certeza pararia e buscaria até em si mesma uma resposta para tal preferência. Mas, ao contrário, quanto mais se sentia alijada, evitada e até temida, mais Catarina cavava trincheiras profundas no campo de batalha em que converteu a honorável casa de Baptista Minola.

Muitos, a começar por ela mesma, concordavam que nunca fora de comportamento afável ou de índole pacífica e delicada. Desde o princípio, e os anos que a separavam da irmã mais nova certamente contribuíram para a ilusão de que era o centro das atenções daquela casa, reinara sozinha e absoluta no carinho e atenção de todos até o nascimento de Bianca. Catarina fizera-se pessoa de forte personalidade e se acostumara a ser atendida até nos mais descabidos desejos.

No princípio, era a perplexidade, a incompreensão acerca da própria sensação de abandono crescente que experimentava, aquela que crescia dentro de si e a fazia pressentir, perceber a falta de algo, o

carinho rareando, a atenção se voltando para a recém-chegada, enquanto ela ia sendo deixada, abandonada a um canto, à ressentida desimportância. Foi assim que no fim cresceu a animosidade que se fez de pequenas maldades, este ou aquele beliscão, um truculento empurrão, e desde então só crescia e fazia dela a criatura odiosa que sentia prazer em ser hostil, beligerante e, a qualquer instante, passível de raiva e violência temíveis, a obstinação birrenta e por vezes apavorante que levava o próprio pai a, incapaz de compreender e em seguida controlá-la, criar terrível estratagema para dela se livrar: a queridinha que todos mimoseavam e inúmeros pretendentes cortejavam não se casaria se antes Catarina não encontrasse pretendente ou qualquer um que, certamente por dinheiro, se dispusesse a levá-la para onde quer que fosse, preferencialmente para o mais distante possível de Pádua.

Diminuída, ofendida, ferida em seus brios, desde então Catarina passou a desdobrar-se em arrogância e ferocidade, destratando qualquer um que à sua frente se colocasse e ousasse declarar-lhe um amor que bem sabia era mais direcionado ao dinheiro de seu pai. E assim, vingança terrível, solteira permaneceria e à igual solteirice condenaria a infeliz irmã que lhe tomara o carinho e o afeto dos pais.

– Querida irmã, por que me humilhas desse jeito? – perguntou Bianca, mais uma vez aflita, alcançada pelas mesquinharias cotidianas que aumentavam quando novos pretendentes se digladiavam à porta do velho Baptista Minola.

– Não venha com suas arengas melosas, sonsinha – rugiu Catarina, perseguindo-a de um lado para o outro da sala. – Diga-me: quem é o seu preferido?

– Sei que não acredita, mas até hoje não apareceu um que me encantasse verdadeiramente...

– Mentirosa!

– Deve ser Hortênsio.

– Se ele a agrada, minha irmã, intercederei junto a ele para...

– Ah, como ela é generosa!

– Você bem sabe que faria tudo para que...

– ... para que eu a deixe em paz?

– Imagina!

– Ah, aposto que te interessa Grêmio. Bem sabemos que é rico e...

– Então fica fique você com ele e solte a minha mão!

Catarina a estapeou, e, para seu azar, no mesmo instante, Baptista entrou na sala.

– Que confusão é essa? – indagou, a surpresa cedendo lugar bem rapidamente à irritação que mais aquele gesto intempestivo e agressivo lhe causou. Imediatamente abraçou protetoramente Bianca, colocando-se entre ela e a irmã, a quem dirigiu um olhar enfurecido e gritou: – Será que não tem vergonha, espírito maligno? Por que maltrata sua irmã, que nada fez a você a não ser insistir inutilmente em ser carinhosa e amiga com quem a maltrata praticamente desde que nasceu?

– Fingida! – Catarina lançou-se mais uma vez sobre a irmã.

Baptista a deteve com a mão.

– Afaste-se, demônio! – insistiu. – Saia daqui, Bianca! Tu não merece esse tratamento.

Bianca, como sempre pálida e assustada, saiu precipitadamente da sala ao mesmo tempo em que Catarina afastava a mão do pai com um repelão e resmungava:

– Evidentemente o senhor não me suporta, não é mesmo, meu pai?

– Como posso se não existe um dia em que você não se esforce para que cada um de nós dentro desta casa a evite ou a odeie? O que você tem, minha filha? Por que todo esse ódio contra sua irmã? Que mal ela fez a você?

– Ela existe! – rugiu Catarina, saindo precipitadamente da sala.

Baptista pensou em ir em seu encalço, cobrar-lhe as mesmas e conhecidas explicações, fazer as mesmas perguntas de sempre e que ela invariavelmente deixava sem resposta. Foi interrompido por uma pequena comitiva de homens, tendo Grêmio à frente de todos.

– O que significa isso? – perguntou, impaciente.

– Bom dia, vizinho – cumprimentou-o Grêmio, sorridente.

– Bom dia para você também, Grêmio – os olhos de Baptista deambularam interessada e curiosamente pelos rostos à sua frente. – Mas o que o traz até aqui e quem são seus amigos?

Grêmio mal teve tempo de insinuar um novo sorriso, pois nesse instante Petrucchio o afastou e, colocando-se entre ele e Baptista, cravou o mais vulpino dos olhares no mercador. Sem a menor cerimônia e com nenhuma educação, perguntou:

– Perdoe-me, bom homem, mas acaso não tem uma bela e virtuosa filha chamada Catarina?

Baptista recuou, assustado, os olhos fixos em seu truculento interlocutor.

– Sim, esse é o nome de uma delas... – balbuciou.

Petrucchio tornou a empurrar Grêmio, que procurava se interpor mais uma vez entre ele e Baptista, e, em seguida, tornou a encarar o mercador, prosseguindo:

– Meu nome é Petrucchio e sou um cavalheiro de Verona. Tenho ouvido falar da beleza e da grande inteligência de sua filha...

– Catarina? – espantou-se Baptista, o olhar de incredulidade indo e vindo pelos outros rostos emudecidos e embasbacados atrás de Petrucchio.

– ... de seus modos afáveis e doces...

– Cavalheiro, deve estar havendo algum engano...

– ... de como é modesta e das mais recatadas dentre as tantas donzelas de Pádua...

– Cavalheiro...

– Por isso estou aqui.

Completamente desnorteado, Baptista gaguejou:

– Po-Po-Por isso o quê?

– Por causa de tua filha Catarina...

– Creio que está equivocado. Catarina...

– É exatamente por causa de tua filha Catarina que estou aqui. Vim ver com meus próprios olhos o que só conheço pela fala e opinião de outros. Sei bem que estou sendo extremamente ousado e, por causa disso, resolvi me fazer acompanhar por um de meus mais fiéis servidores.. – Petrucchio apontou para Hortênsio, que, metido em roupas bem mais humildes do que as que habitualmente usava, inclinou-se reverenciosamente. – Seu nome é Lício, ele é versado em música e matemática, e certamente terá o maior prazer em instruir tua filha em tais ciências, apesar de saber que delas Catarina não é inteiramente ignorante.

– Seja bem-vindo a minha casa, Petrucchio de Verona – disse Baptista, ainda desnorteado. – Mas, sobre minha filha...

– Percebo em teu tom de voz que...

– Receio que ela não lhe convenha, apesar de que me faria gosto...

– Pois então qual o obstáculo a...

Nesse instante, visivelmente impaciente, Grêmio insinuou-se entre os dois homens e, virando-se para Petrucchio, disse:

– Queira me perdoar, estimado amigo, mas poderia abreviar tua conversa?

– Serei breve...

– Não duvido, apesar de desconfiar de que ainda irá amaldiçoar o que tão ansiosamente se oferece para cortejar – Grêmio virou-se para Baptista e, por trás do maior e mais subserviente dos sorrisos, assegurou: – Creia, vizinho, o presente de meu amigo será extremamente útil. Aliás, querendo expressar igual estima, trago-lhe esse jovem erudito – apontou para Lucêncio, usando trajes bem mais modestos do que aqueles que costumeiramente usava. – Seu nome é Câmbio, e ele estudou grego, latim e outras línguas em Reims. Eu me sentiria extremamente honrado se pudesse aceitar os serviços dele.

Baptista agradeceu e já fazia menção de voltar-se mais uma vez para Petrucchio, quando teve a sua curiosidade despertada para Trânio, que, ao lado de Biondello, ostentava trajes requintados, seguramente pertencentes ao patrão.

– E quem é você, meu bom amigo? – perguntou.

– Eu é que deveria me desculpar, meu bom senhor – disse Trânio. – Aliás, queira me perdoar pela ousadia, mas mal vi este grupo e ouvi que entre eles há alguns que ambicionam a mão da bela Bianca. Então atrevi-me a acompanhá-los.

– E quem é você? – insistiu Baptista.

– Meu nome é Lucêncio, e tenho certeza de que, logo que o senhor tomar conhecimento de minha linhagem, irá me acolher com muito boa vontade como um dos pretendentes de tua formosa filha. E, pensando exatamente nela e em sua educação, que imagino ser uma de suas maiores preocupações, eu trouxe comigo este alaúde e alguns livros – apontou para o instrumento musical e para os livros que Biondello carregava.

– De onde você vem, rapaz?

– De Pisa, meu senhor. Sou filho de Vicêncio.

– Ah, vem de uma família das mais ilustres. A reputação de teu pai o precede – Baptista virou-se para Hortênsio e ordenou: – Tu, pegue o alaúde! – e, depois que deu idêntica ordem a Lucêncio, para pegar os

livros, informou: – Vou mandar que os conduzam até suas alunas.

Um criado foi chamado, e ele insistiu para que os levasse à presença de Catarina e Bianca.

O pequeno grupo ainda saía, quando Petrucchio voltou-se mais uma vez para Baptista e insistiu:

– Sejamos práticos, meu amigo. Sou homem muito atarefado e desde já tenho que lhe dar ciência de que não poderei vir aqui diariamente para cortejar tua filha. De qualquer forma, bem sei que conhece muito bem meu pai e, mesmo não me conhecendo tão bem, acredito que a reputação de meu pai e de minha família fala por mim. Sou herdeiro de considerável fortuna, à qual me dedico a aumentar. É natural que eu queira saber qual dote receberei caso conquiste o amor da bela Catarina...

– Quando eu morrer, metade de todas as minhas terras será dela, bem como um dote que hoje alcança o valor de vinte mil coroas.

– Apreciável. Eu, de minha parte, posso garantir que, se ela enviuvar, ficará com todas as minhas terras e posses. Podemos firmar um contrato para que todo esse acordo fique garantido à força da palavra.

– Deus o ajude, meu bom homem...

– Tranquiliza-te, senhor Baptista. Bem sei o que te perturba, mas, acredite, serei tão paciente quanto tua filha é orgulhosa e cheia de vontades. Estou habituado a conseguir o que quero e tenho os meios e maneiras para chegar ao meu objetivo. Não sou injusto, mas também não sou dado a sutilezas ou afeito a dobrar-me a qualquer mulher, mas bem ao contrário.

– Só posso te desejar boa sorte, Petrucchio...

– Sorte é para os fracos ou para aqueles que não confiam em si. Ela vai se dobrar, o senhor verá.

Petrucchio calou-se abruptamente, a atenção atraída para uma gritaria que ressoava por toda a casa e materializou-se na figura desarvorada e extremamente assustada de Hortênsio, que irrompeu para dentro da sala em desabalada carreira, o alaúde quebrado e pendurado em seu pescoço como um insólito colar de madeira.

– Mas o que houve, meu amigo? – indagou Baptista. – Por que está tão pálido?

– Um demônio!... – foi tudo o que Hortênsio conseguiu balbuciar,

quase sem fôlego, os olhos arregalados e fixos em Petrucchio.

– Catarina... – gemeu ele, fingindo ansiedade. – Foi meu amorzinho que fez isso?

– Amorzinho? Ela é... é...

Baptista sorriu, conciliador, e ajudou-o a livrar-se do instrumento musical que carregava pendurado no pescoço.

– Por favor, meu bom amigo – disse. – Sei bem que minha filha não tem lá muita vocação para a música.

– Eu diria que a grande vocação dela é para a vida militar.

– O que houve?

– Nem sei bem. Eu me propus a lhe ensinar a tocar o alaúde, e no início ela foi muito gentil, de tal maneira educada que cheguei a acreditar que a dobraria sendo gentil. Ah, como estava enganado!...

– De alguma forma você destratou minha noiva, biltre? – interpelou-o Petrucchio, avançando em sua direção.

– Eu nem sequer tive tempo. Tudo aconteceu muito rápido.

– Tudo o quê?

– Eu apenas lhe disse que ela estava dedilhando errado o alaúde e segurei na mão dela, para lhe ensinar a posição correta e com o maior respeito. Ela me xingou e em seguida quebrou o alaúde na minha cabeça, e não parou mais de xingar.

Petrucchio sorriu, divertido, e comentou:

– É, não se pode negar que ela é uma mulher de gênio... Que graciosa é, não é mesmo? Estou me sentindo cada vez mais apaixonado.

Hortênsio encarou-o, incrédulo.

– O senhor só pode estar louco... – gemeu.

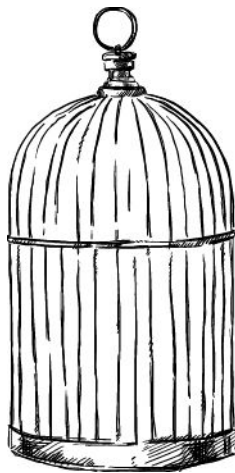
Baptista achegou-se a ele e pediu:

– Ah, não desanime, meu amigo. Vou levá-lo até a minha filha mais nova, que tem muito interesse em aprender qualquer coisa e sabe ser muito mais agradecida do que a irmã.

– Espero, espero... – Hortênsio tremia dos pés à cabeça e hesitou por um instante antes de acompanhar o mercador.

Baptista o escoltava e aos outros quando se lembrou de Petrucchio e, parando, virou-se e perguntou:

– O senhor não vem conosco? Quer que eu mande Catarina aqui para que a conheça?

– Mande-a aqui, por favor! – pediu Petrucchio, empertigando-se e, hirto e arrogantemente, indo de um extremo a outro da sala, alinhavando o que diria e como agiria assim que tivesse Catarina na sua frente.

2

Não teve que esperar muito e, no primeiro instante, esforçou-se para dissimular o deslumbramento que lhe causou a bela figura de Catarina. Surpreendeu-se, pois, ao contrário do que supunha, não se viu frente a frente com um demônio de feiura e maus modos, mas diante de uma beleza selvagem tão comum àquelas mulheres de forte personalidade e cheias de vontades. Uma expressão desdenhosa infundia um ar desafiador ao rosto avermelhado, e seus grandes olhos eram duas centelhas intimidantes determinadas a aassustá-lo, como o fizera a outros tantos que chegaram à casa de Baptista Minola com a temerária pretensão de desposá-la.

Petrucchio devolveu-lhe toda a arrogância e desafios com um largo sorriso.

– Bom dia, Cata... – disse. – Creio que posso chamá-la assim, pois não? Disseram-me que todos assim a chamam. Cata, a meiga, Cata, a recatada, e apenas uns poucos, despeitados ou preteridos, não sei, ousaram chamá-la de Cata, a megera...

Catarina bufou com impaciência e rosnou:

– Os que têm tempo de me chamar de alguma coisa sabem que devem me chamar de Catarina...

– Ah, mais não foi o que me disseram.

– Não?

– Não.

– E o que lhe disseram, posso saber?

– Nem queiras saber, minha senhora. Muitas e muitos se desdobraram em me falar de teus inúmeros predicados. A tua beleza, a mais bela donzela de toda a Cristandade. A meiguice. O recato... Nossa, foram tantos os elogios que eu resolvi mover-me até aqui para pedir a você que me aceite como marido.

– Ah, pois então é móvel?

– Que encanto! Ninguém havia me dito que era igualmente espirituosa...

– Já que é um móvel, que quem o trouxe até aqui cuide de removê-lo o mais depressa possível.

– Para você e por você, sou qualquer coisa, minha doce donzela. Sente-se em mim se assim o quer!

– Para isso foram feitos os burros como você. Estou errada?

– Mas as mulheres foram feitas bem antes para carregar a nós, homens...

– Acredita nisso, senhor?

– Cata, Cata, Cata... precisamos discutir tais bobagens? Por que maltrata aquele que veio de tão longe para cortejá-la?

– Cortejar? A mim?

Petrucchio olhou em torno de ambos e, sorrindo, perguntou:

– Não há nenhuma outra que mereça minha atenção por aqui, há, minha abelhinha?

– O senhor está se arriscando. Posso feri-lo com meu ferrão.

– Não se eu arrancá-lo.

– Antes terá de encontrá-lo.

– Não é busca tão demorada. Qualquer um sabe que o ferrão da abelha está no rabo.

– Sou de espécie diferente...

– Realmente? E onde você guarda seu ferrão?

– Na língua, grosseirão!

– Ah, Cata, minha Cata querida. Por que me trata assim, se sou um cavalheiro?

– Não me parece... – Catarina voltou-se repentinamente e o esbofeteou.

Petrucchio sorriu, mas seus olhos dardejaram uma raiva súbita e

das mais assustadoras.

– Faça isso novamente e eu a estraçalho... – rugiu, rilhando os dentes.

– Verdade? E com que armas, cavalheiro? Acaso pretende me bater? Um cavalheiro não bateria...

– Não se fie nisso.

– Bateria em mim?

O sorriso de Petrucchio tornou-se apaziguador, praticamente amistoso, e ele até demonstrou divertir-se com a virulenta troca de palavras e ofensas entre ambos.

– Cata, Cata, não percas tempo me ofendendo. Não será assim que escapará de mim.

Catarina o xingou e quis se afastar. Ele a segurou pelo braço e a puxou mais uma vez para bem próximo de si, os corpos roçando um no outro.

– Largue-me! – protestou ela.

– E privar-me da própria flor da gentileza que inegavelmente você é? Nunca!

– Se eu ficar, será apenas para irritá-lo!

– Você sabe que não me irrita. Ao contrário, sua presença é um refrigério para uma alma cansada e necessitada de carinho como a minha.

– Você está delirando!

– Longe de mim. Digo o que trago de mais sincero em meu coração. E o abro inteiramente para você: sonho aquecer-me em seu leito, ser pai amoroso de todos os muitos filhos que teremos juntos...

– Absurdo!

– Não, de maneira alguma. Juro do fundo de minha alma que é o que desejo. Por sinal, seu pai já consentiu que você se case comigo, e já concordamos inclusive com o dote. E, queira ou não, você se casará comigo...

– Bruto!

– Não, não o sou, Cata. Sou aquele que nasceu para domá-la e transformar a Cata selvagem na mais mansa das gatas de Pádua. Não acredita em mim? Pois aí vem seu pai. Pergunte a ele.

Os olhos de ambos se voltaram para Baptista, que entrava na companhia de Grêmio e Trânio.

– Então, Petrucchio, a quantas anda sua corte à minha filha? – perguntou.

– Às mil maravilhas!

Baptista virou-se para Catarina e insistiu:

– Mas como pode ser se minha filhinha continua zangada?

– E eu deveria estar feliz se meu pai se apressa em me casar com o primeiro doido que bate à porta e que busca se impor com pragas e ameaças? – replicou ela.

– Não te preocupes, meu bom Baptista – tranquilizou-o Petrucchio. – O senhor tem uma filha encantadora. Toda essa zanga e contrariedade é aparente, produzida apenas para propiciar-lhe dividendos de atenção e carinho. No pouco tempo em que estivemos juntos, eu percebi tudo isso, e meu ânimo tornou-se ainda maior, tanto que já marquei o nosso casamento para domingo que vem.

Catarina dirigiu-lhe outro de seus olhares, que costumeiramente saíam dos seus olhos como faísca, com incontida raiva e resmungou:

– Tudo o que eu mais queria no próximo domingo é vê-lo na ponta de uma corda, enforcado.

Todos se entreolharam, emudecidos, entre assombrados e genuinamente preocupados.

– E foi assim que você a conquistou, meu amigo? – zombou Trânio.

Petrucchio sorriu despreocupadamente e, depois de beliscar-lhe uma das bochechas rubras de contrariedade, disse:

– Paciência, paciência, amigos – disse, esquivando-se do tapa com que ela tentou atingi-lo. – Se eu e ela estamos felizes com a nossa escolha, o que vocês têm a ver com isso?

– Ela não me parece muito feliz...

– Tudo fingimento, acredite.

– Como assim?

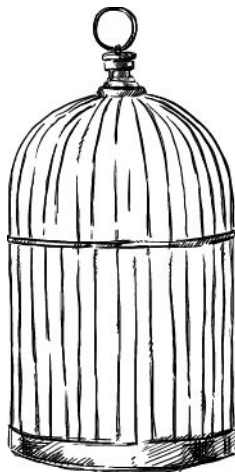
– Eu e ela combinamos que em público meu anjinho conservará o temperamento que a tornou notória em Pádua...

– A troco de quê?

– Ah, vaidade dela, vai saber? Tenho certeza de que ela me ama profundamente. Vocês deveriam ter visto.

– O quê?

– Quando estávamos sozinhos, ela se pendurou em meu pescoço e me cobriu de beijos e mais beijos, de juras apaixonadas... – Petrucchio

agarrou-se à mão de Catarina e, virando-se bruscamente para Baptista, disse: – Parto hoje para Veneza para comprar o necessário às bodas. Prepare a festa, pai, e avise os convidados. Do resto cuido eu, e pode ter certeza de que a minha mulher vai estar encantadora.

Baptista chorou, emocionado.

– Não sei o que dizer... – admitiu. – Mas deem-se as mãos. Estamos combinados, Petrucchio.

Grêmio e Trânio aplaudiram efusivamente e, no momento seguinte, o casal se separou, cada um seguindo para um lado da casa, Catarina xingando tanto o pai quanto o noivo.

4

Negociações matrimoniais e outros imbróglios românticos

1

Baptista Minola ainda era um pai intranquilo e atormentado por toda sorte de dúvidas e preocupações depois que Petrucchio se foi. Em seu íntimo gostaria de acreditar que o turbulento pretendente de sua filha mais velha fosse a solução de seus problemas, mas não conseguia. Pelo menos não completamente. Receava inclusive estar meramente trocando um grande problema por outro ainda maior; dois, na verdade.

Tudo acontecera depressa demais, e Petrucchio lhe parecia apenas um pretendente mais egoísta e, portanto, mais determinado, e sua ferocidade em tudo se assemelhava à de Catarina. Temia que aquele casamento durasse pouco tempo e fosse muito em breve substituído pelo funeral de um deles ou mesmo de ambos.

E se se matassem?

Tremia só de pensar.

Em contrapartida, havia Bianca e seus incontáveis pretendentes a incomodá-lo também. Eles estavam por todos os lados, e não se passava um dia em que outro e mais outro viessem atormentá-lo em sua porta. Temia que, com o casamento de Catarina, as coisas apenas piorassem. Livres do empecilho representado pela irascível filha mais velha, Baptista sabia perfeitamente que outros se somariam àqueles dois que não o deixavam em paz.

Encarou-os. Depois que se despediu de Petrucchio, esperou que partissem, mas nem Trânio nem Grêmio fizeram menção de arredar, mas, bem ao contrário, ficaram se digladiando bobamente, contando vantagens, um tripudiando da pouca idade do outro, o mais novo desfeiteando o mais velho de ser o mais provecto pretendente à mão de Bianca.

Por fim, cansando-se de ambos, Baptista os encurralou:

– Contenham-se, cavalheiros, pois serei eu que decidirá com quem minha filha mais nova se casará. Eu e o dote mais alto oferecido. O maior se casará com Bianca.

Grêmio adiantou-se a Trânio, que se fazia passar pelo patrão, e pôs-se a discorrer sobre o que estava em condições de oferecer pelo amor de Bianca:

– Como bem sabes, amigo Baptista, tenho uma casa das mais opulentas de Pádua, e ela e todas as riquezas dentro dela é o primeiro de meus oferecimentos. Em igual medida, ofereço-lhe a minha propriedade no campo, incluindo cem vacas leiteiras das melhores da região, cento e vinte bois entre os mais robustos. Sei que não sou tão jovem quanto meu rival, mas, se morresse hoje e fosse esposo da bela Bianca, não a deixaria desamparada, mas bem ao contrário.

Baptista virou-se para Trânio e indagou:

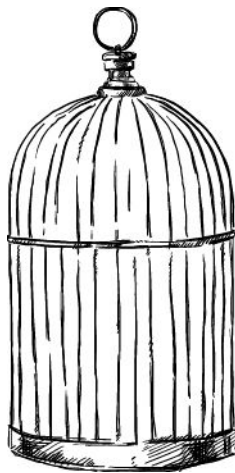
– E você, meu jovem, o que tem a oferecer?

Sabedor de que não falava em seu nome, mas no de Lucêncio, seu patrão, Trânio empertigou-se e procurou não o decepcionar.

– Como sabe, meu senhor, sou o único filho e herdeiro de meu pai e, se me concedesse a mão de sua filha, em princípio, tenho três ou quatro casas em Pisa iguais ou melhores do que a do velho Grêmio. Trago ainda dois mil ducados anuais provenientes de nossas propriedades rurais...

Grêmio exaltou-se e o interrompeu com brusquidão:

– Vinte mil? Mas isso é dez vezes mais do que consigo com minhas terras!

– E eu ainda não mencionei as três grandes galeras, os dois galeões e cerca de doze embarcações menores que meu pai possui e que certamente pertencerão a Bianca logo que ela se tornar minha noiva.

– Não tenho mais nada a oferecer...

– Então Bianca é minha!

– Bem entendido, jovem Lucêncio, desde que seu pai confirme sua proposta – atalhou Baptista Minola, prudente.

– Ele confirmará, não te preocupes – assegurou Trânio, lançando um olhar de triunfo e satisfação para Grêmio, esforçando-se para esconder a preocupação que o acometeu logo depois daquelas palavras de Baptista.

Como faria para que o pai de Lucêncio fosse até Pádua?

2

As implicâncias já se faziam rotineiras desde que Baptista lhes apresentara as filhas e apenas se acentuaram após a notícia de que o velho mercador iniciara os preparativos para o casamento de Catarina. Tanto Lucêncio quanto Hortênsio, escondendo suas identidades por trás da farsa muito bem engendrada que lhes conferira, respectivamente, os nomes de Câmbio e Lício, literalmente se engalfinhavam pela atenção da bela Bianca. Petrucchio lhes franqueara o caminho do coração da filha mais jovem de Baptista e desde então não havia dia em que os dois não se golpeassem mutuamente pelos carinhos e atenção de Bianca. Uma guerra com armas bem distintas daquelas esperadas em batalha tão renhida e, a bem da verdade, resumida apenas a uma das mais devastadoras já imaginadas e usadas por qualquer ser humano: a língua.

Nada de punhais ou espadas de lâminas mortíferas e extremamente afiadas. Nem sequer se cogitavam pesadas achas ou maças destruidoras de cabeças. Nem uma gota de veneno derramou-se em violenta confrontação e nas taças de vinho atentamente vigiadas por contendores obstinados. Unicamente a língua e seu vasto repertório de comentários maliciosos, observações viperinas, dardejantes palavras enfaticamente distribuídas de lado a lado e por vezes à exaustão, apenas para receber um risinho sutil, porém aprovador da jovem

Bianca.

Mal iniciara-se mais um dia e Hortênsio apressou-se em acercar-se dela com novo alaúde, desdobrando-se em generosidades e carinhos que o levaram a envolvê-la com o próprio corpo a fim de pegar-lhe nas mãos e posicionar adequada e gentilmente seus longos dedos nas cordas do instrumento musical. Possesso, devorado pelo mais óbvio e visível dos ciúmes, Lucêncio rondava, inquieto, incapaz de afastar-se de ambos e vigilante a qualquer gesto mais ousado do rival. Tivesse a possibilidade ou capacidade e Hortênsio há tempos já teria sucumbido mortalmente ao ódio de seus olhares.

– Não sei por que insistes com esse instrumento, caríssimo Lício – disse em dado momento. – Não te bastou a recepção “calorosa” e interessada de Catarina para demovê-lo? Necessita de novo golpe? Não está claro que é um péssimo músico e pior ainda como professor?

Com Bianca aconchegada entre seus braços, Hortênsio sorriu zombeteiramente e replicou:

– Triste alma invejosa, que maus sentimentos a envenenam? Acaso tem ciúme do interesse que a bela donzela dedica a meus conhecimentos?

– Biltre pretensioso! Você vai ver quando...

– Brigão e pretensioso! Será que isso é tudo que você traz como pedagogia de Reims? Não aprendeu nada com a leitura de seus livros?

– Víbora inescrupulosa, por que me ofende dessa maneira? Teme que a donzela que prende em seus braços com falsos argumentos e propósitos indecentes perceba quão vil você é e o despeça?

– Que pobre criatura você é, nobre Câmbio! Não, pois a minha educação não me permite que te responda com idêntica grosseria. Tranquilize seu coração inquieto, pois, assim que eu passar a minha hora de ensino musical, você terá oportunidade e tempo igual para se dedicar a suas leituras.

– Devo depreender que esteja me elogiando, mentecapto pretensioso. Como pode tecer qualquer comentário sobre um livro, já que é incapaz de ceder um fiapo de compreensão a uma simples frase no menor e menos importante dentre os raríssimos livros que passaram por suas mãos?

– Cão insolente!

– Patético destruidor da audição alheia! Bem fez Catarina, que

encontrou melhor serventia para seu instrumento musical.

Bianca divertia-se com aquelas intermináveis escaramuças românticas. Sentia-se desejada, mimoseada ao desespero pelos dois homens, que em muitos momentos quase se entregaram à mais desagradável troca de empurrões e socos na sua frente. Aliás, em momentos como aquele de troca de desaforos se desenrolando na sua frente, via-se obrigada a intervir.

– Como os dois ousam disputar o meu interesse se apenas a mim cabe definir quem dentre vocês terá o privilégio de partilhar da minha companhia? – protestou, fazendo-se de ofendida quando, a bem da verdade, se divertia imensamente com tão infantil disputa.

Os dois se encolheram, cordatos e envergonhados, mesmo que guardassem ainda viva animosidade na troca de olhares enviesados.

– Perdoe-nos, caríssima senhora... – desculpou-se Hortênsio.

– Nada a se perdoar, sábio Lício... – disse Bianca, apaziguadora. – Enquanto você afina o instrumento, eu me dedicarei à leitura com Câmbio, está bem assim?

– Como quiser, minha senhora...

Depois de vê-lo sair, Lucêncio virou-se para Bianca com um largo sorriso de satisfação nos lábios e, com certa malícia, observou:

– Se dependermos de que ele afine o instrumento, minha aula durará para sempre!

Sorriram. Bianca, depois de uns segundos, perguntou:

– Onde tínhamos parado em nossa última aula, Câmbio?

– *Hic ibat Simois: hic est Sigeia tellus, hic steterat Priami regia celsa senis*...

– Traduza.

– Como te disse antes, eu sou Lucêncio, filho de Vicêncio de Pisa, e estou disfarçado aqui unicamente para conseguir seu amor. O Lucêncio que se apresenta como pretendente é meu criado Trânio, que tomou o meu nome para que juntos pudéssemos enganar teu pai...

Nesse instante, Hortênsio retornou e os interrompeu:

– O instrumento já está afinado!

– Pois vamos ouvir – pediu Bianca, interrompendo-o poucos segundos depois: – O agudo está desafinado, bom Lício.

Um sorriso debochado iluminou o rosto de Lucêncio.

– Cuspa na corda e afine novamente, meu amigo! – recomendou.

Mal Hortênsio saiu e os deixou mais uma vez a sós, Bianca virou-se para Lucêncio, repetiu o texto que Lucêncio já havia lido e dele fez uma nova tradução:

– *Hic ibat Simois, eu não o conheço. Hic est Sigeia tellus*, não confio no senhor. *Hic steterat Priami*, cuidado para que Hortênsio não nos ouça. *Regia*, nada espere; *celsa senis*, mas também não se desespere...

Mais uma vez Hortênsio voltou.

– Asseguro-te que agora está perfeitamente afinado, minha senhora – praticamente gritou.

– Talvez, mas esse baixo, não sei, não... – implicou Lucêncio.

Hortênsio o alcançou com um olhar faiscante de raiva e contrariedade.

– Tem algo mais baixo do que meu alaúde por aqui – rugiu, acusador.

– Verdade? – Lucêncio zombou, incapaz de esconder o próprio deboche do largo sorriso que dirigiu ao rival.

Pressentindo avizinhar-se nova confrontação entre ambos, Bianca levantou-se e, abrindo os braços entre os dois para mantê-los afastados, disse:

– Meus queridos mestres, por favor, perdoem-me por eu ter me divertido à custa dos dois... – Virou-se para Lucêncio e acrescentou: – Câmbio, creio que agora é a vez de Lício...

Hortênsio devolveu o sorriso zombeteiro para Lucêncio ao virar-se para ele e dizer:

– Vá, engraçadinho, que minhas lições não são para três vozes!

A animosidade retornou mais uma vez, com Lucêncio levantando-se em um salto e sustentando o olhar de Hortênsio.

– Minha nossa, mas o que estou perdendo... – disse.

– Não é mesmo? – concordou Hortênsio.

Mais uma vez Bianca postou-se entre os dois e pediu:

– Fiquem calmos, senhores, eu...

Nesse instante, um dos criados entrou, atraindo a atenção dos três.

– Seu pai solicita a sua presença, senhora – falou. – Ele pede a sua ajuda na arrumação do quarto de sua irmã e manda lembrar que o casamento dela será amanhã.

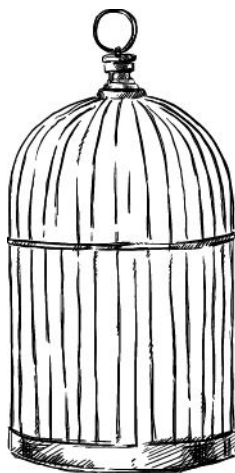
– Santo Deus, é verdade! – Bianca respirou, aliviada, e, voltando-se para os dois, informou: – Perdoem-me, mas terei de deixá-los.

– Se você for embora, não tenho razão para continuar aqui – apressou-se em dizer Lucêncio.

– Muito menos eu – ajuntou Hortênsio.

Mesmo depois que Bianca saiu, tanto um quanto o outro ficaram se olhando, a desconfiança alimentando a irremovível hostilidade que persistia entre eles.

5

Um casamento dos mais esquisitos

1

A desorientação era tremenda, mas mesmo ela, aos poucos, mas inexoravelmente, convertia-se em verdadeiro pânico à medida que o tempo passava e os convidados, e mais ainda os interessados, amontoavam-se nas dependências da casa de Baptista Minola. Um dia fora suficiente para que a notícia do casamento da feroz e notória megera se espalhasse pela cidade.

Desde então, não havia assunto mais interessante, e Pádua inteira se mobilizou para estar presente em tão inesperado e insólito acontecimento. Naturalmente, muitos duvidavam de que existisse na face da Terra homem tão corajoso ou desesperado a ponto de arriscar a própria vida em tão temerário matrimônio. Por causa disso, afluíram em verdadeira multidão para testemunhar o malogro de mais aquela tentativa ou, mais certamente, para rir-se de Catarina quando ela se percebesse vítima de zombaria e escárnio de todos. Outra corrente, minoritária evidentemente, era partidária de que mais dia, menos dia, o inevitável aconteceria e apareceria à porta de Baptista alguém que, cego aos riscos envolvidos na empreitada e ambicionando o valioso dote oferecido pela mais irascível das mulheres já vistas naquelas redondezas, se dispusesse a casar-se com ela. Por essa razão, não haviam se disposto a comparecer ao evento para se certificar de que isso realmente aconteceria, mas para saber em que circunstâncias

Catarina seria entregue ao pretendente, as apostas se dividindo entre amarrada, inconsciente ou enjaulada, e outros tantos interessados em quanto tempo duraria o casamento ou, melhor dizendo, se a viuvez da malfadada mulher ocorreria depois de dias, semanas ou mesmo de um solitário ano.

Obviamente, diante de tanto interesse e extraordinária mobilização, além de arrependido, Baptista Minola estava apavorado.

– Que loucura é essa, senhor Lucêncio? – disse, indo e vindo, pálido e suarento, pelos salões abarrotados de gente. – Hoje é o casamento de Petrucchio e não temos a menor ideia de onde anda meu genro?

– Acalma-te, meu senhor – pediu Trânio, acompanhando-o, ainda às voltas com as dificuldades crescentes de se passar pelo patrão.

– Como posso? Você pode imaginar o que irão falar? Que zombaria não farão ao saber que o padre espera há horas e não temos um noivo para acompanhar minha filha ao altar?

Catarina, que vinha logo atrás do pai cercada por Bianca e outros tantos criados, mal cabia em si de tanto ódio e a todo instante lançava pragas e outros tantos impropérios em todas as direções, e volta e meia, incapaz de controlar a grande raiva que sentia, golpeava qualquer infeliz que estivesse ao alcance de seus punhos.

– E quanto a mim? A vergonha é toda minha. Obrigada a submeter-me às pressas a um casamento que não me interessa com um idiota sem um pingo de juízo com o qual mal falei por uma hora.

– Minha filha...

– Eu bem que avisei, mas vocês quiseram me ouvir? Quiseram? – Catarina fulminou a irmã com um olhar de profunda irritação e grunhiu: – É claro que não. Mesquinhos e egoístas como poucos, estavam mais preocupados com seus interesses.

– Paciência, boa senhora, e o senhor também, senhor Baptista – disse Trânio. – Sei que toda essa situação é muito embaraçosa, mas posso lhes afiançar que, apesar de seu comportamento por vezes atrabiliário e da brusquidão de seus modos, Petrucchio é homem sério e dos mais sensatos. Ele virá, ele virá...

– Como você pode saber, meu senhor? Como tem tanta certeza? – Catarina movia-se impacientemente de um lado para o outro, os olhos ameaçadores e marejados de lágrimas, abrindo caminho através de convidados, Bianca e os outros criados em seu encalço. – Eu sabia que

não deveria ter concordado com esse despropósito!...

– Minha filha... – Baptista deu alguns passos atrás do pequeno séquito que a acompanhava, mas parou ao ver Biondello emergir da multidão, gritando por Trânio. – Que se passa? Ele chegou?

– Ainda não – respondeu Biondello. Decepção geral. Risinhos zombeteiros e comentários sarcásticos se multiplicando em torno de Baptista e dos outros. O criado sorriu e, como que a corrigir-se ou tentar infundir algum ânimo ao grupo infeliz, informou: – Está chegando!

– Ah, mas que alívio! – gemeu o verdadeiro Lucêncio, Câmbio e professor transformado pelas circunstâncias de sua paixão pela bela Bianca.

Biondello sorriu, uma expressão matreira no rosto.

– Não se precipite na comemoração, meu amigo – disse.

Todos se entreolharam, em um momento alcançados por aquela fronteira cinzenta e das mais imprecisas entre a preocupação e a desconfiança.

– O que está querendo dizer, rapaz? – perguntou Trânio.

– O que mais nos aguarda, meu Deus? – questionou Baptista, olhos e mãos buscando ajuda divina no céu extremamente azulado e sem nuvens acima de sua cabeça grisalha e, naquele instante, contando a ausência de uma ou duas boas centenas de fios de cabelo.

Trânio se aproximou de Biondello e perguntou:

– Do que estás falando? Vamos, desembucha!

– É o noivo – respondeu Biondello.

– O que tem ele?

– Ele, propriamente dito, nada. São seus trajes que os surpreenderão.

A apreensão transformou-se em inevitável pânico nos olhares trocados por todos.

– O que tem seus trajes? – perguntou Trânio.

Biondello gargalhou gostosamente antes de passar a descrever o que vira:

– O grande Petrucchio aproxima-se usando um chapéu novo e uma jaqueta inacreditavelmente velha e, por si, esse traje já deixará a todos de queixo caído, pois para começar tem culotes três vezes revirados. Igualmente velhas e destroçadas são as botas que usa, uma de fivela, e

a outra de cordão roído por anos por centenas de ratos esfomeados. E a espada que carrega?

– O que tem ela? – perguntou Baptista.

– É velha e extremamente enferrujada, o punho partido e a folha retorcida, quebrada em duas partes, e, segundo ele mesmo disse, foi roubada do arsenal desta cidade.

– Deus seja louvado! Que demônio é esse que está prestes a se tornar meu genro?

Biondello se divertia:

– Vocês deveriam ver o cavalo em que está montado.

– Minha nossa, tem mais...

– É um legítimo pangaré e vem por aí capengando sob uma velha sela corroída por traças e de estribos que em algum tempo bem distante estiveram em duas montarias diferentes. O animal não poderia ter mais doenças e tem a triste figura coberta de perebas, pois é sarnento de dar dó. Sobra-lhe um arreio de tal maneira coberto de nós que suponho que se rompeu inúmeras vezes. O lacaio que acompanha Petrucchio não se apresenta com melhor figura: trajes dignos de um mendigo, uma meia de linho em uma perna e uma perneira grossíssima com ligas de listas azuis e vermelhas. No chapéu velho e esburacado, uma frase foi escrita e, depois de apurar o olhar, alguns conseguem ler “O humor de quarenta fantasias”, seja lá o que queira dizer.

– Certamente deve-se tratar de uma promessa ou misterioso capricho – disse Trânio. – Petrucchio geralmente se veste bem...

– É um louco! – trovejou Baptista, rubro de raiva. Acalmando-se, concluiu: – Mas creio que agora é melhor que venha, não importa em que trajes.

Calou-se, como os outros, embasbacado, no momento em que a multidão foi se abrindo à sua frente para que dela surgisse Petrucchio e a patética figura do criado que o acompanhava, uma visão das mais assombrosas que emudeceu a todos que os acompanhavam em um cortejo tolhido pela mais completa perplexidade.

– Onde está minha encantadora noiva? – perguntou ele, olhando em todas as direções. – Cata! Cata! Apareça, minha doce Cata! – encarou Baptista e os outros que se aproximavam. – Mas que caras feias são essas? Acaso não lhes agrada a minha presença?

– Não sei o que dizer... – admitiu Baptista.

– Ora, meu sogro, acolha-me com entusiasmo, o que mais?

– Eu bem que gostaria, mas... que trajes são esses?

– Os meus, evidentemente. Não lhe agradam?

– Como poderiam? Vamos, homem, tire isso! Não nos mate de vergonha em uma data tão importante como deveria ser um casamento!

– Por que está vestido assim, meu senhor? – perguntou Trânio.

– Mais tarde, mais tarde, meu bom amigo. Oportunamente contarei tudo. No momento, estou aqui para honrar a minha palavra. Onde está minha Cata? Já foi a manhã. Deveríamos estar na igreja...

– Decerto o senhor não pretende se apresentar à tua noiva usando tais trajes...

– E o que há de errado com eles?

– Por favor, meu senhor...

– Nem pensar. Vou vê-la assim como estou vestido.

Baptista empalideceu.

– Mas que despropósito! – disse. – Certamente não irá se casar vestido assim.

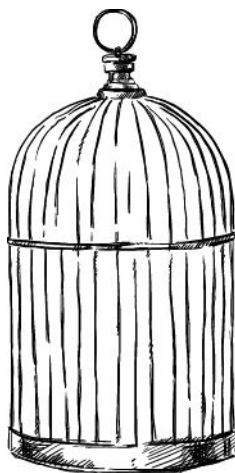
– Decerto que irei. Não percamos tempos com irrelevâncias! Minha noiva se casará comigo, e não com minhas roupas.

– Mas... mas... mas...

– Mas que tolo ingrato sou? Em vez de estar com minha noiva, dando-lhe o mais ardente dos beijos, cá estou a perder tempo com vocês.

Desmontou e, antes que qualquer um pudesse se interpor em seu caminho, rasgou a multidão aos empurrões e rumou para a casa de Minola, onde finalmente entrou.

– O que será que esse louco tem em mente? – perguntou o mercador.

– Seja lá o que for, seria prudente irmos atrás dele – afirmou Trânio.

2

– Vem! – foi tudo o que ele disse, entrando no maior dos vários salões da enorme casa e agarrando-se à mão de Catarina. Ela nem sequer se moveu, transida que estava tanto pelo inusitado daquela repentina aparição quanto pelos trajes pavorosos que Petrucchio usava. Deixou--se arrastar pelos corredores e, um pouco depois, com Bianca, Baptista e mais duas ou três pessoas, todos igualmente atônitos em seu encalço, saiu para uma rua lateral, a qual subiu aos tropeções, marchando para uma pequena igreja. – Não podemos fazer o padre esperar mais!

– Mas que despropósito é esse, meu genro? – indagou Baptista, esbaforido, incapaz de alcançá-los.

– O meu casamento! – informou Petrucchio, entrando.

Um turbilhão barulhento de pessoas precipitou atrás do casal e espalhou-se aos empurrões pelos bancos de madeira que se sucediam até o altar. Padre e outros religiosos, assustados, entrincheiraram-se atrás de uma enorme mesa e pelo menos quatro ou cinco fizeram o sinal da cruz diante da aparição tão assustadora.

– Mas o que significa isso? – perguntou o padre, munindo-se de coragem e finalmente esgueirando-se para fora da segurança de sua trincheira atrás da mesa.

– Pode começar, padre! – grunhiu Petrucchio, autoritário, enquanto

ajudava Catarina a se levantar de outro dos repetidos tombos a que sucumbira durante a atabalhoada caminhada de sua casa à igreja.

– Como? O quê?

– O casamento, meu bom homem. Por que acha que estamos aqui na tua frente senão para realizar o casamento que toda essa gente espera há tanto tempo e com tanta ansiedade? Aliás, eu também estou ansioso. Vamos! Vamos!

Desorientado e verdadeiramente intimidado pela imagem furibunda e das mais beligerantes que era Petrucchio naquele momento, o padre buscou Baptista Minola com o olhar. Este, tão assustado quanto ele, sinalizou para que se apressasse e realizasse o mais depressa possível a cerimônia do turbulento casamento.

A igreja era um pandemônio só. A multidão se digladiava pelos lugares nos bancos de madeira e, na ausência destes, por qualquer espaço de onde pudessem testemunhar a mais insólita união já realizada em Pádua.

Intimidada, o belo vestido de noiva que usava sujo e rasgado, Catarina ainda aparentava não estar totalmente restabelecida da loucura que era toda aquela situação a que Petrucchio lhe atirara. Os braços doíam, e grandes manchas arroxeadas se multiplicavam pela pele alva e repetidamente agarrada, apertada e manuseada pelas mãos muito calosas e de dedos enormes. O joelho esquerdo sangrava, e o rosto afundara em uma poça de água lamacenta em uma das últimas quedas que sofrera. Suspeitava de que o indicador da mão direita estava quebrado, tamanha era a força com que Petrucchio se agarrava a ela. Sempre que fazia menção de dizer alguma coisa, mínimo protesto que fosse, encolhia-se intimidada pelos fortes puxões que recebia ou era atingida pelos inúmeros corpos que se estreitavam ao redor de ambos, a multidão ensandecida como querendo partilhar de cada segundo de seu suplício. Marchava para sua execução, e não para um casamento, pensou, zonza e apavorada.

O que podia esperar daquele homem?

– Ogro! Ogro! Ogro! – gritou, tentando se desvencilhar.

Ele a derrubou e, enquanto a ajudava a se levantar, gargalhou selvagemente e, olhando ao redor, declarou:

– Ela me ama, gente! Viram como ela me ama?

Ajoelhou-se diante do padre e a obrigou a fazer o mesmo. Nem

sequer se importou com o que ele dizia, e de tempos em tempos se virava para a multidão que se amontoava pela igreja acenando, exibindo a mão de Catarina que insistia em manter firme e dolorosamente presa entre os dedos da sua. Quando o padre lhe perguntou se aceitava Catarina como sua esposa, deu dois violentos murros no próprio peito e gritou:

– Sim, por todas as chagas do Diabo!

Um rumor tonitruante de assombro ribombou da multidão e nem sequer foi possível ouvir a resposta de Catarina quando a mesma pergunta lhe foi feita. Ou por isso ou pelo fato de que Petrucchio alcançou o padre com um pontapé que o lançou e a seu livro para longe, o brutamontes de tal maneira ensandecido que continuou ainda por muito tempo vociferando e soltando as piores pragas em todas as direções.

Prudentemente e bem ferido, o padre apressou-se em encerrar a cerimônia.

– Vinho para todos! – urrou Petrucchio, erguendo a esposa pelo braço e recebendo da mão de Grúmio uma taça de vinho que mais derramou no rosto de Catarina do que propriamente bebeu.

Àquele chamado à balbúrdia e ao mais completo desregramento acudiu a turba que se precipitou sobre os noivos, enquanto garrafas de vinho derramavam-se generosamente sobre todas as canecas e taças que a elas se ofereciam com ansiedade e loucura. Nem nas mais sombrias câmaras do inferno se encontraria tão demoníaca sucessão de cenas tão assustadoras quanto aquelas ocorridas durante o casamento de Petrucchio e Catarina.

E o beijo que deu em Catarina?

Um murro não produziria maior ruído. Ele agarrou-a pelo cangote e lançou-se com sofreguidão a seus lábios, vencendo sua débil resistência e estendendo-o por longo tempo, a ponto que muitos chegaram a cogitar intervir, acreditando que ele pretendia sufocá-la. Quando se afastaram, Petrucchio teve de ampará-la de volta à casa do pai, e a confusão não foi menor, a pobre mulher caindo de tempos em tempos, chocando-se contra o gigante do marido e com Baptista e os outros que, penalizados, ainda tentavam ajudá-la a escapar de tão selvagem tratamento.

– Meu Deus, o que fiz? Casei minha filha com um huno... – gemeu

Baptista, mortificado com o estado de Catarina, que claudicava pelas ruas arrastada por Petrucchio, que não largava sua mão e afastava com temíveis empurrões e pontapé qualquer um que se aproximasse.

A confusão parecia não ter fim e apenas aumentou quando um numeroso bando de músicos e saltimbancos apareceu e, misturando-se à turba embriagada e das mais agitadas – as primeiras brigas explodiam de todas as direções, e o vinho derramava-se generosamente de milhares de garrafas, que, como por encanto, apareciam não se sabe de onde –, sucediam-se em músicas das mais licenciosas, louvando os atributos físicos do noivo e desejando à noiva uma noite de interminável satisfação.

– Amigos, eu agradeço por terem vindo até aqui. Espero que me honrem participando do grande jantar que preparei para todos, mas infelizmente eu tenho que ir embora – informou Petrucchio quando todos rumavam para dentro da casa de Baptista.

Todos se entreolharam, espantados.

– Mas por que isso, meu marido? – gemeu Catarina, angustiada.

– Tenho negócios a concluir, e a pressa me chama para outros cantos.

Baptista achegou-se ao casal e, virando-se para Petrucchio, implorou:

– Vá à noite, meu genro...

– Impossível! – replicou Petrucchio. Virando-se para os outros convidados, acrescentou: – Mais uma vez agradeço a todos por terem vindo e participado de meu casamento com a mais paciente, carinhosa e virtuosa esposa que poderia ter encontrado neste mundo. Jantem com meu pai, bebam à minha saúde. Tenho realmente que ir embora.

Novos apelos surgiram para que ficasse, todos os olhares denunciando que estavam mais preocupados com o estado de Catarina, que mal se aguentava em pé e gemia de dar pena, muito suja, maltrapilha e cansada.

– Não, de maneira alguma! – respondia ele, imperturbável e firmemente decidido a partir.

Por fim, a própria Catarina agarrou-se a ele e disse:

– Eu lhe suplico também...

Ele sorriu, satisfeito.

– Isso muito me agrada – admitiu.

– Ficar, meu marido?

– Não, minha dedicada esposa, que peça... mas infelizmente não ficaremos! – mais uma vez impacientou-se e, truculento, afastou-a com rispidez, chamando por Grúmio: – Traga os cavalos!

Vendo-o virar-lhe as costas e se afastar, Catarina empertigou-se, os olhos iluminados por uma chispa de irritação.

– Pois bem – disse. – Parta se quiser, mas eu vou ficar.

Petrucchio parou e virou-se para encará-la. Baptista e os outros convidados calaram-se, em um silêncio tenso e dos mais apreensivos.

– Você não vem comigo? – perguntou Petrucchio.

– Não – Catarina ergueu o queixo atrevidamente e acrescentou: – Nem hoje nem amanhã. Irei quando bem entender. Se quiser, senhor, a porta está aberta e você tem caminho livre para ir...

Todos ao redor do casal arrepiaram-se, e um frêmito de pavor percorreu a multidão como uma terrível descarga elétrica no momento em que os lábios de Petrucchio se torceram em um sorriso intimidador.

– Não se enfureça, doce Cata... – pediu ele, dando um passo na direção da esposa.

– Não? Você faz tal descortesia com nossos convidados e... – Catarina virou-se para Baptista e, mais cheia de si, falou: – Tranquilize-se, meu pai. Ele não partirá até que eu mande.

– Xiii, agora que a coisa vai ficar feia... – gemeu Grêmio, empalidecendo, os olhos fitos no casal, que, frente a frente, aparentava estar prestes a se lançar um sobre o outro.

Repentinamente, uma gargalhada. Petrucchio lançou seu corpanzil para trás e inclinou-se em uma selvagem gargalhada, batendo com força nas pernas. Alcançando Catarina com o olhar, disse:

– Vão, amigos. Partam para o banquete como ordena minha esposa. Festejem, divirtam-se, embriaguem-se. Não se imponham limites, pois a comida é farta e não sou homem de mesquinharias quando dou alguma festa. Quanto à minha noiva, no entanto, ela parte comigo... – vendo que Baptista e Grêmio faziam menção de aproximar, apaziguadores, deteve a ambos com um gesto brusco de uma das enormes mãos peludas, rilhando os dentes enquanto continuava: – Não, não, nada peçam! A minha decisão está tomada. Quero ser dono do que me pertence. Ela é meu bem, minha fortuna, minha casa,

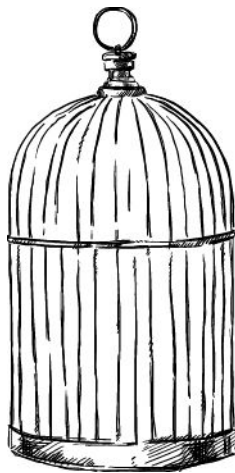
mesmo quando se dispõe a me desafiar que a toque. Pois que assim seja! – agarrou Catarina e a puxou para si, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços e deixando-a sem fôlego e suspensa no ar. – Peço que fiquem ou serei forçado a apresentar-me adequadamente a qualquer um que ousar cruzar o meu caminho – afastando-se, ignorou os protestos de Catarina, que o xingava e esperneava e o esmurrava a torto e a direito, buscando alcançá-lo, com os pés ou com os punhos. – Nada tema, minha meiga e carinhosa esposa. Se preciso for, eu a protegerei do mundo inteiro.

– Maldito! Filho de uma porca! Eu vou matá-lo com minhas próprias mãos! Ponha-me no chão e eu lhe mostro! Monstro! Monstro! Monstro! Verme!

Os xingamentos foram se repetindo noite adentro, diluindo-se na confusão da festa e nas selvagens gargalhadas que de tempos em tempos Petrucchio lançava à tarde ensolarada e a distância a qualquer um que temerariamente ousasse segui-los, ameaça que alarmou a todos.

– Bem, é melhor deixar que partam... – disse Baptista por fim, resignado.

6

Loucos!

1

Petrucchio gargalhou estrondosamente, e todos os criados se encolheram, em um misto de pavor e assombro diante de tão repentino arroubo. Não que estivessem desacostumados desde que ele trouxera a esposa para sua casa. Tais rompantes se faziam frequentes e só eram menos turbulentos do que aqueles que vitimavam a infeliz.

Nessas horas, o pequeno Grúmio se voltava para os outros e, depois de repetir o sinal da cruz duas ou três vezes em rapidíssima sequência (como se temesse que ele o visse), balbuciava:

– Pobre senhora! Que estará ele tramando desta vez?

Observavam-no. Logicamente nenhum deles teria coragem suficiente para abordá-lo e buscar uma explicação para aquelas gargalhadas que lhe sacudiam a maciça figura. Pensava em Catarina, não restava a menor dúvida.

Queria apavorá-la ainda mais?

Certamente.

Nem mesmo Grúmio, que no início até se divertia com as diversas estripulias que maquiavelicamente Petrucchio engendrava para vitimá-la, conseguia mais se divertir, mas, ao contrário, sentia muita pena da pobre mulher.

Ela resistia bem. Era tão birrenta, tinhosa e cheia de vontades quanto Petrucchio. Eram rivais em temperamento e de insubmissa

determinação. Os dois obviamente se mereciam, inimigos temíveis em uma guerra que, pelo que percebiam, dava toda a impressão de ainda durar por bom tempo. No entanto, a mulher estava em frangalhos. Mal dormia, mal se alimentava e, a cada dia que passava, menos ímpeto demonstrava em se contrapor às vontades do marido.

Loucos!

Eram completamente loucos!

Bem, pelo menos nos primeiros dias...

O próprio Grúmio se divertia quando se recordava das primeiras horas logo depois do casamento em Pádua. A viagem para a casa de Petrucchio.

Desde o início, tudo conspirou contra Catarina. Mal Pádua ficou para trás, uma forte nevasca despejou-se sobre toda a região em um enregelante turbilhão de ventos e flocos de neve. Mal se via um palmo à frente do nariz e, apesar de estarem os dois no mesmo cavalo, a pobre mulher tremia (suspeitava Grúmio de que era mais de medo do que de frio). Petrucchio assobiava e dizia gracejos sem sentido, isso quando não fazia os mais destrambelhados comentários acerca da noite que tardava a chegar e como o sol forte incomodava tanto ele quanto sua montaria.

– Não concorda, querida Cata? – perguntava de tempos em tempos.

Naturalmente irritada, Catarina nada dizia, ou melhor, xingava-o, os piores impropérios já ouvidos por um homem, mas que, em vez de encolerizá-lo, levava-o a gargalhar e repetir:

– Tem razão, minha senhora! Este sol está realmente infernal!

De vez em quando, cravava as esporas no pobre cavalo e o instigava a uma desabalada carreira nevasca adentro, uma temeridade. Aliás, como bem se lembrava Grúmio, foi exatamente em um daqueles tresloucados galopes, descendo uma ladeira enlameada e das mais escorregadias, que o cavalo caiu e lançou ambos de encontro a um lamaçal.

Petrucchio se desvencilhou agilmente, mas Catarina ficou presa debaixo do cavalo, que escoiceava e se debatia desesperadamente, querendo pôr-se de pé. Grúmio quis ajudá-la, mas Petrucchio não o deixou e o empurrou para longe, para que não o fizesse. Para assombro do criado, ficou ainda por uns instantes de pé, vendo a mulher debater-se no atoleiro e xingá-lo com muita raiva. Lembrava-

se de que ela só parou e se dispôs a se levantar quando Petrucchio bateu nele por insistir em ajudá-la.

– Por Deus, marido, largue-o! – implorava, dependurando-se no braço dele e impedindo-o de continuar golpeando Grúmio. – Vai acabar matando o pobre coitado!

Os cavalos fugiram. A fúria redemoinhante dos ventos e da neve aumentou ainda mais. Catarina implorou como nunca implorara antes em sua vida e, por fim, Petrucchio largou Grúmio.

– Vá na frente e garanta que tudo e todos estejam preparados para a nossa chegada, seu pedaço de asno! – rugiu, despachando-o com um pontapé.

Grúmio voltaria a vê-los muitas horas mais tarde, quando chegaram, e Petrucchio se mostrou ainda mais assustador. Urrava, xingava e distribuía empurrões, pontapés e murros contra qualquer um que o contrariasse ou de alguma forma o aborrecesse.

– Santíssima Trindade, ele ainda é mais feroz do que ela! – admitiu um dos criados alcançados por um de seus violentos socos.

Verdadeiras ou deliberadas implicâncias, parte de algum plano ardiloso para manter a esposa em permanente sobressalto ou simplesmente incapaz de reagir a tão descomunal brutalidade, fato era que uma verborrágica tempestade de palavrões e recriminações intermináveis se despejou sem dó nem piedade sobre todos os infelizes que cruzassem seu caminho.

– Cuidado! – alertou Grúmio, esquivando-se da bota que ele arremessou em sua direção. – Ele está com o próprio diabo no corpo!

Verdadeiramente inesquecível por se fazer igualmente infernal, aquela primeira noite em que se deitariam como marido e mulher foi como um pequeno e barulhento inferno, com Petrucchio perseguindo os criados como um desvairado, berrando as piores ameaças e desdobrando-se nas piores maldades.

– Ande, cambada de incompetentes! – berrou, sentando-se à mesa. – Tragam logo a ceia. Não veem que estamos famintos?

Como Catarina permanecesse em pé, ainda dentro dos restos esfarrapados de seu vestido de noiva, coberta de lama dos pés à cabeça, os olhos enormes e assustados, Petrucchio puxou uma cadeira a seu lado e pediu:

– Senta, Cata! Com todos os diabos, seja bem-vinda!

Em seguida, agarrou um dos criados pelo cangote e grunhiu:

– Vamos, seu inútil, tire logo as minhas botas!

Mal se aproximou e Petrucchio o alcançou com um soco que o lançou longe, a velha bota ainda nas mãos.

– Maldito traste! Quase me arranca o pé!

Tirou ele mesmo a segunda bota e a jogou no criado, atingindo-o na cabeça.

– Tirem logo isso daqui! – rugiu, apontando para o homem que jazia no meio da sala, desacordado. Olhou para Catarina e berrou: – Tragam água imediatamente!

Ensandecido, completamente fora de si, as ordens lhe saíam da boca a uma velocidade desnorteante, levando os criados a correr de um lado para o outro feito loucos, atendendo-o e ao mesmo tempo se esquivando ou meramente se protegendo da ferocidade de seus golpes.

Perguntou sobre seu perdigueiro favorito. Insistiu que chamassem um primo de nome Ferdinando e, virando-se para Catarina, assegurou-lhe que ela iria gostar imensamente dele. Clamou por seus chinelos e, por fim, quando os criados se aproximaram com uma bacia com água, derrubou-a com uma mão enquanto com a outra já esmurrava os infelizes.

– Incompetentes! – gritou, chutando outro criado. – Eu estou cercado de incompetentes!

A água caiu sobre Catarina, que se encolheu, assustada, e pediu:

– Paciência, meu senhor. Nota-se que foi sem querer...

– Sem querer! Sem querer! Bando de negligentes! – outro criado se aproximou carregando uma bandeja sobre a qual havia uma fumegante paleta de carneiro. – Sente-se, Cata! A comida chegou... – calou-se e, cravando os olhos no criado, rosnou: – Está todo queimado, seu maldito incompetente! Queimado, queimado, queimado! – levantou-se em um repente, empurrando a bandeja de volta às mãos do criado. – Cadê o cozinheiro? Como ele teve a coragem de me servir algo assim? – tomou uma colher que Catarina acabara de apanhar e continuou: – Vamos, tirem tudo isso daqui! Tirem! Tirem! Levem essas colheres, os garfos, os pratos, mas principalmente esse maldito carneiro queimado! Como esperam que comamos isso?

Em vão, Catarina protestou:

– Por favor, marido, acalme-se! A carne estava boa, eu vi.

– Pois eu digo que a carne estava queimada e bem ressequida, e meus médicos me proibiram expressamente de consumir carne assim, assegurando que transmite cólera e contribui em muito para aumentar a ira. Não, não. Pode levar. Hoje o mais prudente será jejuarmos. Jejuaremos juntos e tu verá que amanhã tudo estará remediado e assim se alimentará condignamente.

– Eu estou com fome, marido…

– Então somos dois, minha esposa. Todavia, arriscaríamos muito nossas vidas consumindo aquela carne. Pense bem: já somos naturalmente demasiado coléricos. Então por que alimentarmos o que já é excesso e preocupante dentro de nós comendo carne mal assada? Não tem sentido, não é mesmo?

Todos ainda se lembravam de que Petrucchio praticamente arrastou a esposa para a câmara matrimonial naquela primeira noite de núpcias. Como esquecer? Longe de gozarem da intimidade esperada de um casal de recém-casados, Petrucchio avançara nas horas mais silenciosas em um interminável sermão sobre abstinência, aqui e ali interrompido por terríveis pragas e injúrias gritadas aos quatro ventos e com tamanho ímpeto que, se não viram, certamente imaginaram que a pobre Catarina se refugiou em um mutismo angustiante que em momento algum lhe propiciou algo além de uns poucos minutos de descanso ou sono. Sempre que parecia que ele sucumbiria ao próprio esforço tão hercúleo de purificação do corpo e da alma ou, em hipótese cada vez mais remota, exigiria desempenhar seu legítimo papel de marido e provedor, Petrucchio despertava e, com redobrado fervor, propugnava pela frugalidade e observância de hábitos alimentares saudáveis ou qualquer coisa que o valha, pois nem Catarina nem Grúmio e os outros criados se lembravam da maior parte do que ele gritou até o alvorecer de um novo dia.

Por causa de tão traumatizante momento, sempre que o surpreendiam gargalhando selvagemente como naquele instante, Grúmio e os outros sabiam que ele se dedicava a maquinar algo para infernizar, ou como ele mesmo dizia:

– Assim dobrarei seu gênio áspero e raivoso. Duvido que alguém conheça método mais eficaz de domar uma megera.

7

Dúvidas e penúria

1

Entre infernos possíveis, críveis ou meramente imagináveis, todos tendo como personagens de destaque o casal de loucos representado por Catarina e Petrucchio, a vida seguia para todos aqueles que frequentavam os salões, as escadarias e os corredores da casa de Baptista Minola. Despojada da selvagem personalidade da primogênita do velho mercador, agora pretendentes insidiosos e por demais renitentes gravitavam persistentemente em torno da bela e cada vez mais reticente Bianca. Mesmo que pouco harmoniosos e organizados como qualquer satélite, obedecendo a órbitas reconhecidas e imutáveis, giravam, giravam e giravam, mais e mais submissos a seus caprichos e interesses, sendo o mais consistente deles aquele que exatamente lhes despojava de certezas, mas antes comprazia-se em instalar e manter dúvidas e incertezas em suas almas cada vez mais miseráveis e, portanto, permanentemente ocupadas em digladiar-se até por migalhas de afeição. Como se torna óbvio supor, em muito pouco tempo, diante de tal mudança de ânimo, a precariedade da confiança de cada pretendente até em si mesmo instalou-se por definitivo e causou certa apreensão em todos, a dor e a decepção por fim unindo-os em questionamento comum.

Por isso, naquela manhã, mais uma vez entrando na casa de Baptista, Trânio virou-se para Hortênsio e, sem maiores rodeios,

perguntou:

– Será possível, meu amigo Lício, que Bianca ame outro que não Lucêncio? Eu garanto que ela tem me tratado às maravilhas...

– Se não crê em mim, meu amigo, basta observar a maneira dele de lecionar – disse Hortênsio.

Trânio espantou-se:

– Lucêncio já chegou?

– E por acaso saiu? Ele não sai mais daí!

– E Baptista permite?

– Que pode o velho mercador diante das vontades das filhas? Foi-se uma megera e instala-se uma nova rainha.

– Não posso crer.

– Pois verá com os próprios olhos.

Entraram e, mal o criado fechou a porta atrás de ambos, Hortênsio cruzou o indicador sobre os lábios e sinalizou para que Trânio se calasse e o seguisse. Em poucos passos, alcançaram um dos salões menores, e mais uma vez Hortênsio deteve Trânio com o braço, apontando para um dos extremos mais ensolarados onde, em meio a uma alegre confusão de almofadas ricamente ornamentadas, Lucêncio e Bianca conversavam.

– E o senhor, mestre? – interessou-se a bela Minola, apontando para o livro que Lucêncio tinha aberto em suas mãos. – O que lês?

Ele sorriu e respondeu:

– Nada além do que ensino, minha senhora...

– E o que vem a ser isso, posso saber?

– A arte de amar, o que mais? Acaso não percebe em meu olhar?

Bianca embarafustou-se no mais frágil e fingido dos rubores e, dirigindo-lhe um prometedor olhar, ciciou:

– Ah, e sou prova e testemunha de que nisso você é verdadeiramente um mestre...

– Oh, minha doce amada, asseguro-lhe que, nesse tipo de lição, o mestre não sou eu, mas o coração...

Hortênsio irritou-se e puxou Trânio pelo braço, os dois recuando na direção da entrada do grande casarão.

– Estou chocado! – protestou Trânio, esforçando-se para ser convincente em sua indignação. – Como pode? Como pode?

– Diga-me então, meu bom amigo; vais continuar insistindo que tua

queridinha não ama a mais ninguém além de você? – rosnou Hortênsio, raiva e sarcasmo misturando-se a palavras sussurradas entre os dentes.

– Eu devia partir a cara daquele canalha!

– Faz o que achar melhor. Eu, de minha parte, cansei-me de mentiras! Não vou me enganar nem a outros...

– Como assim? – indagou Trânio.

Parando junto à porta, Hortênsio desabafou:

– Para início de conversa, eu não sou Lício e muito menos músico.

– Não? Quem é você então?

– Sou apenas um tolo apaixonado que se lançou até mesmo ao ridículo pelo amor de uma mulher e, no fim, descubro que, se ela não me despreza, nenhum bom sentimento alimenta por mim, pois podes ver com teus próprios olhos como age às nossas costas.

– Senhor...

– Hortênsio.

– Não se mortifique, meu caro senhor. Partilho de igual decepção e farei de tua decisão também a minha. Adeus, Bianca!

– Viu como se beijam e se acariciam?

– Tivesse mais coragem ou se meu desespero estivesse próximo da loucura, teria arrancado meus olhos para não ver!

– Não, não se desespere, eu lhe peço. Assim são os nossos dias nesta vida...

– Biltres!

– Aquiete seu coração, bom Lucêncio. Faça como eu...

– De que está falando, caro amigo?

– Caso-me dentro de três dias com uma viúva!

– E desistirá de Bianca?

– Não se perde o que nunca se teve, não é o que dizem?

– Verdade.

– Pelo menos agora tenho a certeza de que me caso com alguém que me ama tanto quanto eu amei aquela viborazinha fingida e de mau coração. Segue meu conselho, caro Lucêncio: preze a bondade das mulheres, e nunca a bela aparência.

– Vou me lembrar disso, senhor Hortênsio.

– Adeus...

Mal a porta se fechou e Trânio se voltou para o corredor, encontrou

o casal de apaixonados se aproximando sorridente.

– Senhorita Bianca, saiba desde já que nem eu nem meu amigo Hortênsio queremos mais de ti do que prudente distância – disse, virando-se para Bianca. – Renunciamos a seu amor!

– Jura? – indagou ela, exultante.

– Certamente. Estamos irredutíveis!

Gargalharam barulhentamente, pulando e se abraçando com grande entusiasmo.

– Estou livre de Lício – repetiu Bianca.

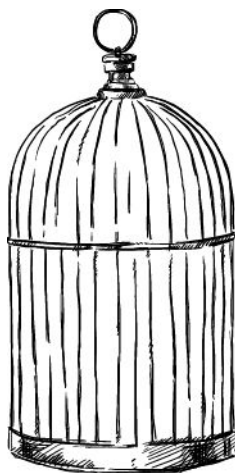
– Ah, mas não te preocupe – disse Trânio, tranquilizando-a. – O pobre homem já está se consolando em um casamento com uma viúva generosa, e, se bem o conheço, pródiga em abandonar sua apreciável fortuna em suas mãos.

– Que seja muito feliz – augurou Lucêncio.

Os três se calaram espantados ao ver a porta se abrir, mas tranquilizaram-se em seguida, quando Biondello esgueirou-se para dentro, ofegante, um largo sorriso enchendo de satisfação um rosto muito suado.

– Consegui, patrão! – informou, exultante. – Creio ter encontrado o anjo velho que vai resolver todos os teus problemas. O senhor já tem aquele que servirá à perfeição para desempenhar o papel de seu pai!

Lucêncio, mal refeito da surpresa, virou-se para Trânio e perguntou:

– E agora?

2

Penúria.

Nenhuma palavra traduziria à perfeição a situação em que se encontrava Catarina depois de poucas semanas de seu casamento. A antiga arrogância e altivez, por mais que se esforçasse, esvaíra-se feito fumaça ainda na primeira semana, depois de ser sucessivamente deixada sem comer, sem dormir e, principalmente, sem trocar as roupas, até que seu fedor passou a afugentar o próprio Petrucchio.

Simplesmente um inferno. Petrucchio a instalou em um inferno, algo feito especialmente para ela.

A pretexto de uma desusada, porém absolutamente falsa preocupação com o seu bem-estar, fazia-se rigoroso com o que ela ingeria ou, como acontecia muitas vezes, com o que ela conseguia surrupiar à mesa e de sua vigilância canina. Via de regra e por qualquer motivo ou sem nenhum, o que era mais frequente, tirava da mesa almoços e jantares inteiros e invadia seu quarto para recuperar o que ela conseguira tirar deste ou daquele prato.

E o sono?

Melhor dizendo, e a falta dele?

À noite, aquele inferno não conseguia ser menor, pois, por razões que muito provavelmente apenas o Diabo conheceria, ele se punha a realizar toda sorte de rituais religiosos ou a perorar sobre

intermináveis encontros filosóficos que mantinha com inteligências cujos nomes Catarina nunca antes havia escutado. Feito uma ladra, se tinha sorte, surrupiava umas poucas horas de sono a tão devotado orador e, mesmo assim, sorte efêmera, quando ele também sucumbia ao peso de sua própria atribuição e preocupação com a pureza da alma da mulher.

Petrucchio estava com o demônio no corpo, comentavam até mesmo os criados, a começar pelo pequeno Grúmio, a principal vítima dos destemperos do patrão depois de Catarina. Todos viviam em constante sobressalto. Gritos e palavrões estrondeavam pelos quatro cantos da casa. Móveis e toda sorte de objetos eram arremessados em todas as direções e em rompantes de fúria que punham em polvorosa até mesmo os poucos que ainda se atreviam a visitar o casal.

– O patrão vai viver muito tempo – assegurou Curtis, outro dos empregados, depois que Petrucchio o alcançou com um jarro d'água. – Quer saber por quê? O Diabo não quer concorrência no inferno!

Fosse ciúme ou simples perversidade, nenhum deles tinha autorização ou podia aproximar-se de Catarina. Quisesse alguma coisa e ela teria de deixar um bilhete junto à porta do quarto ou sobre a mesa da grande sala da casa. Qualquer um que ousasse violar tal regra, a começar por Catarina, incorria no gravíssimo risco de sofrer temível sanção. Não, em momento algum era a mesma violência distribuída em murros, empurrões e pontapés entre os empregados, mas Catarina podia contar com pelo menos um dia trancada em seus aposentos ou semanas inteiras sem trocar as roupas ou tomar um banho.

Mesmo nas duas primeiras semanas depois do casamento, ele só lhe permitiu trocar de roupas porque o vestido de noiva se resumia a frangalhos enlameados que possibilitavam aos criados ver partes do corpo dela, o que, inclusive, rendeu a Grúmio, Curtis e dois outros pelo menos um olho roxo.

Era natural, portanto, o medo que todos sentiam mais de qualquer proximidade de Catarina do que dela propriamente. Naquela manhã, ela teve de praticamente agarrar Grúmio e arrastá-lo para dentro do quarto quando ele passou pelo corredor.

O pobre coitado estava branco de medo e arquejava como se de um momento para o outro todo o ar lhe tivesse sido retirado dos pulmões.

Incapaz de falar, sacudia a cabeça de um lado para o outro e o fez ainda mais enfaticamente assim que Catarina pediu:

– Por favor, traga-me alguma coisa para comer. Qualquer coisa!

– Não... não...

– Por caridade...

– ... não me atrevo!

Grúmio desvencilhou-se de suas mãos e rumou para a porta entreaberta. Catarina colocou-se em seu caminho e a fechou com o próprio corpo, os olhos estatelados, a vasta cabeleira vermelha desgrenhada e fedendo como ela própria.

– Não sei por que propósitos infernais esse homem se casou comigo! – desabafou. – Às vezes penso que casou comigo apenas para me matar de fome. Em outras ocasiões, acredito que é missão dele enlouquecer-me com uma falação dos diabos e sempre à noite. Uma loucura! Imagine, eu que nunca implorei por nada e que costumeiramente alimentava ou ajudava a quem quer que batesse à porta de meu pai pedindo comida, estou aqui, obrigando-me a pedir a um criado que me traga alguma coisa para comer. O que ele está pensando?

– Não faço ideia, senhora, e, na verdade, eu só queria ir embora. Temo até pela minha vida se o patrão me pegar dentro de seu quarto!

– Um louco! Um brutamontes desvairado! Um presunçoso que acredita poder dobrar-me dessa maneira. Acaso não sabe que quanto pior me trata, mais irritada eu fico?

– Senhora...

– Mal me aguento de sono. Estou tonta de sono. Aquela gritaria ainda está nos meus ouvidos.

– Se me deixar sair, posso ver o que posso fazer...

Catarina encarou Grúmio, confusa.

– Como disse?

– Quis dizer a respeito da comida – explicou-se o criado, tremendo dos pés à cabeça.

– Ah...

– Que tal um pernil?

– Excelente!

– Xii, esqueci-me...

– De quê?

– Receio que transmita cólera.

– Petrucchio disse isso?

– É... na verdade, a todos nós. Mas umas tripas...

– Traz, traz...

– Ah, infelizmente...

– Também transmite cólera, eu sei... Acaso uma fatia de carne com mostarda... – ao ver Grúmio sacudir a cabeça negativamente, Catarina, desanimada, observou: – Cólera também...

– A mostarda é quente demais, senhora.

– Pois traga apenas a carne!

– Ah, isso eu não posso fazer. Para comer a carne, só com a mostarda.

– Então traga os dois e eu aqui resolvo o que vou comer...

– De maneira alguma. Grúmio tem ordem de apenas servir os dois juntos...

Catarina o xingou e, escancarando a porta, urrou:

– Vamos, saias, maldito!

Agarrou-o firmemente pelo cangote e o arremessou para o corredor, acrescentando:

– Que você e todos os outros vermes que servem àquele demônio morram engasgados com toda essa comida que ele se diverte em apenas me alimentar com os nomes!

Grúmio, ainda zonzo e assustado, engatinhou para o fim do corredor e desapareceu em uma curva. Outro palavrão ribombou em seu encalço e Catarina mais uma vez fechava a porta quando Petrucchio apareceu, escorando-a com o corpanzil hirsuto, Hortênsio de pé ao seu lado carregando uma bandeja onde jazia um suculento pedaço de carne assada.

– O que houve, Cata querida? – perguntou, aparentando preocupação. – Está tão abatida...

Escancarou inteiramente a porta e entrou, gesticulando para que Hortênsio o acompanhasse.

– Como está, minha senhora? – perguntou ele.

Catarina lançou-lhe um olhar hostil e replicou:

– O que parece?

Petrucchio colocou-se entre ambos, a boca arreganhada em um largo sorriso de inesperada alegria.

– Não está alegre em me ver? – perguntou.

– Pareço alegre? – insistiu ela, contrariada.

– Deveria – Petrucchio apontou para a bandeja que Hortênsio carregava e indagou: – Vê? Eu mesmo preparei a carne e fiz questão de trazer pessoalmente para você – tornou a encará-la e cerrou o cenho, o sorriso morrendo nos lábios. – Como? Não te agradas? Certamente não gostas deste prato, não é? Queira me perdoar, eu não sabia – virou-se para Hortênsio e pediu: – Podes levar de volta para a cozinha, meu amigo.

Catarina agarrou-se a ele e, desesperada, suplicou:

– Eu peço que o deixe, meu senhor.

O sorriso voltou aos lábios de Petrucchio.

– Mesmo o mais humilde trabalho não pode prescindir de um agradecimento. Estou esperando pelo meu obrigado antes que você toque na carne.

– Muito obrigada, senhor – Catarina nem sequer hesitou.

Hortênsio empurrou Petrucchio e, achegando-se a Catarina, rugiu:

– Mas que vergonha, senhor! Como pode fazer tal coisa? Venha, senhora! Deixe-me fazer-lhe companhia e...

Petrucchio o agarrou pelo braço e o puxou para si, até o rosto de um tocar o do outro.

– Se tem alguma estima por mim, meu bom amigo, devore toda a carne... – sussurrou, antes de altear a voz mais uma vez e gritar: – Não te intrometas, poltrão!

Hortênsio recuou e, depois de uns segundos de hesitação, pôs-se a tirar nacos do pedaço de carne com a própria mão e devorá-los com desajeitada avidez. Catarina ainda quis alcançá-lo, mas Petrucchio fez-se obstáculo instransponível ao mesmo tempo em que um velho extremamente magro e sobraçando vários pacotes e bolsas adentrou o quarto.

– Perdoe-me, querida, mas o glutão comeu toda a carne – disse ele, enquanto Hortênsio se afastava com a bandeja vazia nas mãos e ele a puxava para próximo do recém-chegado, informando: – Mas não se preocupe. Haveremos de encontrar na cozinha algo para você comer. O que você deseja?

– E o que quer que eu deseje, meu marido?

– Ora, muito em breve voltaremos à casa de seu pai para que volte

a se alegrar e para que ele possa ver como a trato com benignidade e carinho. Por isso trouxe o alfaiate para cobrir seu corpo com o bom e o melhor que possamos conseguir neste mundo de futilidades.

– Eu... – Catarina estava zonza e inacreditavelmente cansada e não tirava os olhos da bandeja vazia que Hortênsio ainda conservava persistentemente nas mãos. Queria desmaiar, enfraquecida, mas rilhou os dentes e prometeu a si mesma que desmaiaria mais tarde e de maneira alguma na frente do detestável do marido.

Petrucchio percebeu, talvez pela maneira como ela o olhava, mas certamente por aquela centelha assustadora de ódio que dardejava de seus olhos. Fingiu ignorar e, virando-se para o alfaiate, perguntou:

– O que traz aí, meu bom homem?

O homem achegou-se com um chapéu, o qual Petrucchio arrancou de suas mãos com brusquidão.

– O que é isso? – perguntou, examinando-o com impaciência.

– Um chapéu, meu senhor...

– Chapéu? – Petrucchio o arremessou longe, rugindo: – Com os diabos, mais parece uma frigideira! Não presta! Quero um maior!

Catarina apanhou o chapéu e, encarando Petrucchio, disse:

– Eu não quero um maior, quero este. As mulheres de gosto delicado usam este tipo...

– Perfeito! Pois você ganhará um igualzinho quando for delicada!

– Bom, meu senhor, serei eu a vesti-lo e, portanto, tenho todo o direito de falar e vou falar.

– Pois fale, mulher!

– Não sou criança e não gosto de ser tratada como tal. Além disso, gente muito melhor do que o senhor já me ouviu quando digo o que penso. Falarei com sinceridade o que vai em meu peito antes que ele exploda.

– Claro, concordo plenamente. É um chapéu extremamente feio, mais parece uma forma de bolo, e meu amor cresce sempre que você fala assim comigo e, de maneira tão desabrida, dá uma opinião que eu não pedi.

– Ame ou não, eu ficarei com este chapéu ou não ficarei com nenhum!

O sorriso alargou-se preocupantemente na expressão vulpina do rosto de Petrucchio, lobo esfomeado e temível diante de presa frágil e

indefesa, mas com tolas pretensões de escapar a seu destino, conforme pensou Hortênsio, refugiado prudentemente em um dos cantos do quarto.

– Ah, sobre o seu vestido... – disse Petrucchio. – Aproxime--se, alfaiate, e mostre-nos o que você trouxe – praticamente arrancou o vestido das mãos do alfaiate e pôs-se a examiná-lo. – Mas o que é isso? Veja essa manga! Mais parece a boca de um canhão! Essa coisa horrenda, este bordado que mais parece enfeite de bolo de noivado, esse pano todo furadinho. Tu tens o desplante de chamar isto de vestido?

– Foram as ordens que recebi para...

– Pois então você não compreendeu as ordens que recebeu. Tome! Volte para o buraco de onde saiu e não me apareça mais aqui. Não quero nada dessa porcaria!

Catarina alcançou o alfaiate junto à porta e, examinando o vestido que ele carregava, voltou-se para Petrucchio e disse:

– Nunca vi vestido mais bonito...

– Pois eu o acho horroroso de malfeito! – replicou Petrucchio.

– Ao vê-lo e sabendo que as ordens partiram de você, chego a pensar que quer me transformar em uma boneca.

– Isso! Esse traste quis transformar você em uma boneca, minha querida.

O alfaiate, olhando para um e para outro, antevendo a possibilidade de escapar a um inevitável e grandioso prejuízo, sorriu para Catarina e disse:

– Ela diz que o senhor quer transformá-la em uma boneca...

Petrucchio o empurrou, enfurecido, e rosnou:

– Pulga insignificante, piolho dos infernos, como ousa mentir assim, na minha cara? Digo e repito que foi você que estragou a roupa que eu tão zelosamente encomendei para minha devotada esposa.

– Não, não! Engana-se, meu piedoso senhor. O traje foi feito exatamente seguindo as orientações que o senhor me enviou – o alfaiate apontou para Grúmio, que entrava, e disse: – Grúmio foi quem encomendou e disse como eu deveria fazê-lo.

– Eu apenas entreguei o pano – defendeu-se o criado.

– Mas não disse como deveria fazê-lo?

– Certamente...

– Viu?

– Com agulha e linha!

– Diabos o carreguem! Não mandou cortá-lo?

– Eu?

– Eu posso provar. Tenho aqui comigo a nota da encomenda.

O olhar feroz de Petrucchio pousou sobre a figura miúda e acovardada de Grúmio antes de pedir ao alfaiate que lesse o pequeno pedaço de papel, que este desdobrou apressadamente.

– Tudo bem, tudo bem – disse Petrucchio com impaciência logo que se encerrou a breve leitura – provou seu ponto de vista. De qualquer maneira, o vestido não me serve.

Grúmio aproximou-se e sugeriu:

– Mas, patrão, já que o temos, por que não o experimenta na senhora?

Petrucchio o ignorou e, virando-se para o alfaiate, insistiu:

– Leve o vestido e diga a teu patrão que o use como bem entender, pois eu continuo não o querendo. Agora, fora! Fora todos vocês!

Empurrou todos e os lançou para o corredor com impaciência. Segurando Hortênsio pelo braço, sussurrou-lhe:

– Por favor, meu amigo, providencie para que o alfaiate seja pago.

Em seguida, alteou a voz e trovejou:

– Saiam! Saiam, bando de imprestáveis!

Voltou-se para Catarina e sorriu.

– Bem, já é hora de partir, Cata querida – disse. – Infelizmente iremos visitar tua família modestamente vestidos. Nossos trajes são modestos, mas de gente honrada e com as bolsas cheias. Não se envergonhe de aparecer em tais trajes na frente de meu sogro ou de sua adorável irmã, mas, se porventura assim o fizer, não se abale. Ponha a culpa em mim. Faça isso. Mas se apresse. Vou chamar os criados e pedirei que levem os cavalos ao fim da estrada principal. Até lá acho por bem irmos a pé. São mais ou menos sete horas. Tenho absoluta certeza de que chegaremos tranquilamente na hora do jantar.

– Ouso contrariá-lo mais uma vez, meu marido – replicou Catarina, trêmula e enfraquecida, prestes a desmaiar.

– Como disse?

– A hora...

– O que tem ela?

– São quase duas horas.

– É o que você diz.

– É fato.

– E isso quer dizer o quê?

– Se sairmos agora, lamento informar, que quando chegarmos lá nem mesmo a ceia pegaremos.

– Mas eu estou dizendo que, antes que eu monte no cavalo, serão sete horas. A senhora já percebeu uma coisa...

– O que, meu senhor?

– Esse hábito irritante.

– Que hábito?

– Em tudo que falo, faço ou ao menos penso em fazer, a senhora sempre encontra um jeito de pôr defeito ou francamente me contrariar.

– Não é a minha intenção...

– Não se preocupe. Eu decidi que não vamos mais hoje. De qualquer forma, no momento em que partirmos, será a hora que eu disser que for.

E, assim dizendo, fechou a porta. Somente depois disso, Catarina deixou-se cair pesadamente na cama. Ainda faminta.

3

Era um homem velho e alto; os cabelos, que rareavam no alto da cabeça, faziam-se abundantes na longa barba, igualmente branca. Vestia-se modestamente, mas seus modos elegantes e o andar empertigado certamente enganariam olhos desatentos ou aqueles que se deixassem envolver pelas mentiras que Lucêncio e Trânio contariam sobre ele, apresentando-o como seu pai Vicêncio.

– É mesmo verdade o que estão me contando? – perguntou o velho, ainda desconfiado, olhando para Biondello e para os outros dois espalhados ao redor da mesa.

A taberna estava cheia e barulhenta. Lucêncio e os companheiros entreolharam-se e olharam ao redor, certamente receosos de que algum dos ocupantes das mesas vizinhas partilhasse de sua conversa.

– Professor... – começou Lucêncio. – É professor, não é mesmo?

O velho apontou para Biondello e respondeu:

– Foi o que disse a teu amigo aqui. Venho de Mântua. Não ficarei mais de duas semanas em Pádua antes de prosseguir viagem para Roma e, de lá, para Trípoli.

– O senhor disse que era de Mântua?

– Sim, qual o problema?

– Nenhum. Em outras circunstâncias ou em outra cidade, nenhuma.

– O que quer me dizer, rapaz?

Lucêncio apontou para Biondello e respondeu:

– Estamos preocupados com o senhor.

– Por quê?

– Logo que Biondello me disse de onde o senhor era, eu e meu criado Trânio ficamos bem apreensivos.

– Não vejo razão para tanto.

– Mas nós vemos – atalhou Trânio, com expressão grave e preocupada.

– Do que se trata?

– O senhor está arriscando a vida vindo aqui neste momento.

– Como assim?

– Não sabe?

– O quê?

Biondello interveio:

– O professor está viajando há algum tempo e talvez não tenha tomado conhecimento...

Os olhos do velho foram várias vezes de um rosto para o outro, antes que ele perguntasse:

– Conhecimento de quê?

– Os duques de Mântua e Veneza andaram brigando, ninguém sabe explicar exatamente por quê, mas de qualquer forma o duque de Veneza apreendeu todos os navios de Mântua e fez publicar e proclamar em todo território do Vêneto que qualquer cidadão de Mântua aqui encontrado deve ser capturado e morto.

– Que absurdo!

– Espiões, meu bom amigo, espiões – acrescentou Trânio, insidioso. – Antes dos soldados, todo inimigo infesta o território de seu oponente com espiões, e no momento as tropas do doge de Veneza estão considerando qualquer cidadão de Mântua um espião em potencial e o executando sumariamente.

O velho empalideceu, assustado.

– Meu Deus... – balbuciou. – A coisa só piora para o meu lado, pois trago letras de câmbio de Florença que deveria descontar exatamente nesta cidade.

– Disso eu me encarrego, não te preocupes – tranquilizou-o Trânio. – Diga-me apenas uma coisa...

– O quê?

– O senhor já esteve em Pisa alguma vez?

– Em várias ocasiões.

– Em alguma delas, conheceu um tal Vicêncio?

– Não o conheci, mas dele certamente ouvi falar, pois se trata de um mercador de invejável fortuna, não?

– Pois é meu pai e acredite se digo que, de rosto, o senhor e ele são bem parecidos. Por causa disso e para ajudá-lo a salvar a vida, estou disposto a lhe emprestar tanto o nome quanto o crédito de meu pai e será bem recebido em minha casa. Assim poderá realizar seus negócios na cidade com absoluta tranquilidade. Eu me sentiria bem mais aliviado se o senhor aceitasse a minha cortesia.

– Claro que aceito, meu rapaz, e desde já me sinto teu eterno amigo e devedor.

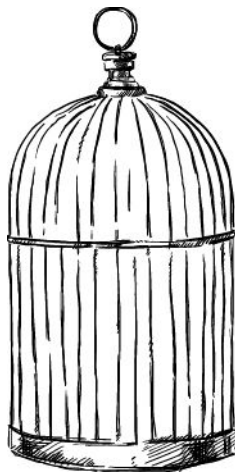
– Ah, não se preocupe. Eu só queria avisar-te de algo...

– O quê?

– Meu pai é esperado na cidade para os próximos dias, a fim de garantir o dote de meu casamento com a filha de certo Baptista Minola. Mas não se preocupe, que isso eu lhe explico mais tarde. Agora é melhor tratarmos de sair logo daqui e vesti-lo como convém a alguém como meu pai.

Gargalharam, Lucêncio e os criados divertindo-se imensamente com a própria astúcia.

8

Caminhos e descaminhos do coração

1

Aquele que passaram a chamar de Professor e vestiram com tanto esmero que, se em Pádua estivesse, Vicêncio, o pai de Lucêncio, certamente teria dúvida acerca de sua identidade, tal a semelhança entre ambos, preocupou a tranquilidade de Trânio quando eles pararam na porta da casa de Baptista Minola.

— Nervoso? – Trânio percebeu e sorriu, como que procurando acalmá-lo.

— E você não estaria? – redarguiu o Professor, respiração acelerada, uma fina película de suor cobrindo-lhe o rosto cavado em profundas rugas de apreensão.

— Há tempos deixei de me preocupar. Esqueceu? A minha posição ainda é mais delicada do que a sua, já que, além de falsificado, agora eu também sou falsificador.

— E se Baptista me reconhecer?

— Como poderia?

— Eu lhe disse que moramos juntos na Hospedaria Pégaso, em Gênova, há mais ou menos vinte anos...

— Acha mesmo que ele se lembraria de algo assim?

— Não sei. Eu confesso que estou muito preocupado...

— Pois esqueça e concentre-se apenas em aparentar a austeridade que se espera de alguém com tanto dinheiro quanto o velho Vicêncio.

— Eu... – o Professor calou-se abruptamente ao ver Biondello aproximar-se. – Cuidado! Seu pajem está vindo aí!

Trânio sorriu para um e outro e, mais uma vez voltando-se para Biondello, perguntou:

— E então, garoto? O que acha? Não parece o velho Vicêncio?

Biondello sorriu zombeteiramente e respondeu:

— Cara de um, focinho do outro, sem dúvida.

— E Baptista? Sabe que estamos vindo?

— Claro. Eu lhe dei o recado não faz uma hora. O avarento mal cabe em si de tanta ansiedade.

Bateram.

Não se passaram mais do que uns poucos segundos antes que a porta se abrisse para um jovial e excepcionalmente entusiasmado Baptista Minola aparecer na frente dos três.

— Que felicidade revê-lo, senhor Baptista — disse Trânio, mostrando-se ainda mais entusiasmado. Virando-se para o Professor, continuou: — Meu pai, este é o pai da bela jovem com a qual quero me casar. Espero que o senhor garanta os meios para isso.

Entraram e, fiel ao compromisso, o assim chamado e reconhecido como Professor entregou-se com afinco à representação do papel que lhe cabia naquela farsa. Corpo hirto e conspícuo tanto no gestual quanto no elaborado palavreado, fez-se o próprio senhor da cautela e da prudência, experimentado negociante, medindo cada frase dita, a distribuição dos parcos sorrisos e ainda mais de assentimentos.

— Calma, filho – disse depois de uns poucos passos dentro da casa de Baptista. O nervosismo e a ansiedade desapareceram com extraordinária rapidez, e em muito pouco tempo ele se fez senhor absoluto da situação. — Tendo eu vindo a Pádua para cobrar algumas dívidas, meu filho, Lucêncio, pôs-me a par de seu interesse em desposar sua filha mais nova. Vendo tratar-se de afeto sincero e amor dos mais profundos, mas preocupado em defender seus próprios interesses, tomei a liberdade de buscar referências a teu respeito e de tua família...

— Espero que tenha recebido as melhores – atalhou Baptista.

— Nem tenha dúvida de que sim, e, por causa disso e levando em conta o grande amor existente entre nossos filhos, eu achei por bem não os fazer esperar por mais tempo e vim dizer que aprovo o

matrimônio. Caso o senhor não encontre algo que desabone tal união...

— De maneira alguma, meu amigo, de maneira alguma! — Baptista mostrou-se ansioso e, em seguida, acrescentou: — Desde que seja garantido o adequado dote à minha filha, que o casamento os una e sejam muito felizes. Tem desde já o meu consentimento.

— Sou imensamente grato ao senhor por tua boa vontade e, se me permite a impertinência, gostaria de saber se tem algum lugar de tua preferência onde possamos acertar os últimos detalhes de nosso acordo. Aqui...

— Não, aqui não. Como bem sabe, meu rapaz, as paredes têm ouvidos, e a casa está cheia de criados. Além disso, ainda temos o velho Grêmio...

— Ele ainda os está importunando, senhor Baptista?

— Não nas últimas semanas, mas nunca se sabe, não é mesmo? Eu preferiria que fosse em outro lugar.

— Que seja então na minha casa. É onde meu pai está. Avise Bianca que mandarei meu pajem chamar o escrivão. Infelizmente não poderei te oferecer comida boa e farta, mas...

— Não se preocupe com isso, meu filho – tranquilizou-o Baptista. – Urge no momento mandar chamar Bianca e pô-la a par das novas circunstâncias de sua existência. – virou-se repentinamente para Biondello, que o ficou olhando, sem entender muito bem a que o mercador se referia, até que ele mesmo esclareceu com brusquidão: — Apresse-se, rapaz! Vá e diga a ela que o pai de Lucêncio está em Pádua e, por causa disso, vamos aproveitar para torná-la esposa de Lucêncio.

Biondello ainda hesitou por um instante e virou-se para Trânio, que, impaciente, o empurrou e disse:

— Vamos, traste! Faça o que meu sogro está mandando!

Biondello afastou-se e em seguida desapareceu casa adentro. Trânio, prosseguindo na farsa, ainda personificando Lucêncio e como tal, noivo satisfeito, com um largo sorriso nos lábios, apontou para a porta e perguntou:

— Podemos ir, senhor Baptista? O banquete não será grande coisa, mas eu lhe asseguro que em Pisa as coisas se farão de maneira completamente distinta e com muito mais fartura.

Baptista devolveu-lhe o sorriso, a satisfação demonstrada

completamente genuína, tal e qual um hábil comerciante que acaba de fazer o maior negócio de sua existência.

— Ah, não se ocupe com isso no momento – repetiu. – Temos assunto muito mais importante.

— Certamente – ajuntou o Professor, fiel a seu papel de Vicêncio, ele e Trânio escoltando Baptista para fora da casa.

A porta fechou e abriu-se um segundo depois, para que Biondello entrasse e se acercasse de Lucêncio.

— Câmbio... – disse.

— Ah, esqueça essa bobagem, Biondello! – falou Lucêncio. – Tais subterfúgios já não são mais necessários...

— Ah, então percebeu quando Trânio lhe piscou o olho?

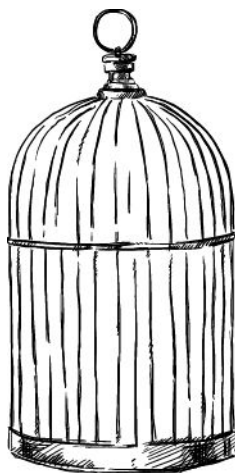
— Sim, mas qual o significado de tudo isso?

— Ora, meu bom senhor, lá se foi Baptista, todo cheio de si e confiante, fechando acordos e esperando ansiosamente por fechar um contrato dos mais vantajosos com um pai falsificado e um filho falsificador que também é falso. A ganância é mesmo má conselheira, não, meu senhor?

— Com certeza, com certeza, mas...

— Crê o infeliz avarento que o senhor conduzirá sua filha para a ceia com ambos...

— E depois...

— Nada sei, a não ser que o velho padre da igreja de São Lucas estará noite e dia a teu dispor. Eu, se fosse o senhor, aproveitaria a oportunidade. Enquanto eles estão entretidos com a redação de um contrato falso, case-se com a mulher que ama!

2

Sinuosa e tranquila, a estrada vazia descia preguiçosamente para Pádua quando Catarina e Petrucchio a alcançaram na companhia de Hortênsio. O único som ouvido durante toda a longa caminhada foi representado pelo rumor de seus passos e dos pajens e criados e pelo castanholar dos cascos dos cavalos que puxavam pelos arreios.

— Finalmente, minha querida, voltamos à casa de seu pai! – gritou Petrucchio em um repente, deixando todos sobressaltados, antecipadamente temerosos de serem vitimados por outro de seus rompantes. – Que céu maravilhoso! Veja como brilha essa lua!

— De que está falando, meu senhor? – espantou-se Catarina. – Que lua?

— Aquela, de que outra falaria? – Petrucchio apontou para o sol que se levantava detrás da linha verdejante das árvores em um dos lados da estrada e, olhando-a com o canto dos olhos, insistiu: — Não a vê?

— Aquele é o sol...

— Como? Absurdo! Brilhando desse jeito só pode ser a lua!

— Brilhando desse jeito só pode ser o sol.

— Pois eu juro pelo filho de minha mãe, que no caso vem a ser eu mesmo, que é a lua, ou uma estrela ou o que melhor me convier, bem entendido, se pretende realmente chegar à casa de seu pai...

Olharam-se. Tensão. Hostilidade. Irritação de parte a parte, até que Petrucchio deu um forte puxão nos arreios de sua montaria e trovejou:

— Teimosia! A mesma teimosia de sempre! – soltou uma série tonitruante de palavrões e, virando-se para os criados, ordenou: – Vamos, vamos, recolham novamente os cavalos. Não iremos mais!

Hortênsio apressou-se em se aproximar de Catarina e, em um sussurro, pediu:

— Por Deus, minha senhora, concorde com ele ou nunca chegaremos a Pádua.

Catarina deu uma intensa e prolongada fungada, as narinas dilatadas, os dentes rilhados com impaciência, antes de finalmente aquiescer:

— Por favor, meu marido, continuemos.

Petrucchio repuxou os lábios, obstinado. Por um instante deu a impressão de que não cederia em seus propósitos.

— E o que vê? – perguntou.

— A lua, o sol ou o que mais lhe agradar. Diga que é uma lamparina, e lamparina será sem maiores problemas.

— É a lua.

— Estou vendo que é a lua.

— Não minta, mulher! É o sol!

— Bendito seja! Como fui capaz de não ver? Mas, se você não vir mais o sol e preferir a lua, a lua será o que Catarina verá. A bem da mais pura verdade, o nome que quiser dar a qualquer coisa que esteja vendo, este será o nome pelo qual a tratarei e, inclusive, a enxergarei.

Hortênsio colocou-se entre o casal e, virando-se para Petrucchio, perguntou:

— Podemos ir então, meu bom amigo?

Ele concordou com um aceno da cabeça leonina, os olhos persistentemente fixos em Catarina.

— Vamos embora, Petrucchio! – instou Hortênsio, com impaciência, dirigindo um olhar agradecido para Catarina, antes de voltar a olhar para o amigo e dizer: — Você ganhou essa batalha!

Não foram longe, pois logo depois da primeira curva se depararam com um pequeno grupo de viajantes que se aproximava vindo de uma estrada mais estreita e umbrosa à esquerda.

— Meu nome é Vicêncio – apresentou-se o velho que cavalgava à

frente dos recém-chegados, as roupas suntuosas identificando-o como um aristocrata ou comerciante de provável fortuna, facilmente perceptível pelas muitas mulas carregadas de sacolas e baús que o acompanhavam com outros tantos criados e pajens. — Será que podem me dizer se este é o caminho para Pádua?

Espanto geral. Antes que qualquer um se dispusesse a responder à indagação de Vicêncio, Petrucchio piscou-lhe um dos olho, virou-se para a esposa e perguntou:

— Diz-me, querida Catarina, e sê muito franca em tua resposta...

— Sempre fui, meu senhor – disse Catarina, sem entender muito bem o que ele pretendia, mas, antevendo algo de preocupante, fosse no olhar dele, fosse no risinho sarcástico que se materializava em meio à espessa barba, não foi mais além em sua resposta.

— Já viu antes jovem tão bela?

Vicêncio encarou-o, surpreso, constrangimento e apreensão se sucedendo no rosto pálido.

— Veja essa face angelical... – prosseguiu Petrucchio.

— Senhor... – os olhos de Vicêncio iam e vinham pelos outros rostos igualmente pasmos e silenciosos, sem entender muito bem o que se passava com o corpulento interlocutor.

— Adorável donzela... – de súbito, Petrucchio virou-se para a esposa e pediu: — Vamos, Cata, não te faças de rogada. Abraça-a e homenageia tua formosura!

Catarina trocou um rápido olhar com Hortênsio, que, entre apreensivo e divertido com o absurdo de toda aquela situação, afirmou:

— Cuidado, minha senhora! O pobre homem deve estar furioso por ser confundido com uma mulher...

Catarina achegou-se com calma, chafurdando em terreno traiçoeiro e escorregadio como sempre seria aquele atribuído ao ódio impotente, que se agarra nas pessoas e delas não desgruda, apesar de completamente inútil. Feita de boba, tomada por tola, só lhe restava a obstinação sem sentido ou a submissão precária que a paciência fornece a certas pessoas na expectativa de se safar por outro caminho ou até encontrar uma solução para tão inextricável dilema.

Olhou para Petrucchio. Que ele se julgasse vencedor em seu jogo de brutalidade e imposição de vontade. O tempo, ao fim e ao cabo,

acabaria se colocando a seu lado, aliado invencível, pois, se o marido tinha os meios para vencê-la em batalhas renhidas de fome e humilhação como as dos últimos meses, ela saberia ser paciente e se munir das melhores armas para finalmente vencer a guerra.

Afinal de contas, não fora sempre assim entre homens e mulheres desde que o mundo é mundo?

Sorriu maliciosamente, infundindo em si mesma uma confiança que julgara perdida nos últimos tempos. Aquilo que Petrucchio considerava sua força contribuiria para a sua derrota à medida que o casamento fosse um fato consumado e se espalhasse para a natural acomodação dos anos. De maneira indulgente, talvez pudesse enfim amá-lo assim que ele estivesse completamente em suas mãos.

— Mas como você é bela e formosa, querida virgem! – disse, parando diante do velho e estupefato Vicêncio. – De onde você vem? Quão orgulhosos são são pais por terem posto no mundo criatura tão encantadora, e como será feliz o homem que a tiver como esposa...

Nesse momento, Petrucchio interveio:

— O que é isso, Cata querida? Acaso está louca? Como foi capaz de confundir um homem velho e enrugado com uma bela donzela?

Catarina nem sequer virou-se para olhá-lo, pois facilmente imaginou a satisfação que sentia ao fazê-la de boba, a reafirmação de seu poder, uma necessidade infantil, mas que ela achou que não fazia mal algum satisfazer. Sorriu, fingindo vergonha, indo à perfeição de experimentar um pequeno rubor no momento em que mais uma vez, encarando o velho mercador, disse:

— Deus me proteja! Terá este sol forte ofuscado minha visão a tal ponto que consegui ver uma bela jovem onde apenas existe um senhor elegante e venerável?

Vicêncio olhou para um e para outro e prudentemente se eximiu de maiores comentários, aceitando as desculpas de um e de outro.

— Simpático casal, meu nome é Vicêncio e sou natural de Pisa – informou. – Estou indo para Pádua, onde pretendo visitar um filho que não vejo há muito tempo. O nome dele é Lucêncio. Porventura o conhecem?

— Mas que feliz coincidência! – disse Petrucchio. – Minha esposa aqui é irmã da jovem com quem teu filho acabou de casar.

— Como assim? – espantou-se Vicêncio. – Está novamente

procurando se divertir à minha custa?

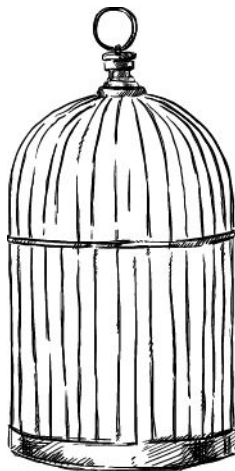
— Asseguro-lhe que não. Tenho informações seguras de que os dois se casaram. Mas não se preocupe. A jovem em questão é de família respeitável e traz dote apreciável. Seria uma honra tê-lo como companhia, se assim o desejar.

— Está falando realmente a verdade? — Vicêncio experimentou certo nervosismo e contrariedade diante das informações que recebia.

— Dou a minha palavra de que tudo o que lhe digo é verdade – assegurou Hortênsio.

Petrucchio aproximou-se de ambos e pediu:

— Venha conosco e verá com os próprios olhos!

— Ah, disso agora eu faço a mais absoluta questão! Alguém está sendo enganado em toda essa história, asseguro que não sou eu.

3

Biondello mal deixara Lucêncio e Bianca na igreja e apressou-se em voltar para a casa do patrão. Temia que seu desaparecimento chamasse a atenção de Baptista e aumentasse a suspeita que já devia ter encontrado pouso inquieto em seu coração à medida que a filha não aparecia.

O que dizer?

Como explicar o seu desaparecimento e, em igual medida, como Bianca e Câmbio, o nome pelo qual Lucêncio escondera a verdadeira identidade para melhor insinuar-se e conquistar o coração da bela filha mais nova de Baptista, ainda não tinham aparecido. Empalideceu, verdadeiramente alarmado, mal avistou a casa onde Trânio e o Professor já deviam estar encontrando muita dificuldade para manter a farsa. Inexplicavelmente, o velho Grêmio estava com eles e, ao se aproximar da porta, pôde ouvi-lo esforçar-se por instilar desconfiança no coração de Baptista ao comentar:

— Muito estranho que Câmbio ainda não tenha chegado com sua filha, não é mesmo, amigo Baptista?

Preocupado, consciente de que no momento em que entrasse seria crivado de perguntas pelos dois, Biondello recuou sobre os próprios passos e foi nesse instante que a situação se complicou de vez, pois um numeroso grupo, tendo à frente Petrucchio e o verdadeiro Vicêncio, se

aproximava.

— Deus seja louvado, agora estou mesmo enrascado! – gemeu, fazendo o sinal da cruz seguidamente e procurando desvencilhar-se do chamado de Petrucchio.

— O que há, rapaz? Está cego ou surdo? – rugiu ele, alcançando-o com uma de suas manzorras. – Não me ouviu chamar?

— Perdoa-me, meu senhor. É que estou tão atarantado que...

— E por que isso?

— Muito trabalho, senhor...

Vicêncio achegou-se aos dois e, virando-se calmamente para Petrucchio, perguntou:

— É esta a casa de meu filho?

Petrucchio soltou Biondello e o empurrou para o lado, antes de voltar-se para o mercador e responder:

— Perfeitamente. A de meu pai fica mais para os lados do mercado. Se o senhor me permite, é aqui que me despeço...

— De maneira alguma! – cortou Vicêncio. – Não antes de beber alguma coisa comigo... – calou-se bruscamente, a atenção atraída para o burburinho de vozes proveniente do interior da casa; sorriu, enquanto comentava: — E, aparentemente, as coisas vão bem animadas lá dentro, pois não?

— É o que parece...

Bateram. Bateram várias vezes. Como ninguém atendesse, Grúmio adiantou-se aos dois e bateu mais fortemente.

— Realmente, a animação é grande... – observou, com certa contrariedade.

No momento seguinte, o Professor apareceu em uma das janelas e, com certa impaciência, resmungou:

— Ei, devagar aí, meu amigo. Quer derrubar a porta?

Todos os olhares convergiram para ele, Vicêncio adiantando-se em alguns passos aos outros e perguntando:

— O senhor Lucêncio está em casa, meu amigo?

— Está – respondeu o Professor, empertigando-se. – Mas não pode receber ninguém no momento.

— Nem que seja para receber cem ou duzentas libras para animar ainda mais a sua festa?

— Guarde suas libras, forasteiro. Enquanto eu for vivo, ele não vai

precisar de nenhuma delas.

Acercando-se de Vicêncio, Petrucchio passou o braço sobre seus ombros amistosamente e, sorrindo, disse:

— Então não é o que eu te disse, meu caro Vicêncio? Seu filho é por demais estimado em Pádua.

Em seguida, voltou-se para o Professor e pediu:

— O senhor poderia fazer o favor de avisar ao senhor Lucêncio de que o pai dele está aqui fora e deseja muito lhe falar.

O Professor lançou um olhar dardejante de desprezo e escárnio na direção de ambos e, ao fixar o olhar em Vicêncio, rugiu:

— Disparate! O pai de Lucêncio há muito tempo que chegou de Pisa e é este que está olhando para vocês no momento, desta janela.

Espanto geral.

— Como é que é? – gemeu Vicêncio, com incredulidade. – Você alega que é o pai de Lucêncio?

— Alego, não. Eu efetivamente o sou.

Petrucchio virou-se para Vicêncio e, aparentando muita contrariedade, rosnou:

— Ora, ora, cavalheiro, acaso não sabe que é muito feio passar-se por outra pessoa?

E a ele ajuntou o Professor:

— Peguem este salafrário. Não o deixem fugir. Na certa está aqui se passando por mim por causa de alguma malandragem...

— Mas o que é isso? Em que pesadelo me encontro? Eu lhes asseguro que sou Vicêncio de Pisa... – Vicêncio, desesperado, corria os olhos pelos rostos à sua volta, até que de repente avistou Biondello, que se esgueirava para a escuridão, procurando afastar-se da confusão. Gritou: — Aonde pensa que vai, seu miserável? Volte aqui!

Petrucchio agarrou o pajem pelo cangote e, aproximando-o de si, o rosto transformado em uma apavorante carranca de raiva, perguntou:

— Conhece esse homem, seu piolho?

— Jamais vi esta cara na minha vida!

Vicêncio, fora de si, deu-lhe um tapa na cabeça.

— Como, refinado patife? – berrou. – Quer dizer que nunca viu Vicêncio, pai de teu patrão?

— Como não? – Biondello apontou para o Professor e respondeu: - Ei-lo bem ali!

Novos golpes o alcançaram.

— Socorro, meu amo! – apelou Biondello, desesperado. – Este louco quer me matar!

Da janela, o Professor virou-se para o interior da casa e gritou:

— Socorro, meu filho! Estão tentando matar seu pajem!

Surpreso e preocupado, Petrucchio afastou-se e se colocou protetoramente entre a confusão e Catarina, pedindo:

— Para trás, mulher, que a coisa vai ficar bem violenta por aqui!

A porta abriu-se, e Trânio saiu à frente de um bando em que Baptista e o Professor se misturavam a vários criados.

— Que petulância! – protestou Trânio. – Como te atreves a bater em meu criado?

O espanto de Vicêncio apenas crescia, e ele abria e fechava a boca, incapaz de articular qualquer palavra ou pensamento, diante de outro de seus criados vestido com as requintadas vestimentas que deveriam estar sendo usadas por seu filho e, pior ainda, eram usadas por um dos criados que tinha o desplante de se passar exatamente por seu filho.

— Que trama infernal é essa? – berrou, medindo Trânio dos pés à cabeça com o olhar, os olhos indo e vindo pelos outros rostos, uma confusão indescritível que o deixava zonzo e, pior, na falta de uma boa e convincente explicação, bem disposto a esmurrar uns e outros. – Abriram-se as portas do inferno! Enquanto me privo das coisas para dar o bom e o melhor para meu filho, ele e seus criados se dedicam a esbanjar o que ganho com esforço na Universidade.

Trânio empalideceu, mas, procurando acalmar-se e prosseguir na farsa, repetia:

— Não estou entendendo... Não estou entendendo...

Baptista juntou-se a eles na gritaria e, de tempos em tempos, questionava:

— Quem é esse doido, Lucêncio?

— Que sei eu, senhor Baptista? Pela rica vestimenta, imagino tratar-se de um cavalheiro, mas o comportamento é o de um louco furioso. Veste-se com opulência como meu pai...

— Seu pai? Seu pai? – repetia Vicêncio, suarento e fora de si, os olhos iluminados por uma chispa de ódio homicida que a todos mantinha a prudente distância. – Seu pai é um reles costureiro de velas em Pisa, seu sacripanta!

Tentando acalmá-lo, Baptista aproximou-se e pediu:

— Acalme-se, meu senhor. Provavelmente está confundindo esse jovem com outra pessoa.

— Como poderia? Esse traste serve a meu filho há anos e priva de nossa intimidade há tempo demais na minha opinião.

— Mas este é...

— Sei bem quem é esse, acredite. O nome dele é Trânio e serve a meu filho, Lucêncio, que veio para Pádua há alguns meses...

— Mas esse é Lucêncio! – disse Baptista, ele mesmo inquieto e olhando para um e para outro, desconfiado.

Os olhos de Vicêncio, duas flechas flamejantes de perplexidade e ódio, quase saltaram das órbitas fulminando Trânio, que recuou, tremendo dos pés à cabeça.

— Canalha! – gritou. – Você matou meu filho e está por aí se fazendo passar por ele e dilapidando a fortuna de nossa família!

Trânio recuou, escapando das mãos crispadas do velho mercador que tentavam alcançar-lhe o pescoço.

— Chamem a guarda! – suplicou, claudicando e fazendo um esforço enorme para continuar de pé. – Esse louco está querendo me matar!

— Eu? Ir para a prisão? É você o assassino!

Alguns soldados, que, atraídos pela confusão, se aproximavam, avançaram na direção de Vicêncio, mas Grêmio colocou-se no caminho deles e, abrindo os braços, pediu:

— Um momento, guarda. Não o leve ainda. Estou com a estranha sensação de que estamos no meio de um grande embuste, e algo parece me dizer que esse homem é o verdadeiro Vicêncio.

Trânio, fiel a seu papel ou simplesmente por falta de opção, ainda se pôs a desafiá-lo, dizendo:

— Imagino que agora irá dizer que não sou Lucêncio...

Grêmio encarou-o, titubeante, e disse:

— Eu não iria tão longe...

A confusão apenas aumentou, os soldados se esforçando para alcançar Vicêncio, Grêmio obstinadamente em seu caminho, empurrando-os com o próprio corpo, ao mesmo tempo em que se esforçava para afastar as mãos do desvairado comerciante pisano do pescoço de Trânio, o Professor e os outros criados engalfinhados na crescente confusão, loucos embriagados a se engalfinhar uns contra os

outros, como a escolher que lado defender, por quem lutar ou, mais certamente, o que fazer. Petrucchio, convenientemente apartado de tudo, abraçou-se à esposa e, quando Biondello quis escafeder-se da confusão, puxou-o pelo cós da calça e o lançou alegremente de volta à balbúrdia.

Socos. Alegria. Empurrões. Uma infinidade até atordoante de palavrões. Tudo se misturando em uma interminável sucessão de acusações de parte a parte.

— Isso vai longe – observou Petrucchio, brincalhão.

O que fazer?

Envolver-se ou apenas esperar que a situação se acalmasse para que tivesse a oportunidade de chamar todos à razão e resolver de uma vez por todas aquela grande confusão?

Petrucchio não sabia e até respirou aliviado quando, saídos sabe-se lá de onde, Lucêncio, o verdadeiro, obviamente, e Bianca apareceram abrindo caminho entre os desarvorados contendores, e jogaram-se aos pés de um esfarrapado e arquejante Vicêncio, implorando perdão.

— Meu filho, meu filho! – repetiu o velho comerciante, estreitando Lucêncio em um interminável abraço, apertando, apertando e apertando, quase o asfixiando de tanto alívio e satisfação. – Que alegria saber que você está vivo!

— Perdão, querido pai... – repetia o infeliz, a boca escancarada, tal e qual um peixe fora d’água, praticamente implorando mais por ar do que pela compreensão do pai.

Mais confuso do que antes, as roupas igualmente em frangalhos, o olho esquerdo muito inchado e praticamente fechado, o corpo espicaçado por dores cada vez maiores, Baptista observava a tudo confuso.

O que estava acontecendo?

De onde viera Bianca e por que viera com Câmbio, o professor que...

Mas por que Câmbio chamara de pai ao embusteiro que se fazia passar pelo pai de Lucêncio e por que este o chamava de Lucêncio?

Onde estava Lucêncio?

Pensou, pensou e finalmente perguntou.

Vicêncio apontou para Lucêncio.

— Aqui está ele, o Lucêncio verdadeiro, filho do Vicêncio também

verdadeiro – explicou aquele que por meses fora conhecido como Câmbio e que a propósito o fizera de bobo. – Foi assim que o enganei e me casei legitimamente com sua filha!

Grêmio divertiu-se imensamente à custa de Baptista e o fez naquele mesmo instante, repetindo sempre que seus caminhos se cruzavam:

— Uma fraude em que fomos completamente enganados, meu velho!

Baptista se aborreceu:

— Você se casou com minha filha sem meu consentimento!

Contrariado, buscou um canto para remoer as dores, estas bem reais, que se espalhavam por todo o corpo, e a grande decepção pelo logro a que fora submetido, nada que, entretanto, não fosse superado pela habilidade mercantil do velho Vicêncio, homem tido e reconhecido como ótimo negociador, extremamente vivido e, por causa disso, alguém a quem não escapava a compreensão de que, como tudo na vida, um casamento bem-sucedido nada mais era do que fruto de uma grande negociação.

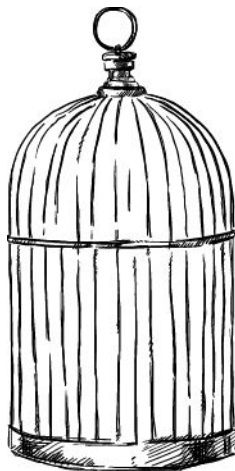
— Não se amofine, meu amigo – disse, conciliador. – Tudo faremos para que fique absolutamente satisfeito.

— O dote... – compreendeu Baptista.

Um amplo sorriso iniciou oficialmente a negociação.

— Nenhum valor é alto o bastante quando se trata da felicidade de meu filho. Não é o que pensa?

— Certamente...

Negócio fechado, então.

4

— Vamos segui-los e ver como tudo isso acaba? – sugeriu Catarina.

— Primeiro me dê um beijo – insistiu Petrucchio.

Pequeno rubor. Constrangimento. Catarina olhou de um lado para o outro, embaraçada.

— Aqui, no meio da rua?

A contrariedade foi imediata.

— Por quê? – questionou Petrucchio. – Tem vergonha de mim?

— Nem pensar!

— Então o que é?

— Vergonha simplesmente...

— Se é assim, voltamos para casa neste momento!

— Não... Eu dou o beijo!

Beijou. Um bom tempo se passou. Bom. Foi bom.

— Ficamos?

— Não estamos aqui?

— Pois é.

— Então ficamos.

Fragilidade.

Não há força realmente quando se tem que a exibir constantemente.

Frágil é o poder que precisa ser imposto e não é simplesmente

aceito como tal, que se constitui a partir de sua aceitação por algo bem maior. Paz, tranquilidade, bem-estar.

Petrucchio precisava de tais momentos, como aquele ainda na porta da casa de Lucêncio, quando Baptista e Vicêncio ainda negociavam o dote da bela Bianca e tudo prometia acabar em uma barulhenta celebração. O beijo fora o preço pago, a constatação de que ela estava submissa e completamente domada.

"Assim é se lhe parece", ela pensava consigo sempre que se via confrontada com aquela necessidade do marido. Indulgentemente sorria quando se via frente a frente com a necessidade dele de se sentir poderoso.

Ah, como são fracos os poderosos...

Um simples beijo (e ela admitiu para si mesma, evidentemente, que não foi tão ruim assim) e o resto da noite ela se fartou com a própria liberdade. Em muito pouco tempo, tornou-se uma especialista nos jogos infantis de poder e dominação a que homens e tolos (incluindo-se aí algumas mulheres, certamente) eram afeitos. Uma diversão, brincadeira a que se atirava alegremente e, por vezes, estimulada pelo próprio Petrucchio, que se enchia de alegria quando a via elevar-se em meio à mediocridade de outros.

"Eu mando nela!"

Tinha absoluta certeza de que aquela frase lhe surgia à mente em tais momentos, e Catarina até apreciava alimentar tal sensação de segurança na alma bonachona e autoritária do marido.

Mesmo que aqui e ali tivesse a impressão de que ele a exibisse como um de seus cães de caça ou os cavalos de raça. Nessas horas se perguntava se precisava realmente se exibir como forte e grande para ser efetivamente forte e grande.

E a resposta era... claro que não!

No dia seguinte ao tumultuado casamento de Bianca, durante a festa na casa de seu pai e a propósito dos limites da submissão da mulher aos desejos do homem, algo que inclusive envolveu uma aposta em dinheiro entre os maridos, tolos de parte a parte se envolveram em grande tolice: Hortênsio mandou que chamassem sua viúva, e ela disse que não iria ao encontro dele, mas que ele, se quisesse, fosse ao encontro dela. Melhor sorte não teve Lucêncio, pois Bianca lhe deu igual resposta. Para espanto geral de todos, Catarina

não apenas apressou-se em atender ao chamado de Petrucchio, mas, a pedido dele, foi buscar a irmã e a viúva, o que fez sem demora.

A vaidade cegou Petrucchio, que se lançou a novas provas para que todos se certificassem de que a antiga megera se prestava a submeter-se sem nenhuma contestação, submissa que estava. Por causa disso, disse-lhe que não gostava do chapéu que usava e ordenou que ela o tirasse e pisasse nele com vontade, até destruí-lo. Ela o fez sem pestanejar.

— Que obediência estúpida! – desdenhou Bianca, com desprezo.

Todo cheio de si, até porque ganhou a aposta feita com Hortênsio e Lucêncio, Petrucchio empolgou-se e exigiu:

— Encarrega-te de dizer a essas duas cabeçudas as obrigações que devem ter para com seus maridos e senhores, minha doce Catarina.

A viúva não acreditou que ela se submeteria:

— Não o fará!

Fez. Catarina divertiu-se e começou com ela.

— Tem vergonha! – gritou, procurando dar surpreendente veracidade a suas palavras, iludir desconfianças e ao mesmo tempo deixar boquiabertos todos que ainda tinham alguma dúvida, por menor que fosse, de que Petrucchio a tinha à sua mercê. – O marido é seu senhor, sua vida, seu protetor, seu chefe e soberano. É quem cuida de você, e, para mantê-la, submete o corpo a trabalho penoso, seja em terra, seja no mar – todos se calaram, mudos de espanto, a começar por Baptista. – E não exige de você outro tributo senão amor, beleza, sincera obediência. Pagamento reduzido demais para tão grande esforço. O mesmo dever que prende o servo ao soberano prende ao marido a mulher. E, quando ela é teimosa, impertinente, azeda, desabrida, não obedecendo às suas ordens justas, que é então senão rebelde, infame, uma traidora que não merece as graças de seu amo e amante? Tenho vergonha de ver mulheres tão ingênuas que pensam em fazer guerra quando deviam ajoelhar e pedir paz. Ou procurando poder, supremacia e força, quando deviam amar, servir, obedecer... – Petrucchio sorria, feliz, satisfeito, um olhar soberbo dirigido a todos que se encontravam no amplo salão e ouviam pasmos. – Também já tive um gênio tão difícil, um coração pior. E mais razão, talvez, para revidar palavra por palavra, ofensa por ofensa. Vejo agora, porém, que nossas lanças são de palha. Nossa força é fraqueza, nossa força, sem

remédio. E, quanto mais queremos ser, menos nós somos. Assim, compreendido o inútil desse orgulho, devemos colocar as mãos, humildemente, sob os pés do senhor. Para esse dever, quando meu esposo quiser, a minha mão está pronta.

Hortênsio ainda levantou-se e cumprimentou Petrucchio:

— Você domou uma megera brava!

Lucêncio chegou a dirigir-se a ela e afirmou:

— Estou assombrado, minha senhora. Está domada.

Era no que acreditavam. Até Petrucchio.

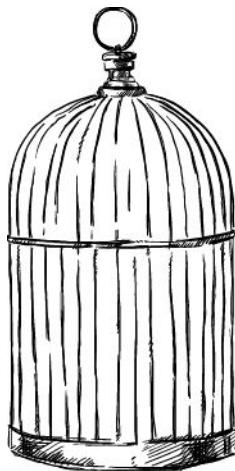
Arrogante e mais vaidoso do que nunca, ele virou-se para ela e disse:

— E agora, Catarina, para a cama!

Catarina sorriu.

Divertiu-se com todos, a começar por Petrucchio.

Ah, o poder...

Quanta ilusão!

Epílogo

E então...

Eu, como você, também tenho a maior curiosidade em saber quais foram as impressões, mesmo que etílicas, do bom beberrão Sly, para quem, afinal de contas, se contou essa interessante história de Catarina, a megera domada. O Bardo, no entanto, para meu completo atordoamento e inacreditável perplexidade, simplesmente ignorou, deixou de lado como algo sem importância.

Eu, pessoalmente, acredito que, pelo menos para ele, não tinha importância.

Sly, o nobre entediado que pretendeu se divertir à sua custa e tudo mais, ficou por aí, em qualquer escaninho sem importância do imaginário, em um arquivo empoeirado e, por sinal, ignorado da história, prisioneiro de sua desimportância.

Fazer o quê?

Coisa de gênio, não é mesmo, Bill?

FIM

WILLIAM SHAKESPEARE
O Mercador de Veneza
TEXTO ADAPTADO
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Texto
William Shakespeare
Adaptação
Júlio Emílio Braz
Revisão
Agnaldo Alves
Diagramação
Fernando Laino
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
GeekClick/Shutterstock.com;
wtf_design/Shutterstock.com;
Uncle Leo/Shutterstock.com;
RATOCA/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527m Shakespeare, William

O Mercador de Veneza [recurso eletrônico] / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021.

96 p. ; ePUB ; 1,5 MB.
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-344-7 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Teatro. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título.

2021-393 CDD 823
CDU 821.111

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Ele me humilhou, impediu-me de ganhar meio milhão,
riu de meus prejuízos, zombou de meus lucros,
escarneceu de minha nação, meteu-se nos meus negócios,
fez que meus amigos se arrefecessem, encorajou meus
inimigos. E tudo por quê?
Porque sou judeu.

O MERCADOR DE VENEZA – Ato III – Cena I

Apatia

Faltava compreensão, sobrava perplexidade. Ninguém, fosse entre seus amigos, fosse entre conhecidos, fosse até mesmo entre os que cruzavam seu caminho, sabiam explicar. Estranheza. Era tudo o que restava a cada um deles. De qualquer maneira, longe de diminuir, a curiosidade crescia e, mais o tempo passava, menos se entendia aquela persistente apatia que tomava conta do semblante taciturno e a alma silenciosa de Antônio.

Tudo soava excepcional e estranho.

Como poderia ser?

Tolice?

Falta do que fazer ou inexistência de outros objetivos a perseguir e alcançar, já que para muitos ele parecia ter tudo na vida?

Muitos, como Bassânio, o mais romântico dentre todos os parentes e amigos, apostavam em alguma desilusão amorosa, e assim iam todos os que gravitavam em torno dele, a se digladiar em muitas respostas e nenhuma delas conclusiva o bastante para satisfazer a todos. Persistia a apatia do nobre e virtuoso Antônio, e, obviamente, com ela, novas e novas sugestões.

Difícil compreender, e por causa dessa persistente e constante dúvida, volta e meia um dentre tantos amigos se impacientava e o questionava. Diante de tantos e tão variados questionamentos, invariavelmente a resposta de Antônio era:

– O que eu poderia lhe dizer que já não disse a tantos outros, meu

amigo? Sinceramente, não faço a menor ideia por que estou tão triste.

– Decerto não se trata de dinheiro – observou Salarino, o mais pertinaz dentre os amigos que o interpelavam de tempos em tempos acerca da melancolia que o entediava e que já se tornara lendária, fonte de comentários por toda Veneza.

– Fosse esse o caso e lhe asseguro que não haveria problema algum – afirmou Antônio.

– Então...

– É exatamente isso que mais me aborrece. Não encontro explicação para meu estado de espírito. Desconheço por completo de onde saiu e quando surgiu tal tristeza.

– É uma tristeza?

– Não sei bem. Faz tempo que me vejo em tal situação, mas se você me perguntar quando, exatamente, desconheço. Deve ter sido aos poucos, de maneira bem imperceptível, um inimigo invisível que foi crescendo, atormentador.

– Estranho, não?

– Você nem pode imaginar quanto. Por vezes me sinto tão oco que tenho medo de mim mesmo, do vazio em que se transforma a minha vida. Tudo se torna tão sem sentido, os valores da existência se perdem tanto que tenho medo de mim e do que possa fazer.

– Deus te proteja e a nós não desampare, Antônio! Que loucura é essa?

– Já pensei estar enlouquecendo, mas não acredito nisso. Aqui e ali me sinto como alguém a quem faltam objetivos, que alcançou certo patamar de satisfação pessoal e não lhe falta dinheiro para realizar o que quer que seja.

– Aliás, algo bem comum àqueles que não precisam lutar de modo mais feroz e desesperado pelo pão de cada dia... – observou Salânio, um tipo rubincudo e quase inteiramente calvo, que acompanhava Salarino.

– Não me tome por um burguês entediado, Salânio!

– De modo algum, meu amigo. Queira me perdoar. Eu realmente não devia ter me permitido comentário tão leviano nem me entregar a julgamento tão apressado. Mas me custa crer que alguém como você, senhor de vários galeões e possuidor de grande fortuna, invejado até entre os burgueses mais ricos de Veneza, esteja sendo importunado por dúvidas e preocupações mais comuns a um dos muitos pensadores e filósofos que infestam tabernas e pátios de universidades.

– Quem sabe Antônio esteja triste simplesmente por não conseguir parar de pensar nas muitas cargas que tem a bordo de seus galeões pelos mares deste mundo – opinou Salarino.

– Pode ser – apressou-se Salânio em concordar, fugindo do olhar contrariado e aborrecido que Antônio lhe lançara um pouco antes.

– Não, não. De maneira alguma...

– Então está amando – sorriu Salarino, empertigando-se, o corpo macilento e balouçante equilibrando-se alternadamente em uma perna e outra, um risinho malicioso iluminando-lhe os pequenos olhos azuis-acinzentados.

— Você já nos levou por tal caminho, meu amigo, e como sabemos, ele se mostrou equivocado. Não, não estou apaixonado.

– Não seria exatamente esse o problema? – insistiu Salânio.

Antônio surpreendeu-se:

– Como assim?

– A ausência de paixão em sua vida, quero dizer...

– Ora, por que insistir nesse assunto? Eu já disse que nada tem a ver com amor ou paixão.

Salânio e Salarino se entreolharam, o primeiro balançando a cabeça negativamente e dizendo:

– Desisto!

– Talvez devesse procurar rir um pouco, buscar uma trupe de atores que consiga lhe provocar algumas boas gargalhadas – tornou Salarino, insistente. – Já pensou nisso?

– Em mais de uma ocasião... – Antônio calou-se ao ver Bassânio e dois companheiros de mesa em uma das mais conhecidas tabernas do Rialto aproximando-se.

– Olhem quem vem chegando – disse Salânio. – Creio que iremos embora, certos de que você estará em melhor companhia.

– Nos veremos mais tarde – prometeu Salarino; virando-se para Bassânio e os outros, despediu-se: – Tenham um bom dia, senhores.

– Não se vá ainda, meu amigo – pediu Bassânio.

– Temo não ser possível ficar nem mais um segundo aqui. O trabalho nos espera.

– Lamentavelmente...

– Asseguro que nossas próximas folgas estarão à disposição de todos – prometeu Salarino, afastando-se rapidamente com Salânio e deixando Bassânio e os outros na companhia de Antônio.

Ao ver Salânio e Salarino se distanciando rua abaixo, Bassânio

sorriu, divertido, e por fim perguntou:

– O mesmo assunto de sempre?

– Como sabe? – redarguiu Antônio.

– E existe outro quando você está presente?

Riram.

Lourenço, um dos homens que acompanhavam Bassânio, um gigante avermelhado e de longa barba grisalha, achegou-se e disse:

– Senhor Bassânio, já que encontrou seu parente, eu e Graciano os deixaremos. Muito gratos ficaríamos se os dois puderem cear conosco hoje à noite.

– Combinado – disse Bassânio.

Virando-se para Antônio, Graciano, alguns centímetros mais baixo do que Lourenço, as pontas do espesso bigode caindo pelos cantos de uma boca larga e praticamente sem lábios, insistiu:

– Ainda doente, senhor Antônio?

Antônio surpreendeu-se:

– De onde você tirou semelhante ideia, Graciano?

– Seu aspecto...

– Pareço adoentado?

– Seu aspecto mofino nos preocupa.

– Pois não deveria se preocupar, meu amigo.

– Como não? Você é um bom homem e... – Graciano calou-se, constrangido, ao ser alcançado pela censura silenciosa do seu olhar do companheiro. – Bom, deixemos tais assuntos para mais tarde, não é mesmo, Lourenço?

O sorriso de Lourenço apresentava uma ponta de alívio quando seus olhos abandonaram a figura constrangida de Graciano e fixaram-se em Antônio e Bassânio.

– Muito bem – disse, mostrando-se satisfeito. – Até logo mais, na ceia. E tranquilizem-se, pois farei o papel de mudo, pois Graciano não me deixa mesmo falar.

Antônio e Bassânio esperaram pacientemente que ambos se perdessem na multidão que ia e vinha pelas ruas próximas, antes que Antônio se voltasse para o amigo e pedisse:

– Diga-me o nome da donzela a que você prometeu ir ao encontro e da qual prometeu que me falaria hoje.

O constrangimento fez-se presente no rosto de Bassânio, e por uns instantes ele obstinou-se em um certo silêncio.

– Certamente você não ignora que dissipei a minha pequena

fortuna tentando sustentar um estilo de vida que foi bem além de meus parcos recursos, não é mesmo, Antônio? Atualmente não me pesa abrir mão desse alto estilo. Apenas me preocupo em pagar minhas dívidas em dia e não me enrolar em outras tantas. Infelizmente, apenas o grande débito que tenho contigo fui incapaz de quitar e, por enquanto, só lhe posso agradecer a amizade e a generosidade com que me apoia em meus projetos de ficar livre dessas dívidas.

– Não tenha dúvida de que todos os meus recursos sempre estarão à sua disposição até que se livre da última de suas dívidas.

– Você já me emprestou muito e, como jovem desajuizado e tolo, perdi tudo que lhe devo e até hoje não consegui pagar.

– Deixe disso, Bassânio! Você me conhece bem o bastante para não perder tempo com apelos desnecessários à minha afeição ou, pior ainda, à lisonja. Seus elogios mais me aborrecem do que agradam, pois parece que necessito deles para que você conserve minha generosidade e decerto não preciso disso. Basta que me diga do que precisa e que só possa ser por mim realizado, e estarei à sua disposição.

– Antônio, eu...

– Vamos falar de uma vez!

– Há uma jovem em Belmonte que recentemente recebeu uma grande herança. Trata-se de uma criatura muito linda e, além do mais, virtuosa. Seu nome é Pórcia e há não muito tempo trocamos mais do que apenas olhares e mensagens, mas não fomos além disso. Fosse apenas a grande fortuna que possui e Pórcia seria objeto da atenção e do interesse de muitos pretendentes, mas é uma criatura de rara inteligência e outros tantos predicados, o que a faz ser procurada por muitos interessados em conquistar tanto ela quanto a grande herança...

– E é isso que você quer? A bela Pórcia?

– Ah, Antônio, tivesse eu meios para me apresentar como pretendente e não tenho a menor dúvida de que seria o felizardo a conquistar-lhe o coração.

– Você sabe que o ajudarei, Bassânio. Por outro lado, também sabe que tudo que tenho está neste momento no mar. Neste momento, dinheiro tenho pouco, e bens possuo poucos para levantar grande soma ou pelo menos o suficiente para ajudá-lo em sua empreitada. Portanto, tudo o que posso lhe pedir é que saia a campo e ponha à

prova meu crédito em Veneza. Tenho plena confiança de que não terá que ir muito longe nem enfrentará grande dificuldade para prover-se de forte numerário.

– O que sugere?

– Não lhe parece óbvio?

– Receio envolvê-lo em apuros...

– De maneira alguma. Além do mais, não é você que me pede, mas, antes, eu que ofereço.

– Tem certeza?

– Não perca mais tempo comigo, Bassânio. Vá e informe-se por seu lado que eu, do meu, farei o mesmo. Busque onde há dinheiro para emprestar. Eu me espantaria se depois de procurar por certo tempo nada tenhamos obtido com meu crédito.

Pórcia e os três cofres

Pórcia, de tempos em tempos, desabafava:

– Por minha fé, Nerissa, este mundo grande cansa-me à exaustão o pequeno corpo.

Como não reclamar?

A paz de uma existência tranquila e feita de momentos simples e encantadores no seio de uma família que a amava profundamente perdera-se em definitivo desde que o pai falecera. Apaixonado, mas antes de mais nada preocupado com o futuro da filha, criatura delicada e pouco experiente em suas relações com o mundo, ele sempre se inquietara com o destino dela porque apenas uma antiga dama de companhia e os empregados da luxuosa construção conhecida como Belmonte fossem as únicas pessoas a conviver com Pórcia. Nada o angustiava mais do que os muitos pretendentes que certamente apareceriam quando a notícia da fabulosa herança que recebera se espalhasse por Veneza e pelas muitas embarcações que nela aportavam. Temia que a filha acabasse nas mãos de algum salafrário que a privasse de uma vida decente e com todos os luxos a que estava acostumada desde que nascera. Homem cauteloso e previdente, cercara Pórcia de cuidados, sendo os três cofres o mais engenhoso.

– Sinceramente, senhora, acreditais no que dizeis?

– Estarei errada? É o que dizeis, Nerissa?

– Longe de mim tentar censurá-la ou dizer que estais pelo menos

equivocada, minha senhora.

– Mas...

– Como?

– Sempre há um “mas” em nossas conversas, não é mesmo?

– Sei quanto recrimina o ato de vosso pai...

– Recriminar? Achas mesmo que tenho tal oportunidade?

– Senhora, por favor...

– Nunca tive tal oportunidade.

– Exageras...

– Como posso ter exagerado se nem tomei parte na decisão de meu pai? Como posso se nada sou além de uma filha viva que precisou se dobrar à vontade de um pai morto e, portanto, nem tenho direito de recusar quem me desagrada e muito menos escolher quem desejo?

Estranho?

Muitas pessoas talvez considerem mais adequada a palavra “bizarro” ou mesmo “extravagante”. De todo modo, foi o que o falecido senhor de Belmonte, o zeloso pai de Pórcia, decidiu fazer algum tempo antes de falecer.

– Vosso pai foi sempre a virtude encarnada, e pessoas iguais a ele, ao morrer, têm inspirações felizes – dizia e repetia Nerissa sempre que se via envolvida em tais discussões com a bela e inconformada Pórcia. – Tenho a mais absoluta certeza de que a solução dos três cofres foi a maneira mais sensata que ele encontrou para resguardá-la de aventureiros e espertalhões.

Pórcia alcançou-a com um olhar contrariado e um sorriso zombeteiro.

– Achas mesmo? – indagou.

Os três cofres. Sempre que Pórcia pensava neles, sua alma confrangia-se de irritação e inconformismo. Indignava-se ao pensar que realmente teria passado pela cabeça do pai que tal estratagema seria eficiente para protegê-la de todo pretendente mal-intencionado.

Absurdo! Maior deles!

Ele a chamara de loteria. Uma loteria concebida por ele a partir de três cofres – um de ouro, outro de prata e um terceiro de chumbo. Quem escolhesse segundo o modo de ele pensar, ou seja, escolhesse o cofre que seu pai considerasse bom, também seria considerado aquele que a amaria de verdade, e ela estaria contrariando o pai se não o aceitasse. O grande dilema, verdadeiro nó inextricável, era que, quando o cofre era o certo, Pórcia nem sequer cogitava casar-se com o

pretendente em questão.

– Lembrais do príncipe napolitano? – perguntou Nerissa depois que Pórcia a questionou sobre a justeza do exasperante jogo proposto pelo pai para que se casasse com um homem que preenchesse suas condições.

– Deus me livre, não passava de um potro chucro. Ele não fala de outra coisa a não ser de cavalos, cavalos e mais cavalos. É tanta falação equina que cheguei a considerar que a mãe dele tivesse partilhado a cama com um ferreiro.

– E o conde palatino?

– Esse é arrogante e mal-humorado. Toda vez que olho para ele, pareço ouvir "Se não vai me escolher, falai logo!"

– Monsieur Le Bon?

– Aparenta e se enxerga como verdadeira perfeição humana. Cassasse com ele, seria incapaz de amá-lo, pois sua autoestima me faria acreditar que casara com um homem e me deitaria com uns vinte, tantas são as suas qualidades.

– E Falconbridge, o jovem barão inglês?

– Não sei o que dizer. Ele não me compreende, e eu muito menos a ele. Não fala nem francês, italiano ou latim e, cá entre nós, até seu inglês é ruim. Veste-se como mostruário de vendedor itinerante: o gibão é italiano, os calções largos certamente foram comprados na França, o gorro é indubitavelmente alemão e suas maneiras se constituíram em toda parte.

– Mas do escocês gostaste, não?

– Pobre poltrão. Foi esbofeteado com ou sem razão por seu vizinho inglês e recebeu outras tantas bofetadas do francês.

– E o que dizer do jovem alemão, sobrinho do Duque da Saxônia?

– Um espetáculo apavorante: repelente pela manhã, quando ainda não se entregou à embriaguez; indescritivelmente nojento à tarde, quando já está embriagadíssimo. Ao anoitecer, seu pior momento: pouco pior do que um homem, pouco melhor do que um animal. Tudo é preferível a me casar com uma esponja.

Diante de candidatos tão abomináveis e comportamentos tão execráveis, pois eles pouco faziam questão de ao menos aparentar algum interesse por ela, Pórcia dizia e repetia:

– Nenhum me interessa!

Nessas horas Nerissa sorria e se divertia ao lhe informar:

– Acalmai vosso coração, senhora, pois todos sem exceção já

deixaram clara a intenção de voltar para suas casas, pois, não havendo outra maneira de fazer a corte e conquistar vosso interesse, fogem da imposição de vosso pai com relação aos cofres.

– Acabarei virgem e portanto casta, se depender dessa loteria esdrúxula inventada por meu pai!

– Lamentavelmente, senhora...

– Não se perderá nada, acredite, pois não há nenhum dentre esses pretendentes que eu não me encante de ver o mais distante possível desta casa.

– Será mesmo, senhora?

– Não tenho a menor dúvida. Não pus os olhos em nenhum homem que pudesse pelo menos se candidatar e chamar a minha atenção.

– Ah, não vá tão longe em tais comentários, por favor.

– De que estais falando, Nerissa?

– Acaso não lembrais dos tempos em que vosso pai ainda vivia e entre nós esteve um veneziano, um jovem soldado e estudante, acompanhando o Marquês de Montferrat?

– Ah, sim. Se não me engano chamava-se Bassânio...

– Esse mesmo. De todos os homens em que pus os olhos e estiveram aqui em Belmonte, foi o que julguei mais adequado e digno de uma bela esposa como a senhora.

Repentinamente, um dos criados entrou e, encaminhando-se para as duas mulheres, informou:

– Senhora, os quatro estrangeiros estão a vossa espera para apresentar suas despedidas, e acabou de chegar um emissário de um quinto, o Príncipe de Marrocos, informando que o príncipe, seu amo, chegará em Belmonte ainda esta noite.

Pórcia bufou, desanimada, e resmungou:

– Pudesse eu apresentar as boas-vindas a este quinto pretendente, como fiz aos quatro que partem, ficaria imensamente feliz.

Shylock

O olho direito de Shylock estreitou-se até aparentar estar fechado, a abertura denunciada pela centelha de interesse que o iluminou e fixou-se no rosto ansioso de Bassânio. Um sorriso matreiro abriu caminho pela longa barba grisalha e perdurou por uns instantes até que ele disse:

– Três mil ducados?

Bassânio, ansioso, anuiu:

– Sim, senhor. Por três meses.

– Por três meses – repetiu Shylock, os olhos deambulando pela multidão que ia e vinha, atarefada, pela ampla praça onde Bassânio o abordara enquanto se encaminhava para a pequena loja de Tubal, um dos poucos amigos que tinha em Veneza ou em qualquer lugar deste ou de outro mundo onde estivera.

– Dos quais, como já lhe disse, Antônio, meu parente, servirá de fiador – explicou Bassânio. – Decerto você o conhece, pois não?

– Quem não conhece Antônio em Veneza, meu bom homem? – Shylock endireitou o corpo magro e ossudo dentro da larga túnica negra que lhe chegava praticamente até os pés.

– Então? Seria possível me dar a resposta com alguma brevidade?

– Três mil ducados e Antônio como fiador, é assim mesmo?

– Compreendeste bem. Então? O que responde?

– Antônio é certamente um bom homem...

– Acaso você já ouviu alguma afirmação em contrário?

– De maneira alguma, meu jovem, de maneira alguma. E posso assegurar que não serei o primeiro a desmerecer seu honrado nome com alguma infâmia.

– Então...

– Nada há de desabonador quando dele falamos, mas você certamente concordará comigo quando digo que, como fiador, a figura de Antônio é inatacável, mas na verdade seus bens, apesar de respeitáveis, são hipotéticos.

– Como assim?

– Flutuam nas águas traiçoeiras de mares imprevisíveis, e apesar de seus galeões transportarem verdadeiras fortunas, encontram-se espalhados mundo afora e à mercê do imponderável. Uma simples tempestade nas costas inglesas pode pôr a pique até o mais imponente de seus galeões. Os piratas que infestam os mares perigosos do Golfo do México já levaram mais de um dos ricos burgueses do Rialto à falência com seus ataques, tanto ou mais do que a imperícia de marinheiros beberrões que infestam as tripulações de todas as embarcações que entram e saem de nosso porto todos os dias...

– Apesar disso, não há um homem sequer que possa dizer que Antônio lhe deve um único ducado, não?

– Absolutamente! A fiança dele é aceitável.

– Com certeza.

– Acredito piamente nisso, mas gostaria de conversar com o próprio Antônio. Seria possível?

– Venha cear conosco.

– Ah, como não. Irei prazerosamente partilhar de sua mesa, em especial me deliciar com seu porco...

– Não precisará fazê-lo se assim não o desejar.

– Ouça bem, meu jovem: venderei e comprarei com cristãos, decerto que conversarei com você, andarei em sua companhia e não me importarei em ir ainda mais longe em se tratando de negociar com os dois. No entanto, em tempo algum comerei com vocês e muito menos beberei ou rezarei... – Shylock calou-se abruptamente ao perceber que o olhar de Bassânio fixara-se em algum ponto às suas costas, de onde provinha um burburinho inquieto de vozes. – Mas que barulheira é essa?

Bassânio sorriu ao ver Antônio desvencilhar-se de um pequeno grupo de comerciantes e avançar na direção de ambos.

– É o senhor Antônio – informou.

Shylock calou-se, rilhando os dentes com irritação. Impossível dissimular a grande contrariedade e a irritação que o dominavam quando seus olhos cruzavam com os de Antônio. Como não o fazer? Odiava-o por ser cristão, mas ainda mais por ser um dos principais responsáveis pelas dificuldades que enfrentavam seus negócios em Veneza.

Amaldiçoava-o pela simplicidade de seu comportamento, mas, antes de mais nada, por emprestar dinheiro gratuitamente e por isso baixar a taxa de juros entre ele e os outros prestamistas, que amealhavam suas fortunas no desespero e nas dívidas que volta e meia assombravam os ricos burgueses do Rialto. A bem da verdade, odiava Antônio tanto quanto este o desprezava. Lembrava-se dos insultos que ele lhe dirigia sempre que o encontrava explorando a miséria humana, não perdia uma oportunidade de condenar seus negócios e o lucro que auferia de seus empréstimos. Não, de maneira alguma o perdoaria por tudo o que fazia e dizia sobre ele e sua gente.

Percebendo-o calado, os olhos acompanhando a lenta aproximação de Antônio, que avançava rodeado por um animado grupo de mercadores, Bassânio o chamou:

– Está me ouvindo, Shylock?

O prestamista dissimulou um sorriso e respondeu:

– Estava pensando em quanto disponho de fundos para atender a seu pleito, meu jovem, e infelizmente não acredito que tenha quantia tão vultosa. Mas não se preocupe. Tubal, um rico amigo e hebreu como eu, chega a Veneza ainda hoje e certamente me socorrerá.

– Como assim?

– O empréstimo será por quantos meses mesmo?

Bassânio mal teve tempo de responder, pois no mesmo instante Antônio aproximou-se de ambos e o chamou, os olhos buscando Shylock com mal-disfarçada hostilidade.

– Seja bem-vindo, senhor Antônio – cumprimentou Shylock, forjando tão falsa receptividade que o constrangimento incomodou a ele mesmo. – Estávamos falando exatamente do senhor.

– Imagino do que se trata – admitiu Antônio secamente. – Embora eu nunca empreste ou pegue emprestado, e muito menos me sujeite a pagar juros e cobrá-los, por conta da urgência de meu amigo resolvi abdicar de tal hábito para ajudá-lo. Acredito que Bassânio já lhe pôs a par do valor que...

– Sim, ele já o fez – apressou-se em dizer Shylock. – Três mil

ducados, não é?

– Por três meses – ajuntou Antônio.

– Certamente, certamente. Três meses e com a sua fiança. Deve ser algo desagradável para o senhor, não?

– Do que fala?

– O senhor acabou de dizer que nunca pegará dinheiro emprestado...

– Nunca!

– Três mil ducados, três mil ducados... deixe-me ver quanto isso vai me render...

Antônio sentia-se aviltado em suas mais fundamentadas convicções. Desprezava Shylock e gente como ele. Sob outras circunstâncias, manteria a maior distância possível e o trataria como a um leproso ou pior ainda, pois pelo menos a um leproso devotaria a piedade cristã que o tornara conhecido entre os moradores de Veneza.

Explorador da miséria humana! Desprezível arremedo de gente!

Os xingamentos deambulavam por sua mente quanto mais Shylock se demorava em seus cálculos secretos. Antônio sabia que aquilo não passava de maneira astuta de divertir-se à sua custa, pois Shylock tinha ciência de quanto Antônio se sentia pouco à vontade em sua companhia.

– Vamos, Shylock, não tenho o dia todo! Desembucha de uma vez: podemos fazer um acordo?

Shylock sorriu, debochado, e comentou:

– O mundo realmente dá muitas voltas, não é mesmo, meu caro senhor Antônio?

– Do que o senhor está falando?

– Quantas vezes o senhor me encontrou no Rialto e debochou do meu dinheiro e da maneira como eu o ganhava, vivendo dos juros que cobrava? Lembra-se disso?

– E o que isso tem a ver com o caso?

– Recorda-se por acaso das palavras horríveis como se referiu a mim?

– O senhor mereceu cada uma delas.

– Se assim prefere crer...

– Sempre foi a verdade.

– Que assim seja.

– Assim é! – Antônio impacientou-se e resmungou: – E afinal de contas, o que o senhor deseja com essa falação inútil? Vingar-se?

– Nem um pouco. A satisfação que encontro ao tê-lo na minha frente, necessitando de meu dinheiro, o mesmo dinheiro que o senhor desprezou desde sempre, já me basta. Agora está claro que precisa de mim, e o senhor não pode imaginar como isso me deixa feliz. Venha! Vamos, diga que precisam de meu dinheiro! Lembra que me chamava de "cachorro"? Fosse eu vingativo e lhe perguntaria: "Será possível que um cachorro empreste três mil ducados a qualquer um?"

– Satisfaz humilhar-me antes de me emprestar seu dinheiro, é isso?

Shylock entrincheirou-se atrás de sorriso ainda maior, e como a deleitar-se um pouco mais em escarnecer de Antônio, continuou:

– Ainda na última quarta-feira, meu bom amigo cuspiu no meu rosto; ontem, me chamou de cão, e agora, em troca de tais cortesias, preciso emprestar-lhes todo esse dinheiro?

– Em algum momento lhe pedi que me emprestasse dinheiro como a um amigo? Pois se assim pensou, seu erro foi grandioso. Empreste-me como a um inimigo, pois caso eu falte com o compromisso e não o pague, com maior alegria me extorquirá tudo o que certamente estarei devendo.

A luz perversa de um ódio muito antigo e profundo espalhou-se vagarosamente pelo rosto enrugado de Shylock. Satisfação. Ele estava muito satisfeito. Tolice negar, e certamente não o faria. Muito pelo contrário, o que se entrevia entre as rugas profundas do rosto ossudo e hirsuto era um inesperado prazer que nem Bassânio e muito menos Antônio sabiam explicar muito bem.

– Incompreensível tanta raiva e contrariedade contra quem se presta a esquecer todas as injúrias sofridas até hoje e sanar a vossa necessidade com um dinheiro que até há alguns minutos desprezava – disse Shylock. – Eu pretendia ignorar esses anos de desprezo e ódio, e apesar de tudo, ainda é uma proposta amiga que tenciono lhes fazer.

– Acredito – disse Antônio, com desprezo. – Muito amiga...

– Já lhe darei prova dessa amizade.

– Realmente? De que modo?

– O senhor irá comigo neste momento ao notário e assinará um documento da dívida, no qual, por brincadeira, declarará que se no dia tal ou tal, em lugar escolhido de comum acordo, não pagar a quantia que me deve, concordará em ceder, como forma de pagamento, meio quilo de tua bela carne, que de teu corpo será cortada onde eu bem escolher.

– Aceito! – gritou Antônio, com entusiasmo e desabrida arrogância.

– Traga-me tal documento e eu, além de assiná-lo, ainda gritarei aos quatro ventos que mesmo um judeu é capaz de ser bondoso.

Bassânio inquietou-se. Não sabia exatamente o que tanto o incomodava na expressão matreira que identificava no rosto de Shylock. Uma armadilha. Teve a estranha impressão de que Antônio se deixara atrair para uma perigosa armadilha. A exótica proposta de Shylock aparentava muito mais do que realmente se via e não lhe soava como uma brincadeira.

– Nunca permitirei que assine tal documento! Prefiro continuar passando necessidade a ter de carregar o peso absurdo de tal decisão em minha consciência.

– Não se preocupe com isso, Bassânio. Eu vos asseguro que daqui a dois meses, ou seja, um mês antes de ter de honrar o compromisso assumido com Shylock, eu terei quitado a dívida.

Shylock colocou-se entre ambos e, vivamente ofendido, protestou:

– Como são ingratos e desconfiados os cristãos, meu bom deus! Suspeitam de todos e de tantas maneiras que nem se dão ao trabalho de parar e pensar.

– Sobre o quê? – questionou Bassânio.

– Qual seria o meu lucro se Antônio não me pagar a letra? Que proveito eu tiraria de meio quilo de sua própria carne?

– Se assim é, por que fazer tal proposta?

– Só para lhe ser amável.

– E espera mesmo que acreditemos nisso? – perguntou Bassânio.

– Na verdade, não espero nada de cristãos. Façam como bem entenderem. Se aceitarem minha proposta, ficarei feliz; caso contrário, passem bem e me deixem em paz.

Antônio gargalhou e afirmou:

– Pois bem, Shylock, se isso o deixa feliz, eu assinarei a letra.

– Assim é que se fala – disse Shylock. – Encontre-me dentro de algumas horas na casa do notário. Dar-lhe-ei todos os dados para preparar essa letra tão engraçada e lá ficarei esperando pelos dois.

Shylock saiu apressadamente. Ainda preocupado, Bassânio admitiu:

– Não confio nas palavras de um biltre como aquele judeu! Ele deve estar tramando algo.

– Não se preocupe, Bassânio – tranquilizou-o Antônio. – Seja lá o que for que esteja passando pela cabeça dele, meus barcos estarão de volta um mês antes.

Lanceloto e seu velho pai

Escapa à compreensão e a todo sentido essa insólita relação entre nós e a vida. Talvez seja por isso e por nenhum outro motivo que nos entretemos e tanto nos ocupamos em dar sentido a ela, pois se assim não fosse, como explicar a situação, mas antes de mais nada a relação entre Lanceloto e seu pai?

Nenhuma explicação se encaixaria nas idas e vindas de um com o outro e no tempo em que, juntos, foram pai e filho e mais adiante, quase que completos desconhecidos.

Explicar?

Perda de tempo. Nem pensar.

Nos primeiros anos ambos partilharam o mesmo teto com Margarida, mãe de um, esposa do outro. Teto que mudava com frequência, tantas foram as casas de que o velho Gobbo, pai de Lanceloto, se fizera servo e na verdade pau para toda obra. Seguiu-se o progressivo distanciamento que por fim os separou da mãe e esposa, falecida mais de uma década antes, lançou Gobbo à miséria e finalmente Lanceloto a trabalhar para Shylock. E assim ficaram os dois separados e abandonados a seus próprios infortúnios, Lanceloto à mercê da mesquinhez e da extrema avareza do prestamista, e Gobbo à indigência e à pobreza pelas ruas de Veneza, vivendo da boa vontade de comerciantes e mercadores, muitos ex-patrões, ou das poucas moedas que angariava à caridade de alguns.

Pois bem, e foi assim que o aleatório, regente da existência

humana, os colocou na mesma rua. Farto dos incontáveis padecimentos nas mãos de Shylock, Lanceloto perambulava sem destino certo, buscando o paradeiro de Bâssanio, interessado em colocar-se a seu serviço e livrar-se definitivamente do judeu que havia anos não fazia outra coisa que não fosse explorá-lo. Naquela manhã abandonara sua casa no firme propósito de não mais retornar, e apenas com uma vaga indicação acerca da residência de Bâssanio.

Nem sequer o conhecia e sobre ele construíra imagem e qualidades a partir de alguns de seus antigos empregados com quem conversara em uma ou outra taberna. Sem maiores planejamentos e empurrado a tal empreitada pela mais simples e óbvia falta de alternativa, digladiara-se, angustiado, contra os dois pedaços de sua existência, ouvindo-lhes os conselhos e ponderações, fossem bons, e portanto cautelosos, ou astuciosos, e portanto eivados de artimanhas e ousadias, algumas vezes no limite da própria maldade, até que na manhã daquele dia foi-se simplesmente.

O que tinha a perder?

Nada, responderia, diante da realidade cruel da miséria e da exploração a que fora confinado por Shylock, agarrando-se à possibilidade de auferir mesmo que modesto lucro com aquela troca de patrão. Orientando-se apenas pelas pedras das ruas, distraiu-se, antegozando os melhores momentos que acreditava ser capaz de encontrar a serviço de Bâssanio. Ensimesmou-se cada vez mais e nem ouviu quando uma voz roufenha e arrastada o chamou:

– Ei, mestre moço, poderia me fazer o obséquio de dizer qual o caminho da casa do mestre judeu?

Lanceloto inicialmente não o ouviu e, confinado dentro de suas mais caras apreensões, seguiu em frente, passando ao lado do velho que, apoiado em um pequeno cajado, vestia trajes andrajosos recendendo aos piores odores e deixando claro a penúria em que vivia. Somente novas e repetidas insistências foram capazes de levá-lo a parar e voltar-se para seu interlocutor.

Sobressaltou-se ao reconhecê-lo. Era seu pai. Velho, apavorantemente trajado de farrapos, os olhos remelentos e quase cegos, mais mesmo assim, seu pai, o velho Gobbo.

– Por gentileza, jovem mestre, saberia me dizer se este é o caminho para a casa do mestre judeu de nome Shylock? – insistiu ele.

– Dobrai à direita na primeira esquina, mas na esquina próxima de todas, à esquerda, ou seja, na mais próxima o senhor não precisará

dobrar nem para a direita nem para a esquerda, mas sim diretamente para baixo para chegar à casa do judeu – informou, ainda abobalhado, esquadrinhando a patética figura do pai que aparentemente se fazia incapaz de reconhecê-lo.

– Minha nossa, mas que caminho mais confuso! Sabe me dizer se um tal de Lanceloto, que me asseguraram morar com ele, realmente mora ou é outra informação errada?

– Fala do jovem mestre Lanceloto?

– Ele não é mestre coisa nenhuma!

– Como não?

– Ele não passa do filho de um homem pobre, extremamente honesto mas, por outro lado, inacreditavelmente pobre.

– Seja lá o que for o pai dele, eu lhe asseguro que estamos falando do jovem mestre Lanceloto.

– Se assim vos agrada, que seja.

– Agradando ou não, fato é que o Lanceloto a que o senhor se refere não se encontra mais entre nós.

– Como é?

– Ele está morto, meu bom homem.

– Hein?

– Foi para o céu.

– Que Deus não permita tal coisa!

– Por quê?

– Ele era meu filho, jovem mestre. Meu único filho e sustentáculo de minha vida na velhice.

A brincadeira acabou. Lanceloto se cansou dela. Deixou-a de lado em um rompante de contrariedade e, depois de dois ou três palavrões, resmungou novamente:

– E eu sou lá alguma bengala? Um mourão? Pareço alguma estaca ou escora?

O espanto de Gobbo não foi menor:

– Do que fala, jovem mestre?

– Jura, pai? O senhor realmente não está me reconhecendo?

– Tenha compaixão deste velho cego, jovem mestre. Não foi a minha intenção aborrecê-lo. Mas, por caridade, diga se meu filho está morto ou não.

– Não está de fato me reconhecendo... – balbuciou Lanceloto, um tanto espantado.

– Perdoai, senhor, mas a minha miopia anda cada vez pior e a cada

dia tenho mais dificuldade em enxergar.

– Meu velho, uma vez que não é capaz de me enxergar e reconhecer em mim seu único filho, peço que me dê sua bênção, pois sou efetivamente seu filho.

Gobbo achegou-se a ele, estreitando os olhos em um esforço inútil para enxergá-lo melhor, e por fim pediu:

– Por favor, senhor, fique de pé, pois, por mais que possa magoá-lo, não creio que seja meu filho Lanceloto.

– Acabemos de uma vez por todas com essas tolices, velho! Sou Lanceloto. Sou seu filho e seu descendente.

– Infelizmente não consigo acreditar no que me diz, meu amigo e jovem mestre.

– Não sei o que mais posso fazer ou dizer para convencê-lo, meu bom homem. No entanto, acredite ou não, sou Lanceloto, criado de Shylock, o judeu, e tenho certeza de que sua esposa Margarida foi minha mãe.

A luz de um amplo sorriso espalhou-se pelo rosto apergaminhado de Gobbo. No momento seguinte, ele foi inclinando o rosto na direção do rosto de Lanceloto, até que seu nariz tocasse o dele.

– Realmente, ela se chamava Margarida – admitiu, um travo de emoção lhe dificultando a fala. – Sendo assim, posso jurar que, se o senhor for Lanceloto, é minha própria carne e sangue. Deus seja louvado, meu filho!

– Finalmente!

– Espantoso como o senhor tem mais pelos no queixo do que Dobbin, meu cavalo, tem na cauda. Como cresceu o meu menino!

– Acredito, meu pai. Da última vez em que o vi, Dobbin tinha mais pelos na cauda do que eu no queixo.

– Faz tempo realmente. Vamos, vamos. Conte o que tem feito. Faz tanto tempo!

– Que gostaria de ouvir?

– Como se relaciona com seu senhor? Trouxe algum presente para ele? Ele o trata bem?

– O senhor poderá ter uma ideia de como são as nossas relações se souber que decidi ir embora ainda hoje.

– Santo Deus!

– Meu amo é judeu e nem em sonhos pretendo lhe dar algum presente. Quem sabe uma corda, e assim mesmo para ajudá-lo a se enforcar.

– Existirá criatura tão abominável?

– Certamente. Eu trabalhei até hoje de manhã para ele. Morro de fome a seu serviço. Sou praticamente pele e osso, e se há alguém a quem gostaria de dar um presente, este seria o senhor Bassânio, a quem procuro faz tempo e, pelo que soube, se dele fosse servo, receberia librés novas e raras, alimentação decente e um tratamento digno.

– Pobre filho... – Gobbo calou-se e, surpreendido pelo sorriso que emergiu dos lábios finos do filho, os olhos fixos em algum ponto às suas costas, perguntou: – O que foi, Lanceloto?

– Deus parece ter ouvido as minhas súplicas – respondeu ele, apontando para a frente e insistindo: – Veja quem está vindo logo ali...

– Bem sabe que meus olhos de muito pouco servem nessas horas, meu filho.

– Eis aquele que procuro tão desesperadamente e que está vindo aí!

Era Bassânio, que saindo de um beco próximo, acompanhado de vários empregados, se aproximava e lhe lançou um olhar de curiosidade ao se ver observado com persistência e interesse por Lanceloto.

Apesar da fragilidade extrema de seus olhos, a audição era preciosa e sempre vigilante. Mal ouviu o filho mencionar o nome de Bâssanio, o pobre Gobbo alcançou tanto seus passos quanto os dos companheiros, não apenas ouvindo o que diziam mas pressentindo a aproximação de todos.

– Deus o abençoe, Vossa Senhoria – disse, virando-se vagarosamente e colocando-se em seu caminho.

– Quer alguma coisa de mim hoje, Gramercy? – perguntou o recém-chegado, reconhecendo-o.

Mais do que depressa, esbugalhando os olhos debilitados em um esforço extremo para alcançar uma visão melhor, Gobbo apontou para Lanceloto e informou:

– Vê esse menino aqui ao meu lado, senhor?

– Decerto que sim – respondeu Bâssanio.

– É meu filho, um pobre menino que vive como cão e gato com seu amo.

– Sirvo a um judeu rico que vós muito certamente conheceis e como meu pai irá lhe explicar... – disse Lanceloto, tenso.

– A verdade é que, por conta dos maus-tratos que recebe cotidianamente, meu menino... – precipitou Gobbo.

Bâssanio impacientou-se e, interrompendo a ambos, pediu:

– Talvez fosse melhor que apenas um dos dois falasse...

Pai e filho se entreolharam e, por fim, Lanceloto admitiu:

– O pedido é impertinente mesmo para mim...

– E do que se trata? O que deseja?

– Servir-vos, meu senhor.

– Conheço-o e hoje mesmo, quando estive com Shylock, conversamos sobre este assunto. No entanto, o senhor deve convir que não é um grande negócio deixar o serviço de um judeu rico para se tornar criado de um homem modesto e sem maiores riquezas.

– Que assim se faça, não me importo.

– Muito bem dito – Bâssanio virou-se para Gobbo e pediu: – Pai, vá com seu filho e o ajude a se despedir do antigo patrão. Depois pergunte onde moro.

Lanceloto mal cabia em si de contentamento e seu sorriso alargou-se ainda mais quando Bâssanio virou-se para uns dos servos e ordenou:

– Mandai dar-lhe a libré mais luzidia.

– Vou me despedir do judeu num abrir e fechar de olhos – prometeu, afastando-se na companhia do pai.

Bâssanio esperou que os dois se afastassem junto com um dos criados antes de virar-se para outro, seguramente o mais velho dentre todos, um homem de estatura mediana e de constituição maciça de nome Leonardo.

– Por favor, Leonardo, não deixe faltar nada para a ceia com meus amigos hoje à noite.

– Podei confiar em mim, senhor – assegurou o criado, cofiando os longos bigodes repetidamente e, por fim, torcendo as pontas para cima.

Afastou-se e mal entrou em uma pequena viela à esquerda, quase chocou-se com Graciano, que ao vê-lo perguntou:

– Onde está seu amo?

– Ali, senhor, passeando na praça – respondeu, desaparecendo no interior de uma grande loja.

Mal o viu, Graciano o chamou e rumou ao seu encontro.

– Tenho um favor a lhe pedir – disse.

– Considere atendido – garantiu Bassânio. – Do que se trata?

– Preciso ir com você a Belmonte.

– Se é realmente preciso, irá comigo. Todavia, eu lhe pediria

encarecidamente que modere seus modos. Você sabe que tem um temperamento intempestivo, que muitos interpretam como grosseiro e mesmo selvagem, o que já nos envolveu em situações complicadas. Seria possível aquietar, mesmo que por pouco tempo, seu espírito inquieto e assim não colocar a mim e a meus projetos em má situação? Tenho fundadas esperanças de ser bem-sucedido.

– Senhor Bassânio, se eu não cumprir de maneira atenta e generosa cada regra de cortesia que lhe passar pela mente, jamais confie em mim em qualquer outra ocasião – assegurou Graciano, enfático e até mesmo contrariado com as preocupações manifestadas pelo amigo com relação a seu temperamento.

– Queira me perdoar se lhe digo sinceramente que esperarei antes de ver confirmada essa promessa.

– Muito justo!

Infortúnios de um pretendente

O príncipe chegou quando outros pretendentes se despediam e durante o resto do dia se dedicou a perambular pela suntuosa construção, entregando-se a toda sorte de indagação que o levasse a compreender a bela Pórcia, mas sobretudo a misteriosa loteria dos três cofres engendrada pelo pai da donzela com o intuito de controlar ou pelo menos tentar controlar a escolha de um marido.

A lisonja se fez óbvia moeda de troca, e sempre que podia ele se fazia cerimonioso e agradável, cobrindo-a de elogios e se mostrando humilde aos olhos de todos. O Príncipe do Marrocos não se apresentou pomposo ou excessivamente educado. Por outro lado, esmerou-se em humildade aceitável e jamais algum tipo de despojamento ascético. Tampouco arrogou-se o direito de dar ordens a criados e servidores que não lhe pertencessem. Guerreiro temível e de fama reconhecida, por mais incrível que parecesse não se estendeu em horas intermináveis narrando feitos heroicos ou batalhas intermináveis. Apresentou-se frugal em todas as refeições que lhe foram servidas e, até por força de sua religião, seguidor estrito que sempre fora da fé islâmica, absteve-se de levar aos lábios a menor gota de bebida alcoólica. Um modelo de virtude, acreditou-se.

Exímio manipulador das palavras — sabia-se que boa parte de suas conquistas redundaram da hábil e insidiosa utilização delas —, o elegante Príncipe do Marrocos, após ser apresentado aos meandros do engenhoso processo que o levaria a participar da loteria do pai de

Pórcia, considerando-a tão absurdo quanto inextricável, resolveu se valer de um sedutor atalho para escapar à derrota que vitimara os muitos pretendentes que de tempos em tempos enchiam os muitos quartos de hóspedes de Belmonte.

Justiça seja feita, ele era um dos melhores a pôr os pés naquele lugar. A oratória se apresentava apaixonante e envolvente. As palavras fluíam de maneira agradável, sem pressa e sem necessidade de encantar. Se esse fosse o objetivo, tudo era apresentado como encanto ou deslumbramento (a definição se fazia a partir de quem o estivesse ouvindo) racional. Nem paixão nem sofisma. Tudo que o Príncipe do Marrocos buscava era alcançar quem quer que fosse (e no caso específico de Belmonte, essa presa era a belíssima Pórcia) pela inteligência de seus argumentos. Infelizmente, o esforço foi grande mas inútil. Alguns segundos após ouvir silenciosamente, por quase duas horas, Pórcia limitou-se a lhe lançar um olhar singelo e declarou:

– Indispensável será sempre tentar a sorte, meu bom amigo. Por melhores que sejam todos os incontáveis argumentos apresentados, eu me comprometi com meu bom e generoso pai. Ou o senhor não se arrisca na escolha e com isso, não sendo feliz em minha companhia, fica interditado de nova busca da felicidade, ou simplesmente parte e mantém suas chances. Melhor refletir bem e demoradamente.

Homem obstinado e afeito a desafios, o Príncipe do Marrocos ignorou a advertência e, sustentando-lhe o olhar, afirmou:

– Não tenho a intenção de me ocupar em demasia de longas reflexões. Portanto, partamos de uma vez para essa grande aventura.

– Que assim seja – aquiesceu ela.

O primeiro cofre era de ouro e num dos lados lia-se a seguinte inscrição:

“Quem me escolher, ganha o que muitos querem”.

Na lateral do cofre de prata, a inscrição dizia:

“Quem me escolher, ganha o que bem merece”.

E por último, em lateral oposta de um pesado cofre de chumbo, a advertência era a seguinte:

“Quem me escolher, arrisca e dá o que tem”.

Enigmáticos. Os três.

Confuso e desconfiado, o Príncipe do Marrocos esquadrinhou os rostos silenciosos que o espreitavam na luminosidade baça do quarto.

“Como saber se fiz a escolha acertada?”

A pergunta pairou no vazio por alguns instantes e por fim perdeu-

se no silêncio, sem uma resposta que o convencesse.

Empertigada e sem demonstrar sentimento perceptível de aprovação ou desaprovação, Pórcia, ante a hesitação do príncipe, limitou-se a informar:

– Num desses cofres há um retrato meu e, se o senhor o encontrar, logo serei sua.

– Quanto tempo tenho?

– Use o tempo de que precisar, meu príncipe. Não há pressa alguma.

Mais uma vez o Príncipe do Marrocos debruçou-se sobre os três cofres.

Que fazer?

Como pensar?

Que pensar?

Por onde começar, tendo à frente tamanho desafio e perplexidade?

O cofre de chumbo, o mais pesado e menos valioso, aparentemente não estimulava ninguém a assumir o risco de escolhê-lo, pois talvez nada guardasse a não ser um grande engodo e a matreirice de um pai zeloso que muito provavelmente confinaria a pobre filha em uma existência celibatária e infeliz. Por outro lado, exatamente por ser destituído de valor, o plúmbeo desafio talvez ensejasse o maior valor dentre os três cofres. Ele se arrependeria se não o abrisse?

O Príncipe do Marrocos alcançou Pórcia com um demorado olhar de dúvida, o qual ela sustentou em silêncio por certo tempo, antes de finalmente, sem a menor contrariedade ou impaciência, dizer:

– Use o tempo de que necessitar para escolher.

Ele encaminhou-se para o segundo cofre, o de prata, e de imediato lhe agregou importância pelo simples fato de ele ser um metal bem mais valioso.

Mas isso bastaria?

Preferiu ignorar o metal e se ateve ao que nele estava escrito: “Quem me escolher, ganha o que bem merece”.

E o que seria?

Mais dúvidas.

“O que mereço, já que tenho muito?”, ele pensou. Por que régua deveria medir a promessa vaga de alguém que não o conhecera nem conhecera os demais pretendentes de Pórcia?

Outro engodo?

Titubeou. Inquietou-se quando se agarrou ao cadeado que fechava

o cofre e voltou-se para a figura impassível de Pórcia.

Ela nada disse. Nem sequer moveu um músculo do rosto pétreo, cujos sentimentos ninguém entrevia.

Debruçou-se finalmente sobre o enigma que poderia estar escondido dentro do cofre de ouro...

“Quem me escolher, ganha o que muitos querem.”

Certamente seria a donzela.

Seria?

Óbvio. Muitos a queriam, não queriam?

Pretendentes não vinham de tempos em tempos para vencer o desafio dos três cofres e conquistá-la?

Olhou-os mais uma vez, e depois mais outra, e mais outra, e mais outra, um inferno de dúvida e crescente irritação.

Chumbo ou ouro? Prata talvez?

Que fazer?

“O chumbo não vale nada e se o abrir, nada terei além de grande frustração. De prata, nenhum pai apaixonado pela própria filha faria um cofre no qual ofereceria sua submissão a qualquer pretendente, risco demais. O ouro é grande metal e provavelmente o ideal em se tratando de valorizar criatura tão preciosa”, refletiu. Um terceiro olhar para Pórcia o fez acreditar ou pelo menos suspeitar que tinha razão.

Teria sido algum gesto que fez? Uma centelha de inquietação que apareceu em seu olhar? Aquela mordida na ponta dos lábios?

Como saber? Possível crer que viu alguma coisa ou simplesmente imaginou?

Num forte repelão, agarrou-se ao cofre de ouro e apressou-se em abri-lo.

Inferno! Que decepção!

Nada havia dentro dele senão uma caveira que numa das órbitas vazias nada mais tinha do que um pedaço de papel caprichosamente dobrado. Desdobrou-o, angustiado, triste intuição a lhe dizer o que em seguida pode ler:

Nem tudo que reluz é ouro,
Já o disseram muitos sábios em coro.
Tal constatação quase sempre
Acaba em choro,
principalmente por parte daquele

que procura ouro.
Mausoléus não passam de comedouros
Onde vermes em fervedouro
Devoram a paz e a ambição,
Tanto faz.
Carregasse alguma sabedoria
Em tanta cortesia,
E a consulta não se feria
Sem alguma fantasia.
Vá em paz
E por favor, não volte mais.
Vossa ousadia foi castigada;
está fria
E pior,
a troco de nada.
É certo; agora não rio;
Ausente o calor, venha o frio.

Incapaz de dizer uma única palavra, a alma escrava e entregue a grande vergonha, o Príncipe do Marrocos nem mesmo cumprimentou a bela Pórcia. Reunindo seu barulhento séquito, empurrado por tímido toque de umas poucas trombetas, partiu tão depressa que nem ouviu quando Pórcia celebrou:

– Pronto! Livrei-me de mais um!

Jéssica

Ela aparentava estar real e sinceramente triste. Não havia muito a dizer e menos ainda o que pudesse fazer. O pai era o que se dizia dele e mais um pouco. Espantava-se de Lanceloto ter durado tanto tempo como seu empregado.

Pobre criatura!

Quem em toda Veneza acreditaria que fosse filha de Shylock?

Difícil crer.

Em nada se pareciam e não apenas em relação à aparência, mas acima de tudo em generosidade e simpatia.

Jéssica há pouco completara os 20 anos, e os traços delicados realçavam o aspecto frágil e atencioso. A alvura da pele impressionava, e as bochechas salientes e vermelhas se faziam resquício de uma infância, apesar de tudo, vivida em lar tranquilo, administrado pela mãe, da qual herdara as melhores qualidades. Dela ainda herdara os cabelos vermelhos e anelados, a placidez dos olhos de um azul intenso e aquoso.

Soavam misteriosas as razões pelas quais a mãe da bela jovem se unira em casamento a criatura tão execrável como Shylock. Uma infindável série de relatos explicava com perfeição o motivo de sua morte prematura; explicava também por que Jéssica passara a maior parte do tempo nas mãos cuidadosas e atentas de empregados como Lanceloto. Foram os muitos criados que Shylock contratava invariavelmente a preço vil e explorava sem dó nem piedade, o

principal motivo e a única explicação para serem tantos e de tão breve estadia em sua casa. Com seus esforços e zelo, eles transformaram a jovem na afetuosa e desejada donzela que até entre cristãos encontrava devotados pretendentes.

– Estou muito triste por saber que vai nos deixar, Lanceloto – disse ela, e estava sendo sincera enquanto acompanhava o ex-empregado por um dos corredores da escura e sombria casa que dividia com o pai e, nos últimos três anos, com Lanceloto. – Infelizmente posso te entender tão bem quanto os outros que passaram por essa casa nos últimos tempos. Estamos no inferno.

Lanceloto sorriu e, contemporizador, disse:

– Mas o que é isso, senhora...

– Apenas você e mais um ou outro a tornam minimamente alegre.

– Acredito que haja em suas palavras um certo exagero, bela senhora...

– Não, Lanceloto, e é inclusive por causa disso que lhe dou este ducado – disse Jéssica, e entregou-lhe uma moeda.

Lanceloto devolveu-lhe um sorriso zombeteiro e comentou:

– Veja só como sou inocente. Estava pensando que a moedinha era o pagamento por eu entregar vossa carta para aquele jovem cristão... Como é mesmo o nome dele?

– Lourenço. Você vai vê-lo em uma ceia oferecida por seu novo patrão. Por favor, tome cuidado. Por favor, meu estimado amigo, acautele-se. Não deixe que meu pai saiba que conversou comigo e, muito menos, que leva para mim uma carta para Lourenço.

Tais palavras ainda se repetiam, aflitivas e nervosas, em sua cabeça quando Lanceloto viu a porta escancarar-se e Shylock entrar, os olhos apertados, iluminados pela centelha de uma já conhecida desconfiança, indo dele para Jéssica, ainda de pé atrás do ex-empregado.

– Ah, então sois vós, biltre? – resmungou o prestamista.

– Eu já estava de saída... – informou Lanceloto, precipitando-se na direção da porta.

O risinho debochado de Shylock irritou-o quando ecoou em seus ouvidos.

– Agora seus próprios olhos julgarão a diferença entre o velho Shylock e esse tal Bassânio que tanto e por todos os meios desejou servir, não é mesmo?

– Será? – perguntou Lanceloto, parando na soleira e se virando,

fazendo uma careta de pouco caso. – Existirá necessidade de maiores comparações?

– Lá não poderás se empanturrar como fazes aqui... – comentou Shylock. – Nem rasgar tanta roupa.

Percebendo a crescente contrariedade no rosto silencioso, porém irritado de Shylock, Jéssica se adiantou e, colocando-se entre ambos, perguntou:

– Chamou, meu pai?

– Na verdade, não – respondeu o prestamista. – Mas já que está aqui...

– O que deseja? Em que posso ajudá-lo?

– A bem da verdade, em nada. Eu é que pretendia lhe comunicar...

– O quê, meu pai?

– Fui convidado para uma ceia hoje à noite.

– Onde?

– Na casa de um cristão de nome Bâssanio. Não se trata de convite sincero, mas apenas adulação. Nem sei se deveria ir. Ontem andei sonhando o tempo todo com dinheiro e isso sempre me inquieta.

– Devia ir, senhor Shylock – sugeriu Lanceloto.

– Por que diz tal coisa? Sabe de algo que eu não sei?

– Não, mas apenas que meu novo amo andou fazendo grandes preparativos e gastando muito dinheiro para recebê-lo a contento em sua casa. Não ficaria bem se o senhor faltasse ao evento.

– Tudo bem, tudo bem. Não tenciono faltar – Shylock virou-se para a filha e insistiu: – Feche as portas, ouviu bem, Jéssica? Juro pelo cajado de Jacó que não estou com a menor disposição de cear fora de casa, mas se não há alternativa, irei, que remédio, né? – tornou a encarar Lanceloto e, estapeando-lhe o braço, insistiu: – Vai, maroto, corre e diga-lhe logo que estou chegando.

– Agora mesmo, senhor – aquiesceu Lanceloto, precipitando-se na direção da porta e desaparecendo na escuridão que começava a se assenhorear do final do dia.

Reacendida a confiança na alma do velho prestamista, ele voltou-se para a filha e perguntou:

– O que queria aquele estouvado da geração de Agar? Que fazia aqui?

– Despedir-se – respondeu Jéssica. – Apenas isso, despedir-se.

– Verdade?

– Pelo menos foi o que disse e o que efetivamente fez.

– Melhor assim – Shylock continuou olhando para a porta entreaberta, como se ainda lhe fosse possível observar Lanceloto e, melhor ainda, suas intenções. – Bem, Jéssica, vá logo para dentro e faça o que te pedi: feche a porta. É bem possível que eu volte cedo.

Loucuras de amor

As fantasias e o pretexto de uma grande festa, daquelas que costumeiramente a endinheirada burguesia comerciante de Veneza costumava organizar em função dos interesses por vezes bem fúteis desta ou daquela família, mas, no caso de Graciano e seus amigos, a ceia fora feita para facilitar a fuga de Jéssica. Na verdade, não haveria festa alguma e tudo que interessava a todos eram os trajes que dissimulariam a fuga. Tudo planejado à perfeição por Lourenço.

– Durante a ceia nós escaparemos e correremos para trocar nossas roupas pelos disfarces – orientou. – Acredito que em menos de uma hora estaremos de volta e Shylock de nada saberá, a não ser, claro, quando já for tarde demais.

Salarino e Salânio tiveram de ser convencidos, alegando o primeiro que os preparativos não foram suficientes e que, portanto, algo poderia dar errado.

– Nem decidimos sobre quais os homens que levarão as tochas do falso cortejo – alegou.

Por seu lado, Salânio argumentava que, por essas e por outras, a brincadeira ficaria sem graça e o mais sensato seria abandonar a ideia e escolher uma nova data. Não fosse a paixão que incendiava o coração de Lourenço e a impaciência que movia seus atos, muito seguramente nada teria acontecido naquela noite.

– São apenas quatro horas – disse, tenso. – Ainda temos duas horas para nos preparar.

A repentina aparição fez o resto. Mal chegou, Lanceloto passou às suas mãos a carta que Jéssica enviara. Lourenço a leu rapidamente.

As brincadeiras foram igualmente imediatas:

– Posso garantir a todos que é mensagem de amor – brincou Graciano.

Risos.

Lourenço estranhou quando Lanceloto pediu para sair.

– Para onde vai? – indagou.

Lanceloto abanou as mãos em um gesto tranquilizador e informou:

– Ora, senhor, esqueceste? Tenho que convidar o meu antigo amo judeu para cear esta noite com meu novo amo cristão.

Novas gargalhadas. A ansiedade e o nervosismo do homem apaixonado divertia todos à sua volta.

– Cavalheiros! Cavalheiros! Já basta, não? – protestou ele. – Vamos logo nos preparar para nossa mascarada da noite? Eu, por mim, já encontrei meu portador de tocha.

– Certamente! – disse Salarino. – Já estou indo. Nesse momento mesmo.

– O mesmo digo eu – ajuntou Salânio.

– Todos nos encontrarão e a Graciano na casa de Graciano dentro de uma hora – prometeu Lourenço.

Tudo se passou muito rapidamente depois daquele primeiro encontro. Em menos de duas horas, Graciano e Salarino, usando suas máscaras, encontravam-se debaixo da sacada da casa de Jéssica.

– Lourenço nos disse para esperá-lo aqui, não é mesmo? – indagou Graciano.

– Já está tarde – observou Salarino, olhando de um lado para outro, receoso.

– Ah, não se preocupe, meu amigo. Os namorados sempre chegam antes da hora – assegurou Graciano.

Salarino indicou algum ponto na escuridão e disse:

– Acalme-se, meu bom homem. Lourenço está vindo aí!

Lourenço apareceu por fim, esbaforido e apressado, os olhos indo de um para outro, inquietos.

– Jéssica ainda não desceu? – perguntou. – Ela disse que estaria vestida de pajem...

Tanto Graciano quanto Salarino cruzaram os braços sobre o peito e puseram-se a rir do amigo, até que ele mesmo sorriu, constrangido, e desculpou-se:

– Perdoem-me pelo atraso, meus amigos. Prometo que quando for a vez de ambos de raptar suas donzelas, saberei compreender o atraso dos dois e chegarei na hora – olhando para a varanda ainda vazia, insistiu: – Olá! Por favor, há alguém aí?

Repentinamente, Jéssica debruçou-se na amurada e a luz fria de uma Lua minguante revelou-lhe o rosto pálido e angustiado, uma breve indagação sussurrada noite adentro:

– Quem é?

Lourenço, sorridente e aliviado, mostrou-se à luz e respondeu:

– Sou eu, seu amor...

– Lourenço, a quem amo tanto... Por isso me atrevo às maiores loucuras e despropósitos. Por amor.

– Minha flor...

– Por favor, meu querido, não brinque comigo. Estou morrendo de vergonha usando esses trajes de pajem...

– Vem, querida, não temos tempo a perder. Você será meu porta-tochas.

Jéssica espantou-se:

– Como? Terei eu que iluminar a minha própria vergonha?

– Não atormente seu coração sem necessidade, minha querida. Ninguém vai reconhecê-la, acredite, nessa encantadora fantasia de pajem.

– Ah, meu Deus, o que faço? Que vergonha!

– Vem logo, meu amor. Não temos tempo a perder. Logo, logo na casa de Bassânio começarão a dar pela nossa falta e você sabe bem como seu pai é desconfiado.

Mais uma vez Jéssica desapareceu na escuridão da sacada.

– Amigo Lourenço, você não conquistou uma judia, mas uma deusa... – afirmou Graciano, encantado.

Lourenço sorriu, envaidecido.

– Sei disso, meu bom amigo... Como sei... – balbuciou. – Por tudo o que é mais sagrado, meu coração pertence a ela, pois sinceramente lhe dedico grande amor. E não apenas por sua extraordinária beleza, mas igualmente por sua grande sabedoria e fidelidade. Quero tê-la para todo o sempre.

As palavras se perderam em seus lábios, sem o menor significado, logo que Jéssica apareceu. Tão breve era o tempo que a fuga se fez silenciosa mas, ainda assim, apaixonada.

Muito se riu e outro tanto se contou sobre aquela noite atribulada.

O pobre Shylock invariavelmente era motivo de chacotas e toda sorte de piadas dias depois que a filha partiu com Lourenço. Na verdade, as coisas somente pioravam conforme os detalhes iam se juntando à primeira narrativa, já de todo bem engraçada. O prestamista sentiu muita raiva dos principais personagens da fuga, incluindo nessa lista a figura odiada de Antônio.

– Mal o casal de apaixonados embarcou, Bassânio levantou âncoras e partiu – Salarino gargalhava estrondosamente entre um detalhe e outro, sempre acrescentando uma história aqui e outra ali, abrindo pequenas brechas na narrativa para acrescentar um ou outro comentário maledicente a respeito da reação de Shylock assim que soube da fuga de Jéssica com um cristão. – O biltre do judeu gritava tanto que despertou metade do governo, e pôs mais de um barco no encalço de Bassânio.

Apesar de insistir, Shylock jamais conseguiu provar o envolvimento de Antônio e muito menos de Bassânio na fuga de Lourenço e Jéssica, pois nem mesmo foi possível saber se os dois efetivamente embarcaram. Na mesma época e nas muitas semanas que se seguiram, ouviram-se muitos relatos garantindo que foram vistos trafegando em uma gôndola por vários canais de Veneza e até mesmo em outras tantas cidades, algumas bem distantes, o que levaria Shylock a despachar um de seus poucos amigos, Tubal, no encalço do casal.

“Oh, minha filha! Meus ducados! Fugir com um cristão! Meus ducados cristãos! Minha própria filha me roubou...”

Volta e meia muitos o viam repetindo aquelas acusações desesperadas pelas ruas de Veneza, completamente fora de si, grande amargura na voz embargada pela revolta. Tais protestos só não eram maiores do que o grande ódio que dedicava a Antônio, o que levou muitos de seus amigos e conhecidos a preocupar-se tanto com o rico comerciante quanto com a letra que assinara e que Shylock guardava a sete chaves em local desconhecido.

– Antônio tem que se cuidar, pois se perder o prazo do pagamento, nem sei o que poderá acontecer... – disse Salânio, preocupado.

– Ontem mesmo eu soube de um navio que naufragou no estreito entre a Inglaterra e a França...

– Deus do céu, não pode ser de Antônio! – exclamou um terceiro homem que os acompanhava.

– Faríamos bem se o alertássemos, não?

– Acha que devemos?

– Ele não sabe?

– Provavelmente o navio nem é dele.

– Mas deveríamos alertá-lo, ou não?

As preocupações aumentaram quando Bassânio partiu atrás do empreendimento, responsável inclusive pelo empréstimo cuja letra Antônio assinara com a promessa de quitá-la.

– Pelo menos Bassânio deveria saber a respeito do naufrágio.

Os amigos chegaram a conversar sobre o assunto, mas no fim deixaram-no partir sem nada dizer.

Tolo fracasso

Aragão. O príncipe de Aragão.

O arauto que o antecedeu o apresentou como a todos que se arrogam carregar em suas mãos o destino de homens e nações. Terras, cidades, vilas, aldeias. Suas mãos se apresentam ou são apresentadas quase sempre cheias do destino de milhares, até milhões. Seus exércitos se contam em muitos e muitos homens, cavalos e canhões, e marcham, de tempos em tempos, em todas as direções. Estandartes imponentes, bandeiras multicoloridas, tambores e trombetas espalham-se pela imensa confusão dos campos de batalha e ainda soam quando resta apenas o silêncio.

Aragão. Outro poderoso entre os muitos pretendentes que abandonaram seus reinos para conquistar o coração da bela donzela de Belmonte e, acima de tudo, vencer o enigma misterioso que atraíra incontáveis pretendentes e sobrevivera a todos sem exceção.

Pobre Aragão!

Teria o mesmo destino dos demais?

Iria submeter-se àquelas condições esdrúxulas?

Mais uma vez, a silenciosa e taciturna Nerissa ergueu-se, solene, e recitou o chamamento já então bem conhecido aos pretendentes que, testemunhas do estranho jogo, haviam abandonado tudo e, ao voltar para suas terras, contavam para cada um que cruzasse o seu caminho...

“Corre a cortina logo; bem depressa. Já prestou o juramento o

nobre Príncipe de Aragão, que aí vem fazer a escolha...”

Mais uma vez os cofres foram trazidos e sobre eles, como outros tantos pretendentes, debruçou-se o príncipe, orgulhoso de seu poder, e se pôs a examinar com enorme atenção.

Advertido pelos erros dos outros, não teve pressa, e ignorou as pessoas que se reuniam à sua volta. Olhava, analisava, sem pressa alguma. Refletiu sobre as palavras que ocupavam as laterais dos três cofres.

Leu tudo e, no pouco que leu, resistiu à tentação de maldizer o artífice de tal estratagema, o pai da bela Pórcia. Seria perda de tempo, diagnosticou com frieza. O enigma estava proposto e de nada adiantaria perder-se em xingamentos ou outras tolices. Melhor empregar seu tempo analisando os três misteriosos cofres. Debruçou-se sobre eles e sobre o exame acurado da estrutura metálica de cada um. Houvesse alguma pista, o menor vestígio que abrisse a porta do desvelamento do até então indecifrável enigma dos cofres, ele o encontraria, disse de si para si com extrema convicção. Preparara-se por anos, desde que mensageiros espanhóis recém-chegados de Veneza lhe trouxeram as primeiras notícias sobre os incontáveis fracassos dos pretendentes ao coração da bela Pórcia de Belmonte. Certamente, a pequena fortuna que ela levaria consigo como dote impressionaram o jovem príncipe tanto quanto a informação sobre a invulgar beleza da jovem. Todavia, sua extraordinária vaidade teve papel decisivo e foi preponderante na decisão de entregar a si mesmo e de vencer o desafio representado pelos três cofres.

Apesar da fama de extraordinário espadachim e guerreiro, conquistada nos muitos campos de batalha que frequentara desde os 16 anos, combatendo ao lado do pai e dos irmãos, fama ainda maior granjeara o elegante Príncipe de Aragão nas várias cortes da Europa como matemático, desde seus primeiros estudos sob a responsabilidade de um notável preceptor andaluz. Os números eram seu maior interesse e o estudo deles, o modo como interferiam na vida de cada ser humano, verdadeira e invencível obsessão. Não estivesse ele em uma das muitas campanhas militares em que a família rotineiramente se envolvia, e qualquer visitante o encontraria na grande torre que fora erguida no imponente castelo da família e na qual ele passava até semanas inteiras em estudos intermináveis. Por isso, o inteligentíssimo Príncipe de Aragão chegou a Belmonte com imenso e barulhento séquito, assegurando para si grande plateia para

o momento em que vencesse o grande zelo que levara o pai de Pórcia a inventar tal jogo e certificar-se de que provavelmente nenhum de seus pretendentes fosse capaz de substituí-lo no coração da filha, pois não tinha a menor dúvida de que a ideia que norteara a origem dos três cofres fora essa e nenhuma outra. Sua certeza de que seria bem-sucedido era de tal monta que, assim que pôs os pés nas imediações de Belmonte, enviou emissários para alertar a todos pelo caminho que se encaminhava para a casa de Pórcia com o firme propósito e a inabalável certeza de que reunia todas as condições para resgatá-la da empedernida solteirice a que o pai ameaçava confiná-la com os três cofres. Nesse aspecto, sua empáfia só encontrava rival no elegante distanciamento da bela jovem, que o recebeu alguns dias mais tarde às portas do castelo em Belmonte.

– Nobre príncipe, os cofres aqui se acham. Se o que me contiver for o escolhido, no mesmo instante nosso casamento será realizado. Por outro lado, se o senhor errar, deverá partir o mais depressa possível, sem pronunciar sequer uma palavra.

A solene advertência foi tudo o que disse antes de afastar-se e deixá-lo, e a seu séquito, sob a responsabilidade de Nerissa, a silenciosa dama de companhia que a acompanhava havia anos. Viram-se à distância depois daquele primeiro encontro e nem sequer olhares foram trocados que não fossem rápidos e casuais.

O pretendente sentiu-se ainda mais estimulado a vencer o desafio. Nos poucos olhares trocados percebeu com inquietante certeza de que Pórcia acreditava que ele falharia, como outros tantos pretendentes, e isso o deixou particularmente irritado. Odiava ser subestimado e, ainda mais, irritava-se quando menosprezado em sua inteligência.

Ao se postar diante dos cofres, mais do que apenas preparado para aquele desafio, ele se sentia estimulado pela descrença da bela prometida. Sem precipitação, seus olhos foram de um para outro. Escrutou com prudência. Sorriu das frases escritas em cada um dos cofres.

"Quem me escolher, ganha o que muitos querem", dizia o cofre de chumbo, e a ele atribuiu a escolha apressada do populacho, aqueles que pouco têm mas muito ainda ambicionam, presa fácil das aparências e dos sentimentos geralmente liderados pela ganância. O que muitos desejavam passava ao longe do que pretendia ou igualmente quereria, pois nunca, em tempo algum, ambicionara ser igual a todo mundo. Ao contrário, interessou-se pela singularidade

comum aos melhores.

Ignorou o cofre de chumbo com desprezo e ainda esperou quase uma hora antes de debruçar-se sobre o cofre de prata. Dedicou-se a espreitar rostos e olhares à sua volta, perseguindo gestos ou mesmos palavras que entre os presentes, a começar por Pórcia e Nerissa, pudessem indicar-lhe o caminho correto a seguir entre os cofres de prata e ouro. Com a exceção daqueles que constituíam seu séquito, acreditava que, tanto as duas mulheres quanto a pequena criadagem que cuidavam da elegante porém pequena construção de Belmonte, já tivessem testemunhado inúmeras vezes aquele evento. Mesmo que nada dissessem ou comentassem sobre o assunto, um insignificante gesto ou movimento de mãos ou olhos poderiam encaminhá-lo à justeza de sua escolha.

Inútil. Tempo perdido. Embora fosse um observador dos mais argutos, nada colheu de nenhum dos presentes. Nem palavras e menos ainda gestos e olhares, pouquíssimos. Tanto as duas mulheres quanto os empregados mais se assemelhavam a sólidas estátuas antes, durante e depois de cada uma de suas atentas observações. A imobilidade era tamanha que em mais de uma ocasião ele chegou a acreditar que aquela gente também desconhecia o conteúdo dos cofres.

Seria possível?

Considerou absurdo, mas, de todo modo, aquela dúvida alfinetou-lhe as convicções. Quanto mais avançava o tempo, mais ele se sentia titubeante.

Dois cofres, um acerto.

“Quem me escolher, ganha o que bem merece.”

A opção de prata inquietou-o, e não apenas pelo maior valor do metal em que fora fundida, mas também pelo fato de que, depois dela, só restaria o cofre de ouro, e naquele momento ele não sabia bem se a escolha acertada estava ali dentro.

Refletiu sobre o que leu por muito tempo. Mediu e pesou cada palavra. Analisou a estrutura de prata na crença de que eventualmente algum detalhe em sua construção pudesse esconder ou guardar uma solução ou uma falha causada pelo esforço em esconder tal solução. Não sabia bem o que pensar ou dizer.

Concordava integralmente com a frase.

Quem se aventuraria em busca de fortuna e de honrarias, se não fosse marcado pelo mérito?

Cogitou solicitar a chave do referido cofre e abri-lo, na crença de

que aquela seria efetivamente a escolha acertada. Olhou em volta e o silêncio mais uma vez golpeou-o mortalmente em sua convicção. Hesitou e depois de uns poucos minutos, apesar de não deixar o cofre de prata, voltou-se para o cofre de ouro. Chegou a tocá-lo, os dedos deslizando pelas letras gravadas em um dos lados. Seus olhos cruzaram com os de Pórcia e algo o inquietou neles.

O quê?

Não saberia dizer. Um laivo cintilante de apreensão no olhar?

Os finos lábios avermelhados repuxados para o lado num quase imperceptível risinho de deboche?

Menosprezo no rosto branco e marmóreo, até então impenetrável e aparentemente sem expressar sentimentos?

A rápida troca de olhares entre Pórcia e Nerissa?

– Vou ganhar o que é meu – gritou, estendendo a mão espalmada para Pórcia com um largo sorriso. – Traga-me a chave, pois acredito que encontrei a minha sorte.

– A demora foi de fato bastante longa – admitiu Pórcia enquanto lhe entregava uma pequena chave igualmente prateada e recuava exatamente dois passos, apontando para o cofre. – Espero que encontre o que procura.

O jovem príncipe introduziu a chave na fechadura e a girou com entusiasmo um tanto exagerado.

– Consegui... – foi tudo que conseguiu dizer antes de calar-se, estupefato, ao se deparar com a figura de um boneco representando um bobo da corte, os olhinhos piscantes e um dos braços estendidos em sua direção, em cuja mão se via um pedaço de papel repetidamente dobrado. – "Quem me escolher, ganha o que bem merece."

Ele repetiu a frase que se encontrava gravada no cofre de prata e, por fim, ao virar-se mais uma vez para Pórcia, indagou:

– Só mereço a cabeça de um idiota? Esse é todo o meu prêmio? Não me leva mais adiante o meu merecimento?

– Distância enorme existe entre errar e sentenciar, senhor.

– Devo ler?

– Se assim o desejar. Talvez possa encontrar a resposta que busca.

Fui sete vezes fundido
e sete vezes conferido
deve ser quem de intrometido

não quer ser chamado.
Bobos podemos encontrar
Que com a prata logo vai
Se encantar.
Mas e se a noiva tão procurada
na prata não for encontrada?
Não adiantou nada,
por conta da ambição,
continua largada,
abandonada.
Vai-te embora,
Bobo feito de hora em hora,
Sua situação só piora;
Antes que sua tolice mais cresça,
desapareça.
Aproveite a lição:
Mais tolo fica
aquele que nunca abdica
da própria pretensão.

O nobre e orgulhoso Príncipe de Aragão, como os muitos pretendentes que vieram antes dele, deixou a chave cair ao chão e no instante seguinte partiu à frente de seu numeroso séquito, carregando sobre os ombros o peso enorme de uma descomunal frustração.

Nerissa sorriu com desdém e, enquanto o via distanciar-se em grande silêncio, comentou:

– O velho ditado aqui tem cabimento...

Pórcia a encarou e sem compreender a que ela se referia, quis saber:

– O que quis dizer, minha amiga?

– Do céu vem a mortalha e o casamento, não é verdade?

– Pelo menos assim o foi para o nobre e pretensioso Aragão.

Gargalharam.

Foram interrompidas por um criado que buscava Pórcia com certa aflição.

– Aqui estou – informou ela. – O que deseja?

– Um jovem veneziano acabou de entrar e informa que seu senhor está para chegar.

– E de quem se trata? – quis saber Nerissa.

– Ele não quis dizer, mas acrescentou que a comitiva traz ricos presentes e outras tantas mensagens de amor e respeito.

Pórcia virou-se para Nerissa, que sorriu, divertida, e indagou:

– Outro pretendente?

A que Pórcia, com um sorriso ainda mais largo, respondeu:

– Certamente!

– Se pelo menos fosse Bassânio... – brincou Nerissa.

– Nem me lembre...

Preocupações

As más notícias têm asas e velozmente se espalham por todos os cantos, não é o que se diz?

Nenhuma ciência rege tal afirmação, nascida do senso comum e do reconhecimento de que a maledicência humana se farta da desgraça alheia e se compraz na maioria das vezes em espalhá-la sem nenhum escrúpulo. Assim foi, assim é e, como muitos acreditam, assim será ainda por muito tempo. Naquela manhã, quando se encontraram em uma das mais movimentadas ruas de Veneza, Salânio e Salarino tinham consciência da verdade inquestionável dessas palavras.

– Não se fala em outra coisa no Rialto – garantiu Salarino.

– Então quer dizer que é verdade? – indagou Salânio, apreensivo, os dois amontoando-se à entrada de um estreito beco, parte de um emaranhado ainda maior e labiríntico que levava às docas movimentadas da cidade.

– É o que dizem...

– Você sabe qual barco naufragou?

– O que sei com certeza é que não há mais dúvida de que o barco é realmente de Antônio e naufragou em uma região do canal inglês conhecida como Goodwins, baixio perigoso onde muitos outros barcos já naufragaram.

– Carga muito preciosa?

– Preciosíssima. A perda foi grande, acredite.

– Pobre Antônio!

– Gostaria que todas as suas perdas se restringissem apenas e tão somente a este barco.

– Que Deus o ouça...

– Oremos bem depressa então, pois o Diabo se aproxima na figura de um judeu que muito bem conhecemos – os dois amigos se calaram e acompanharam a aproximação de Shylock, que naquele instante cruzava a rua em largas passadas. No momento em que seus olhos se encontraram, Salânio acenou amistosamente para o prestamista e perguntou: – E então, Shylock, como andam as coisas entre os mercadores?

Shylock fez um muxoxo de contrariedade e, sem parar, resmungou:

– Como se vocês não soubessem...

Salânio e Salarino se entreolharam, fingindo surpresa, Salânio indagando:

– Como assim?

– O quê? Vai me dizer que ainda não sabem nada sobre a fuga de minha filha?

– Muito pouco – respondeu Salânio.

– De minha parte, conheço apenas o alfaiate que aprontou as asas com que ela fugiu.

Shylock, ainda andando, fulminou a ambos com um olhar ainda mais irritadiço.

– Engraçadinhos! – rosnou. – Que ela e quem a ajudou queimem no fogo do inferno!

– O que é isso, Shylock?

– Minha carne, vocês acreditam? Meu próprio sangue voltar-se contra mim dessa maneira tão vil!

– Perde seu tempo com tais xingamentos e blasfêmias, Shylock. Ocupe-se de outras coisas e fará melhor para si mesmo e, quem sabe, até para o resto do mundo.

– Ouviste falar que Antônio sofreu alguma perda no mar nos últimos tempos?

– Eis aí outro mau parceiro de negócios. Quer saber? Nada tenho a ver com os maus negócios e azares dele. Ele que cuide bem daquela letra. Tinha o costume de me chamar de usurário e terá a oportunidade de descobrir até que ponto dizia a verdade. Digo e repito: ele que tome cuidado com aquela letra! Sempre emprestou dinheiro com toda aquela cortesia e generosidade cristã e agora... agora... Ele que tome cuidado com aquela letra!

Salarino e Salânio se entreolharam, a preocupação nos olhos, até que o primeiro comentou:

– Deixe de brincadeiras, Shylock.

Sem parar e com passadas cada vez mais apressadas e largas, Shylock resmungou:

– Nunca fui homem de brincadeiras, senhor Salarino!

– Tenho a mais absoluta certeza de que, se Antônio não lhe pagar a tal letra no prazo, o senhor não haverá de tirar-lhe a carne.

– Eu não teria tanta certeza...

– Raciocina, homem: de que lhe serviria ela?

Shylock parou abruptamente e os deteve abrindo os braços. Virando-se para ambos, dardejou profundo olhar de raiva e contrariedade na direção de um e de outro antes de responder:

– Isca de peixe.

Os dois homens se entreolharam e perguntaram praticamente ao mesmo tempo:

– Como?

– É, isca de peixe. E se não servir para alimentar coisa alguma, servirá para alimentar minha vingança. Não é pouca coisa, concordam?

– De que o senhor está falando? – perguntou Salânio.

– Todos esses anos, ele me humilhou, impediu-me de ganhar um milhão ou talvez bem mais, nunca parei para calcular mas o prejuízo é grande e reconhecido até por ele mesmo, pois em mais de uma ocasião riu tanto de meus prejuízos quanto zombou e amesquinhou meus lucros, quando não atrapalhou descaradamente meus negócios. Nada pior, no entanto, do que a razão pela qual se dedicou a me destruir de maneira tão obstinada: simplesmente por eu ser judeu.

– Shylock...

– Bem sei o que os senhores, bem como outros tantos nesta cidade, pensam e fazem algo parecido. Aos seus olhos somos a escória do mundo e seus religiosos nos culpam pela morte do fundador de sua religião.

– Não negamos isso...

– Como poderiam? É verdade.

– Se assim é, por que toda essa raiva de Antônio?

– Porque ele é mais rico e poderoso, portanto, tem mais poder e dinheiro para nos perseguir mais ferozmente e nos maltratar com mais frequência. E por que isso? Judeus não têm olhos? Não têm mãos,

órgãos, sentidos, inclinações, paixões, em tudo semelhante a de sua gente? Não bebemos e comemos as mesmas coisas? Não estamos sujeitos às mesmas doenças e às mesmas curas através dos mesmos remédios? Caso nos espetem ou golpeiem, não nos feriremos do mesmo jeito e verteremos sangue em igual quantidade?

– De onde saiu tanta maldade, Shylock?

– Nós a aprendemos com sua gente, meu rapaz. Usarei Antônio para pôr em prática a maldade que aprendi com ele. Quem sabe ele até se alegre ao perceber que sairei melhor que a encomenda em meu aprendizado.

Um pesado silêncio abateu-se sobre os três por uns instantes e só se viu quebrado pela repentina aparição de um criado que, virando-se para Salânio e Salarino, informou:

– Meus senhores, Antônio, meu amo, se encontra em casa e deseja falar com os dois.

Os dois amigos nem se despediram de Shylock. Afastaram-se apressados, quase se chocando com Tubal, que naquele instante achegou-se de Shylock.

– Então, Tubal? – indagou o prestamista, ansioso. – Novidades de Gênova? Encontrou minha filha?

– Estive em inúmeros lugares onde ela poderia estar, mas concretamente em nenhum deles eu a encontrei. Tampouco pude vê-la com quem quer que fosse.

– Infelizmente, é assim mesmo que as coisas acontecem. Não bastasse a filha que perdi, foi-se com ela um diamante que me custou duzentos ducados em Frankfurt e outras tantas joias que nem sequer consigo calcular honestamente o exato valor. Quisera ver minha filha morta diante de mim, com os ducados enfiados nas orelhas. Antes vê-la em um caixão fúnebre do que... do que... Prejuízo em cima de prejuízo. Foge o ladrão com tanto e gastamos mais ainda para apanhá-lo. E pior, nada de satisfação e, muito menos, vingança.

– O senhor não é o único a padecer de grandes desgraças financeiras, meu amigo. Antônio, por exemplo...

Os olhos de Shylock praticamente saltaram das órbitas e ele agarrou-se com grande interesse a Tubal à simples menção do nome do grande inimigo.

– O que houve? O que houve? – repetiu, interessado.

Tubal espantou-se:

– Não acredito! Não soube ainda?

– Saber o quê?

– Não se fala em outra coisa em Gênova...

– Coisa? Que outra coisa? Alguma desgraça?

– Ele acabou de perder um galeão que vinha de Trípoli, não soube?

– Graças a Deus! Graças a Deus! – exultou Shylock, brandindo as mãos para os céus, praticamente fora de si.

– A notícia ainda é recente em Gênova – informou Tubal. – Eu a ouvi de alguns dos marinheiros que escaparam do naufrágio. Aliás, no mesmo lugar em que sua filha havia gastado cerca de oitenta ducados em uma só noite.

– Você acaba de me desferir violenta punhalada, Tubal – protestou Shylock. – Oitenta ducados em uma só noite!

– Talvez amenize a dor de tal perda saber que vários credores de Antônio em Gênova vieram comigo, certamente para lhe cobrar algumas letras.

– Bem, isso me faz bem mais alegre.

– Mas é certo que Antônio está arruinado?

– Mais do que certo.

– Então, Tubal, vá logo procurar um oficial de justiça.

– O que deseja com ele, meu amigo?

– Combinar a data de cobrança da letra que Antônio firmou comigo. Mais duas semanas e ficarei com o coração dele no caso de ele não me pagar o que deve.

– Não é prematuro?

– Não, decerto que não. Antônio está arruinado, não tenho a menor dúvida disso.

– Seja prudente, Shylock...

– Vá procurar em nossa sinagoga, Tubal. Vamos, vá logo!

O fim dos três cofres

Muito ainda se disse e outro tanto certamente se dirá sobre os estranhos cofres de Belmonte. Acreditem, mais ainda será dito acerca da misteriosa Pórcia, particularmente os segredos por trás dos misteriosos cofres. Com o passar do tempo e a notícia de que ela, a inigualável e voluntariosa senhora cobiçada por dezenas dentre os mais nobres, inteligentes e poderosos cavalheiros que poderiam ter qualquer mulher naqueles tempos, finalmente encontrara o companheiro ideal e ao lado dele era indescritivelmente feliz, outras histórias começaram a circular. A mais interessante, sem sombra de dúvida, alegava que a história dos tais cofres nada mais fora de que um engodo, tão astucioso quanto o do tapete de Penélope, fiel esposa de Ulisses, que o tecia durante o dia e o desfazia ao longo da noite, a fim de protelar a escolha de novo marido entre os muitos pretendentes que infestavam seu palácio. Como ela, que esperava pela volta do homem que realmente amava, Pórcia se agarrava àquele jogo tolo de paixão e cobiça não para procurar e muito menos escolher um pretendente, mas para afugentar a todos que não conseguiam o grande segredo que, a bem da verdade, nunca existiu. Nem sequer eram obra de um pai zeloso e preocupado em conquistar para a filha um pretendente adequado.

Já se disse que se a lenda for mais interessante do que a realidade, que seja a lenda a verdade, e a verdade nada mais do que uma possibilidade interessante. Por todos aqueles anos, logo que o pai morreu e Pórcia se viu confrontada com a inevitabilidade de ser

visitada por toda sorte de pretendentes, gente interessada em sua fortuna mas, muito mais corretamente, em sua extraordinária beleza. E, coincidência ou não, passou-se a exigir que todos se submetessem àquele jogo engendrado por um pai preocupado com o futuro da filha.

A dificuldade crescente em decifrá-lo e suas regras inacreditavelmente rigorosas certamente afastariam os pretendentes, pensava, mas não foi o que se deu, pois o número só fazia aumentar e, depois de certo tempo, poucos não compreendiam ou sabiam explicar muito bem como ele funcionava. A verdade era que, ao fim e ao cabo, cada pretendente era recusado, nem tanto por não encontrar a resposta correta, mas pura e simplesmente por ela realmente não existir; ou melhor, só seria reconhecida por aquele que a conhecera antes. Ele e apenas ele seria capaz de escolher o cofre correto, aquele que, por tudo que Pórcia se lembrava e o pai igualmente, representava as qualidades que ela encontrara no jovem veneziano. Para Pórcia não interessava nenhum deles, mas única e tão somente Bassânio, aquele pelo qual se apaixonara muitos anos antes. Esperaria até o fim de sua vida, se preciso fosse, até que ele aparecesse finalmente em Belmonte para lhe dar seu coração. E assim aconteceu naquele final de tarde, logo depois que o Príncipe de Aragão partiu. Finalmente Bassânio voltou a Belmonte.

Ela o reconheceu de imediato. Não poderia ser diferente, pois na verdade jamais o esquecera.

Como poderia, se ele era o único homem que amara na vida?

Em princípio, titubeou e por certo tempo imaginou que Bassânio estivesse em Belmonte apenas como outro pretendente, igual a outros tantos, interessado em sua beleza e, muito provavelmente, em sua ponderável fortuna. Cercou-se de muitos cuidados, temendo a inevitável decepção. Nesses primeiros dias, ainda alimentou a história dos três cofres e seu invencível enigma.

– Peço-vos esperar mais alguns dias antes de arriscar tudo, pois se erro cometer na escolha, terá que partir imediatamente – disse pouco depois, aflita. – Rogo que espere mais um pouco, talvez um mês.

– Tudo isso? – espantou-se Bassânio, por trás de um largo sorriso de compreensão.

Pórcia devolveu-lhe o sorriso, baixando os olhos, encabulada.

– Não sei o que é, mas algo em mim diz que não devo perder o senhor. Mesmo receando ser incompreendida, gostaria que ficasse mais algum tempo antes de arriscar-se a... a...

– Bobagem! Também tenho minhas impressões e algo parece me dizer que não errarei.

– Folgo em saber, mas em meu coração não carrego tão sólida crença e queria estender o máximo possível o tempo que teremos juntos, protelando a escolha.

– Pois desejo exatamente o contrário. A mim me angustia tamanha espera. Quero me lançar de imediato a essa prova, pois a espera me mortifica demais. Me confunde.

– Como assim?

– Em momentos como este, sinto-me amado, desejado, completamente querido...

– Em outros não?

– Em outros encontro uma certa desconfiança que não consigo entender...

– De minha parte?

– Infelizmente.

– Não sei por quê. Acaso há alguma traição misturada ao amor de que me fala tanto? Algo que me escondes e teme que eu possa descobrir? Algo capaz de impedi-lo de escolher o cofre certo, talvez?

– Nenhuma, se tirarmos a medonha traição da desconfiança que me faz duvidar, e até mesmo de acreditar, que sou amado sinceramente pela senhora.

– Não estaria dizendo agora o que qualquer um diria submetido a tortura?

– Deixe que eu tente minha sorte nos cofres e saberá de uma vez se minto ou se sou sincero em meu amor.

– Pois que assim seja! Em um deles eu estou, e se verdadeiramente me ama, facilmente me encontrará. – Virando-se para sua dama de companhia, Pórcia ordenou: – Faça todos os preparativos, Nerissa! Que doce melodia acalente suas dúvidas durante a escolha, senhor Bassânio. Traga os cofres que mais uma vez se farão guia do coração do pretendente e senhores de meu destino! Que a mais bela canção embale todas as boas intenções do que se diz apaixonado e possa consolá-lo se seu amor não for tão grande assim.

Tudo se sucedeu bem rapidamente: em muito pouco tempo Bassânio se encontrava diante dos três cofres e o dilema de sua escolha. Os músicos tocavam uma singela canção que, no entanto, seria incapaz de aplacar a ansiedade do jovem casal.

Existirá neste mundo alguém
capaz de dizer de onde o amor vem?
No peito se entretém?
Respondei de uma vez,
Respondei de uma vez,
Se nos olhos se fez,
Se se cria,
Ora realidade, ora fantasia,
Até o último de seus dias.
Fechemos a canção
com alegria então,
com dim dom dão, dim dom dão.

– Dim dom dão! – repetiu Graciano e o séquito que acompanhava Bassânio e os poucos servos de Pórcia.

Repentinamente, o jovem militar veneziano levantou a mão direita e todos silenciaram.

– Tolos são aqueles que se deixam levar pelas aparências – afirmou. – Somos invariavelmente enganados pela casca e menosprezamos o conteúdo. A aparência é malévola e fútil, mas se presta a iludir àqueles que com ela se identificam. Todos os que aqui estiveram antes de mim foram enganados pela vaidade, a cupidez, a ambição, a ganância e outros tantos sentimentos ruins que carregavam dentro de si, daí suas escolhas erradas. Nada quero do ouro que reluz e, portanto, facilmente seduz. Desprezo o brilho argentino da prata. Minha escolha recairá sobre o modesto chumbo, que a maioria afasta por sua aparência simplória e completamente destituída de tolos sentidos de grandeza.

– Assim pensei e acreditei que pensaria o homem que acreditei que comigo casaria – disse Pórcia, entregando-lhe a chave do cofre escolhido. – A leviandade não teria pouso em seu coração nem sua alegria seria fútil e vazia, mas antes absolutamente consequente.

Bassânio o abriu e imediatamente encontrou o retrato de Pórcia. Acompanhava-o um pedaço de papel cuidadosamente dobrado onde finalmente leu:

Já que não coube a seus olhos a escolha,
Que seu bom senso a acolha,
Legítima conquista do coração

Que por paixão,
Aproveitará a ocasião
E à bela dama dará
E também receberá
Um longo beijo.

Nada mais foi dito depois disso e apenas um demorado beijo uniu o casal de apaixonados.

O que poderia ser dito?

E por quê?

Nenhuma necessidade, maior felicidade existia depois que seus lábios se encontraram e seus corpos se estreitaram em prolongado abraço de imensa e demorada paixão.

– Senhor Bassânio... – ofegante e trêmula, Pórcia encarou-o, ainda em seus braços e submissa a seus carinhos, enquanto dizia: – Até há alguns momentos, era eu a senhora desta bela casa, dona dos meus criados, soberana de mim mesma. No entanto, desde este momento a casa, a criadagem, minha própria pessoa, pertencem ao senhor. Tudo lhe dou com este anel. Se por acaso o perder ou dele fizer presente para alguém, saberei que nosso amor se acabou.

– Desnecessárias tais palavras, minha senhora, pois lhe entrego hoje meu coração, para não mais se separar dele – replicou Bassânio, enfático e tão apaixonado quanto ela.

Nerissa aproximou-se, sorridente e emocionada, olhos lacrimejantes, e balbuciou:

– Felicidade para os nossos amos!

No princípio, as palavras se perdiam na grande emoção, quase sem significado e alheias à compreensão do casal. Mais adiante, agregaram-se umas às outras, com esforço, adquirindo entusiasmo e volume que contaminaram a todos os presentes no amplo salão.

Graciano aproximou-se do casal e, depois de gritar com entusiasmo mais de três vezes, gesticulou para que todos se calassem. Virando-se para Bassânio, disse:

– Ao senhor Bassânio e à minha mui gentil senhora, só lhes posso desejar toda a felicidade do mundo, ao mesmo tempo em que humildemente gostaria de lhes pedir que, por ocasião de vossas núpcias, concordassem que eu me casasse no mesmo dia.

– Pedido feito, pedido aceito, meu fiel Graciano – respondeu Bassânio. – Mas não deveria antes encontrar uma esposa?

– Agradecido, meu senhor – sorridente, Graciano estendeu uma das mãos para Nerissa e, ao encará-la mais uma vez, afirmou: – Pois sem que o percebesse, a senhora me deu uma...

Bassânio e Pórcia, ainda abraçados, entreolharam-se, surpresos e sorridentes. Pórcia virou-se para a dama de companhia e indagou:

– Como foi isso, Nerissa?

Um curto sorriso acanhado emergiu dos lábios finos de Nerissa, que, envergonhada, baixou a cabeça e se calou. Coube a Graciano explicar:

– Estes meus olhos veem tão depressa quanto os seus, Bassânio. Você viu a senhora, enquanto eu me entretinha com a serva. Amamos, os dois, do mesmo modo, depressa, sem maiores delongas. E como o seu destino, o meu também estava ligado aos cofres, e os fatos só fazem provar a veracidade do que digo. Tudo se deu bem rapidamente: a corte, a ansiedade, as dúvidas, a incerteza, até uma ou outra dor do coração. Até mesmo as juras de amor foram sussurradas aos ouvidos de minha amada que a tudo ouviu e, apaixonada, rapidamente aquiesceu.

Pórcia surpreendeu-se.

– É verdade, Nerissa?

– Se não vos agradar, minha senhora...

– De maneira alguma! – atalhou Pórcia.

Bassânio desviou um olhar matreiro para Graciano e insistiu:

– E você, meu amigo?

– O que quer saber de mim?

– É sincero em seus propósitos?

– Inteiramente.

– Pois então ficaremos honrados com suas núpcias.

A felicidade fez-se intensa e espalhou-se entre todos que se agitavam em torno dos dois casais. Tudo se interrompeu quando o sorriso desapareceu do rosto de Graciano e, espantado, ele apontou para larga porta do salão, indagando:

– Quem vem vindo aí?

Lourenço abria caminho entre a criadagem e o séquito de Bassânio, Jéssica e Salânio acompanhando-o. Expressões sombrias, preocupadas, deixaram a todos assustados.

– É Lourenço e sua bela infiel – observou Bassânio.

– A cara de Salânio não me agrada – admitiu Graciano. – O que terá acontecido?

Lourenço adiantou-se a Jéssica e Salânio e mal cumprimentou Bassânio. Adiantou-se às perguntas com palavras nervosas:

– Eu gostaria de não estar aqui neste momento, e, pior ainda, como portador de tão más notícias.

Bassânio alarmou-se:

– O que houve, Lourenço?

– Salânio insistiu para que eu o trouxesse até aqui.

– Razões tenho suficientes para minha insistência – defendeu-se Salânio, os olhos indo de um para o outro repetidamente, incapaz de controlar o próprio nervosismo.

– Desembucha logo, homem! – impacientou-se Bassânio. – O que se passa?

Salânio, mais do que depressa, entregou-lhe uma carta e informou:

– O senhor Antônio me pediu que lhe entregasse isso.

– Do que se trata? – insistiu Bassânio.

– Ele lhe conta tudo em sua carta.

– Antes de ler a carta, conte-me de uma vez, homem. Está me deixando nervoso!

Meu tio está doente?

– Só se for do espírito.

Graciano, buscando tranquilizar Bassânio, colocou-se entre ambos e insistiu:

– Vamos, homem, diga logo! Que novidades traz de Veneza? Antônio celebra nosso sucesso?

– Preocupações bem mais graves o atormentam neste mesmo momento, meu amigo.

Um olhar silencioso e extremamente preocupado passeou pelos rostos anuviados e bem tensos. As indagações se multiplicavam de todos os lados, golpeando o infeliz que mal tinha tempo para respondê-las:

– Que aconteceu?

– O que poderia estar indo de mal a pior?

Finalmente, irritado, Bassânio desdobrou e leu o pedaço de papel onde as muitas palavras garatujadas com evidente pressa e apreensão o deixaram ainda mais preocupado e taciturno, uma palidez assustadora espalhando-se pelo rosto.

– Do que se trata? – quis saber Pórcia.

– As mais desagradáveis palavras que poderia ler em um dia tão feliz quanto o foi até agora o dia de hoje...– respondeu Bassânio.

– Como assim?

– Para vir a seu encontro, minha querida, vi-me obrigado a penhorar-me a um amigo muito querido e o penhorei justamente ao seu pior inimigo. Pois bem, essa carta é deste amigo e nela ele me conta que perdeu tudo o que tinha. Seus galeões e outros tantos barcos que navegavam para a Índia, Inglaterra, México e outros tantos lugares e transportavam cargas das mais vultosas, todos naufragaram em acidentes terríveis.

– Não lhe sobrou nenhum barco – disse Salânio, pesaroso. – E pelo que sabemos, Antônio simplesmente não tem com que pagar Shylock. Este, por sua vez, não passa um só dia sem reclamar em termos cada vez mais ferozes o seu direito a solicitar a privação de liberdade de seu devedor, bem como o pagamento do que lhe é devido. Muita gente de poder e influência em Veneza, até mesmo o Doge, tentaram inutilmente persuadi-lo a desistir de buscar na justiça a reparação de seu prejuízo e de tentar receber a letra vencida e uma competente multa pelo atraso.

Jéssica adiantou-se e virando-se para Bassânio, os olhos vermelhos e bem inchados de tanto chorar, acrescentou:

– Quando eu ainda estava em casa, ouvi quando meu pai jurou diante de Chus e de Tubal, dois de seus poucos amigos, que de modo algum abriria mão da carne de Antônio nem que lhe oferecesse em troca disso vinte vezes o valor da letra vencida. Conheço meu pai, senhor, e sei da grande maldade que vai em seu coração, particularmente contra o senhor Antônio, e posso lhe garantir que se nada for feito, este pobre homem sofrerá imensamente.

Pórcia se mostrava surpresa e bem assustada quando se voltou para Bassânio e indagou:

– Seu amigo está mesmo correndo grande risco?

– Não apenas um amigo, Pórcia, mas o melhor dentre todos os homens que conheço. Antônio é o mais bondoso, o coração mais nobre e a alma vigilante sempre pronta a prestar todo tipo de auxílio, até o mais despropositado, àquela pessoa que dele se aproximar em aflição. Não conheço ninguém como ele, admito.

– Que quantia deve ele a este judeu?

– Três mil ducados, e o pior de tudo, por minha causa.

– Pague, meu querido. Pague o que ele quiser. O dobro, o triplo, o que ele quiser...

– Infelizmente não tenho tanto dinheiro, Pórcia...

– Pois lhe darei dinheiro suficiente para pagar vinte vezes pequenas dívidas como esta.

– Não posso permitir que...

– Calado, meu querido. Esqueça tudo o mais e parta imediatamente para salvar a vida de seu amigo.

Tensão e expectativa

Mesmo entre os muitos que nem sequer conheciam Antônio nem mantinham com ele algum tipo de relacionamento, a cena soou infame. Os mais próximos protestaram em meio à grande revolta ao verem o bom e honesto Antônio avançar pelas ruas de Veneza sob a escolta de dois carcereiros. É evidente que a prisão de tão respeitada e querida figura por si só já revoltava, mas o que verdadeiramente enfurecia a boa parte da crescente multidão era o fato de Shylock marchar à frente do pequeno grupo, a própria imagem da arrogância, deliciando-se com a humilhação que infundia àquele que tanto odiava.

– Atenção, carcereiros! Não se descuidem! – gritava o prestamista de tempos em tempos. – Não descuidem deste que se apresenta como carneiro e que se gabava de emprestar dinheiro sem juros. Ele tem muitos amigos nesta cidade e a qualquer momento muitos podem ajudá-lo a fugir!

Apesar de visivelmente constrangido, Antônio esforçava-se por impor alguma dignidade a seus passos, marchando, obediente, entre os dois carcereiros. Não esboçava nenhum gesto de revolta ou protesto.

– Apenas uma palavra, meu bondoso Shylock – repetia de tempos em tempos, insistindo que ainda poderiam resolver aquela questão de maneira civilizada, longe dos tribunais e muito menos sem apelar pela execração pública.

Inútil. Shylock se comprazia imensamente em organizar tais

situações, em que a humilhação de Antônio se fazia componente indispensável à sua satisfação.

– Quero saber apenas do pagamento de minha letra! – berrava Shylock, gesticulando furiosamente, esforçando-se em elevar ao máximo a voz em gritos selvagens que nada mais pretendiam do que atrair a atenção das multidões que se formavam para acompanhá-los em romaria, fosse para os tribunais, fosse para as muitas repartições de justiça de Veneza. Os pretextos eram muitas vezes insignificantes e por vezes passavam horas inteiras marchando de um lado para outro, sem propósito ou para a análise de questões as mais insignificantes possíveis. – Nada mais me interessa! O Doge me fará justiça!

– Por que resiste tanto a me ouvir, Shylock?

– Já lhe disse, a mim só interessa o pagamento. Não tenho o menor interesse no que porventura o senhor quer me dizer. Não espere a menor indulgência ou compreensão com o seu infortúnio. Chamou-me de cão e agora terá a oportunidade de descobrir quão profunda pode ser a minha mordida.

Por fim, provavelmente satisfeito, Shylock afastou-se e, à porta de um pequeno prédio, limitou-se a acompanhar a longa e vagarosa marcha de Antônio e dos carcereiros.

Acompanhando-os a certa distância, Salarino observou:

– É o cão mais perverso que entre os homens anda, não é mesmo, meu amigo?

Antônio concordou com um aceno de cabeça e implorou:

– Deixe que se vá em paz. Não irei importuná-lo com apelos que, sei perfeitamente, são inúteis. Está mais do que óbvio que ele me quer ver morto. É a vingança óbvia por tê-lo privado de muitas e muitas extorsões. O prejuízo foi tão grande quanto a raiva que anima suas maldades, não tenho dúvida.

– Ele se ilude totalmente. Estou mais do que certo que o Doge porá termo a essa grande insensatez – disse Salarino.

– Gostaria de estar tão confiante quanto você, meu amigo, mas não acredito que o Doge tenha poder para deter a marcha da justiça, a essa altura. Além de outros motivos, os grandes negócios de Veneza estão absurdamente ligados a estrangeiros como aquele prestamista. Se, de um momento para outro, eles vissem ou suspeitassem que existem duas leis diferentes na República, grandes prejuízos acarretariam para os nossos cofres. O lucro e o comércio da cidade se baseiam nisso e apenas nisso. Uma libra de carne é valor irrisório para os problemas

que evitaremos se satisfizermos a Shylock.

– Não desanime, Antônio... – gritou alguém no meio da multidão que o acompanhava.

– Estou tentando, mas confesso que tudo ficaria muito mais fácil se Deus fizesse com que Bassânio viesse ver-me no instante exato de pagar a dívida.

Julgamento

Desde os primeiros tempos de existência daquela que seria conhecida como a Sereníssima República, mas a partir da sua expansão e da consolidação de seu poderio econômico e político, Veneza não apenas se preocupou em definir as regras para o estabelecimento de uma forma de governo republicano mas, igualmente, capazes de controlar o poder de seu principal dirigente, o Doge, termo vêneto originário do latim “dux”, ou “chefe”. As famílias mais proeminentes da cidade, responsáveis pela consecução do projeto republicano e entre as quais era escolhido o principal líder da República, temiam as consequências do poder político ficar concentrado nas mãos de um único homem e volta e meia se debruçavam sobre a urgência e a necessidade de criar algum mecanismo de controle. A primeira iniciativa, no entanto, só ocorreria em meados do século XII, quando passou a ser obrigatório que o Doge assumisse o que ficou conhecido como “Promessa Ducal”. Outras tantas imposições seriam agregadas a essa primeira, sempre para determinar regras a fim de que o governante não se tornasse um ditador ou partilhasse um poder sem controle tanto com parentes quanto com partidários. Conselhos de notáveis foram estruturados e reestruturados ao longo dos séculos sob a premissa de contemplar uma estrita fiscalização dos atos administrativos do governo republicano de Veneza, mas apesar disso, mesmo em seu auge, entre os séculos XIV e XV, o poder reunido nas mãos do Doge ainda era ponderável e a mais variada gama de assuntos e discussões ainda eram levados a seu

conhecimento, mas, antes de mais nada, julgamento.

Muitas vezes, dada a influência e a relevância representadas pelo governante republicano, aliada ao próprio poder que representava, as decisões tomadas pelo Doge adquiriam dimensões tão grandiosas que em muito ultrapassavam a força das leis locais ou agravavam o potencial de seu estrito cumprimento. Por conta disso, logo que a notícia de que Shylock levaria à Justiça sua dificuldade em receber os três mil ducados – que emprestara a Bassânio e do qual Antônio se fizera fiador –, muitos não tiveram a menor dúvida de que a repercussão seria intensa. E até mesmo o despropósito associado ao empréstimo – o compromisso de Antônio de pagar uma multa pelo atraso no pagamento da letra com uma libra de sua própria carne –, não se faria tão absurdo como inicialmente aparentava. A respeitabilidade e o cumprimento de leis e compromissos, principalmente financeiros, sempre fora a pedra angular nas relações entre mercadores e a burguesia comercial veneziana. O fato de o devedor ser uma figura respeitável e de sólida reputação de honestidade, como era o caso de Antônio, servia apenas para aumentar a preocupação e o constrangimento de todos, mesmo do Doge, que naquela manhã, ao ver Antônio ser trazido à sua frente, não foi capaz de conter o espanto e comentou:

– Estou consternado por sua situação, Antônio. Foi trazido a este tribunal por um obstinado inimigo, cuja desumanidade o torna incapaz de comover-se de seu infortúnio. Tudo o que ele deseja é vingar-se.

– Estivesse ao meu alcance e o pouparia de tal constrangimento, Vossa Graça – replicou Antônio. – Aliás, queria lhe ser imensamente grato. Muitos amigos vieram me dizer que tens se esforçado para atenuar o curso e as consequências possíveis e até esperadas desta causa.

– Você não deveria vir aqui, Antônio, e sabe disso.

– O coração endurecido de Shylock pensa o contrário e tem fortes razões de que conseguirá consumar sua vingança. A bem da verdade, eu também tenho fundamentada certeza de que ela irá conseguir o que quer e não posso censurá-lo, mas apenas a mim mesmo e a minha leviandade e arrogância.

– Infelizmente... – Esquadrinhando o amplo salão onde ainda se espalhavam os senadores da República e uma pequena assistência, na qual Antônio reconheceu Bassânio, Graciano e Salarino, entre outros

amigos e companheiros de negócios, o Doge, voz tonitruante e perceptivelmente contrariado, indagou: – Alguém introduza o querelante na sala.

A porta se abriu. Ao ver Shylock apressar-se em atender ao chamado, Salarino gritou:

– Ele já está entre nós, Vossa Graça!

O Doge gesticulou para que saíssem de seu caminho ao mesmo tempo em que dizia:

– Shylock, o mundo pensa, tanto quanto eu, que pretendeis insistir nessa inacreditável prova de crueldade somente até a última hora do processo...

O prestamista deteve-se diante dele e, como que surpreso, questionou:

– Como assim, Vossa Graça? Sinceramente, não compreendo.

– Muitos acreditam que na última hora mudarás inteiramente de humor e vos apresentarás mais indulgente e mesmo generoso para com aquele que vos deve.

– Realmente? De onde haveis tirado ideia tão descabida?

O próprio Doge espantou-se com o que ouvira:

– Não é verdade? Pretendeis levar adiante essa demanda descabida e exigir o pagamento de uma multa?

– E por que razão abdicaria dela? Estou em meu direito.

– Desejais realmente retirar uma libra de carne do corpo deste pobre mercador?

– Não sei de onde todos os presentes, inclusive Vossa Graça, tiraram a estranha ideia de que eu abriria mão de meus direitos.

– Não seria o mais sensato a fazer?

– Sensato para quem, Vossa Graça? Não para mim, imagino. O que eu ganharia com tal gesto?

O próprio Doge, confrontado com tão inesperada indagação, moveu-se com certo embaraço e comentou:

– Decerto estais a par das grandes perdas que atingiram vosso devedor e imaginei que serias compassivo e indulgente diante de tais desventuras. Quem sabe? Talvez até o eximisse de metade dos juros da dívida e nem cogitasse cobrar multa tão absurda.

– É isso?

– Essa seria a reação esperada de uma alma compassiva e generosa. Isso é o que esperaríamos de vós.

– Reiteradas vezes já apresentei a Vossa Graça o que pretendo e

desde então nada mudou – disse Shylock. – Pretendo cobrar a devida multa e, se não me for negado direito legítimo. Certamente, muitos de vós, ao ouvir tal afirmação, se espantarão com o absurdo de minha obstinação e seguramente me tomarão por louco. Trocar três mil ducados pela carniça de uma libra de carne humana que não me traria proveito algum? Apenas um louco faria semelhante escolha, não é o que pensam? Que devo estar louco?

– Deveis ter vossos motivos.

– Ah, e certamente os tenho, Vossa Graça.

– Algo justo.

– Aos meus olhos ou aos vossos?

– Não entendo.

– Acredito que eu jamais o convenceria inteiramente, não importa o que vos dissesse ou alegasse. Milhares de exemplos poderia apresentar e assim mesmo nenhum deles abalaria a crença de cada um dos presentes na justeza de suas ponderações. Portanto, disso vos pouparei. Disso igualmente me pouparei. Bastai que saibam o grande ódio e a forte repugnância que Antônio desperta em minha alma e em meu coração. Não podeis compreendê-lo inteiramente, mas podeis pelo menos entrever sua relevância a partir da vultosa quantia de que estou abrindo mão para receber multa assombrosamente onerosa.

Irritado, Bassânio abandonou o pequeno grupo de espectadores e, revoltado, grunhiu:

– Maldito homem de pedra! Essas palavras respondem e justificam tão grande crueldade?

O rosto de Shylock cobriu-se com uma suarenta máscara de deboche e pouco-caso quando ele voltou-se para o jovem militar e zombou:

– Lamento dizer, meu amigo, mas ninguém me falou que eu deveria ser amável no que quer que correspondesse a um de vós.

Nesse momento, o Doge interferiu:

– E realmente não tem...

Shylock agradeceu com uma mesura reverenciosa.

– Dei-vos a resposta que desejava? – perguntou.

O Doge fez um muxoxo de contrariedade e respondeu:

– Deu-me a que eu esperava.

Um rumor de crescente indignação avançou pelos ouvintes, como preocupante maré de raiva e contrariedade. Aos primeiros xingamentos seguiram-se as primeiras ameaças mais enfurecidas,

alguns aproximando-se perigosamente e obrigando alguns senadores a apelar para que novos soldados fossem convocados para o interior do palácio ducal. Os ânimos se faziam cada vez mais exaltados e o confronto se mostrava praticamente inevitável. Foi nesse momento que Antônio levantou as mãos e se pôs a agitá-las, solicitação muda porém insistente para que todos se calassem.

– Por favor, meus amigos, eu vos peço para que atentai às palavras que vos diz o judeu – apelou, à medida que o silêncio estabelecia uma calma ainda tensa e das mais precárias no salão. – Tanto faz marchar em dia de forte tempestade para a praia a fim de pedir ao mar que estabeleça condições para que se acalme, quanto apelar ao lobo que poupe os poucos cordeiros que tem e com os quais aplacará a fome de sua família. Seria tolice. Seu coração é duro e a ele só interessa saciar seus instintos e não compreender os alheios. Deixai de lado toda esperança de tocar o coração do judeu. Nada mais oferecei nem vos preocupais em entabular novas negociações ou novas propostas, pois como vede, de nada adiantaria. Apressai meu destino, eu vos peço. Julgai a mim segundo as leis da terra, deixando a ele a consumação de seu desejo de vingança.

Adiantando-se aos outros, Bassânio virou-se para Shylock e ofereceu:

– Eu vos ofereço seis e não mais três mil ducados e pagarei agora mesmo!

O prestamista nem sequer se dignou a encará-lo. Correndo os olhos pelos rostos aflitos à sua volta, desdenhou:

– Guarde sua proposta para quem nela se interesse, Bassânio. De minha parte, insisto e faço questão de exigir o cumprimento do estabelecido por minha letra.

Impaciente, o Doge despojou-se da custosa imparcialidade a que seu cargo o confinava e a que ele se restringia com cada vez maior dificuldade, e rugiu:

– Se não consegues mostrar-se piedoso, como podeis esperar encontrar piedade da parte de qualquer um de nós?

Shylock o encarou e replicou:

– Nenhuma, certamente. Aliás, que castigo devo temer, se mal algum nunca pensei fazer? Não há maldade alguma no que peço. Se acaso eu libertasse vossos escravos pensando apenas em quão injusta é a escravidão, ou que aos rebanhos e criações que tens soltasse nos campos da necessidade alheia para, por exemplo, saciar a fome de

muitos, o que dirias a mim? Certamente se indignaria e de mim exigiria justa reparação, estou certo? Certamente estaríeis em seu direito, pois as leis asseguram a propriedade tanto dos escravos quanto dos animais, e inquestionável reparação por sua perda. Dura lex sed lex[1], não é verdade? Cada um de vós estaria em seu direito. De mesmo modo, eu vos digo, essa libra de carne que ora exijo foi por mim comprada por preço muito alto e a mim pertence, portanto, e está no meu direito exigi-la. Se tal direito me for negado, que valor terão as leis de Veneza aos olhos dos próprios venezianos? E, acima de tudo, aos olhos de todos os que negociam com a República? Não seria tal esbulho sinal de fraqueza ou pelo menos de parcialidade dos decretos de Veneza? Por essas e por outras, insistirei que meu pleito seja julgado e que a mim seja dado o que mereço por direito.

– Suas palavras estão carregadas de razão, prestamista, mas eu tenho o direito de dissolver a corte se Belário, um jurista dos mais respeitados que mandei vir para estudar o caso, não chegar no dia de hoje – informou o Doge, retornando à forte circunspecção que lhe atribuía o cargo.

Salarino achegou-se aos três interlocutores e, virando-se para o Doge, informou:

– Um mensageiro acabou de chegar de Pádua, Vossa Graça, com uma carta de Belário.

– Pois tragam-no agora mesmo a minha presença!

Alguns minutos se passaram em tensa expectativa. Salarino saiu apressado do amplo salão ducal, apenas para retornar ainda mais rapidamente. Os surpreendentes acontecimentos que se deram após a entrada de um escrivão mirrado e de traços finos, desconcertantemente femininos, aos quais nem o bigode e a barba rala conseguiam atenuar, ainda hoje são motivo de acalorados debates e imperecível desconfiança por parte de muitos, se não todos os presentes naquele final de manhã nas instalações do palácio ducal.

Os primeiros a se surpreender com tão insólita figura foram exatamente aqueles que, assim que bateram os olhos nele, se inquietaram, incomodados por uma percepção crescente de que o conheciam. Atormentaram-se Bassânio e Graciano com prolongada observação, entreolhando-se várias e várias vezes no silêncio de uma dúvida irremovível e perturbadora.

Quem seria?

Onde o haviam visto?

Chegaram a trocar olhares com o recém-chegados e se abalaram ainda mais com a percepção de que seus olhos eram familiares. Uma centelha de reconhecimento alcançou-os e pelo menos Graciano angustiou-se ainda mais, pois não lhe restou sequer um fiapo de dúvida de que o conhecia.

De onde teria vindo?

Salarino mencionara Pádua, mas Graciano não conseguiu associá-lo àquela cidade ou a alguma pessoa com quem mais corriqueiramente mantinha algum tipo de relacionamento em Pádua ou em qualquer outro lugar, muito menos Veneza.

Os passos do recém-chegados eram curtos. Desde que entrou, ele praticamente limitou-se a marchar na direção do Doge, que ao vê-lo à sua frente, indagou:

– Viestes de Pádua? – O mensageiro, mais do que depressa, anuiu silenciosamente. – Da parte do Doutor Belário?

Nova inquietação alcançou Graciano no momento em que o mensageiro, voz até tonitruante mas inescapavelmente anasalada e fina, quase feminina, respondeu:

– Sim, meu senhor. Belário saúda Vossa Graça.

Assustou-se e recuou na direção de Graciano ao ver uma faca na mão direita de Shylock.

– Para que essa faca, seu biltre? – indagou Bassânio, juntando-se a Graciano e postando-se, protetor, entre o mensageiro e Shylock. – Que maus instintos animam sua alma perversa?

Um sorriso escarninho torceu os lábios cinzentos do prestamista.

– Estou me preparando para cortar a multa do falido – respondeu.

– Ora, seu maldito... – Graciano calou-se, surpreendido, a atenção atraída para o mensageiro, com quem trocou um rápido olhar, não atraído exatamente por sua figura macilenta mas, antes, pelo perfume que exalava de seus cabelos confinados em uma touca negra. Aquele perfume... aquele perfume... Reconheceu e assim que o fez, esforçou-se para dissimular o espanto surgido pelo súbito reconhecimento, virando-se para Shylock e o ofendendo: – Cão dos infernos!

O intenso contentamento que animava a alma de Shylock irradiou-se e fez-se visível no rosto ossudo que aparentava ainda maior hostilidade.

– Se minha letra se mostra tão invencível e nada consegues com tantos e tolos xingamentos, aquieta vosso espírito, mocinho, e não canse inutilmente vossos pulmões. A mim só interessa a justiça.

Mais uma vez o Doge obrigou-se a intervir, gesticulando vigorosamente para que os soldados separassem os contendores e sinalizando para que o mensageiro se aproximasse.

– Onde está a carta que trazeis para mim? – indagou e, ao recebê-la, entregou-se a uma leitura das mais apressadas, antes de mais uma vez encarar o mensageiro e dizer: – A carta de Belário alega que ele está muito adoentado e impossibilitado de viajar.

– Assim o é, Vossa Graça – ajuntou o mensageiro.

– Mas dada a gravidade da causa, recomenda-nos um jurista mais moço mas de excepcional erudição. Onde ele está?

– Lá fora, esperando apenas que Vossa Graça mandeis entrar.

– Com imenso prazer – disse o Doge, gesticulando mais uma vez para alguns oficiais e ordenando: – Apressem-se e introduzam-no no salão com toda a cortesia que é característica de Veneza – rapidamente atendido, voltou-se para o mensageiro e ordenou: – Enquanto isso, que toda a Corte tome conhecimento do que Belário nos diz em sua carta.

Coube ao mensageiro, após a carta lhe ser devolvida, lê-la:

Saiba Vossa Graça que ao receber vossa carta eu me encontrava gravemente doente e por causa disso, e nenhum outro motivo, me é impossível atender a tão importante pleito. No entanto, em razão de grande coincidência e para sorte tanto minha quanto sua, ao mesmo tempo que recebia seu emissário, também acabara de receber a visita de um jovem doutor de Roma, de nome Baltasar. Por se tratar de criatura de extraordinário conhecimento jurídico e conversa das mais agradáveis, verdadeiro sonho de qualquer anfitrião, acabei por expor-lhe o motivo da controvérsia entre o judeu Shylock e o mercador Antônio. Interessou-nos sobremaneira vosso caso e nosso interesse foi imediato. Consultamos muitos livros e depois de vasta consulta percebemos que comungamos de idêntica opinião com relação ao tema em discussão. Como se trata de homem de insaciável curiosidade intelectual e surpreendente conhecimento jurídico, ele insistiu em vos levar as conclusões a que chegamos, até mesmo para, em meu lugar, atender ao apelo de Vossa Graça. Reitero e insisto para que nem Vossa Graça nem os senadores da Sereníssima República, que certamente o acolherão no palácio ducal, se deixem iludir ou o menosprezem em virtude de seus poucos anos. Posso vos afiançar que se trata de um corpo jovem mas que carrega

em sua cabeça a sabedoria e o vastíssimo conhecimento de um homem velho e dos mais experimentados. Acredito que tal prodígio será acolhido com extrema respeitabilidade e atenção por todos na Corte e que o documento que tem em seu poder será a sua melhor recomendação.

– Bem, teremos a oportunidade de saber a quantas andam a veracidade das palavras de Belário e sua reconhecida capacidade de julgamento – disse o Doge, apontando para os militares que escoltavam a figura hirsuta e corpulenta de um jovem investido em pesados trajes de doutor em Direito. – Eis que se aproxima o colega que nos mandou.

Acolhendo-lhe as mãos entre as suas em um cumprimento extremamente acolhedor, informou:

– Sois bem-vindo, meu jovem.

Marcharam para as cadeiras que ele e os senadores ocupavam costumeiramente, o Doge apontando para uma que se encontrava vazia à sua direita.

– É de vosso conhecimento a divergência que hoje discutimos nessa corte, pois não? – comentou.

O recém-chegado não respondeu de imediato. Ao contrário, por certo tempo limitou-se a esquadrinhar a multidão silenciosa que se amontoava pelo amplo salão. Sorriu quando seus olhos fixaram-se em Bassânio. Experimentou uma certa satisfação, pois, além da breve inquietação que o levou inclusive a fugir de seu olhar persistente, perscrutador, nada mais percebeu que pudesse inferir que ele a reconhecera. O jovem jurista era Pórcia, valendo-se de hábil disfarce como Nerissa, e aos poucos a tensão que a acometera ao pôr os pés no salão do Palácio Ducal foi sendo substituída por crescente confiança que por fim a levou a responder, por trás de convincente dissimulação de uma voz insípida e propositadamente roufenha, a pergunta que lhe fizera o Doge.

– Estou perfeitamente a par dos pormenores da pendência – disse, cofiando a barba curta e cerrada, dando a impressão de que esta o incomodava imensamente, os olhos estreitos deambulando pelos rostos a sua frente. – Onde está o mercador? Quem é o judeu?

– Estão bem à sua frente – respondeu o Doge, gentilmente. – Antônio é o mais jovem, e o velho é Shylock.

Pórcia fixou os olhos no prestamista.

– É este mesmo vosso nome, Shylock?
– Assim me chamo – respondeu ele.
Inclinou o corpo mais um pouco na direção de Shylock.
– Extremamente insólita é a natureza de vossa causa, mas se as leis de Veneza não apresentam nenhum obstáculo a ela, encontro justeza no que pedis – disse Pórcia. Virando-se para Antônio, questionou: – Estais inteiramente à disposição deste homem, não é mesmo, mercador?
– Assim diz ele, meu senhor – respondeu Antônio.
– Então reconhece a letra?
– Absolutamente.
– Em razão disso, é de esperar que o judeu se mostre clemente.
Shylock sacudiu a cabeça com contrariedade e indagou:
– E por que meios devo ser levado a tal gesto, poderia me dizer, meu senhor?
– Muito se poderia dizer e muito mais explicar como a clemência se faz necessária sob tais circunstâncias, mas eu vos asseguro que somente pelo que diz a letra fria da lei nenhum de nós alcançará a salvação. Para obter a graça de Deus, todos nós dirigimos as nossas orações e esperamos a Sua graça, a partir do momento que compreendemos que também temos que usar a graça. Depois de estudar minuciosamente a vossa causa, compreendo que este é dos tais momentos em que nos são exigidas a graça e a indulgência. Se digo e insisto para que levai tais palavras em conta, não o faço para diminuir vosso direito, mas antes para alertá-lo de que, exatamente por ter tanto poder em vossas mãos, deveis ser sábio ao valer-se dele para alcançar justiça. Todavia, se insistires, o severo tribunal de Veneza certamente dará sentença em seu favor e contrária ao mercador.
O rosto de Shylock transformou-se na máscara vil de um homem rancoroso e no limite ambicionado e próximo de tão esperada vingança quando ele disse:
– Que meus atos me caiam na cabeça. Nada desejo além da aplicação da lei, a pena estabelecida na letra já vencida.
– O mercador não tem condições de pagar a dívida?
Antes que a indagação o alcançasse completamente, Bassânio aproximou-se e respondeu:
– Pode sim, meu senhor. De imediato, posso depositar em nome dele o valor. Na verdade, até mesmo o dobro. Se porventura ainda não for suficiente, comprometo-me a multiplicá-la por dez. Dez vezes eu

pagarei a mesma dívida e nessa afirmação empenho até mesmo minha alma. E se mesmo assim não se fizer suficiente, ficará claro que neste pleito impera a malícia e não a lisura que se espera nas transações comerciais. Neste caso, apelarei para que a justiça se faça por outros olhos e não se deixe manipular, transformando-se em injustiça, por obra e graça deste demônio que conhecemos como Shylock.

– Impossível! – trovejou Pórcia, enfática. – Força alguma pode mudar as leis vigentes em Veneza!

Shylock sorriu e entusiasmado, disse:

– Ah, finalmente um jovem e sábio juiz que posso respeitar e acatar!

Virando-se para Shylock, Pórcia pediu:

– Por favor, seria possível mostrar-me a letra? Gostaria de examiná-la.

Extremamente confiante, Shylock aproximou-se e entregou-lhe o documento que carregava dentro de uma das mangas da túnica escura que vestia.

– Vosso documento apresenta alguns aspectos jurídicos assaz interessantes, Shylock – disse Pórcia depois de examiná-lo com acuidade por certo tempo.

Shylock surpreendeu-se.

– Verdade? Quais?

– Três, na verdade...

– É?

– O primeiro, inteiramente a seu favor, deixa claro que o documento já está vencido e, portanto, legalmente o senhor está no direito à reclamação da anteriormente citada libra de carne, cortada junto do coração do mercador.

– Sempre disse a verdade, senhor! Já falei uma mentira que fosse em minha vida? Nunca! Nem por toda Veneza.

– Isso estabelecido, mas uma vez apelo a que seja compassivo e que aceite a importância triplicada da dívida. Sendo assim, a mim é permitido rasgar o documento.

– Eu permitirei logo que liquidarmos a dívida de acordo com seus termos. Como grande conhecedor das leis, intimo-vos a cumprir o que estipula a letra firmada por Antônio. Nada solicito além disso.

Antônio impacientou-se e de pé ao lado do prestamista, virou-se para o jurista sentado à sua frente e apelou:

– Eu vos suplico, meu bom senhor, que pronuncie imediatamente a

sentença.

Pórcia aquiesceu com um aceno de cabeça e determinou:

– Pois que assim seja. Basicamente eu determino que preparai o peito para a lâmina afiada do credor.

Shylock mal coube em si de entusiasmo. Com a faca mais uma vez à mão, falou:

– Justíssimo juiz, o que mais posso dizer? Quão extraordinário se apresenta em suas decisões!

Pórcia espalmou a mão com impaciência, silenciando-o, e disse:

– Nada faço além de meu papel de fiel intérprete do espírito que norteia a aplicação das leis, mas antes, do espírito que norteou a sua criação. Aqui estou única e exclusivamente para observar que se faça cumprir a penalidade estipulada na letra.

– Sois um juiz íntegro e sábio.

Virando-se para Antônio, Pórcia ordenou:

– Descubra vosso peito, senhor Antônio!

Os olhos de Shylock estreitaram-se, iluminados por uma intimidante centelha onde raiva e ansiedade se misturavam com intensa satisfação.

– Sim, o peito – repetiu. – Como está na letra, é assim mesmo, senhor juiz? "Bem junto do coração", não é o que diz a letra?

– Certamente... – concordou Pórcia. – Já tens a balança preparada para pesar a carne?

– Há tempos carrego uma, nobre juiz.

– E o cirurgião?

Shylock surpreendeu-se:

– Cirurgião?

– Sim, decerto contrataste um, não?

– Como assim?

– Deveras, meu bom homem, contratastes um para que, consumado o cumprimento da letra, seu devedor não venha a morrer por conta de grave e incontrolável hemorragia, estou certo?

– Isso está estipulado na letra?

– Não exatamente. Mas dentro do mais profundo espírito das leis, é mister que se estipule que nenhuma outra sanção sofra o devedor além daquela estritamente definida na letra, não é mesmo? O senhor Antônio não se comprometeu a morrer caso não honrasse seu compromisso financeiro, mas antes, apenas estipulou que lhe daria uma libra da própria carne por consequência do atraso no pagamento.

Shylock, surpreendido, a faca ainda em riste, protestou:

– Não há nenhuma menção a tais coisas na letra.

Pórcia nada disse. Voltando-se para Antônio, questionou:

– Tendes algo a declarar, mercador?

– Quase nada, nobre juiz. Encontro-me absolutamente preparado para honrar o compromisso assumido. Não me queixo e muito menos me amofino. Nem mesmo de meu grande amigo Bassânio, por quem assumi tal compromisso, guardo o menor rancor. Prezo minha palavra e, para que nenhuma nódoa a macule, espero apenas que o judeu me corte profundamente o mais depressa possível, quitando de vez a dívida que assumi com ele.

Bassânio aproximou-se dele e angustiado, disse:

– Desposei uma mulher que me é tão cara quanto a própria vida, bom Antônio, mas neste momento, tão próximo de triste destino em que eu o lancei, nem essa vida, a esposa, o mundo inteiro são mais importantes para mim do que vossa existência. Não pensaria duas vezes, se possível fosse, em sacrificar minha vida para salvardes deste demônio vingativo.

Pórcia pigarreou, chamando-lhe a atenção. Olharam-se e mesmo naquele breve segundo, Bassânio não a reconheceu.

– Imagino que não vos será grata a esposa se tomasse conhecimento de que aqui estivesse a fazer tal proposta.

– Amo imensamente a minha esposa, mas no céu apreciaria vê-la se tal gesto permitisse que entrasse em contato com algum poder celestial capaz de demover este judeu de seu intento infame.

Shylock impacientou-se:

– Seria possível darmos andamento ao pleito, senhor juiz?

– Certamente – Pórcia endireitou-se na cadeira e, encarando-o, disse: – Pertence a ti, prestamista, uma libra de carne do corpo do mercador. A corte reconhece, pois a lei assim o permite e determina.

– Agradeço seu forte apego às leis, meu senhor.

– Também está estipulado que retireis essa libra de carne do peito do mercador.

– Decerto que sim, sábio juiz! – Shylock, ansioso, levantou a faca e deu um passo na direção de Antônio, que continuou imóvel, sustentando seu olhar. – Permiti que...

– Apenas um instante, Shylock.

O prestamista lançou ao jurista um olhar arregalado, o rosto pálido e pasmo de surpresa.

– O que foi? A corte o reconhece, porque a lei o permite... Não foi o que disseste?

– E a esta afirmação nem retiro ou incluo nenhuma outra frase ou a menor e menos importante palavra – respondeu Pórcia.

– Então...

– ...há apenas uma coisa.

– Que coisa?

– Pela letra, a sangue algum tens direito, nem sequer uma gota.

– Senhor?

– A letra se faz clara e absolutamente objetiva: “Uma libra de carne”. Portanto, tiras apenas o combinado: uma libra de carne. Firma a mão, pois se no instante em que a cortares, descuidar e derramares uma gota que seja do sangue deste cristão, teus bens, pelas leis de Veneza, passarão por direito ao Estado.

– A lei diz isso?

– Podeis ver o texto.

Nenhum dos presentes resistiu àquele momento e desfez-se o silêncio pesado e angustiado em uma gritaria em que à celebração incontrolável o silêncio emprestaria um alívio indescritível, que por fim faria com que todos convergissem seus olhares para Shylock. Nem uma palavra. A respiração tensa se apresentava em muda expectativa, como se esperassem pelo próximo gesto do prestamista.

Foi demorado. Por certo tempo, os olhos de Shylock deambularam de um lado para outro, como se repentinamente o próprio chão lhe tivesse sido surrupiado de sob os pés e a qualquer momento ele pudesse tombar, vitimado por imensa perda.

– Sendo assim, eu concordo com a proposta de receber três vezes mais a importância inicial da dívida, liberando o cristão de todo ônus.

Pórcia levantou-se e, encarando-os, disse:

– Vieste aqui irredutível, Shylock. Querias justiça. Portanto, por que te apressas desta maneira? As leis de Veneza não são feitas por ti nem se prestam a atender vossos caprichos. Por conta disso, tens agora somente o direito à multa estipulada.

– Dela abro mão!

– Prepara-te para cortar a carne, mas precavenha-se. Não poderás derramar uma gota de sangue sequer nem retirar um grama que ultrapasse o justo peso de uma libra. Da mesma forma, não poderás privar do devedor essa mesma uma libra, muito menos sua vida. Vamos, homem, cobra tua dívida!

Shylock viu-se vencido em seus propósitos mais maléficos e vencido pela arguta argumentação do jovem juiz. Ensimesmou-se, incapaz de enfrentar a multidão sedenta de vingança e, ainda mais, de ouvir o que Pórcia e o Doge diziam. Uma condenação após a outra, a execração pública mais cruel mesmo para alguém como ele fez-se tão implacável quanto a dele. Perdeu-se bem mais do que uma libra de carne naquelas intermináveis horas no interior do palácio ducal.

Shylock nada ouviu. Nada fez questão de ouvir. O pouco que ouviu, perdeu-se certo tempo depois na memória. As penas foram pesadas e resumiram-se simplesmente na perda completa de seus bens, tudo dividido ao meio e partilhado, de um lado, pelo Estado e a outra metade, transformada em herança infame que após a sua morte seria entregue a Jéssica, sua filha, e ao cristão que a desposou. Pior infâmia, talvez, só o castigo imposto por Antônio e referendado pelo Doge: ele deveria converter-se em cristão.

– Então, Shylock, estais contente? – perguntou Pórcia.

– Estou contente – respondeu ele, distante de tudo, farto de si mesmo ou, na verdade, daquilo em que o haviam transformado.

– Então redigi logo a ata, escrivão, de doação dos bens – soou a voz implacável do jovem juiz.

As últimas palavras jamais seriam esquecidas e se repetiriam em sua cabeça enquanto atravessa as ruas de Veneza para olhar sua casa pela última vez:

– Peço-vos permissão de retirar-me, pois me sinto indisposto e extremamente cansado. Enviai-me a ata para casa que terei imenso prazer em assiná-la.

Naquele mesmo dia, após despedir-se do Doge, escusando-se de uma celebração que a cidade de Veneza pretendia lhe oferecer pela solução de tão intrincada ação judicial, Pórcia declarou:

– Mil desculpas, Vossa Grandeza, mas preciso partir ainda esta noite para Pádua.

Divertiu-se um pouco mais com Bassânio, visto que, por mais que se insinuasse e deixasse ao alcance de seus olhos essa ou aquela pista de sua verdadeira identidade, ele em momento algum a reconheceu e nem mesmo tentou convencê-la a aceitar os três mil ducados que seriam pagos a Shylock.

– Muito bem pago já está quem satisfeito se declara. Por vos ter libertado, considero-me satisfeito e, com isso, fartamente pago de tudo. Não tenho espírito mercenário e tão somente apelo para que me

reconheças da próxima vez em que voltarmos a nos ver.

Bassânio ainda insistiu em lhe dar um presente, e Pórcia insistiu que aceitaria de ambos uma simples lembrança. Antônio deu-lhe suas luvas, mas ela insistiu para que ele lhe desse um anel.

– Esse anel, senhor? Mas, acredite, ele não vale nada – protestou Bassânio. – Esse anel é uma lembrança de minha esposa, que, no instante de me entregar, me fez prometer que nunca o daria nem venderia e muito menos o perderia.

Pórcia sorriu e argumentou:

– Se vossa esposa não for uma tola, quando vier a saber até que ponto fiz jus a essa lembrança, certamente não há de vos dedicar ódio implacável apenas por tê-lo dado a mim.

Ele a presenteou com o anel.

Naquela noite mesmo, antes de partir para Belmonte, Pórcia passou na casa de Shylock. Ele assinou ata com a doação de seus bens sem emitir uma palavra sequer, e nada disse quando ela se foi. No entanto, jamais foi encontrado para ser batizado e convertido ao catolicismo.

Expressão em latim que significa, em português, “A lei é dura, mas é lei”.

Angústia e paixão

A viagem de volta para Belmonte se fez lenta e angustiada para Bassânio. Dias e mais dias remoendo um arrependimento inútil e temendo as consequências de um gesto tolo de gratidão. Taciturno, não dormiu e nas poucas horas em que conseguiu conciliar o sono com o cansaço natural da viagem, acabou despertado por um pesadelo recorrente, tormento comum a todo homem apaixonado, qual seja, a perda de sua grande paixão. A preocupação era tão completa que volta e meia se alheava de tudo à sua volta, até mesmo de Antônio, que falido e sem maiores alternativas, concordara em acompanhá-lo e a seu séquito.

– Não se preocupe, meu bom amigo – tranquilizava-o de tempos em tempos. – Depois de tudo o que fizestes por mim, Pórcia concordará que minha dívida de gratidão contigo é imensa e sois bem-vindo em minha casa enquanto quiserdes.

Partilhavam de triste silêncio, mesmo que por motivos distintos. Infelicidade comum, pois, a seu jeito e a seu modo, carregavam o peso insuportável de perdas irreparáveis.

Veneza ficara dias para trás e naquele momento, quando alcançava Belmonte, Bassânio sabia que nada havia a fazer, pois o jovem juiz que salvara a vida de Antônio ainda se encontrava em algum lugar entre aquela cidade e Pádua, ou pior ainda, em paradeiro desconhecido entre Roma e o resto da Itália.

– Que tolice fiz, Graciano? – lamentava-se, pensando no anel que a

esposa lhe dera e que em momento de extrema gratidão, e pouca ou nenhuma reflexão, presenteara o juiz do qual nem recordava o nome.

Nessas horas, Graciano aliava-se a ele em igual arrependimento, pois também deixara para trás semelhante anel com semelhante promessa feita a Nerissa, a futura esposa.

– Os anéis eram de pouquíssimo valor, senhor – argumentou Graciano. – Se formos honestos e explicarmos os nossos motivos, tenho certeza de que as duas nos perdoarão. Afinal de contas, vão-se os anéis mas ficam os dedos, e nosso amor é verdadeiro e mais importante do que este ou aquele objeto.

Bassânio lançou um olhar pessimista para o companheiro de viagem e perguntou:

– Acredita realmente nisso, meu bom amigo?

Pessimismo igual tomou conta de Graciano.

– Estou tentando me convencer desde que saímos de Veneza, mas confesso que não está sendo nada fácil.

– Impossível.

– Como?

– Vai ser simplesmente impossível, acredite. Aquelas duas mulheres são terríveis!

Graciano aborreceu-se:

– Alto lá! Está falando de minha esposa!

– Estou falando da minha também, Graciano, da minha também.

– Quem sabe a felicidade de nos ver retornando sãos e salvos não as leve a esquecer essa porcaria de anel...

Bassânio sorriu tristemente.

– Aprecio seu otimismo, Graciano, aprecio mesmo.

Os dois alcançaram o imponente castelo de Belmonte ainda mais silenciosos e preocupados do que nunca. Responderam com tímidos sorrisos e acenos ao cumprimento de Jéssica e Lourenço, que encontraram em uma das várias alamedas que se entrecruzavam no amplo jardim. Para maior apreensão de ambos, Pórcia e Nerissa já os esperavam.

– Senhora, este é o meu grande amigo Antônio – apresentou Bassânio, buscando ganhar tempo, alinhavar excelente desculpa para que a raiva da esposa fosse mais amena, atenuada pelos dias passados um longe do outro. – Bem sabeis o quanto lhe devo...

Pórcia desviou seus sorrisos para Antônio e saudou-o alegremente:

– Sois muito bem-vindo à nossa casa!

Calou-se, um risinho malicioso preso aos lábios, ao ouvir Graciano, constrangido, desdobrando-se em explicações para com Nerissa, extremamente contrariada.

– Juro por essa Lua que nos alumia que sois injusta comigo. Se dei o anel que tu me ofereceste àquele escrivão, o fiz por pura e sincera gratidão. Afinal de contas, ele e seu juiz salvaram a vida de meu grande amigo!

Pórcia interveio:

– Estão brigando? Mal contraíram núpcias e já estão brigando? – Nerissa cruzou os braços sobre o peito e virou as costas para Graciano, contrariada. Pórcia sorriu para ele e indagou: – Posso saber o motivo?

O olhar de silenciosa cumplicidade trocado por Graciano com Bassânio prestou-se apenas a chamar a atenção de Pórcia, que, olhando para um e para outro, insistiu:

– O que houve? Sabe de alguma coisa sobre isso, meu caro Bassânio? Está envolvido?

– Entusiasmado com a salvação de meu amigo Antônio e atendendo a pedidos tanto do escrivão quanto do juiz, Graciano e eu presenteamos a ambos com o que pareceu interessá-los tanto... – explicou Bassânio.

– Os anéis, senhora! – rugiu Nerissa, fingindo irritação. – Acreditai nisso? Eles deram os anéis!

– Foi um erro, admito – desculpou-se Graciano.

– Pensando bem, muito estranho o interesse daqueles dois pelos anéis, não, Graciano? – argumentou Bassânio.

– Agora que tocaste no assunto...

– Aliás, os dois eram bem esquisitos.

Pórcia colocou-se entre ambos e, olhando para um e para outro, observou:

– Mudar de assunto não irá salvá-los. Sabem disso, pois não?

– Melhor seria ter cortado a mão esquerda e jurar que perdi o anel na luta – lamentou-se Bassânio.

– Não, não, meu senhor – insistiu Graciano. – Agora que podemos refletir um pouco, bem distantes da grande tensão que enfrentamos com o julgamento de vosso amigo, lembro-me que o juiz insistiu muito em receber seu anel como pagamento pelos serviços prestados, abdicando até mesmo dos três mil ducados referentes ao que devíamos ao prestamista judeu. Quando finalmente conseguiu o que queria, o escrivão que o acompanhava virou-se para mim e fez igual pedido.

– Você deu o anel que lhe dei... – disse Pórcia.

– Foi o que ambos fizeram, senhora – ajuntou Nerissa.

– Pois eu não subirei ao leito em sua companhia enquanto não vir o anel novamente em sua mão – disse Pórcia, olhos fixos em Bassânio.

– E eu lhe faço igual promessa – repetiu Nerissa, encarando Graciano.

Um grande silêncio alcançou a todos. Embaraçado, Antônio aproximou-se e disse:

– Lamento ser involuntariamente o causador dessas querelas, minha senhora...

Pórcia sorriu.

– Não se aborreça, senhor, pois ainda é bem-vindo nesta casa. Culpa alguma lhe cabe, mas apenas àquele que, tendo feito um juramento, tão levianamente o quebrou.

– Permita-me interceder em favor de meu dileto amigo, senhora. Já empenhei uma vez o próprio corpo pela sorte dele e, se não fosse pela pessoa que ficou com o anel com que o presenteou, aqui eu não estaria. Sinto-me responsável pela desdita de meu amigo e, por isso, a minha alma resolvo empenhar na certeza de que, conscientemente, ele jamais quebrará as promessas que lhe tenha feito.

Pórcia olhou para um e para outro e por fim entregou um novo anel para Antônio, pedindo:

– Será, portanto, o fiador de meu marido. Entregue-lhe isto e peça-lhe que seja mais zeloso.

Antônio o apanhou e de imediato entregou-o a Bassânio.

– Senhor Bassânio, agora ireis jurar-me que este outro anel será mais bem guardado.

Ao ver o anel e depois de examiná-lo rapidamente, Bassânio virou-se para Pórcia:

– Mas o que significa isso? Este é o anel que dei ao juiz!

Pórcia sorria e, sem nada dizer, entregou-lhe uma carta.

– O que é isso, Pórcia?

– Essa carta veio de Pádua, escrita pelo sábio Belário. Podeis ver que o doutor jurista foi Pórcia e o escrivão dele, ninguém menos do que Nerissa. Caso não acredite em nós, pode confirmar o que digo com seu amigo Lourenço, que sabe de minha trama. Além disso, essa carta traz notícia ainda mais extraordinária e importante para seu fiador.

Antônio espantou-se:

– Para mim? Do que se trata, senhora?

– Três de seus galeões inesperadamente aportaram em Veneza trazendo carga igualmente valiosa.

– Estou sem fala...

– Recuperaste parte de vossa fortuna, meu amigo.

Antônio, emocionado, afastou-se.

O que poderia dizer?

Haveria necessidade?

De um momento para outro, sentiu-se inconveniente. Bastava um simples olhar para perceber que os casais a sua frente queriam ficar a sós. Afastou-se simplesmente, gesticulando para a criadagem e o séquito que os acompanhara desde Veneza, levando a todos consigo. Enquanto os via se afastar, Bassânio virou-se para Pórcia e questionou:

– Quer dizer que você se fez passar pelo juiz?

Ela sorriu, divertida.

– Pois é... – admitiu.

– E eu não a reconheci...

Graciano voltou-se para Nerissa e aparentando estar bastante contrariado, reclamou:

– E você fez o papel do escrivão que queria desonrar-me?

As duas mulheres se entreolharam e, depois de certo tempo, explodiram em estrondosa gargalhada.

– Amanhece, meu marido – disse Pórcia. – Tenho certeza de que há muitas perguntas em sua mente. Que tal entrarmos para que eu possa responder-lhe mais convenientemente?

– Nada posso dizer em seu nome, Bassânio – admitiu Graciano –, e desconheço seu interesse em respostas para as tantas perguntas que muito provavelmente pretende fazer. Eu, por mim, guardarei como mais carinho e atenção o anel de minha querida Nerissa.

WILLIAM SHAKESPEARE
Otelo
TEXTO ADAPTADO
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

Otelo

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Principis

Texto
William Shakespeare
Adaptação
Júlio Emílio Braz
Preparação
Maria Stephania da Costa Flores
Revisão
Fernanda R. Braga Simon
Karine Ribeiro
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Fernando Laino Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
GeekClick/Shutterstock.com;
wtf_design/Shutterstock.com;
Epine/Shutterstock.com;
Slastick_Anastasia Dudnyk/Shutterstock.com;
RATOCA/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527o Shakespeare, William

Otelo [recurso eletrônico] / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira, SP : Principis, 2021.

128 p. ; ePUB ; 2,9 MB. - (Shakespeare, o bardo de Avon)
Inclui índice. ISBN: 978-65-5552-333-1 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Tragédia. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título. III. Série.

2021-339 CDD 822
CDU 821.111-2

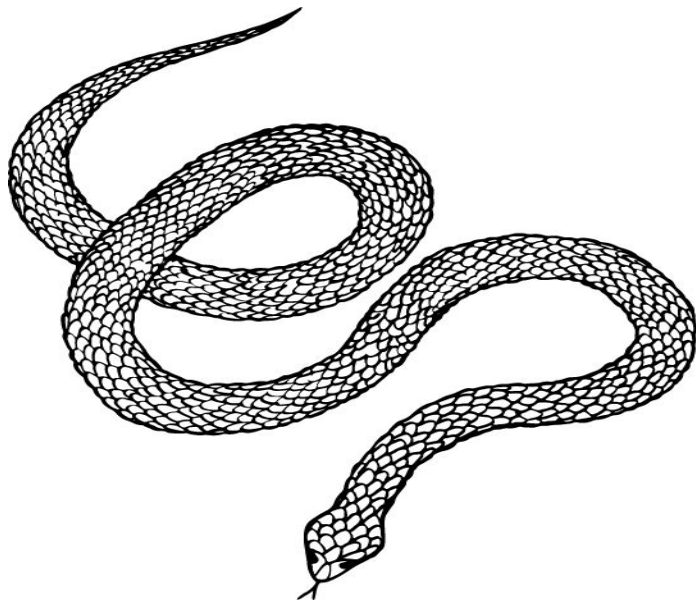
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa 822
2. Literatura inglesa 821.111-2

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

“Otelo é uma das poucas criações humanas – quatro ou cinco – que merecem o qualificativo de perfeitas...”

WALTER SAVAGE LANDOR
Escritor e poeta inglês

“Essa tragédia shakespeariana é a retração da maneira como a arte explora a realidade, imitando a sua complexidade. A honra, a reputação, a fidelidade e o preconceito denunciados na literatura funcionam como categorias morais e éticas que servem de arcabouço para o estudo dos institutos da ética, da moral e do Direito.”

ÂNGELA BARBOSA FRANCO
Professora de Direito da Escola de Ensinos Superiores de Viçosa

MARIA CRISTINA PIMENTEL CAMPOS
Professora Associada e Doutora em ensinos literários da Universidade Federal de Viçosa

Acautelai-vos, senhor, do ciúme,
é um monstro de olhos verdes,
que zomba do alimento de que vive.
Vive feliz o esposo que, enganado,
mas ciente do que passa,
não dedica nenhum afeto a quem lhe causa ultraje.
Mas que minutos infernais não conta
quem adora e duvida, quem suspeitas
contínuas alimenta e ama deveras!

OTELO – Ato III – Cena III

A Sereníssima República

Aquela que conheceríamos como a Sereníssima República de Veneza começou em meados do século V d.C., pouco depois da queda do Império Romano do Ocidente. No princípio, ninguém poderia imaginar que ela viria a ser uma das potências políticas e econômicas da Idade Média. Na verdade, sua origem foi modesta e fruto da árdua luta pela sobrevivência.

Naqueles tempos, a Europa via-se assolada pelas mais diversas ondas de invasores, que passariam a ser conhecidos ou identificados de forma genérica por “bárbaros”. Com o fim do poderio militar e organizacional do Estado romano, o continente fragmentou-se em pequenos Estados feudais, que pouco ou nada podiam fazer para enfrentar tais invasões, empenhados que estavam em garantir a própria sobrevivência. Não seria diferente entre as pequenas cidades e aldeias do Norte do que viria a se constituir mais de mil anos mais tarde na Itália.

Premidos pelo medo e conscientes de que deveriam se estabelecer em lugares de cada vez mais difícil acesso ou que pelo menos lhes

garantissem um ponto estratégico para a própria defesa, os primeiros habitantes daquela que viria a ser a cidade-Estado mais poderosa do Mediterrâneo foram aos poucos se estabelecendo no território inóspito de uma laguna e espalhando-se por suas mais de cem ilhas e ilhotas, interligando-as com uma infinidade de pontes e canais; os prédios não diretamente construídos sobre sua precariedade territorial, mas em plataformas de madeira apoiadas por estacas no chão. As milhares de palafitas encravadas basicamente na lama, que no princípio aglutinavam um amedrontado grupo de colonos interessados apenas em um refúgio seguro e até mesmo temporário, fruto mais do desespero e da necessidade do que de algum planejamento, aos poucos, por força até de sua difícil acessibilidade e, consequentemente, da resistência aos invasores que continuavam a devastar as regiões vizinhas, foram atraindo novas e cada vez mais numerosas levas de refugiados. A cidade cresceu vertiginosamente e espalhou-se em todas as direções, apesar das dificuldades que a acompanharam desde sua origem e se agravaram como parte indissociável de seu crescimento e poderio.

Partindo das ilhas arenosas de Torcello, Jesolo e Malamoco, a laguna inóspita e vencida à mercê de muito esforço e engenhosidade transformou-se em um mar interior fervilhante de gente de Torcello, ao Norte, até Chioggia, ao Sul, unificando os pequenos aglomerados que surgiam nas ilhas ao redor, fossem eles vilas de pescadores, de artesãos, como Murano, mas, acima de tudo, de comerciantes e financistas que fugiam de suas cidades no continente. Foram as novas levas de colonos endinheirados que fomentaram o crescimento da cidade, com seus interesses e necessidades. Era preciso fortalecer as ilhas, e isso levou à obrigação de drená-las, ampliá-las e, obviamente, reforçar todo o frágil ambiente com sucessivas construções de canais e o escoramento de suas margens com estacas de madeira, tão próximas umas das outras que chegavam a se tocar. E já se prestavam a fundações para os prédios.

Veneza cresceu de modo extraordinário e enriqueceu na mesma medida. A Rainha do Adriático, como viria a ser conhecida, seria transformada em uma potência militar e econômica. Em uma cidade onde convertiam-se em nova necessidade a opulência e a riqueza, materializaram-se construções esplendorosas como a Piazza San

Marco, o Palazzo Ducale, San Zanipodo, San Giorgio Maggiore. As grandes fortunas, por meio de um grande mecenato, foram igualmente responsáveis pela atração de grandes artistas para seus palácios e cortes.

Nascida da natural intimidade com o mar, Veneza se transformou também em terra de hábeis navegadores e construtores navais, tanto quanto de comerciantes que a elevaram à condição de superpotência econômica a partir do século IX, quando se transformaria também na operosa República, que, no seu auge, governaria inteiramente o Adriático, controlaria o comércio entre o Crescente Fértil e a Europa, os vários impérios do Oriente e se permitiria rivalizar em poder político com a própria Igreja Católica, dando-se ao luxo de muitas vezes ignorá-la em diversas questões, algo impensável para a maioria dos reinos da época.

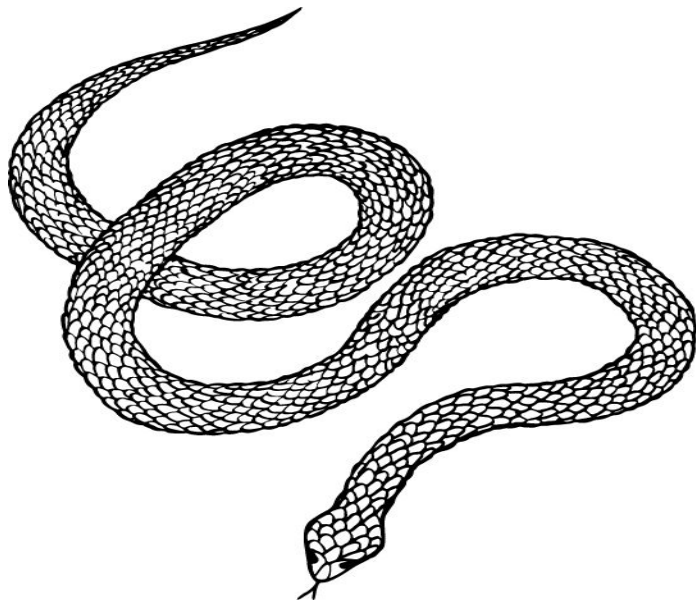
Desprezível em termos agrícolas – além das tainhas e das enguias da laguna e das várias salinas, Veneza não produzia nada –, a cidade era vulnerável à fome, o que explica sua natural vocação marítima e comercial. As lutas contra piratas croatas, que duraram mais de cento e cinquenta anos, e por esse tempo se constituíram em seu maior obstáculo no avanço pelo Adriático, prestaram-se igualmente a levá-los ao desenvolvimento de uma marinha temível e quase invencível. Suas embarcações foram as primeiras a montar armas de pólvora a bordo, e a necessidade de defesa obrigou-os a organizar um eficiente sistema de estaleiros navais, arsenais e fabricantes de velas, a fim de que sua marinha estivesse continuamente no mar, compensando as perdas em combates e nos frequentes naufrágios.

Os primórdios da República remontavam a meados do século VII, quando as famílias ricas da cidade, aproveitando-se da fragilidade dos governantes nomeados pelo Império Bizantino (que conquistara Veneza no século anterior), nomearam Paololucio Anafesto como o primeiro doge – título dado a seus governantes e que, no começo, era de caráter hereditário e vitalício e, mais tarde, eletivo e vitalício, após diversas lutas entre as mesmas famílias pelo poder. Singular em sua origem e constituição, a República Veneziana desde o início foi fruto da preocupação de seus fundadores de que apenas um homem, o Dux (ou doge), tivesse todo o poder em suas mãos e de que qualquer um os governasse, em especial quando tal pessoa se mostrasse prejudicial a

seus interesses econômicos. Para evitar isso, várias instituições foram criadas, e regras rígidas foram instituídas. Na prática, estabeleceu-se a partilha do poder entre o Dux e as famílias de patrícios, que controlavam a economia da República (no seu apogeu, contada em número de duzentas famílias), o chamado *collegio*, que formaria uma espécie de poder executivo.

Hábeis negociadores levaram a República a espalhar-se rapidamente. Seus embaixadores gozavam de amplos privilégios não apenas junto do Império Bizantino, mas também entre os muçulmanos, mesmo depois de o Concílio de Latrão, em 1261, proibir tais relações comerciais.

Veneza expandiu seu poder com o comércio da seda e de especiarias de Constantinopla, explorando o lucrativo negócio da compra de escravos no Sul da Rússia para vendê-los no Norte da África e em sentido contrário, vendendo na Europa os que eram adquiridos em Alexandria e na Turquia. Peixe da Dalmácia, ferro dos Alpes e tecidos de outras partes da Ásia Menor eram também suas fontes de lucro. Em 1204, com o advento da Quarta Cruzada, teria início o período de grande apogeu da República Veneziana. Tendo à frente o doge Enrico Dandolo, as galés de Veneza tomariam Constantinopla, e o Império Grego seria dividido entre os cruzados e os venezianos. Estes ficariam com diversos bairros comerciais de cidades da Síria, da Palestina, de Creta e de Chipre. Nesse mesmo período, Marco Polo empreenderia sua famosa viagem à China, símbolo maior do forte espírito empreendedor da Sereníssima República, que se aventuraria para além de suas fronteiras naturais, enveredando por outras partes da Europa e chegando mesmo a estabelecer colônias em cidades como Southampton e Londres, na Inglaterra, e Bruges, nos Países Baixos.

A triste história de Otelo e Desdêmona se passa nesse período de grande poder e opulência, quando as galés venezianas eram senhoras absolutas de todos os mares conhecidos e os exércitos da República contavam com grandes contingentes de mercenários para impor, espalhar e manter o seu poder. Conta-se mais ou menos assim...

Amor

Ela saiu da escuridão e lançou-se a seus braços, submissa a seu amor, vitimada pela paixão que a desobrigou de compromissos e compreensões acerca de riscos à justa revolta que sobreviria na alma de seu pai quando tomasse conhecimento de seu gesto. Em contrapartida, assenhoreou-se daquele que muitos temiam, mas que dominava com a delicadeza melíflua de suas palavras, com a centelha hipnótica de seu olhar.

A ansiedade, porém, cresceu no coração dele e, por instantes, o medo que o alcançou foi infinitamente maior do que aquele causado pela aparição do pior de todos os inúmeros inimigos que enfrentou ou ainda enfrentaria.

"Isso foi há muito tempo", pensou.

Aquela emoção fez-se encanto e foi apenas aumentando quando a identificou na distância e seus olhos se encontraram. Como da primeira vez.

Que dizer?

Que fazer?

Que esperava por ambos?

Tudo na vida tem consequências, e à paixão misturavam-se as muitas dúvidas de seu gesto. Os que até então o amavam certamente acabariam por odiá-lo e o perseguiriam. Poder e honrarias poderiam simplesmente se desfazer em um instante, lançá-lo à infâmia e destruir a expectativa de honra e decência não apenas de si, mas daquela que se aproximava e que ele tanto amava, a ponto de entregar-se àquela loucura que se investia de toda sorte de riscos e que poderia destruir a ambos.

Ah, amor...

Inimigo invencível, implacável destruidor de vidas e terrível manipulador de vontades.

Enquanto ela se aproximava, ele voltava a tempos não tão distantes, mas bem mais tranquilos, quando sua única preocupação se prendia à sobrevivência cotidiana diante dos inimigos nos campos de batalhas e, mais frequentemente, nos insidiosos e traiçoeiros salões elegantes dos belos palácios de Veneza. Tempos em que o pai dela, como outros tantos, recebiam-no de braços abertos em suas casas e o tratavam com a deferência cabível e esperada por aqueles que faziam a grandeza da poderosa República e a riqueza de seus ainda mais poderosos comerciantes, como Brabâncio.

Naqueles tempos, todos se interessavam pela sua existência permeada de sofrimentos e das mais mirabolantes aventuras. As perguntas se repetiam, e a elas tinha paciência de satisfazer, falando de cada ano com riqueza de detalhes, enveredando pela minúcia dos mais remotos dias de uma infância abruptamente interrompida pela violência de um ataque de muçulmanos que matou seus pais e irmãos e que mais tarde o levou a ser vendido como escravo. O interesse crescia à medida que as situações perigosas que narrava percorriam um doloroso itinerário de humilhações e castigos e da crueldade por vezes insuportável nas mãos de seus senhores turcos. As peripécias que o levaram a se transformar em um formidável guerreiro ainda nos primeiros anos de uma adolescência forjada em prélios sangrentos, cercos devastadores e toda sorte de acontecimentos inesperados, quando sua vida invariavelmente esteve por um fio, prestaram a lhe conferir a fama de audaz e, por fim, a tão desejada liberdade. Todos se sentiam honrados por recebê-lo em seus palácios e se aglomeravam

em torno dele, sequiosos por suas narrativas dos perigos em campos de batalha longínquos e diante de inimigos que a todos assombravam pela ferocidade; dos muitos acidentes a que lograra sobreviver no mar e em terra, onde igualmente se aventurara através de cavernas descomunais, penhascos assombrosos e traiçoeiros, ilhas misteriosas e perpassadas de inumeráveis riscos e habitadas pelos mais surpreendentes povos, provocando especial horror com aquelas histórias de tribos de tenebrosos comedores de carne humana ou que se escondiam nas profundezas da terra, entre outros tantos. Foi em uma daquelas reuniões memoráveis que seus olhos se encontraram com a intensa curiosidade e com os belos olhos verdes da filha de Brabâncio.

Mesmo com os afazeres da casa quase sempre lhe tomando todo o tempo, aos poucos foi percebendo que ela roubava deles uns poucos minutos e avançava às escondidas sempre que os visitava, mais e mais interessada em suas histórias, os ouvidos ávidos por ouvi-lo, para partilhar de sua existência, seu encantamento, aos poucos, em tudo se assemelhando ao dele, o que o levava a provocar mais interesse e a dedicar-se a inventar subterfúgios para, de um lado, aumentar mais e mais o seu interesse e, por outro, encontrar meios e maneiras de fazer com que os pais permitissem que um se aproximasse do outro.

Às primeiras lágrimas amealhadas com as façanhas que constituíam sua existência seguiu-se a comoção generosa de sua juventude, que a levava a procurar mais e mais a companhia dele, um interesse tão tocante que em pouco tempo se transformou em paixão das mais sinceras e, por fim, em um amor arrebatador que transformaria em inescapável suplício as horas passadas um longe do outro.

Aquele que se fazia facilmente temido nos campos de batalha e que em tempo algum recuara de perigos ou inimigos viu-se logo vencido pelo encantamento despertado por uma bela jovem de olhos verdes. Rendeu-se mesmo antevendo a grande resistência que provocaria no seio da família do poderoso Brabâncio. Desfez-se de toda prudência num ímpeto de paixão; disse-lhe tudo, declarou-se e falou com honestidade sobre o grande amor que nutria por ela e, no coração dela, encontrou igual ou ainda maior retribuição.

Ela o amou e, apesar dos temores que cercaram tão intempestiva decisão, declarou que não conseguia viver sem a companhia dele e até

às maiores loucuras prazerosamente se atiraria para estar a seu lado e merecer seu amor. Nada temeria, nada os separaria. Nem a família nem os muitos amigos que, percebia, olhavam com cada vez maior reserva a relação entre ambos.

"Apenas você tem a capacidade de pôr fim a todo amor que carrego em meu coração". Tais palavras se repetiam em sua mente desde que ela as pronunciara pela primeira vez. Comoveu-se às raias da insensatez e da prudência. Arremeteu e se entregou a tanto amor em igual medida.

– Que caia a maior destruição sobre a minha existência se eu passar mais um dia sem você, minha senhora – foi o que ele disse, em um compromisso apaixonado, quando enfim se decidiram pela fuga logo ao anoitecer. Fugir e casar-se.

A escuridão de repente deixou de ser o último empecilho a separá-los, e, quando a abraçou demoradamente, a fuga deixou de ser apenas uma possibilidade para se converter em um caminho sem volta. Otelo e Desdêmona apenas partiram, fugiram para viver o seu amor, a despeito de todas as consequências possíveis, conhecidas e esperadas.

– Permita o céu que nosso amor e nossa felicidade cresçam como os dias que ainda temos de vida – seria o único e repetido pedido que Desdêmona lhe faria desde o momento que saíram da igreja, já casados.

Ressentimento

– Pois já escolhi meu oficial.

A frase feriu Iago de morte. Não o privou da própria vida nem da intenção de fazê-lo. No entanto, o ressentimento converteu-se rápido em veneno e desde então vinha aos poucos consumindo-lhe a sanidade, mas, acima de tudo, os bons sentimentos. Infelicidade. Algo drástico. Incompreensível, pois, verdade seja dita, ele decerto os tivera e a tão bons sentimentos facilmente agregar-se-iam outros tantos quanto coragem e, o maior deles, um senso de exemplar fidelidade àquele que acompanhava há tantos anos e cuja vida, em mais de uma ocasião, salvara.

A fragilidade de uma bolha de sabão. Tantos e tão bons sentimentos se foram com a mesma rapidez e fragilidade de uma bolha de sabão.

– Pois já escolhi meu oficial.

Ingratidão. Uma grande, imensa ingratidão.

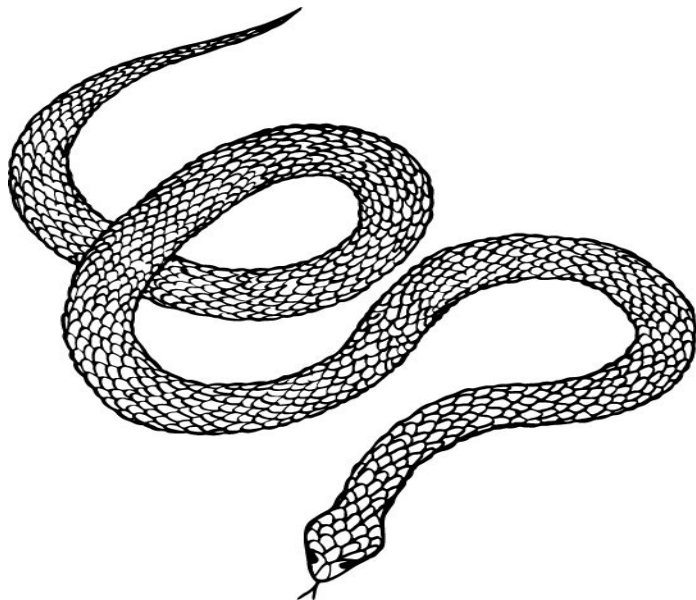
Sentiu-se traído em seus muitos anos de dedicação e fidelidade.

Cinco ou seis palavras ditas até com leviandade, e Iago submergiu na amargura tão comum àqueles que se sentem desprezados ou

amesquinhados, deixados de lado, como algo sem valor. Inconformado, não aceitava a decisão de seu comandante. Por mais que explicasse e alegasse fundamentadas razões, fugia-lhe de todo a aceitação de ser deixado de lado em prol de escolha incompreensível de um matemático, um indivíduo vindo de Florença e que jamais comandara sequer um soldado em um campo de batalha, que da guerra sabia menos do que uma fiandeira, um erudito que decerto seria capaz de extrair prodígios de inteligência dos muitos livros que carregava consigo, mas era absurdamente um idiota com uma espada na mão.

Inacreditável.

Como pudera Otelo ser capaz de privá-lo de tão justa promoção a tenente?

Como poderia relegá-lo ao cargo de simples alferes e, portanto, submisso aos caprichos de um reles devorador de livros, um construtor de frases bonitas e um calculista, capaz de entreter centenas, com a cabeça cheia de números, mas uma nulidade até no menor e menos significativo campo de batalha?

O que se passara na cabeça de Otelo? Que artimanha palaciana fora capaz de levá-lo a ignorá-lo, logo ele, que há tempos lhe oferecia provas rotineiras de sua fidelidade e de imensa habilidade nos campos de batalha, onde esteve sempre a seu lado?

Apesar de ter a exata compreensão de que as promoções via de regra eram conquistadas por meio de palavrórios inúteis mas sedutores, nos salões de palácios suntuosos, onde a lisonja e a subserviência se transformavam em armas mais eficazes do que o companheirismo construído à força das armas e na linha de frente de encarniçadas batalhas, a revolta cresceu em seu coração, e a custo obrigou-se a se controlar antes de fazer alguma besteira. Um perigoso desejo de vingança perambulou por seus pensamentos como vontade frequente a lhe tirar o sono e, por pouco, a própria sanidade. Devagar foi se acalmando, não se resignando, mas, antes, apegando-se à sabedoria que vem com a paciência e a certeza de que o tempo é o maior conselheiro em momentos como aquele. Em vez de se afastar, magoado, sentindo-se desprestigiado, tornou-se mais próximo, não exageradamente, para não despertar suspeita, mas única e tão-somente para tranquilizar seu comandante, para torná-lo descuidado

com relação aos sentimentos que alimentavam o prato frio de sua irremovível vingança. Em pouco tempo deixou de ser o que sempre fora, entregou-se às aparências, fez-se outro, invisível aos olhos de Otelo, fiel seguidor de seus próprios interesses, distante do que fora, subserviente até os limites da falsidade. Em sua nova relação consigo, descobriu-se convivendo com outra pessoa dentro de si, uma nova personalidade que até então hibernava no ponto mais obscuro de sua existência. Um grande aliado.

Como consequência, o ressentimento diluiu-se bem devagar. Substituiu-se a raiva, indesejável e má conselheira, pela paciência atenta que o levou a acompanhar-lhe os passos e as ações, por menores e menos significativos que fossem. Em igual medida, por meio de silenciosa porém persistente observação, identificou outros ressentimentos que rodeavam Otelo. A insatisfação de outros militares. O preconceito de muitos dentre os membros do Conselho da República, que se indignavam ou se enchiam de suspeita com a excessiva relevância que se atribuía ao Mouro. Arregimentou dentre eles novos e bons aliados. Insinuou-se em seus corações, alimentando a animosidade particular de cada um deles com palavras, insinuações e comentários. Sem pressa alguma, mas bem ao contrário, com extrema cautela, foi erodindo a confiança depositada em Otelo. Do mesmo modo, foi assim que percebeu o crescente interesse da bela Desdêmona por ele e, em resposta, o envolvimento que se transformou rapidamente em paixão deste por ela.

A fuga de ambos seria mera questão de tempo, disse de si para si, enquanto os espreitava em uma das muitas ocasiões em que, vigiando Otelo, o viu esgueirar-se para dentro da casa de Brabâncio.

Insídia

Seu nome era Rodrigo. Alto e esguio, acostumara-se a prender os longos cabelos acinzentados por trás das orelhas e as pontas do bigode, lustradas e caindo-lhe pelos cantos da boca estreita e sem lábios. O queixo proeminente apontava de modo arrogante para a frente, e o cavanhaque ralo que o encobria aparentava ter mais a função de esconder a cicatriz coleante e esbranquiçada que o enfeava. Aliás, peculiaridade que explicava os trajes elegantes que usava e a exagerada preocupação com a própria aparência.

Iago o tinha pela conta de vaidoso tanto quanto facilmente suscetível às suas palavras. Um entre os vários aliados que amealhara nos últimos tempos. Um dos mais fiéis.

– Fica aqui mesmo a casa do pai dela? – perguntou ao pararem na frente do opulento palacete de Brabâncio.

Iago anuiu com um aceno de cabeça e insistiu:

– Vamos, homem, grite! Grite como se apenas o pai de Desdêmona pudesse salvar-lhe a vida!

Rodrigo hesitou por um instante.

– Você acredita que ele virá?

Iago o xingou e o deixou sem resposta. Virando-se para o enorme vulto que se agigantava diante de seus olhos, gritou:

– Ladrões! Acorde, senhor Brabâncio! Sua casa, sua mulher e filha e seus cofres correm perigo!

Rodrigo encheu-se de ânimo e um pouco depois se juntou a ele:

– Brabâncio! Acorde, senhor Brabâncio!

Uma das janelas iluminou-se no segundo andar do palacete e, a figura maciça e sonolenta, com rosto largo transformado em temível careta de contrariedade e iluminado pelo clarão avermelhado de um archote, materializou-se na escuridão.

– Que se passa? – rugiu ele, o archote erguido temerariamente, quase uma ameaça, buscando identificar os vultos que se agitavam na ruela estreita e às escuras. – Qual o motivo de toda essa confusão?

Rodrigo, aparentando preocupação, adiantou-se e, deixando-se iluminar pelas chamas, perguntou:

– Senhor, está aí dentro toda a sua família?

Mesmo preferindo manter-se às sombras, Iago ajuntou:

– Todos os seus quartos estão fechados?

Brabâncio irritou-se com as repetidas indagações e berrou:

– Quem quer saber? Por que acreditam que lhes devo tal satisfação?

– Misericórdia, meu senhor, vá se vestir! – insistiu Iago, dissimulando forte aflição em sua voz. – Não temos tempo a perder.

– Do que está falando, seu biltre?

– O senhor foi roubado! O coração certamente irá explodir quando souber o tamanho de sua perda!

– Que despropósito...

– Por Deus, meu senhor – insistiu Iago. – Agora mesmo, enquanto discutimos, o bode negro está cobrindo sua preciosa ovelha branca...

– Que tolice está me dizendo, seu louco?

– Toquem os sinos! Despertem todos os cidadãos que dormem e corramos o mais depressa que pudermos ou muito em breve o senhor se tornará avô.

– Do que está falando? Perdeu o juízo?

Nesse momento, ansioso, Rodrigo avançou ainda mais, esforçando-se para que o clarão do archote de Brabâncio o iluminasse por completo.

– Não me reconhece, senhor Brabâncio? Sou Rodrigo. O nome não...?

– Ah, é você, seu biltre? Eu não o proibi de voltar aqui? Não lhe disse que minha filha não era para seu bico?

– Decerto, e eu...

– Então o que está fazendo aqui, provavelmente bêbado, perturbando o meu repouso?

– Meu senhor, por caridade...

– Desapareça ou terá a oportunidade de saber quanto posso fazer com o posto que tenho na República para que se arrependa amargamente até do dia em que nasceu!

– Paciência, senhor, e eu lhe direi tudo o que...

– Por que me fala de roubo?

Impaciente e percebendo que Rodrigo se atrapalhava com as próprias palavras, mas principalmente no temor crescente que lhe provocava a violenta e ameaçadora verborragia de Brabâncio, Iago interferiu, buscando ser persuasivo:

– Que pecado, senhor. Estamos aqui, preocupados com a sua honra e com aquela que ama, e somos recebidos como velhacos e merecedores apenas de sua raiva e desconfiança. Porventura o senhor quer que sua doce filha seja coberta por um cavalo berbere e que muito em breve seus netos relinchem atrás de você?

– Quem é você, verme sem pudor? Como ousa?

– Sou apenas um homem indignado que se arrisca única e exclusivamente para vir até aqui e alertá-lo de que o Mouro que esta cidade inteira idolatra, abusando de sua confiança e admiração, acaba de tirar desta casa o seu bem mais precioso, que é sua filha.

A primeira reação de Brabâncio diante de tão surpreendente revelação foi xingar aquele que considerava ser o responsável por tal infâmia e ameaçá-lo:

– Você vai me pagar bem caro por essa calúnia, Rodrigo!

– E eu me coloco desde já à sua disposição para responder pelo crime de que me acusa! – replicou Rodrigo. – No entanto, reitero que digo a verdade e queria saber se foi com seu consentimento que sua linda filha, na calada da noite e contando com a cumplicidade de um gondoleiro, saiu em companhia de um sujeito que em tudo se assemelha a um velhaco e com quem pretende casar-se.

– Está louco, patife? Terá a bebida lhe furtado o juízo e a sanidade?

– Se o senhor sabe de tudo e concorda com isso, realmente o ofendo, e será justa sua revolta. No entanto, se desconhece tudo e não deu permissão para que sua linda filha se casasse com o Mouro, apresse-se...

Brabâncio inquietou-se. Diante da obstinação de Rodrigo e da insistência com que repetia sua acusação, titubeou e, em pouco tempo, tenso, afastou-se da janela e desapareceu no interior do palacete, aos gritos, despertando todos que encontrava pelo caminho. Novas janelas iluminaram-se nos dois andares, e a barulhenta confusão de passos apressados espalhou-se. Das portas que se abriram um pouco depois saíram vários servos, carregando archotes e acompanhando Brabâncio, que se distanciava pela rua e pelas várias vielas próximas.

Iago puxou Rodrigo para dentro de uma delas e tapou-lhe a boca ao mesmo tempo em que explicava:

– Não é prudente e muito menos recomendável que eu fique mais tempo por aqui ou me junte ao senador. Não posso ser chamado a testemunhar contra qualquer um, muito menos contra o Mouro. Além do mais, duvido que, mesmo acusado por Brabâncio, o Estado se disponha a dispensar os serviços dele, ainda mais agora que se avizinha nova campanha contra os cipriotas.

Rodrigo retirou a mão de Iago com um forte repelão e, com aparente confusão, indagou:

– O que pretende fazer então?

– Por enquanto ele precisa acreditar em minha amizade. Você terá que encaminhar Brabâncio e a turba que ele está reunindo para vingar-se da afronta de Otelo para o albergue do Sagitário...

– Por quê?

– Ora, porque foi para lá que ele levou Desdêmona, e certamente os dois ainda estão naquele lugar.

– Mas como lhe contarei isso sem despertar suspeita?

Vários archotes iluminaram uma das esquinas no final da rua. Rodrigo e Iago viram Brabâncio e um enorme grupo de homens avançar na direção de ambos.

– Ele está voltando! – gritou Iago, correndo para dentro de um dos becos e desaparecendo na escuridão.

Rodrigo o acompanhou com os olhos e, por um instante, chegou a

pensar em acompanhá-lo na fuga, temendo a confusão da turba perceptivelmente contrariada. Brabâncio aparentava forte indignação, e Rodrigo temeu que ele acabasse por feri-lo.

Correu ao encontro dele, agitando os braços e gritando:

– Estou bem certo de poder encontrá-los. Basta me fornecer uma boa escolta e me acompanhar!

Noite atribulada

Noite escura, cidade silenciosa. A escuridão insólita aliou-se a Iago e lhe forneceu refúgio seguro para esgueirar-se pelas pontes e canais sem que luz alguma o denunciasse ou se convertesse em obstáculo em sua habilidosa saga por ruas vazias. Como grande conhecedor de Veneza, ele marchou por atalhos, abreviou sua jornada por caminhos que poucos conheciam sem cruzar com algum rosto familiar, sem ser importunado por um bêbado e sem ser acossado pelos muitos criminosos que se refugiavam na escuridão úmida e hostil em busca de suas presas cotidianas.

Preocupava-lhe que outros alcançassem Otelo antes dele, principalmente Brabâncio. A seus planos se fazia imprescindível uma confiança inabalável, isenta de suspeitas. Até o último instante, quando consumaria sua vingança, aquele que muitos conheciam como Mouro deveria ser o maior fiador de sua lealdade e a própria vida seria capaz de entregar em suas mãos. Nem por um segundo ele deveria vislumbrar o menor laivo de seu inconformismo e muito menos ceder a alguma suspeita de traição de sua parte.

Encontraram-se no albergue do Sagitário, e Iago surpreendeu-se ao não encontrar Desdêmona na companhia de Otelo.

– Está realmente casado, meu senhor? – insistiu em mais de uma ocasião depois de contar-lhe acerca dos acontecimentos que culminaram com a busca que Brabâncio e uma crescente multidão de moradores de Veneza moviam a ele e à filha do senador. – Não me queira mal, mas sabemos que Brabâncio é muito poderoso e sérios problemas será capaz de lhe causar se o senhor não estiver casado. O divórcio seria bem mais difícil se levarmos em conta os bons serviços prestados pelo senhor à nossa República.

– Não me preocupa a grande influência que o senador possa ter no Conselho, pois as queixas dele de maneira alguma suplantarão os serviços que prestei a toda essa gente... – Otelo calou-se, a atenção atraída para o clarão tremeluzente de vários archotes que se insinuaram e cujos portadores avançaram a passos largos pela escuridão bem à sua frente. – Que luzes serão aquelas?

– É o pai da jovem Desdêmona, nem tenho dúvida. Talvez fosse mais prudente retirar-se, meu senhor.

– De maneira alguma! – Otelo deu um passo na direção do grupo que se aproximava. – Faço questão de que me encontrem de uma vez por todas. Trago a alma tranquila e tudo o que fiz por Veneza como argumento mais do que suficiente para merecer o respeito de todas as pessoas. – Calou-se, desconfiado, os olhos apertados como que desconfiando da identidade dos recém-chegados. – Mas são eles mesmos?

– Não parece – disse Iago.

– Não, definitivamente não é o senador e muito menos uma multidão. São homens do doge e meu tenente.

Os dois achegaram-se rápido ao grupo de oficiais, ambos concordando que Cássio vinha à frente. O jovem tenente florentino cumprimentou-os e em seguida informou:

– O doge o saúda, meu general, e pede que se apresente com a maior urgência possível ao Conselho.

– Você sabe do que se trata?

– Tem algo a ver com os recentes conflitos em Chipre e trata-se de algo de grande urgência, pois já recebemos pelo menos doze mensageiros enviados pelas galeras. Além de nós, os membros do

Conselho já enviaram três grupos em seu encalço.

– Fico feliz em tê-los encontrado.

– Podemos ir então, general?

– Peço-lhes apenas alguns minutos, pois tenho que dizer algumas palavras a alguém. Em seguida, volto para irmos ao Conselho.

Cássio anuiu com um breve meneio de cabeça e, depois de ver Otelo desaparecer por trás da porta do albergue, dirigiu um olhar de curiosidade para Iago, que lhe devolveu um risinho irônico e tão esclarecedor quanto o que disse em seguida:

– Nosso comandante se casou, Cássio.

A surpresa de Cássio tornou-se maior:

– Casou? Casou com quem?

O sorriso alargou-se e fez o rosto de Iago assumir uma luminosidade zombeteira, mas, fosse o que fosse que pretendesse dizer, desfez-se na prudência que silenciou suas palavras ao ver Otelo retornar apressadamente.

– Estou pronto!

Cássio, ainda intrigado com as palavras e o misterioso sorriso que persistia no rosto de Iago, pretendia perguntar a Otelo acerca do casamento, mas calou-se ao avistar um barulhento grupo que avançava de outra rua próxima, iluminado pelo clarão de inúmeros archotes. Contou pelo menos três dezenas de homens.

– Parece que é um dos grupos despachados para encontrá-lo, meu general – disse, inquieto. – Mas não estou reconhecendo nenhum deles.

Calou-se, ainda mais confuso, quando Iago, fazendo menção de desembainhar a espada, colocou-se diante dele e de Otelo de modo protetor, dizendo:

– Cuidado, general! É Brabâncio, e temo que ele não venha com boas intenções.

A proximidade e o clarão tremeluzente das chamas iluminaram a figura imponente e hostil do velho senador.

– Matem este ladrão! – gritou ele, os olhos dardejantes de ódio cravados em Otelo. No momento seguinte, com as espadas desembainhadas, os dois lados avançaram um sobre o outro. O conflito era perceptível e aparentemente inevitável.

Otelo assomou num ímpeto de coragem e apartou ambos com seu

olhar.

– Mantenham suas espadas na bainha, eu lhes peço! – gritou várias vezes, alcançando a todos com seu olhar intimidador, até detê-lo fixamente em Brabâncio. – Sua autoridade é muito maior do que a das armas, senador. Por favor, use-a para acabar com essa insensatez!

– Onde escondeu minha filha, raptor dos infernos? – vociferou Brabâncio. – Vamos, responda antes que sejamos obrigados a derramar sangue para prendê-lo!

– Eu lhe asseguro que isso não será necessário.

– Não me tome por tolo, seu embusteiro!

– Aplaque sua fúria, senador. Quisesse eu partir para o combate ou me valer da violência, já teria iniciado o combate, que proveito algum nos traria a não ser, claro, o derramamento de sangue inocente. Para onde devo ir para acalmá-lo e lhe dar a resposta que busca tão desesperadamente?

– Onde mais seria, senão a prisão?

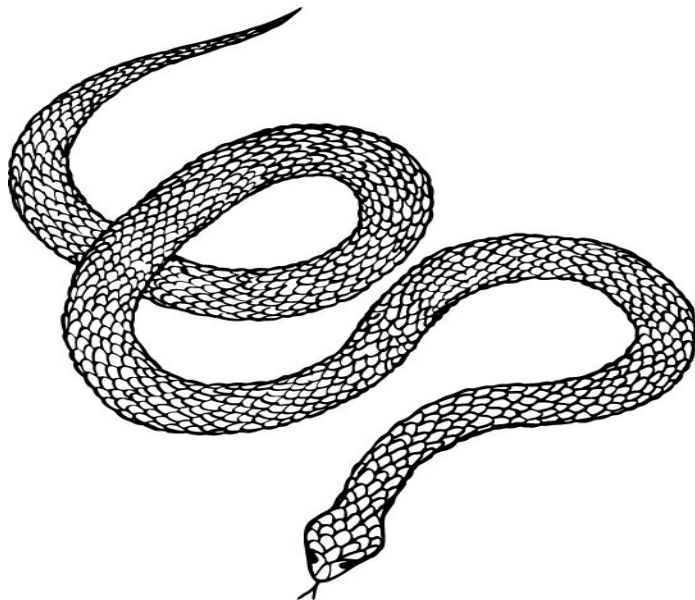
– E de que modo responderíamos ao chamamento do doge, que neste mesmo momento me convoca para tratar de assuntos da República?

Um dos oficiais que acompanhavam Cássio adiantou-se e, virando-se para Brabâncio, informou:

– Ele diz a verdade, senador. O doge o espera no Conselho. Aliás, estou certo de que o senhor recebeu idêntica convocação, pois não?

Brabâncio espantou-se e, longe de se acalmar, mostrou-se ainda mais indignado, rugindo:

– Como? O doge convocou o Conselho? E no meio da noite?

– Assim foi feito, meu senhor.

– Levem o biltre, e eu os acompanharei. O doge e meus companheiros do governo certamente se mostrarão solidários e tão ofendidos quanto eu me sinto agora, concedendo-me o direito de reparação pelo crime cometido contra minha honra e de minha estimada filha.

Espadas retornaram às bainhas, e uma trégua tensa, das mais precárias, estabeleceu-se entre os dois grupos.

– Se um crime de tal gravidade não for castigado de forma exemplar, teremos a absoluta certeza de que pagãos e escravos apoderaram-se definitivamente do Estado! – finalizou o senador,

marchando à frente de Otelo e do numeroso grupo em que se misturavam os seguidores de ambos.

Tensão e inconformismo

Em 697, enfraqueceu-se o Exarcado de Ravena – divisão administrativa bizantina na península itálica governada por um exarco, delegado do imperador do Império Romano do Oriente, que agrupara, desde o final do século VI até meados do século VII, os territórios não conquistados pelos lombardos após sua invasão à península em 568, sob comando do rei Alboíno.

Principal governante daquela que seria a República Veneziana, o doge foi fruto de astuciosa arquitetura política, e mesmo nos primórdios da instituição buscou-se controlar o seu poder por meio de mecanismos como o *promissio ducalis*, uma espécie de Constituição ou carta de princípios instituída mais de quatro séculos após a posse do primeiro mandatário, à qual deveriam jurar estrito respeito assim que assumissem o cargo. Temia-se que o doge agisse como um tirano ou aspirasse a se tornar chefe de uma monarquia na qual o poder ficaria indefinidamente nas mãos de seus descendentes (o que acarretaria o reinício das hostilidades entre as poderosas famílias de comerciantes).

Fixado em 1172 e firmado pela primeira vez pelo doge Enrico

Dandolo, o *promissio* sofreria alterações nos anos de 1192 e 1229. A partir de então, a eleição dos doges seria submetida ao escrutínio do Conselho dos Cinco Corretores. Em 1501, seria lida todos os anos para o doge que estivesse exercendo a função. Esse controle seria aperfeiçoado ao longo dos anos. Em 1646, à dogeza – a esposa do doge – seria proibida a coroação e, ao longo dos anos do mesmo século, a mesma interdição se estenderia a outros membros da família, proibidos de participar da administração e de assumir embaixadas da República veneziana. Os tristes acontecimentos envolvendo Otelo e Desdêmona aconteceram quase cem anos antes dessa importante alteração e provavelmente entre as magistraturas de Leonardo Loredano e Antonio Grimani, o que é irrelevante; inexistem registros confiáveis acerca dos protagonistas da tragédia e de outros personagens. O que se sabe é que, naquela mesma noite, Otelo, escoltado pelos militares enviados pelo doge e pela pequena porém turbulenta multidão que acompanhava o senador Brabâncio, foi levado à presença do doge, menos para prestar esclarecimentos sobre o casamento com a filha de Brabâncio e bem mais para ser informado de novo ataque otomano à ilha de Chipre, com grande contingente de tropas.

O poderoso mandatário e os senadores do Conselho debatiam de forma calorosa sobre as notícias que a todo momento chegavam das forças venezianas de prontidão em Chipre, um caos apavorante de informações desencontradas, muitas absolutamente falsas, trazidas a seu conhecimento com o claro intuito de criar insegurança e confusão e até mesmo retardar a reação esperada pelas autoridades da República.

– Aproximam-se Brabâncio e o valente Mouro – bradou um dos senadores, apontando para as portas que se abriam com um forte alarido e através das quais assomaram os dois oponentes em meio à virulenta discussão.

O doge ergueu-se do trono, a figura maciça e untuosa exibindo uma expressão grave e preocupada e levando os senadores do Conselho a acompanharem-no em idêntico movimento.

– Precisamos mandá-lo a Chipre com a maior rapidez possível, bravo Otelo – disse o doge. – Nossos inimigos otomanos se aproximam com formidável esquadra e carecemos de grandes comandantes para

liderar as tropas que já estão na ilha e as que estamos arregimentando. – Percebendo que Brabâncio se achegava de Otelo, fez-se amistoso e disse: – Bom vê-lo entre nós, senador. Perdoe-me por não o ter visto antes, mas os problemas tomam toda a nossa atenção, e certamente seus conselhos serão preciosos para os homens aqui presentes.

Brabâncio adiantou-se a Otelo e, sem a menor preocupação em escamotear sua forte contrariedade, desabafou:

– Queiram me perdoar, senhores, mas não são os problemas do Estado que me trazem aqui.

O doge e os outros senadores se entreolharam, surpresos, mas apenas o magistrado sentiu-se na obrigação de perguntar:

– O que houve, meu bom homem? O que o aflige tanto?

– Minha filha...

– O que tem ela? Morreu?

– Não sei como lhe dizer...

– Fale de uma vez, senador. Sua expressão me deixa cada vez mais preocupado.

Um dos senadores aproximou-se e, apreensivo, insistiu:

– Seria isso? Ela morreu?

– Pelo menos para mim... – Brabâncio correu os olhos pelos companheiros de Conselho, e um forte rumor de indignação avançou pela sala, privando momentaneamente a todos da preocupação com o inimigo otomano. – Foi seduzida, arrancada de minhas mãos por um inescrupuloso vilão, que, valendo-se de minha hospitalidade e mesmo admiração, por que negar?, a roubou, usando sabe-se lá que sortilégios.

– Crime e criminoso tão vis não ficarão sem severa punição, eu vos asseguro.

– Nunca me passou pela cabeça que seria diferente. – Inesperadamente, Brabâncio apontou para Otelo e concluiu: – Aqui está o criminoso que envergonhou o meu nome e desonrou minha pobre filha.

O espanto foi geral e, por uns instantes, tanto o doge como os demais senadores limitaram-se a uma constrangedora troca de olhares, sem saber o que dizer e o que fazer.

– E você? O que tem a dizer sobre tal acusação? – perguntou o doge, virando-se para Otelo.

– Senhores – Otelo correu os olhos pela sala, sem pressa, mas com grande gravidade e respeito, até fixá-los no doge –, não sou um homem acostumado aos grandes discursos e aos floreios de salões e de tempos de paz. Os campos de batalha, com sua confusão sangrenta e a companhia devastadora da morte, é o território no qual me sinto mais à vontade. Pouco sei acerca do linguajar pomposo de grandes pensadores e dos governantes que administram os interesses de países e cidades. Dos Estados, conheço apenas as guerras que combati e as batalhas que venci, o que lhes garante a paz e a prosperidade. Aliás, faço com morte e com sangue o que os governantes sabiamente fazem com suas palavras. Mas mesmo um homem como eu, por pouco que conheça de palavras, não desconhece a sinceridade. Por causa disso, não nego que tirei de sua casa a filha deste senhor e que me casei com ela. A ofensa que cometi não vai além disso. Nem subterfúgios nem palavras, algo que desconheço por completo, nem feitiços e poções mágicas, que não faço ideia nem tenho tempo para de ambos me ocupar.

– Impossível submeter criatura tão ingênua e de espírito tão recatado, tímida realmente, sem se valer de tais artifícios! – protestou Brabâncio.

O doge gesticulou, pedindo que se calasse, e em seguida argumentou:

– Simples acusações de nada servem, meu amigo.

Ao mesmo tempo, outro senador, voltando-se para Otelo, pediu:

– Fale, general! Subtraiu a bela Desdêmona por meio de poções mágicas e outros feitiços ou a alcançou com o poder de suas palavras?

– Estimados senhores, eu lhes peço que, não acreditando em mim ou em minhas toscas argumentações, busquem a donzela no Sagitário e peçam a ela que, diante do próprio pai, relate tudo o que se passou e redundou em nosso casamento. Caso uma só palavra desabone minha conduta ou insinue que me vali de artifícios indignos da confiança de todos e infames à reputação da jovem e de seu pai, eu de todas as honras me despojarei e do respeito de todos e me submeterei a qualquer castigo que impuserem a mim.

– Tragam Desdêmona aqui! – ordenou o doge peremptoriamente.

Otelo inclinou a cabeça em sinal de obediência e, virando-se para Iago, disse:

– Você sabe muito bem onde encontrá-la, alferes. Não perca tempo e traga minha esposa o mais depressa possível.

Enquanto Iago e mais alguns criados precipitavam-se e desapareciam no meio da multidão que se amontoava perto das largas portas do Conselho, Otelo virou-se e pediu:

– Enquanto Desdêmona não vem, gostaria de contar-lhes as circunstâncias em que me apaixonei por essa donzela e fui por ela amado.

– Conte – instou o doge.

– Lamento com sinceridade que meu açodamento tenha alterado, de maneira involuntária, os sentimentos que hoje envenenam a alma e o coração de Brabâncio contra mim. Tivesse tido mais paciência ou mesmo confiado que meu amor por sua filha teria a mesma boa receptividade que eu vinha tendo em sua casa, as coisas seriam diferentes. Talvez hoje estivéssemos celebrando com amigos e parentes o casamento que ainda há pouco celebramos, temo dizer, envergonhado, às escondidas e testemunhado por uns poucos soldados. Sim, verdade seja dita, o pai dela me amava e em mais de uma ocasião me convidou para sua casa e interessou-se em conhecer a história de minha vida. Momentos felizes foram aqueles...

– De que me arrependo amargamente! – cortou Brabâncio com irritação.

O doge o encarou e gesticulou para que se acalmasse, no que foi de imediato obedecido. Mais uma vez se voltando para Otelo, insistiu:

– Prossiga.

– Tudo lhe contei, sem restrição ou omissão alguma. Falei-lhe sobre as dificuldades que enfrento e até mesmo da escravidão de que fui vítima aos sete anos. Disse-lhe dos muitos maus-tratos que sofri e das privações que enfrentei, amadurecendo de maneira precoce e violenta. Narrei as muitas batalhas que travei e detalhei, até onde me permitiu minha memória, os incontáveis inimigos que enfrentei em terras distantes e o que tive de fazer para sobreviver e estar hoje aqui, entre os senhores. Recordo-me que a Brabâncio encantavam sobremaneira as muitas viagens que fiz por lugares que nem a mais fértil imaginação desta poderosa República consegue ou poderia conceber. Celebravam-me ele e toda a sua valorosa família, mas aos poucos fui percebendo um interesse crescente e todo particular da jovem Desdêmona. Admito

que me senti lisonjeado, mas em igual medida apreensivo, razão pela qual mantive durante certo tempo prudente distanciamento dos sentimentos que entrevia nos olhos de sua filha e que conhecia perfeitamente por tê-los visto em outros lugares e nos olhos de outras donzelas.

– Mentiroso! – tornou a protestar o velho senador, o rosto anuviado por forte irritação e indisfarçável contrariedade. – Vamos! Continue a encher os ouvidos da plateia interessada em suas mentiras!

Otelo prosseguiu:

– Eu temia exatamente essa reação, pois coisas bem distintas são a receptividade afetuosa de um bom anfitrião e a possibilidade de sua única filha enamorar-se de um soldado sem eira nem beira.

Brabâncio levantou-se num ímpeto turbulento e, brandindo o punho cerrado para ele, urrou:

– Um negro! Um negro!

– Essa possibilidade também me passou pela cabeça. Busquei me manter respeitoso e, em especial, distante. Infelizmente, meus esforços foram inúteis e, quanto mais procurava me comportar como um visitante indiferente aos encantos de Desdêmona, maior se fazia o interesse dela por mim, e o meu, por ela, até que, ao ver que meus relatos enchiam seus olhos de lágrimas, certo dia, e no momento em que me apressava a consolá-la, a fortaleza de meu recato se mostrou frágil e ruiu vergonhosamente. Acabei me rendendo e apresentando sem rodeios tudo o que sentia por ela, e para meu espanto a vi declarar que nutria mesma ou ainda maior paixão por mim. Senhores, por favor, acreditem, essa foi toda a bruxaria de que me vali para conquistar a bela donzela. Feitiço maior me alcançou, e a ele me rendi miseravelmente, sem opor a menor resistência até mesmo aos arroubos juvenis de sua pouca idade. Apressei-me a concordar quando combinamos fugir e nos casar em vez de enfrentar a muito provável oposição de seus pais.

Mal Otelo calou-se e o doge voltou-se para Brabâncio. Com expressão de franca indulgência e conciliação até mesmo no tom de voz, argumentou:

– Uma história dessas seria capaz de seduzir até mesmo a minha filha. Por favor, senador, não haveria outro modo de resolver essa situação?

Nesse momento, um forte burburinho agitou a multidão, e tanto o doge quanto Brabâncio se voltaram a tempo de ver Desdêmona entrar, escoltada por Iago e um grande séquito de criados e soldados.

– Se Sua Excelência me permite, eu gostaria antes de ouvir da boca de minha própria filha o que de fato se passou entre ela e esse homem – afirmou Brabâncio secamente, os olhos fixos em Desdêmona, acompanhando sua aproximação receosa e, por fim, cabisbaixa. – Caso ela confirme o infame relato de Otelo e admita que favoreceu essa conquista, eu, até o último de meus dias neste mundo, não dirigirei nem sequer uma insignificante ofensa contra ele. – Seus olhos dardejavam insatisfação e acompanhavam a filha com fria hostilidade. – Aproxime-se, criança, e dê-me uma resposta sincera a essa indignidade que atormenta minha pobre alma desde que fui vergonhosamente informado por estranhos de que fugiste do seio de sua família: acaso está vendo alguém entre nós a quem você deve mais obediência do que a seu pai?

Desdêmona levantou devagar a cabeça e, por longo tempo, arquejante e envergonhada, hesitou, seu silêncio contaminando a todos no amplo salão do Conselho.

– Sinto-me dividida, querido pai – disse ela por fim. – Se ao senhor devo minha vida e toda a educação que me fez reconhecer inclusive sua autoridade até este dia, de hoje em diante, como fez a minha mãe e todas as mulheres de nossa família que a antecederam, devo submissão ainda maior ao homem com quem me casei e que está à sua frente.

No momento em que Desdêmona estendeu a mão para Otelo e postou-se a seu lado, Brabâncio soltou um esgar de profundo desconsolo e balbuciou:

– Deus esteja com vocês. Nada mais tenho a dizer e protesto algum lançarei aos quatro ventos. Encerremos em definitivo este assunto e doravante nos debrucemos exclusivamente sobre os graves problemas que assolam nossa amada República.

O doge colocou-se entre ele e o casal, olhando para um e para outro, conciliador e aparentemente satisfeito.

– Saúdo sua magnanimidade, senador, ao permitir que os dois enamorados sejam pelo menos aceitos e integrem o seio de sua família.

– Que alternativa tenho se o que não pretendia dar acabo de ver tomado de mim sem a menor cerimônia? – resmungou Brabâncio. – Feliz me sinto por não ter outra filha, pois, se tal houvesse, eu a sufocaria com a tirania de meus cuidados exagerados para precaver-me de que algo semelhante ocorresse a ela.

– O que não tem remédio, remediado está, senador – disse o doge, consolando-o.

– Passemos aos assuntos de Estado, meu senhor. Por favor.

– Claro, claro.

Conspiração

– Muito cuidado, Mouro! Mantenha os olhos bem abertos, pois se Desdêmona foi capaz de enganar o próprio pai, facilmente será capaz de enganar você.

Iago repetiu a mesma frase duas ou três vezes e, na última delas, Rodrigo, com os olhos faiscantes de interesse, perguntou:

– Brabâncio disse isso mesmo?

– Quantas vezes terei de repetir? – impacientou-se Iago, contrariado.

– Até que eu acredite.

– Pois pode acreditar.

– Quando isso aconteceu?

– Logo depois da reunião do Conselho que definiu a ida de Otelo para Chipre, no comando da frota reunida para expulsar os turcos...

– E ele?

– Otelo? Insistiu que confia na lealdade da esposa, o que mais? O que ele poderia dizer? O que esperar de um tolo apaixonado?

– E Desdêmona? Ficará na casa dos pais?

– De maneira alguma! Ela não quis. – Um risinho astucioso desenhou-se nos lábios de Iago ao acrescentar: – Otelo a confiou a mim e à minha esposa.

Rodrigo sorriu de modo debochado.

– Não acredito!

– Pois pode acreditar. Emília e eu a levaremos dentro de alguns dias para Chipre.

– O idiota confia mesmo em você, não?

– E por que não confiaria? Quem bate geralmente esquece, Rodrigo. A lembrança cabe ao ofendido, àquele que apanha.

– E você...

– Eu não esqueci.

Desceram as escadas que levavam para fora do imponente prédio do Conselho, e por uns poucos degraus Rodrigo permaneceu cabisbaixo e silencioso.

– O que você tem? – perguntou Iago, inquieto.

– Estou desanimado – confessou Rodrigo.

– Posso saber por quê?

– Ora, de que me adiantam as desconfianças de Otelo com relação a Desdêmona?

– Homem de pouca fé...

– De que está falando? Deixe de mistérios e diga de uma vez, Iago!

– Iremos para Chipre também...

– E o que tem isso?

– Traga a bolsa cheia de dinheiro, Rodrigo.

– O que tem isso a ver com Otelo e Desdêmona?

– Traga a bolsa cheia, e serei extremamente útil a você e à sua paixão por Desdêmona.

– Como?

– Na verdade, nunca poderei ser tão útil a você como agora.

– Você está falando por enigmas, meu amigo.

– Apenas acredite em mim quando lhe digo que não é possível que Desdêmona continue apaixonada por Otelo por muito tempo. Nem ele manterá a paixão por ela.

Rodrigo, entre surpreso e interessado, a ansiedade de braços dados com a curiosidade insuportável, agarrou o braço de Iago e o obrigou a parar. Então explodiu:

– Pare com isso, homem, e me diga logo o que vai nessa cabeça cheia de segredos!

Uma expressão de perversa persuasão cobriu o rosto de Iago. Em certa medida, isso aumentou ainda mais a ansiedade de Rodrigo.

– A paixão quase sempre se apresenta violenta, mas logo se faz enganadora – filosofou Iago. – A fragilidade, nessas circunstâncias, espera na primeira esquina. E o prato que até então se apresentava irresistível torna-se insípido. Ou definitivamente amargo.

– Não entendo...

– Tolo! Não percebe? Mais cedo ou mais tarde, ela o trocará por alguém mais jovem.

– Acha mesmo?

– É inevitável. Ponha o máximo dinheiro possível na bolsa e espere.

– A espera pode ser longa...

– O amor não é uma ciência exata, meu amigo. De todo modo, se a santidade de um juramento tão frágil entre um bárbaro errante e uma veneziana inteligente persistir mais do que acredito, não será resistente o bastante para minha inteligência, e o dinheiro que você levará fará o resto. Portanto, trate de encher a bolsa e deixe o resto por minha conta.

– Fará isso somente por mim? Não posso acreditar.

– Guarde suas perguntas para quem estiver disposto a responder a elas. Basta saber que odeio o Mouro e que unidos seremos capazes de nos vingar dele. Agora vá e trate de conseguir o dinheiro. De Otelo cuido eu.

Tempestade

Os três primeiros dias de viagem foram de fato auspiciosos, e muitos acreditaram que chegariam sem maiores atropelos ou dificuldades a Chipre. Mar tranquilo. Noites estreladas. Nenhuma nau inimiga no horizonte. O ambiente no convés das muitas embarcações não poderia ser melhor, e a possibilidade de confronto com o inimigo otomano em alto-mar era cada vez mais distante, em razão da paz a bordo. Os sentinelas, em mais de uma ocasião, foram severamente repreendidos por seus comandantes pela maneira displicente com que se descuidavam da observação ou por cochilarem em serviço. O único sinal de combate próximo e inevitável se fazia visível apenas nos soldados, que se dedicavam à manutenção de suas armas enquanto a frota avançava, veloz, para Leste.

Otelo estava preocupado desde que partira de Veneza em uma das mais poderosas embarcações entre as tantas que a República conseguira reunir de pronto. Sereno mesmo nos piores campos de batalha que frequentara ao longo de sua existência turbulenta e aventuresca, simplesmente não se acostumava a ambientes tranquilos.

Na verdade, sempre esperava pelo pior nos dias ou meses que antecediam a violência corriqueira da guerra. Não sabia como explicar. Superstição, talvez. Ou o sentido de autopreservação inato e inexplicável que o acompanhava há anos. Quem sabe preocupação com Desdêmona, que, na companhia de Iago e da esposa, rumava para Chipre em outra embarcação. Quem sabe o problema tivesse como causa as poucas informações confiáveis e desencontradas que tinha do inimigo. Fosse o que fosse, sentia-se inquieto e pouco à vontade naquela imensidão esmagadora, onde céu e mar por vezes se fundiam em uma coisa só. Fosse porque fosse, a tranquilidade desfez-se rápido no amanhecer do quarto dia de viagem.

Um vento frio soprava do Norte com os primeiros raios de um Sol esmaecido, afugentando os últimos vestígios da noite e trazendo consigo uma impressionante quantidade de destroços que flutuavam no mar à frente da frota veneziana. Quilômetros e mais quilômetros de quilhas, restos de proas e conveses, cabrestantes, velas esfarrapadas drapejando cada vez com mais fúria, presas a mastros de vários tamanhos. Mais adiante, começaram a misturar-se à assombrosa maré de destruição em número igualmente crescente e intimidador de restos. Contaram-se os primeiros cadáveres, e um sentimento confuso, entre a satisfação e o temor, apossou-se da tripulação e das tropas quando foram identificados os destroços das embarcações e os muitos corpos como parte do grande contingente invasor otomano que rumava para Chipre.

– O que terá acontecido a essa gente? – perguntou um dos capitães que acompanhavam Otelo, com uma preocupação visível diante das imagens apavorantes de morte e destruição.

O sólido comandante mouro, o cenho franzido e os olhos vasculhando o mar cada vez mais encapelado, hipnoticamente seduzido por idêntico espetáculo, repuxou os lábios e balançou a cabeça num gesto de perplexidade que foi se tornando cada vez mais apreensivo à medida que nuvens assustadoras redemoinhavam em um céu tempestuoso, a ferocidade do vento jogando os destroços e os cadáveres contra as fortes estruturas das galeras e navios da frota veneziana.

– Tempestade – identificou o capitão.

– E das maiores – acrescentou Otelo, juntando-se a ele. A tripulação

logo deu início a um vaivém dos mais frenéticos pelo convés. – Ela alcançou os turcos antes de nós.

– Com certeza. Mas o que nos estará esperando lá na frente?

A pergunta pairou no ar por pouco tempo, pois a resposta materializou-se à frente de ambos sob a forma de um turbilhão devastador de água e vento em redemoinho, desprendendo-se do mar e subindo em direção ao céu enegrecido, povoado pelas mais temíveis criaturas que poderiam sair da imaginação das almas atemorizadas de todos a bordo dos vários navios. Quando os primeiros foram alcançados e lançados uns contra os outros, o rangido da madeira partindo-se misturou-se aos gritos das primeiras vítimas. A claridade de um novo dia simplesmente deixou de existir, submergindo em uma escuridão sobrenatural. As portas de um descomunal inferno de água escancararam-se para abocanhar a tudo e a todos que encontrava pela frente.

Agarrado a um dos maiores mastros, incapaz de qualquer gesto que não fosse proteger-se das enormes torrentes d'água que de tempos em tempos varriam o convés, Otelo ainda se esforçou para agarrar as mãos e os braços que se estendiam, vindos do negrume que submergia homens e embarcações. Tudo em vão. A morte seguia-se ao silêncio final que acompanhava o aumento tétrico de destroços, a vertigem aparecia diante dos corpos desmembrados que surgiam e desapareciam em torno de Otelo e de seus comandados. Assustava a todos o clarão produzido por inesperadas explosões em vários barcos, provavelmente originadas dos barris de pólvora armazenados nos porões e que arremessavam restos humanos a grandes alturas.

Inferno. Inferno. Inferno.

Incapazes de fazer alguma coisa, todos se ocupavam em apenas sobreviver, agarrando-se onde fosse possível, entrincheirando-se entre as mercadorias que se amontoavam pelos conveses. Em mais de uma ocasião, acabavam por esmagar vários deles sob seu peso ou lançá-los por sobre a amurada e para a morte certa nas águas que rugiam e retorciam-se feito animal ferido, esmigalhando e engolindo tudo que encontravam em seu caminho. Nem sequer gritavam. Faltavam forças. O medo era bem maior, esmagador. Naqueles instantes, Otelo não pensava em si. Sua maior aflição era provocada pela perspectiva sombria de que a embarcação em que Desdêmona rumava para

Chipre, na companhia de Iago e sua esposa, fosse alcançada por tão formidável tempestade. Desesperou-se só de pensar que pudessem ter o mesmo destino dos muitos homens que sucumbiam com parte da frota veneziana. A morte seria preferível a sobreviver e passar o resto da vida sem Desdêmona.

Ele nunca se imaginou capaz de amar tão por completo uma mulher. Submetido a tão grandiosa aflição, seu medo cresceu ainda mais. O verdadeiro guerreiro, que todos temem, é aquele que não tem por que viver ou por quem viver. Apegar-se era a fraqueza que condenara à morte muitos de seus comandados e até inimigos. O medo começa a erodir um grande guerreiro quando ele encontra sentido em sua existência, quando ele atribui valor à própria vida. Desdêmona era, para Otelo, a maior razão de viver; mas também poderia igualmente representar sua morte.

Ele se apavorou diante de tal constatação e por um segundo descuidou-se. Foi alcançado por uma onda que o arremessou de encontro a outros corpos que se amontoavam na popa da embarcação, muitos mortos, três ou quatro agonizando, aos quais faltavam braços e pernas, um cadáver sem cabeça servindo de obstáculo à sua queda dentro d'água.

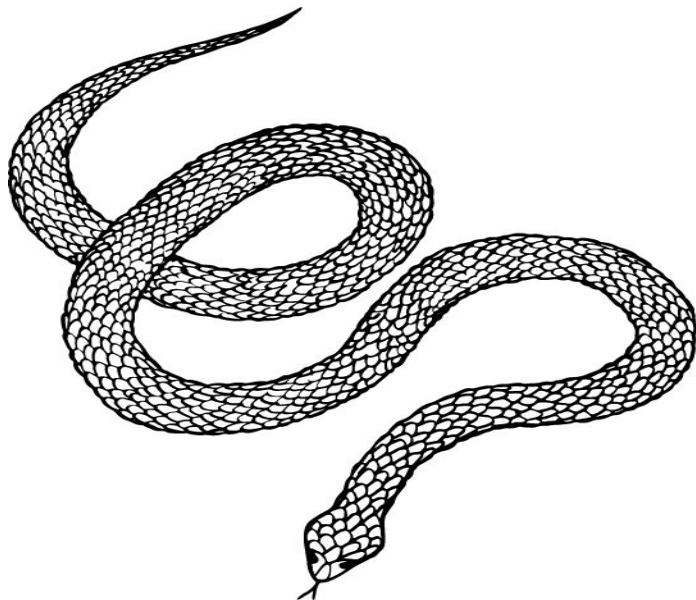
Otelo refez-se do susto e apoiou as costas na amurada, a torrente d'água e a forte ventania revezando-se, traiçoeiras, em muitas tentativas de lançá-lo mais uma vez contra as ondas que se multiplicavam, vindas de todas as direções.

– Desdêmona! – gritou, em desespero.

Novas explosões. Gritos apavorados. Corpos sem vida passando por cima de sua cabeça, desarticulados e, como se atacados por criaturas invisíveis e muito cruéis, despojados de braços e pernas, lançados em várias direções. Uma pequena galera, velas esfarrapadas e cordames arrebentados, chicoteando o ar, projetou-se do mar e arrastou-se pelo convés, ficando atravessada obliquamente por muito tempo até escorregar para bombordo e submergir no grande tumulto de água e espuma.

Nem a mais encarniçada batalha travada contra os otomanos derramaria tanto sangue e causaria tanta destruição quanto a tempestade, que foi amainando com enervante lentidão até que enfim diluiu-se na distância e desapareceu mal as primeiras estrelas

faiscaram na escuridão da noite.

– Desdêmona... – gemeu Otelo, cansado, assustado, pouco antes de por fim perder os sentidos.

Um tolo gesto sem importância

Os últimos vestígios da violenta tempestade que passara, devastadora, pela ilha ainda se faziam sentir na persistente ventania que soprava do mar encapelado e nas altas ondas que golpeavam as sólidas estruturas do porto. Volta e meia, a força das águas vencia os limites naturais da praia e avançava por uma grande praça onde Montano e outros dois homens observavam, obrigando os três a recuar ou a buscar refúgio dentro de prédios próximos.

– O que você vê? – perguntou Montano.

Corpulento, a longa barba grisalha golpeando-lhe o rosto ossudo de tempos em tempos, atingida pela persistente ventania, o ex-governador de Chipre, tal e qual seus companheiros de observação, aparentava grande preocupação. Os olhos estreitos e cinzentos há horas esquadrinhavam o mar sem avistar o menor sinal de embarcação.

– Nada, senhor – respondeu o sujeito miúdo, de pele avermelhada, que o acompanhava. – Nada além do mar e da ameaça de uma tempestade que deve alcançar nossa ilha dentro de pouco tempo.

Deveríamos...

– Sei bem que a prudência recomenda que nos recolhamos à nossas casas...

– Isso mesmo – concordou o segundo homem, um magricela careca e de longo bigode com as pontas torcidas e apontadas para o alto. – Mas devemos atribuir à tempestade o fim de nossas preocupações. Afinal, ela destruiu a maior parte da armada turca e dispersou os poucos sobreviventes. Se não tomarmos cuidado, seremos nós as próximas vítimas da tormenta.

– Não desconheço os perigos que cercam a nossa permanência aqui no porto – disse Montano. – Os turcos...

– Os turcos não voltam mais, senhor. Tenho informações de que seus danos foram muito além do suportável, e a guerra simplesmente acabou. A tempestade alcançou-os de tal jeito que seus planos de invasão se tornaram inviáveis. Um de nossos navios testemunhou o pavoroso naufrágio e o sofrimento da maior parte dos invasores.

– Então é verdade?

– Sim, meu senhor – respondeu o homenzinho rubincudo e de gestos nervosos. – O navio que alcançou o porto nesta manhã veio de Veneza. Miguel Cássio, o tenente de Otelo, nosso futuro governador que ainda se acha no mar, acabou de desembarcar e está tão preocupado quanto nós com o destino e o paradeiro de seu senhor.

– Deus o proteja! Já servi sob as ordens do Mouro e asseguro que o doge não poderia ter feito melhor escolha ao investi-lo no cargo de nosso novo governador. Poucos homens são tão dignos e corajosos quanto Otelo.

– Desçamos para o porto, a fim de encontrar o tenente.

– Não será necessário, senhores – disse o segundo homem. – Ele se aproxima.

Seus olhos alcançaram Cássio quando o jovem e elegante cavaleiro, os negríssimos cabelos tão revoltos quanto a longa capa que o protegia do frio inesperado, galgava uma série de estreitos degraus e marchava em sua direção. Sorria de um jeito amistoso ao mesmo tempo em que dizia:

– Não sei como agradecer a acolhida tão gentil, senhores. E fico ainda mais feliz ao perceber, por suas palavras, que têm apreço pelo comandante.

– Nem por um segundo duvide disso, meu bom amigo – redarguiu Montano.

Cássio lançou um olhar preocupado para o cais, onde novas ondas golpeavam os atracadouros.

– Deus o proteja, pois esse mar está perigosíssimo!

– Ele está em um bom barco?

– Sua embarcação tem fortes vigamentos e um piloto experimentado.

Cássio calou-se, surpreso, olhando seus interlocutores no momento em que um forte alarido veio do porto. As vozes misturavam-se, repetindo uma mesma peroração:

– Uma vela! Uma vela!

– Que é isso? – perguntou Cássio.

Um soldado subiu correndo da praia, repetindo com entusiasmo as mesmas palavras. Logo em seguida, esclareceu:

– As pessoas reunidas na praia acabam de ver a vela de uma embarcação que se aproxima!

– Sinto que é a do governador – comentou Cássio, esperançoso.

O estrondo de um disparo de canhão avançou da cidade na direção do porto, o que levou um dos companheiros de Montano a dizer:

– Os disparos pelo menos nos tranquilizam. É um dos nossos barcos.

– Não perca mais tempo, homem! – gritou Montano. – Desça até lá e descubra de quem se trata! – Depois de ver os dois se afastarem na companhia do soldado, virou-se para Cássio, sorridente: – Quer dizer então que nosso general se casou, tenente?

Cássio devolveu-lhe o sorriso e respondeu:

– Não apenas se casou, mas posso assegurar, sem o menor exagero, que se trata de uma das mais belas mulheres em que pus os olhos até hoje... – O tenente interrompeu-se ao ver que um dos três homens retornava, esbaforido. Então perguntou-lhe: – Descobriu de quem é a embarcação?

– É de um certo Iago, que se diz alferes do novo governador – respondeu o homem.

– Quanta sorte tiveram! Desdêmona escapou ao pior da tempestade!

– Desdêmona?

Cássio sorriu.

– Desdêmona é a mulher de que falei há pouco.

– Como assim?

O sorriso de Cássio alargou-se mais um pouco, zombeteiro.

– É a “capitoa” de nosso capitão. Otelo a enviou na companhia de Iago e... – Mais uma vez Cássio calou-se. Iago, entre Emília e Desdêmona, seguidos por Rodrigo e outros membros de seu séquito, entraram. – Minha senhora, como fico feliz em saber que chegou sã e salva a Chipre!

– Agradeço sua preocupação, valente Cássio – respondeu Desdêmona. – Tem notícias de meu marido?

– Lamentavelmente nada posso lhe dizer além de que ele ainda não chegou.

Iago aproximou-se de ambos, e um sorriso brincalhão emergiu de seus lábios quando, olhando para um e para outro, disse:

– Nós também chegamos sãos e salvos, estimado Cássio, se lhe interessa saber, obrigado.

Um leve rubor cobriu o rosto de Desdêmona e do tenente. Constrangido, Cássio começou:

– Ah, me perdoe, Iago, mas eu...

Uma quase imperceptível maledicência substituiu a inocência implícita em uma simples brincadeira no rosto de Iago, que interrompeu o tenente:

– É natural que não tenha tido olhos para nós, meu bom amigo.

A compreensão escapou à expressão aparvalhada de Desdêmona e de Cássio. Ambos entreolharam-se e sorriram, embaraçados, a leve insinuação perdendo-se em nova gritaria. Pouco depois, ouviu-se o estrondo de um novo disparo do canhão.

– Vela! Vela! Vela! – gritava outra vez a multidão.

Um segundo mensageiro alcançou-os, vindo do porto.

– Nova embarcação está saudando a cidadela. É outro dos nossos!

Renovou-se o entusiasmo entre todos. Em dado momento, Cássio virou-se para Iago e perguntou:

– Poderia ir verificar se são fundamentadas as nossas esperanças de que é nosso general que está chegando, bom Iago?

Iago inclinou a cabeça em curta reverência e, desvencilhando-se com certa rispidez do braço da pequena e apática Emília, sua esposa,

respondeu:

– Às suas ordens, meu senhor.

Cássio percebeu a contrariedade de Desdêmona com o gesto do alferes. Antes que ela pudesse fazer algum comentário, antecipou-se, virando-se para Emília e dizendo:

– Ah, mas que grosseirão sou eu! Tão preocupado estou com meu comandante que nem a cumprimentei, minha senhora!

Um arremedo de sorriso insinuou-se nos lábios finos de Emília, e ela chegou a dar a impressão de que iria dizer algo, mas Iago a interrompeu, resmungando:

– Se os lábios dela lhe dessem tanto quanto me concede, logo o senhor estaria farto de ouvi-la, meu senhor!

Desdêmona indignou-se:

– Que injustiça sem tamanho acaba de dizer, alferes! A pobrezinha nem fala...

– Não? A senhora desconhece sua companheira de viagem. A espertalhona decerto está guardando a língua no coração e a ameaça no pensamento. Eu é que acabarei pagando pelo silêncio que ela tão generosamente lhe oferece.

– Vá logo, caluniador! Como você pode falar assim da própria esposa? – revoltou-se Desdêmona. Então voltou-se para Cássio e indagou: – Que você diz, Cássio? Iago não está sendo muito grosseiro e injusto com a pobre Emília?

– A linguagem dele é realmente rude, minha senhora – concordou o tenente. – Por isso, a prudência nos aconselha a apreciarmos nele mais o soldado do que o erudito.

Trombetas soaram em meio a uma confusão de vozes.

– O Mouro! – gritou Iago com entusiasmo. – Conheço muito bem o som de suas trombetas. Nem tenham dúvida! É ele que se aproxima!

– É ele mesmo! – concordou Cássio.

– Vamos ao encontro dele! – ajuntou Desdêmona, a mão direita pairando no ar.

– Não será necessário, senhora. – Cássio viu Otelo emergir da multidão barulhenta, à frente de seu séquito. Sem saber o que fazer, ficou por uns instantes segurando a mão de Desdêmona até que a soltou, dizendo: – Ele já está entre nós.

Foi apenas por uma fração de segundo, desprezível, insignificante

fiapo quase invisível de tempo. Otelo viu a mão de um desvencilhar-se da do outro. Na verdade, poucos, mais interessados em sua chegada, se deram conta do fato. Apenas Otelo experimentou breve inquietação, uma imperceptível centelha de algo que não soube explicar mesmo depois de forçar-se a um sorriso e a um entusiasmo exagerado.

– Minha linda guerreira! – saudou.

Muito se disse de parte a parte, mas foi tudo esquecido depois que ele a beijou. Depois de alguns minutos, Otelo julgou-se tolo, fustigado pela distância e pelos terríveis acontecimentos em alto-mar que quase o mataram, envolvido em boba insegurança e fisgado por um ciúme ainda mais tolo e infundado.

Ciúme?

Que absurdo!

Rematada tolice duvidar justamente das duas pessoas em que mais confiava.

Que certezas teria?

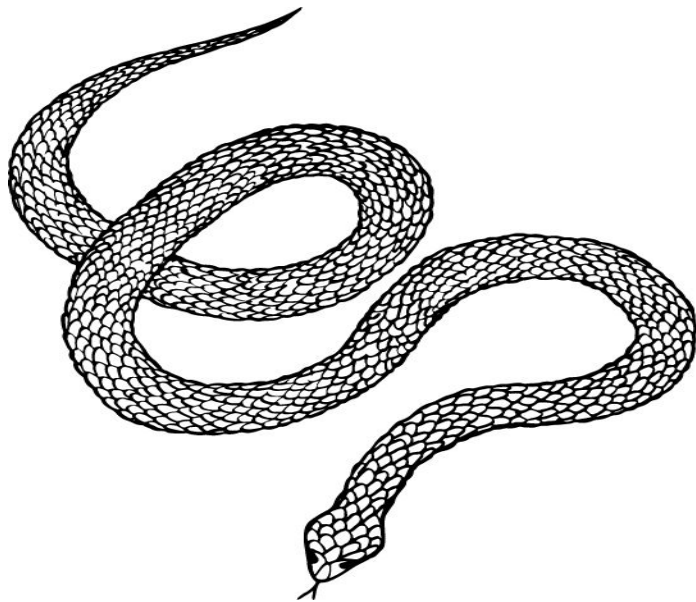
Nenhuma!

– Vamos logo para o castelo – disse por fim, desfazendo-se do cabedal de suspeitas que o envolveu por alguns poucos segundos, mas que o acompanhou o resto do dia.

A mão de um segurando a do outro. Um gesto tolo, sem a menor importância.

Bobagem!

– Vais ser muito querida em Chipre, meu amor. Muito mesmo.

Bobagem!

Maquinações

Iago percebeu. Além de Iago, apenas o próprio Otelo. Ninguém mais. Nem mesmo Cássio, protagonista involuntário de tão insignificante drama, deu-se conta do fato. Depois daquele instante, todas as palavras e gestos viram-se imbuídos de artificialidade, inebriantes aos sentimentos que provocavam em alguns, mas inescapavelmente falsos no coração e na alma inquieta do pobre homem apaixonado e, por isso mesmo, inseguro e desconfiado. Aliás, nada mais característico de uma grande paixão do que a angústia que a constitui e atormenta com a possibilidade de perdê-la. Um homem apaixonado é presa fácil de toda sorte de grandiosos sonhos de dedicação e bondade; portanto, da mesma contrapartida de sentimentos ruins, como a suspeita, o egoísmo, a animosidade. Iago os encontrou, todos, naquele breve instante em que uma preocupante centelha de desconfiança iluminou os olhos inesperadamente hostis de Otelo.

No amor, a felicidade nunca se constitui na certeza. Antes, é passível de chafurdar no terreno movediço da mera possibilidade e

acabar em amarga decepção ou coisa pior.

– Não viu como ela brincava com a mão dele? – perguntou Iago, descendo para o porto na companhia de Rodrigo. – Não acredito que tenha sido incapaz de observar isso.

– Decerto que vi – respondeu Rodrigo, sentindo-se ofendido pelo comentário aparentemente ofensivo de Iago. – Mas não acredito ter sido algo além de cortesia da parte dele.

– Acredite no que quiser. O que importa é o que passou pela cabeça do Mouro.

– Em que ele deve estar pensando?

– Em algo suficiente para nos ajudar a pôr em andamento nossos planos.

– E o que você espera que eu faça?

– Já se ouve por todos os lados que Otelo pretende realizar uma grande festa para celebrar o cargo de governador que acaba de assumir. Certamente Cássio estará lá. – Iago sorriu, debochado, ao acrescentar: – Os dois estarão lá.

– Sei disso.

– Cássio não o conhece e caberá a você, durante a festa, irritá-lo o máximo que conseguir. Fale muito alto na presença dele, o mais desagradável possível, e, quando ele reclamar ou exibir sua autoridade, ignore-o, transgrida suas determinações.

– Com que propósito, posso saber?

– O tenente é violento e se irrita com extrema facilidade, em especial agora que o novo cargo pode subir-lhe à cabeça e levá-lo a agredir você. Aliás, é bem isso que quero e de que necessito para que a confusão que provocarei leve as tropas a se amotinarem a tal ponto que somente a destituição de Cássio será capaz de restabelecer a paz.

– Acredita que isso seja possível?

– Certamente. Odeio Otelo, mas devo admitir que ele, embora nobre e amável, é por igual severo e não deixará passar um ato de insubordinação, mesmo que causado por seu principal assessor, o tenente em quem confia.

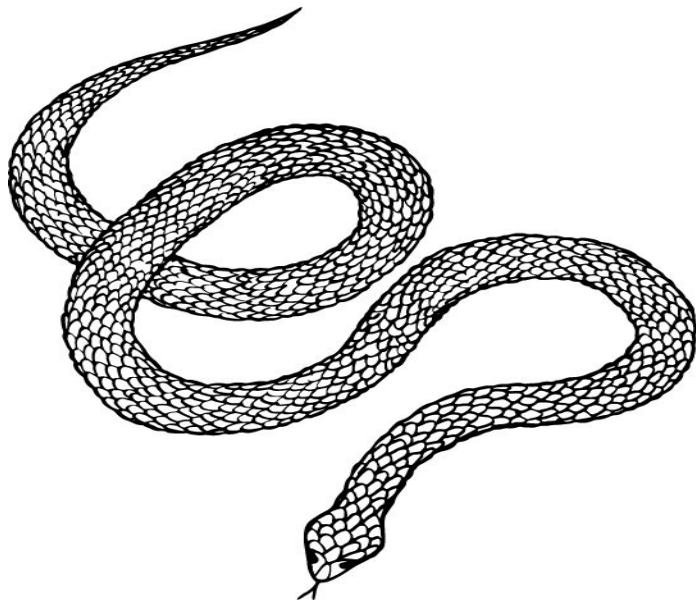
– Você parece bem certo disso.

– Tenho motivos para acreditar que meu plano dará certo. Além disso, se nada mais der certo, estou em condições de fazer tão grande ciúme apoderar-se do coração de Otelo que ele acabará se entregando

a toda sorte de loucuras.

– Que tipo de loucura?

– Ah, nem queira saber, meu amigo, nem queira saber...

– Não é confiança demais?

– Acredite, Rodrigo, aquele mouro pode ser um temível guerreiro, mas não tem inteligência. Não passa de um grande asno e, como tal, acabará me agradecendo pela desgraça em que o lançarei.

Entreato

A cena se repetia onde quer que o arauto se encontrasse: rapidamente a multidão se aglomerava em torno dele, obrigando-o a se desdobrar para ser ouvido, gritando a plenos pulmões e enfrentando o entusiasmo barulhento logo que se descobria o que pretendia informar. Um sacrifício de fato infernal.

Algo mais ou menos assim:

– É vontade de Otelo, nosso nobre e valente general, que, por motivo das notícias do completo desbaratamento da armada turca, festejem todos esse triunfo com trajes alegres, dançando, acendendo fogueiras, entregando-se aos divertimentos e prazeres a que estiverem mais inclinados. Porque, além dessas notícias auspiciosas, celebra Otelo também o seu casamento. Assim, determinou que se fizesse esta proclamação. Todas as lojas ficarão abertas, havendo inteira liberdade de diversão, desde agora, cinco horas da tarde, até que o sino dê o sinal das onze. Que o céu abençoe a ilha de Chipre e o nosso nobre general Otelo!

Presa fácil

As lembranças ainda eram confusas e, por muito tempo, zonzo e ainda buscando reagir aos efeitos da bebida, Cássio não encontrava explicações fáceis sequer para si.

O que de fato acontecera?

Fora ele mesmo o responsável por sua própria desgraça?

Como se deixara levar pela embriaguez tão estupidamente?

As perguntas multiplicavam-se em sua cabeça e para a maioria delas não encontrava uma simples resposta.

Fora presa fácil única e tão-somente da bebida ou enveredara pela armadilha traiçoeira de alguém sem ao menos se dar conta do fato?

Perguntas. Perguntas. Muitas perguntas.

Isolado em seu alojamento e inteiramente à mercê da escuridão de persistente perplexidade, aos poucos alcançou uns poucos fragmentos de incipiente compreensão, memórias imprecisas. Em uma das primeiras, viu-se no interior do castelo do governador de Chipre, e Otelo, acompanhado por Desdêmona, voltou-se para ele e insistiu:

– Cuide da guarda à noite, caro Miguel. Não quero excessos nas

festas que autorizei.

Boa parte das muitas outras recomendações dadas na sala de reuniões destinada ao governador e a seus subordinados perdeu-se nos derradeiros vestígios da embriaguez. Cássio de pouco ou quase nada se lembrava, fragmentos desconexos dos quais retirou uma resposta:

– Já dei ordens severas a esse respeito para Iago, senhor. De todo modo, irei pessoalmente conferir se foram seguidas.

– Iago é uma pessoa honesta e fiel seguidor de minhas ordens – assegurou Otelo, tranquilizador. – Não tenho dúvida de que tudo se fará a contento.

Palavras e imagens diluíram-se mais uma vez na memória traiçoeira, vitimada por um deserto nevoento de onde emergiam de tempos em tempos, sem o menor sentido, prestando-se apenas a aumentar a angústia do tenente. Em uma delas, Otelo sorria para Desdêmona, e os dois, felizes e apaixonados, desapareciam no final de uma escada que subia para outro dos grandes salões do castelo. Na recordação seguinte, a imagem sorridente e despreocupada do rosto de Iago se materializava desproporcionalmente grande, e foi possível a Cássio ouvir a própria voz dizendo:

– É bom que você esteja aqui, Iago. Precisamos verificar se nossas ordens foram cumpridas e se tudo se encontra em ordem na cidade.

Em outra imagem, ele se viu trafegar pela cidade ao lado de Iago, indo e vindo, atarefado, pelo verdadeiro labirinto de ruas e praças apinhadas de gente, boa parte delas rumando para o porto e para as praias que o mar ainda golpeava com vigor.

– Teremos muito tempo para isso, tenente – disse Iago. – Não são nem dez horas. Sabemos que nosso general nos dispensou tão cedo apenas porque mal pode esperar para enfim estar a sós com a bela esposa.

Sorriram, lembrou-se, e Iago concluiu com malícia:

– E podemos censurá-lo?

– Decerto que não, Iago. É uma senhora admirável.

– E deliciosa, posso lhe garantir.

– Desdêmona é uma mulher muito graciosa e delicada.

O tenente lembrou-se de que se incomodou com muitos dos comentários de Iago acerca da bela esposa de seu general. Pareceram-lhe atrevidos e despropositados, traindo uma intimidade que não sabia

se ele tinha com ela e com Otelo. As observações de Iago eram, na verdade, insinuações que identificavam Desdêmona, de maneira desagradável, como uma criatura leviana e de caráter suscetível a galanteios de outros homens.

Cássio irritou-se. A crescente contrariedade com as palavras do outro apresentou-se muito nítida e de tal maneira enfática que, lembrou-se, Iago entrincheirou-se por trás de meia dúzia de risinhos contemporizadores e mudou de assunto.

– Vamos, tenente. Tenho comigo um bom quartel de vinho e um par de jovens cipriotas estão me esperando lá fora para me ajudar a dar cabo dele rapidamente – foram estas as palavras de Iago, e se seguiram a um alegre convite: – Junte-se a nós na celebração mais do que justa à saúde de nosso comandante negro.

– Não hoje à noite, meu bom Iago. É grande a minha responsabilidade, e sou fraco para bebidas.

Iago insistiu:

– Ora, meu amigo, não se faça de rogado. Um copo apenas...

– Lamento, mas já tomei um copo de vinho, diluído em água. Mesmo assim, você pode ver que não me sinto muito bem.

Lapsos de memória lançaram Cássio ao abismo da mente, onde existiam apenas meros fragmentos. Até o que ele havia dito e ouvido surgia em fiapos de incompreensão. Nem sequer se lembrava de por onde andara no labirinto de ruelas e praças barulhentas, entre multidões eufóricas e visivelmente embriagadas, que se empurravam e comprimiam-se umas contra as outras.

– Tudo bem, tudo bem. Vou acompanhá-lo. A contragosto, mas vou – ele recordou haver concordado, por fim.

O rosto sorridente de Iago aparecia em seu pensamento, misturado às multidões embriagadas e aos companheiros que iam aumentando de número, as canecas passando de mão em mão, meros borrões humanos diante dos olhos enevoados do tenente. Criados circulavam com jarros de vinho, servindo a todos. Reconheceu Montano entre os jovens soldados cipriotas.

– Por Deus, já me fizeram beber uma boa caneca! – protestou depois de certo tempo, fazendo menção de partir. A cabeça parecia pesada sobre os ombros tensos. Ele tropeçou nos próprios pés e quase caiu.

– Provavelmente uma caneca pequena demais, nobre Cássio – comentou Montano, zombeteiro.

– Tragam mais vinho! – berrou Iago, enchendo nova caneca que chegou logo às mãos de Cássio.

Façam tinir a caneca! Façam tinir a caneca!

A vida é quente! Soldado é gente!

Soldado, que leve à breca...

Eles cantarolavam sem parar. Música infernal, que alfinetava sua memória e lhe fazia doer fortemente a cabeça.

– Mais vinho, rapazes! – gritavam de tempos em tempos.

O vinho, enfrentando o crescente obstáculo da garganta, sinal inequívoco de larga beberagem, escorria-lhe pelos cantos da boca. O mundo girava como um redemoinho, em invencível vertigem, e as pernas fraquejavam, ameaçando prostrá-lo nas pedras do calçamento das ruas escuras. Chocou-se com homens e mulheres pelo caminho. Jarros caíam das mãos de alguns, e o tenente empurrava um ou outro enquanto protestava de forma cada vez mais débil contra aqueles que continuavam lhe passando às mãos mais e mais canecas transbordantes de vinho.

– À saúde do nosso general! – ele bradou em certo momento. Depois, visivelmente embriagado, porém lembrando-se de Otelo, empertigou-se e, equilibrando-se sobre pernas bambas, insistiu: – Voltemos para nosso trabalho, cavalheiros. Temos responsabilidade com nosso comandante. E, por favor, não pensem que estou bêbado.

Montano juntou-se a ele e, ante a relutância dos outros soldados, berrou:

– Para a guarda, senhores! O dever nos chama!

Cássio não se lembrava com exatidão do que se passou em seguida. A mente confusa e ainda sob o efeito da embriaguez lhe permitia pouco. Rostos mais ou menos conhecidos. O corpo chocando-se de forma dolorosa e repetida contra o chão pedregoso. Palavras misturando-se e por vezes se transformando em indagações estranhas, muitas eivadas de desprezo e visível tom acusatório.

– Ele bebe muito e, como podem ver, a confiança que Otelo deposita nele me parece exagerada e pode nos causar problemas até com a boa gente de Chipre, não concorda? – perguntou Iago.

– Isso é frequente? Quero dizer, as bebedeiras...

Cássio reconheceu a voz de Montano, e foi dele que partiu outra observação sincera e extremamente cruel:

– Lastimável que nosso general se arrisque tanto, colocando alguém tão fraco em um cargo tão importante…

Outra voz, tão próxima que ele sentiu o hálito morno roçar-lhe a nuca, misturou-se àquele comentário e, no momento seguinte, falou:

– Oficial imprestável! Como vai defender qualquer um de nós se mal se aguenta em pé de tão bêbado?

Mãos fortes apoiaram-se em suas costas e o empurraram. Cássio esparramou-se mais uma vez no calçamento e esperneou vigorosamente por uns instantes, antes de levantar-se e se lançar sobre o vulto de um homem. Tentou esmurrá-lo, mas o soco golpeou apenas o vazio. Por pouco, desequilibrado, quase se estatelou no chão.

– Socorro! Socorro!

Seu agressor fugiu aos gritos, e ele partiu em seu encalço.

– Miserável! Patife!

Viu-o juntar-se a Iago e aos outros soldados, enquanto Montano, surpreso, abraçava-se a ele, impedindo-o de atacar o agressor.

– Que acontece, tenente? – perguntou.

– Esse pulha impertinente está querendo me ensinar o dever! – gritou Cássio, buscando soltar-se dos braços de Montano. Empurrou-o e, desembainhando a espada, tornou a avançar na direção daquele que o agredira, rosnando:

– Vou… vou…

O agressor era Rodrigo, que, abaixando-se, escapou da lâmina afiada.

– Tenha calma, meu bom tenente! – insistiu Montano, detendo um segundo golpe de Cássio com a própria espada. – Controle sua mão antes que cometa uma desgraça!

– Saia da minha frente, senhor, ou juro que amasso seu crânio também!

– Deixe disso! Está completamente bêbado! – insistiu Montano.

Cássio olhou em torno enquanto tentava se libertar dos braços de Montano e viu Rodrigo conversar com Iago antes que ele por fim o empurrasse na direção de uma viela próxima. Aquilo o irritou ainda mais. Incapaz de soltar-se, ele derrubou Montano com uma violenta cabeçada e em seguida feriu-o mortalmente na barriga com a ponta da

espada.

A raiva dissipou-se como por encanto. Vendo-o estatelado a seus pés, e lambuzado de sangue, o tenente olhou à sua volta, desorientado. Iago e os outros soldados o rodearam, paralisados como ele, sem saber o que fazer. Um sino badalava com fúria, e a cabeça de Cássio latejava, consumida por forte dor.

Lembrou-se de que Montano gemia e não conseguia se levantar.

– Estou sangrando... – balbuciou. – Estou ferido...

Otelo saiu do beco por onde fugira Rodrigo e marchou em largas passadas na direção do tenente. A imagem veio nítida e vexatória à sua mente. Numeroso grupo de soldados o acompanhava.

– Parem, eu lhes ordeno! – gritou, com raiva. – Parem, por suas vidas!

Iago ajudava Montano a se levantar e olhava de Cássio para Otelo e deste para Cássio, alarmado, tagarelando:

– Calma, tenente! Por Deus, Montano! Perderam o juízo? Que vergonha!

Otelo colocou-se entre eles. Os olhos negros faiscavam, indo de um para outro, enquanto suas palavras buscavam uma explicação em meio ao murmurinho crescente da multidão.

– Que aconteceu? Já não nos bastam os turcos? Precisamos buscar novos inimigos entre nós mesmos? Ouçam bem: aquele que se mexer para despejar sua raiva no companheiro já tem seu destino traçado: é um homem morto!

Finalmente cravou os olhos em Iago e perguntou:

– O que se passou aqui, homem? Desembucha!

Iago fugiu de seu olhar.

– Não faço ideia, meu senhor. Ainda há pouco éramos amigos fraternos e de repente...

Otelo voltou-se para Cássio, olhando-o dos pés à cabeça por alguns instantes antes de perguntar:

– E você, Cássio? O que me diz acerca do estado em que se encontra?

– Perdoe-me, senhor, mas nada posso dizer que...

Otelo não esperou que o tenente concluísse o que iria dizer. De imediato encarou Montano e insistiu:

– Você sempre foi um homem de grande retidão e inatacável

seriedade, digno Montano. Nada espero de você a não ser a verdade. Quero saber o que aconteceu. De antemão imploro que pense bem antes de jogar no lixo sua reputação, negando-me a verdade ou, pior ainda, enchendo meus ouvidos com mentiras. Responda, eu peço.

– Meu bom senhor, como pode ver, estou morrendo e nem sei se tempo terei para explicar-lhe o que se passou. Certamente, seu oficial, Iago, estará em melhores condições de contar o que houve.

Tudo então se passou de forma rápida e ainda estava gravado na memória de Cássio. Impossível esquecer, pensou, ao recordar-se de que, premido pelo olhar dardejante de raiva e inconformismo de Otelo, Iago virou-se devagar para ele e principiou:

– Senhores, eu sinceramente preferiria que me cortassem a língua a ofender de alguma maneira a Miguel Cássio, mas estou convencido de que a verdade não lhe fará mal algum.

E se pôs a narrar o que se passara:

– Desconheço os motivos que levaram à desavença entre Cássio e aquele homem, mas estávamos Montano e eu conversando quando Cássio surgiu correndo atrás do tal homem, espada na mão, bêbado e disposto a matá-lo. Não tenho condições de garantir se ele realmente mataria, mas suponho que Montano não tinha semelhante dúvida, tanto que tentou impedir que Cássio cometesse tal desatino. Fui no encalço de ambos e, quando lá cheguei, o homem que provocara a ira de Cássio desaparecera em uma gritaria desesperada que acabou por despertar a cidade inteira e, pior, os dois estavam engalfinhados em feroz disputa da qual Montano saiu mortalmente ferido.

Havia mais decepção do que raiva no rosto de Otelo quando ele se voltou para Cássio e disse:

– Meu caro, estimo-o muito, mas de hoje em diante você não é mais meu oficial.

Depois de tais palavras, todas as outras perderam-se em uma desimportância fria e angustiante. Poucas ainda restavam entre as lembranças que permaneciam em sua cabeça.

Desdêmona, atraída pela grande confusão, apareceu entre vários criados e quis saber o que se passara.

– Que aconteceu? – perguntou.

Otelo, que pouco antes afiançara que Cássio seria castigado de modo exemplar, imbuiu-se de extrema e inesperada tranquilidade e

alcançou-a, dizendo:

– Está tudo bem, minha querida. A vida de um soldado é sempre assim, e seu sono quase sempre é intranquilo.

Em pouco tempo, os dois voltaram ao castelo, e o corpo de Montano foi carregado por seus companheiros escuridão adentro, restando a Iago e Cássio a companhia de um silêncio sobrenatural.

– Perdi a reputação, Iago – disse Cássio com imensa melancolia. – Perdi o que um homem tem de mais importante.

– Que é isso, homem! – protestou Iago. – A reputação é um apêndice ocioso e enganador, obtido muitas vezes sem merecimento e perdido sem nenhuma culpa. Não se entregue a juízos apressados.

– Como assim?

– Incontáveis meios existem para que você recupere a estima de seu general.

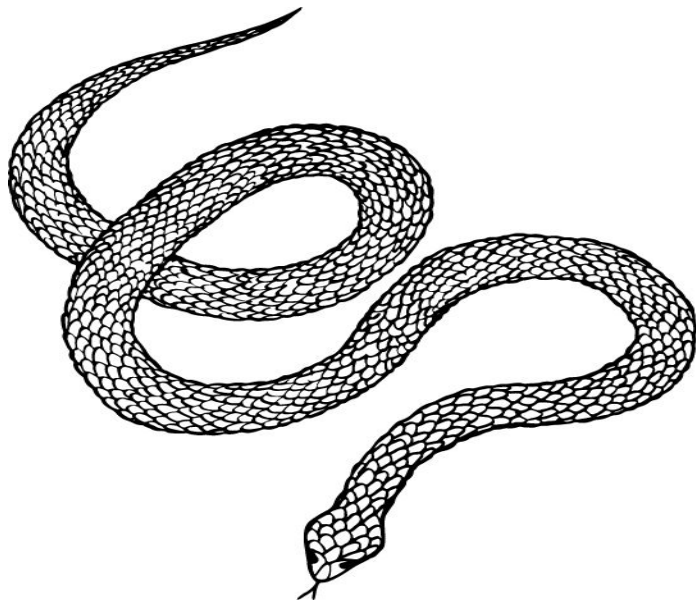
– Preferiria o desprezo dele a ludibriá-lo em sua boa-fé, apresentando-me como algo que não sou. Não passo de um oficial leviano, bêbado e indigno de sua confiança.

– Quem era o sujeito que você perseguia com tanto ódio? Que fez ele para despertar sua ira?

– Não sei, não sei...

Realmente, Cássio recordava uma infinidade de coisas, mas outras tantas preferia esquecer. Nada mais inestimável do que os muitos conselhos dados por Iago. Ser-lhe-ia grato pelo resto da vida. Na verdade, até se surpreendeu. Acreditava que ele se sentira injustiçado quando Otelo não o escolheu para seu tenente e estava certo de que seria o maior interessado em sua desgraça. Iago, porém, mostrou-se solidário e disposto a ajudá-lo.

– Vou lhe dizer o que deve fazer – disse ele. – A esposa de nosso general é agora o general. Acredite: depois de muito observar a dedicação e o carinho que Otelo dedica a ela, posso garantir, sem medo de errar, que o caminho mais curto para conquistar o perdão dele é por intermédio de Desdêmona. Não se faça de rogado e a procure o mais depressa possível. Fale de coração aberto e com a mais absoluta franqueza; mostre-se sinceramente arrependido. Ela o ouvirá, e, se você tocar o coração dela, tenho certeza de que intercederá junto do general e o ajudará a reconquistar seu lugar.

Iago foi sincero e generoso em extremo. Cássio encontrou nele um

grande amigo e assegurou-lhe que agiria o quanto antes.

– Logo que amanhecer, vou pedir à virtuosa Desdêmona que interceda a meu favor.

– Tem razão – concordou Iago. – Boa noite, tenente.

Quanta bondade!

Um pouco depois, Cássio reencontrou alguma paz em seu coração atormentado, naquele momento mais leve e agradecido por, apesar de todos os atropelos daquela noite, ter encontrado um amigo em Iago, alguém honesto e leal, disposto a ajudá-lo de maneira desinteressada.

Um homem desesperado

Pelo menos metade de um dia se passou depois do terrível incidente que redundou nos graves ferimentos infligidos a Montano. Uma das primeiras consequências que se seguiram a tão desagradável acontecimento foi que a festa convocada pelo novo governador para celebrar o desbaratamento do invasor otomano e seu casamento praticamente não ocorreu. A cidade estava dividida entre a natural preocupação com o antigo governador e as poucas e acabrunhadas ocorrências nesta ou naquela residência da aristocracia local ou no interior de umas poucas tabernas. Nem a confirmação do completo afastamento dos poucos remanescentes da poderosa frota invasora se prestou a minorar o estado geral de profunda consternação da população da ilha. Montano era estimado por todos, e a agressão de que fora vítima, em circunstâncias tão banais, causou certa animosidade entre venezianos e cipriotas. Apesar disso, nada atrairia mais atenção e provocaria mais comentários entre estes e aqueles do que as frequentes visitas que o agressor, o ex-tenente Miguel Cássio, faria no dia seguinte à casa do governador. Poucos compreenderiam e,

mais adiante, se surpreenderiam ao descobrir que, ao contrário do que supunham, o elegante oficial florentino não se dedicava a visitar Otelo, seu comandante, em busca de indulgência e da recuperação de seu antigo e prestigiado posto, mas, antes, a solicitar repetidas vezes uma audiência com a jovem esposa de Otelo, valendo-se da companhia de músicos e outros artistas que se punham a tocar e a recitar poemas encantadores à porta do castelo ou mesmo diante da janela do quarto que ela e o marido ocupavam.

O estranhamento transformou-se, logo nas primeiras horas, de insistência para inconveniência, em terreno fértil para a imaginação dos maledicentes. Os boatos espalharam-se pela cidade em pouco tempo, o mistério embrulhado no fino veludo da desconfiança e atado pelo forte nó de persistente suspeita, o qual, por ingenuidade ou por necessidade, Cássio insistia em carregar todos os dias para a porta do palácio do governador, sem perceber o que acontecia a seu redor, e envolvia, involuntariamente, a pobre Desdêmona.

Que fazer?

Como compreender e, mais adiante, aceitar um gesto dos mais inocentes de um homem desesperado?

Impossível.

Seu temor se estendia por tão longos e tortuosos caminhos que ele mal dormira depois da confusão em que se envolvera. Aceitaria qualquer conselho, com base apenas na absoluta falta de alternativas e na compreensão do tanto que perdera da noite para o dia por causa de umas poucas canecas de vinho.

Estava tão imbuído de sua missão, a seus próprios olhos, salvadora, que se fez cego e incapaz de entrever o inescapável caráter daninho de que se investia a sugestão de Iago, chegando a aceitar que ele intercedesse a seu favor e conseguisse o precioso encontro com Desdêmona.

– Não se preocupe – tranquilizou-o Iago. – Farei com que ela venha a seu encontro agora mesmo. Mais: arranjarei um jeito de distrair o Mouro para que possas falar de seu assunto o mais livremente possível.

– Nem sei como agradecer, meu amigo – disse Cássio, aliviado.

– Não o faço apenas por você, Cássio, mas, antes, para que nosso comandante corrija um grande erro. Seu castigo foi exagerado,

decidido pelo coração e não estabelecido pela razão.

Como outros homens, Cássio deixou-se iludir pela subserviência de Iago. Transtornado pelos últimos acontecimentos, preocupado com as consequências que poderiam advir de seu gesto tresloucado da noite anterior – mas, em primeiro lugar, sentindo-se abandonado por todos –, ele apreciou o apoio incondicional e, acreditava, absolutamente desinteressado de Iago. Isso lhe infundiu forte confiança e, em igual medida, despojou-o de temores e até de certa hostilidade com relação ao que Iago poderia fazer contra ele depois de preterido na promoção que, muitos garantiam, ele esperava e se acreditava merecedor há muitos anos.

Era um homem agradecido e estendeu tal gratidão a Emília, esposa de Iago.

– Sou muito agradecido por tudo que vocês dois têm feito por mim – disse ele quando Emília foi buscá-lo e o levou para dentro do castelo.

– Meu marido e eu ficamos muito consternados com tudo o que se passou entre o senhor e o general, nobre Cássio – afirmou Emília. – Mas estamos certos de que muito em breve tudo voltará a estar bem entre ambos.

– Deus a ouça!

– Neste momento o general e a esposa certamente conversam sobre seu caso. – Emília sorriu e comentou: – O senhor tem uma grande defensora na senhora Desdêmona, sabia?

– Até me espanto com essa informação... – disse Cássio, galgando os degraus que os levaram para dentro do castelo. – Eu nem imaginava que...

– Sua humildade me espanta, tenente. A senhora fala com grande ardor e entusiasmo em sua defesa, e o general não se mostra insensível aos apelos dela. Ainda há pouco admitiu que o puniu apenas porque o nobre que o senhor feriu é muito importante e conceituado entre a gente da ilha, e ele disse que punir o senhor foi a maneira mais acertada de evitar maiores confusões com a família dele.

– Quanta generosidade!

– Não é verdade?

– Será que a senhora me permitiria um especial favor?

– Se estiver ao meu alcance...

– Haveria possibilidade de eu falar a sós com Desdêmona, nem que seja em uma entrevista curta?

Emília sorriu, generosa, como que procurando tranquilizá-lo.

– Não se preocupe, tenente. Arranjarei as coisas para que os dois fiquem a sós.

Cássio desdobrou-se em novos elogios a Iago e à própria Emília. Mostrava-se nervoso e tropeçava nas palavras enquanto galgava os degraus que subia para alcançar a enorme construção que dominava a paisagem constituída pela labiríntica cidadela. O arrependimento perpassava cada palavra ou gesto e, depois de certo tempo, Cássio se repetia ou se entregava a exageros.

– Minha vida está nas mãos da bela senhora – disse em mais de uma ocasião, os olhos rodeados por feias olheiras e marcas avermelhadas comuns a uma noite de insônia.

Emília pouco falara durante todo aquele tempo. Dividiu-se em sorrisos breves e invariavelmente solidários, aqui e ali animando-o com duas ou três palavras de incentivo, nada além, enquanto os olhos passeavam pelas amplas janelas do castelo, como se procurasse algo ou alguém que, por fim, encontrou. Iago a observava de uma das janelas e, no momento em que seus olhos se encontraram, ele balançou a cabeça de modo quase imperceptível, em uma anuência muda. Iago chegou a permitir-se um risinho malicioso antes de voltar para Otelo e os soldados que se reuniam em torno de uma grande mesa.

– Mais alguma coisa, meu senhor? – perguntou, apresentando-se a todos como se tivesse sido vitimado por momentânea distração.

– Estava comentando com nossos visitantes sobre as obras no interior do castelo – informou Otelo. – Quer ir comigo?

– Perfeitamente. Posso lhes garantir que todos ficaremos encantados com o que iremos ver.

Risos.

– Não lhes deem ouvidos, meus amigos – disse Otelo. – Iago muitas vezes exagera em seus comentários...

– O que posso fazer, meu general? Sou apenas um pobre soldado a sobreviver da generosidade e da confiança de seus comandantes.

Suspeita

Nem ele soube bem por que abriu o braço e impediu Iago de continuar caminhando a seu lado, ultrapassando-o com seus passos apressados. Muito menos por que o puxou para trás de uma pilastra e em sua companhia pôs-se a observar Cássio, que descia de um lance de escada entre Emília e Desdêmona.

Por quê?

Tornou a deter Iago com o braço e espreitou os três alguns metros à sua frente. Gesticulou para que Iago se calasse e continuou observando. Mais do que apenas observar, tratou de ouvir o que conversavam, os olhos apertados, animados por um sentimento novo e perturbador, na verdade inexplicável. Rugas acumularam-se nos cantos dos olhos estreitos, animados por uma centelha de inesperada suspeita.

Nem entendia de onde viera tal sentimento, mas, depois que o experimentou, um calor intenso envolveu-o dos pés à cabeça, incomodando-o. Nem assim ele abandonou o esconderijo descabido. Continuou observando, ouvindo.

Por quê?

Não soube explicar nem para si mesmo.

Queria. Precisava. Peito oprimido. Inquietação com aquela desagradável sensação de mal-estar que se espalhava pelo corpo, o interesse em ouvir tudo e mais um pouco, cada palavra que Desdêmona dizia e Cássio respondia.

Estranhou o próprio comportamento e, em mais de um momento, pensou em aproximar-se.

Por quê?

Como saber?

Não encontrava resposta convincente.

Estranho.

Desagradável.

Um frio intenso desmanchou-se em ondas de inquietação.

– Generosa senhora, seja qual for a sorte que me alcançar, pode acreditar que terá sempre em mim seu mais leal servidor, um escravo de suas vontades... – Cássio mais uma vez se fazia insinuante e cheio de galanteios, seus sorrisos eram hipnóticos, atraindo outros tantos sorrisos de Desdêmona e Emília.

– Meu marido não terá mais sossego – prometeu Desdêmona. – Hei de amansá-lo, e sua paciência será posta à prova enquanto ele não ceder à sua súplica. Hei de dobrá-lo.

Foi nesse momento que as sólidas barreiras do inconformismo se romperam, e Otelo, na companhia de Iago, foi visto por Emília.

– Meu amo vem aí, senhora! – disse ela, com certo constrangimento.

Cássio olhou na direção dos dois recém-chegados e, aparentando igual constrangimento, falou:

– Devo despedir-me, senhora.

Desdêmona espantou-se:

– Ora, por quê? Não gostaria de ficar mais um pouco e me ouvir defendê-lo?

– Receio que em meu atual aspecto darei um péssimo testemunho de mim mesmo. Em outra ocasião, quem sabe...

– Se assim preferes...

Cássio olhou mais uma vez na direção de Otelo e Iago, o embaraço cobrindo-lhe o rosto com uma vermelhidão repentina, e afastou-se

apressadamente.

– Isso não me agrada! – disse Iago, acompanhando o afastamento do tenente com um olhar que exprimia certa desconfiança.

Otelo olhou para um e para outro e, por fim, indagou:

– Que foi que disse?

– Nada, senhor. Bobagem da minha parte.

– Não era Cássio aquele que conversava com sua esposa e minha Desdêmona?

– Tive a mesma impressão... mas, sendo ele, por que se esgueirou daquela maneira quando nos viu?

– Estou quase certo de que era ele.

Otelo pensou em segui-lo, mas Desdêmona o chamou:

– O que faz aqui, meu marido?

Otelo dirigiu-lhe um olhar irritado e contrapôs:

– Eu poderia lhe fazer a mesma pergunta, minha esposa. Quem era aquele que conversava com você?

– Um suplicante.

– Quem?

– Seu tenente Cássio.

– E o que ele fazia aqui?

– Meu marido, se eu tiver a possibilidade de demovê-lo de alguma decisão, apelo para que se reconcilie com ele.

A contrariedade e a desconfiança anuviaram a expressão de Otelo.

– Por que me diz tais palavras?

– Ele o estima e o respeita muito. Errou mais por descuido do que por intenção. Portanto, merece voltar a seu posto.

– Ele estava aqui, não?

– Sim, estava e se encontrava de tal maneira abatido que quase cheguei às lágrimas. Devo chamá-lo?

– E por que ele não ficou aqui para fazer sua própria defesa? Não confia em si ou outro motivo o levou a fugir tão apressadamente?

– Ele se disse indisposto e poderia mais atrapalhar do que ajudar na sua defesa se o encontrasse agora.

– É mesmo?

– Devo chamá-lo?

– Talvez mais tarde.

– Mas...

– Agora não, Desdêmona.

– Mas pelo menos será logo?

– Assim que possível, se você deseja.

– Que tal hoje à noite, durante a ceia?

– À noite, não!

– Então amanhã, à hora do almoço?

– Não estarei em casa amanhã cedo. Almoçarei no forte, com todos os capitães.

– Então quando poderá ser? Amanhã à noite? Ou terça pela manhã? Talvez à noite?

– Mas que aflição é essa, minha amada?

– É compreensível que, em tempos de guerra, até mesmo os melhores devem ser punidos, para se combater a insubordinação. No entanto, este não foi o caso do tenente, e você já deve ter percebido do erro que cometeu. Por favor, meu marido, diga-me quando seu oficial poderá vir. Marque hora e data.

– Que venha quando bem entender. Você sabe bem que nada lhe nego e o receberei no momento em que aparecer em frente à minha porta. – Um largo sorriso iluminou o rosto de Otelo. Como se procurasse acalmar a esposa, ele continuou: – Eu gostaria de lhe pedir um favor. Seria possível atendê-lo? Apenas um...

– Não passa por minha cabeça recusar-lhe alguma coisa, meu marido. Nunca, nunca realmente.

– Grato, muito grato.

– O que deseja?

– Seria possível deixar-me apenas por um instante ou dois? Tenho muito em que pensar.

– Como não, meu marido? Já estou indo, se assim deseja.

Otelo sorriu novamente.

– Será só por uns momentos...

Desdêmona virou-se para Emília e, após lançar um novo olhar para o marido, disse:

– Vamos logo, minha amiga. Meu marido precisa ficar só.

Otelo acompanhou-a com o olhar. Enquanto a via afastar-se na companhia de Emília, comentou:

– Ah, como a amo, minha adorável esposa...

Calou-se e virou-se para Iago quando este o chamou.

– Que quer? – perguntou. Espantou-se com a expressão constrangida do oficial. – Que cara é essa? Algo o incomoda?

– Não sei como lhe fazer a pergunta...

– Que pergunta, homem?

– Estou preocupado com a senhora...

– Minha esposa? O que há?

– Ela estava tão preocupada com Cássio e foi tão enfática que...

– Que mal há nisso? Desdêmona é uma alma pura e preocupada com a felicidade alheia.

– Nada tenho a dizer que desabone a conduta de sua esposa, meu senhor, muito pelo contrário. Meu temor é outro.

– O que você teme?

– O senhor se importaria em me dizer se Miguel Cássio tinha consciência de seu interesse pela bela Desdêmona desde o princípio?

– Desde sempre. Por que a pergunta?

– Curiosidade, nada além de curiosidade, meu senhor.

– Curiosidade? Que tipo de curiosidade?

– Bobagem, realmente. Nada importante.

– Deixe-me ser o juiz disso.

– É que eu pensava que ele a conhecesse apenas depois que o senhor com ela se casou.

– Ele a conhecia bem antes disso e muitas vezes pedi a ele que me aproximasse dela.

– Verdade?

– Sim. Acaso vê algo de reprovável nisso? Ele não é honesto ou algo pior?

– Honesto, meu senhor?

– Sim, honesto.

– Tudo o que sei sobre ele...

– Não se faça de desentendido, Iago. Você tem algo em mente. Lembro-me de que, ainda agora, quando Cássio se afastava, você comentou algo como “isso não me agrada”. E, quando lhe disse que ele era meu confidente enquanto eu fazia a corte à minha esposa, você fez outro comentário, algo como “realmente?”, e pude ver contrariedade em seu rosto, o que me levou a pensar que carrega algo dentro da alma, algo não muito bom.

– O senhor sabe como lhe quero bem.

– Se assim for, fale de uma vez!

– Aquiete sua alma, senhor, pois asseguro-lhe que Cássio é honesto.

– Mas?

Iago espantou-se:

– Mas o quê?

– Sua voz o traiu, Iago. Sinto que está ocultando algo. Vamos, fale.

– Eu lhe suplico que não me peça tal coisa.

– Por quê? É algo tão horrível assim o que de mim esconde?

– Temo a armadilha que toda palavra pode ensejar. Mal compreendida e, pior ainda, mal interpretada, provoca toda sorte de sentimentos, em especial, os mais terríveis, em nossa alma torturada.

– Você está falando por enigmas, Iago. O que tanto teme?

– Nada pior do que a suspeita, mas principalmente o monstro devastador do ciúme, a insinuação perversa que levanta dúvidas e se presta à destruição até das mais sólidas relações entre um homem e uma mulher. Ainda mais quando o homem se vê ou pensa estar sendo traído em sua boa-fé e em seu amor.

– Maldição, do que está falando? Que história é essa de ciúme e traição? Não me tente com palavras que tudo dizem e insinuam, mas nada provam. Sou mais do que isso e não levantarei nenhuma suspeita sobre a mulher que amo antes da solidez cruel porém esclarecedora de uma prova. Preciso ver primeiro para duvidar. E, depois da dúvida, não abdico das necessárias provas e que sejam boas, inquestionáveis. Aí, sim, liquidarei o amor e o ciúme.

– Se assim diz, sinto-me mais à vontade. Não ainda para lhe trazer alguma prova, pois não as tenho e, com sinceridade, espero jamais ter. De todo modo, advirto-o: vigie sua esposa, observe com atenção como ela e Cássio se tratam, lance a eles olhares nem enciumados nem confiantes demais.

– Não creio que Desdêmona me seja infiel.

– Ela enganou o pai para casar com o senhor, fingindo inclusive que o temia quando na verdade o amava.

– Reconheço como verdade.

– Quanto a mim, reconheço que falei em demasia e me desculpo antecipadamente. Gostaria de estar enganado e que talvez nada haja entre sua senhora e Cássio. Tampouco posso acusá-lo de ser o vilão, nem que esteja se valendo da boa vontade e da ingenuidade dela para

seus propósitos infames.

– Preferiria acreditar nisso.

– Eu também. O senhor ficou abalado com aquilo que lhe disse em boa-fé...

– Nem um pouco. Eu lhe asseguro que confio em Desdêmona, e você nada me disse ainda que abalasse tal confiança.

– Que assim seja. Guarde suas suspeitas, se já as tem, e nem por um segundo questione a virtude de sua esposa. Vida longa tenha ela, e o senhor também, guardando tão inexpugnável certeza.

– Cessem as insinuações! Que encontremos as provas ou que a paz, na ausência delas, sirva para manter o meu amor por Desdêmona e testemunhar em favor de sua grande e inatacável virtude.

– Já fui muito longe com minhas palavras, meu senhor. Devo me calar e partir.

– Concordo, Iago. Adeus, adeus!

Otelo sentia-se zonzo e confuso quando viu Iago distanciar-se pelo corredor. Não sabia o que pensar e muito menos por que desconfiar da mulher que tanto amava. Sem que percebesse, as palavras cavilosas de Iago espalhavam-se devagar em sua mente, como um germe dos mais daninhos, embrião de forte suspeita, erodindo a fortaleza de seu amor ou pelo menos insinuando-se de tal maneira que certezas inabaláveis desfaziam-se com surpreendente rapidez.

Que dizer? Que fazer?

Irritava-se consigo mesmo, efeito mais do que previsível de uma paixão que se construíra rapidamente, mas se fizera em terreno arenoso e com raízes frágeis, incapazes de sustentar-se por muito tempo.

A crença nas insinuações de Iago surgiu com a mesma rapidez de sua paixão por Desdêmona. Estava com os nervos à flor da pele quando ela voltou na companhia de Emília.

– Você se esqueceu da ceia e de seus convidados, meu querido? – indagou ela, preocupada. – Eles estão à sua espera...

Irritado e incomodado por suas próprias dúvidas, Otelo a encarou e resmungou:

– E por causa de meu pequeno atraso já sou passível de censura?

– Por que está falando dessa maneira, meu marido? Está indisposto?

Assustado com a própria rispidez, Otelo esfregou a testa porejada de suor e desculpou-se:

– Dói-me a cabeça...

– Decerto são os muitos problemas que você enfrentou desde que chegou à ilha. Deixe-me ajudá-lo. – Um lenço apareceu nas mãos de Desdêmona, e ela procurou enxugar-lhe o rosto. – Deixe que eu lhe aperte bem a cabeça e estará melhor em uma hora.

– Que bobagem, mulher! Não vê que o lenço é por demais pequeno? – Otelo afastou-lhe a mão com brusquidão, e, quando ela fez menção de apanhar o lenço que lhe caíra da mão, ele a deteve com impaciência: – Esqueça isso. Vamos logo. Não façamos nossos convidados esperar mais!

Emília observou-os sem pressa e apenas se moveu na direção do lenço quando o casal por fim desapareceu na semiescuridão do fim do corredor.

O lenço

Iago o examinou minuciosamente e, em pelo menos duas ocasiões a desconfiança fez seus olhos faiscar, fixos na esposa. Emília mexeu-se, incomodada, mas permaneceu calada, esperando que ele se convencesse da autenticidade do lenço que em dado momento chegou a cheirar, fungando como um velho perdigueiro.

– Você o roubou? – perguntou ele.

Emília sustentou-lhe o olhar, inabalável, e respondeu:

– Não foi preciso. Desdêmona o deixou cair, e eu o peguei.

– Excelente!

– Agora você poderia me dizer o que vai fazer com ele?

– Com o lenço?

– E com o que mais seria? Se me lembro bem, há tempos você vem me pedindo para roubá-lo.

– E que lhe importa isso? – grunhiu Iago com rispidez, guardando-o na manga da camisa.

– Se não for para alguma coisa boa, devolva logo. Pobre Desdêmona! Vai enlouquecer ao dar pela falta dele.

– Finja que de nada sabe. Tenho utilidade para ele.

– Mas...

– Vá andando, mulher! – Iago impacientou-se e a empurrou ao avistar Otelo aparecer no topo da escada e descer com pressa, em sua direção. – O general se aproxima!

Emília afastou-se, contrariada, e desapareceu atrás de uma das várias portas que se abriam para um pequeno corredor à direita, enquanto o marido marchava ao encontro de Otelo.

– Ainda preocupado, meu senhor? – indagou, solícito.

– Não se faça de tolo, Iago!

– Que diz, meu senhor? Acaso devo me culpar por ser sincero?

– Quero prova visível ou pelo menos uma coisa que não tenha nem gancho nem presilha onde a dúvida possa pendurar-se. Senão, ai de você!

– Mas senhor, eu apenas...

– Se você caluniou a mulher que amo e ainda me tortura com suas meias palavras, não espere de mim remorso algum, mas a mão pesada e o castigo mais temível.

– O que o senhor quer de mim?

– Uma prova. Qualquer prova.

– Estou arrependido e me sentindo terrivelmente envergonhado do que lhe falei.

– Provas, Iago. A acusação é grave, e suas palavras, apenas, não me servem.

– Se soubesse que o senhor queria uma prova...

– Queria, não. Eu quero!

– Serei sincero, meu senhor.

– Pois seja sincero. Sua vida pode vir a depender de você ser capaz de me convencer.

– Nada tenho além de indícios, mas são indícios fortes, daqueles que, se o senhor for paciente e atento, o conduzirão à porta da verdade.

– Nada peço além de uma prova real de que minha esposa é falsa.

– Não me agrada esse ofício.

– Pois conforme-se. Se você abriu as portas do inferno para que delas saíssem a aflição, a suspeita e a intranquilidade que me tiram o sono, terá de fechá-las ou lá se trancar para escapar da minha ira.

– "Desdêmona querida, sejamos cautelosos, encubramos bem o nosso amor!"

Os olhos de Otelo dardejavam quando ele se lançou sobre Iago e apertou-lhe o pescoço com as mãos enormes, os dedos afundando na pele fina.

– De que está falando, seu biltre?

Iago empalideceu, os olhos arregalados, a boca abrindo e fechando com desespero, buscando abocanhar qualquer porção do ar que lhe faltava.

– Por favor, senhor... – gemeu. – Não consigo respirar...

– Vamos, responda!

– Meu senhor, eu... eu...

Otelo, surpreso com o próprio gesto, soltou-o com um forte repelão e insistiu:

– De que está falando?

Iago arquejou ainda por um bom tempo, tremendo incontrolavelmente, as costas apoiadas em uma das paredes ao longo do corredor.

– Outro dia passei duas noites na companhia de Cássio, senhor – balbuciou.

– E o que tem isso a ver com o que você acabou de dizer?

– Um de meus dentes me doía, e eu não conseguia dormir.

– Cada vez entendo menos.

– Cássio dormia e, em dado momento, disse as palavras que acabo de repetir.

– Você está mentindo! – Otelo encostou-se na parede ao lado de Iago, trêmulo, os joelhos como que se dobrando ao peso de informação tão estarrecedora. – Impossível!

– Juro que é verdade e me envergonho do que aconteceu em seguida.

– Como assim?

– O sono dele era pesado e, no momento seguinte, ele se apossou de minhas mãos e se pôs a dizer "Oh, criatura adorável!"– Iago se calou por instantes, o constrangimento expressando-se em uma palidez horrenda por todo o rosto macilento. – Ele me beijava com tamanha vontade que tive imensa dificuldade de me livrar de seus braços e da perna que colocou por cima de minha coxa, beijando-me e gemendo

mais e mais juras de amor, até que finalmente, resfolegando e acreditando-se na companhia da senhora, gemeu forte protesto, algo como “Por que tece de se entregar para aquele mouro?”

– Maldito! Maldito seja!

– Por favor, meu senhor, acalme-se. Tudo não passou de um sonho!

– É o que você diz, mas quem me garante que isso não foi fruto de experiências passadas?

– Não se precipite, senhor, eu lhe imploro!

– Vou fazê-lo em pedaços!

– Seja cauteloso...

– Como?

– O desejo de um homem não é prova, muito menos se encontramos tal vontade em um sonho, que nada representa. E se sua esposa for honesta e não tiver participado nem do sonho pecaminoso de Cássio?

– O que você quer dizer?

– Pode não ter passado de um desvario de Cássio e sua senhora ser completamente inocente. Se o senhor tiver pelo menos uma prova concreta de sua indiscrição...

– Que prova?

– Como posso saber? Cássio é um galanteador, e entre suas coisas já vi vários presentes que decerto devem ter saído do coração apaixonado de mulheres. Outro dia mesmo, vi na mão dele um lenço com bordados de morangos. A senhora...

– Por deus, não me diga isso!

– Que cara é essa, meu senhor? Não me diga que...

– Foi o primeiro mimo que dei a ela.

– Não sei o que dizer, senhor. Hoje mesmo vi o lenço que mencionei. Cássio limpava a barba com ele.

– Seria o mesmo que dei a ela?

– O mesmo ou qualquer outro, sendo dela, é prova muito forte...

– Que ódio!

– Fique calmo, senhor.

– Como posso? Meu sangue ferve nas veias, e nada aplacará a raiva que sinto senão a vingança!

– Coloco-me desde já à sua disposição. Iago lavará a sua honra no sangue de Cássio se assim o desejar.

– Pois aceitarei de bom grado sua generosidade e a oferta.

– Estou às ordens, meu senhor.

– Agradeço e decerto recorrerei a seus serviços.

– Fale.

– Nos próximos três dias, quero que me digam que Cássio morreu.

– Pois morto ele já está. Será feita sua vontade. Mas eu lhe peço apenas um favor.

– Peça.

– Poupe Desdêmona.

– Que baixe aos infernos essa prostituta! Deixe-me sozinho por um tempo, para que eu pense e decida qual o castigo mais adequado para esse belo demônio.

– Se assim o deseja...

– Ah, e mais uma coisa, Iago.

– O quê, senhor?

– Doravante você será o meu tenente.

– De hoje em diante, minha vida lhe pertence, acredite.

Coração inquieto

“É grande falta. Esse lenço foi dado a minha mãe por uma egípcia, uma feiticeira capaz de ler os pensamentos das pessoas. Ao presenteá-la, assegurou que, enquanto o conservasse, seria imensamente grata e apaixonada por meu pai, e ele, por sua vez, não teria olhos para nenhuma outra mulher. Em contrapartida, se o perdesse ou, pior ainda, se o desse de presente para outra pessoa, os olhos de meu pai passariam a vê-la com repugnância, e seus pensamentos seriam tomados por toda sorte de fantasias abomináveis. Acredite, minha querida, enquanto foi viva, minha mãe em momento algum dele se separou mais do que uns poucos segundos. Os dois foram muito felizes, e somente nos seus últimos dias de vida ela o deu para mim como herança, recomendando que o oferecesse a uma mulher única, na certeza de que ela seria minha esposa. Foi o que fiz e, por isso, sempre lhe recomendei que se acautelasse e o mantivesse junto de si, joia tão cara que foi para minha mãe, chave de sua felicidade e de meu pai. Perdê-lo ou levianamente dá-lo a alguém traria grande desgraça para nós dois.”

A lembrança era recente, mas ainda angustiava Desdêmona. Aquelas palavras a inquietaram no dia em que Otelo a presenteou com o lenço e naquele instante a assustavam. Não necessariamente as palavras, mas a maneira como Otelo as repetira alguns minutos antes, quando, a pretexto de livrar-se de uma tosse persistente, pediu-lhe o lenço, e ela respondeu que não o tinha. A maneira como os olhos de Otelo cravaram-se nela, desconfiados, a hostilidade repentina, feita imanente nos últimos dias, a esconder uma acusação silenciosa e incompreensível... Tudo isso era muito estranho. E doloroso.

O que estaria acontecendo?

De onde teriam saído a rispidez dos comentários de Otelo e aquela sibilante impaciência que o levava à brutalidade de respostas curtas e contundentes?

O que ela fizera de errado? Por que o tinha cada vez mais aborrecido e virulento em insinuações ou em um distanciamento tão repentino quanto misterioso?

Por que motivo o percebia cada vez mais contrariado, o coração inquieto no limiar de uma suspeita que custava a crer que fosse causada por alguma coisa?

Não fazia o menor sentido, e naquela manhã não foi diferente. Bastou mencionar o nome de Cássio e revelar que o mandara chamar para conversarem sobre a reintegração dele ao antigo posto que Otelo apertou os lábios com impaciência e resmungou:

– Ainda insiste nisso?

Foi nesse instante que ele falou da bendita tosse que tanto o importunava e solicitou que lhe cedesse o fatídico lenço com que a presenteara ainda nos primeiros dias de namoro.

– Antes não tivesse me dado algo tão valioso... – disse ela, infeliz.

Seus olhos se apertaram, hostis, e Otelo inquietou-se:

– Por quê? Ele o desagrada? Acaso o deu a alguém?

– Porque, se não tivesse me ofertado o lenço, ao menos não me falaria assim, de maneira tão brusca e violenta!

– O que houve? Você perdeu o lenço?

– Não.

– Pois traga-o.

– Repito que não está perdido.

– Pois então devo insistir para o traga!

– Por que age desse modo, senhor? Acredito que seja apenas um pretexto para esquivar-se à sua promessa feita.

– O lenço...

– Mandei chamar Cássio.

– O lenço!

– Você o terá quando eu o encontrar, senhor. E o devolverei sem problema algum, se isso o deixar mais tranquilo e educado.

Otelo grunhiu dois ou três monossílabos incompreensíveis, a contrariedade manifesta em seus olhos estreitos, quase desaparecendo nas feições congestionadas, e saiu apressado, por pouco não se chocando com Emília, que entrava e esquivou-se, assustada.

– Que houve, minha senhora? – perguntou ela.

Pálida e atônita, Desdêmona balançou a cabeça, em uma negativa, boquiaberta, como se buscasse um pouco de ar.

– Nunca o vi assim... – balbuciou depois de certo tempo e a muito custo. – Como eu poderia saber que aquele lenço era tão importante para ele?

– Lenço? Que lenço? – indagou Emília, dissimulando surpresa.

– Um que meu marido me deu quando ainda namorávamos...

– Não acredito. Tudo isso por um simples lenço?

– Nem eu acredito. Se soubesse que era tão importante...

– Que houve? A senhora perdeu o tal lenço?

– Infelizmente... – Desdêmona calou-se de repente e, virando-se para Emília, indagou: – O que você deseja?

– Meu marido está aí com Cássio... – Emília nem concluiu a frase, pois no mesmo instante Iago entrou na sala na companhia do oficial.

Nem o sorriso com que acolheu os recém-chegados conseguiu disfarçar o constrangimento no rosto de Desdêmona.

– O que o traz aqui, bom Cássio? – perguntou, aproximando-se.

– O de sempre, minha senhora – respondeu ele.

– Seu pedido...

– Eu lhe peço, se tudo o que fiz para meu chefe até hoje não for suficiente para que dele eu mereça o perdão, que ao menos disso eu tenha certeza, para que não mais a incomode com meu pedido. Eu detestaria ser motivo de desarmonia em seu lar.

– Por que diz isso?

Havia certo constrangimento no breve sorriso de Cássio quando ele

respondeu:

– Iago e eu cruzamos com o general, e ele me parecia bem contrariado.

– Meu bom amigo, devo admitir que minha intercessão a seu favor já experimentou melhores momentos.

Iago mostrou-se preocupado quando, colocando-se entre os dois, perguntou:

– O general está irritado, senhora?

A resposta veio de Emília, que aparentava igual preocupação ao informar:

– Ele saiu daqui ainda há pouco, e era evidente a sua irritação.

– Ele, irritado? Custo a crer. Nem em meio às mais violentas batalhas eu o vi perder a calma e o sangue-frio. Algo muito grave deve estar acontecendo – comentou Iago, e saiu em largas passadas.

– Deus queira que o motivo de tamanho destempero seja algum assunto de Estado e que seu estranho comportamento seja causado apenas por isso. Aliás, deve decerto ser, pois as mudanças em nossa vida se operaram de maneira muito brusca. Nessas ocasiões, tudo é pretexto para extravasar.

– Tenhamos fé de que não passe realmente disso e não sejam sentimentos provocados por ciúme da parte do general.

– Absurdo! Nunca lhe dei motivo para isso.

– Mas aos ciumentos não é necessário nenhum motivo para o ciúme. Eles o têm e pronto.

– Que Deus proteja o espírito de Otelo de tal desgraça!

– Que assim seja, senhora.

– Vou procurá-lo. Enquanto não retorno, fique passeando por aí, Cássio. Caso eu o encontre e ele se mostre disposto a ouvi-lo, insistirei que o receba e acolha seu pleito.

– Serei mais uma vez grato, minha senhora.

Cássio acompanhou Desdêmona com o olhar enquanto a via sair na companhia de Emília, esforçando-se para que ela não percebesse sua frustração. Considerando inútil esperar por mais tempo, abandonou o castelo e já retornava para a cidade quando uma jovem miúda de longo cabelo castanho-acinzentado e pele muito branca o chamou.

– Que faz aqui, Bianca?

Ela sorriu e respondeu:

– O acaso me trouxe até você. Estava apenas de passagem quando o vi.

– Realmente? Pois eu estava pensando em visitá-la.

– Que feliz coincidência, não é mesmo?

– De fato...

– Eu já estava pensando que você havia me esquecido. Quanto tempo faz que não nos vemos? Sete dias? Cento e sessenta horas com mais oito de quebra? Não considera que seja muito tempo para um simpático cavalheiro ficar longe de sua amante?

– Mil perdões, minha doce Bianca. As coisas andaram bem confusas para o meu lado nos últimos tempos, mas eu lhe asseguro que...

– Ah, por favor, Cássio, poupe-me de promessas vazias!

– Como você é injusta, querida.

– Injusta, eu? Longe disso. Eu apenas o conheço bem para não me deixar iludir pela sedução de suas palavras.

– Quanta ingratidão! – Cássio sorriu, zombeteiro, e no momento seguinte ofereceu-lhe o lenço que carregava enfiado na cintura. – Será que ainda pode me fazer um favor? Pelos velhos tempos...

– De onde você tirou isto? – indagou Bianca. – Seria um presente de uma de suas tantas amigas? É a razão de sua ausência?

– Como pode pensar tão mal de mim?

– Eu o conheço bem, seu maroto...

– Pois juro que não se trata de lembrança de alguma amiga.

– Se assim o é, a quem pertence?

– Francamente, não faço ideia. Eu o achei em meu quarto e gostei tanto do bordado que, antes que venham reclamá-lo, pensei em fazer uma cópia do desenho.

– Quer que eu faça tal cópia?

– Poderia me fazer esse favor?

Bianca alcançou-o com um sorriso malicioso e respondeu:

– Não deveria fazer depois de ser tão abandonada de forma tão miserável, mas, como sou pessoa de bom coração...

– Sei bem disso, minha querida.

– Onde o devo devolver?

– Aqui mesmo. Estou esperando o general e não posso perdê-lo de vista. As nossas relações andam estremecidas.

– Eu soube...

– Por isso, não seria prudente afastar-me antes de conseguir falar com ele.

– Compreendo. Seria mais fácil atendê-lo se pudesse me acompanhar.

– Gostaria de fazê-lo, acredite, mas infelizmente o general anda muito contrariado comigo e não posso me arriscar a ficar sem vê-lo e apelar para a generosidade dele.

– Pobre Cássio...

– Então compreende bem a gravidade de minha situação?

– Com certeza.

– Não posso me afastar daqui nem por um segundo, sob pena de perder mais uma oportunidade de...

– Está bem, está bem. Não diga mais nada. Já me conformei com o fato de não o ver mais uma noite.

– Como você é generosa, bela Bianca.

Bianca bufou, desanimada.

– E tenho alternativa? Devo me conformar com as migalhas de seu amor.

Transtornado

Enredado no próprio ciúme, Otelo deambulou pela vastidão do castelo, e Iago o encontrou sem dificuldade. No entanto, não se aproximou de imediato. Ao contrário, certo de que o via absolutamente transtornado, dominado por ciúme doentio e vencido pela grandiosidade de sua paixão, deliciou-se com a fragilidade do temido guerreiro. Riu-se da maneira tola, ingênua e infantil como o general se deixara enredar por suas insinuações e maledicências. Nau sem rumo, perdida em apavorante tempestade dos sentimentos mais distintos e confusos, assaltada por quantidade absurda de dúvidas, Otelo naufragava no mar traiçoeiro de cada palavra pronunciada por Iago.

Riu-se ao vê-lo zonzo e desorientado, apoiando-se em paredes e pilastras, esforçando-se para não sucumbir ao desespero e até mesmo ao beco sem saída de rancores injustificados e desconfianças exageradas, mas, acima de tudo, construídas na malvada artificialidade das palavras que Iago ia de maneira insidiosa introduzindo em seus pensamentos cada vez mais sombrios,

subtraindo-lhe a confiança e, mais adiante, a própria sanidade.

Otelo, em definitivo, não estava bem, ausentava-se com frequência de preocupações inerentes ao cargo recém-ocupado em Chipre em prol da cada vez maior decepção com relação ao amor que, acreditava, Desdêmona lhe devotava. Transformava-se em um homem arruinado e cada vez mais enfraquecido, preocupado com o olhar e o julgamento das pessoas à sua volta, humilhado pela perspectiva de que todos soubessem da traição da esposa e, às suas costas, debochassem de sua condição. Essa inquietação o acompanhava, por sua condição de negro, desde que se integrara às tropas venezianas.

Sólida e profunda trincheira escavara Otelo em relação aos companheiros de batalha. Nutria a crença de melhor ser temido do que amado como forma de vencer o preconceito e a hostilidade latente de muitos em Veneza. Nada o preocupava mais do que o desprezo daqueles à sua volta, e tal preocupação o tornou presa fácil das insinuações de Iago. Houvesse verdade no que ele dizia, insinuando adultério de Desdêmona, insinuando que ela e Cássio o ludibriavam em sua confiança e boa-fé, e toda a respeitabilidade que adquirira de seus comandados cairia por terra. Nada seria pior para um guerreiro temível e comandante respeitado.

Inseguro, Otelo acrescentava novas e descabidas narrativas às insinuações de Iago, sucumbindo aos pesadelos motivados por seus próprios temores.

– Beijar às escondidas? Ficar uma hora ou duas nua no leito? – indagou Iago quando enfim se aproximou e o ouviu balbuciar tais acusações. Riu-se pelo fato de nada ter dito acerca de tal comportamento, certo de que o próprio Otelo, fragilizado, inventara tais acusações.

– O lenço... O que diz sobre o lenço? – insistiu Otelo.

– Ora, meu senhor, sendo o lenço dela, penso que poderia perfeitamente dá-lo a quem bem entendesse.

– A honra de Desdêmona também lhe pertence. Seria caso de ela também dispor da honra como bem entendesse?

– Nada sei sobre tais acusações acerca da honra, mas quanto ao lenço...

– O lenço dado pode levar a ultrajes ainda maiores, Iago.

– Como assim, senhor? Não sei aonde de fato pretende chegar, mas

suspeito de que tema que, como ocorre a certos biltres, Cássio faça-se indiscreto o bastante para, valendo-se da posse do lenço, gabar-se da conquista de certa dama.

Otelo esbugalhou os olhos, assustado.

– E ele disse algo? Sob juramento?

– Decerto que sim, meu senhor, mas nada que ardilosamente não seja capaz de negar sob juramento.

– E o que ele disse?

– Que tinha se deitado com ela.

– Meus Deus do céu! – gemeu Otelo, tomado de grave comoção, as pernas bambas e o corpo trêmulo. Sem conseguir se manter em pé, caiu junto de Iago, que recuou, com um sorriso desdenhoso preso aos lábios.

– Pobre idiota crédulo! – disse baixinho o oficial, o sorriso desaparecendo-lhe dos lábios ao ver Cássio aproximar-se, a preocupação estampada no rosto.

– Que houve?

– Ao que parece, o general teve um ataque de epilepsia – respondeu Iago, e os dois agacharam-se em torno do corpo de Otelo. – Não sei que mal o aflige, mas estou preocupado, pois é o segundo desde ontem...

– Precisamos chamar o médico! – exclamou Cássio, nervoso.

– Eu já o fiz... – Iago calou-se e, ao ver Otelo se mexer, informou: – Ele está despertando. Vá, veja por que o médico está demorando tanto.

Cássio anuiu com um aceno de cabeça e afastou-se enquanto Otelo abria os olhos.

– Que houve? – quis saber.

Iago amparou-o e o ajudou a pôr-se de pé.

– Como está, general? Machucou a cabeça?

– Do que está falando, Iago? Acaso zomba de mim?

– De modo algum. O senhor teve um mal súbito e desmaiou.

Otelo indignou-se:

– Que disparate está dizendo, homem?

– Falávamos sobre o que Cássio andou dizendo.

– Ele próprio contou?

– Eu não gostaria de voltar a esse assunto, general.

– Preciso saber o que há, pois apenas assim decidirei o que vai ser de minha esposa.

– Se assim deseja...

– Sim, é o que quero.

– Pois bem, durante seu desmaio, Cássio apareceu e tentou me ajudar. Eu o mandei embora, mas pedi que voltasse para que conversássemos, no que ele concordou. Portanto, se insiste em ouvir da própria boca do criminoso a ultrajante verdade sobre o crime que cometeu, como, onde, de que modo, quantas vezes e quando ele se deitou ou há de se deitar com sua esposa, fique atento, observe e ouça com atenção.

– Prometo estar atento ao que vocês dois disserem, ao menos até que tenha as confirmações de que necessito. Caso consiga saber tudo, lamentavelmente serei sanguinário.

– Compreendo, mas rogo que tenha calma.

– Como eu lhe disse...

– Tudo a seu tempo, general, eu lhe rogo. Tudo a seu tempo.

Otelo aquiesceu, entrincheirado por trás do alheamento do próprio olhar, perdido no vazio de uma quase inconsciência. Estirou-se a um canto, as costas apoiadas em uma das paredes do corredor. Esforçou-se para que Cássio não se apercebesse da dissimulação quando o viu retornar e observá-lo com curiosidade e evidente preocupação.

– Então, tenente, como se sente agora? – perguntou Iago, buscando afastá-lo de Otelo.

Cássio fez um muxoxo de contrariedade e respondeu:

– Não me agrada ser tratado por esse título, que me foi tirado e que tanto me faz falta.

Iago sorriu, investindo suas palavras de um viés tranquilizador.

– Não se preocupe, pois Desdêmona atua em sua defesa e nela você tem forte aliada, que não descansará enquanto não restituir seu posto. – Depois, lançando um olhar oblíquo e malicioso para Otelo, afastou-se alguns passos ao mesmo tempo em que baixava a voz e dizia: – Se seu pedido dependesse de Bianca, não tenho dúvida de que tudo se resolveria num piscar de olhos.

Cássio concordou com um aceno de cabeça, um débil sorriso emergindo de seus lábios.

– Ah, coitadinha dela...

Uma centelha de raiva a muito custo contida fez os olhos de Otelo se iluminarem brevemente, fixos em Cássio.

– Nunca vi mulher que tivesse tanto amor por um homem...

Incapaz de perceber a artimanha em que se enredava, Cássio anuiu:

– Verdade. Ela decerto me dedica grande afeição.

– Não se subestime, tenente. Ela anda por aí, dizendo para quem quiser ouvir, que você irá desposá-la.

– E você acredita nisso?

– Não é verdade?

– Como poderia eu casar-me com uma mulher pública que com tantos outros se deitou? Faça-me o favor! Como poderia acreditar em tal despropósito?

– Corre por aí o boato de que pretende desposá-la...

– Por favor, deixe de brincadeira.

– Que Deus me castigue e todos os demônios do inferno me carreguem se eu estiver faltando com a verdade.

– Isso é coisa dela. Anda alimentando esse disparate por aí. Está apenas se iludindo, pois isso nunca me passou pela cabeça, acredite.

Sem que Cássio percebesse, Iago alteou a voz e estalou os dedos da mão esquerda, chamando a atenção de Otelo. Virando-se para Cássio, insistiu:

– Como assim?

– A bem da verdade, ela me persegue o tempo todo. Basta eu me descuidar e ela aparece, em meus calcanhares, pendurando-se em meu pescoço. Agora mesmo eu a vi lá fora e me vali de seus préstimos...

Otelo cerrou os punhos com irritação. Não fosse a promessa feita a Iago e no mesmo instante se lançaria ao pescoço de Cássio ou o retalharia com sua espada, completamente iludido pelas mentiras ardilosas que o alcançavam.

– Isso é possível? – disse Iago, fingindo incredulidade.

– Preciso me afastar dela.

– Cale-se, homem!

– Por quê?

Iago apontou para o corredor às costas de Cássio e, em um débil sussurro, respondeu:

– Ela está vindo aí.

Cássio virou-se em um salto e deparou-se com Bianca, o semblante

congestionado pela vermelhidão de forte contrariedade.

– O que você quer agora, mulher? Por que me persegue dessa maneira?

– Eu é que pergunto: por que me faz de tola? – resmungou Bianca com rispidez.

– De que está falando?

– Sonso! O que pretende fazer com o lenço que me deu ainda há pouco? Por que devo me prestar a fazer uma cópia dele? Acha mesmo que eu acreditei que o lenço apareceu em seu quarto? Tenho quase certeza de que foi presente de uma dessas sirigaitas que você leva com tanto entusiasmo para a sua cama!

– Que loucura!

Bianca vociferou vários palavrões e, num rompante de raiva, atirou o lenço no rosto de Cássio, gritando:

– Tome! Pegue-o e devolva à sua queridinha!

Novos palavrões e desaforos despejaram-se em Cássio antes de Bianca afastar-se, praticamente golpeando o longo corredor com fortes passadas.

– Melhor ir atrás dela, tenente, ou o general vai saber de mais esse escândalo, e sua situação vai piorar – sugeriu Iago.

– Tem razão! – concordou Cássio, saindo no encalço de Bianca.

Mal o viu distanciar-se, Otelo levantou-se e aproximou-se de Iago.

– Que ódio! Como fazer para matá-lo?

– O senhor ouviu?

– Tudo!

– E o lenço?

– Era o meu?

– Sem dúvida. Viu como ele zombava de sua esposa? Ela o dá de presente, e ele o oferece para outra mulher.

– Que ela apodreça, que morra!

– Acalme-se, senhor. Ainda a ama e...

– Você está enganado, Iago! Meu coração já se tornou de pedra, e ela não continuará viva por muito mais tempo.

– Mas o senhor a amou tanto!

– É verdade. Não havia criatura mais doce em todo o mundo. Ela era digna de compartilhar do leito de um imperador, mas agora... agora...Vou deixá-la reduzida a nada! Deus, como ela foi capaz de

enganar-me?

– Abominável, senhor, decerto abominável.

– E com meu oficial!

– Ainda mais abominável.

– Arranje-me um bom veneno, Iago. Ela não pode passar desta noite, ou o corpo e os encantos dela me farão desistir de meu intento.

– Por que envenená-la, meu senhor? Estrangule a leviana na cama que ela poluiu com tão vil traição!

De pronto, os dois se calaram, a atenção atraída pelo ressoar de trombetas.

– Que trombeta é essa? – espantou-se Otelo.

– Notícias de Veneza, com certeza. – Ao som cada vez mais próximo seguiu-se a aparição de Desdêmona, caminhando ao lado de um homem de baixa estatura e longa barba grisalha, ambos escoltados por alguns soldados. Iago o reconheceu: – É Ludovico, certamente enviado pelo doge, e sua esposa o acompanha.

– Ele é da família de Brabâncio...

Ludovico aproximou-se e saudou Otelo com entusiasmo:

– Deus o guarde, mui digno general. O doge e os senadores de Veneza lhe enviam saudações.

Otelo apanhou a carta que ele lhe entregou e pôs-se a lê-la.

– Onde está o tenente Cássio? – indagou o recém-chegado, virando-se para Desdêmona e Iago.

– Está vivo e bem, meu senhor – respondeu Iago, lacônico, trocando um olhar constrangido com Otelo, que, contrariado, por um instante desviou-se da leitura da carta.

– Mas por que não está entre nós? Eu o conheço há anos...

– Houve certa desavença entre ele e meu marido, primo – informou Desdêmona. – Espero que você possa ajudar-me a conciliá-los.

Otelo alcançou-a com uma centelha de evidente irritação e resmungou:

– Você parece ter plena certeza disso, não?

Percebendo a evidente irritação no rosto de Otelo e o silêncio constrangido na palidez de Desdêmona, Ludovico contemporizou:

– Bobagem! A carta é bem mais importante.

– Uma lástima – tornou Desdêmona. – Daria tudo para reconciliar a ambos, pelo afeto que sempre dediquei a Cássio.

– Não poderia ser mais discreta, mulher? – censurou-a Otelo.

Desdêmona espantou-se:

– Por que está tão zangado, meu senhor?

Mais uma vez Ludovico interveio:

– Com certeza é efeito da carta que acabo de entregar, pois parece-me que se trata de ordem para que retorne de imediato a Veneza e deixe Cássio em seu lugar.

Desdêmona sorriu.

– Isso muito me alegra. O pobre homem tem passado por maus bocados.

Otelo fulminou-a com novo olhar de contrariedade.

– Eu também fico muito feliz ao vê-la tão despudoradamente feliz...

– Que está insinuando, meu marido? Não entendo...

Fora de si, Otelo a esbofeteou, o que levou Desdêmona a recuar, pasma e assustada, balbuciando:

– Será que mereci receber isso?

Ludovico colocou-se entre os dois, os olhos indo de um para o outro repetidas vezes, sem entender muito bem o que se passava.

– Houve excesso de sua parte, senhor – comentou. – Ninguém acreditaria nisso, mesmo que fosse eu a contar. Desculpas lhe peço, minha prima, e, por favor, não chore mais.

Otelo ofegava, a custo controlando a própria raiva. Depois de uns poucos segundos, virou-se para Desdêmona e rugiu:

– Fora da minha vista, demônia!

– Se assim deseja, será o que farei.

– Tudo me parece muito estranho – admitiu Ludovico, olhando de Otelo para Desdêmona, que se distanciou tão rápido quanto pôde e, por fim, desapareceu no alto de uma escada. – Minha prima é uma mulher tão cordata...

– Cordata, senhor? – repetiu Otelo, impaciente e vivamente hostil, incomodado pela intervenção de Ludovico.

– Sempre o foi.

– Pois então diga agora mesmo o que você quer dela.

– Como assim?

Otelo guardou a carta que ainda tinha em uma das mãos e, como a encerrar o assunto, resmungou:

– Pode sair. Estou ciente das ordens que recebi. Fui convocado a

retornar para Veneza e assim o farei o mais depressa possível.

– Se assim deseja...

– Iago vai levá-lo a seus aposentos, e daqui a pouco vou chamá-lo para cearmos juntos. Seja bem-vindo a Chipre.

Nada ou pouquíssimo compreendeu Ludovico. A perplexidade o fez limitar-se a acompanhar Otelo com os olhos enquanto ele se afastava até desaparecer em um corredor à direita.

– Mal posso crer que esse é o nobre mouro que nossos senadores não se cansam de elogiar e proclamar perfeito – disse.

– Ele está muito mudado, senhor... – Iago balançou a cabeça, desconsolado.

– Parece-me que se lhe escapou inteiramente a razão. Terá perdido o juízo?

– Não creio. Ele é o que sempre foi...

– Imagine... Bater na própria esposa! É sempre assim?

– Antes essa bofetada fosse o pior...

– De que está falando, homem? Teria sido a carta que...

– Antes fosse.

– Como é?

– Ah, meu senhor, não sei se devo...

– Diabos o carreguem, Iago! O que está escondendo de mim?

– Será quebra de lealdade revelar o que sei ou tenho visto?

– Não sei.

– Com sinceridade, prefiro que o observe e tire suas próprias conclusões. A conduta de Otelo vai revelá-lo tal como é, poupando-me, assim, de dizer algo em que muito provavelmente não acreditará. Por favor, siga o general e veja com seus olhos como ele de fato procede.

– Terei eu e todos em Veneza nos enganado a respeito dele?

Dor e decepção

Ainda lhe ardia a mão com que esbofeteara a esposa, e a lembrança o deixava mortificado, à mercê de dúvidas que apenas cresciam à medida que lembranças mais antigas e de momentos felizes empalideciam diante da suspeita e da desconfiança geradas pelo ciúme que tomara conta de seu coração.

E se estivesse enganado e não passasse de vítima da própria paixão?

Como explicar ou compreender as noites insones?

Que fazer?

Seria tão frágil o coração de um homem apaixonado?

Doía-lhe a mão violenta e intolerante que agredia e acusava sem maiores explicações. E à mulher amada nem sequer permitia entender tantas acusações e a repentina mudança de comportamento.

Acusador infame!

Criatura intolerante que a todo instante se ocupava em acusar sem permitir que aquela por quem se dizia apaixonado tivesse alguma oportunidade de conhecer todas as acusações que lhe fazia. Otelo

patinava na confusão enervante de seus próprios sentimentos, atormentado pelo emaranhado de dúvidas e hesitações em que se enredava a todo momento. Rodava em círculos, ora se envergonhando por desconfiar da mulher que até poucas semanas acreditava amar incondicionalmente, ora se entregando ao mais virulento ciúme, que tudo via e explicava pela perspectiva da traição.

– Nada viu, então? – perguntou Otelo mais uma vez, ao entrar no quarto na companhia de Emília.

– Nada ouvi, nem suspeitas tenho – respondeu ela, com ar preocupado, temerosa do olhar obstinado, inquiridor, do general.

– Mas você já a viu conversar com Cássio?

– Sim, e nada vi de mal. Posso assegurar que ouvi cada palavra que pronunciaram.

– Nem mesmo quando cochichavam?

– Asseguro, senhor, que nunca cochicharam na minha presença.

– Está certa disso? Nunca a mandaram sair para que ficassem a sós?

– Isso nunca aconteceu. Mais uma vez, eu lhe asseguro que sua esposa é honesta e absolutamente sincera. Tire da cabeça pensamentos tão condenáveis e que tanto o incomodam. Se algum biltre o levou a crer em tais despropósitos, afaste-o de imediato de sua companhia e torne-se surdo a tais palavras condenáveis e caluniosas.

– Emília...

– Por favor, senhor, eu lhe peço, não destrua a possibilidade de ser um homem feliz.

Otelo anuiu em silêncio, balançando a cabeça e em seguida pedindo:

– Vá chamá-la, por favor.

Emília saiu apressada e poucos segundos depois retornava na companhia de Desdêmona.

– Que deseja, senhor? – perguntou Desdêmona, com os olhos inchados, vermelhos de tanto chorar.

– Venha até aqui, minha pombinha.

– Que quer que eu faça?

– Permita que eu olhe em seus olhos.

– Que despropósito é esse?

Otelo virou-se para Emília e pediu:

– Pode deixar-me com minha esposa, Emília?

– Certamente, senhor. – Emília olhou para Desdêmona, a preocupação estampada no rosto pálido. Por fim, fez uma leve reverência e saiu.

– Não sei o que se passa em seu coração, meu senhor, e posso lhe assegurar que, desde que me agrediu, tentei em vão encontrar explicação convincente para sua cólera.

– Desdêmona...

– Acredito que mais cedo ou mais tarde serei capaz de encontrar algo que convença a mim mesma.

– Ora, mas que grande atrevimento! – resmungou Otelo, contrariado. – Quem é você?

– Sou sua esposa, senhor, e até agora não encontro explicação para palavras tão duras.

– Insiste que é honesta...

– O céu sabe de tudo.

– O céu bem sabe que você é falsa como o inferno.

– Falsa, meu senhor? Para quem? De que maneira eu tenho sido falsa?

Otelo irritou-se, os olhos marejados de lágrimas.

– Insiste em meras falsidades? – Recuou ao vê-la avançar em sua direção. – Para trás, eu apelo, para trás!

– Santo Deus, por que está chorando, meu senhor? Serei eu a causa dessas lágrimas? Acaso suspeitas que meu pai está por trás da ordem para seu retorno imediato a Veneza? Por tudo o que é mais sagrado nesta vida, não me impute tal culpa!

– Que bobagem está dizendo?

– Estou certa de que meu nobre esposo me considera honesta.

– Oh, sim! Sem dúvida!

– Não acredita? Será isso que de fato percebo em suas palavras tão cruéis? Que pecado cheguei a cometer, sem que o soubesse?

– Terei que dizer? Precisarei de papel fino e delicado, em belo livro transformado, para nele escrever o nome de sua infâmia: “prostituta”? Que pecado você cometeu? Terei que escrever realmente, mulher pública? Quer saber o que fez, rameira descarada?

Desdêmona espantou-se, os olhos esbugalhados fixos na figura temerária e ameaçadora em que se transformara o marido.

– Acusa-me injustamente, senhor!

– Está me dizendo que não é rameira?
– Decerto que não!
– Não é rameira?
– Tão certo quanto sou cristã, não. Não sou nem serei!
– Nesse caso, peço perdão, pois a tinha tomado pela rameira astuta de Veneza que desposara Otelo. – Vendo Emília irromper na porta do quarto, ele encarou a esposa e, ainda irritado, rugiu: – Ah, que bom que retornou. Terminamos por aqui.
Saiu.
Emília, nervosa e trêmula, acompanhou-o com o olhar antes de achegar-se a Desdêmona e perguntar:
– Que loucura, que loucura, minha senhora! Está se sentindo bem?
– Nem sei o que dizer, Emília.
– Boa senhora, não consigo entender. O que aconteceu com meu amo?
– Amo? Quem é seu amo?
– O seu, boa dama.
Desdêmona balançou a cabeça, desconsolada.
– Amo não tenho, Emília. Por favor, na noite de hoje ponha o meu vestido de noiva na cama e chame seu marido.
– Deus seja louvado, senhora. Que aconteceu com seu marido?
– Estou tão confusa quanto você, mas, por favor, vá buscar seu esposo.
Emília saiu e logo depois voltou na companhia de Iago.
– Que aconteceu, minha senhora? – perguntou ele.
– Nem queira saber, meu marido – disse Emília. – Foi horrível! O general está fora de si e a chamou de prostituta.
– Como assim?
– É o que lhe digo. Você deveria estar aqui para ouvir os baixos termos que ele lhe lançou. Eram tão pesados e insultuosos que um coração sincero como o dela mal pôde crer.
Iago virou-se para Desdêmona.
– Tenho percebido a mudança de ânimo do general nos últimos dias...
As lágrimas escorriam pelo rosto afogueado de Desdêmona.
– Sou esse nome, Iago? – perguntou.
– Que nome, senhora?

Emília, extremamente nervosa, antecipou-se à resposta de Desdêmona:

– Ele a chamou de prostituta. Nem o vagabundo mais embriagado teria a coragem de empregar essa palavra contra sua amásia.

– E por que ele o fez?

– Não faço ideia, mas, de todo modo, não sou isso.

– Ele só pode estar louco! – opinou Emília, irritada. – Pobre senhora! Depois de renunciar a tantos pretendentes, de ter virado as costas ao pai e à família, aos amigos e à própria pátria, acabar humilhada e chamada de prostituta! Não é de fazer chorar?

– É o meu destino... – gemeu Desdêmona.

– De maneira alguma, senhora! – protestou Iago. – Sabe como começou essa loucura?

– Não faço ideia.

Emília fez um muxoxo de inconformismo e opinou:

– Quero ser enforcada se tudo isso não for obra de algum vilão diabólico, um pulha insinuante e matreiro que adula e rasteja para alcançar um posto e acredita que o alcançaria inventando semelhante calúnia!

– Que tolice, mulher! Não existe um homem desse jeito.

– Engano seu, meu marido! Nem a loucura explicaria tão repentina mudança de comportamento por parte de nosso general. Como explicar que ele de repente passasse a chamar a mulher que tanto amava de prostituta e a ela até mesmo agredisse? Com quem ela seria capaz de traí-lo, pois por ele moveu céus e terra e aos maiores sacrifícios se lançou sem temor algum? Acredite, o Mouro foi ludibriado em sua boa-fé.

– Não fale tão alto, mulher, pois, se tal pulha realmente existir, pode nos ouvir e nos causar sérias dificuldades.

– Que ouçam todos! Um canalha dessa estirpe, capaz de tamanha maldade e de métodos tão vis, move-se pela traição e não seria capaz de enfrentar nem mesmo uma mulher olhando nos olhos dela!

– Cale-se, eu insisto! – grunhiu Iago. Virando-se para Desdêmona, perguntou: – Posso saber por que me chamou, senhora?

– Ó bondoso Iago, como devo fazer para reaver meu marido? – gemeu ela, aflita. – Por favor, vá falar com ele, pois, por essa luz que me alumia, não sei como o perdi.

– Será que ele me ouviria?

– Só me resta ter esperança de que isso aconteça. Ele o tem na conta de honesto e de plena confiança. Certamente lhe permitirá o que me nega com tanta veemência.

Iago sorriu.

– Sossegue, minha senhora. Acredito que se trate apenas de um capricho passageiro. A bem da verdade, os negócios do Estado o irritam muito, e por isso ele anda vendo coisas onde nada existe, muito menos algo que desabone seu comportamento.

– Gostaria de acreditar que se trata apenas disso. Ouvir o termo “prostituta” me horrorizou. Eu nem sequer teria coragem de pronunciar tal termo e muito menos de realizar o menor ato que me fizesse merecer esse nome.

– Pois posso lhe afiançar que não é nada disso. – Iago calou-se ao ouvir o som de trombetas estrondear através do castelo. – Anunciam a ceia, minha senhora. Os emissários de Veneza decerto a esperam. Apresse-se e deixe o resto por minha conta. Tudo ainda vai acabar bem, asseguro.

A insatisfação de Rodrigo

Rodrigo estava irritadíssimo. Mal Emília e Desdêmona se afastaram, ele puxou Iago para um corredor estreito e mal-iluminado. Depois de xingá-lo, rosnou:

– Está sendo desleal comigo, Iago!

– Do que está falando, seu idiota?

– Desde aquela confusão que criei com Cássio, você vem me enganando com toda sorte de pretextos. Acabou, ouviu? Não vou mais suportar que me faça de tolo por mais tempo.

– Cale-se e me ouça só por mais um minuto!

– Por quê? Para que me engane?

– E eu não o ouvi demais, seu salafrário?

– Não seja injusto!

– Eu? Injusto? Você mente o tempo todo para mim e ainda tem a coragem de me acusar dessa maneira? Dissipei toda a minha fortuna por causa das promessas que você me fez e jamais cumpriu. Dei-lhe todas as minhas joias para que conquistasse os favores de Desdêmona, e você me assegurou que ela as recebeu e que era apenas questão de

tempo até que...

– E cumpri a minha parte, garanto... – Iago sacudia a cabeça com vigor, procurando libertar-se das mãos de Rodrigo, que se estreitavam em torno de seu pescoço. Abria a boca com exagero, em busca de ar.

– Qual o quê, mentiroso dos infernos! Estou sendo ludibriado em minha boa-fé!

– Não é bem assim... Você precisa ter paciência...

– Ela esgotou-se! Vou procurar Desdêmona e, se ela devolver minhas joias, na mesma hora desisto de minhas pretensões e volto para Veneza. Caso contrário, garanto que vou atrás de você até no inferno, para tirar satisfações...

– Terminou?

Rodrigo aliviou a pressão em torno do pescoço de Iago e depois de certo tempo o empurrou contra a parede, as feições crispadas, raiva e desprezo misturando-se nos olhos estreitos, faiscantes.

– Sim, mas acautele-se, pois estou disposto a cumprir a promessa que lhe faço – ameaçou.

– Você é um homem de honra, Rodrigo, e portanto assumo que levantou uma justa objeção a meu comportamento até agora. No entanto, eu lhe asseguro que procedo com a maior lisura possível – disse Iago, massageando o pescoço dolorido e avermelhado.

– Não parece.

– Sabe, em seu lugar eu provavelmente estaria alimentando essas mesmas suspeitas. Envergonho-me e admito que pouco entreguei do tanto que lhe disse que daria. Diante de sua coragem, iniciativa e valentia, quedo-me encabulado e, em contrapartida, vejo-me na contingência de redobrar meus esforços e decerto o farei. É dívida assumida e da qual não arredarei pé até que a cumpra por completo.

– Palavras! Palavras! Estou farto da inutilidade de suas palavras, seu embusteiro!

– Isso, isso! Cobre-me! Está em seu direito.

– Sei bem disso!

– Mas pelo menos me dê mais um pouco de tempo.

Rodrigo fulminou-o com um olhar eivado de desconfiança.

– Quanto tempo?

– Não muito. Melhor, uma noite. Isso, dê-me apenas mais uma noite, e garanto que Desdêmona pertencerá a você.

– Uma noite?

– Apenas uma noite. Se não a tiver até a próxima noite, tira-me deste mundo o mais cruel e traiçoeiramente possível. Valha-se dos piores suplícios que...

– Toda essa peroração sem sentido está me cansando, Iago.

– No entanto...

Rodrigo rilhou os dentes com raiva:

– É sempre assim – resmungou, cerrando os punhos e achegando-se a ele. – É sempre assim com você, sempre há um porém... O que você quer?

– Um favor, um último favor que será beneffco para nós dois.

– Vá, diga de uma vez!

– Das inegáveis qualidades que hoje descobri que você tem...

– Deixe de rodeios, seu biltre!

– Sua iniciativa, coragem e valentia.

– Deixe de sofismas e vá logo ao assunto!

– Veio uma ordem especial de Veneza para que Cássio ocupe o lugar de Otelo.

Rodrigo surpreendeu-se:

– Isso é verdade?

– Sim, eu mesmo vi tais ordens.

– Nesse caso, Otelo e Desdêmona terão de voltar para Veneza.

– Não, não...

– Como não? Se esse for mais um de seus joguinhos, eu...

– Ele vai para Mauritânia e levará consigo a bela Desdêmona, a menos que sua permanência em Chipre seja prolongada por algum acidente.

– E de que tipo de acidente estamos falando?

– Não consigo imaginar acidente mais decisivo do que o afastamento de Cássio.

– E o que eu deveria entender por "o afastamento de Cássio"?

– Se alguém lhe estourar os miolos, Cássio ficará incapaz de ocupar o lugar de Otelo.

– E é isso que você deseja que eu faça?

– Se estiver de fato interessado em Desdêmona...

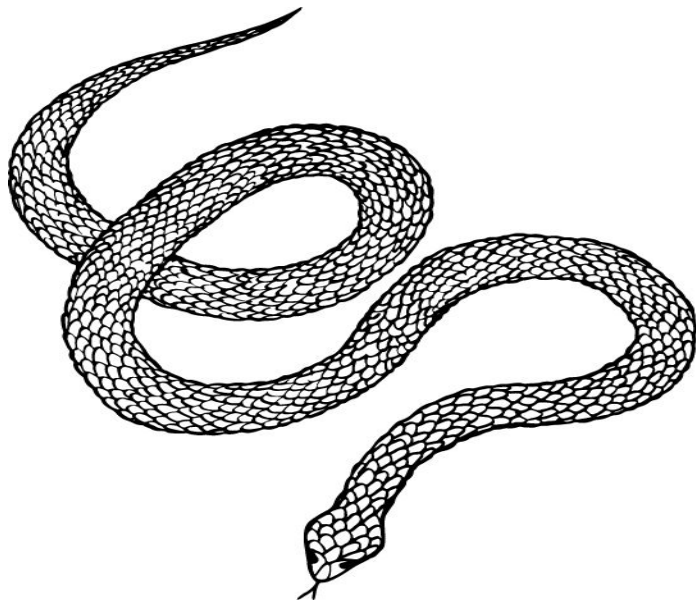
– Não entendo por que uma coisa pode beneficiar outra...

– Mas entenderá no momento em que eu lhe explicitar o que tenho

em mente. Então ficará de todo satisfeito e muito interessado de participar do meu plano.

– Não sei, não...

– Não se preocupe, pois estarei por perto para ajudá-lo caso sobrevenha algum imprevisto, o que, de todo modo, tenho certeza de que não ocorrerá. O que não podemos perder é a oportunidade de levar o nosso plano adiante.

– Seria hoje tal empreendimento?

– Não podemos perder tempo. Hoje à noite Cássio vai jantar na casa de uma cortesã, e posso arranjar para que o surpreendamos por volta da meia-noite.

Rodrigo calou-se, o cenho franzido, a hesitação silenciando-o.

– Vamos, não perca tempo! – insistiu Iago. – Venha comigo!

– Ainda não entendi em que isso me ajudará a ter Desdêmona.

– Venha comigo e demonstrarei de maneira cabal como necessitamos da morte de Cássio para realizar seus sonhos de amor e prazer.

Expectativas

A noite era escura, fria e estrelada. O vento que soprava na direção da cidade afugentara as grandes e barulhentas multidões que enchiam as ruas e vielas nas proximidades do porto, confinando todos ao silêncio que tomara conta dos prédios amontoados em caótica desordem em qualquer direção que se olhasse. Janelas iluminavam a escuridão como interminável constelação de estrelas precárias. Fatigada e ainda dominada por sentimentos os mais contraditórios possíveis, Desdêmona debruçou-se sobre o parapeito de uma das janelas do quarto e acompanhou Otelo e Ludovico com os olhos até que os dois, escoltados por vários soldados vindos de Veneza na companhia de Graciano, um de seus tios, desaparecessem na escuridão.

Inicialmente, lamentou não ter encontrado o tio que não via há vários anos e que, vindo de Rodes, aportara em Chipre a tempo de acompanhá-la e ao marido em sua viagem de volta a Veneza. No entanto, depois de certo tempo, chegou à conclusão de que nada poderia ter sido melhor e mais conveniente do que a impossibilidade

de se reencontrarem, pois com certeza Graciano perceberia sua melancolia e tristeza. E a instabilidade do humor de Otelo levaria tanto ele quanto Ludovico a lançarem-se mais uma vez às muitas críticas acerca das circunstâncias em que ela se casara e que a distanciaram da família.

Não precisava nem das antigas e muito menos de novas críticas, de um extemporâneo resgate de antigos ressentimentos, da tensa animosidade que percebia entre Otelo e sua família quando se encontravam. Não precisava de nada disso, bem quando o marido lhe fora mais uma vez respeitoso e extremamente gentil. Antevendo uma provável e desejada reconciliação, ela o cercou de mimos e gentilezas e comoveu-se com as inúmeras recomendações feitas por ele antes de descer para a cidade.

– Vá se deitar. Voltarei em um instante. Dispense a camareira – pediu ele, e o coração de Desdêmona se encheu de esperanças.

Tudo voltaria a ser como até uns meses antes. O retorno a Veneza muito provavelmente devolveria os dois a território conhecido e a relações mais tranquilas do que as comuns aos campos de batalha e às atribuições de governante, algo que enervavam Otelo e em parte poderiam ser responsáveis por sua repentina mudança de humor.

– E como vão as coisas, senhora? – perguntou Emília, entrando na sala. – Seu marido se mostra mais afável?

Desdêmona sorriu, uma expressão de aparente alívio no rosto cansado.

– Acredito que sim. Estava muito gentil durante o jantar e, ao sair como meu primo, insistiu que eu me deitasse e em seguida a dispensasse.

– Dispensar-me? – Emília espantou-se.

– Essas foram as ordens dele. Por isso, querida Emília, dê-me logo a minha camisola e adeus. Convém não o contrariar.

– Por mim, nem o teria visto hoje.

– Quanto a mim, prefiro esquecer cada teimosia, repreensão e violência de hoje e experimentar o amor que ainda sinto por ele, acreditar que voltaremos a ser felizes.

– Pedirei muito a Deus para que isso aconteça.

– Obrigada, Emília. Rezaremos juntas.

– A propósito, senhora: coloquei na cama os lençóis que me pediu.

– Como muitas vezes somos loucos, não é mesmo, Emília?

– Por que diz isso?

– Ainda há pouco pensei que, se morresse antes de você, eu gostaria que me envolvesses em um desses lençóis.

– Ora, mas que tolice! Não deveria estar ocupando seus pensamentos com ideias tão sombrias, minha senhora.

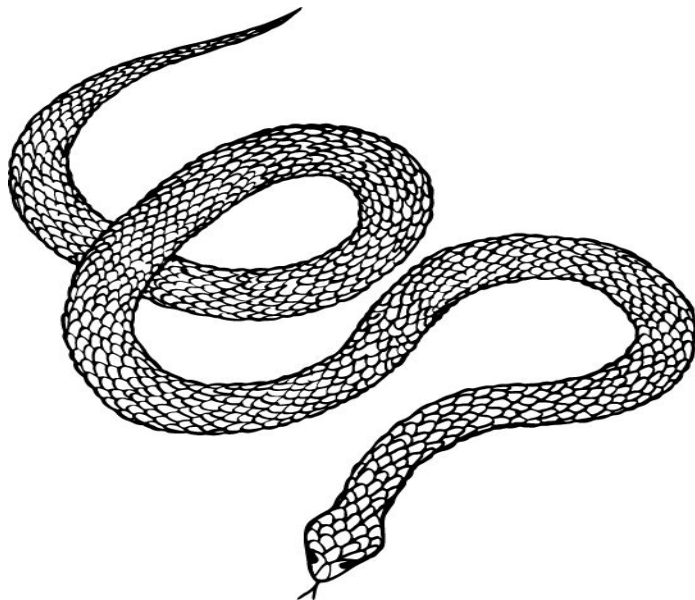
– Tolice, realmente uma grande tolice. Vou esquecer.

– Faz muito bem.

Emília calou-se, surpreendida por um caloroso e demorado abraço de Desdêmona.

– Obrigada, boa Emília – disse ela, comovida, lágrimas escorrendo-lhe dos olhos brilhantes, uma expressão feliz iluminando o rosto.

Lágrimas também estavam nos olhos de Emília quando ela a apertou contra si e disse:

– Boa noite, minha senhora. Que o céu me ajude para do mal construir a virtude.

Emboscada

Na noite escura, a alma sombria de Rodrigo deambulava em um crescente número de receios e vacilações. Foram-se a convicção e a coragem inabaláveis. O desejo irresistível de possuir Desdêmona terminara no instante seguinte ao temor comum àqueles desacostumados à banalidade da morte, de matar alguém. Cada vez mais se mostrava um homem fragilizado e a sós com suas dúvidas mais recentes, amedrontado, principalmente quando mais uma vez se encolheu e refugiou-se nas sombras. Com Iago a seu lado, instilando-lhe débil confiança, pensou em desistir de tudo.

– Vamos logo! – repetiu Iago em vários momentos, enquanto os dois se entrincheiravam atrás de uma das sólidas colunas que sustentavam a cobertura de uma longa calçada deserta que levava ao porto. – Não tenha medo. Estou por perto.

– Melhor que assim seja, Iago – respondeu Rodrigo, arquejante e tenso. – Posso errar o golpe...

– Bobagem! Não vai errar. Disso depende tudo, não se esqueça...

– Gostaria de não ter aceitado participar disso.

– Que tolice! Concentre-se e logo tudo terá acabado!

– Que seja assim como você diz...

– Coragem! Tudo acabará bem, acredite...

Iago irritou-se. Tivesse outra alternativa, antes de mais nada mataria aquele boquirroto. Naquele momento, ele se apresentava mais como um estorvo e poderia pôr tudo a perder com seus temores. No entanto, faltavam-lhe outras possibilidades, a não ser, obviamente, torcer para que tudo desse certo, o que incluía sua participação. Esperava que ele matasse Cássio ou que Cássio o matasse, ou, melhor ainda, com um pouco de sorte, que os dois se matassem. Nada seria melhor do que tal hipótese, pois, se um deles sobrevivesse, seria obrigado a matá-lo. Se fosse Rodrigo, inevitavelmente exigiria a devolução do ouro e das joias que lhe dera para presentear Desdêmona, e nada restava para ser devolvido. Por sua vez, se Cássio escapasse da morte, teria tempo de conversar com Otelo, o que permitiria ao mouro descobrir que ambos haviam sido vítimas de grande engodo. De um jeito ou de outro, teria de envolver-se de maneira direta, matando o sobrevivente.

– Ele está vindo, Rodrigo! – gritou, sobressaltado, quando passos se aproximaram, estalando na laje fria, a chama tremeluzente de um dos archotes ao longo da calçada iluminando a figura elegante de Cássio. Iago recuou de pronto e escondeu-se atrás de outra coluna, sussurrando: – Apresse-se, homem!

– Não se preocupe. Conheço bem o passo dele. – Rodrigo desembainhou a espada e investiu contra o vulto esguio de Cássio quando este se pôs a seu alcance. – Morra, biltre!

Apesar de surpreendido, Cássio recuou e escapou da lâmina reluzente ao mesmo tempo em que desembainhava a sua. E, antes que Rodrigo se refizesse e partisse para nova investida, atingiu-o com certeiro golpe no peito.

– Meu Deus! – gemeu Rodrigo, os olhos esbugalhados e fixos na grande mancha de sangue que encharcava seu casaco. – Estou ferido!

Iago o xingou. Seu plano estava prestes a fracassar e não havia outro jeito de não pôr tudo a perder. Abandonou seu refúgio atrás da coluna e lançou-se sobre Cássio, golpeando-o na coxa esquerda e desaparecendo na escuridão.

Estirado no chão, próximo de Rodrigo, Cássio brandia a espada

furiosamente, procurando atingi-lo, ao mesmo tempo em que gritava:

– Assassino! Assassino! Estão tentando me matar!

Rodrigo rolava de um lado para outro, esquivando-se dos repetidos golpes, medo e desespero misturando-se em seus olhos arregalados.

Otelo ouviu os gritos desesperados e deu alguns passos na direção de ambos. Reconheceu a voz de Cássio e parou, permanecendo a distância, escondido entre as colunas, tomado por selvagem satisfação. Iago cumprira a sua promessa e, dentro de pouco tempo, Cássio estaria morto. Desdêmona acabaria só e, muito em breve, morta, pensou, afastando-se.

– Rameira dos infernos! – disse, entre os dentes, distanciando-se ao mesmo tempo em que Ludovico e Graciano, vindos de outra direção, achegavam-se a Cássio e Rodrigo. – Seu destino está selado!

Acusações eram trocadas de parte a parte. Tanto Rodrigo quanto Cássio buscavam atingir um ao outro com as lâminas ensanguentadas, golpes desfechados a esmo por seus braços enfraquecidos.

– Assassino! – berrou Rodrigo, esperneando depois que a espada lhe escapou das mãos, tentando atingir Cássio com os pés e esforçando-se por mantê-lo afastado. – Ajudem-me! Ajudem-me!

Cássio lhe desferiu outro golpe.

– Quem vem lá? Quem vem lá? – continuou gritando, desesperado, aqui e ali percebendo o vulto de dois homens que os observavam a distância. – Chamem a ronda!

Graciano e Ludovico continuaram parados por certo tempo, desconfiados, entreolhando-se sem saber o que fazer ou mesmo se deveriam aproximar-se do estranho combate.

– São dois ou três gemidos diferentes... – observou Graciano.

Ludovico desembainhou a espada e, dando um passo à frente, desconfiou:

– Está muito escuro. Pode ser fingimento. É perigoso irmos lá sem algum reforço.

Calaram-se quando Iago surgiu às costas deles, carregando um archote nas mãos.

– Quem está aí? Quem apela por socorro? – insistiu Iago, o clarão da forte chama identificando-o para Ludovico.

– É Iago, o alferes do general – disse ele.

Cássio o reconheceu e chamou, gritando:

– Sou eu, Iago.

– É você, Cássio? – insistiu Iago.

– Sim. Fui atacado por alguns desconhecidos. Ajude-me!

Iago adiantou-se a Ludovico e Graciano e alarmou-se ao tropeçar no corpo ensanguentado de Rodrigo, a surpresa convertendo-se em grande temor ao perceber que ele ainda estava vivo. Enquanto estendia uma das mãos em sua direção, ele chamava com insistência:

– Aqui! Por favor, eu estou aqui!

Confuso e paralisado pelo medo, Iago olhava de um para outro, percebendo a rápida aproximação de Ludovico e Graciano, enquanto Rodrigo insistia e apelava por ajuda.

– É um dos meliantes! – gritou Cássio, apontando para Rodrigo.

Alcançado pelos apelos, Iago desfez-se do próprio imobilismo e, para espanto de Rodrigo, aproximou-se. O archote caiu-lhe das mãos em uma chuva de fagulhas e, no momento seguinte, Rodrigo viu um punhal surgir na mão de Iago.

– Vilão! Maldito assassino! – Iago o xingou, ao mesmo tempo em que o golpeava seguidas vezes.

– Maldito Iago! Cão assassino! – retrucou Rodrigo, encolhendo-se, horrorizado, esquivando-se como podia ao ataque enfurecido.

– O que se passa aqui? – perguntou Ludovico, aproximando-se e interrompendo o ataque de Iago.

– Cássio foi ferido por ladrões! – gritou Iago.

– Feriram-me na perna – aduziu Cássio.

Nesse momento, Bianca abriu caminho aos empurrões e ajoelhou-se junto ao corpo de Cássio, aflita.

– O que houve com você, querido? Quem o feriu desse jeito?

Ela o abraçou, choramingando. Aproveitando-se da confusão e do aparecimento de outras pessoas, as chamas de outros archotes multiplicando a luminosidade crescente, Iago rumou para Rodrigo, crivando-o de perguntas, o punhal ensanguentado na mão, esperando melhor momento para golpeá-lo novamente.

– Suspeito que esse sujeito tem algo a ver com o crime – disse, os olhos inquietos temendo a proximidade de Ludovico e Graciano. – Seu rosto não me é desconhecido. – Calou-se por um instante e voltou a dizer: – Deus do céu, é um de meus conterrâneos... É você, Rodrigo? Com certeza, é sim.

– Aquele de Veneza? – surpreendeu-se Graciano, de pé atrás de Iago.

– Acaso o conhece? – dissimulou Iago.

– Certamente!

Dois homens trouxeram uma cadeira e ajudaram Cássio a sentar-se nela.

– Conhece este homem? – perguntou Iago, apontando para Rodrigo ainda estirado no chão, ensanguentado. – Entre vocês dois havia alguma coisa?

– Nunca o vi... – respondeu Rodrigo.

Imediatamente, Iago virou-se para Bianca e perguntou:

– Por que fica tão pálida, mulher? Viram, senhores? Notaram a palidez inequívoca da culpa? Sim, a culpa se trai, embora a língua fique muda.

– Não estou pálida! Está insinuando alguma coisa?

Todos se calaram por uns instantes quando Cássio, semi-inconsciente e sentado em uma cadeira, foi levado para dentro de um prédio próximo. Emília, saindo do meio da multidão crescente e barulhenta, quase se chocou com o corpo de Rodrigo, estirado em um estrado de madeira.

– Que aconteceu, marido? – perguntou, achegando-se a Iago.

– Cássio foi atacado por Rodrigo e outros sujeitos que fugiram.

– E como ele está? – perguntou Emília, aflita.

– Nada bem. Rodrigo morreu.

– Que coisa mais estranha, não?

– Realmente. Mas agora temos muito o que fazer...

– Do que está falando, meu marido?

– Tenho que descobrir onde Cássio ceou ontem à noite.

Bianca, irritada, olhou para um e para outro e disse:

– Ceou comigo.

– Ah, se foi assim, terá que me acompanhar...

– Por quê?

– Você deve saber bem mais do que diz sobre esse vil atentado contra nosso bom amigo Cássio.

– Tudo o que sei já lhes contei.

– É o que veremos, é o que veremos...

Desenlace de sangue

Em noite fria e de poucas estrelas, Otelo esgueirou-se para dentro do quarto e viu Desdêmona ressonar na cama imensa, onde ele não mais se via, mas, antes, sofria por sua ausência. Perda irreparável. Sabia que não mais se deitaria ali nem lhe faria companhia. Felicidade passageira, um hiato em uma existência atribulada e sofrida. Seu único prazer na vida sempre fora combater inimigos temíveis e fartar-se no sangue de milhares de homens.

Deixou-se vencer por tais lembranças simplesmente por temer outras, bem mais recentes. Por um instante quis acreditar, quis enganar-se, voltar-se sobre tanto ódio e até ignorar a traição da mulher amada; enfim, quis voltar a amá-la.

Impossível. Não conseguiria. Forças bem maiores do que o grande amor que sentiria para sempre por ela o impediriam e talvez piorassem as coisas.

Vergonha. Infâmia. O desdém surdo, porém persistente, de muitos que meses antes tremeriam simplesmente por vê-lo ou partilhar a mesma calçada. Estava certo, não tinha a menor dúvida de que a

virtude e a honra jamais permitiriam que fosse feliz outra vez. Nada seria como antes depois daqueles dias infernais em Chipre.

Chorou. A satisfação por acreditar que Cássio estivesse morto não aplacou a dor e a vergonha que sentia; desfez-se depois de uns poucos minutos, substituída pela férrea determinação de dar um fim a tanto sofrimento e agonia. Deveria matar Desdêmona. Era o que se impunha.

Perdeu-se em horas vazias, mas excepcionalmente tormentosas, sem saber como fazer. Precisava tirar-lhe a vida sob pena de sofrer mais humilhação ou de encontrá-la na cama de outros homens. Em momento algum macularia a brancura aveludada de sua pele com o vermelho angustiante do sangue vertido pela ponta da faca ou da lâmina implacável da espada que tantas vidas ceifara sem dó e sem piedade. Precisava matá-la. Era imperioso que a privasse da vida. Não questionava o fato e já imaginava como acabaria aquele pequeno drama. Iria sufocá-la. Estrangulá-la ou se valer de uns travesseiros para roubar-lhe o ar e, com ele, a vida. Aproximar-se, todavia, acrescentou novos impasses àquela decisão.

Ao roçar seus lábios nos dela, estremeceu, inquieto e vitimado por conhecido frêmito de paixão. Belas e sedutoras lembranças se multiplicaram em sua mente. Apossou-se dele extrema vergonha, poderosa hesitação da qual, a muito custo, conseguiu se libertar. Tocar-lhe a maciez da branca pele o levou a pensar em estreitá-la nos braços e apertar até que se esquecesse de tudo o mais para voltar a amá-la. Mais e mais lágrimas lhe vieram aos olhos diante da certeza de que seu amor não sobreviveria por muito tempo, mesmo embriagando-se no hálito sedutor de suas mais delicadas palavras. Recuou, vacilante, o quarto escuro girando, quase o prostrando no chão. Foi mais ou menos nesse instante que ela abriu os olhos e o observou, iluminado pela precária luminosidade de uma candeia.

– Otelo? – chamou, surpreendida. – É você, meu senhor?

– Sim, querida.

– Por que está aí, parado, e não vem logo se deitar?

– Você rezou nesta noite, Desdêmona?

– Decerto que sim, meu senhor. Por que pergunta?

– Se você se lembrar de alguma falta não perdoada...

Desdêmona sentou-se à beira da cama e lançou-lhe um novo olhar

de inquietude.

– Por que está falando dessa maneira? Que pretende com tais palavras, Otelo? O que o preocupa?

– Zelo apenas por sua alma imortal...

– Não entendo...

– Não lhe matarei a alma...

– O que o atormenta, meu senhor? Por que insiste em falar de matar?

– Você bem sabe.

– Asseguro-lhe que nada sei a esse respeito. Contudo, sinto medo, pois é terrível quando revira os olhos dessa maneira. Não sei dizer qual a razão de tanto medo, pois não sou culpada daquilo de que me acusa.

– Pense nos seus pecados.

– Só consistem no amor que vos dedico.

– Pois é exatamente por causa dele que vai morrer agora.

– O que está me dizendo? Perdeu a razão?

– O lenço que lhe dei e que eu tanto amava...

– Que tem ele?

– Você deu a Cássio, não negue!

– Negarei e negarei quantas vezes forem necessárias.

– Mentirosa! Infame meretriz!

– Se de mim desconfia, mande chamar Cássio e o interrogue. Nunca amei Cássio e sempre dediquei amizade a ele. Na verdade, em momento nenhum lhe dei algum presente.

– Pelos céus, como é capaz de mentir dessa maneira? Eu mesmo vi o lenço com ele.

– Eu perdi o lenço e decerto ele o encontrou. Vamos, mande chamá-lo...

– Impossível! Mas não importa. Ele já confessou.

– Confessou o quê? Não há nada a confessar.

– Pois ele confessou que a possuiu.

– Absurdo! Insisto que o chame. Quero ouvir de sua própria boca.

– Impossível! Ela foi tapada para sempre pelo honesto e leal Iago.

Desdêmona empalideceu, os olhos enormes fixos no marido.

– Pobre de mim! – gemeu ela. – Você foi enganado e, por isso, eu estou perdida.

– Então vai chorar por seu amante na minha frente, prostituta infame?

– Por favor, meu senhor, poupe-me a vida, eu lhe peço...

Tudo se deu de repente. O desenlace trágico consumou-se pouco depois que Otelo lançou-se sobre Desdêmona e suas mãos estreitaram-se em forte e invencível aperto em torno do pescoço dela, apertando, apertando, apertando, cego ao brilho súplice que se apagou bem rápido em seus olhos, surdo aos gritos desesperados de Emília, que irrompeu quarto adentro depois de golpear brevemente a porta até abri-la.

– Um crime horrível aconteceu lá fora – informou a recém-chegada, olhando por sobre os ombros de Otelo e buscando Desdêmona, que jazia, inerte e silenciosa, estirada na cama. – Cássio matou um moço de Veneza chamado Rodrigo.

– Quê? Rodrigo está morto? Cássio também?

Os olhos de Emília zanzavam de modo persistente e inquieto pelo quarto às escuras, a chama tremeluzente da candeia iluminando fracamente o rosto de Desdêmona oculto pela vasta cabeleira, e de Otelo, que se colocava entre ela e sua patroa.

– Cássio não foi morto, senhor – respondeu, calando-se quando uma voz soou atrás de Otelo. Era Desdêmona, que murmurava, fraca, algo como...

– Assassinada injustamente... Morro e morro inocente.

– É a senhora! – Os olhos de Emília alcançaram os de Otelo, acusadores, antes de ela correr, sentar-se na beira da cama e abraçar-se ao corpo agonizante de Desdêmona: – Fale de novo, minha senhora. Quem fez isso?

– Ninguém ou eu mesma, quem se importará? Por favor, faça com que meu marido lembre-se sempre de mim... Morro inocente... morro inocente...

O corpo de Desdêmona pendeu nos braços da camareira. Estava morta. Otelo aproximou-se, a expressão desorientada.

– Quem poderá tê-la matado? – gemeu, a voz rouca, quase inaudível.

Emília o encarava, amedrontada e buscando a porta escancarada do quarto, de onde vinha uma confusão de vozes preocupadas.

– Quem poderá saber? – respondeu, trêmula e amedrontada.

– Mas eu direi quem foi?

– O senhor sabe?

– Como não? Fui eu que matei essa rameira!

– O senhor não sabe o que diz! Ela lhe era completamente fiel...

– Cássio a manchou. Se não acredita em mim, pergunte a seu marido. Ele está a par de tudo o que aconteceu.

– Meu marido?

– Sim, seu marido.

– Ele lhe disse que a senhora o traiu com Cássio?

– Iago foi o primeiro a me prevenir contra Cássio e Desdêmona. Você tem sorte. Ele é um homem muito honrado e...

– Deus do céu, não é possível! Meu marido afirmou que a senhora era falsa?

– Sim, mulher, ele mesmo.

– Maldito seja! Ele mentiu descaradamente.

– Como?

– O senhor matou uma mulher inocente e tola cujo único erro foi a escolha que fez ao apaixonar-se por você, seu estúpido! Como pôde ser tão ignorante e néscio? – Ao ver Graciano e Iago entrar de repente no quarto, à frente de outros soldados, Emília correu ao encontro do grupo, gritando: – Ele a matou! Ele a matou!

– Que houve, general? – perguntou Graciano. – Que aconteceu?

Ao ver Iago achegar-se a ela, Emília resmungou:

– Ah, está aqui também, não é mesmo, seu biltre?

– De que se trata? – insistiu Graciano, os olhos indo de um para outro.

Emília continuava olhando fixo para o marido e, indignada, apontou para Iago de maneira acusadora e rosnou:

– Vamos, desminta esse vilão, se você for homem. O general afirmou que foi por você que soube que a esposa era infiel e que, por isso, ele a matou. Tenho certeza de que você não poderia ter dito isso. Não seria tão vil. Vamos, fale de uma vez!

Todos os olhos voltaram-se para Iago, que se encolheu, constrangido.

– Nada fiz além de dar minha opinião sobre fatos que ele mesmo julgou verdadeiros ou, pelo menos, crível... – gaguejou.

– Não me tome por tola, patife – rugiu Emília. – Você disse ao

Mouro que a senhora lhe era infiel?

Iago baixou os olhos e admitiu:

– Disse.

– Que infâmia! – Emília correu os olhos pelos rostos carrancudos e hostis de Graciano e de todos que o acompanhavam. – Por minha alma, garanto que ele mente. É um pervertido. A senhora nunca se envolveu com Cássio, acreditem. Ela era fiel ao Mouro, que, por causa de todas essas mentiras, matou a própria esposa inocente.

Sentindo-se acuado, Iago empurrou a esposa e ameaçou esbofeteá-la, resmungando:

– Dobre a língua, víbora infernal, e saia logo daqui antes que eu a arranque com minhas próprias mãos!

Emília recuou, assustada, e aos berros continuou:

– Preciso dizer tudo! De maneira alguma ficarei quieta!

– Seja prudente e vá logo para casa, mulher!

Emília apontou um dedo para Otelo, acusadora:

– Ele matou a própria esposa, mas parte da culpa é minha, que encontrei o lenço que o Mouro deu à senhora e o dei a meu marido!

– Cale-se, eu lhe ordeno! Cale-se, demônia!

– Como o lenço foi parar nas mãos de Cássio? Decerto não como presente da senhora, mas por meio de alguma artimanha de meu marido.

Iago a xingou e tentou agredi-la, mas Graciano impediu com o próprio corpo, empurrando-o na direção de alguns soldados que o manietaram pelos braços.

– Falsa! Maldita! – gritou ele, esperneando ferozmente, fora de si.

A confusão aumentou quando Otelo levantou-se e arremeteu contra Iago no mesmo instante em que este se desvencilhou das mãos dos soldados e apunhalou Emília.

– Deus do céu! – espantou-se Graciano, vendo-o correr para fora do quarto, os soldados em seu encalço. – Ele matou a própria esposa!

– Vamos trazê-lo de volta, meu senhor – assegurou um dos soldados, entregando um segundo punhal a Graciano. – Guarde esta arma que tomei ao Mouro e nem pense duas vezes se tiver de usá-lo. Ele é um guerreiro temível.

Graciano apanhou-o e, ao se voltar, surpreendeu-se ao sentir a ponta de uma espada roçar-lhe o queixo. Otelo a empunhava e a usou

para tirar o punhal da mão dele.

– Eu trouxe essa antiga espada sarracena da Espanha – informou. – Mas nada tem a temer, pois mal algum lhe farei. Cheguei ao fim de minha viagem e nada tenho que me prenda a esta vida, pois a minha última possibilidade de ser feliz não existe mais. E pior: eu mesmo me livrei dela.

Calou-se ao ver Ludovico surgir na porta do quarto, à frente de vários soldados que carregavam Cássio sentado em uma cadeira e escoltavam Iago.

– Que desgraça você me levou a fazer com mentiras, biltre? – rugiu Otelo, golpeando Iago com a espada.

Ludovico colocou-se na frente de Iago e, encarando Otelo, gesticulou para os soldados que se aproximaram do general.

– Tomem a espada do Mouro – ordenou.

Iago aparentava estar despreocupado quanto a seu destino ou ao sangue que escorria de seu peito.

– Não arrisque seus homens por mim, senhor. Estou apenas ferido...

– Que me interessa isso? – desdenhou Otelo. – Se eu quisesse matar, você já estarias morto...– Virou-se para Ludovico e esperou que ele dissesse alguma coisa.

– Fique com a sua espada, general. Não tenho interesse por ela – afirmou Ludovico. – O que não entendo é como um homem que já foi tão excepcional guerreiro se deixou levar pelas artimanhas de um celerado rancoroso como esse. Que dirão de você?

– Digam o que quiserem, não me importo. Espero que me considerem um assassino honrado, pois foi pela honra, e não por ódio, que fiz o que fiz.

Ludovico apontou para Iago e afirmou:

– Esse patife já confessou em parte as vilanias que praticou, mas algo ainda me incomoda.

– E o que seria?

– Você tramou com ele o assassinato de Cássio?

– Assim o fiz.

Cássio surpreendeu-se:

– Eu nunca lhe fiz nada, meu general.

– Disso estou certo e lhe peço perdão. Pergunte a esse demônio...

Iago sorriu, com ar despreocupado.

– Não perca seu tempo, general – debochou. – O que você sabe, trate de guardar onde bem entender, pois de agora em diante nada mais direi.

– Oh, miserável!

Otelo deu dois ou três passos na direção de Iago. Ludovico colocou-se entre os dois e, visivelmente constrangido, informou:

– Lamento, general, mas terá de deixar este quarto para me acompanhar. Como você sabe, Cássio assumirá seu comando aqui em Chipre. Quanto a esse bandido, reservamos para ele um castigo especialmente doloroso.

– Confesso, meu amigo, que isso pouco me interessa – disse Otelo. – Peço-lhe, no entanto, que, em nome dos relevantes serviços que prestei à República, em suas cartas, ao relatar esses tristes fatos, fale de mim tal como sou, sem exagero ou malícia. Apelo à sua generosidade para que declare que amei bastante, mas com certa imprudência, e que, por não saber ser tão ciumento, fui levado a excessos e à própria ruína, não podendo viver depois disso.

Otelo calou-se e, diante de todos, apunhalou-se.

– Desenlace de sangue! – gemeu Ludovico. – Que tristeza!

Ele, Graciano e alguns soldados aproximaram-se da cama onde Otelo caíra sobre o corpo de Desdêmona. Limitaram-se a observar silenciosa e respeitosamente seus últimos momentos.

– Dei-lhe um beijo antes de matá-la, minha querida. Agora só me resta morrer beijando a mulher que tanto amei.

Ludovico tudo viu e pouco falou sobre os tristes acontecimentos que redundaram na morte do temível guerreiro mouro e de sua amada esposa, Desdêmona.

– Quando estiver a bordo, escreverei para o senado relatando tudo isso, com o coração dilacerado pela dor – assegurou Ludovico antes de partir da ilha de Chipre.

WILLIAM SHAKESPEARE
Romeu e Julieta
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

TEXTO ADAPTADO POR

JÚLIO EMÍLIO BRAZ

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Título original
Romeo and Juliet
Texto
William Shakespeare
Adaptação
Júlio Emílio Braz
Preparação
Fernanda R. Braga Simon
Revisão
Cleusa S. Quadros
Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Ebook
Jarbas C. Cerino
Imagens
GeekClick/Shutterstock.com;
wtf_design/Shutterstock.com;
aksol/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527r Shakespeare, William

Romeu e Julieta [recurso eletrônico] / William Shakespeare ; adaptado por Júlio Emílio Braz. - Jandira : Principis, 2021.

128 p. ; ePUB ; 1,8 MB. – (Shakespeare, o bardo de Avon)
Adaptação de: Romeo and Juliet
Inclui índice. ISBN 978-65-5552-469-7 (Ebook)

1. Literatura inglesa. 2. Tragédia. I. Braz, Júlio Emílio. II. Título. III. Série.

2021-1351 CDD 823
CDU 821.111

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa 823
2. Literatura inglesa 821.111

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br

Ó bendita, bendita noite!

Quanto temo, sendo agora noite,

que tudo isso não passe de um sonho

por demais encantador e doce para

ser verdadeiro!

ROMEU E JULIETA – ATO II – CENA II

Origens da incompreensão e da violência

Muito até os dias de hoje se contou e ainda mais se escreveu sobre os tempos turbulentos em que famílias poderosas se digladiaram pelo poder em cidades ainda mais poderosas na Itália Medieval.

Em meados do século XI, com o fim do Reino Itálico, período em que os imperadores romano-germânicos dominaram boa parte da península Itálica, após um período de anarquia, muitas cidades italianas se reorganizaram como repúblicas independentes ou semi-independentes, criando um sistema de patriciado ou governo de notáveis ou oligárquico. Oriundos das famílias de antigos chefes militares e não necessariamente de uma nobreza nos moldes tradicionais, hereditárias e familiares, pequenas querelas iniciadas em salões luxuosos ou nas entranhas de palácios ainda mais imponentes, transportaram-se para incontáveis campos de batalhas e empenharam verdadeiras fortunas para armar exércitos ou contratar as mais sanguinárias companhias de mercenários então existentes que varreram territórios de uns e de outros em quase sempre intermináveis guerras que em mais de uma ocasião levaram ambas as famílias à falência ou a sucumbir sob a força mais definitiva de maquinações palacianas ou sob a força de um terceiro protagonista bem mais

poderoso. A herança de ódio ensanguentou toda a Itália por séculos em maior ou menor intensidade, as rixas familiares por vezes se estendendo por tanto tempo que, em certo momento, até se perdia a sua origem e se lutava unicamente pela honra familiar ou pela ambição desmedida e multissecular de seus principais personagens.

Guerras motivadas por interesses políticos opuseram as famílias Albizzi e Ricci em vários períodos da história de Florença. As lutas intestinas entre os membros da família Gabrielli acabariam por incorporar a cidade de Gubbio ao território de Guidobaldo de Montefeltro. Envolvidos nos mais diferentes interesses, sendo os mais corriqueiros aqueles em que os dividiam em guelfos e gibelinos, ou seja, apoiadores da autoridade papal e apoiadores do imperador do Sacro Império Romano-Germânico, mesmo depois de tais conflitos, resistia uma paz tensa e, consequentemente, das mais frágeis entre as famílias. Verona, orgulhosa cidade ao norte da Itália, não fugia a essa regra, e, por causa das frequentes divergências entre as duas famílias mais poderosas da cidade, os Capuletos e os Montecchios, cada vez mais sangrentas, por fim seu governante, o príncipe Escalo, promulgou lei das mais severas até para os padrões da época, determinando que qualquer um que pusesse em risco a paz e tranquilidade dos veroneses seria imediata e inapelavelmente condenado à morte.

A história de Romeu e Julieta se desenrola alguns anos após a draconiana lei assegurar alguma tranquilidade às ruas e aos lares de Verona.

Coro

Ó pense
e por Deus, tente
refletir quão fortes são as paixões
humanas,
que, incontroláveis
e igualmente
intermináveis,
são capazes de forjar
os mais terríveis dramas
em que, em mais de uma ocasião,
o amor faz-se ingrediente
e subtrai a razão
aos apaixonados.
Saiba ou não,
aproxime-se então
e poderemos lhe contar
uma das mais tristes histórias,
nascida de desmedida paixão
e vitimada pelo ódio mais profundo,
tão comum aos viventes
que a ele se entregam levianamente,
até pelo mais tolo motivo
ou mesmo
sem nenhuma grande razão.
Na bela Verona,
onde localizamos tão triste história,
duas famílias respeitáveis,
mas levadas por antigos rancores,
se entregam a atos cada vez mais detestáveis,
onde o sangue derramado
os mantém aprisionados
a uma guerra sem explicação
e igualmente sem fim.

De tamanho desatino,
ironia do destino,
fizeram-se apaixonados
dois jovens amantes
cuja desventura e lastimoso fim
estaria desde o início decretado
por pertencerem a diferentes lados
de tão grande insensatez.
Quanta tristeza!
Desafortunado amor!
Tanto a sua triste fatalidade
quanto a obstinação do ódio das duas famílias,
que apenas a morte de seus filhos
foi capaz de devolver a tranquilidade,
estarão nessas pequenas páginas de dor,
mas também de felicidade,
tema desta narrativa.

Capítulo 1

O vozerio virulento e enfurecido derramava-se em maré de violência sem fim pelas ruas da cidade ao entardecer. O clangor das espadas denunciava o desejo insano e incontrolável com que os muitos contendores se lançavam uns sobre os outros, o ódio sequioso por sangue fazendo seus olhos faiscar, incansáveis.

Drapejantes estandartes houvesse e todos saberiam se tratar de mais um dos intermináveis conflitos entre Montecchios e Capuletos, que, há mais tempo do que os moradores de Verona se recordavam, resistia ao bom senso e mesmo à severa lei imposta pelo príncipe Escalo, supremo governante da então conhecida e reconhecida como a bela joia do Vêneto, ensanguentando suas ruas e fornecendo novos ocupantes para o grande cemitério em seus arredores.

Razões e motivações não importavam. Um simples olhar enviesado. A má interpretação atribuída a esta ou àquela palavra proferida justo no momento em que o membro de uma família cruzasse o caminho do membro da família rival, até mesmo entre humildes serviçais de ambas. Por vezes, a embriaguez em uma taberna frequentada pelos dois grupos, ou a prolongada atenção de uma donzela para o membro de uma família em detrimento de um da família rival, era mais do que suficiente para que espadas fossem desembainhadas e o sangue acabasse derramado fatalmente.

As primeiras testemunhas de mais aquele confronto se lembravam de que Sansão, membro da família Capuleto, saiu sabe-se lá de onde e, vermelho de raiva, berrou:

– Não carregaremos insolências desses patifes!

Gregório, que o acompanhava e também pertencente aos Capuletos, mais cauteloso, alertou:

– Você sabe que estou com você, mas acautele-se para manter seu pescoço fora do nó da forca.

Duas mulheres garantiam de mãos e pés juntos que tudo começara quando o grandalhão mal-humorado (apontou para Sansão) mordeu o polegar olhando fixamente para Abraão, outro gigante de vasta barba vermelha e cabeça inteiramente calva, que casualmente passava pela praça. Naqueles tempos e na Itália, tal gesto era reconhecido como insulto, e as consequências poderiam ser imprevisíveis e geralmente iam muito além de uma simples troca de empurrões ou palavrões.

O vermelhão parou na frente do bigodudo (o primeiro sendo Abraão, e o segundo, Sansão) e, já puxando a espada para fora da bainha, perguntou:

– Está mordendo o polegar para nós, senhor?

Sua companheira garantiu que foi o bigodudo que começou a briga quando confirmou que mordera o polegar olhando para Abraão, mesmo depois que Abraão perguntou pela segunda vez.

– Ele perguntou ao companheiro se a lei do príncipe poderia pôr o nó da forca em seu pescoço se ele respondesse sim e chegou a dizer que não, que não havia mordido o dedo olhando para o vermelhão – insistiu. – Acontece que um parente do patrão dele passava por aqui e ele se encheu de coragem e mudou a resposta, dizendo que havia mordido o polegar olhando para o empregado dos Montecchios.

Todos concordaram que foi Abraão, que, cheio de raiva, puxou a espada e partiu para cima de Sansão, mas também concordaram que a espada já estava na mão de Sansão quando Abraão ainda nem havia puxado a dele.

– Os dois estavam interessados na briga e partiram para cima um do outro com entusiasmo! – garantiu um velho comerciante, os pontos esbranquiçados de saliva acumulando-se nos cantos da boca larga e praticamente sem dentes.

Fato é que Benvólio, assim que se deu conta de que um dos empregados do tio, o velho Montecchio, digladiava-se com um grandalhão certamente ligado à família Capuleto, lançou-se de encontro a eles, com a espada à mão. Tão interessado estava em separá-los que não percebeu que outros homens saíam de várias tabernas existentes na praça e em ruas próximas, Capuletos alguns, Montecchios outros tantos, todos com espada na mão.

– Afastem-se, seus idiotas! – vociferou, batendo com vontade nas espadas que os dois brandiam desafiadoramente, desarmando-os. – Não sabem o que estão fazendo? Guardem logo suas espadas!

Para ainda maior confusão e infelicidade, entre os que se achegavam aos três se encontrava Teobaldo, sobrinho da senhora Capuleto, notório em toda a cidade pelo temperamento arrebatado e temerária índole beligerante. Ele já trazia a espada na mão e cravou os olhos em Benvólio, aos gritos:

– Que ousadia! Vire-se, Benvólio, e olhe para a morte que o espera…

Benvólio virou-se e ponderou:

– Estou apenas tentando manter a paz entre esses dois, seu paspalhão. Empunhe sua espada e me ajude a separar esses dois homens.

– Covarde! – rugiu Teobaldo, suarento e rubro de raiva, brandindo a espada. – Fala de paz com a espada na mão? Acaso me toma por tolo?

– Nada mais errado. Eu…

– Paz, paz… odeio esta palavra, como odeio o inferno e odeio todos os Montecchios. – Quando Teobaldo ergueu a espada e desferiu o primeiro golpe na direção de Benvólio, a situação escapou inteiramente ao controle. – Em guarda, covarde!

O confronto foi inevitável, e em pouco mais de dez minutos um grande número de homens se entregou a uma violenta troca de golpes que atrairia primeiramente os moradores dos prédios em torno da praça e, posteriormente, os transeuntes e um grande grupo de policiais munidos de bastões. Uma confusão infernal, os combatentes dos dois lados encontrando rapidamente partidários na multidão, que em segundos passou a trocar empurrões e ameaças.

Abaixo os Montecchios! Abaixo os Capuletos! Acabem com todos! Matem a todos!

Intimidados pela lâmina das inúmeras espadas, os policiais mantiveram-se por certo tempo a distância, limitando-se a golpear este ou aquele que se desgarrava do grupo de contendores, derrubando-os e os arrastando para dentro de algumas tabernas, desacordados ou pelo menos zonzos e sangrando.

Por um instante, quando o velho Capuleto, na companhia da esposa, chegou à praça, muitos acreditaram que o combate cessaria. Pura ilusão. A esperança desfez-se quando ele se encaminhou para os homens engalfinhados em barulhenta confrontação e gritou:

– Depressa, depressa! Deem-me minha espada de combate!

A senhora Montecchio, aparentemente saída do meio da multidão, provocou:

– Não seria melhor pedir uma muleta, velho idiota?

O velho Montecchio apareceu logo atrás dela e já trazia a espada na mão, rugindo:

– Você causou toda essa confusão, infame Capuleto? Quer morrer?

A esposa o deteve, gesticulando para que guardasse a espada, ao ver o príncipe Escalo abrir caminho através da multidão com seu séquito, o rosto encovado e de ossos salientes transparecendo uma contrariedade imensa.

– Vassalos rebeldes! Inimigos da paz! Profanadores desse aço manchado com o sangue de seus vizinhos! – gritou. – Montecchio! Capuleto! Eu já os alertei em várias ocasiões. Os dois já ensanguentaram as ruas de Verona por tempo demais e causaram muitas mortes nessas incontáveis e insanas guerras para as quais se lançam sem ao menos saber por quê. Ouçam bem, pois eu não mais repetirei o que lhes digo agora: se de hoje em diante eu souber de novas confusões como esta, acreditem, os dois pagarão com a própria vida pela perturbação da paz de nossa gente. Agora, que todos se retirem, sob pena de morte!

A praça esvaziou-se rapidamente, a multidão de espectadores misturando-se aos policiais e soldados que acompanhavam o séquito de Escalo, os combatentes das duas facções dispersando-se por ruas distintas e evitando aquela por onde ia o governante da cidade. Em

muito pouco tempo restavam apenas Benvólio e o casal Montecchio.

– Quem iniciou toda essa confusão? – perguntou o velho patriarca dos Montecchios, virando-se para o sobrinho.

– Não sei bem, meu tio – respondeu Benvólio, constrangido. – Quando cheguei, a gente dos Capuletos já estava brigando com seus servidores. Eu puxei a minha espada e tentei acabar com a briga, mas aí Teobaldo apareceu e, quando dei pela coisa, já estávamos fazendo parte da grande confusão que conseguiu tirar o príncipe de seu palácio e redundou nesta ameaça, que, sabemos bem, é para ser levada a sério.

– Não vi Romeu – observou a senhora Montecchio, os olhos deambulando pela praça deserta. – Ainda bem que ele não se envolveu nessa encrenca…

– Romeu anda estranho, realmente muito estranho, minha tia – comentou Benvólio. – Vindo para cá, eu o vi em um bosque, caminhando, totalmente alheio a tudo e a todos. Ainda pensei em chamá-lo ou mesmo ir ao encontro dele, mas, quando ele me viu, enfurnou-se entre as árvores, desaparecendo completamente. Até pensei em ir atrás dele, mas, colocando-me no lugar dele e sob tais circunstâncias, preferi deixá-lo a sós consigo e com os problemas dele…

– Romeu anda muito estranho – admitiu o velho Montecchio. – Alguns empregados já o encontraram pelos cantos, chorando feito louco. E quando ele sai? Passa horas fora e, quando volta, tranca-se no quarto. Fecha as janelas, cerra as cortinas e mergulha em uma escuridão artificial. Mais parece um fantasma assombrando a casa com seu silêncio.

– Não sabe o que o infelicita tanto, meu tio?

– Confesso que deixei de lado depois que perguntei e ele fugiu de mim…

– Então não foi nada que o senhor fez ou disse?

– Decerto que não. Aliás, como poderia, se mal o vejo? Eu até gostaria imensamente de saber a origem da dor dele…

Repentinamente, Benvólio gesticulou para que Montecchio se calasse, os olhos fixos em Romeu, que, cabisbaixo e triste, surgira em uma esquina poucos metros à sua frente, avançando vagarosamente.

– Ele vem aí, meu tio – alertou. – Talvez seja melhor que o senhor parta…

– Certamente, rapaz – concordou Montecchio. – Ele nem abrirá a boca se nos vir aqui…

Rapidamente apressou-se em afastar-se, na companhia da esposa.

– Como está, primo? – perguntou Benvólio, sorridente, indo ao encontro de Romeu.

– Nossa, ainda é tão cedo… – observou Romeu, melancólico.

– Mas que cara é essa, Romeu? O que tanto o entristece?

– Você notou?

– Primo, sei bem que você nada percebe ultimamente, mas o mundo inteiro não compreende a razão de tão profunda tristeza de sua parte… O que se passa?

– Eu não sei…

– Amor?

– Por favor, Benvólio…

– É amor, bem sei. Está apaixonado?

– Na verdade, eu estou amando sozinho…

– Ah, então é amor mesmo…

– Nem sei bem. Como posso acreditar que é amor se eu, e apenas eu, amo? Que amor é este que é maior em mim do que naquela que tanto amo e se faz dele senhora apenas para tiranizar e me deixar cada vez mais confuso e inseguro com seus gestos?

– Deus do céu, Romeu, por quem está tão absolutamente apaixonado?

– Como? Será que tenho que lhe dizer? Não é capaz de adivinhar?

– Como poderia? Incapaz me sinto de adivinhar o nome da mulher que viraria as costas a tanto amor e dedicação.

– Acredite, primo, ela é belíssima, mas a discrição dela é arma que me fere a todo instante, beirando desinteresse e vívido desprezo. Por razões que jamais entenderei, ela jurou não me amar, e, por causa desse voto descabido, morro mais um pouco cada dia que passo longe dela, agarrando-me a uns poucos momentos de lucidez para lhe falar de meu sofrimento.

– Melhor esquecê-la, primo!

– Como posso?

– Para início de conversa, pare de pensar nela.

– E você sabe como se faz para parar de pensar?

– Buscando, em outros cantos, outras belezas. Não é um mau conselho, é?

– A comparação será inevitável e me deixará ainda mais infeliz. Rosalina será sempre melhor do que todas que eu encontrar. Por mais que sejam belas todas as mulheres que porventura você me apresentar, mais cedo ou mais tarde todas enfrentarão um inimigo poderoso que sempre se apresentará melhor aos meus olhos, inesquecível realmente. Lamentavelmente, você não poderá me fazer esquecer criatura tão encantadora.

– Eu posso tentar, não é mesmo?

Romeu bufou, desanimado.

– O tempo é seu…

Coro

De que maneira é possível escapar
de amor tão absolutamente tirano,
que tudo recebe e nada é capaz de dar,
a não ser desprezo, desinteresse
e, se não me engano,
abandono?

Capítulo 2

Páris era jovem. Entrado nos vinte e poucos anos de uma vida passada no luxo e na suntuosidade do palácio dos príncipes de Verona ou na vastidão das extravagâncias de outras tantas cortes, era mimoseado por todas as famílias mais ilustres da cidade desde que se juntara a Escalo, seu ilustre parente. Todos gravitavam em torno deles na expectativa de, por meio de toda sorte de favores, mas, antes de tudo, por meio de um casamento cheio de vantagens, fazer parte de tão ilustre estirpe. Presença frequente em todos os salões elegantes de Verona, a figura longilínea e imponente em seus quase dois metros de altura, a vasta cabeleira negríssima contrastando com os olhos de um verde inesperado, atraindo a atenção de todos, há pelo menos um ano só tinha olhos e crescente interesse pela filha de Capuleto.

Julieta reinava como senhora absoluta de seus olhos, que lhe dedicavam permanente atenção, mas acima de tudo de seu coração, que a ela dedicava um amor de presentes constantes e trazidos de lugares tão distantes que os próprios nomes se via incapaz de pronunciar. O encantamento dos primeiros dias se convertera em inescapável paixão, e o amor fizera sua parte, tornando o pobre Páris impaciente e angustiado. Sabedor de que a chave que abria o coração da filha se encontrava na satisfação e simpatia do pai, vivia a tê-lo ao alcance de suas palavras lisonjeiras e apoio incondicional diante de

qualquer dificuldade que aborrecesse o velho Capuleto e sua numerosa família, por vezes criando dificuldades para Escalo, que vivia se equilibrando com rara habilidade no tênue fio que interligava uns e outros e assegurava prolongado período de paz entre as famílias ilustres de Verona.

Estando presente no séquito que acompanhara Escalo até a praça onde mais uma vez Capuletos e Montecchios se enfrentaram, juntou-se aos primeiros logo depois que os ânimos serenaram e todos se dispersaram. Hábil, volta e meia entremeava os assuntos de seu interesse (e não havia assunto que mais o mobilizasse do que a bela Julieta) àqueles que sabia que sempre motivaria o velho Capuleto.

– Mas, como eu lhe disse, rapaz, Montecchio e eu estamos ligados pelo temor à mesma penalidade – admitiu Capuleto. – Não é difícil manter a paz quando a lei de Escalo paira sobre nós e aqueles que amamos.

– Da parte de nosso príncipe, posso garantir que os dois gozam da mais absoluta consideração e respeito – disse Páris. – Em mais de uma ocasião, ele me confessou que não se sente à vontade indo ao extremo de criar leis que impeçam famílias tão ilustres e importantes para Verona de se matar. Ele já me disse que não compreende como Capuletos e Montecchios alimentam inimizade tão duradoura, que não se presta para nada de bom a nenhum dos dois lados… – De um momento para o outro, um sorriso generoso e envolvente iluminou seu rosto, e ele avançou por terreno conhecido e bem mais desejável: – E agora, se o senhor me permite, eu gostaria de mudar um pouco de assunto…

– Sei bem disso, meu bom Páris – falou Montecchio –, mas minha resposta continua sendo a mesma…

– Mas por quê?

– Minha filha ainda é uma criança. Ainda nem alcançou os catorze anos…

– Outras mais moças do que ela já são mães felizes…

– Sei bem disso, Páris…

– Então eu não compreendo…

– Eu ainda não a julgo suficientemente madura para ser uma esposa.

– Talvez discordemos nesse aspecto…

Capuleto sorriu, indulgente e até mesmo se divertindo com a ansiedade perceptível no tom de voz de Páris.

– Tenha paciência, rapaz. Ela o tem em grande estima e, no momento certo, não tenho a menor dúvida, será uma boa esposa para você e uma mãe carinhosa para os muitos filhos que terão. Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo…

Páris calou-se, vitimado por certa contrariedade, e Capuleto, astucioso, não permitiu que esta se estendesse por muito tempo, informando:

– Teremos uma festa em minha humilde casa e espero que você venha. As mais belas donzelas das famílias mais proeminentes da cidade estarão presentes, e dentre elas poderá escolher o rosto mais viçoso para lhe fazer companhia. Acredito que irá gostar de saber que minha Julieta estará entre elas. – Notando que um de seus empregados se aproximava, virou-se e entregou-lhe uma folha de papel, ordenando: – Ah, finalmente chegou, seu preguiçoso. Vamos, corra. Percorra toda Verona e convide as pessoas cujos nomes estão escritos aqui e diga que minha casa e minha hospitalidade estão à espera de todos.

Mal viu ambos pelas costas e o empregado xingou Capuleto, resmungando:

– Um homem, um único homem para percorrer a cidade e convidar uma multidão. Pensa que um dia apenas é o bastante? Como posso ler tantos nomes? Quem pensa que sou, velho sovina? Um escrivão? Um literato?

Virou-se, irritado, e quase se chocou com Benvólio e Romeu. Benvólio, sorrindo zombeteiramente, admoestou-o:

– Você tem sorte de que seu patrão seja um velho surdo, meu bom homem.

– Surdo eu não sei, mas sovina certamente o é.

– Mas qual a razão de tanta raiva? – insistiu Benvólio.

O empregado desdobrou o pequeno pedaço de papel que carregava e o exibiu para os dois, perguntando:

– Sabe ler?

– Eu sei ler. – Romeu apressou-se a pegar o pedaço de papel e se

pôs a ler: – “O senhor Martino, esposa e filhas; o conde Anselmo e suas lindas irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; o senhor Placêncio e suas encantadoras sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha bela sobrinha Rosalina; Lívia; o senhor Valêncio e seu primo Teobaldo; Lúcio e a jovial Helena.” – Devolvendo-o, observou: – Que bela assembleia, não? E onde vai acontecer essa reunião?

O empregado apontou para a grande casa atrás de si, informando:

– Aqui.

– Aqui onde, seu paspalhão?

– Na casa de meu patrão.

– Quem?

– Meu patrão é o riquíssimo Capuleto. Caso não pertença à casa dos Montecchios, eu lhes peço que apareçam para pelo menos esvaziar um copo de vinho e, logicamente, divertir-se.

Antes que Benvólio ou Romeu pudessem dizer qualquer coisa, o empregado se afastou em desabalada carreira, desaparecendo na primeira esquina à esquerda.

– Deve ser louco, não? – comentou Romeu. – Convidar-nos para uma festa na casa de Capuleto…

Um sorriso matreiro emergiu dos lábios de Benvólio quando ele disse:

– Não sei, não…

– O quê? Não está pensando…

– Por que não?

– Porque é uma grande loucura!

– Mesmo sabendo que nessa festa encontraremos a bela Rosalina, por quem bate e se despedaça o seu coração, e mais um número apreciável das beldades mais admiradas de Verona. Já imaginou?

– Imaginou o quê?

– Você poderá comparar o rosto de sua bela donzela com o de outras encantadoras donzelas e, antes de a noite terminar, eu lhe garanto, acabará concordando comigo que seu cisne não passa de um feio e agourento corvo.

– Quanta estupidez! Não há mulher mais bonita em Verona do que Rosalina!

– Bobagem! Despropósito de um tolo apaixonado que se apressa em dizer que a sua amada é a mais bonita que já viu, simplesmente por não ter tido um número razoável de beldades com que a comparar. Venha comigo e verá que tenho razão…

– Na casa dos Capuletos? Por que tipo de louco me toma, meu primo?

– Um louco medroso que tem medo de eu estar com a razão.

– É?

– E não é?

– Pois então que assim seja. Eu irei…

– Ah, mas que valente!…

– … mas apenas para contemplar todas as suas pretensas formosuras e lhe provar que nenhuma delas chega aos pés da minha.

Coro

Pequena donzela,
qual a razão de tanta melancolia
se até ontem ainda era só alegria,
vontade de viver?
Seus olhos traem tristeza
e talvez seja pela certeza
de que a infância,
doce infância,
fica para trás,
na distância,
não volta mais.

Capítulo 3

Angústia e ansiedade se misturavam no ir e vir inquieto da senhora Capuleto pela sala. Acompanhada pela mais velha das amas que acompanhava a filha desde seu nascimento, estava simplesmente desorientada, pois os primeiros convidados chegavam e, por mais que procurasse, não encontrava Julieta.

– Deus do céu, onde estará essa menina? – Parou bruscamente e, encarando a ama, indagou: – Não a encontrou?

– Não apenas a encontrei como lhe informei que a senhora queria ter com ela – respondeu a criada, esfregando as mãos uma na outra, tão nervosa quanto a patroa.

– Então onde está ela? Os convidados já se amontoam à porta e… – A mãe aflita calou-se, aliviada, ao ver Julieta entrar.

Era miúda e de uma brancura que resvalava encantadoramente para uma beleza de traços delicados. Os cabelos fartos e anelados caíam-lhe pelos ombros redondos, e em seus pequenos olhos de um verde aquoso e brilhante ainda se entrevia a vivacidade de uma infância recentemente abandonada, aos poucos e relutantemente substituída pelo ar inevitável de uma adolescência que a inquietava por saber-se igualmente breve.

– Que houve? – perguntou, olhando de uma para a outra. – A senhora me chamou?

– É claro, minha filha – respondeu a senhora Capuleto,

aproximando-se.

– O que deseja?

– Como assim? Sua ama nada lhe disse?

– Apenas que me procurava… Do que se trata?

– Em que mundo está vivendo ultimamente, minha querida?

– Fala da festa? Perdoe-me, mamãe, eu…

– Disso também. Mas há outra coisa bem mais importante do que…

– O que seria?

– Está próxima de completar catorze anos, bem sabe, não?

– Realmente?

– Faltam duas semanas! – apressou-se em informar a criada.

– Por favor, ama. Não se intrometa – resmungou a senhora Capuleto, uma mecha dos cabelos grisalhos lhe caindo sobre os olhos ansiosos.

A criada encolheu-se, intimidada, dando alguns passos para trás e ficando mais próxima da porta.

– Perdoem-me, minha senhora, minha criança. – A criada reteve os olhos cinzentos e empapuçados em Julieta, uma expressão terna no rosto precocemente envelhecido. – Foste a mais linda criança que alimentei até hoje, e queira Deus que eu tenha a possibilidade de viver o bastante para vê-la casada um dia…

O olhar espantado de Julieta foi da criada para a mãe, perpassado de uma incompreensão que a fez perguntar:

– Do que ela está falando, minha mãe?

A senhora Capuleto sorriu afetuosamente e informou:

– Era exatamente sobre isso que tencionava conversar com você, minha filha…

– Sobre meu casamento?

– Por que todo esse espanto, minha filha? É o destino de toda mulher casar-se e ter sua casa e seus filhos…

– Mas por que conversar sobre isso agora? Eu ainda nem completei catorze anos…

– Muitas jovens mais novas do que você já são mães…

– Sei disso.

– Então, por que tanta surpresa? Não se sente disposta para o casamento?

– Sinceramente, não. Quer dizer, ainda não.

– Pois eu acredito que seja o momento propício para tocarmos no assunto, minha querida.

– Será mesmo, mamãe?

– Eu mesma já era mãe muito antes da idade que hoje você tem.

– Decerto se está falando sobre isso comigo, já deve ter algum pretendente…

– Não estamos procurando…

– Estamos?

– Eu e seu pai, minha filha. Não procuramos, mas, bem ao contrário, fomos procurados. Tens um interessado em você.

– Quem, posso saber?

– O jovem Páris tem interesse em você para esposa.

Mais uma vez a ama junto à porta se entusiasmou e disse:

– Que maravilha, minha menina! Poucos homens seriam mais interessantes a qualquer jovem de Verona como marido do que o belo e elegante Páris.

A senhora Capuleto juntou-se a ela no entusiasmo, exibindo um largo sorriso e ajuntando:

– Verdade! Verdade!

A expectativa de ambas alcançou Julieta com um demorado olhar de dardejante impaciência.

– Então, minha filha? O que diz? Seria capaz de amar alguém de tal estirpe?

– Se compraz a ambas, procurarei gostar dele… – disse Julieta, sem muito ânimo e interesse ainda menor.

A senhora Capuleto mal coube em si de entusiasmo:

– Ótimo! Ótimo! Pois esta noite ele estará presente na festa que estamos organizando, e você poderá ver com os próprios olhos o grande interesse que Páris lhe dedica.

– Quanta sorte, minha pequena! – exultou a ama, achegando-se à mãe e à filha. – São naturais o temor e a incerteza que intranquilizam sua jovem alma, mas, não tenha dúvida, logo verá com agrado o amor de Páris!

– Será?

– Não tenho nenhuma dúvida. Nenhuma, nenhuma. Nenhuma

mesmo.

Julieta, diante das grandes certezas da mãe e de sua ama, calou-se. Guardou para si cada uma de suas próprias dúvidas, todas invariavelmente expressando o grande pânico que rondava seus catorze anos incompletos, ainda mais depois que descobriu tão abruptamente que estava sendo empurrada para as responsabilidades de uma vida adulta que acreditava ainda estar bem distante. Pudesse ou de alguma maneira adiantasse, e certamente choraria.

Coro

Quão maravilhosa é a juventude!
Que deliciosa e embriagadora magia
é capaz de transformar um único dia
em improvável eternidade!
Que poderoso sortilégio
nos concede o privilégio
de ignorar o medo
e assumir a grande ousadia
de amar sem responsabilidade
e encontrar a felicidade
sem pensar muito no amanhã!
Quão maravilhosa é a juventude
até no instante em que nos ilude
e nos faz acreditar que será
para sempre!...

Capítulo 4

O pequeno grupo parou, e no outro lado o clarão das tochas carregadas por alguns deles iluminou o imponente casarão dos Capuletos. Os olhos de Romeu deambularam pelos rostos que o rodeavam e, por fim, detendo-os na figura sorridente e debochada de Benvólio, perguntou:

– Vamos recitar algum discurso para sermos aceitos ou penetramos sem desculpa ou vergonha?

– Isso é coisa do passado, meu primo! – respondeu Benvólio, sacudindo os ombros displicentemente.

– Como é que é?

– Que foi, bobalhão? Esqueceu? Isso é coisa do passado...

– É?

– Hoje aqueles que não têm convite não se ocupam mais em fazer discursos elogiosos aos donos da casa para serem aceitos. Eles simplesmente vão entrando.

– Não é muito abuso?

– Quem se importa? – Benvólio lançou um olhar atrevido para o outro lado da rua, ajeitando as roupas elegantes no corpo musculoso. Torcendo as pontas do bigode até que ficassem uniformes e apontando para o alto, sacudiu a vasta cabeleira castanha-escura e atravessou a rua em largas passadas.

– Dê-me uma tocha! – pediu Romeu, retirando uma delas da mão de um dos homens que os acompanhavam. – A vida anda tão escura para mim que preciso de toda luz que conseguir.

Marchou no encalço de Benvólio, os outros homens escoltando-o.

– Que bobagem está dizendo, querido amigo? – protestou Mercúcio, um gigante avermelhado e de espessas suíças prematuramente brancas. – Queremos que dance, que se divirta….

– Estou sem ânimo para tanto, nobre Mercúcio. Minha alma está pesada e mal consigo tirar meus pés do lugar…

– Está apaixonado, e, como muitos em sua situação, sofre por amor. Faça suas as asas de Cupido e voe sobre o salão atrás das muitas donzelas que esperam por nós.

– Estou sem sorte. As flechas da paixão com que ele vitimou meu coração me atingiram tão cruelmente que não consigo me afastar um palmo do chão.

– Se o amor o machuca, machuque-o também, Romeu.

Pararam em frente à larga porta, e Benvólio bateu com vontade.

– Atenção, meus amigos: assim que abrirem, será cada um por si, ouviram bem?

Inquietos, a ansiedade levando uns e outros a trocar olhares nervosos de desconfiança e hesitação, todos os olhos convergiram para a porta, que, maciça e silenciosa, insistia em se abrir para o grupo de impertinentes.

– Outra tocha! Outra tocha! – insistiu Romeu, estalando os dedos.

Benvólio atravessou o indicador sobre os lábios e exigiu silêncio, alegando:

– Quietos! Penso ter ouvido passos…

Depois de passar nova tocha para Romeu, Mercúcio ainda quis acalmá-los:

– Tranquilas, tranquilas, almas infantis! Até parece que nunca estiveram em semelhante aventura…

– Não em território tão hostil… – argumentou Romeu. – Tive um sonho nesta noite…

– E eu tive outro. E daí? O que isso nos torna? Dois sonhadores ou dois medrosos?

– Algumas vezes os sonhos nos levam a caminhos de verdade e

precaução…

– Sonhadores quase sempre mentem, meu amigo, a começar para si mesmos.

– Pois o meu a mim me pareceu bem verdadeiro…

E não é por causa disso que são tão sedutores, pequeno Romeu?

Benvólio, impaciente e em certa medida irritado, colocou-se entre os dois e resmungou:

– Querem parar com tais bobagens? Enquanto estão tagarelando como duas velhas fofoqueiras, pressinto que o melhor da festa já se foi…

– Comida? – indagou Mercúcio, os olhos luzindo de grande interesse.

– Sinto muito, mas ao que parece a ceia acabou…

– Como sabe?

– A música, seu tolo. Acaso ainda não ouviu o som dos primeiros instrumentos? O baile vai começar…

Calaram-se, surpresos, quando a porta se abriu diante de todos e um criado apareceu, olhando-os com curiosidade.

– O que estão esperando? – insistiu, apontando para o interior barulhento do luxuoso palacete. – Rufem os tambores, coloquem suas máscaras e entrem rapidamente, seus rufiões linguarudos!

Precipitaram-se porta adentro.

Coro

De que é feita a ilusão
de que nada é mais invencível
do que o amor?
Por que a ele se entregar
se sabemos de antemão
que quanto maior a paixão,
maior a possibilidade de encontrarmos
apenas dor e decepção?
Por que sois insensato,
ó coração,
se de fato
o prazer em tais circunstâncias
anda de mãos dadas
com a ilusão
de que a todos os obstáculos
podemos superar
com nossa paixão?

Capítulo 5

Muitas vezes o coração apaixonado se vê atraiçoado, vencido em sua paixão por outra maior e completamente sem explicação.

Entender?

Nem pensar. Impossível. O mais incrível, verdadeiramente assustador, é que ele surge, leviano e tolo, sem nenhuma intenção, feito de brilho incerto em olhar inquieto, magoado por amor intenso, porém não correspondido, abandonado em sua devoção e ardor. Talvez se encontre explicação em qualquer forma espúria de compensação, refúgio contra aquela decepção que magoa de verdade.

Na verdade, ninguém sabe explicar e, em razão disso, igualmente entender. O amor é essa coisa exasperante que surge em um instante e começa por se espalhar e se apossar de nossa racionalidade. Com Romeu não foi diferente e fez-se até inconsequente.

Ele e os companheiros invadiram a festa dos Capuletos atrás de abuso e talvez até de confrontação, desde que esta se fizesse por meio dos pés e das mãos, pois sobre um e outro lado em tão prolongada inimizade pairava a possível certeza de severa punição através das leis de Escalo, príncipe de Verona. No entanto, já que as lâminas afiadas, e consequentemente mortais, de espadas e adagas estavam em princípio interditadas, a lei era omissa com relação aos casos de troca de murros e empurrões, deliciosa possibilidade a que nenhum deles viraria as

costas.

Romeu e os companheiros de farra e provocação pensavam vagamente em zombar dos seus velhos rivais e desafiá-los. Estranhamente, sem nenhuma explicação, mesmo sem se preocupar em não se fazerem vistos e muito menos reconhecidos, nenhum dos Capuletos, mesmo que houvessem reconhecido cada um deles, se aproximou ou se interessou em expulsá-los da festa. Frustrados em sua intenção, nem Romeu nem os companheiros viram razão para partir, mas ao contrário, como é tão característico aos jovens, partiram em busca de diversão, não sendo menores o interesse e o encanto despertado pelas donzelas presentes. Armadilha inescapável do destino, foi exatamente quando procurava por Rosalina que os olhos de Romeu se encontraram com os da bela e tímida Julieta, a solitária e confusa flor no jardim zelosamente protegido dos Capuletos, e tudo se deu como se imagina, tal a intensidade lampejante de interesse que atraiu um para o outro.

Explicar?

Tolice tentar.

Nem valeria a pena enveredar por tão escorregadio e traiçoeiro caminho, quando melhor se aproveita o tempo falando do amor que incendiou almas tão jovens e tão diferentes.

Tudo em um instante perdeu valor e importância. A própria voz do velho Capuleto chamando a todos para a dança: "Bem-vindos, cavalheiros! Em meus bons tempos, também se usava máscara e se sabia sussurrar histórias aos ouvidos de uma bela dama, que acontecia encantar-me… Vamos, músicos, toquem! Afastem! Afastem! Deem espaço para as danças!".

Qual a relevância?

Mal a ouviram!

Palavras sedutoras partiram de parte a parte, pois o interesse era comum e crescente desde o início. A paixão, a paixão. A paixão alcançou-os de maneira muito rápida, fulminante, poder-se-ia dizer sem maiores temores de estar exagerando, dando vultos de irremovível paixão a um simples flerte de um baile no qual se entrou sem convite. As horas diluíram-se no ardor das mãos entrelaçadas, nas palavras trocadas com carinho, a profundeza cintilante dos olhares

convidando um para fazer parte do outro, até que seus lábios se encontraram entre os outros tantos casais que dançavam pela semiescuridão do amplo salão.

– Beije-me de modo elegante e terno… – disse Julieta em dado momento, quase permitindo que os braços dele a envolvessem completamente e a arrastassem para um canto.

Desfez-se o encanto de tão adorável momento quando a velha ama achegou-se ao casal.

– Senhora, por favor…

Julieta desvencilhou-se dos braços de Romeu, tolhida pela vergonha que enrubescia seu rosto por inteiro.

– O que foi? – balbuciou, praticamente sem fôlego.

– Sua mãe a chama.

– Para quê?

– Ela não me disse. Apenas solicitou que viesse chamá-la, pois tem algo muito importante a lhe dizer.

Espantado ou meramente zombando da ama, Romeu indagou:

– E quem é a mãe dela, eu poderia saber?

A ama lhe lançou um olhar hostil e respondeu:

– A mãe dela é o que perguntas, meu rapaz? A mãe dela é a senhora desta casa, e da mãe ela herdou a prudência e a virtude, não é mesmo, minha menina?

Julieta baixou os olhos, embaraçada, e, depois de um sorriso tímido, afastou-se na companhia da criada.

Romeu a seguiu com os olhos e, aturdido, gemeu:

– Não posso acreditar. Ela é uma Capuleto!

Aparecendo às suas costas, Benvólio, o cenho franzido, uma expressão preocupada no rosto brilhante de suor, ajeitou a máscara sobre os olhos e acrescentou:

– Todos aqui o são. Qual a novidade?

– Quer dizer que devo a minha vida a meu inimigo?

– Então é melhor não abusar da sorte e sair o mais depressa possível daqui. Nossa brincadeira está ficando perigosa demais.

Os dois quase se chocaram com o velho Capuleto, que, sorrindo para um e para outro, disse:

– Por favor, cavalheiros, não partam ainda. Aguarda-nos um

modesto e insignificante…

Benvólio inclinou a cabeça em uma breve mesura reverenciosa e disse:

– Infelizmente viemos de longe, meu honorável anfitrião, e a estrada que nos leva de volta para casa é das mais perigosas…

– Ah, compreendo… – aduziu Capuleto, os olhos fixos em Romeu. – Aventurar-nos por caminhos desconhecidos pode nos tornar vítimas de perigos bem conhecidos, não é verdade?

– Certamente… – gemeu Romeu.

– Pois, então, obrigado a todos… Obrigado, respeitáveis cavalheiros.

Os dois se afastaram em largas passadas e, juntando-se aos outros companheiros de farra, saíram.

Teobaldo, um jovem de feições macilentas e longa cabeleira negra, acompanhou-os com os olhos, enquanto se achegava às costas de Capuleto.

– Pela voz, eu o reconheci – disse, entredentes. – É um Montecchio. E acredito que o outro também o seja. Traga minha espada!

– Não – disse Capuleto, olhando na mesma direção, como se Romeu e Benvólio ainda estivessem a poucos metros dele.

– Mas, tio, eles são nossos inimigos. Vieram aqui, comeram e beberam à nossa custa com o único intuito de nos ridicularizar…

– Não é o jovem Romeu?

Teobaldo espantou-se:

– O senhor sabia?

– Desde que o vi ainda entrando…

– Se o senhor sabia de quem se tratava, por que não o enxotou daqui? Foi uma afronta das maiores…

– Acalme sua alma sedenta de sangue, meu sobrinho. Ele aqui veio e se comportou como um homem de honra. Na verdade, apesar de ser filho de meu grande inimigo, ele é um homem de honra, e toda Verona tem muito orgulho dele…

– É assim que o senhor se comporta quando entre seus convidados se encontra um vilão dessa estirpe? Resigna-se?

– Sim, resigno-me, como você também se resignará.

– Por Deus, meu tio, sinto-me humilhado!

– Basta! Está levantando a crista em demasia! Acaso você é o dono da casa?

– Isso é uma vergonha, meu tio!

– Basta, eu já disse!

Julieta os viu discutir e silenciosamente os viu afastar-se, Teobaldo ainda contrariado e agarrado ao cabo da espada que um dos criados lhe trouxera e o velho Capuleto o impedira de usar contra Romeu e os outros. Mais uma vez sozinha diante da porta, virou-se para a ama a seu lado e perguntou:

– Como você disse que era o nome daquele que mais flertou do que dançou comigo?

– O nome dele é Romeu, minha menina. É um Montecchio – respondeu a ama, apreensiva. – Filho único de seu grande inimigo.

– Eu bem sabia, mas não quis acreditar…

– No início, eu não o reconheci e, quando o reconheci, não fui capaz de afastar-me dele.

– Pois deveria…

– Como posso amar tão profundamente aquele que odeio com igual profundidade?

– Para o seu próprio bem e até daquele que diz amar tão profundamente – a ama fez o sinal da cruz, alarmada –, Deus seja louvado, você deveria tentar.

– Como?

A ama chorou, angustiada, e Julieta a abraçou, tomada de igual angústia e confusão de sentimentos, vozes varando a noite com impaciência e repetindo seu nome…

“Julieta! Julieta!”

– Estão chamando você, minha menina – disse a ama, choramingando, ainda abraçada a Julieta. – Todos os convidados já se foram…

Coro

Como explicar o amor
se, esquecida a razão,
o coração envereda pela própria incompreensão
e faz e desfaz sem sentido algum?
Incrível como a paixão
pode apresentar-se poderosa e invencível,
e no momento seguinte…
Que incrível!
Perder-se em inacreditável irrelevância.
De um momento para o outro,
aquela por quem a vida daria,
e sem a qual nenhum sentido teria,
investiu-se de pouco valor,
trocada por outro amor.
Romeu amando e sendo amado,
ainda mais apaixonado,
no entanto,
carrega no coração
uma única preocupação:
sendo inimigo,
grande é o perigo,
e, portanto,
não pode se aproximar de Julieta.
Mas não há medo,
apenas a saudade
que a força da paixão
logo transforma em felicidade
onde quer possam
se encontrar.

Capítulo 6

Benvólio e Mercúcio rasgaram a noite escura e silenciosa, corações pulsantes, quase saindo pela boca, as pernas formigando em dor lancinante e crescente. Mal se aguentavam em pé, o ar lhes faltando em pulmões exauridos.

– Tem certeza de que você o viu vir nesta direção? – perguntou Benvólio, apreensivo, chamando por Romeu várias vezes.

– Cale-se, tolo! – censurou Mercúcio, os olhos desconfiados deambulando pela escuridão. – Seu primo é sensato e a essas horas já deve ter-se recolhido...

– Ia nesta direção quando eu o perdi de vista, tenho certeza...

– Paixão absurda! Não tem o menor cabimento Romeu apaixonar-se desta maneira!... E logo pela filha do Capuleto!

– Já seria a segunda Capuleto...

– Que fosse Rosalina. Ela não é a filha do Capuleto...

– Romeu sempre foi assim. Cego é seu amor e toda essa escuridão, sua grande aliada. Vamos continuar procurando. Talvez ele esteja entre as árvores.

– Cego ou não, não vejo razão para corrermos inutilmente de um lado para o outro – Mercúcio olhou ao redor, os braços erguidos e as mãos agitadas para o céu de poucas estrelas. – Boa noite, Benvólio! Vou para minha cama dormir...

– Mas Mercúcio…

– A noite é cama hostil e fria demais para que eu possa nela dormir! Venha, Benvólio, vamos embora!

Benvólio sacudiu a cabeça, desconsolado, e admitiu:

– É, talvez seja melhor mesmo. É inútil procurar quem, como vemos, não quer ser encontrado.

Mais uma vez empoleirado no alto do muro que separava os jardins dos Capuletos da rua deserta, Romeu viu os dois amigos se afastar. Sentiu-se culpado. Sabia que ambos se preocupavam. Teobaldo rondava as ruas próximas do imponente casarão da família, e a espada na mão esclarecia à perfeição quais eram as suas intenções e deixava claro que ele sabia muito bem dos encontros furtivos entre Romeu e sua prima.

Nada mais natural. Até esperado. Verona fervilhava de informantes que por uma moeda venderiam a mãe sem o menor remorso e mesmo se apressariam a entregá-la. As paredes tinham olhos e ouvidos e estariam à disposição de qualquer um que oferecesse o melhor preço pela mercadoria que vendiam.

Não era mais segredo, se é que fora algum dia, que se encontrava secretamente com Julieta havia dias. Um coração revigorado e mais angustiadamente ansioso por viver, amar e ser amado batia forte em seu peito, mais e mais aprisionado àqueles olhos calorosos e tão surpreendidos com a intensidade e quantidade estonteante de sentimentos que surgiam a cada nova troca de olhares entre ambos.

Julieta… Julieta… doce Julieta…

O nome da mulher amada desprendia-se delicadamente de seus lábios. A paixão incendiava as palavras que deambulavam confusamente em seus pensamentos. Gostaria de dizê-las e, mais do que isso, repeti-las incansavelmente. Impacientava-se com sua ausência. Enchia-se de dúvidas e temores…

Os boatos eram cada vez mais frequentes e davam como certo o casamento de Julieta com Páris. Dava-se como certeza que todos os preparativos para tão desejada união já haviam sido feitos e esperava-se apenas pela data mais oportuna para que as núpcias se tornassem realidade.

Nunca! Nunca! Nunca!

Romeu desesperava-se. Mataria Páris, dizia de si para si, enlouquecido de medo e paixão, enquanto a alma inquieta descia do alto dos muros para a incerteza perigosa das alamedas floridas do amplo jardim dos Capuletos.

Que fazer?

O que pensar?

Como se libertar de escravidão tão completa quanto deliciosa daqueles pensamentos que anteviam os encontros com Julieta naquelas horas roubadas aos planos ambiciosos dos Capuletos?

Pensava na umidade febricitante de seus lábios quando alcançados pelos dela. O odor embriagador dos cabelos que roçavam sua fronte. A excitação do corpo dela apertado contra o seu, lúbrico e apaixonado.

Amor enlouquece, insistia, indo e vindo pelas alamedas coleantes. Tolo é aquele que padece por amar demais...

Onde estaria?

O fato de seus encontros furtivos não serem mais segredo apenas o preocupava mais.

E se os pais a levaram para longe da cidade?

Seria o casamento com Páris realizado em outro lugar?

Sabia que a família dele era do Norte...

E se ela tivesse sido levada para lá?

Ah, Deus do céu, nem pensar!

Repentinamente, grande alívio, quase desmaiou ao ver uma das janelas à sua frente abrir-se e Julieta emergir da luminosidade de um quarto para a varanda deserta, os olhos em tensa expectativa, vasculhando a escuridão.

– ... Surja, claro sol, e mate a lua de inveja, já doente e pálida de desgosto, vendo que você, sua serva, é bem mais bonita do que ela! – Aproximou-se, coração pungente e as mãos trêmulas estendidas em sua direção, como se pudesse alcançá-la. – Ela é o meu amor!...

– Está louco, Romeu? – preocupou-se Julieta, debruçando-se na balaustrada da varanda. – Se Teobaldo e os outros o encontram aqui...

– Que importa Teobaldo ou qualquer pessoa de nome Capuleto? Tudo o que me importa neste mundo é você, Julieta.

– E o mesmo digo eu em relação a você. Tem horas que não sei o que fazer. Tem horas que penso em pedir que renegue seu nome...

– E eu provavelmente o faria de imediato.

– Não, não, de modo algum. Eu é que deveria deixar de ser uma Capuleto se você dissesse que me ama do fundo de seu coração…

– Outra bobagem!

– Somente seu nome é meu inimigo. Romeu você é e Romeu será até o último de seus dias, seja ou não um Montecchio. O que é Montecchio senão apenas um nome? O que chamamos de rosa, se tivesse outro nome, ainda assim exalaria o mesmo perfume tão agradável. Pois então? Da mesma forma, se seu nome não fosse Romeu, ainda assim você seria a mesma criatura gentil e carinhosa por quem me apaixonei…

– Se isso significar que estaremos juntos para todo o sempre, chame-me simplesmente “amor”, e me considerarei batizado. Daqui para diante, jamais serei Romeu.

– Estou com medo. Não sei o que dizer. Se um de meus parentes pegar você aqui, certamente o matarão.

– Pois acredite, minha doce donzela, mais perigos há em seus olhos do que em vinte espadas deles…

– Não quero que eles o encontrem…

– O manto da noite me protegerá.

– Ó gentil Romeu! Se você me ama, diga-o com sinceridade…

– Senhora, juro por essa lua que coroa de prata as copas dessas árvores…

– Não jure, não será necessário. Mas, se quiser jurar, que o faça em seu nome simplesmente, e eu acreditarei sem maior dificuldade.

– Pois que assim seja! Se o profundo amor de meu peito…

– Não, não jure. Que as coisas não se apressem demasiado entre nós, pois isso me aflige e me inquieta. Boa noite, Romeu…

– Mas, Julieta…

– Você se arrisca em demasia, e isso me preocupa.

– Eu… eu…

– Boa noite. Que tão doce e calmo repouso alcance seu coração, como o que bate forte dentro de meu peito!

– Por que quer me deixar assim tão insatisfeito, minha querida?

– Que satisfação poderia lhe dar nesta noite?

– Jure que me ama.

– Outra vez? Qual o propósito desse pedido?

Repentinamente, ouviu-se uma voz de dentro do quarto. Romeu reconheceu a voz da velha ama. Passos lentos aproximavam-se. Olharam-se, Julieta dizendo:

– Estão me chamando…

– Tem hora que penso estar sonhando e que nada disso é verdadeiro!

A voz da ama soava impaciente dentro do quarto, perpassada de apreensão e desconfiança.

– Já vou, ama querida… – prometeu Julieta, antes de virar-se para Romeu e dizer: – Querido Romeu, se seus pensamentos de amor são honestos e verdadeiros e você pretende realmente casar-se comigo, envie amanhã, por meio de uma pessoa que mandarei procurá-lo, um bilhete dizendo onde e a que hora você deseja que aconteça a cerimônia, e colocarei minha vida em suas mãos.

A ama se aproximava. A voz soava mais forte e, naquele instante, aflita.

Novamente os olhos de Julieta encontraram-se com os de Romeu.

– Mas, se outras e desonestas forem as suas intenções, eu lhe imploro…

A ama gritou:

– Senhora!

– Acabe com seus galanteios e me deixe só com a minha decepção. Amanhã mesmo mandarei alguém…

Romeu sorriu.

– Que assim seja, minha doce Julieta… – Despediu-se, alma alheia, por um instante e apenas por um instante que se espalhou pela eternidade comum ao desvario de uma grande paixão, os olhos ansiosos, fixos na varanda, como se Julieta fosse retornar e lhe fazer novas promessas de amor sincero. Coração oprimido por intensa ansiedade, os olhos cintilaram em poucas lágrimas de genuína e invencível paixão.

Coro

Coração extremado,
tomado por ódio insano
e sem explicação.
A honra e o bom nome humilhados
exigem sangue derramado.
Por quê?
Ninguém sabe,
vai-se saber?
Inimigos precisam de sangue
para manter e conservar
a própria inimizade,
um sentido espúrio
para a própria existência.

Capítulo 7

As olheiras profundas de aspecto desagradável traíam mais do que apenas as noites insones e os pensamentos ruins que deambulavam por sua mente inquieta. Linhas finas e avermelhadas de sangue serpenteavam por escleróticas amarelecidas, o branco dos olhos como que se diluía em raiva crescente e ódio a muito custo contido ao longo de dias e mais dias depois da ultrajante invasão da festa dos Capuletos por parte de Romeu e seus companheiros de farra.

Teobaldo era a mais completa imagem do inconformismo e da contrariedade. Dormia poucas horas ao longo da noite, e o alvorecer de dias sombrios invariavelmente o encontrava sonolento e irritadiço, disposto a brigar com qualquer um que cruzasse seu caminho. Entre uns poucos companheiros, maldizia o tio, que o impedira de correr no encalço de Romeu e sangrá-lo até que se sentisse vingado.

– Às favas as normas da hospitalidade! – urrava, inquieto, indo e vindo pelos dias que se seguiram à malfadada festa, como que possuído por mil demônios, desgrenhado e, em mais de uma ocasião, com a espada na mão. – Nenhum Montecchio zomba de um Capuleto e sai por Verona se gabando do feito!

Entrava e saía de tabernas e hospedarias fazendo ameaças, brandindo a espada e vociferando toda sorte de ameaças aos inimigos de longa data.

– Morte aos Montecchios! – era o mais frequente, e a ele se

juntavam outros tantos companheiros, muitos Capuletos como ele, boa parte deles apenas para agradá-lo ou para impedi-lo de se envolver em brigas com qualquer um que tivesse alguma relação, por menor e episódica que fosse, com seus inimigos.

As veias engrossavam em seu pescoço taurino, pulsantes de genuíno ódio, e, depois de duas semanas, era possível encontrá-lo espreitando próximo à casa dos Montecchios, esperando por Romeu. O ódio acumulou-se ainda mais e de maneira apreciável quando os boatos sobre Romeu e seu envolvimento com a prima Julieta chegaram aos seus ouvidos.

Teobaldo enlouqueceu.

Alma destroçada por grande vergonha, desvencilhou-se dos últimos temores acerca das consequências de burlar as leis instituídas pelos governantes de Verona e resolveu desafiar Romeu para um duelo. Pouco importava se fosse condenado à morte se Romeu morresse antes e por suas mãos. Novamente a cidade respeitaria a família Capuleto.

A carta partiu antes do alvorecer de uma manhã fria e chuvosa, mas infelizmente Romeu nunca a leu. De qualquer forma, a fúria de Teobaldo o alcançou com resultados devastadores para ambos.

Coro

Onde reside a boa intenção,
interessada em ajudar
ou mesmo aplacar
dor intensa ou sofrimento desnecessário,
muitas vezes encontramos o perigo involuntário,
a desgraça antes da solução.
Demasiado humano,
o engano nunca faz parte da equação
que busca somar o irreconciliável
com o inesperado e o improvável
das paixões humanas,
triste dízima periódica
constituída por números imaginários,
cujo resultado é quase sempre a incompreensão.
Não cabemos em números concretos,
mas decerto
somos mera ilusão.

Capítulo 8

Frei Lourenço marchava vagarosamente e sem pressa alguma pelos anos e, naqueles dias, contava pelo menos cinquenta e poucos anos quase inteiramente dedicados à vida monástica e à curiosidade comum aos homens obcecados pelo conhecimento. De pequena estatura e ralos cabelos grisalhos que escorriam pela cabeça abaulada a partir de uma pequena tonsura, os olhos pequenos e cinzentos praticamente desapareciam em sucessivas pregas de uma velhice inescapável, agravada pelos dedos retorcidos e artríticos.

– Bom dia, padre! – Romeu o encontrou quando ele retornava do pequeno jardim do qual cuidava zelosamente havia mais de vinte anos, desde que chegara ao convento nos arredores de Verona.

– Deus seja louvado, meu rapaz! – surpreendeu-se o religioso, devolvendo-lhe o sorriso, enquanto o recém-chegado retirava de seu braço o cesto que carregava uma mistura extremamente cheirosa de flores e legumes. – O que o fez pular da cama tão cedo? Na verdade, se meus velhos olhos não me traem, ouso dizer que não me parece que você tenha deitado em qualquer cama na noite passada…

– Pois é, padre…

– O que houve? Para vir de tão longe e a essa hora, imagino que esteja envolvido em outra de suas confusões e…

– É e não é.

– Como assim?

– Essa noite eu não dormi em uma cama.

– Mas este não é o motivo que o trouxe até aqui, estou certo? Se for, perdeu seu tempo. Minha cama, asseguro-lhe, é bem pior do que a sua ou do que qualquer uma em que até hoje você já tenha se deitado.

Gargalharam gostosamente. Romeu, por fim, admitiu:

– Não, eu não vim aqui por causa de sua cama…

– E por que veio então? Vai me contar?

– Na noite passada meu repouso foi bem mais doce.

– Pare! Pare, jovem pecador! Eu não estou interessado em ouvir sua confissão!

– Não é nada disso, padre…

– Esteve com Rosalina?

– Que Rosalina?

Frei Lourenço espantou-se.

– Ah, a leviandade da juventude… Não me diga que já a esqueceu! Logo você que ainda há poucos dias estava disposto a dispor da vida tão facilmente, cansado da indiferença dela…

– Não me recordo de tal nome e, muito menos, de tão grande despropósito.

– Ah, mas que notícia mais alvissareira. Mas então do que estamos falando?

– De quem, o senhor quer dizer…

– Tem outra ocupando seu coração?

– Sim, e o nome dela é Julieta.

– Excelente notícia, meu rapaz, excelente notícia!

– Eu a amo, e, agora sei, ela alimenta sentimento semelhante por mim. Estamos apaixonados…

– Nossa, que novidade!…

– Não, não, padre. Agora é verdadeiro o que sinto por ela…

– … e sem ela sua vida não tem sentido, eu sei.

– Não zombe de meus sentimentos, eu lhe suplico, pai. O que sinto é genuíno e por ele enfrento até o inimigo.

– Seja mais claro, filho…

– Meu coração pertence à filha do rico Capuleto, e desde ontem o dela me foi entregue com palavras maravilhosas e de enorme

sinceridade…

Frei Lourenço empalideceu e descuidou-se ao subir um pequeno lance de escada, quase despencando degraus abaixo.

– Deus seja louvado… – balbuciou, os olhos arregalados e fixos em Romeu. – O que você fez, Romeu?

– Pouco tenho a ver com o que não posso controlar, padre. Estamos apaixonados e por nosso amor dispostos a ignorar todo o resto, a começar pela rixa estúpida entre nossas famílias.

– Por São Francisco! Que está me dizendo? Já esqueceu a bela Rosalina?

– Não entendo. Está me condenando? Logo o senhor que criticava meus arroubos apaixonados e dizia que… que…

– Sei bem o que disse, meu filho, mas… mas…

– Mas o quê? Eu simplesmente enterrei aquele amor!

– Apenas para buscar outro túmulo para si mesmo.

– Que está dizendo, padre? Nunca me senti tão feliz. Encontrei alguém que me paga bondade com bondade e amor com amor, em tudo diferente da indiferença de Rosalina…

– Bem sei que, se tivesse juízo, deveria condená-lo e a esse seu novo amor…

– Por Deus, eu lhe imploro que não o faça, padre…

– Não, não o farei, pois vejo nele a possibilidade de pôr um fim definitivo na rixa entre suas famílias.

– Vai nos ajudar?

– Deus me condene e castigue se estiver fazendo a coisa errada, mas, sim, eu os ajudarei…

– Ao amor que se apresenta honesto e tão profundo quanto o nosso, tenho certeza, os céus só poderão abençoar. Quando, onde e como nos vimos, apaixonamo-nos e trocamos nossos votos de amor, eu prometo, contarei enquanto entramos. Por ora, nada mais peço além de que nos case ainda hoje.

– Absolutamente, Romeu, absolutamente!…

Coro

A que distância nos leva a paixão
antes que surja a compreensão
de que cada ato gera consequências,
e algumas podem ser perigosas demais?
Em contrapartida,
quão difícil é esperar encontrar bom senso
em um coração apaixonado?
Então, o que fazer?
Simplesmente esperar acontecer
como as coisas de amor acontecem
e tentar ajudar
aqueles que dele padecem
apenas esperando que não sofram demais
ou que estejamos errados
em tanta preocupação?
Ah, coração,
o que esperar
quando estamos em suas mãos?

Capítulo 9

Foi justamente Mercúcio, o mais aborrecido com o desaparecimento de Romeu, que o viu avançando, sorridente, na direção de ambos. Cutucando Benvólio, de pé a seu lado, pediu:

– Olhe quem está vindo aí.

– Já não era sem tempo – disse Benvólio, igualmente contrariado, porém bem mais controlado, acompanhando a aproximação de Romeu.

– Onde diabos terá dormido?

– Na casa do pai é que não foi, tenho certeza. Falei com um dos criados, e ele me disse que desde ontem não veem Romeu por lá.

– Essa Rosalina ainda vai enlouquecê-lo!

– Se esse fosse o único problema que o aflige…

– O que quer dizer?

– Teobaldo, um dos parentes de Capuleto, mandou-lhe uma carta.

– Um desafio?

– Ninguém sabe. No entanto, depois da farra que fizemos na festa do velho Capuleto, não acredito que alguém como ele se ocupasse em escrever uma carta apenas com desaforos.

– Que dilema, hem? Apunhalado pelos belos olhos negros de Rosalina ou espetado na ponta da espada de um Capuleto de cabeça quente…

Calaram-se quando Romeu achegou-se a ambos e, olhando para um e outro, brincou:

– Bom dia para ambos! Acaso ficaram chateados por eu os ter enganado?

Mercúcio fez um muxoxo de contrariedade, a cara amarrada e os olhos dardejantes fixos em Romeu.

– Imagine…

– Pode perdoar-me, bom Mercúcio? – indagou Romeu, conciliador. – Um assunto muito importante exigia a minha atenção, e eu esqueci-me inteiramente da cortesia devida a amigos tão estimados…

– A que nos leva a amizade, não é mesmo? Está perdoado!

– Você é a verdadeira flor da cortesia, Mercúcio.

– Melhor não exagerarmos nos elogios, está bem?

– Como quiser…

Benvólio colocou-se entre os dois e, virando-se para Romeu, indagou:

– Afinal de contas, onde você se enfiou, primo? Ficamos bem preocupados…

– Eu… – Romeu calou-se bruscamente, surpreso, ao reconhecer a ama de Julieta que dele se aproximava na companhia de um velho careca e magricela.

Ela o chamou de Pedro quando pediu:

– Meu leque.

Em seguida, virou-se para os três e os cumprimentou:

– Deus lhes dê um bom dia, cavalheiros.

Entrincheirada atrás do leque, como que a querer proteger-se da curiosidade dos que iam e vinham à sua volta, mediu a todos com os olhos opacos e por fim perguntou:

– Algum de vocês poderá me dizer onde posso encontrar o jovem Romeu?

– Acredito que esteja me procurando, senhora – admitiu Romeu.

– Se você é realmente aquele que procuro, senhor, tenho algo de muito importante a lhe dizer… – A ama lançou um rápido, porém significativo olhar, antes de concluir: – A sós.

Romeu concordou e, virando-se para Benvólio, disse:

– Vou ter com os dois daqui a pouco, primo.

Benvólio concordou com um aceno de cabeça e afastou-se, puxando Mercúcio pelo braço.

– Você pode falar agora sem nenhum constrangimento, senhora – disse Romeu, mais uma vez encarando a ama.

– A minha jovem senhora encarregou-me de procurar…

– Julieta? Aconteceu algo com ela?

– Nada, eu lhe asseguro…

– Então?

– Quanto ao que eu lhe direi, antes de mais nada eu gostaria de lhe assegurar que guardarei para mim. Antes disso, no entanto, eu gostaria que soubesse que, se pretende fazer minha menina de boba, sua atitude seria reprovável e indigna de um jovem de sua estirpe, principalmente por sabermos o quão igualmente jovem e inocente é a bela donzela a quem dediquei a melhor parte de minha existência.

– Pois eu lhe asseguro que nada semelhante me passou pela cabeça, e meu propósito para com ela são os mais sinceros e honestos possíveis.

– Que felicidade! Minha senhora será uma mulher feliz a seu lado, eu acredito!

– É o que desejo do fundo de minh'alma, eu lhe juro!

– Direi à minha menina que você fez um juramento, bom Romeu, o mais cavalheiresco que já tive a oportunidade de ouvir.

– Diga um pouco mais…

– O quê?

– Peça a ela que se valha de algum pretexto para ir esta tarde confessar-se e lá, na cela de frei Lourenço, ele se comprometeu a nos confessar e casar.

– Pode ficar tranquilo, senhor. Ela estará lá.

– Dentro de uma hora meu criado se encontrará com você e lhe levará cordas, que formarão a escada que me trará Julieta…

– Por favor, senhor, deixe que lhe diga…

– Que deseja, minha cara ama?

– Há outro cavalheiro na cidade, chamado Páris. Ele tem interesse em minha menina, mas ela certamente preferiria relacionar-se com um sapo, um sapo verdadeiro, a alimentar qualquer esperança no coração e na alma do tal cavalheiro. Eu mesma a deixei irritada em muitas

ocasiões ao dizer que Páris seria o homem de que ela necessita. Arrependo-me. Sinceramente, hoje me arrependo, pois Julieta só tem olhos para o senhor e seria deveras infeliz ao lado mesmo de um bom homem como Páris…

– Recomende-me à sua senhora, ama – pediu Romeu, despedindo-se da velha criada.

– Sim, mil vezes.

Coro

A lâmina afiada
clama,
angustiada,
pelo sangue derramado
que devolverá a honra ultrajada.
Olhos avermelhados
há muito não conciliam o sono
e, ferozes, entregam-se ao abandono
da espera angustiante,
Inalcançável instante
em que a paz retornará
ao coração ofendido.
Por quanto tempo
Teobaldo será capaz de esperar
e suportar a noite interminável
de tão profundo ódio?
Quem saberá?

Capítulo 10

Teobaldo o viu passar, distraído por pensamentos desconhecidos, uma ansiedade de sorrisos fáceis e grande animação traindo uma felicidade que apenas alimentou ainda mais o ódio que fazia seu coração bater mais apressadamente. Mesmo não sabendo exatamente o que se passava em sua cabeça, foi fácil supor que envolvesse Julieta.

Reconhecera a mulher que chegara escoltada por um dos criados da casa do tio Capuleto. Era a ama da prima. Certamente trouxera alguma mensagem de Julieta e retornava com uma de Romeu para ela, a explicação mais plausível para a felicidade que o odiado Montecchio não era capaz de esconder.

Os dedos estreitaram-se ferozmente em torno da espada que a custo conseguiu manter dentro da bainha. Com muita força. Tanta força que por fim os nós dos dedos esbranquiçaram-se.

Por que esperar?

Por que não o atacou ali mesmo, no meio da rua, em plena luz do dia e alcançável pelos olhos das pessoas que iam e vinham pela ampla avenida e pelas ruas e vielas que dela partiam em interminável e palpitante teia de vida?

O que poderia ser mais conveniente do que lavar o nome dos Capuletos com o sangue de um Montecchio diante de tantas testemunhas?

Não compreendeu a si mesmo. Continuou imóvel, entrincheirado

entre as mesas de uma taberna, vendo-o distanciar-se pela avenida, a irremovível alegria despreocupada no rosto, mente ocupada com sabe-se lá que pensamentos.

A precipitação poderia lhe custar caro e, nessas horas de paciente premeditação, entregava-se a arquitetar e abandonar planos para vingar-se de Romeu e ao mesmo tempo esquivar-se da severidade mortal das leis estipuladas por Escalo. Não pretendia morrer por sua vingança, mas, ao contrário, sobreviver para carregar por muito tempo na memória a lembrança de Romeu se esvaindo em sangue a seus pés.

– Respire fundo, Montecchio – disse, enquanto o via distanciar-se. – Encha seus pulmões com todo ar e felicidade que puder. Seus dias estão contados e não são muitos…

Seria mais uma noite sem dormir, os olhos estriados de vermelho, premonitórios e sedentos de sangue. Valeria a pena se, depois de tantos dias de espera, pudesse finalmente deitar-se com a certeza de que Romeu não o assombraria com seu atrevimento e que o bom nome dos Capuletos seria pronunciado mais uma vez com respeito e profunda reverência.

Coro

Quão belo e louco
é o amor que se faz grandioso
com tão pouco
quanto o olhar da pessoa amada.
Quão frágeis são as consequências
quando tudo o que importa
é o instante e a eloquência
de um amor que dispensa palavras,
que se satisfaz
com a simples presença
da pessoa amada.
Enquanto seu,
Julieta se faz Romeu,
e Romeu nada é sem Julieta,
uma coisa só,
quatro letras,
a mais singela definição
de eternidade,
felicidade,
amor.

Capítulo 11

O espaço era pequeno e fracamente iluminado por algumas velas espalhadas pela cela de frei Lourenço. Uma deferência aos jovens que esperava, mas acima de tudo a importância do evento que os traria àquele ambiente.

Romeu foi o primeiro a chegar. Ansioso, foi e voltou em mais de uma ocasião até a porta. Abriu e fechou, entre um ato e outro olhando pela extensão escura e labiríntica dos corredores que se perdiam silêncio adentro na abadia. Esfregou as mãos uma na outra. Sussurrou palavras incompreensíveis. Volta e meia se virava para frei Lourenço, que o acolhia com a mesma expressão tranquila, as mesmas palavras se seguindo ao sorriso que busca antes de mais nada acalmar Romeu:

– Ela está vindo, meu filho. Não se preocupe.

– Como posso, padre?

O sorriso quase sempre se alargava um pouco mais, e frei Lourenço argumentava:

– Ficar nervoso não vai trazê-la mais depressa…

– Ah, padre, o senhor não faz ideia de como estou me sentindo…

– E quanto a mim?

Romeu, surpreso, parou e, encarando-o, indagou:

– Como é?

– Pode imaginar como estou me sentindo ou mesmo compreender a

preocupação que tomou conta de minha alma desde que concordei em casá-los?

– Não se preocupe. Nada vai acontecer ao senhor…

– Mas não é comigo que estou preocupado.

– Não?

– Eu estou preocupado com os dois.

– Comigo e com Julieta?

– Pode dizer sinceramente que não tenho boas razões para tal? O futuro…

– O futuro não importa, padre. Vivemos no presente, e meu presente é Julieta. Sei que enfrentaremos muitas dificuldades, mas não tão insuperáveis quanto não termos um ao outro. Basta que eu possa chamá-la de minha e nem o tempo nem as muitas amarguras que possam cruzar nosso caminho serão suficientemente intransponíveis para nos fazer arrepender deste momento e desta decisão.

Frei Lourenço tinha uma expressão serena e ainda mais indulgente no rosto avermelhado e suarento quando o alcançou com outro de seus sorrisos e disse:

– Ah, a juventude é mesmo a idade de todas as paixões…

Calou-se bruscamente, tanto ele quanto Romeu, voltando-se para a porta que se abria, o rangido das dobradiças enferrujadas sobressaltando-os.

– Está chegando a dama! – disse, enquanto Julieta emergia da escuridão do corredor e era alcançada pela fraca e tremeluzente luminosidade das velas.

– Boa tarde a meu confessor espiritual – disse ela.

– Ah, finalmente… – gemeu Romeu, aliviado, agarrando-se às mãos dela e puxando-a para dentro. – Eu pensei que…

Frei Lourenço colocou-se entre ambos, atarantado, ao entrever a possibilidade preocupante e inconveniente do primeiro de muitos beijos e abraços, a paixão até mesmo fazendo os dois estremecer de pura ansiedade.

– Depois, depois… – repetiu. – Depois, posso lhes garantir, mas gostaria de estar bem distante. Os dois terão todo o tempo do mundo de dizer o quanto se amam. No momento, temos que aproveitar que estamos a sós e correr para a igreja a fim de realizar o casamento.

– Padre, o que pensa que somos? – indagou Julieta, constrangida.

– O pior dentre a grande variedade de seres humanos que conheci até hoje – frei Lourenço sorriu e acrescentou: – dois jovens apaixonados… Quer coisa mais perigosa neste mundo do que isso?

Saíram.

O casamento foi breve e no silêncio da abadia deserta, a testemunhá-lo os inúmeros bancos de madeira. O grande vazio encheu-se por instantes com as palavras esperançosas de frei Lourenço e pelo entusiasmo juvenil das palavras trocadas pelo casal de apaixonados.

– Sorriam os céus a esta sagrada cerimônia para que os tempos futuros não nos condenem com o pesar – recitou o religioso, a voz aqui e ali tolhida pela emoção, os sentimentos se misturando na voz fraca, muitas palavras se fazendo incompreensíveis diante da miríade de sentimentos que animavam e ao mesmo tempo o afligiam. – Que o frescor benfazejo deste amor tão singelo e profundo traga novos tempos, dias de paz e compreensão à vida das duas famílias as quais o ódio separa há tanto tempo, e neste momento eu uno em nome de Deus Todo-poderoso. Que Ele e apenas Ele julgue meu gesto com benevolência e proteja esses dois das inevitáveis consequências de tão grande amor…

– … que venham como quiserem as amarguras e mesmo assim e em momento algum serão capazes de contrabalançar o gozo que sinto, um só minuto, na presença de minha amada – disse Romeu, com lágrimas nos olhos. – Por favor, padre, junte nossas mãos com santas palavras e que então a morte, devoradora do amor, aja como quiser! A mim tudo terá valido a pena se eu puder chamá-la de minha…

– Amém, amém!… – gemeu Julieta, como que sem fôlego, até que seus lábios se encontraram com os de Romeu, e o silêncio encheu-se com toda a intensidade daquele amor.

– Santo Deus, tanto amor não pode ter outro destino que a felicidade… – declarou frei Lourenço, levantando os olhos para o alto, como se buscasse qualquer tipo de aprovação divina, uma certeza que nem ele mesmo, naquele instante, tinha, o que verdadeiramente o angustiava.

Coro

O que fazer?
Para onde ir?
Seria possível ter
ou encontrar
um recanto onde pudessem amar
em paz?
Pobre Romeu,
Triste Julieta.
Como pode ser seu
este amor que viceja,
frágil e sem abrigo,
no violento território inimigo
da incompreensão
e da violência?
Por quanto tempo sonhar
se se puder apenas contar
com o acaso
para amar e ser feliz?
Como viver tanto amor
entre a alegria e a dor,
a incerteza como companhia,
sabendo ou temendo
que a felicidade
acabe no dia seguinte?

Capítulo 12

O dia estava quente, verdadeiramente abrasador, e quem podia ou nada tinha a fazer nas ruas de Verona preferia a placidez modorrenta da sombra de uma árvore ou a tepidez mais amena de varandas, ou até mesmo a proteção de suas casas. Poucos iam e vinham, entregavam-se a qualquer atividade, e o calor se desprendia do calçamento de ruas e becos em emanações causticantes, que por vezes conferiam um ar irreal a tudo e todos. Era fácil imaginar que os desafortunados ou desocupados que se viam pela cidade, fustigados pelo sol forte, volta e meia deixassem à mostra o pior de sua natureza, nervos à flor da pele e até mais propensão à violência. Benvólio facilmente poderia ser apresentado como um desses homens que, àquelas horas, contrariado, buscava algum lugar onde se refugiar ou pelo menos esperar o entardecer sem tanta irritação.

– Por Deus, Mercúcio, este sol está me matando! – resmungou. – Mais uma hora neste inferno e, se eu não encontrar, vou procurar um Capuleto para brigar!

– Ferve o sangue do guerreiro tanto assim? – zombou Mercúcio, os dois acompanhados por um pequeno grupo de criados e pajens. – Está procurando briga?

– Estou enlouquecendo de calor…

– Está buscando um pretexto para seu sangue quente, meu amigo. Vamos, admita de uma vez: por que culpar o pobre sol que nos

incendeia até a alma se é sabido que você tem o sangue quente e se enfurece facilmente, mesmo quando não é provocado?

– Ah, é?

– Não é verdade? Se houvesse aqui dois de você, logo teríamos apenas um, pois um teria matado o outro. Você vive procurando briga por aí.

– Ora! Veja só! O roto falando do esfarrapado!...

– Do que está falando, biltre?

– E do que mais seria? Você tem o mesmo gosto, meu bom amigo. Adora uma briga tanto ou mais do que eu... – Benvólio calou-se bruscamente, os olhos apertados, fixos em algum ponto às costas do companheiro de farras.

– O que foi? – perguntou Mercúcio, virando-se.

– E o que mais poderia ser? Os Capuletos estão vindo aí!

Teobaldo avançava à frente de um grupo de cavalheiros e apressou-se em se colocar à dianteira dos dois ao perceber que ambos se preparavam para se afastar.

– Boa tarde, cavalheiros – disse. – Se não for nenhum inconveniente, gostaria de trocar algumas palavras com os dois...

Mercúcio e Benvólio se entreolharam, e foi o primeiro que respondeu, dizendo:

– Nada temos a falar com você, Capuleto!

– Sabem onde encontro Romeu?

Benvólio olhou para Mercúcio, que olhou para ele e, um pouco depois, os dois olharam em torno de ambos, antes de se virarem para Teobaldo. Benvólio perguntou:

– Acaso está vendo Romeu entre nós?

– Não, mas estou certo de que um dos dois pode me dizer onde o encontrar.

– Pois então sabe mais do que nós. Nem eu nem meus amigos aqui temos a menor ideia de por onde anda aquele traste.

Teobaldo sorriu debochadamente.

– Que tolo sou, não é mesmo? – disse. – É fácil imaginar que eu não teria nenhuma resposta honrada de qualquer um que está mancomunado com um Montecchio...

– Mancomunado? – irritou-se Benvólio. – Pena que estamos em

lugar público e bem frequentado. Se estivéssemos em lugar mais ermo, eu prazerosamente lhe mostraria quem está mancomunado com quem, grande paspalhão!

– Gostaria de ver… – Teobaldo agarrou-se à empunhadura de sua espada e a desembainhava, achegando-se a Benvólio, quando parou, os olhos desviando-se dele para uma esquina próxima, onde avistou Romeu. – Felizmente aquele que procuro está vindo aí.

Virando-lhe as costas, marchou ao encontro de Romeu, desembainhando a espada e rugindo:

– Você é um covarde, Romeu Montecchio!

Romeu lançou-lhe um olhar de indiferença e continuou andando.

– Teobaldo, hoje tenho razões para ignorar a violência de suas palavras e somente por isso fingirei que nada ouvi – disse Romeu. – Não sou um covarde, e somente alguém que não me conhece me ofenderia dessa maneira.

– Não vai se livrar tão facilmente de mim, Montecchio – Teobaldo foi em seu encalço. – Vire-se e desembainhe sua espada!

– Mal o conheço, Teobaldo, e por isso não faço ideia de por que você me injuria dessa maneira. De todo modo, tenho fortes razões para lhe dedicar afeto, e, logo que as conheça, também me dedicará igual afeto.

– Nunca!

Romeu continuou caminhando, mesmo percebendo cada vez mais a proximidade de Teobaldo. Um ou outro olhar mais apressado e percebeu que ele desembainhara quase inteiramente a espada e, se o quisesse, poderia golpeá-lo. Apesar disso, Romeu abandonou as mãos ao longo do corpo e em nenhum momento pensou em apossar-se da sua para defender-se de qualquer eventual ataque. Tinha Julieta em seus pensamentos e a firme determinação de não a magoar ou decepcionar, mesmo que tal gesto significasse ser agredido por um dos parentes enfurecidos dela.

Teobaldo estava inteiramente fora de si. Os olhos vermelhos e rodeados por olheiras cinzentas de aspecto desagradável dardejavam um ódio assombroso. O risco era enorme e real. Por vezes, Romeu acreditou que ele finalmente desembainharia a espada e a cravaria em suas costas. Pior, verdadeiramente tão assustador quanto Teobaldo

eram seus companheiros, Benvólio e Mercúcio, preocupando-se, entreolhando-se e temendo pela vida dele.

E se um deles finalmente perdesse a paciência ou acreditasse que Teobaldo o mataria?

Os dois eram homens de sangue quente e naturalmente irritadiços. O calor insuportável, o temor pela vida de Romeu, tudo poderia contribuir para que em dado momento um deles ou mesmo os dois se lançassem sobre Teobaldo.

Os olhos de Romeu iam nervosamente dos amigos para Teobaldo em seu encalço e voltavam para os amigos em um vaivém atordoante e desesperador, como se antevisse o que por fim aconteceu no momento em que Mercúcio puxou a espada e gritou:

– Teobaldo, seu caça-ratos, que tal darmos uma volta?

Teobaldo parou e alcançou-o com um olhar oblíquo e desafiador:

– O que você deseja de mim?

– Nada, apenas uma de suas nove vidas, com a qual farei o que bem entender e depois a usarei para espancar as outras oito. Quer puxar sua espada, por obséquio?

Teobaldo virou-se para ele e, com a espada em riste, afirmou:

– Estou ao seu dispor.

Romeu, alarmado, a meio caminho entre um e outro, virou-se para o amigo e gritou:

– Guarde sua espada, Mercúcio! Vamos, guarde!

Foi ignorado, e no momento seguinte os dois se lançaram um sobre outro, entregando-se a uma furiosa troca de golpes que os levou de um extremo a outro da rua, golpe sobre golpe, a luta se fazendo tão feroz e renhida que de vez em quando descambava para uma luta corporal, os dois se engalfinhando e rolando pelo chão.

Depois de correr de um lado para o outro em torno de ambos, esforçando-se para separá-los, o que em pelo menos uma ocasião quase o levou a ser atingido pela espada de Mercúcio, Romeu achegou-se a Benvólio e pediu:

– Tire sua espada e me ajude a desarmá-los, primo! O príncipe proibiu combates nas ruas de Verona, e, se as tropas do palácio chegarem aqui, esses dois podem ser presos e enforcados!

Benvólio e alguns outros cavalheiros concordaram e já se

aproximavam dos combatentes quando Mercúcio, atingido mortalmente no peito, recuou, deixando a espada cair e esforçando-se para deter o sangue que jorrava aos borbotões por entre os dedos.

– Maldito Teobaldo! Malditas as famílias! – gritou, estatelando-se na rua, os olhos esbugalhados procurando em torno de si o adversário e o vendo distanciar-se entre outros homens que o escoltavam e brandiam as espadas, procurando manter uns poucos perseguidores a distância. – Ele também está ferido? Ele também está ferido?

– Coragem, meu amigo! O ferimento não é grave... – mentiu Romeu, amparando-o.

Mercúcio sorriu com desdém.

– Você mente muito mal, Romeu... – disse. – O ferimento não é grave, mas é o suficiente para me mandar para o cemitério. Raios, homem, por que diabos você se colocou entre nós? Fui ferido por baixo de seu braço.

– Não foi a minha intenção. Queria que parassem de brigar...

– Benvólio! Benvólio! – gritou Mercúcio, debatendo-se no chão, esforçando-se para se levantar, os olhos deambulando em torno de si mesmo, como que buscando o amigo que chamava desesperadamente. – Tire-me daqui! Leve-me para um bom lugar!...

Foi atendido. Romeu, desorientado, ia de um lado para o outro, gritando:

– Alguém entre vocês, por favor, vá ao príncipe e diga-lhe que meu amigo ganhou essa ferida mortal para defender minha causa e em razão disso minha honra está manchada! Teobaldo, que eu tinha ainda agora como meu primo, manchou minha honra!

Imediatamente, pensou em Julieta, e por um instante, um quase imperceptível instante, culpou-a. Não a amasse tanto e certamente teria se batido com Teobaldo, e Mercúcio não se veria na obrigação de desafiá-lo para preservar sua honra.

Benvólio o livrou de tais comiserações quando retornou, atarantado e lívido como se houvesse visto um fantasma. Infelizmente era algo ainda pior.

– Mercúcio está morto, Romeu – informou, tão grande indignação e dor escorrendo-lhe pelo rosto em lágrimas abundantes e doloridas.

– Não posso devolver-lhe a vida, primo – disse Romeu ao ver que

Teobaldo voltava e se aproximava em rápidas passadas, o mesmo ódio de antes visível na vermelhidão ensandecida do rosto brilhante de suor –, mas pelo menos posso aliviar um pouco o grande peso que carrego em minha consciência…

Não houve palavras. Nenhum xingamento. Nenhuma ameaça. Desnecessário. Nem os costumeiros pretextos de antigas e irreconciliáveis desavenças passadas foram invocados. Naquele instante em que um correu ao encontro do outro, apenas o desejo ardente de matarem-se corria, veloz e homicida, em suas veias.

O círculo silencioso de homens abriu-se para que os dois se lançassem feito feras sedentas de sangue, o silêncio quebrado pela violência cega dos golpes que se multiplicavam velozmente. Estocadas varavam o vazio. O aço frio cortava o ar. As lâminas refletiam o sol forte do meio-dia e por vezes davam a impressão de lançar fagulhas temerárias em todas as direções quando se chocavam. Corpos suados exibiam-se na coreografia apavorante da morte, que rondava cada golpe dado e da qual se esquivavam com o vigor animalesco de uma juventude arrojada a tais arroubos de beligerância absurda por razões que não compreendiam ou mesmo desconheciam. A vontade de viver contraditoriamente não os afastava, mas, ao contrário, lançavam-nos mais e mais àquela violência feita de surpreendente habilidade com as espadas. Guerreiros formidáveis, inimigos temerários.

Com a respiração ofegante, ora um, ora outro marchava com a espada em riste, rompendo, mais do que com um golpe, a garantia de mais alguns segundos de sobrevivência. "A fundo! A fundo!", gritavam os partidários de um e de outro, quando seu favorito alongava o braço e as pernas o empurravam para a frente. Transformados em flechas mortais, um tentava se aproveitar de um tropeção e mesmo da queda do outro para surpreendê-lo e finalizar o combate com um golpe mortífero. Por fim, o circular jogo de braços e pernas encerrou-se de forma abrupta e, como esperado, sangrenta, no instante em que a ponta da espada de Romeu cravou-se no peito de Teobaldo, exatamente no mesmo ponto em que este ferira mortalmente Mercúcio.

– Fuja, Romeu! – gritou Benvólio, alarmado. – Teobaldo está morto, e estão dizendo que o príncipe e sua guarda se encaminham para cá!

Não fique aí parado! Fuja, pois ele certamente o condenará à morte! Fuja!

Romeu não se moveu. Ofegante e profundamente abatido, continuou de pé diante do cadáver do adversário, o sangue ainda escorrendo pela lâmina reluzente. Nem dor e muito menos satisfação, mas apenas uma tristeza inesperada, surpreendente, era possível ser vista em seu rosto suado.

– Fuja, Romeu! – insistiu Benvólio, os olhos indo de modo repetido e angustiado em todas as direções, o vozerio de uma multidão que se aproximava misturando-se com o estalar de seus passos no calçamento.

A confusão era enorme, e entre muitos se viam Capuletos e Montecchios misturados a outros tantos e por estes separados, as vozes se elevando tão grandiosa e confusamente que as indagações do primeiro dos dois magistrados que chegaram ao local mal foram ouvidas, obrigando-o a se aproximar de Romeu e, aos gritos, questionar:

– Para que lado fugiu o matador de Mercúcio?

Olhando desorientadamente de um lado para o outro, o segundo magistrado acrescentou:

– Sabe onde está Teobaldo?

Benvólio apontou para o cadáver estirado aos pés de Romeu e respondeu:

– Ele está ali, cidadão!

Os dois se postaram diante de Romeu. Chamaram-no uma, duas e por outras vezes, até que na última delas o tom de voz já impaciente e ameaçador se revelou. Romeu os encarou piscando nervosamente, traindo uma certa indiferença ou incompreensão.

– Em nome do príncipe, eu o acuso… – O magistrado calou-se repentinamente diante da aproximação do príncipe a um numeroso séquito formado por pelo menos duas dezenas de soldados com as espadas nas mãos e um contingente ainda maior de alabardeiros que abria caminho aos empurrões através da multidão.

Escalo, carrancudo, alcançou a todos com seus estreitos olhos cinzentos e indagou:

– Onde estão aqueles que começaram essa briga?

Um intimidante silêncio pairou sobre todos, os olhares sendo trocados receosamente entre os que aparentavam se acumpliciar na proteção do assassino procurado.

– Calam-se? – insistiu o príncipe. – Será que terei que levar todos para a prisão? Vamos, falem, eu lhes ordeno!

Benvólio, por fim, achegou-se a Romeu e ao cadáver de Teobaldo e informou:

– Nobre príncipe, o jovem Capuleto matou Mercúcio, e Romeu o matou…

Aos gritos, visivelmente desesperada, a senhora Capuleto varou a multidão e, voltando-se para Escalo, suplicou:

– Príncipe, ó meu amado príncipe, se o senhor é justo, por nosso sangue aqui derramado de maneira tão cruel, derrame o sangue de Montecchio!

Impertubável, Escalo mais uma vez voltou-se para Benvólio e indagou:

– Quem começou essa matança?

– Foi Teobaldo, meu príncipe – respondeu Benvólio. – Ele ofendeu Romeu, que, apesar disso, tratou-o com cortesia e buscou fugir ao combate em respeito à lei decretada recentemente por Sua Alteza. Como Teobaldo insistia nas ofensas e na luta inútil e Romeu aparentemente não tinha intenção de bater-se com ele, Mercúcio intercedeu. Em troca de sua ponderação, Teobaldo, que estava absolutamente enfurecido, matou-o com sua espada depois de uma rápida disputa à qual Romeu tentou dar fim, lembrando a ambos de sua lei.

– Mentira! – rugiu um dos partidários dos Capuletos, no meio da multidão. – Cortem a língua vil e mentirosa! Maldito Montecchio!

Escalo gesticulou para que se calassem e, virando-se mais uma vez para Benvólio, insistiu:

– Continue!

– Teobaldo chegou a fugir depois de matar Mercúcio, mas, por razões incompreensíveis, retornou e se lançou sobre Romeu, que não teve alternativa a não ser defender-se, o que resultou na morte de Teobaldo em um combate justo e, na minha opinião, justificado.

– Ele é um Montecchio, meu príncipe! – gritou a senhora Capuleto,

desesperada. – Esperar verdade de sua língua mentirosa é esperar demais! Ele certamente mentirá para salvar a vida de seu parente! Não o ouça, por Deus, eu lhe suplico, não lhe dê ouvidos!

– Certamente, minha senhora – concordou o príncipe, gesticulando para que ela se acalmasse. – Mas Teobaldo matou Mercúcio, e Romeu matou Teobaldo. Quem pagará pelo sangue derramado desses dois homens? A quem devo condenar?

O velho Montecchio aproximou-se de Escalo e, depois de olhar rapidamente para o filho, disse:

– Romeu era amigo de Mercúcio. A culpa dele foi acabar com o que sua lei deveria cortar, que seria a vida de Teobaldo…

– Absurdo! – protestou a senhora Capuleto, indignada. – Desde a promulgação de sua sábia lei, a nenhum de nós é dado o privilégio de fazer justiça com as próprias mãos e muito menos sair impune depois de matar outrem.

Escalo levantou a mão espalmada e ordenou:

– Cale-se, eu lhe peço, senhora! Certamente compreendo sua dor e, em certa medida, partilho dela. Todavia, também não posso ficar cego às excepcionalidades do presente caso…

Chamou Romeu, que se virou para encará-lo.

– Sinto-me ofendido por você ter tomado para si uma responsabilidade que a mim cabe. Fossem outras as circunstâncias, eu mesmo me incumbiria de justiçá-lo de imediato – disse Escalo. – Mas compreendo o que se passou e, se não o condenarei à morte, também não posso deixar que saia absolutamente impune dessa querela. Portanto, imediatamente nós o exilamos daqui para sempre. Saia daqui o mais depressa possível e, se algum dia for descoberto em Verona, será essa a sua última hora!

Ao ver que a senhora Capuleto, inconformada, fazia menção de protestar, ergueu a mão e concluiu:

– Quanto aos seus ódios, asseguro-lhes que eu os acompanho com interesse, e meu sangue corre mais depressa nas veias sempre que me vejo obrigado a lidar com tal situação. Portanto, afirmo que me cansei dessa situação e lhes imporei um castigo tão duro que todos vocês lastimarão amargamente. Acreditem, ficarei surdo a todo apelo ou desculpa. Nem lágrimas e muito menos queixumes me comoverão, de

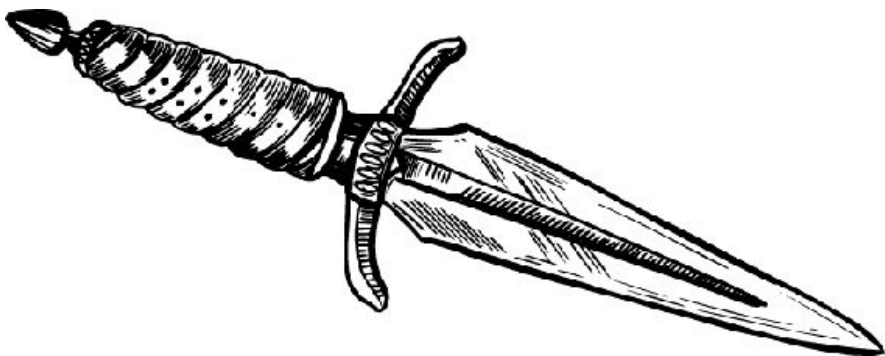
modo que me poupem de ouvi-los…

Vendo que Romeu não se movia, irritou-se:

– Saia, Romeu, eu já lhe ordenei! A clemência seria assassina se perdoasse aos que matam!

Benvólio achegou-se a Romeu e, apreensivo, puxou-o pelo braço, os dois desaparecendo rapidamente em uma ruela próxima.

Coro

Para onde ir?
Por que fugir
se pouco importa a vida
sem amor?
O banimento
não é o maior castigo
para um homem, cujo verdadeiro sofrimento
será sempre estar ao desabrigo
do coração
da mulher amada.
De que serve a vida
a não ser como amarga condenação
em que o pior não é a solidão,
mas a companhia frequente
de lembranças mui queridas
de uma paixão
jamais esquecida?

Capítulo 13

Mal a porta se abriu, frei Lourenço entrou. Romeu atirou-se sobre ele com ansiedade.

– E Julieta?

– Lamento, filho, mas não tenho nenhuma notícia dela – informou o religioso, acrescentando: – E da mesma maneira não trago boas notícias…

– E o que mais poderia ter acontecido?

– Trago notícias da sentença do príncipe.

– Ele mudou de ideia e estou condenado à morte?

– Não, não. A pena foi mais branda. O corpo não morrerá, mas foi banido…

– Ele já havia dito que…

– … em termos permanentes.

– Quer dizer que não poderei voltar a Verona?

– Receio que sim. Tenha paciência, pois o mundo é vasto e…

– Não me preocupo com a possibilidade de nunca mais voltar a Verona. O que realmente me incomoda é ficar longe de Julieta ou mesmo sem ela.

– O príncipe legislou a seu favor, meu filho, e por causa disso distorceu a lei para favorecê-lo…

– Mas o banimento não foi favor algum, padre, mas antes doloroso

suplício. Morrerei aos poucos se tiver de partir sem Julieta.

– Ouça-me, por favor, Romeu. Só por um momento…

– O quê? Tornará a me falar da benignidade que existe no coração do príncipe? Não quero ouvir! Nada me importa sem Julieta!

– Oh, bom Deus, então é verdade que os loucos e os apaixonados não têm ouvidos?

– Se estivesse tão apaixonado quanto eu estou…

– Ah, quanta injustiça!

– Se é verdade que os loucos não têm ouvidos, os mansos não têm ouvidos…

– Permita-me aconselhá-lo sobre seu estado…

– Lamento, padre, mas como pode me aconselhar sobre algo que nunca experimentou? Se tivesse se casado há menos de uma hora, se tivesse matado alguém como o fiz com Teobaldo, e se tivesse sido banido por isso, e consequentemente se descabelasse e quase enlouquecesse a ponto de já estar se preparando para tomar as medidas para a própria tumba, aí talvez eu ouvisse e até aceitasse qualquer conselho que o senhor pudesse me dar…

Romeu calou-se, surpreso, ao ouvir o estrondo de algumas batidas na entrada da igreja soar do outro lado da porta da cela.

Frei Lourenço sobressaltou-se:

– Estão batendo à porta! Por Deus, Romeu, esconda-se!

– A troco de quê? Morrer aqui ou lá fora, agora ou mais tarde, tanto faz…

– Faça o que lhe peço, Romeu! – suplicou o religioso, abrindo a porta e saindo. Desceu pelo corredor e, atravessando a sacristia, alcançou a entrada principal da abadia. Abrindo um dos lados, surpreendeu-se ao se deparar com a ama de Julieta que, nervosa, se apressou em entrar. – O que houve, minha filha?

– Venho da parte da senhora Julieta, padre – respondeu a recém-chegada. – Diga-me, santo padre: sabe onde está o marido de minha senhora? Onde está Romeu?

– Lá dentro, afogando-se na raiva e nas lágrimas de um inconformismo dos mais infantis.

– Está no mesmo estado de minha senhora! Igualzinho, igualzinho!

– Triste semelhança!

Frei Lourenço a conduziu pela abadia e rapidamente alcançaram a cela, na qual entraram apressadamente. Romeu preocupou-se ao vê-la.

– O que faz aqui, senhora? – perguntou. – Fale de Julieta. Como ela está?

– Ah, senhor, chorando e gemendo, chorando e gemendo… – respondeu a ama, aflita. – Então a morte é o fim de tudo, até do amor?

– Deus meu, espero que não!

– Ah, pobrezinha!…

– O que houve? Como está ela? O que diz sobre os últimos acontecimentos? Certamente já deve ter sido informada da morte de Teobaldo…

– Ela está muito confusa, senhor. Chora, chora e não faz outra coisa a não ser chorar. Às vezes chama por Teobaldo, que era muito querido por todos, mas no momento seguinte seu nome não lhe sai dos lábios… Quanta confusão, pobrezinha!…

– Meu Deus, o que faço, padre?

– Seja o homem e o companheiro de que sua amada precisa neste momento, filho.

– Como posso?

– Vá procurar seu amor como estava decidido. Suba ao quarto dela e console-a como ela deve e precisa ser consolada. No entanto, previna-se e não fique em demasia, pois então não poderá partir para Mântua, onde deverá permanecer até o momento mais propício para que possa tornar público seu casamento, reconciliar suas famílias, conseguindo, assim, o perdão do príncipe e, consequentemente, a possibilidade de viverem felizes o grande amor de ambos. – Frei Lourenço voltou-se para a ama e a orientou: – Vá na frente, minha filha, e oriente sua senhora para que se prepare para receber a visita do marido. Peça que ela durma mais cedo, o que, penso, não será difícil, dada a tristeza geral por causa da morte de Teobaldo, e espere por Romeu.

Ela concordou com repetidos acenos de cabeça e, sentindo-se aliviada, disse para o religioso:

– Obrigado por seus belos conselhos, padre!

Olhou para Romeu:

– Não se preocupe. Direi à minha menina que o senhor irá hoje à

noite.

– Sim, e diga-lhe que estarei preparado para me submeter docilmente a todas as recriminações que ela queira fazer…

Ela entregou-lhe um anel e concluiu:

– A senhora pediu que lhe desse este anel…

Romeu o pegou e, ajeitando-o no anular, confessou:

– Como isso conforta meu espírito…

Frei Lourenço passou o braço sobre os ombros de Romeu e o conduziu para a porta da cela, dizendo:

– Vá logo e boa noite, meu filho. Disto depende toda a sua vida, eu não tenho dúvida. Fique em Mântua e não se preocupe. De tempos em tempos procurarei seu criado e enviarei notícias que possam interessar a você.

Coro

A juventude é a idade de todas as paixões
e talvez,
por causa disso,
território fértil para todas as incompreensões,
principalmente por parte daqueles
que, com a melhor das intenções,
pensam proteger
ao escolher
caminhos e direções
para aqueles que amam.
Ah, quanto erros cometemos
até que compreendemos
que amar também é permitir,
deixar que se vão
aqueles que pertencem a si mesmos?

Capítulo 14

Romeu a beijou demoradamente. Por instantes, nada mais importou. Os problemas deixaram de existir. Apenas aquele beijo e nada além dele importou para ambos. A sós na varanda do quarto de Julieta, um beijo e mais outro, o silêncio cúmplice da noite alimentando o desejo incontrolável de não se separar.

– Quer realmente ir embora? – questionou ela, afastando-se, mas ainda assim prisioneira dos braços dele.

– Tenho que ir – disse Romeu.

– O dia ainda não está próximo…

– Preciso partir e viver, ou ficar e morrer, meu amor…

– Eu lhe pediria isso…

– Pois peça. Peça e que se danem as consequências! Que me prendam, que me condenem à morte. Peça, e eu fico sem me preocupar com mais nada que não seja a sua felicidade. Você sabe que meu desejo de ficar é infinitamente maior do que minha vontade de partir…

– Eu jamais lhe pediria isso, Romeu. Amo-o demais para pôr em risco sua vida por um capricho de minha parte. Mântua não é tão distante assim e…

Julieta calou-se, assustada, desvencilhando-se dos braços de Romeu ao ouvir que a chamavam e, no momento seguinte, que a velha ama se

aproximava, pálida como um fantasma, vinda de dentro do quarto.

– O que foi, ama? – perguntou.

– Sua mãe está vindo para cá – informou a criada. – Despeça-se de seu marido e prepare-se.

O casal entreolhou-se, preocupado. Julieta insistiu:

– Preparar-me para o quê?

– Por favor, por favor, não há tempo! Ela não tarda a entrar por aquela porta. – A criada virou-se para Romeu e implorou: – Por favor, senhor, seja sensato e vá logo!

– Adeus, adeus! – despediu-se Romeu, beijando Julieta e agilmente descendo da varanda para a escuridão dos jardins que ocupavam um amplo terreno nos fundos do grande palacete dos Capuletos.

Quase ao mesmo tempo, a porta do quarto se abriu, e a senhora Capuleto entrou.

– O que foi, minha mãe? – indagou Julieta, buscando aparentar tranquilidade. – Está sem sono?

– Eu ia lhe fazer justamente essa pergunta, minha filha – replicou a senhora Capuleto, olhando por sobre o ombro de Julieta, com desconfiança.

– Ainda não consegui conciliar o sono depois dos tristes acontecimentos desta tarde. Teobaldo…

– Sei como deve estar se sentindo. Vocês eram muito amigos…

– Teobaldo era uma criatura maravilhosa – disse Julieta. – Um pouco esquentado, mas…

– Realmente.

– É por causa das lembranças de Teobaldo que a senhora está aqui?

– Também…

– E tem mais alguma coisa? Algo tão importante que não pode esperar até amanhã? E o que seria, posso saber? Deve ser importante…

– Muito.

– Pois então fale de uma vez. Não é outra desgraça, é?

– Não, não. De maneira alguma. No devido tempo saberemos vingar a morte de seu saudoso primo, e esse infame assassino Montecchio estará lhe fazendo companhia. Aliás, não demorará muito…

– Não? Como sabe?

– Temos bons amigos, como você sabe, e um deles em breve estará a caminho de Mântua para dar àquele maldito desterrado tão estranha bebida que rapidamente ele fará companhia a Teobaldo...

– Que bela notícia, minha mãe. Quisera eu executar tal vingança com minhas próprias mãos...

– Não podemos ter tudo o que queremos na vida, minha filha. Mas agora mudemos de assunto, pois tenho notícias mais alegres para lhe dar.

– Deus sabe como preciso de boas notícias, minha mãe. Quais são?

– Na verdade, trata-se apenas de uma, mas das mais encantadoras.

– Por favor, mamãe, não me faça esperar. Diga logo do que se trata.

– Como sabe, você tem um pai diligente e dos mais previdentes, e há tempos ele anda preocupado com seu futuro...

– Eu não poderia ter pai melhor...

– Folgo em saber que o tem em tão alta conta, pois os últimos acontecimentos o levaram a finalmente tomar uma decisão que há meses vinha adiando, preocupado com a sua pouca idade. Ele está interessado em sua felicidade e, por causa disso, resolveu-se a escolher um dia em que, como acredita, ela será plena o bastante para apagar de sua mente a lembrança deste momento tão infeliz que atravessamos...

– E o que de tão importante acontecerá nesse dia que ele escolheu, minha mãe?

– Na próxima quinta-feira, minha doce filha, o galante, jovem e nobilíssimo conde de Páris a tomará na igreja de São Pedro como sua esposa.

A decepção rivalizava com uma enorme e crescente contrariedade no rosto de Julieta quando ela indagou:

– Era essa a boa notícia?

– Não está satisfeita, minha filha?

– Infelizmente, não, minha mãe. Na verdade, estou bem contrariada...

– Por quê?

– Bom, pela igreja de São Pedro e pelo próprio São Pedro, homem algum e muito menos um que desconheço por completo me fará uma

feliz esposa. Surpreendo-me que meu pai tenha resolvido me casar com alguém que pouco vi e que nem sequer me fez a corte. Que pressa é essa? Acaso cometi algum ato abominável que somente um casamento às pressas será capaz de me proteger do opróbio e da condenação pública? Diga-me que crime foi este, pois o desconheço por completo…

– Mas, Julieta…

– Será que a senhora poderia informar a meu pai que ainda não quero me casar e que, se o fizer, será com Romeu Montecchio, a quem, como a senhora, odeio do fundo de minh'alma, mas nunca com Páris.

– Diga você mesma a seu pai, que está vindo aí, e vejamos como ele reage a…

A senhora Capuleto calou-se e virou-se para a porta do quarto, surpresa, no instante em que ela se abriu para que o marido entrasse.

– Reage a quê? – indagou ele, olhando para uma e para outra. – Que caras são essas? O que está acontecendo?

– Por que não pergunta à sua filha?

Capuleto virou-se para Julieta.

– Estarão meus olhos me enganando ou percebo que você não aprovou a minha determinação? Não está agradecida por termos lhe conseguido um bom esposo? Não se sente abençoada? Deveria estar orgulhosa por termos feito tão belo arranjo matrimonial…

– Orgulhosa? Eu? Agradecida talvez seja a melhor palavra.

– Escolheu melhores palavras…

– Na verdade, nunca serei capaz de orgulhar-me daquilo que odeio, mas saberei agradecer até por receber aquilo que odeio, quando a intenção é gentil e o amor é o grande objetivo.

– Como? Que conversa é essa? Está menosprezando meus esforços, sua atrevida? Não aceitarei tal desaforo, e saiba desde já que é melhor começar a se preparar, nem que eu tenha de arrastar você até a igreja de São Pedro. Cale-se, sua libertina!

Surpresa e alarmada, a senhora Capuleto indagou:

– "Cale-se?" Que modos são esses, meu marido? Ficou louco?

Capuleto mais uma vez voltou-se para Julieta e, dedo em riste, ameaçou:

– Não quer se casar com aquele que escolhi em boa-fé e com grande preocupação? Pois então não se case. Eu não a obrigarei. No entanto, saiba de antemão que irá viver onde quiser, pois em minha casa não colocará mais os pés! Pense bem, pois você sabe muito bem que não sou homem dado a brincadeiras ou a fazer promessas em vão. Quinta-feira está próxima. Reflita bem e faça sua escolha, pois a minha já está feita, e eu não voltarei atrás no que disse.

Depois de acompanhá-lo com os olhos e vê-lo sair, Julieta virou-se para a mãe e indagou:

– E a senhora, o que diz?

– Nada mais tenho a dizer. Faça como lhe aprouver e arque com as consequências de sua ingratidão!

A velha ama a acompanhou enquanto rumava para a porta, mas, depois que a senhora Capuleto saiu, parou e, virando-se para Julieta, aconselhou:

– Case-se com Páris, senhora.

– Como?

– Ele é um cavalheiro, uma criatura de excelentes modos e dos mais encantadores. Nas atuais circunstâncias, a conveniência e o bom senso devem falar mais alto do que o amor e a paixão. Posso lhe assegurar que você será mais feliz nesse segundo matrimônio do que no primeiro. Pense que muito provavelmente jamais voltará a ver Romeu e…

– Do que está falando, ama?

– Eu lhe rogo que aja sensatamente e na quinta-feira se case com Páris…

– Você sabe que me aconselhou admiravelmente e diante disso seguirei seu conselho.

– Deus seja louvado!

– Vá, por favor, e tranquilize a minha mãe… Diga a ela que, sentindo-me culpada por contrariar meu pai, fui me confessar com frei Lourenço e receber a absolvição dele.

Coro

Contrafeito,
o coração,
a seu modo e do seu jeito,
se aferra a artimanhas
cuja principal intenção
não poderia ser diferente,
nem é o tempo que se ganha
em busca de escapar-se
a qualquer destino adverso,
indesejável,
mas antes o de encontrar
uma maneira de não magoar
aqueles que amamos.

Capítulo 15

Julieta não o vira mais do que umas poucas vezes e, pelo que lembrava, apenas na casa dos pais, olhares ocasionais, apresentações apressadas, mas suficientes para que percebesse e se incomodasse com o olhar interessado dele, a solicitude exagerada por trás da qual escondia honrada intenção de casar-se com ela. Em tais ocasiões, refugiou-se em sua pouca idade, sabendo, todavia, que mais cedo ou mais tarde esta não a protegeria de um casamento arranjado.

Nunca a mãe e o pai deixaram clara a intenção deles, e na verdade nem seria preciso. Era absolutamente natural, consequência mais do que esperada, decisão corriqueira, banal, entre todas as jovens da cidade, quiçá do mundo, ao se chegar a certa idade, a qual variava de lugar ou cidade, que os pais se reunissem a outros e, de acordo com seus interesses, escolhessem um marido para as filhas. Pensando nelas e no melhor para elas, embora apesar delas, ou seja, sem consultar ou perguntar, muitas vezes apresentavam o marido a sua esposa no dia do casamento. Um estranho que depois daquele dia certamente disporia de seu destino igualmente sem consultar ou perguntar, um destino a que a maioria das mulheres, naqueles tempos, só conseguiria escapar entregando-se à vida religiosa, o que nem sempre era saudado com entusiasmo, mas, ao contrário, enfrentado ou ignorado até com violência por famílias interessadas nos lucros mais do que prováveis

de certas uniões matrimoniais. Em contrapartida, sempre havia a alternativa de fugir com o homem amado, atitude temerária que na maioria das vezes atraía para a atrevida donzela o desprezo violento da família, em que se incluía a possibilidade de ser deserdada, abandonada e relegada à miséria, afastada de sua parte na herança deixada por pais revoltados que jamais a perdoavam.

Julieta ouviu sua voz ao se aproximar da cela de frei Lourenço e pelo vão da porta entreaberta.

– Quinta-feira, senhor? – espantou-se o religioso, e Julieta lembrou-se imediatamente de seu casamento na igreja de São Pedro ao reconhecer Páris como seu interlocutor. – Não é muito cedo?

– Eu também acho, padre, mas foi decisão de Capuleto, e senti que seria mais prudente não argumentar contra tanta pressa.

– Eu gostaria de saber o que pensa a donzela…

– Somos dois, padre. O pai alega que a filha chora muito pela morte do primo dela, Teobaldo, e que o casamento talvez possa ser um antídoto adequado para tanta dor e tantas lágrimas. Tenho lá as minhas dúvidas, mas, por amor à bela Julieta, preferi me calar…

Julieta irritou-se. Reconhecia que eram genuínas a preocupação e a contrariedade na voz de Páris e, por causa de tal constatação, raiva maior reservava para o pai, que inclusive mentia sem pudor. Não queria mais ouvir, pois a raiva apenas aumentava ao constatar que tinham maior importância os próprios interesses do pai do que a verdadeira felicidade da filha.

Sua pressa na realização do casamento serviu apenas para que levasse adiante a dela, e, assim pensando, escancarou a porta e entrou, surpreendendo Páris e fazendo frei Lourenço observar:

– Que coincidência, senhor! Veja quem acaba de chegar…

Páris inclinou levemente a cabeça com carinho e reverência.

– Feliz encontro, minha senhora e minha esposa!

Julieta dirigiu-lhe um olhar de indiferença.

– Poderá ser, cavalheiro, quando eu for e se efetivamente for sua esposa.

– Esse “poderá ser” há de ser, meu amor, na próxima quinta-feira.

– O que deve ser será.

– O que faz aqui, minha senhora? Veio confessar com o bom padre?

– Para responder ao senhor, eu teria igualmente que me confessar com você, e não com ele, não é mesmo?

Páris sorriu.

– Confesse-se com o padre, mas, antes de mais nada, não negue que me ama…

– Talvez essa afirmação esteja em minhas confissões futuras, depois de quinta-feira… – Julieta virou-se para frei Lourenço e indagou: – Está ocupado agora, santo padre? Se assim for, posso voltar mais tarde…

O religioso sacudiu a cabeça e informou:

– Tenho tempo disponível agora, minha filha.

Voltando-se para Páris, solicitou:

– Seria possível nos deixar a sós, cavalheiro?

– Deus me proteja de prejudicar tanta devoção! – Páris encaminhou-se para a porta e, parando por uns instantes, voltou-se para Julieta e despediu-se: – Irei despertá-la bem cedo na quinta-feira, Julieta!…

Tanto Julieta quanto frei Lourenço acompanharam-no com os olhos e por certo tempo nada disseram, o silêncio de ambos se prestando a certificar-se de que a porta era fechada e Páris não se entrincheirava por trás dela, interessado no que Julieta fosse contar ao religioso.

– Soube que na próxima quinta-feira, e se nada nem ninguém conseguir impedi-lo irá se casar com esse conde – disse frei Lourenço.

– Meu pai assim decidiu, padre, e, se o senhor nada puder me dizer para evitar tal casamento, por favor, também não me atrapalhe em minha determinação. – Julieta calou-se e subitamente exibiu o punhal que carregava escondido na manga direita da túnica que usava debaixo do manto escuro com que se cobria da cabeça aos pés. – Prefiro morrer a trair o amor que sinto por Romeu. Este punhal sangrento…

– Minha filha, por favor… – Frei Lourenço empalideceu, os olhos arregalados e fixos na lâmina que refletia a luminosidade baça das velas que iluminavam a cela.

– … ele será o remédio para todos os meus problemas se o senhor não for capaz de me indicar outro melhor e capaz de salvar o que Deus uniu.

– Acalme seu coração desesperado, Julieta, e ouça o que lhe direi…

– Por favor, não perca o pouco tempo que temos com palavras consoladoras, mas inúteis neste momento. Eu…

– Se você tem força de vontade tão grande a ponto de tirar a própria vida para não se casar com Páris, talvez aceite o que tenho para lhe propor.

– Do que se trata, padre?

– Julieta, eu não sei bem…

– Qualquer coisa! Qualquer coisa! Peça que eu me lance das ameias do mais alto castelo de Verona, e eu prazerosamente o farei. Peça que eu me arrisque no mais perigoso caminho infestado de ladrões e assassinos dos mais vis, e o farei sem pestanejar. Irá me indicar um lugar onde serei vitimada por serpentes das mais peçonhentas ou por ursos ferozes? Para lá me encaminharei agora mesmo. Enterre-me viva. O que for. Aceitarei qualquer conselho para preservar-me esposa imaculada de meu grande e único amor.

– Não, não é nada tão dramático…

– O que está pensando, padre?

– Escute, escute…

– Em que está pensando? Por favor, diga logo!

– Volte para sua casa e se mostre a mais contente possível, inclusive concordando com o casamento com Páris…

– Mas, padre…

– Ouça, minha filha.

– Claro, padre, perdoe-me…

– Amanhã é quarta-feira. Procure ficar a sós em seu quarto e, antes de mais nada, pretexte qualquer coisa e não deixe que sua ama durma com você. Quando você estiver na cama, tome este frasco – frei Lourenço apanhou o pequeno recipiente de vidro que estava sobre uma mesinha junto ao catre em que dormia e o entregou a Julieta.

– Ó que é isso? Veneno?

– Santo Deus, não, minha filha! É apenas um licor, um destilado… – explicou o religioso, acrescentando: – Assim que o ingerir, sentirá certo torpor e, por fim, dormirá de tal forma que em pouco tempo não sentirá nenhuma pulsação. Tudo parará. O corpo esfriará, e até a própria respiração se tornará imperceptível. Seu corpo ficará

completamente hirto, e todos os sinais de vida desaparecerão tão completamente dele que até o melhor médico rapidamente diagnosticará que você está morta.

– E estarei?

– De modo algum. Você dormirá por cerca de quarenta horas, e lhe asseguro que despertará como se tivesse apenas dormido um sono mais profundo e prolongado. De qualquer forma, na quinta-feira, quando forem despertá-la, eles a encontrarão, e ao não perceberem nenhum sinal de vida, darão você por morta. Diante disso, e como é costume em nosso país, prepararão seu corpo para sepultamento, e você será velada em caixão aberto na antiga cripta da família Capuleto. Enquanto isso, eu me incumbirei de avisar a Romeu por carta acerca do ocorrido, e ele voltará imediatamente. Eu e ele velaremos por seu sono, e, quando você acordar, Romeu a levará para Mântua. Assim, você se livrará da desonra de um casamento sem amor e em pecado com Páris, pois está efetivamente casada e estará livre para viver com aquele que verdadeiramente ama. Isto é, se tiver coragem suficiente para levar este plano até o fim…

– Dê-me, por favor, dê-me logo essa poção maravilhosa!…

Frei Lourenço entregou a ela o pequeno frasco e a animou, dizendo:

– Tome e não perca tempo. Seja forte e feliz em sua decisão. Vou agora mesmo enviar um frade a Mântua com as cartas que porão Romeu a par de nosso plano.

– Nem sei como lhe agradecer, querido padre…

– Nem pense nisso! Sua felicidade é tudo o que desejo do fundo de meu coração.

– Deus o abençoe.

– Vá, minha filha. Vá de uma vez e boa sorte!

Coro

Muitas vezes a preocupação
de fazer o melhor para os filhos
torna-se empecilho
à compreensão
de que a bondade não pode prescindir
da aceitação de quem a receber
e não depende apenas de quem a pratica.
Quantas vezes erramos
quando tentamos
acertar?
Por que nos enganamos
quando acreditamos
que sabemos o que é melhor
para os que amamos?
Por que é tão difícil entender
que o bem que se quer fazer
muitas vezes nada mais é
do que o mal que se faz?

Capítulo 16

Ele não entendeu e, por certo tempo, em razão de renitente incompreensão, desconfiou.

De onde saiu tanta alegria?

E por que tão de repente?

Ele a ouviu mais do que falou. Não se deixaria enganar por sorrisos ou pela lisonja, muito menos pelo ar cordato que trouxera consigo ao voltar da abadia.

Seria tão convincente o frei Lourenço a ponto de acalmar aquele coração insubmisso e francamente determinado a contrariá-lo e a desprezar toda a sua boa intenção de casá-la com cavalheiro tão distinto e honrado quanto Páris?

Quais palavras maravilhosas e igualmente poderosas frei Lourenço teria usado para convencer Julieta a não apenas obedecer ao pai, mas igualmente compreender e ser grata pelo que ele fazia, já que o fazia para o seu bem?

– Perdoe-me, eu lhe imploro! – insistiu ela, mal pôs os pés dentro de casa, dirigindo-se a ele. – De hoje em diante, eu me deixarei conduzir sempre pelo senhor!

Capuleto ouviu, mas, por um tempo, não acreditou. Homem experimentado e por demais acostumado às ingratidões comuns ao coração humano, não se deixou seduzir tão facilmente quanto a ama

da filha e a esposa, que derramaram lágrimas apressadas à medida que Julieta se desdobrava em promessas e confissões de tal arrependimento que a ele se prestavam a afundá-lo no terreno escorregadio de desconfiança resiliente e quase invencível. Quanto mais se lembrava das palavras duras ditas um ao outro, mais descria da súbita transformação e se permitia tão somente ouvir, sem nada dizer.

O que tramava?

Frei Lourenço estaria por trás de algum plano astuciosamente engendrado no silêncio cúmplice de sua cela na abadia?

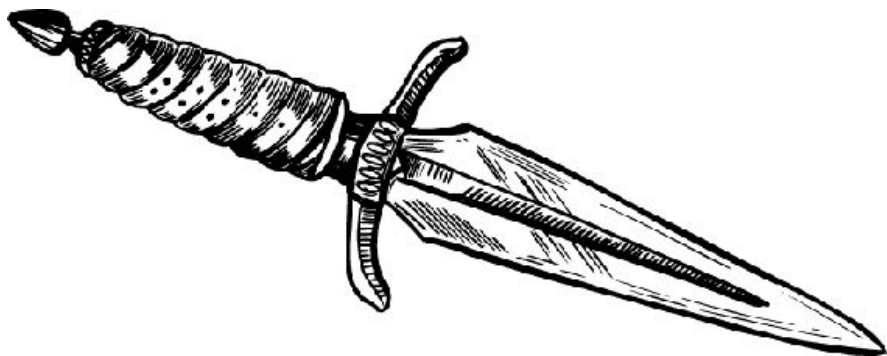
Quanto maior o amor e a devoção por um filho, maiores o ressentimento e a desconfiança quando ele o decepciona, e com Capuleto não seria diferente.

Doeu. Magoou. Sentiu-se traído, desprezado nos muitos anos em que se dedicou inteiramente a ela. Talvez jamais retornasse por completo àqueles tantos sentimentos benignos que construiu em si para ela e em torno dela. Algo se quebrou, rasgou-se dentro de si e demoraria ainda muito tempo antes que considerasse tudo esquecido. Isto é, se conseguisse.

– Muito bem! A coisa está indo como deveria ter sido desde o início – admitiu, por fim, enquanto a via partir excepcionalmente animada para o quarto na companhia da velha ama. – Meu coração está novamente leve agora que essa criança caprichosa voltou a crescer e, principalmente, à razão…

Por fim, entregou-se mais incondicionalmente à felicidade, mais uma vez pai e mais uma vez preocupado em fazer a melhor festa para o casamento da filha.

Coro

Uma mãe sabe quando está certa
quando a vida a desperta
para a maternidade.
Pouco importa se essa maternidade
não é gerada,
mas antes
partilhada.
Uma mãe sabe, e sabe cada vez mais,
o que a filha ou o filho sente,
o que esconde
ou quando mente.
A velha ama sabia
e, quando deixou Julieta a sós,
entregue à grande felicidade,
sabia que não era verdade
e que,
por causa disso,
voltaria.

Capítulo 17

A velha ama mal se conteve durante todo o tempo em que viu Julieta ir atarefadamente de um lado para o outro do quarto, preparando-se para o casamento. Por fim, chorou e de tempos em tempos se entregaria às lágrimas, pois a mais permanente emoção era a tristeza. Quis acreditar em toda a felicidade que distribuía generosamente a todos que cruzavam seu caminho.

Quis acreditar que finalmente se convencera e se casaria com Páris na expectativa mais alvissareira de encontrar um bom marido e a ele se dedicar, dando a ele os filhos que certamente gostaria de ter e constituindo uma família igualmente feliz. Bendisse o nome de frei Lourenço por, como acreditava, ter infundido algum bom senso na cabeça de Julieta e a convencido do erro que seria insistir naquele casamento com Romeu. Quis acreditar em muitas outras coisas e quis acreditar demais e absolutamente. No entanto, bem vagarosamente, aos poucos, engrossando as lágrimas que escorriam de tempos em tempos e escorriam quentes e doloridas pelo leito profundo das rugas que cobriam o rosto envelhecido e cansado, desconfiou das próprias certezas, e, quando a senhora Capuleto entrou sorridente e tomada por um otimismo que ela não mais conseguia alimentar, a ama era uma criatura que fingia tanto ou mais do que Julieta.

– Como estão? Muito atarefadas? – perguntou a senhora Capuleto. –

Querem minha ajuda?

A ama, por trás de um lindo sorriso de igual satisfação, emocionou-se ao dizer:

– Acredito que não, minha senhora…

Calou-se, os olhos voltados para Julieta, que aduziu:

– Não se preocupe, minha mãe. Já está tudo escolhido e preparado para a cerimônia de amanhã. Agora eu só pediria às duas que me deixassem a sós, pois estou muito cansada e gostaria de dormir mais cedo…

Um pressentimento, na verdade um mau pressentimento, ainda fez a ama indagar:

– Não quer que eu durma com você, minha menina?

– Não, ama querida. Você já fez muito por mim e bem sabe o quanto irá trabalhar no dia de amanhã.

A ama ainda tentou insistir, pressentia algo de ruim nos sorrisos e exagerada generosidade de Julieta, mas a senhora Capuleto interveio, dizendo:

– Se é assim que deseja, deite-se e descanse, minha filha.

Só lhe restou despedir-se:

– Boa noite, minha menina…

A ama não dormiu. Passou a noite à mercê de sono intermitente e intranquilo. Julieta não lhe saía da cabeça. Os mentirosos sorrisos de Julieta. A felicidade falsa de Julieta. Os preparativos feitos com grande, porém exagerado, interesse. Julieta escondia algo. Julieta pretendia algo. E ela pensou em tantas coisas, boa parte delas ruins, que respirou até com grande alívio quando os primeiros raios de sol alcançaram seus olhos sonolentos. Ela apressou-se em levantar-se da cama e correr para o quarto de Julieta.

– Vamos, senhora Julieta! – disse, buscando infundir uma alegria àquela manhã fria e ainda silenciosa, uma alegria que ela mesma não sentia, achegando-se à cama onde jazia o corpo de Julieta. – Vamos, dorminhoca, desperte para suas novas responsabilidades… – sorriu zombeteiramente, ao mesmo tempo em que cutucava o corpo inerte com os dedos finos e ossudos. – Sei bem que deseja dormir mais um pouco, pois certamente na noite que vem o conde não lhe permitirá dormir muito ou mesmo simplesmente dormir… – sorriu, divertindo-

se com a própria piada. – Deus meu, que leviandades estou dizendo?

Como Julieta não acordava, a ama insistiu:

– Senhora! Senhora! Senhora!

Encaminhou-se para a janela e apressou-se em abrir as cortinas.

– Não quer que o conde a encontre ainda deitada, pois não? – A velha criada calou-se, surpreendida, ao ver Julieta estirada na cama e ainda usando as mesmas roupas da noite anterior, quando voltara da abadia. – Como? Ainda vestida? Deitou-se assim mesmo como estava? – Ao tocá-la, estremeceu por inteiro, os olhos enormes. – Meu Deus, está fria, fria como... como... – recuou, horrorizada, e correu para a porta, aos gritos: – Socorro! Socorro! Minha senhora morreu! Acudam, acudam! A senhora morreu...

Quase se chocou com a senhora Capuleto, que, segurando-a pelos braços, perguntou:

– Que barulheira infernal é essa, mulher?

A velha criada tremia dos pés à cabeça e abria e fechava a boca, sem, no entanto, dizer sequer uma palavra.

– Morta... morta... – balbuciou por fim, apontando para o corpo de Julieta estirado na cama.

– Como é... – A senhora Capuleto aproximou-se da cama e, ao ver o corpo inerte da filha, empalideceu, horrorizada, gemendo: – Minha filha, minha doce filhinha... Socorro! Socorro!

Atraído pelos gritos, Capuleto entrou resmungando:

– Que vergonha, Julieta! Seu esposo já está lá embaixo... – Emudeceu, embasbacado, ao deparar com a palidez horrorizada das duas mulheres, as duas apontando para a cama onde ele encontrou a filha morta. – Está fria...

– Está morta... – insistiu a velha criada. – Minha senhora está morta! Morta!

Saiu do quarto aos gritos, surpreendendo até mesmo a Páris e frei Lourenço, que entravam à frente de um grupo de músicos.

– Julieta se envenenou!... – acrescentou a senhora Capuleto descendo a escada em seu encalço, exibindo a todos o pequeno frasco vazio que trazia em uma das mãos.

Coro

Muitas vezes,
entretidos com a vida,
não nos apercebemos
de como ela é fugaz
e faz e desfaz,
apesar de nós.
Por vezes,
fruto de certa arrogância,
damo-nos uma importância
que não existe,
e o mais triste
é que só nos damos conta
quando já é tarde demais.

Capítulo 18

Subitamente, ainda sonolento e completamente atrapalhado com as dores e dificuldades inerentes à idade e à passagem implacável do tempo, frei Lourenço levantou-se do catre e estreitou os olhos, em um esforço para identificar aquele que abria a porta de sua cela e entrava em largas passadas, carregando no rosto suado uma preocupante máscara de preocupação.

– Santo Deus! O que houve, frei João? – identificou-o e apressou-se em ir ao encontro dele. – Você voltou bem depressa de Mântua.

– Frei Lourenço... – o recém-chegado ainda era jovem e magricela, um grande pomo de adão subindo e descendo movido por grande preocupação ou ansiedade em pescoço longo e ossudo. Fugia do olhar do velho franciscano como se ele o constrangesse.

– Que diz Romeu? Ele mandou uma carta?

– Padre, desculpe-me...

– Por quê, irmão? O que você?

– Não é pelo que fiz que lhe peço escusas, irmão, mas exatamente pelo que ainda não fiz...

Frei Lourenço o encarou, confuso.

– Não entendi... – admitiu.

– Eu me atrapalhei e acabei não indo a Mântua...

Lourenço empalideceu, apavorado.

– Não foi a Mântua?

– Eu me atrasei, irmão. Como não conheço muito bem aquela cidade, saí em busca de outro irmão que costumeiramente visita enfermos em Mântua para que me ajudasse a encontrar Romeu mais rapidamente. Ocorre que, quando pretendíamos sair, os guardas da cidade, suspeitando que viéssemos de alguma casa onde havia a peste infecciosa, trancaram as portas e não nos deixaram sair.

– Quem levou a carta para Romeu, irmão?

– Ninguém. Eu não encontrei ninguém que se dispusesse a fazê-lo nem quem se dispusesse a devolvê-la ao senhor para que pudesse encontrar outro mensageiro. Estão todos morrendo de medo da contaminação e…

– Santo Deus, que desgraça! Irmão, essa carta não era de pouca importância, e seu descuido pode gerar graves consequências.

– Perdoe-me, padre, mas eu… eu…

– Não temos tempo para isso agora, irmão. Vá depressa e me traga uma alavanca de ferro.

– Claro… Para quê? Posso saber?

– Vá de uma vez, seu imprestável!

Frei Lourenço praticamente empurrou o jovem padre para fora de sua cela. Tremendo incontrolavelmente, ia de um lado para o outro ou andava em círculos pela pequena alcova, vitimado por uma infinidade desesperadora de temores. Julieta não lhe saía da cabeça.

Faltavam pouco mais de três horas para ela despertar e se ver sozinha no túmulo da família, mas, acima de tudo, sem encontrar Romeu. Ela amaldiçoaria o padre por não ter conseguido pôr o marido a par de seus planos. Precisava fazer algo o mais rápido possível, provavelmente resgatá-la e escondê-la em sua cela até que outra carta pudesse ser enviada para Romeu em Mântua.

Frei João o alcançou quando ele atravessava a sacristia e corria apressadamente para a escuridão da noite, com a alavanca de ferro em uma das mãos.

Coro

O que fazer
quando inexiste prazer
ou significado em se viver
e temos que nos resignar
a nada além de existir?
Quão pesado é o fardo
da existência
quando a arrastamos na indolência
de dias intermináveis e vazios,
à mercê do frio de uma solidão
sem fim?
Como assim viver
se cada dia é um sofrimento só
e nossa única ambição
se faz pelo desejo cotidiano
pela morte e pelo pó
comum a toda e qualquer vida?

Capítulo 19

Romeu ainda sonhava. Quando Baltasar o encontrou casualmente andando pelas ruas de Mântua, Romeu ainda tinha o semblante tranquilo e a cabeça ainda cheia das lembranças de um sonho feliz que se repetia interminável e agradavelmente. Pensou em contá-lo a Baltasar nos poucos momentos que se seguiram à sua visão.

Era sempre o mesmo sonho, e no princípio ele se apresentava com cores sombrias e verdadeiramente assustador, quase um pesadelo. Sonhava estar morto e, em dado momento, Julieta aparecia não apenas para pranteá-lo, mas também para lhe infundir o fôlego revigorante e encantador da vida através de um número incalculável de beijos apaixonados. Miríade de sentimentos felizes o lançava mais uma vez à vida e mais adiante o coroava como imperador, sendo ela a imperatriz que reinaria para todo o sempre, senhora absoluta e razão maior de sua existência, em seu coração.

Estivesse menos ansioso por notícias de Verona e certamente teria contado cada detalhe de tais sonhos a Baltasar, mas, percebendo a seriedade e até o certo constrangimento, pois de tempos em tempos ele fugia de seus olhos, preferiu perguntar por aqueles que amava:

– O que há, Baltasar? Parece-me preocupado. Aconteceu algo ruim em nossa casa? Não me traz carta de frei Lourenço? Meu pai está bem? E minha dama? Julieta está bem? Que notícias tem dela?

– Ela está bem, senhor... – O constrangimento do gigante longilíneo e de pele avermelhada aumentou, os olhos fixos no chão, esquivando-se ao interesse e à ansiedade crescentes que encontrava nos de Romeu. – Quer dizer...

– O que está querendo dizer, homem? Ela está ou não está bem?

– Onde está, mal algum poderá mais alcançá-la, senhor.

– Como assim?

– O corpo dela jaz em paz no túmulo dos Capuletos, e sua alma imortal vive entre os anjos do céu, tenho certeza.

– Está louco, Baltasar? – Romeu espantou-se e, incapaz de acreditar no que ouvia, irritou-se com o criado: – Do que está falando, seu biltre? Ela... ela... ela...

– Ela morreu, meu senhor.

– Absurdo! Com certeza está confundindo minha Julieta com qualquer outra Capuleto. Não tem nem dois dias que saí de Verona, e ela estava bem...

– Lamento ser portador de tão má notícia, meu senhor, mas eu lhe asseguro que vi pessoalmente sua senhora ser enterrada na cripta dos antepassados dela, e por isso estou aqui. Eu acreditei que o senhor teria interesse em saber...

– Fez muito bem, Baltasar. – Lívido e angustiado, Romeu olhava desorientadamente de um lado para o outro. – Sabe onde moro. Corra até lá e traga-me papel e tinta. Depois consiga-me cavalos. Parto para Verona ainda nesta noite...

– Por favor, senhor, não se precipite...

– Não se preocupe, Baltasar, e faça apenas o que lhe pedi...

– Agora mesmo... – Baltasar mal se virou e Romeu o chamou. – Mais alguma recomendação, meu senhor?

– Não, não... Eu queria apenas saber...

– O quê?

– Frei Lourenço não mandou nenhuma carta para mim?

– Nenhuma.

– Não importa. Vá e alugue os cavalos como lhe pedi. Daqui a pouco estarei com você.

Romeu esperou que Baltasar se afastasse para iniciar uma caminhada em outra direção, uma jornada lenta e angustiada por

muitas e muitas ruas que o levaram para o norte mais deserto e de aspecto intimidante, um amontoado caótico de construções sobrepostas, um labirinto escuro e lamacento de ruelas malcheirosas e povoadas pela invisibilidade perigosa de centenas de olhares que, se não via, pelo menos pressentia espreitá-lo.

Morta Julieta, o que fazer?

Para que viver? Por quem viver?

Não existia felicidade aonde quer que fosse. Verona ou Mântua, qualquer parte de um mundo solitário e insípido, tanto fazia e de nenhuma maneira lhe interessava. Aos primeiros passos dados a esmos, sem nenhuma direção definida, depois de um pouco mais de meia hora atribuiu destino e finalidade. Lembrou-se de um boticário de péssimo aspecto e reputação que vivia naquelas redondezas e a ele pespegou a possibilidade de suprir-lhe da necessidade de pôr um fim em sua existência. Na botica sórdida, entre estantes onde se viam caixas e potes contendo toda sorte de substâncias cujo propósito transitava sem paradeiro fixo entre o bem e o mal, encontraria o que procurava.

– Bem, Julieta, nesta noite descansarei a seu lado, meu amor... – disse mal saiu da botica carregando um pequeno frasco dentre os tantos que o boticário, seduzido pelos quarenta ducados que Romeu despejou em suas mãos ávidas, ofereceu.

“Coloque isto no líquido que quiser e beba tudo. Mesmo que você tiver a força de vinte homens, cairá morto de imediato”, foi o que ouviu do boticário e acreditou que fosse verdade.

Um veneno eficiente para livrá-lo o mais depressa possível de uma vida que não mais lhe interessava e que o colocaria novamente ao lado da mulher que amava: queria acreditar nisso desesperadamente.

Um pouco mais tarde, galopou velozmente de volta a Verona.

Coro

Ontem,
hoje,
sempre,
e nós nos dizendo
coisas de amor
como se a eternidade fosse possível.
E o mais incrível:
acreditando em cada palavra dita
e igualmente escrita.
O viver nada mais sendo
do que este prazer encontrado,
por vezes,
lado a lado
do amanhecer ao entardecer
de toda a existência.
Sonho ou realidade,
verdade ou ilusão,
somos o que vivemos
ou vivemos o que somos,
vai se saber?
A decisão está
e sempre estará apenas em nossas mãos.

Capítulo 20

Páris era um fantasma assombrando a si mesmo enquanto ziguezagueava entre as tumbas e os mausoléus que se erguiam na escuridão do cemitério. Noite fria e de poucas estrelas, o jovem e orgulhoso conde de horas antes sucumbira à morte da futura esposa, e a culpa infundira à sua imagem profundas olheiras comuns a noites inteiras insones e aspecto malsão à sua figura ainda elegante, mas vencida por uma consciência pesada, perpassada por pesadelos frequentes nos quais Julieta sempre estaria presente, repetindo-se em frase igual e olhar infeliz, dizendo que jamais seria sua esposa.

Algo novo e perturbador incorporou-se ao nobre cortejado por pais ambiciosos e jovens pretendentes, uma irremovível tristeza. Enfurnou-se em si mesmo e aprisionou-se pelas próprias mãos em alcova escura e infecta onde apenas a triste lembrança do corpo sem vida de Julieta estirado sobre a cama repetia-se interminavelmente.

Culpa. Muita culpa. Nada fizera de mal contra Julieta e seguramente tinha como única intenção ser feliz ao lado dela e fazer com que ela fosse igualmente feliz a seu lado. Nada acontecera como planejara ou acreditara que poderia ter acontecido. Perdera Julieta sem jamais tê-la tido e para si reservara a dor e o sofrimento de se culpar por sua morte.

Agachou-se junto ao mausoléu e depositou o enorme buquê de

flores que carregava.

O que mais poderia fazer?

O que dizer?

O silêncio interminável despojou-o de qualquer pretensão que não fosse chorar mais um pouco e, finalmente, amargurado e só, partir. Palavras, por menores que fossem, nada ou pouco representariam. Qualquer gesto se transformaria em tolice, perda de tempo, nada mudaria, a começar pelo fato de que Julieta estava morta.

Subitamente um assovio o arrancou com brusquidão de seus devaneios. Era o pajem que o acompanhava e que deixou entre as tumbas e mausoléus, para alertá-lo sobre a aproximação de qualquer um. Afastou-se e rapidamente desapareceu na escuridão, um pouco antes de Romeu aproximar-se na companhia de Baltasar.

– Dê-me o alvião e a barra de ferro, meu amigo – pediu Romeu.

O criado apressou-se a passar às mãos dele os instrumentos.

Vendo-o fazer menção de afastar-se, Romeu o chamou e lhe entregou um pedaço de papel, instruindo:

– Pegue esta carta e pela manhã entregue-a a meu pai.

Preocupado, Baltasar guardou o pedaço de papel na algibeira e perguntou:

– Se deseja que eu o espere…

– Por Deus, Baltasar, vá e não volte mais.

– Senhor, os Capuletos…

– Não me resta temor algum, meu bom amigo. Tudo o que desejo é voltar a ver o semblante de minha amada e tirar de seu dedo morto um anel que me servirá para um uso muito mais importante.

– Compreendo…

– Agora, por tudo que lhe é mais sagrado, vá de uma vez e não volte.

– Não voltarei, asseguro-lhe…

– Espero que não esteja pensando em me enganar, Baltasar, pois eu não sei o que serei capaz de fazer se o surpreender próximo daqui…

– Acalme seu coração, meu senhor. Partirei e não o incomodarei mais.

– Vá em paz, meu amigo. Viva e seja feliz…

Tão ansioso estava para abrir a sepultura de sua amada que Romeu

nem sequer se preocupou em segui-lo com os olhos pelo cemitério, e por causa disso não percebeu que, vencido uns poucos metros e inalcançável por seus olhos, Baltasar refugiou-se entre alguns mausoléus e pôs-se a vigiá-lo.

Temia sinceramente que parentes e mesmo criados dos Capuletos estivessem nas proximidades ou na iminência de chegar para velar pela quietude na cripta da família. Não moveu sequer um músculo mesmo quando Romeu começou a abrir a sepultura com o alvião e a barra de ferro e nada pôde fazer, tolhido pela surpresa, quando Páris, abandonando seu esconderijo no outro extremo do cemitério, lançou-se sobre Romeu aos gritos:

– Veio terminar o que começou, maldito Montecchio?

Romeu desfez-se das ferramentas e, em um salto, desembainhou a espada, interpondo-a entre ele e Páris.

– Vá embora daqui, meu bom homem! – replicou, angustiado. – Pelos céus, nada tenho contra você e na verdade prezo mais a sua vida do que a minha.

– Se assim é, baixe sua espada e entregue-se para que seja julgado por seus crimes.

– Não me provoque, eu lhe suplico!

– Afaste-se desta tumba e entregue-se, Montecchio!

– Não lhe pedirei mais que se vá, seu tolo! – grunhiu Romeu com raiva, tentando alcançá-lo com a ponta de sua espada. – Defenda-se!

A violência desembestada de uma sucessão furiosa de golpes trocados ressoou pelas alamedas escuras do cemitério. A respiração ofegante tanto de um quanto de outro misturou-se às palavras sem sentido e às frases incompletas e atraiu a atenção tanto de Baltasar quanto do pajem que acompanhava Páris. Os dois chegaram a se entreolhar, confusos e hesitantes, sem saber o que fazer, até que o pajem, desvencilhando-se finalmente de sua inércia, desapareceu em desabalada carreira.

– Guarda! Guarda! Por Deus, chamem a guarda! – seus gritos desesperados repetiam-se na distância, misturando-se a outras tantas vozes.

Indiferentes ao mundo que os rodeava, Romeu e Páris iam e vinham entre as tumbas e mausoléus, o combate lançando um sobre o

outro, o sangue escorrendo de cortes espalhados por seus corpos e empapando suas roupas. Ferocidade desesperada. Eram dois infelizes que por vezes aparentavam desejar a morte para se aliviar do fardo de uma consciência culpada, de uma melancolia sem fim, de uma perda irremediável, ambos com Julieta na memória, dor recente, dor presente, privando-os de qualquer ânimo ou interesse pela vida.

Por fim, com um grito e atingido no peito, Páris desabou sobre Romeu, uma súplica repetida num fio de voz e ressoando em seus ouvidos…

– Por favor, coloque-me dentro da tumba junto de Julieta…

Romeu, ainda mais triste e infeliz, abandonou sua espada ensanguentada junto à dele e, balançando a cabeça, prometeu:

– Por minha fé que o farei, não se preocupe…

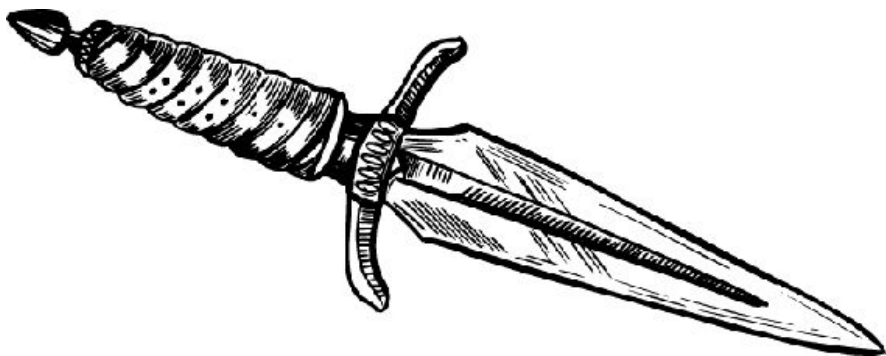
Carregou-o para dentro da cripta e, no silêncio e na desolação da escuridão, entreviu os vários sepulcros de muitos antigos membros da orgulhosa família Capuleto. No centro da grande construção encontrou o corpo de Julieta sobre uma laje fria, iluminado por quatro candelabros, cada um deles sustentando uma solitária vela da qual se desprendia uma luminosidade mortiça e amarelecida.

– Ó meu amor! Minha querida esposa… – gemeu ao tocar-lhe sutilmente o rosto, os traços delicados, o encanto e o viço ainda não totalmente destruídos pela passagem do tempo e a chegada inexorável da morte. Lágrimas escorriam-lhe dos olhos, uma ou outra caindo sobre as vestes elegantes. – Ah, querida Julieta, por que ainda é tão bela? Sua beleza me conforta, pois será a última coisa que verei antes de partir e será ela que me guiará até aquele lugar onde poderemos estar juntos para sempre e finalmente sermos para todo o sempre felizes…

O pequeno frasco esverdeado apareceu em sua mão e, depois de retirar-lhe a tampa e contemplá-lo, sorriu tristemente.

– Ah, como eu a amo, Julieta… – Romeu sorveu todo o conteúdo que havia dentro dele em um só gole e, com um sorriso triste, inclinou-se e roçou os lábios nos de Julieta. – Um beijo, um último beijo antes de nosso reencontro. Tenho certeza de que a eternidade será generosa conosco e com nosso amor…

Coro

Triste amor
que a vida subtrai
e a dor distrai
para que a morte chegue
e o aconchegue
em tão pobre felicidade.

Capítulo 21

Frei Lourenço foi o primeiro a entrar com Baltasar em seus calcanhares.

– Quanto sangue! – observou, alarmado, ao alcançar o umbral da grande cripta e encontrar as espadas de Páris e Romeu em meio a grandes manchas de sangue, as lâminas igualmente ensanguentadas. Erguendo a tocha que carregava, lançou um facho de luz tremeluzente na direção da laje fria onde jazia o corpo de Julieta. Alarmou-se ainda mais ao encontrar os corpos de Romeu e Páris estirados próximos. – O que aconteceu por aqui?

– Eu lhe disse, santo padre – insistiu Baltasar. – Meu senhor Romeu veio para despedir-se da esposa e acabou por encontrar-se com o conde com que os Capuletos pretendiam casá-la. O combate foi assustador, e Romeu finalmente o matou.

O religioso apontou para o cadáver de Romeu e perguntou:

– Mas quem o matou?

– Não faço ideia. Aliás, eu nem deveria ter entrado…

– Por que não?

– Meu senhor ameaçou-me de morte se eu entrasse aqui…

– Como pode ver, ele não vai mais lhe fazer mal algum… – frei Lourenço calou-se e virou-se, surpreso, ao perceber que, estirada sobre a laje fria às suas costas, Julieta se mexia. – Deus do céu! Ela está

acordando…

– Padre… – gemeu Julieta, sentando-se, pestanejando nervosamente, os olhos enveredando com crescente ansiedade através da escuridão da cripta. – Reconheço que estou onde planejamos que eu estaria, mas não vejo meu marido. Onde está meu Romeu?

– Nossos planos foram frustrados, senhora… – disse o religioso, fugindo aos olhares dela, embaraçado. – Venha. Precisamos sair imediatamente daqui!

– Como assim? O senhor disse que… – Julieta calou-se, muda de espanto, ao deparar com os cadáveres de Romeu e Páris estirados no chão junto à laje de pedra. – Meu Deus, o que é isso? Romeu!…

– Seu esposo está morto, e Páris, também.

– Mas o que aconteceu?

– Nem eu mesmo sei. No momento, é melhor não perdermos tempo com perguntas. Devemos sair logo daqui. Eu posso escondê-la em uma comunidade de santas religiosas…

Julieta esquivou-se das mãos que ele lhe oferecia e gritou:

– Vá embora, bom padre. Eu não sairei daqui.

– A guarda está se aproximando, senhora…

– Vá, padre, eu lhe peço. Por favor…

Julieta o viu afastar-se com Baltasar em seus calcanhares, ambos abandonando a cripta precipitadamente. Confusa, sem saber o que fazer e ainda sem entender exatamente o que havia ocorrido, um forte vozerio aproximando-se, agachou-se junto ao cadáver de Romeu e de sua mão direita retirou o frasco vazio.

– Que é isso? – Levou-o ao nariz e cheirou por um instante, antes de dizer: – Veneno. Meu esposo se matou… Não teria sido informado dos planos de frei Lourenço?

Do lado de fora da cripta, uma voz forte e autoritária gritou:

– Depressa, rapaz! Diga de uma vez para que lado devemos ir!

Julieta olhou mais uma vez para o frasco e, em seguida, com um sorriso infeliz, voltou-se para Romeu e disse:

– Como você foi ingrato, meu marido. Não me deixou sequer uma gota de seu veneno para que eu pudesse acompanhá-lo… Acaso acha possível que eu deixe que se vá sem mim? Acredita mesmo que posso continuar vivendo?

As vozes se tornavam ainda mais próximas. O rumor de passos apressados varou a noite.

– Estão cada vez mais próximos… – disse Julieta, retirando a adaga de Romeu da bainha. – Preciso me apressar… – Cravou-a no peito e desabou pesadamente sobre o corpo sem vida de Romeu.

Os primeiros guardas chegaram um pouco depois, guiados pelo pajem de Páris. Encontrado e trazido de volta para a cripta dos Capuletos, frei Lourenço ao mesmo tempo se culpou e absolveu-se da responsabilidade pelos tristes acontecimentos. Diante de Escalo e de membros das famílias Capuleto e Montecchio, contou em rápidas palavras tudo o que se sucedeu naqueles poucos e tormentosos dias que culminaram com a morte do casal de apaixonados.

– … Romeu, que jaz morto, era esposo de Julieta, e ela, sobre ele estirada e igualmente morta, era fiel esposa de Romeu. Afirmo ser verdade o que digo, pois eu mesmo os casei, e o dia em que se casaram em segredo foi coincidentemente o último de Teobaldo, cuja morte prematura causou o banimento do jovem esposo de Verona. Saiba, Capuleto, ela chorava e sofria por Romeu, e não por Teobaldo. O senhor, como ignorava inteiramente tais fatos e preocupado em afastá-la de tanta tristeza e dor, apressava-se em casá-la com o conde Páris, contra a vontade dela. Ela, desesperada e infeliz, veio me procurar em busca de alguma solução para o dilema de um segundo matrimônio, ameaçando matar-se dentro de minha cela se eu não a ajudasse. Sem alternativa, vali-me de meus conhecimentos e dei a ela uma poção soporífera, que agiu como se esperava, conferindo-lhe uma aparência de morte. Logo em seguida, escrevi a Romeu e solicitei que viesse o mais depressa possível para me ajudar a retirar Julieta de sua falsa sepultura quando o efeito da droga passasse. No entanto, meu portador foi detido e impedido de levar a carta até ele em Mântua, o que me obrigou a alterar os planos e ir até o cemitério para de lá a retirar e esconder em minha cela, pelo menos até que a carta chegasse a Romeu e ele viesse ajudá-la a sair de Verona. Desconheço os acontecimentos que levaram a tal morticínio, mas suponho que Romeu tenha recebido a informação de que Julieta estava morta e voltado apenas para se matar junto dela, como efetivamente o fez, envenenando-se. Antes, segundo o criado que o acompanhava, matou

Páris ao encontrá-lo junto ao túmulo da mulher amada. Julieta, ao descobrir que o esposo estava morto, desesperou-se e se matou com a adaga dele. Assim se passaram tais acontecimentos, e, embora não possa ser inteiramente acusado e responsabilizado por tais crimes, se assim me considerarem, eis-me à disposição de todos para me submeter ao castigo que a mim estiver reservado.

Apesar de tê-lo advertido em termos os mais severos possíveis, o príncipe recusou-se a acusá-lo e, mais ainda, a condená-lo por qualquer crime. Quanto às duas famílias rivais, alcançadas pela dor e pela tristeza de perder seus filhos queridos por causa de uma desavença que já se estendia por muito tempo sem que encontrassem mais razão para mantê-la, selaram a paz. Romeu e Julieta foram considerados as últimas vítimas de inimizade tão prolongada.

– Uma lúgubre paz surge com a alvorada deste novo dia. O sol não exibirá seu rosto, em razão de nosso luto. Saiamos daqui para falarmos mais demoradamente sobre estes tristes acontecimentos – disse Escalo, saindo da cripta dos Capuletos. Uns serão perdoados, e outros, punidos, pois nunca houve história mais triste do que esta de Julieta e Romeu.

Fim

WILLIAM SHAKESPEARE
Sonho de uma noite de verão
Principis

WILLIAM SHAKESPEARE

Sonho de uma noite de verão

TEXTO ADAPTADO POR

TIAGO DE MELO ANDRADE

Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural

Texto
William Shakespeare
Editora
Michele de Souza Barbosa
Adaptação
Tiago de Melo Andrade
Preparação
Nair Hitomi Kayo
Revisão
Agnaldo Alves
Produção editorial
Ciranda Cultural
Diagramação
Linea Editora
Design de capa
Ciranda Cultural
Imagens
AVA Bitter/Shutterstock.com;
P.S.Art-Design-Studio/Shutterstock.com;
Anastasia Lembrik/Shutterstock.com;
aksol/Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S527s Shakespeare, William

Sonho de uma noite de verão / William Shakespeare; adaptado por Tiago de Melo Andrade. - Jandira, SP : Principis, 2021.

96 p. ; e-PUB. (Shakespeare, o bardo de Avon)
Título original: A Midsummer Night's Dream
ISBN: 978-65-5552-678-3

1. Literatura inglesa. 2. Sonho. 3. Aventura. 4. Fantasia. 5. Mitologia. 6. Sonho. I. Andrade, Tiago de Melo. II. Título.

2021-0258 CDD 820
CDU 82/9.82-31

Elaborado por Lucio Feitosa - CRB-8/8803
Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura inglesa : Romance 820
2. Literatura inglesa : Romance 82/9.82-31

1ª edição em 2021
www.cirandacultural.com.br

Personagens de Sonho de uma noite de verão

Teseu:
Herói e Duque de Atenas

Hipólita:
Rainha das Amazonas, a noiva de Teseu

Egeu:
Pai de Hérmia

Lisandro:
Apaixonado por Hérmia

Demétrio:
Escolhido por Egeu para se casar com Hérmia

Hérmia:
Apaixonada por Lisandro

Helena:
Apaixonada por Demétrio

Filóstrato:
Mestre de cerimônias da corte de Teseu

Oberon:
Rei das Fadas

Titânia:
Rainha das Fadas

Puck:
Duende que presta serviços ao Rei das Fadas

Fadas que servem à Titânia:
Flor de Ervilha
Teia de Aranha
Semente de Mostarda

A trupe de atores:

Joca Madeira:
Carpinteiro, faz o prólogo na peça

Zé Fundilhos:
Tecelão, representa Píramo

João Flauta:
Conserta foles, é Tisbe na peça

Tito Bico:
Funileiro, atua como o Muro

Mané Faminto:
Alfaiate, representando o Luar

Zico Justo:
Marceneiro representando o Leão

Capítulo 1

A bela e rica cidade de Atenas se preparava para uma grande festa, sem dúvida nenhuma, a maior delas. O Duque Teseu, grande herói, estava de volta depois de longa jornada, regressando de missões e batalhas, nas quais lutou por honra e glória de seu amado povo e cidade.

Agora, desfrutando da paz conquistada em batalha, compartilhou, para máxima alegria de toda gente ateniense: estava em tempo de casar-se! Decidido, até a data dos festejos marcou e comunicou. Os corredores do palácio se agitaram com a novidade e seus preparativos, uma vez que não havia tempo sobrando para organizar tão importante festejo.

Era preciso comemorar! Depois de tantos amores em vão, que não acharam o caminho do altar, havia finalmente de se casar o Duque com Hipólita, a Rainha das Amazonas. As Amazonas, lendárias mulheres guerreiras que cavalgam alazões indomados pelas florestas e pelos campos de batalha lutando impiedosas, e que haviam já participado de guerras terríveis como a de Troia. Os noivos estavam felizes e ansiosos com a proximidade do casamento:

– Venha ligeiro, Hipólita, nosso casamento será em quatro dias, quando no céu se verá a lua nova! Mas como demoram a passar as fases da lua quando se tem pressa! Sou como um herdeiro aguardando

ansioso parte de seu tesouro, cuja madrasta malvada esconde.

– Meu amor Teseu, quatro longos dias e noites para sonhar um tempo breve… Eis que a Lua, um arco de prata no céu, verá a noite na qual, enfim, será realizado nosso sonhado casamento!

Aguardava-se uma festa de arromba, dessas celebrações que duram dias, que há tempos não se via. A boa-nova das núpcias do Duque haveria de correr longe!

Para ajudar com os preparativos, Teseu convocou o mestre de cerimônia da corte, Filóstrato, ficando ele incumbido dos convidados da festa e de espalhar a notícia com muita alegria!

– Não queremos gente triste, tampouco lamentações! Teremos dias de festa, apresentações, música, dança teatro! – orientou o grande herói.

Tristeza não era coisa que combinasse mesmo com aquela união. Teseu antes havia conquistado Hipólita com a espada nas mãos, passado por guerras e vencido a morte. Depois de percorridos tantos percalços e dificuldades, queria, para o casamento, apenas festa e alegria!

Contudo, em meio ao entusiasmo dos preparativos, uma visita inesperada o surpreendeu. No palácio chegaram um senhor já velho, seguido de três jovens: uma moça triste, Hérmia, e dois rapazes, ambos com o semblante carregado, Demétrio e Lisandro.

– Viva Teseu, nosso amado Duque! – saudou com deferência e intimidade o velho, demonstrando longa amizade.

– Egeu, diga, quais as novidades? – quis saber o Duque, deixando de lado, por um instante, os preparativos da cerimônia.

O velho Egeu estava aborrecido, e veio ter com o Duque a fim de resolver um problema com a filha, Hérmia. Ela estava prometida ao rapaz Demétrio, que os acompanhava, em um casamento arranjado, combinado de muito tempo. Mas ela, de verdade mesmo, queria era casar-se com o jovem fazedor de versos, Lisandro.

Na opinião de Egeu, o poeta seduzira e encantara sua filha com rimas e serenatas de amor sob a janela, à noite, com sua voz suave e balançando os cachinhos do cabelo, exibindo mocidade, beleza, anéis, enfeites… Trazendo flores, doces, e assim com essas astúcias e presentinhos tolos, roubou o coração inocente de moça ainda sem

muita experiência de vida. Ao menos assim julgava o pai.

Por essas e outras achava-se magoado Egeu. Caída de amores, a filha já não era a mesma, cabeça virada, sem tino de obedecer, a bem dizer, uma pedra de rudeza e teimosia. Por isso, foi ele se acudir na autoridade do Duque, o legítimo guardião das leis locais.

Pretendia com aquela audiência encontrar uma solução para a questão, de preferência a que mais lhe agradava, fiando-se na antiga a amizade com Teseu:

– Sua Graça, se ela não aceitar casar-se com Demétrio, como estava antes combinado, invoco as antigas leis de Atenas!

– As leis de Atenas escutam com todo seu rigor.

– Como é minha filha, dela posso fazer e desfazer! Tanto dá-la a este homem ou dar-lhe a morte, conforme impõe a nossa lei, e acredito seja o caso – disse o pai tomado de ódio pela desobediência da filha, que não acatara sua autoridade.

– É o caso de ponderar bem, nunca se roga o socorro da legislação em vão! – disse o Duque, buscando algum caminho de conciliação. Voltando sua atenção para a jovem rebelde, especulou o quanto pôde aquela situação.

O Duque quis saber da bela Hérmia o que ela pensava, diante de tudo o que fora exposto até aquele momento, lembrando e levando em conta que, se não fosse seu pai, ela jamais teria nascido ou jamais seria a bela mulher que era.

– Seu pai escolheu Demétrio, entre tantos, para seu esposo. Certamente qualidades não lhe faltam, estou certo, minha jovem.

– Sua Graça, em Lisandro também há qualidades, e são muitas, tantas quantas ou até melhores.

– Ainda que sejam muitas, a mais importante lhe falta: a aprovação de seu pai.

– Se meu pai o pudesse ver com meus olhos e um pouco mais de boa vontade, quem sabe…

– Tanto melhor que se visse pela cabeça do pai, o que é correto. Não é assim que nos ensinam a vida toda?

– Sua Graça me perdoe a ousadia, mas, por favor, quero saber o que de pior poderá acontecer se eu recusar Demétrio? Caso eu desobedeça e não me case, preciso saber qual será meu castigo perante

tal legislação.

– Há várias penas. A lei é dura! Poderá ser condenada à morte ou ficar afastada para sempre de todos, no degredo! Está certa do que quer? Mas também o que pode lhe acontecer, o que não deixa de ser severo, é ser enviada ao convento, para se tornar uma monja enclausurada…

– Convento?

– Não é para se animar, não. Caso não ceda à escolha de seu pai, vestirá o hábito de monja e uma cela modesta do claustro será sua nova casa, com apenas uma janelinha por onde verá a lua fria, com saudades da vida do lado de fora. As serenatas, ah as serenatas, serão apenas lembranças! As serestas, danças e peças de teatro, tudo será passado! Os muros do convento são largos, grossos, nem sequer o som da vida lá fora passa, apenas orações e celibato!

– Não temo!

– Tantas outras moças já passaram por igual tentação como você e, ao pensarem bem, se livraram do triste destino de viver e morrer no claustro e em penitência.

– Reflita bem – pediu Demétrio.

– Se é que não será executada! – lembrou o Duque.

– Viva ou morta, não me importa! Se não posso escolher o destinatário do meu amor, que me importa viver?

– Por favor, não diga isso, Hérmia! – mais uma vez Demétrio tenta acalmá-la.

– Presa ou livre, tanto faz! Sem Lisandro, morte ou prisão, a escolha será de vocês! – a jovem manteve-se irredutível.

Percebendo que não ia dissuadir Hérmia, o Duque propõe um prazo para que ela reflita:

– Na próxima lua, caso-me com Hipólita em grande festa! Neste mesmo dia será selado seu destino. Até lá considere bem, pense, medite e decida. Hérmia escolherá: ou casa com Demétrio, ou entra para o mosteiro, ou prepara seu espírito para enfrentar a morte, por desobedecer a decisão de seu pai. Não há opções além, a escolha será sua.

– Decidirei, Sua Graça!

Demétrio, vendo a confusão armada e a moça ainda teimando

apesar de pressionada pela autoridade e pelas leis, tenta um acordo, pedindo que ela reconsidere sua decisão em favor do seu direito ao casamento anteriormente combinado, como fosse o amor uma mercadoria ou um contrato.

– Veja bem, Hérmia, seu pai e eu já havíamos tratado disso... Somos amigos de longa data, eu confiei. Estava tudo acertado, é meu direito!

Lisandro não aceita tal declaração e recomenda que se casem Demétrio e Egeu, uma vez que se amam tanto! O velho, sapateando de raiva pela ofensa, vocifera:

– Insolente! Demétrio tem sim o meu amor e por isso terá o que é meu: Hérmia – determina mais uma vez o pai.

Lisandro, nutrido pelo grande amor que sente por Hérmia, não se acovarda diante daqueles homens poderosos:

– Egeu, parece que estamos a tratar de negócios. Se trata sua filha como uma mercadoria, digo que é verdade que não sou bem-nascido como Demétrio, nem tão rico, para lhe pagar com tantas moedas. Mas se houvesse como medir o amor, posso garantir: o meu por sua filha é muito maior que a fortuna de Demétrio, e saibam que ela, Hérmia, tem por mim um amor de igual fortuna! Por que haveríamos de renunciar a ele? Pelos negócios? Qual vale mais: amor ou dinheiro?

– Silêncio! Silêncio! – pediu o Duque encerrando a audiência.

Sua decisão estava dada, era inútil discutir, perdera muito tempo. Havia de retomar o assunto de antes, seu casamento. Mais uma vez alertou a filha rebelde para que acatasse as ordens do pai, ou sofreria as consequências:

–Pense com cuidado, minha querida. Será triste ver o seu sangue derramado.

Ali espiando, sem esconder o desconforto, estava Hipólita. O Duque, percebendo o desagrado da noiva, mudou o rumo da conversa, solicitando que Egeu e Demétrio ajudassem com os preparativos do casamento. Deu a eles tarefas a serem feitas, que ajudassem a espalhar a novidade. Foi levando para uma conversa reservada, com vias de tratar detalhes dos festejos, deixando sozinho o casal apaixonado.

– Hérmia, não fique assim! – Lisandro tentava consolar a namorada, desolada com a decisão de Teseu.

– Eu poderia chorar uma tempestade com meus olhos, Lisandro, meu amor!

– Justo como me contaram e li nos livros, amar é sofrer! Como bem estamos sabendo agora e sentindo na pele, é verdadeiro o nosso amor. Ainda que tudo esteja tão difícil, consola saber que recebemos a bênção de amar de verdade! – Lisandro tenta notar algo de bom em meio às dificuldades.

– O amor verdadeiro sempre se frustra. Sempre será assim implacável a regra do destino? Então, teremos de ter muita paciência atravessando a prova, que a tantos outros como nós deve afligir: amor, devaneios, sonhos, suspiros, desejos, lágrimas e fantasias – falou Hérmia, concordando que amar é sempre um exercício de paciência e esperança.

– Isso! Paciência, amada Hérmia. Para a chegada do futuro, nem tudo está decidido!

– Meu amado, teve alguma ideia que nos salve?

– Tenho uma tia viúva, herdeira, senhora de posses, sem filhos. Sua casa de Atenas está a sete léguas. Ela me quer bem como se eu fosse seu único filho. Longe das duras leis atenienses e sob a proteção de sua fortuna, poderemos nos casar, Hérmia!

– Sim! É uma grande ideia, distante da lei e da espada de Atenas, poderemos finalmente alcançar a felicidade! – entusiasmou-se Hérmia.

– Se tem por mim amor verdadeiro, fuja da casa de seu pai amanhã. Nos encontramos no bosque a uma légua da cidade, aquele mesmo lugar onde a encontrei uma vez com você e sua amiga Helena para os ritos de maio, lembra?

– Sei exatamente onde é, meu amor!

– Espero você lá.

– Meu Lisandro, juro pelo arco do Cupido e sua flecha pontuda e dourada, pelo mistério que enlaça as almas e o amor instiga, pelos votos que os homens romperam e muito mais do que as mulheres já prometeram, estarei com você neste lugar. Amanhã nos encontraremos!

Aos portais do grandioso palácio de Teseu, quando ainda estavam combinando a fuga, por acaso vinha Helena, passo duro, e não estava com expressão muito amistosa. Ao ver a amiga passando, Hérmia

acena:

– Bela Helena, para onde vai tão apressada?

– Bela, eu?

– Sim, você mesma, amiga!

– Não acredito que seja, Hérmia. Demétrio, por exemplo, espalha aos quatro ventos que é você a mulher mais bela de Atenas. Os seus olhos são estrelas, e a voz um cantar de passarinhos ao entardecer.

– Demétrio é louco, Helena! Eu o detesto!

– A verdade é que estou muito distante de alcançar você em graça e beleza: uma cotovia ao ouvido do pastor. Quem me dera suas palavras fossem verdade e a sua beleza fosse minha, seus olhos os meus, sua voz macia a minha, quiçá, Demétrio querido teria olhos para mim... Mas não! Você o conquistou desde o início!

Hérmia sentiu tanto pela amiga Helena, sofrendo de paixão não correspondida. As duas se conheciam desde crianças, seu afeto por Helena era sincero, por isso fez questão de deixar claro o que sentia por Demétrio:

– Desprezo Demétrio, Helena.

– Um pouco melhor para mim – suspirou a amiga, mais aliviada.

– Mas ainda que o insulte, ele me retribui com amor.

– O amor que desejo você enjeita...

– Me assedia na mesma medida que o odeio!

– Eu o amo, ele me evita...

– Não tenho culpa, Helena.

– Se a beleza que é sua fosse minha...

Hérmia se compadeceu da situação em que se encontrava Helena. Há bem pouco tempo, ela estava sem nenhuma esperança de prosseguir em seu namoro com Lisandro, mergulhada em sofrimento. Então surgiu a ideia de partirem de Atenas. Agora estava cheia de energia, alegria e esperança!

Com a nobre intenção de ajudar, decidiu revelar os planos de sua fuga com o amado, assim Helena sentiria o caminho livre para a sua conquista:

– Ânimo, minha querida amiga! Demétrio não verá mais meu rosto. Lisandro e eu vamos fugir! Já não aguento mais! Antes Atenas era como o paraíso, depois que conheci Demétrio tornou-se um inferno!

Estarei livre dele em breve, será todo seu.

Lisandro também não viu mal em partilhar a informação e, confiando, contou a Helena os detalhes da fuga, o encontro naquele mesmo bosque, onde os três outrora já estiveram reunidos para os ritos de maio, em orações e festejos.

Estavam cheios de coragem e finalmente Hérmia ficaria livre da opressão daqueles homens. No degredo, exilados, longe de Atenas, em companhias benquistas, poderia o casal viver o amor verdadeiro, sem medo ou ameaças:

– Adeus, amiga! – despede-se Hérmia com sinceras lágrimas.

– Adeus! – acena também Lisandro, acreditando que jamais poria os olhos em Helena outra feita.

– Torça por nós. Espero que depois disso Demétrio dedique a você a merecida atenção – despede-se mais uma vez Hérmia.

– Encontro você no bosque, amada Hérmia! Helena, que Demétrio ame você na mesma medida que você o ama – torna a despedir-se Lisandro, ganhando o casal apaixonado as ruas de Atenas, deixando Helena sozinha diante do palácio de Teseu.

Estando sozinha, o casal já distante, Helena revela o que verdadeiramente se passa em seu coração ao receber dos amigos a informação de sua fuga:

– Para alguns, a felicidade é mais fácil que para outros. Sou considerada tão bela quanto Hérmia e ainda assim Demétrio não tem olhos que me enxerguem… me despreza. Errou, encantado pelos olhos de Hérmia, assim como eu, que por ele me encantei. O amor tem disso, dá valor às coisas tolas, que nada valem, e bagunça a ordem costumeira. Falta aos enamorados julgamento, poder avaliar e distinguir! Fui flechada por um cupido alado e cego! Asas sem olhos levam ao sofrimento apenas… O amor é feito mesmo uma criança, escolhe enganado, mente muito, confunde. Demétrio por Hérmia perdeu o senso e faz tantas juras sem perceber que a escolha mais acertada sou eu. O melhor é revelar a ele como ela fugirá. Amanhã à noite, ele irá até o bosque. Eu, que lhe ajudei denunciando, terei sua gratidão, que espero seja bem paga! Por mais que me doa trair os amigos, ter atenção de quem amo é mais importante e valerá a pena pagar o preço.

Capítulo 2

A companhia de teatro amador estava reunida na casa simples de um carpinteiro. O grupo havia se inscrito para participar dos festejos por ocasião das bodas de Teseu, como Filóstrato havia noticiado.

O grupo poderia ser selecionado para o dia do casamento, ou não, ainda que eles acreditassem piamente que sua companhia seria uma das poucas escolhidas na cidade para estar diante do Duque e seus convidados.

A companhia artística era composta por: Joca Madeira, o carpinteiro; Zé Fundilhos, o tecelão; Zico Justo, o marceneiro; João Flauta, o consertador de foles; Tito Bico, o funileiro; e Mané Faminto, o alfaiate.

Reunida a trupe, ela deveria preparar uma apresentação teatral tão boa que não escapasse de ser selecionada para compor a programação das bodas do grande herói Teseu, evento que, além da enorme honra, seria um salto para a trajetória artística do elenco. Começaram com uma boa seleção de atores e papéis:

– Trago uma lista com bons nomes de homens capazes de atuar em nossa peça – disse Madeira, com entusiasmo.

– Espere, Joca Madeira. Antes diga do que trata a peça, para depois revelar quem são os talentosos atores – interrompeu Fundilhos, uma criatura por vezes inconveniente e muito ansiosa, sempre

inconformado em ver Madeira nessa posição improvisada de diretor, vivendo a lhe interromper com palpites:

– Fundilhos, nossa peça é: “A mais lamentável comédia e a Morte mais terrível de Píramo e Tisbe” – respondeu com seu enorme saco de paciência, Madeira, que nunca, jamais perdia as estribeiras.

– Muito bom e alegre, seguramente! – opinou Fundilhos, ainda que não tivesse certeza do que estava falando.

– Não tenha dúvidas! – assegurou Madeira – Agora, chamarei os atores nomeando seus papéis….

– Ótima ideia! – atravessou Fundilhos.

– Respondam quando eu chamar. Zé Fundilhos, o tecelão?

– Eu, eu! Me dê o papel que me cabe. E prossiga com os demais!

– Você será Píramo!

– O que é Píramo? – responde Fundilhos, entregando que na verdade não conhecia a peça. – Acaso é um tirano? Ou será um amante?

Madeira esclarece que Píramo, na peça, era o nome de um amante que, levado por um engano, é tomado de desespero e se mata por amor. Ou seja, o papel principal da peça seria de Fundilhos que, apesar de bobalhão, era um homem bonito, conveniente ao papel de amante. Isso o deixou tomado de energia:

– Ótimo! Precisará de choro para uma boa cena. Se eu o fizer, ninguém aqui se importa que cause comoção na hora do espetáculo e leve o público aos prantos? Tenho certeza de que as senhoras presentes no palácio de Teseu irão se debulhar em lágrimas. Embora gostasse mais de ser o tirano. Não há também um tirano na peça? Poderia representar Hércules? Iria impressionar, sem dúvidas, vociferando e fazendo tudo tremer e rachar. E ainda poderei recitar um poema:

As pedras furiosas
Batendo contra as grades
Quebram as fechaduras
Dessa porta de prisão

Apolo em sua carruagem
No polo apagará

Um louco
Cometendo desatinos

Todos ficaram muito impressionados com a atuação de Fundilhos, apesar de não terem entendido muito o poema e nem quem ele estava representando, mas aplaudiram assim mesmo.

– Não há um tirano – avisa Madeira.

– E o os demais, quais são os papéis? – quis saber Fundilhos.

– Flauta, o consertador de foles, você será Tisbe.

– Quem é Tisbe? O cavaleiro andante? – Flauta quis saber.

– A dama que Píramo ama.

– Imploro, não me ponha num papel de mulher, veja, minha barba está crescendo. Levou tempo para que chegasse nesse tamanho, não gostaria de raspar.

– Isso não tem importância. Não precisará raspar sua penugem. Use uma máscara e fale bem fininho, o público gostará muito!

Fundilhos não se aguenta e revela o desejo de interpretar esse papel importante também.

– Posso esconder o rosto e fazer Tisbe também– propõe Fundilhos. – Falarei com voz finíssima: "*Pííramo*!"

– Não, não, você é Píramo; Flauta, você é Tisbe – insiste Madeira, pedindo calma ao tecelão, lembrando que sobrariam papéis para todos os atores do grupo.

– Tudo bem, continue.

– Mané Faminto, o alfaiate, você fará a mãe de Tisbe. Tito Bico, você fará o pai de Píramo; eu serei o pai de Tisbe. Justo, o marceneiro, você fará a parte do leão. Acho que a peça está pronta.

– Qual é a parte do leão, Madeira, tenho pressa em decorar – pediu Justo, que era conhecido por esquecer as falas.

– Justo, a parte do leão nada mais é que rugir: improvise e ruja!

– Me dê o leão também! Rugirei causando emoções e estou certo: o Duque pedirá bis! – voluntariou-se mais uma vez Fundilhos.

– Mas um rugido muito terrível assustará a Duquesa, as damas, e o Duque nos enforcaria, isso sim! – asseverou Madeira com a concordância dos demais.

– Com certeza meu rugido as tiraria do sério! Não só as damas,

toda a gente! Alguns iam chorar, outros desmaiar, outros correr. Não restaria diferente destino a não ser a forca, mas eu posso controlar minha voz para um suave miadinho: *miau! miau!* – ia representando o Leão Fundilhos, alternando rugidos e miados.

– Fundilhos, seu único papel é o de Píramo, pois exige um rosto bonitinho como o seu; você precisa ser Píramo por causa da sua cara – determina por fim Madeira, sem direito à resposta.

– Então farei!

– Ótimo! Cada qual já está com seu papel, por isso peço que tudo esteja muito bem decorado até amanhã à noite. Vamos nos encontrar no bosque, onde costumam comemorar os ritos de maio, a uma milha da cidade, sem que ninguém nos veja, para não estragar a surpresa da apresentação. Lá ensaiaremos em segredo e organizamos as necessidades para a peça sigilosamente – orientou Madeira.

Capítulo 3

Era uma dessas noites quentes de verão, e Puck, o duende, estava no bosque se refrescando, sentado no mais alto galho da mais alta árvore, balançando os pés peludos. Pensava na próxima travessura que faria, quando uma fadinha cruzou o céu num risco de luz, voando bem ligeira:

– Ei, espírito, aonde vai com tamanha pressa?

A fadinha, piscando as luzinhas, parou a toada e respondeu:

– Sobre vales e montes, grama e sorgo, parque e fonte, lá vou eu! Pela água, pelo fogo; eu vou a todo lugar como a lua vai pelos céus. Sou uma das fadas que servem à corte de sua majestade a Rainha. Molho a erva daninha, nas pétalas de suas flores coloco brincos de orvalho, na madrugada as faço reluzir de sereno! Das árvores, raízes, troncos, musgo, grama, sou a guarda. Adeus, vou embora, a Rainha vem, tenho pressa!

Aquela notícia era realmente boa para o duende que gostava de um malfeito, pois um encontro terrível estava prestes a se dar.

– Ora veja, o Rei das Fadas também está vindo passear pelo bosque, cuidar de suas árvores, festejar com elas. Avise sua Rainha para que não seja vista! Oberon está furioso, pois ela esconde algo que ele quer, e essa rixa tão terrível faz os elfos se esconderem nas árvores.

O Rei e a Rainha das Fadas haviam brigado por causa de um

garoto. O Rei o queria muito como pajem ajudante, mas a Rainha não o entregava, alegando que estava presa ao laço de devoção e amizade, era dever dela cuidar dele.

– A Rainha jamais entregará ao Rei o menininho órfão que a mãe lhe deixou aos cuidados antes de morrer – declarou a fadinha.

– O Rei pensa que o garoto será um ótimo ajudante e não abre mão! – respondeu o duende, cruzando os braços sobre o peito.

– Se a memória não me falha e a vista não me pisca, você é aquele espírito, duende de má fama chamado Puck. Passa o tempo dando sustos nas moças, faz o leite talhar, a moenda emperrar e a manteiga estragar. Da bebida, retira a espuma, e pelas estradas engana os viajantes sem nenhum motivo – reconheceu a fadinha, colocando as mãos na cintura, face tomada de indignação.

– Disse muito bem! Sou eu mesmo, sim senhora! Oberon de tão bobo, faço com que ria relinchando como uma potra.

– Nem o Rei você respeita!

– Faço também que as pessoas entornem a cerveja no pescoço, como se a boca estivesse furada.

– Quanta trapalhada!

– Às vezes, onde tinha um banco, faço não ter mais, e a pessoa, ao sentar, se estatela. Toda a gente fica a rir. Jura nunca sentir tanta alegria, eu gosto também! – conta cheio de orgulho Puck.

– Maior tolice, nunca ouvi!

– Fada, lá vem o Rei Oberon!

– E a Rainha. Não é bom!

Oberon, o Rei das Fadas, chegou com seu séquito; e Titânia, a Rainha, aproximou-se cercada dos seus, deixando todos apreensivos, pois já há algum tempo os dois evitavam se encontrar; e quando se encontravam, o resultado não era outro que não fosse estrondosa briga.

– Péssimo encontro ao luar, Titânia!

– Tem ciúmes, Oberon? Fadas, saiam Fadas! – ordena a Rainha, abrindo espaço para brigar com o marido.

– Rebelde! Eu sou seu senhor!

Titânia riu de Oberon e tinha resposta na ponta da língua.

– Para isso, eu deveria ser sua esposa. Mas você fugiu da Terra das

Fadas, para dedicar o seu amor à Amazona, sua amante de botas, sua guerreira, aquela que agora se casará com Teseu! – Titânia provocou Oberon, relembrando um falado romance seu.

Ele não se fez de rogado e do mesmo modo devolveu:

– Não se envergonha, Titânia? Falar do meu amor por Hipólita, sabendo que sei do seu por Teseu? Ora, vocês também saíram pela noite em traição!

– Quantas mentiras é capaz de inventar a mente do ciumento…

– Toda Atenas é testemunha das vezes em que você o agraciou com bênçãos, fortuna e bem-aventurança!

– Basta!

Titânia tentou partir para reconciliação, uma vez que a briga do casal causava muita confusão no mundo dos mortais:

– Tolices do ciúme, Oberon! Pare, porque enquanto brigam o Rei e a Rainha das Fadas, os mortais sofrem. O camponês perdeu seu suor, o milho apodreceu antes que nascesse cabelo! Tenha pena deles, Oberon.

– Se você não se compadece, Titânia…

– Veja, o curral fica vazio no campo úmido e os corvos devoram o gado desaparecido. Não há mais festas de inverno, nem de noite a cantoria ao redor do fogo. A lua fria, com raiva, lava todo ar e as doenças respiratórias disseminam-se, Oberon.

– Você sabe bem qual é a solução do conflito.

– Na ausência da paz, as estações se alteram, a coroa gelada do inverno governa indistintamente e o mundo já está esquecido das outras estações. De nosso embate, de nossa discórdia, somos a causa deste mal que aflige!

– Titânia, repito, tudo isso tem fácil solução, pare de me aborrecer e entregue imediatamente o menino para que seja meu pajem! – propôs diretamente dessa vez Oberon.

– Contenha-se, seu reino jamais terá o menino! Sua mãe era devota minha em terras da Índia. Fomos grandes amigas, quantas tardes mornas passamos nas areias da praia nos divertindo juntas em união, cumplicidade, afeto. Nossa amizade tanto fez por mim, mas a mortal faleceu no parto. É por ela que cuido do menino e lhe dou educação; por ela não me separarei dele, meu afilhado, meu protegido!

– Quanto tempo permanecerá aqui? – quis saber Oberon.

– Até o casamento de Teseu. Se for de sua vontade, junte-se a mim, sem mais discussões, venha dançar e participar de nossas festas. Mas se insistir nesse assunto, suma da minha visão! Também evitarei passar onde estiver. Espero não ser mais incomodada.

Ainda assim o Rei não desistiu e mais uma vez rogou:

– Dê-me o menino e tudo ficará em paz, insisto e apelo!

– Não. Nem por todo o seu reino! Fadas, vamos para evitar uma briga maior! É inútil dialogar com um asno!

Furioso com a negativa, Oberon jurou vingança.

– Vá embora, mas não sairá deste bosque sem ser aborrecida por esta causa! Eu não desistirei!

Titânia não pareceu temer e saiu acompanhada de seu cortejo de fadas e elfos. Enquanto os observa saindo, Oberon chama por Puck, que era seu fiel servo. Deu a ele instruções e contou uma história.

– Puck, lembra-se daquela outra noite estrelada que passamos em terras distantes em meio a uma floresta?

– Certamente, senhor!

Naquela noite, Oberon e Puck testemunharam a vez que um cupido, com sua flecha incendiada, acertara, sem querer, uma alva flor, que depois disso cobriu-se de vermelho e passou a ter o nome de amor-perfeito.

Essa flor, atingida e transformada sem querer pelo cupido, passou a ter especial condão. Relembrando ao duende onde encontrar a planta, o Rei mandou que a colhesse, pois seu caldo, quando gotejado em olhos adormecidos, causava paixão pela primeira criatura vista, assim que despertos.

– Traga-me agora essa erva e retorne ligeiro, Puck!

– Laço um cinto em redor da Terra em quarenta minutos!

Os planos de Oberon eram, tão logo obtivesse o sumo e Titânia estivesse em sono profundo, gotejá-lo em seus olhos. Pronto! Aquilo que ela olhasse quando acordasse: leão, urso, lobo ou touro… Um macaco levado ou um sagui! Ela seguiria com todo amor apaixonada, para diversão do Rei, até que por sua vontade o encanto fosse quebrado, usando os poderes de outra erva.

Oberon imaginava que assim, para se ver livre do encanto, Titânia

haveria de ceder o menino para ser seu ajudante na floresta. Naquela noite, mais gente estava chegando ao bosque, e o Rei percebeu quando entraram na floresta. Usando de seus poderes mágicos, fez-se invisível e pôs-se a espiar.

Capítulo 4

Vinha pelo bosque um jovem casal, brigando. No início, Oberon achou que fossem namorados, afinal era comum namorados virem para passeios noturnos no bosque, admirar a lua, as estrelas. Contudo, brigavam tanto e a moça era tão rejeitada que deixou o Rei compadecido. Tratava-se de Demétrio e Helena.

– Não a amo, Helena! Pare de me perseguir!

– Por onde quer que vá, eu irei também, Demétrio! É inútil tentar me impedir – insistia a moça.

– Onde está Lisandro e a bela Hérmia, como denunciou?

– Como saberei? O bosque é grande!

– Acabarei com ele, como ela acabou comigo!

– Por favor, não se exalte tanto!

– Disse que estariam aqui, e cá estou como louco neste bosque e não os vejo.

– Está escuro, vamos procurá-los com calma.

– Mais uma vez peço, não me siga, Helena!

– Como o ímã atrai o ferro, você atrai meu coração. Nada posso, é uma força que vem de você, Demétrio.

– Não tenho culpa, sempre fui sincero dizendo que não a amo agora nem nunca, jamais amarei.

– Sou como o cãozinho que, mesmo maltratado pelo dono, ainda

lhe é fiel. O meu coração é seu. É o coração de um cão. Ainda que me maltrate, eu lhe tenho apego. Vou segui-lo, mesmo que não mereça minha imensa fidelidade.

Por mais que Demétrio rejeitasse, ela não se afastava, então passou a intimidá-la com ameaças, como também tentou despertar nela o medo, lembrando que estavam numa floresta, no escuro da noite, com toda sorte de animais soltos.

– Helena, não me faça odiar você! Fico doente só de vê-la e minha raiva só aumenta a cada minuto.

– Já eu fico doente se não o vejo.

– Eu, quando a vejo!

– Por favor!

– Você não enxerga o perigo de entregar sua vida nas mãos de uma pessoa que não lhe tem amor? Não vê o perigo? Deixamos a cidade, e você me seguiu até um lugar deserto.

– Sei que é um homem de bem e não vejo perigo em seu rosto, meu amor. Ao contrário, me sinto segura e protegida, não me sinto sozinha! – respondeu Helena, que não perdia uma oportunidade para se declarar ao amado.

– Vou me esconder entre as folhagens e deixá-la à mercê das feras!

– Há feras aqui?!

– Sim! Não percebe o perigo? Deixe-me sozinho e volte! Se me seguir, não duvide que o bosque é um lugar perigoso e que algum mal pode acontecer a você! – tentou mais uma vez dissuadi-la.

– Mais mal que você, Demétrio, esse bosque não poderá me fazer!

– Ora, essa é boa! Eu lhe faço mal?

– Sim, no templo, na cidade, no campo, em todos os lugares você me faz muito mal! Creia, seu engano me humilha e me enche de vergonha – Helena, revoltou-se contra o desprezo que até então suportava.

– Que culpa tenho eu? – defendeu-se Demétrio, que não se achava responsável pelo que sentia Helena.

– Demétrio, não só os homens decidem a quem amar! Vá e me deixe então! Se eu morrer, será pelas mãos do amor e isso será uma honra e uma glória para mim, apesar da sua indiferença.

Oberon, invisível, observava a discussão de Helena e Demétrio.

Sentiu pena ao ver um casal tão bonito em atrito.

– Os desencontros do amor... – suspirou ele.

Mais compadecido ficou por Helena, sofrendo tanto por um amor não correspondido. O Rei engendrou uma ideia que muito lhe agradou para reverter aquela situação triste, pois gostava muito de ver pessoas felizes, casais plenos de amor. Ia precisar da ajuda do duende para executar o plano. Mal pensara e já estava ele de volta de sua última tarefa.

Puck chegou com as flores colhidas, Oberon sorriu de satisfação ao ver o ramalhete encarnado. Tomando as flores nas mãos, apertou-as até que delas extraiu o caldo para revelar o que faria em seguida:

– Onde o ar tem perfume e as trepadeiras pendem das copas das árvores em cascatas de flores, bem ali sob esse dossel verde e florido, numa cama de musgo, Titânia costuma tirar seu cochilo noturno.

– Esse é o jardim onde descansa Titânia, entre violetas, azaleias e rosas, com fadinhas dançando ao redor – completou Puck.

– Isso! Então, nas horas do cochilo, colocarei o caldo do amor-perfeito nos olhos da Rainha! Mas não usarei tudo, duende.

O Rei repartiu pouco da poção, entregando-a para Puck.

– Preste atenção em uma nova tarefa!

– Sim, senhor!

– Você deve encontrar uma linda jovem ateniense que persegue um rapaz que a despreza. Eles perambulam no bosque discutindo.

– Farei exatamente como pede!

– É bom que não erre! Será fácil reconhecê-los, estão usando roupas de Atenas! Assim que os achar, quando o jovem dormir, pingue o caldo em seus olhos. Minhas instruções foram claras o suficiente, me diga se resta alguma dúvida, meu fiel servo?

– Senhor, tudo entendido até aqui! Mas, creio, ainda há mais o que fazer neste caso...

– Sim, Puck! Para que tudo saia completo, providencie para que, assim que abra os olhos, o rapaz veja a moça de quem foge! – ordenou Oberon.

Capítulo 5

O Rei e o duende se separam, cada qual com seu intento. Oberon estava contente, pois sentia que estava mais perto de conseguir seu pajem e ainda fazer a boa ação de ajudar um jovem casal a encontrar o caminho da conciliação e do amor.

– Esse jovem Demétrio terá de me agradecer por toda eternidade. Ficar enamorado de quem já o ama! – ia pensando o Rei, sobre o que considerava ser um presente ou boa ação.

Usando da invisibilidade, Oberon percorreu os caminhos noturnos sorrateiramente, alcançando o recanto onde Titânia gostava de se refugiar com sua corte de fadinhas.

Era sempre uma alegre festa, a Rainha e as fadinhas dançaram e cantaram até se cansarem. Já estava na hora do descanso, e, como sempre fazia todas as noites, primeiro distribuiu as tarefas:

– Matem os vermes dos botões de rosa, retirem as asas dos morcegos e façam casacos para os elfos.

– Sim, senhora! – responderam as fadinhas, obedientes.

Depois pediu silêncio e acalanto para o habitual cochilo noturno.

– Afastem o pio da coruja. Cantem para que eu durma, preciso enfim repousar!

– Sim, senhora!

As fadinhas assim fizeram, botaram fora as serpentes com línguas

de lixa, ouriços e outros bichos despertos. Impediram as lacraias e lagartixas de fazerem mal, não deixaram nenhum bicho chegar perto. O rouxinol cantou mais um acalanto, que se juntou à canção que as fadinhas entoavam para o repouso de sua Rainha.

– Filomel, o rouxinol, cantou,
Com nossa canção acalentou,
Nana, nana, nanou
nana, nana, nanou
Nem o espanto ou o encanto
perturbem nossa amada senhora
Durma bem com esta canção agora.

As fadinhas iam nanando sua amada Rainha em dedicado trabalho de espantar aranhas, besouros negros, caracóis e outros animais capazes de tirar a paz da soberana.

– Boa noite! – desejou a Rainha entre bocejos.

– Filomel, o rouxinol, cantou,
Com nossa canção acalentou,
Nana, nana, nanou
nana, nana, nanou
Nem o espanto ou o encanto
perturbem nossa amada senhora
Durma bem com esta canção agora.

As fadinhas iam adormecendo sua amada senhora. Embalada pelas fadinhas, Titânia dormiu tranquila e profundamente. Aproveitando-se desse momento de sono, Oberon, invisível, derramou em seus olhos o caldo do amor-perfeito, rogando:

– Ao despertar, o que ver primeiro será seu único amor subitamente, e terá a necessidade implacável de dizer a ele o que sente! Ainda que seja um urso ou um gato, um leopardo ou porco selvagem. Seus olhos amarão o que ver primeiro, Titânia! Está dito e feito.

Depois de feito, Oberon desapareceu no ar, deixando a Rainha adormecida à mercê daquele encanto. Entrementes, ali bem próximo

de onde estava cochilando a Rainha das Fadas, vinha caminhando por entre as árvores Lisandro e Hérmia. Estavam no bosque, como combinaram, para pôr em prática seu o plano de fuga: se afastar de Atenas e suas duras leis que impediam o seu amor. Já andavam havia horas, Hérmia parecia abatida de tanto marchar sem chegar a nenhum canto:

– Meu amor, você está muito cansada? Começo a achar que esqueci o caminho.

– Estou cansada de andar e não chegar em nenhum lugar. Qual é o caminho para a casa da sua tia?

– Pode ser que eu esteja perdido.

– O que faremos agora, Lisandro?

– Vamos manter a calma, Hérmia. É melhor parar para dormir e descansar um bocado! Assim teremos mais discernimento para encontrar o caminho.

– Vou recostar nesse gramado que, de tão macio, até parece uma cama bem grande e fofinha – disse Hérmia.

– É melhor que seja assim, a fofa grama deixo para ti. Durma tranquila meu amor, e descanse! Enquanto eu recosto do outro lado, em meio às raízes sobre a terra, a lembrar mesmo uma cama – disse Lisandro, para o maior conforto da amada, indo cada um deitar-se de um lado oposto.

Exaustos, logo lhes chegou o sono, e cada qual adormeceu em seu canto do bosque. De tão cansados e desatentos, nem mesmo notaram que a beleza daquele espaço se devia ao fato de que ali, bem onde estavam, era justamente onde gostava de se deitar em descanso Titânia, a Rainha das Fadas. Nem mesmo Puck reconheceu de imediato o lugar, tão interessado estava em cumprir mais uma missão dada pelo Rei. Chegando bem devagar, tomando os dois pelo alvo da incumbência que lhe fora dada, disse, estalando os dedos de contentamento:

– Passei o bosque em revista e finalmente encontrei o casal em briga, para em seus olhos gotejar caldo do amor! Com certeza que são esses, metidos em trajes de Atenas. Pobre da moça em sono profundo! Sofrendo deprimida, abandonada ao relento com o rapaz do outro lado, escondido em meio às raízes! Covarde! – indignou-se o duende. –

Não se aflija, moça, nos olhos desse idiota o caldo derramo! Quando ele acordar e colocar os olhos em você estará perdido! – disse Puck, rindo e tremendo de satisfação em fazer aquilo.

– Em seus olhos entorno
O caldo de encanto
Da flor do amor
O sono sinta
Mas desperte
Quando eu for

Apesar de Puck gostar muito de um malfeito, desta feita não teve culpa de pingar caldo do amor em olhos errados; afinal, Lisandro também estava vestido como um ateniense, assim como Demétrio, descrito por Oberon. Pronto, que confusão!

O duende, cumprindo sua incumbência, desapareceu no ar como bem fazem, para, em seguida, por uma terrível coincidência chegarem ali, naquele local, Demétrio e Helena. Os dois estavam do mesmo modo, Demétrio fugindo e Helena o seguindo, não importava para onde.

– Ordeno que pare de me seguir!

– Imploro que não me deixe, Demétrio! Imploro!

Na tentativa de mais uma vez se livrar da moça, Demétrio correu para sumir entre as árvores, mas foi seguido de perto por Helena, que acabou por tropeçar em algo. Ao olhar com atenção para o chão, viu Lisandro deitado entre as raízes. Imaginando que algum mal lhe acontecera, correu para acudir-lhe, tocando e chamando:

– Lisandro! Lisandro!

Não houve uma resposta imediata do jovem, ainda sob efeito do encanto do duende.

– Desperte, sou eu, Helena! Acorde, se é que está vivo! – insistiu ela, tocando sua face.

O caldo de amor-perfeito fez valer seu condão e Lisandro, ao despertar, vendo Helena diante de si, disse:

– Helena... – balbuciou ele.

–Sou eu, Lisandro. Você está bem?

– Helena! Que enorme alegria sinto agora, estando junto de você!

Não consigo nem mesmo explicar!

– Me parece que você está bem e…

– Por você eu andaria até sobre as brasas da fogueira das cerimônias de maio! Que linda é a visão do seu rosto.

– Não era Hérmia a mais bela de Atenas? – perguntou ironicamente Helena ao novo admirador.

– Como Demétrio pode desprezar tão rara beleza?

– Pergunte a ele! E me ajude a encontrá-lo!

– Eu, com a minha espada, poderei resolver a questão! – proclama Lisandro com a voz alterada.

– Não, Lisandro, jamais faça isso por ciúmes de Hérmia! Se ela ama você, para que pegar em uma espada contra Demétrio? – responde Helena, completamente confusa.

– Como assim, Helena? Não entende quem é Hérmia perto de você?

– Quem é ela então, se não a mulher que você ama, Lisandro?

– Apenas um estorvo! Amo você, Helena!

– Você é um zombador!

– Quem trocaria uma pomba por um corvo?

– No caso em questão, seria eu a pomba ou o corvo?

– Saiba, recobrei o tino, amor da minha vida, Helena – declarou-se mais uma vez Lisandro, dominado pelo caldo do amor.

Helena mal pôde acreditar no que ouvia! Ela, que foi testemunha da paixão entre Lisandro e Hérmia, amiga e cúmplice daquele casal, não podia crer que da noite para o dia o amor entre os dois acabara e, ainda mais, que Lisandro estava apaixonado por ela. Era muito mais fácil ela imaginar que o amigo estava a lhe pregar uma peça, fazendo algum tipo de piada de mau gosto, brincando com seus sentimentos. Isso a deixava muito magoada.

– Acaso nasci para ser insultada? Já não basta de Demétrio o desprezo, agora vem Lisandro, o debochado! Dentro do seu peito falta um coração! – Disse Helena com raiva.

A jovem, confusa, fugiu chorando, sem mesmo notar que a poucos passos Hérmia ainda dormia sobre a grama verde. Lisandro, apaixonado, não teve outra opção se não seguir em busca de Helena, pois sem ela já não mais podia viver.

Sem saber de nada e deixada sozinha, Hérmia acordou pedindo

socorro no meio de um pesadelo:

– Acuda, meu Lisandro, socorro! Afasta a serpente, senão morro! Mas que pesadelo horroroso! – lamentava a moça, procurando consolo nos braços de Lisandro sem o encontrar por perto, nem ao alcance das mãos ou dos olhos. Onde estava, havia desaparecido. Achou estranho e começou a chamar por ele:

– Lisandro, onde está?

Não teve retorno, o que aumentou sua angústia e preocupação.

– Responda, se puder me ouvir! Não sei como sair deste bosque sozinha! Lisandro!

Preocupada, a jovem saiu andando sem direção pela mata em busca de seu amado Lisandro.

Capítulo 6

A noite estava realmente movimentada no bosque! Não muito longe de onde estiveram Hérmia, Lisandro e Helena, encontrava-se reunida a Companhia Teatral.

Como havia solicitado Madeira, naquela noite seria o ensaio secreto. Todos os atores deveriam comparecer ali com seus textos decorados e, para além disso, combinar os detalhes da apresentação, a fim de evitar qualquer problema ou embaraço durante os festejos do casamento do Duque, o que também significava evitar a morte e prisão de um ou todos eles.

Ali pareceu um lugar discreto, tranquilo, propício para aquela reunião.

– Já estamos todos aqui? – quis saber Fundilhos, ansioso em começar com os trabalhos.

– Estamos, a companhia teatral completa! – respondeu Madeira.

– Comecemos, então. Este local me parece adequado, apesar de sombrio – palpitou Fundilhos.

– Não é sombrio! Veja que maravilhoso e propício lugar para o ensaio! O gramado faremos de palco, as árvores de camarim, imaginando bem como será diante do Duque! – disse o diretor, explicando como estava imaginando fazer o ensaio.

– Joca Madeira, antes de mais nada, gostaria de fazer algumas

observações importantes.

– Fala de uma vez, Fundilhos!

– Temo que algumas coisas da peça podem não agradar. Vejam, Píramo terá que se matar com a espada, e isso assustará o público, não acham? – perguntou ele, com uma expressão bastante preocupada.

– Um baita susto, com certeza! – emendou Bico, compartilhando da mesma preocupação.

– É melhor tirar todo o sangue! – recomendou Faminto, temendo desagradar o público com a morte pela espada.

– Não precisa mudar nada na peça! – respondeu Fundilhos supreendentemente.

Todos ficaram em silêncio olhando para Fundilhos, esperando obviamente a solução para o problema que ele mesmo apontou.

– Tive a sagaz ideia de alguém escrever um prólogo para dizer que não faremos mal com nossas espadas de verdade. Certamente espantará o medo de todos – completou Fundilhos fazendo pose e cara de muito inteligente.

– Farei tal prólogo – Madeira acatou a sugestão, ao mesmo tempo em que se voluntariou para escrevê-lo.

Contudo, a questão levantada por Fundilhos encheu de dúvidas os demais atores sobre outros personagens:

– Mas e o leão? Também não causa medo? – quis saber Bico.

– Eu temerei! – respondeu Faminto.

Fundilhos, como de costume, tinha uma opinião prontinha para dar.

– Amigos, Deus nos proteja! Um leão é uma coisa das mais perigosas e não há nada mais aterrorizante e selvagem que um leão vivo. Temos que pensar nisso com a maior cautela – asseverou olhando para o diretor.

– Precisamos de outro prólogo esclarecendo que ele não é um leão – sugeriu Bico.

– Não, isso não é suficiente! Melhor que use apenas meia máscara, deixando o resto da cara limpa, e ainda avise ao entrar no palco: “não sou um leão, sou homem!” – completou Fundilhos.

– Façamos isso! – concordou Madeira.

Todos ficaram satisfeitos com aquelas soluções, contudo ainda

restavam problemas precisando de respostas.

– Mas há duas outras coisas difíceis de solucionar – disse o diretor.

– Quais são? Diga, eu ajudarei – falou Fundilhos.

– Píramo e Tisbe encontram-se ao luar. Como trazer a lua ao aposento? – quis saber Madeira.

– Eu sei! Basta que Faminto segure a lanterna sobre a cabeça como se fosse a lua! – gritou Fundilhos, entusiasmado com própria ideia, achando-a genial.

– Boa solução, certamente…– concordou Madeira.

– Não disse, tenho ótimas ideias!

– Há outra coisa…

– Diga, eu ajudarei!

– Teremos que ter um muro no salão. Píramo e Tisbe, diz a história, falavam através de uma fenda no muro – Madeira trouxe a segunda dificuldade, que parecia impossível transpor.

Uma companhia de homens simples, artesãos, não dispunha de recursos para construir um muro cenográfico, mal tinham dinheiro para os figurinos. Mas a criatividade não encontrava limites, mesmo os orçamentários.

– Também é fácil se resolver! – respondeu Fundilhos tomado por grande entusiasmo. – Algum homem tem que representar o Muro! E para representar o buraco basta abrir os dedos da mão e falar por entre eles! – conclui, achando essa ideia ainda mais incrível que a anterior.

– Penso que ficará ótimo assim! – Madeira aceitou mais essa ideia de Fundilhos.

Resolvidas aquelas questões, passaram ao ensaio propriamente dito, com o bosque funcionando como se fosse o teatro, como bem orientava o diretor.

– Vamos repassar todos os textos! Aquele que terminar sua fala entra naquele arbusto, à guisa de coxia.

Justo no arbusto indicado para servir de camarim improvisado, dormia Titânia, mas ninguém percebeu, tão preocupados estavam em dizer o texto corretamente.

Retornava até o local o duende Puck, sempre de olho na Rainha das Fadas, espionando, a mando de seu senhor o Rei, que desejava

acompanhar o desfecho do encanto provocado pelo caldo de amor-perfeito.

O duende ficou surpreso com toda aquela gente em um local quase sempre tranquilo. Invisível, passou despercebido pelos atores e, achando interessante o movimento, decidiu ficar para ver o que era e até mesmo assistiu parte do ensaio.

– Fale, Píramo! Tisbe, fique em frente! – Joca Madeira dirigia os atores.

Fundilhos pigarreou, limpando a garganta, e começou o ensaio.

– Tisbe, que doces dores têm as flores! – disse ele, forçando um vozeirão que não tinha.

– Odores! As flores emanam odores! "Doces odores", Fundilhos! – corrigiu o diretor Madeira, um pouco irritado com o texto mal decorado.

– ... Doces odores têm as flores – continuou Fundilhos, mantendo a pose de homem galante. – É o mesmo perfume que emana de ti, Tisbe querida. Atenção, uma voz! Fique aqui e não se afaste, amor, verei o que é, ou quem se aproxima de nós! Logo retorno! – encenou Fundilhos e retirou-se do que era o palco, indo esconder-se atrás de algumas árvores à espera da sua vez de retornar.

Fundilhos recitava tudo com um vozeirão demasiado grave, fazendo caras e bocas, para deixar claro ao público os sentimentos de cada cena. Algumas expressões em horas bem erradas, embaralhando os sentimentos, o que deixava tudo bem estranho. Puck ria, pensando que jamais vira um Píramo tão incomum.

– Tenho que falar agora? – quis saber Flauta, que estava em dúvida sobre o exato momento de estrear no palco improvisado.

– Sim, tem, tonto!

– Quando exatamente, Madeira?

– Atenção, sua deixa para que entre é quando ele sai para verificar a voz! – explicou o impaciente diretor. – Agora, diga sua parte!

– Meu belo Píramo, tem a beleza da rosa vermelha brilhando ao sol, adorável, um colírio aos olhos, assim como é a estrela da manhã. Fiel como o mais fiel dos cavalos, jamais se viu. Tu és meu belo cavalinho selvagem, meu amorzinho. Por isso, digo irei sim, e o encontrarei na tumba do Nunes! – encenou Flauta, fazendo uma

vozinha bem fininha de Tisbe.

Puck estava em dúvida sobre qual deles era pior para representar. Se um fazia caretas, o outro, por sua vez, tinha a cara limpa, lisa e dizia o texto sem nenhuma expressão. Mas, sem dúvida, os dois muito mal haviam decorado o texto, gaguejando e errando o tempo todo, para desgosto de Madeira:

– Na tumba de Nino, homem! Nino! – disse o diretor. – Não diga isso ainda. Você está confundindo os trechos, dizendo toda sua parte de uma só vez! Pare no trecho do cavalo para que Píramo retorne. Você acabou dizendo coisas que virão apenas no final da peça! – esbravejou.

Puck ria da pobre Tisbe atrapalhada da peça, que deveria contar um grande drama: a história de um casal apaixonado proibido de se ver.

– Rá! Até são engraçados, transformando uma coisa noutra.

O duende gostou dos atores! Estava divertido! Para aumentar mais ainda essa alegria, decidiu aprontar das suas, usando de seus encantos:

– Vou pregar uma verdadeira peça nessa trupe de palhaços! Eles não perdem por esperar! – prometeu o duende.

Faiscando os olhos, foi até as árvores onde estava Fundilhos, distraído, observando as mariposas da noite, aguardando sua vez de retornar ao palco. Sem se deixar perceber, o duende chegou ao seu lado e, com um único e sutil gesto, lançou um extraordinário encanto, despercebido pela vítima.

– Ó! – fez Flauta como Tisbe, e continuou: – Fiel como os cavalos são! – dando a deixa para o retorno de Fundilhos, que voltou das árvores com o rosto transformado em um cabeção de asno, por obra de Puck. Sem perceber sua transformação, Fundilhos continuou com o texto da peça.

– Se eu fosse belo, Tisbe, seria seu! – disse o ator, que, mesmo com a cabeça de asno, continuava a fazer bocas e biquinhos.

Os amigos levaram um grande susto diante da transformação de Fundilhos! Só fizeram gritar de terror e pedir ajuda:

– Monstro!

– Assombração!

– Socorro!

– Rezem! – cada um levou susto maior que o outro.

– Fujam! – instruiu, assustado, Madeira, e ele mesmo passou sebo nas canelas.

– Estamos enfeitiçados, acudam!

Invisível, Puck ria de rolar no chão, tamanha a confusão e pavor que causou. Com a vantagem de que pusera fim ao sofrível ensaio.

Ainda não estava completamente satisfeito e pretendia assombrar os atores a noite todinha! Colocou-os a correr em desespero, por cima de pântanos e atoleiros, moitas de carrapichos, espinheiros, enroscados em cipós. Ora transformados em cavalos, ora em porcos ou ursos, qualquer coisa que tornasse divertida a noite de um duende zombeteiro, como era Puck.

Fundilhos, largado sozinho, não entendia o motivo do pavor.

– Amigos, por que fugiram?

Não obteve resposta, todos estavam sumidos no escuro do bosque.

– Trata-se de alguma brincadeira? Eu não vejo graça.

– Fundilhos, sua cabeça! – alertou Flauta, que passou correndo por ele com medo.

– Suas orelhas, está horroroso! – exclamou Bico, que retornava das árvores para onde fugira, em busca de outra saída.

– Não vê a sua própria cabeça de asno, por acaso? – devolveu Fundilhos, injuriado.

– Benza-se, Fundilhos, benza-se! Algum feitiço caiu sobre você! – gritou Madeira de algum lugar ao longe.

– Percebo o plano de vocês! Mas sou inteligente! Querem me fazer de asno, assustar-me, daqui não saio, e cantarei para mostrar que não tenho medo de nada:

Pássaro negro, tão escuro,
Lhe adorna o bico alaranjado,
O tordo está muito triste
O pardal segue obstinado.

O desafinado cantar do burro fez Titânia despertar de seu cochilo, ela que ali bem pertinho repousava em sua cama de musgo. Espreguiçou, esticando-se e bocejando entre flores, enquanto ouvia a

música esquisita:

O tentilhão, a cotovia
E o canto do cuco repetido,
Ao ouvir tal melodia
Jamais diriam: linda!

A estranha figura de Fundilhos foi a primeira coisa sobre a qual caíram os olhos da Rainha, atraída que foi pelo som de sua voz, assim que despertou. O caldo de amor-perfeito outra vez demostrou seu condão, e Titânia ficou irremediavelmente tomada de amores pelo homem com cabeça de asno!

Como planejado, uma vez que vigiam os poderes do caldo derramado em seus olhos por Oberon, a Rainha ficou perdidamente apaixonada por aquela criatura, que, além de horrorosa, cantava muito mal. Mas Titânia, enfeitiçada de amor, não percebia defeitos e declarou-se no mesmo instante:

– Quem é esse anjo que me acordou com seu belo cantar? Cante mais! Estou apaixonada por sua voz, e meus olhos se iluminam ao ver sua imagem.

– Perdão, bela Senhora, é a mim a quem se dirige? – Fundilhos estranhou tanto amor.

– Não tenho como resistir e preciso declarar imediatamente: amo você! – declarou ela, alto e bom som.

Fundilhos não podia mesmo acreditar que aquilo estava acontecendo e outra vez duvidou:

– Senhora, me perdoe discordar. Mas, me parece, a dama tem pouco tino, se bem que razão e amor têm pouco em comum…

– E, além de belo, é sagaz!

– Gosto de fazer sempre esse tipo de comentário inteligente –gabou-se Fundilhos.

– Nota-se, é tão sábio quanto belo! – disse Titânia, colocando os braços ao redor de seu pescoço.

– Se eu for esperto o suficiente para sair deste bosque, já estará bom – respondeu ele, um bocadinho temeroso.

– Daqui jamais sairá! Ficará aqui, deseje ou não. Eu sou um grande

espírito! O verão me pertence, eu te amo e agora você é meu. Permanecerá aqui em segredo. Terá fadas para servi-lo, para trazer-lhe joias antigas. Cantarão para que você durma em sua cama de flores! Drenarei sua matéria até que tornes imortal espírito, e terá poderes!

Fundilhos, que tinha uma vida dura, até que não achou mal a proposta, embora soasse compulsória demais. Titânia ordenou que suas ajudantes mais fiéis se apresentassem.

– Flor de Ervilha, Teia de Aranha, Mariposa, Semente de Mostarda! – chamou-as pelos nomes e instantaneamente surgiram as criaturinhas mágicas, esvoaçando seus vestidos pelo ar.

Eram muito dispostas e solícitas. Fizeram uma mesura e perguntaram.

– Salve nossa amada Rainha, às ordens! Aonde devemos ir?

– Este senhor, tratem-no com carinho e cortesia. Abram-lhe caminho, façam folia, pulando, dançando! Deem-lhe amoras, cerejas, uvas, figos, iguarias! Do favo da colmeia, retirem a cera para fazer velas que iluminem, e tragam também vaga-lumes, que nunca falte luz no bosque sombrio. Tragam-no sempre iluminado! Nas horas do sono, para que o luar não atrapalhe meu amor, das asas de borboletas façam cortinas. Prestem-lhe, fadas, as mais altas honrarias!

– Salve! Salve! – as fadas fizeram uma mesura diante de Fundilhos.

Esse ficou tão surpreso com tantas honras e desvelo, e se esforçou em tratar as fadinhas com a mesma educação.

– Muito prazer em conhecer vossas excelências! Desculpe, qual é mesmo seu nome?

– Teia de Aranha.

– Prazer em conhecê-la! Senhora Teia de Aranha, se eu cortar o dedo, poderei fazer um curativo – disse Fundilhos, pois, em sua terra natal, teia de aranha era usada como remédio caseiro para cortes. – E a senhora, como se chama?

– Me chamo Flor de Ervilha.

Fundilhos, tentando ser simpático, falou:

– Sou grande admirador da Senhora Vagem, sua mãe, e do Senhor Ervilha, seu pai. Dona Flor de Ervilha, obrigado! Seu nome, por favor, senhora?

– Semente de Mostarda.

– Senhora, poderia ser um grande amigo seu… – Fundilhos calou-se, foi interrompido por um gesto da Rainha.

Titânia, impaciente e temendo que outras se apaixonassem por ele, quem sabe as estrelas, ou até lua… A Rainha também já sentia ciúme de seu burro!

Por isso, mandou que as fadas cuidassem de Fundilhos, levando-o até algum lugar escondido, secreto e seguro. Era preciso silêncio e discrição:

– Fechem sua boca e tragam-no mudo! Ninguém mais deverá perceber a presença de vocês no bosque!

Capítulo 7

Oberon estava ansioso para saber como andava sua vingança e por quem, bicho ou estranha criatura, Titânia se apaixonara ao despertar. Quando viu Puck se aproximando, logo cobrou pela tarefa dada:

– Finalmente apareceu! Cumpriu minhas ordens?

O duende, às gargalhadas, respondeu:

– A Rainha enamorou-se de um monstro!

Começou a relatar ao Rei toda a história desde seu início. Que junto ao lugar de descanso da Grande Fada, quando ela estava tirando seu habitual cochilo, em mais profundo sono, uma trupe de maus atores surgiu inesperadamente para ensaiar uma peça na penumbra.

Explicou ainda que a intenção deles era apresentar o espetáculo ao Duque no dia de suas núpcias, sob o título de “A mais lamentável comédia e a morte mais terrível de Píramo e Tisbe”.

– O ator que representava Píramo, retornando do camarim, teve as feições viradas num carão bem grande asno! Rá, rá, rá! – foi contando ao mestre, entre risos, e o duende se divertia, gabando-se da peripécia, e juntou ainda que os amigos, ao verem o outro transformado, fugiram desesperados, pedindo socorro e gritando de medo.

– O ator mais burro ficou sozinho! E sem entender o motivo da debandada geral, pois não percebera a transformação – continuou contando o arteiro Puck. – E nesse justo instante, Titânia acordou e

contemplou a sua face de asno e as enormes orelhas de burro bem peludas, apaixonando-se perdidamente… – contou, explodindo em gargalhadas de satisfação.

Tão ou mais satisfeito que Puck estava Oberon.

– Saiu melhor que a encomenda! Titânia nem sequer percebeu que está sob a influência de um encanto!

– Não, senhor, está cega, perdidamente apaixonada… Imagine, a Rainha enamorou-se de um burro!

Ainda que estivesse feliz, o Rei quis saber como ia a outra parte do plano:

– E o ateniense, como andou? Pingou em seus olhos o sumo como mandei, duende?

– Sim, senhor! Encontrei o moço cochilando entre raízes e fiz como mandou, tomando todo cuidado! Ao despertar, seria inevitável ver a moça dormindo ao seu lado no gramado.

Para contradizer Puck, justamente na mesma hora passam por eles Hérmia e Demétrio, discutindo. Oberon, reconhecendo o jovem, pede silêncio, a fim de ver se o seu plano havia sido levado a cabo.

Puck, notando algo de errado, logo avisou, tentando evitar uma bronca do chefe:

– A moça é a mesma, o rapaz não sei quem é…

– Fique invisível! – mandou o Rei.

Sem que fossem vistos por olhos mortais, o Rei e o duende observavam a fim de entender que confusão era aquela, afinal. O casal discutia.

– Por que rejeita quem lhe dedica tanto amor? Uma mulher tão bela e tão amarga! – Demétrio lamentava.

– Demétrio, onde está Lisandro? Se o matou enquanto dormia, mate-me também! – Hérmia exigia, inconformada com o repentino e estranho desaparecimento do namorado que era tão fiel quanto o sol é ao dia.

– Se há algum algoz aqui, não sou eu, Hérmia. Não percebe? – defendeu-se Demétrio.

– Quem seria?

– Você, sim, é a bela assassina, matou meu sentimento e meu amor! Você reluz em suas vestes limpas, e eu roto, esfarrapado, peço

clemência e um pouco de amor aos seus pés! – outra vez Demétrio declara seu amor.

Hérmia quer saber apenas do paradeiro de Lisandro:

– Então onde está Lisandro? Demétrio, diga a verdade: você o prendeu? Devolva-o!

– Se eu pudesse, não faria!

– Assassino!

– Não sei do que estou sendo acusado.

– É verdade? Então o matou? Diga!

– Desesperada de paixão, você me acusa sem provas, Hérmia. Não está morto, apenas digo!

– Jure que está vivo e eu paro de acusar você, se é que a injustiça incomoda o injusto!

Tomada de ódio, Hérmia desapareceu entre as árvores. Exausto, Demétrio sentou-se e resolveu deixá-la seguir, pois era inútil tentar provar sua inocência naquele momento dizendo que Lisandro estava vivo.

Cansado e deprimido pelo desprezo da mulher que amava, o jovem acabou dormindo recostado num tronco caído. Oberon não gostou nada do resultado daquela ação atrapalhada e voltou-se ao duende, zangado:

– O que você fez, Puck?

– Havia um outro rapaz com essa jovem e... – foi gaguejando, enquanto se justificava.

– Entornou o caldo na pessoa errada! – zangou o rei, acostumado a lidar com as gracinhas do servo.

– Desta feita Puck é inocente!

– Um amor de verdade não pode ser desfeito. Veja, ela está desesperada por seu Lisandro!

– Perdoe, Senhor, agi por engano!

– Explique que engano foi esse!

– Ora, se o Rei disse para despejar o caldo no jovem com roupas de Atenas... Repare, senhor, ambos estão vestidos assim e vêm de lá. Como Puck ia saber? Se aconteceu, foi porque o destino assim quis! – defendeu-se o duende, que dessa vez não havia feito a trapalhada de propósito.

Era uma responsabilidade grande! Oberon mandou que fosse tão ligeiro quanto o vento buscar Helena de Atenas, sem cometer mais nenhum engano! O caldo de amor-perfeito, ele mesmo aplicaria no rapaz, aproveitando-se do cansaço e do sono. Puck disparou tão ligeiro como uma flecha, enquanto o Rei dos duendes despejava o encanto do amor em seus olhos.

Mais ligeiro que foi, Puck voltou:

– Grande Rei das Fadas, encontrei a bela Helena e junto dela o jovem que encantei por engano, implorando por amor de um jeito tão engraçado! Os mortais são sempre tão abobalhados! Por que não vemos como isso termina, senhor? – sugeriu o duende, que se divertia muito com os humanos. Puck adorou a ideia de ver dois moços encantados pela mesma jovem, declarando e disputando o seu amor, era muito divertido para um duende!

– Não faça tanto barulho, não queremos acordar Demétrio antes da hora. Deixo-os vir e veremos o que acontece então – assentiu o Rei, também curioso em saber como Helena iria se comportar, sendo agora disputada depois de tanto tempo recebendo só desprezo.

Guiados pelas artimanhas do duende, Lisandro e Helena chegaram perto de onde dormia Demétrio. Discutindo, Helena acusa Lisandro de fazer piada com seus sentimentos.

– Por que pensa que é deboche?

– Ora! Simples! Você, que amava Hérmia, não pode ter caído de amor por mim da noite para o dia!

– Ninguém que faz piadas chora, Helena, não confunda meu amor com piadas! Me ofende! Sinta, é verdadeira paixão!

– Mas você não desiste nunca! Isso irrita! Todos sabem que você ama Hérmia. Nada que diga muda isso, Lisandro!

– Eu estava louco! Meu amor por aquela mulher não passava de delírio, ilusão.

– Agora está mais maluco ainda!

– Demétrio tampouco lhe ama também, Helena! Faço esse apelo ao seu juízo, por favor!

– Mas eu amo Demétrio com toda força, nada que diga poderá mudar isso, então é melhor que pare, Lisandro!

Ao ouvir seu nome dito tantas vezes, Demétrio acaba por despertar

e abre os olhos. Vê diante de si Helena, e mais uma vez o efeito do caldo do amor foi imediato!

A moça cintilou diante de seus olhos e Demétrio cegou-se diante de seu brilho, apaixonando-se irremediavelmente por aquela moça que até pouco tempo desprezava.

– Ó Helena perfeita! Seu olhar me fascina! – disse ele, enquanto se levantava e esfregava os olhos embotados de paixão.

Helena, que sofrera durante longo tempo por Demétrio, não acreditou na súbita paixão.

– Inferno! Virei motivo de piada de todos! É uma injustiça, me ofendem por esporte! Vocês combinaram, foi?

Do invisível, Oberon estava satisfeito com a consumação do encanto do amor-perfeito. Finalmente fizera Helena ter o amor de Demétrio, como era desde o início seu intento. Helena, contudo, ainda estava incrédula quanto a tudo que acontecia inexplicavelmente ao seu redor:

– Como pode ser tão cruel, Demétrio! Debochar do meu amor assim… Já que ama Hérmia, fique com ela! – protestou Helena, ao que juntou Lisandro:

– Já eu declaro e afirmo: não a amo! Passem bem, Demétrio e Hérmia! São meus votos!

– Quanta patifaria, Lisandro! Deixe comigo Helena, você ia fugir com Hérmia, sabemos! Siga com seu plano e intento, nada farei para impedir, vão em paz, sumam!

– O seu amor por Helena a mim pertence, e lhe digo: um amor verdadeiro como esse sempre vence! – Lisandro desafiou o rival.

– Nem um nem outro calem a boca! Todos vocês mentem! – acrescentou Helena tomada de ódio, acreditando ser vítima de algum tipo de deboche ou combinação dos dois rapazes para passar o tempo e fazer uma brincadeira, o que não tinha nenhuma graça.

Eles não lhe davam ouvidos, continuando a discutir quem deveria ficar com quem.

– Fique você com Hérmia, Lisandro! Todo meu amor por ela acabou, ou quem sabe nem tenha existido… Helena é quem eu amava, amo agora e para sempre, eu juro! – assegurou Demétrio sobre sua nova paixão.

– Isso é verdade, Helena? – Lisandro colocou em dúvida as palavras de Demétrio.

– Vocês querem me deixar louca!

– Jamais duvide do que eu digo, ou sua vida estará em risco! Não faça pouco de minha lealdade. Veja, Lisandro, lá vem seu amor, Hérmia.

Hérmia vinha caminhando desesperada pelo bosque e, ao ver Lisandro envolvido numa discussão, logo quis saber por que fora deixada dormindo, ao que Lisandro respondeu:

– Quem não seguiria o amor?

– Então, por que fiquei? – Hérmia não conseguia entender.

Sem conseguir acompanhar direito os acontecimentos na velocidade em que aconteciam, Hérmia quis saber sobre qual matéria de amor seu apaixonado Lisandro se referia, pedindo-lhe que esclarecesse.

– O de Lisandro, apaixonado por Helena! – explicou ele.

– Lisandro, você bateu com a cabeça? O que te aconteceu neste lugar estranho?

– Ainda me procura, Hérmia! Não vê que a deixei?

– Como assim você me deixou? Estamos aqui para fugir juntos!

– Por puro pavor de você, eu a larguei no bosque e fugi sozinho. Por favor, entenda logo!

– Você pensa isso? Tem pavor de mim? Não era o que parecia – espantou-se Hérmia.

Tão ou mais espantada ficou Helena, cada vez mais convencida de que aquelas pessoas se juntaram para lhe pregar uma peça, alguma brincadeira terrível, e foi se sentindo mais e mais ofendida! Não era honesto brincar assim com os sentimentos de ninguém.

– Hérmia, moça ingrata e traidora! – disse Helena, sentindo-se particularmente atingida pela suposta traição da amiga de infância.

– Não consigo compreender de que estou sendo acusada, Helena, você que é a minha amiga mais antiga.

– Você, Hérmia, com esses dois moços zombadores, conspirou nessa mentira estranha, para me enredar no deboche! – Helena lançou a suspeita.

– Minha amiga, não pense isso de mim, jamais!

– Eu que pergunto, Hérmia, como ficam todos os segredos que confidenciamos como irmãs, tudo esquecido? A amizade da infância terminou?

– Somos ainda como irmãs, Helena! Eu não entendo o que se passa aqui para dizer a verdade, se é isso que deseja mesmo ouvir.

– É isso? Você quebrará esse antigo amor, apenas por piada, unindo-se a quem troça de mim?

– Se há alguém que debocha e faz piadas sem graça aqui não sou eu, Helena, é você.

– Eu? Ora, se foi você quem mandou seus admiradores até mim para dizerem aos meus pés falsas juras de amor! Por zombaria, elogiar, chamar-me deusa, divina e rara, preciosa, celestial? Por que dois homens que disputavam seu amor subitamente o renegariam?

– Não sei explicar isso, Helena, mas não fui eu quem os mandou. Eu juro, acredite!

– Foi sim, Hérmia! Está dissimulando com essa cara séria! Eu conheço vocês! Sei que rirão de mim quando eu virar as costas! Adeus, seus traidores! – disse indignada, fazendo menção de sair andando sozinha.

– Fique, Helena! Bela Helena, imploro! Ouça, eu posso explicar – suplica Lisandro.

– Explique! – pediu ela, esperando alguma resposta convincente para tantas mudanças repentinas.

– Amor, não deboche assim dela! – esbraveja Hérmia, atacada de ciúmes por Lisandro, e já perdendo a paciência com a amiga.

– Obedeça Hérmia ou eu o obrigo! – diz Demétrio a Lisandro.

– Jamais renegarei meu amor por Helena! Jamais! Não importa quem peça, e digo mais: ninguém será capaz de me obrigar! – Lisandro responde em tom desafiador ao rival.

Demétrio e Lisandro partem para uma acalorada discussão; Hérmia tenta acalmar Lisandro, mas é enxotada por ele, os berros e gritos só fazem aumentar e ecoam pela floresta.

Do invisível, Oberon e o duende acompanhavam tudo sem perder uma vírgula sequer. Claro, Puck se deliciava com toda a confusão, no entanto, o Rei já estava ficando muito preocupado: aonde poderia levar o engano do Puck, com o calor da discussão subindo cada vez

mais? O duende se divertia a valer com toda a confusão que causara: a paixão, os ciúmes, por ele ficavam como estavam, enrolados todos nessas confusões, e pedia ao Rei:

– Senhor, só um pouquinho mais!

Então, continuaram assistindo.

– Lisandro, não o reconheço, o que houve, amor? – tentava entender Hérmia.

– Não sou seu amor, já disse! Fora, purgante, veneno!

– Lisandro, como pode falar assim comigo?

– Falo como eu quiser, Hérmia!

– É sério isso? Por quê? O que fiz, meu amor? Sou eu, Hérmia. Você não é Lisandro? Sou ainda bela como ontem, quando me amava e então me abandonou. Não pode ser verdade!

– É verdade! Conforme-se. Não quero ver você nunca mais! Não duvide, não é brincadeira: amo Helena!

Desconsolada e tomada por grande revolta, Hérmia volta toda sua ira contra Helena:

– Ladra de amor! Gatuna, roubou o coração de Lisandro se fazendo de minha amiga!

– Uma injusta acusação! Não tenho por Lisandro o menor sentimento! Acredite!

As amigas entraram em uma acalorada discussão, que ficou ainda pior quando Helena chamou Hérmia de baixinha. Aquele era seu ponto fraco desde os tempos de menina, coisa que Helena bem conhecia. Hérmia ficou uma fera com a deslealdade e disse que não era assim tão baixa a ponto de não alcançar a cara de Helena com as unhas, ou garras, como haveriam de estar transformadas. Helena teve um pouco de medo, mas não deixou as provocações de lado:

– Por favor, rapazes, não deixem a megera me ferir! Sou boazinha, não deixem que essa baixinha me bata! – Helena pedia defesa contra a fúria de uma Hérmia transfigurada.

– Me chamou de baixinha outra vez! Vejam, vejam, senhores, a provocação! Se apanhar, não poderá reclamar não!

– Hérmia, contenha sua ira!

– Tem medo, agora?

– Em nome da velha amizade, paz! Escute, uma trégua! Eu sempre

a amei e guardei nossos segredos. Apenas um revelei, por conta de muito amar Demétrio. Contei-lhe sobre sua fuga com Lisandro….

– Helena, como você pôde!

– Espere, veja, ele a seguiu e eu o segui, para que nada de mal acontecesse! Mas ele me repreendeu, desprezou, não queria que estivesse junto dele, me ameaçou o tempo todo! Agora apenas desejo retornar a Atenas, estou muito cansada disso tudo! Acredite em minha sinceridade, não estou mentindo.

– Pode voltar! Quem impede, traidora? – disse Hérmia ainda zangada.

– A paixão por Demétrio!

Vendo que Hérmia e Helena poderiam se engalfinhar, Lisandro e Demétrio começaram a disputar, discutindo quem melhor defenderia Helena de Hérmia. Para evitar que as amigas realmente brigassem, Helena deu um jeitinho de ir embora da confusão, sumindo ligeira entre as árvores. Hérmia, por sua vez, fez a mesma coisa, afastando-se da briga dos rapazes. Cada vez mais enfurecidos, eles partiram à procura de uma clareira ou algum lugar onde pudessem lutar pelo amor de Helena, de forma definitiva!

Capítulo 8

Apesar de Puck estar se divertindo muito, decidiu o Rei das Fadas que era hora de desfazer por completo o engano, preocupado com dois jovens armando uma luta no bosque. Oberon gostava de ver casais felizes e não brigando.

– Você se diverte tanto, duende, que começo a achar que o engano foi de propósito! – suspeitou o Rei.

– Acredite, senhor, foi de verdade um erro! Uma confusão com os trajes de Atenas. Fiz o que foi ordenado, não posso ser acusado de nada... mas não nego que o resultado me trouxe muitas risadas e ficou bem como eu gosto! – Puck não conseguia esconder a satisfação.

– Não está como eu quero e vamos mudar! – disse Oberon.

– Sim, senhor!

O Rei pediu dessa feita o máximo de atenção para que nada saísse errado e deu novas ordens ao seu ajudante:

– Esses amantes, que saíram para brigar, faça o escuro da noite os cegar. Cubra as estrelas com a mais escura bruma, faça com que se percam e não se enxerguem. Imitando suas vozes, duende, faça com que se distanciem cada vez mais, a andar perdidos até que o sono os domine! Nos olhos de Lisandro esprema esta erva, antídoto, que a vista de qualquer encanto liberta! Quando acordarem, a confusão terá passado e será uma lembrança do passado. Para casa, em Atenas,

retornarão os amantes rumo ao amor eterno e em triunfo!

– Sim, meu senhor! – disse Puck e saiu em direção ao bosque para mais uma tarefa.

– Vamos, depressa, a aurora já se anuncia, deve tudo estar acabado antes que seja dia! Somos criaturas da noite.

Enquanto o duende desfazia a trapalhada com os namorados, Oberon ia finalmente se resolver com a Rainha das Fadas. Seu intento era negociar para finalmente obter o garotinho como seu pajem. Cada qual tomou uma direção.

Tão veloz quanto uma flecha, o duende voava sobre o bosque para cumprir as ordens de seu senhor. Avistou entre as árvores Lisandro, e este perseguia Demétrio, ambos querendo resolver a disputa no punho.

– Onde está você, Demétrio? Está fugindo, apareça, se é que dispõe de coragem para tanto!

– Aqui, bandido, venha! – respondeu Puck, imitando a voz de Demétrio.

– Vou te pegar! – respondeu Demétrio, iludido, saindo em perseguição da falsa voz projetada por Puck.

–Venha, venha, se tiver coragem, covarde! – incentiva o duende, enganando, fazendo-o andar sem rumo, perdido.

Com Demétrio agiu da mesma forma, remedando a voz do rival:

– Lisandro, fale de uma vez por todas, onde quer que esteja! Para onde fugiu? Sumiu?

– Covarde, grita pedindo guerra e não se apresenta! Nem preciso usar a espada, bastará um galho! – fez o duende, tripudiando, imitando a voz cansada de Lisandro.

– De onde fala? Apareça!

– Se quer mesmo lutar, basta seguir minha voz! – o duende insiste.

Lisandro estava ficando cansado de caminhar perdido pelo bosque, perseguindo sem encontrar Demétrio, uma vez que ia na direção oposta:

– O bandido é bem mais veloz que eu!

Cada vez mais exaurido de perseguir Demétrio em uma noite tão escura, com a lua encoberta por densas brumas, resolveu deitar-se e descansar até que o sol nascesse para que a luz do dia iluminasse

aquilo que perseguia. Consumido pela fadiga, não demorou para que o rapaz caísse no sono. Do mesmo jeito, perdido e cansado de perseguir uma voz que jamais alcançava, Demétrio esconjurou:

– Espere por mim! Desafio mais uma vez, se tem coragem! Fica evitando o confronto, covarde!

Esgotado, também conclui: melhor esperar pelo raiar do dia, com a chegada da luz o confronto será inevitável. Aguardando o amanhecer, Demétrio dorme o sono mais profundo.

Desta feita, para garantir sua tarefa e evitar qualquer erro e a ira do rei, Puck faz tudo minuciosamente e, usando de suas artes e mágica, atraiu Demétrio para onde dormia Helena.

– Noite longa e cansativa! Que logo termine e, ao raiar de um novo dia, eu encontre o caminho de volta para Atenas, onde finalmente poderei ter um pouco de paz! – desejava a jovem.

Ainda assim o duende não ficou feliz; dos quatro jovens para formar os casais, faltava uma, Hérmia:

– Dois mais dois: quatro – Puck fazia contas, enquanto ria. – Lá vem a que falta, trasbordando de ódio!

– Nunca fui tão machucada! Não consigo seguir, nem sequer me arrastar. Estou tão desconsolada que minhas pernas não mais obedecem. Vou recostar e descansar até que nasça o dia – a jovem deitou, maldizendo a estranha noite e as situações pelas quais passava no bosque.

As moças, esgotadas e à mercê de Puck, também sucumbem ao sono. O duende se desmancha em gargalhadas, dessa vez não havia erro, tudo saía conforme planejara.

Devia agir ligeiro, a passarada já avisava o sol vindo em sua carruagem e anunciando um novo dia, e Oberon tinha sido bem claro sobre o amanhecer: raios de luz não deveriam alcançá-los.

– Que este chão seja uma boa cama! O remédio, a cura para os males todos, eu trago aqui comigo! – dizendo isso, coloca o antídoto nos olhos de Lisandro. – Quando acordar, terá o maior prazer em rever seu bem-querer! Como dizem as gentes desta terra:

Cada qual com o que é seu.
Maria terá João,

João terá Maria.
É o fim da pantomima.
Receberá cada um o que perdeu.

Capítulo 9

O tempo também corria para Oberon. Antes de o dia clarear, tinha um assunto de muita importância para resolver com Titânia! Convencê-la a deixar o menininho ser seu pajem. Ainda que houvesse muito ciúme entre eles e acusações de parte a parte, esse era o motivo principal pelo qual o Rei e a Rainha das Fadas estavam rompidos.

Sorrateiro e invisível para não perder o hábito de espiar antes de fazer qualquer outra coisa, Oberon observava atento a Rainha. Estava linda e etérea, como sempre foi por toda a eternidade, contudo, tinha ares de bufa, estando sob efeito do encanto do caldo do amor-perfeito. O Rei testemunhou a ridícula e constrangedora cena de Titânia adornando a cabeça de seu amado burro com uma tiara de flores, para em seguida lhe acariciar os orelhões.

Ele, por sua vez, se aproveitava daquela sorte toda.

– Flor de Ervilha, por favor – chamou Fundilhos.

– Estou aqui!

– Minhas orelhas estão coçando, pode coçar? Onde está Teia de Aranha?

– Aqui!

– Teia de Aranha, traga-me um favo de mel! Não precisa pressa, tenha cuidado para que o favo não derrame. Quero ver esse copo cheio até a borda! Onde está Semente de Mostarda?

– Aqui!

– Venha e ajude Flor de Ervilha a me coçar. Preciso ir ao barbeiro, todo esse pelo na cara me causa uma coceira insuportável! Tenho a pele sensível.

De onde estava, Oberon ria ao ver a caricata cena, e a ele juntou-se Puck, que surgira depois de cumprida a última ordem.

– Amor, o que deseja comer? – quis saber Titânia.

– Na verdade, um prato de feno não tem igual, com cenouras por cima! – pediu o asno.

– Posso pedir que as fadas tragam nozes dos esquilos! – sugeriu a Rainha, tentando agradar.

– Gosto mais de ervilhas secas. Mas agora tenho sono e prefiro mesmo dormir sem que ninguém me perturbe – pediu Fundilhos, que estava estafado por causa da noite tão movimentada.

– Durma, meu amor, durma em meus braços! Saiam, saiam fadinhas! Meu amado precisa de sossego, vão! Quanto amor tenho por você!

Puck e Oberon continuavam se divertindo vendo Titânia agir sob efeito do caldo:

– Veja, duende, que cena mais bela! A Rainha das Fadas dormindo aninhada a um jumento. Chega a dar pena! – disse Oberon, sem esconder a satisfação em ver realizados seus planos.

– Eu acho engraçado!

– Pobrezinha, mais cedo a encontrei no bosque colhendo flores para esse idiota. Questionei como a Rainha das Fadas poderia estar apanhando flores para um monstro com cara de asno... Debochei e a humilhei o quanto pude!

– O que ela fez, senhor? A ira de Titânia é conhecida!

– Dessa vez não teve forças para revidar, impedida por amor ao animal... Quando ela já não suportava mais tanto escárnio, então, lhe pedi sem mais o garoto!

– Não diga, senhor!

– Ela aceitou com a condição que eu os deixasse em paz, ela e esse asno. Aceitei o mais rápido! Saiu bem como calculei! Ela enviou o menino para o meu local secreto, agora ele é meu! Por isso, terei piedade e desfarei o que foi feito em seus olhos.

Obtendo aquilo que almejava, Oberon não viu sentido em deixar Titânia mergulhada no engano. Mandou que Puck desfizesse o que havia aprontado e removesse de Fundilhos o cabeção de burro.

– Duende, assim que eu sinalizar, retire o cabeção de burro do rapaz! Assim, ele e seus amigos retornarão para Atenas do mesmo modo como vieram, pensando que tudo não passou de ilusão! Eu, por minha vez, cuidarei de Titânia.

Oberon, possuidor do antídoto para o caldo do amor-perfeito, goteja-o nos olhos da Rainha dizendo:

– Volte a ser como antes era
Enxergue a visão verdadeira.
Diana, sobre o Cupido prevalece
Titânia, Rainha, desperte!

Assim que acorda, a primeira coisa que Titânia vê é o rosto do Rei, que acabara de pingar o antídoto nos seus olhos.

– Oberon! Que pesadelo! Achei que estava apaixonada por um asno.

– Veja seu amor ali deitado – mostrou Oberon.

– Estou pasma! Tenho pavor do que vejo! – chocou-se a Rainha diante da figura de Fundilhos.

Oberon fez sinal, mandando que o duende retirasse a cabeça de burro do rapaz. Titânia pediu, então, que as fadinhas tocassem uma música suave e relaxante para que, finalmente, todos os distúrbios da noite se dissipassem em um ambiente de tranquilidade, e todos os que estiveram no bosque aquela noite caíssem em profundo e relaxante sono.

– Volte a ser bobo, seu burro, acabou a brincadeira! – Puck desfez o feitiço com um único gesto no ar.

Em paz, Oberon e a Rainha dançam ao raiar de um novo dia, planejando a ida ao casamento de Teseu. Levar bênçãos aos duques para que seu enlace não seja um estorvo! Lá irão se casar todos os amantes que dormiam no bosque, agora sob os auspícios dos também reconciliados Oberon e Titânia.

– Rei das Fadas, a cotovia canta, já se anuncia a manhã – avisa

Titânia enquanto o abraça.

– Vamos, Titânia, em paz! Em um instante já é noite outra vez.

– Sim, sigamos. No caminho, explique-me como foi possível que eu me apaixonasse por um mortal com cabeça de burro!

Capítulo 10

Chegaram ao bosque para os ritos de maio, o Duque, Hipólita e Egeu.

Depois de feitas as cerimônias e festejos, Teseu planejou uma caçada, pois desejava exibir para a noiva seus cães de caça:

– Meu amor, ouvirá o som de meus cães! Soltem, soltem! – ordenou o Duque. – Vamos subir no alto do morro para ouvir a confusão da caçada, todos eles ladrando ao mesmo tempo. É como uma música, poderão escutar – descreveu entusiasmado.

– Certa vez, estive em Creta com Hércules, e cães espartanos acuaram um urso. Nunca ouvi uivos tão lindos! E, além das florestas, os uivos ecoaram como trovões! – descreveu Hipólita.

– Meus cães são espartanos e fortes como touros da Tessália! Um pouco lentos, mas têm bocas afinadas como sinos, escuta e ouve!

No caminho pelo qual seguiam se deparam com os casais deitados no chão, adormecidos.

– Mas quem são esses? – surpreendeu-se o Duque, ao encontrar pessoas dormindo no bosque.

– Senhor, esta é minha filha, Hérmia.

– Ora, veja que estranho! O que terá ela a nos contar a respeito disso, Egeu? Os outros quem são?

– Este é Lisandro, aquele é Demétrio, aquela é Helena, filha de

Nedar…

– Não estavam em disputa? O que fazem jutos, dormindo tão tranquilos?

– Não posso imaginar por que estejam todos juntos – disse Egeu, tão surpreso quanto Teseu.

– Podem ter acordado cedo para os ritos de maio? – cogitou o Duque. – Sabendo de nossa intenção, vieram festejar conosco!

– Uma possibilidade, senhor.

– Egeu, acaso hoje não é o dia em que Hérmia deverá escolher seu destino? – lembrou-se o Duque do que ele mesmo havia decidido antes.

– Sim, meu senhor.

– Toquem as cornetas para acordá-los! – ordena o Duque com ânimo. – Bom dia!

Os amantes, despertos e surpreendidos diante da sua autoridade, ajoelham-se pedindo desculpas. Teseu manda que todos se levantem e logo quer explicações sobre o que faziam pessoas que se odiavam tão próximas e unidas:

– Há poucos dias apresentaram uma contenda no palácio e agora dormem tão próximas.

– Senhor, ainda que esteja um pouco dormindo, um pouco acordado, juro, não entendo como cheguei a tal situação – responde Lisandro. – Se me desfaz a confusão do sono, para falar a verdade, me lembro, vim com Hérmia para fugir de Atenas. Nossa ideia, perdoe a franqueza, era ir tão longe, onde a lei ateniense não nos ameaçasse, estando livre nosso amor.

– Basta! – pede Egeu revoltado. – Se confessa o crime, que a lei se abata sobre ele! Eles teriam escapado, Demétrio, prejudicando nós dois. Mereço uma explicação.

– Egeu, meu amigo, eu lhe dou a explicação que me pede. Contudo, não sei se entenderá.

– Tente, ao menos!

– Helena os denunciou e vim no encalço deles! Eu, a fim de impedi-los, segui-os até aqui. Helena, por sua vez, seguiu-me por amor. Mas, meu senhor, durante a jornada, não sei explicar a razão, meu amor por Hérmia desapareceu como a neve no verão! Agora é uma

lembrança tão distante, jaz apenas em nossa infância. E com toda a força da verdade, revelo ao senhor que estou apaixonado por Helena. A ela, sempre serei fiel!

O Duque, ouvindo essa história de reviravoltas e amores inesperados, explode de alegria e animação, constatando:

– Amor, amor! De algum modo o destino os uniu! A Fortuna age a favor deles, não convém contrariar, seria um grande azar!

– Mas, Sua Graça… – balbuciou Egeu, atônito.

– Egeu, conforme-se! Diante de fatos, não há como impedir. Esses casais estão destinados a se unir por toda eternidade! Farão isso conosco no templo, em breve! Está encerrada a caçada, deixamos isso para depois, vamos retornar até Atenas para uma festa gloriosa! Vamos, Hipólita, vamos! – decidiu o Duque, sem deixar qualquer espaço para apelação.

Egeu e Hérmia carregavam a mesma cara de confusão e surpresa, mas não pelos mesmos motivos. Nada mais restava a não ser seguir em frente. Gostando ou não, a situação estava resolvida:

– Tem certeza de que estamos acordados? Tudo parece sonho. O Duque mandou que o seguíssemos! – Demétrio mal podia acreditar.

– Sim, e ainda vai junto dele meu pai e Hipólita – disse Hérmia, incrédula quanto ao fato de o pai finalmente ter aceitado sua decisão.

– E nos levam ao templo do palácio – lembrou Lisandro. – Onde todos devemos nos casar!

Mãos dadas, os dois casais seguiram o Duque, ainda tentando entender e desvendar por completo qual encanto se passara à noite, naquele misterioso bosque.

No entanto, uma outra parte do sonho estranho continuava no bosque. Fundilhos despertava, espreguiçando, do sono intenso em que lhe colocou a suave música das fadinhas. Estava confuso entre sonho e realidade, não sabia dizer quanto tempo passara dormindo:

– Quando for minha deixa, me chamem, companheiros! – disse, disfarçando que dormira. – Responderei “Belíssimo Píramo”. Ió! Ió! Ió! – fez, ainda com algum resquício de jumento.

Olhou ao redor e se viu completamente sozinho, o dia também estava claro:

– Madeira? Flauta? Bico? Faminto? Alguém aqui?

Sua voz ecoou entre as árvores do bosque vazio sem encontrar resposta.

– Foram embora e me deixaram aqui dormindo! Que sonho estranho me acometeu, me vi na cabeça de um asno, teria que ser um asno para falar sobre esse sonho, pois como humano não consigo explicá-lo. Apenas sei dizer que fui muito feliz, e como asno tive de tudo que nunca tive, apesar da cabeça de burro enorme, a cara coberta de pelos. Foi mesmo uma coisa muito esquisita… Pensando bem, até que daria uma ótima peça! Grande ideia! Pedirei a Joca Madeira para escrever o texto do sonho, e o título será “O sonho sem fundilhos”, pois é um sonho um pouco furado, ou melhor, é uma história furada, sem pé nem cabeça… Quem sabe ela possa ser apresentada nas comemorações de um ano de casado do Duque!

Capítulo 11

Em Atenas, a trupe de artistas estava preocupada com seu amigo falastrão Fundilhos. Joca Madeira andava de um lado para o outro, aflito, à espera de notícias, ansioso por saber se ele voltara do bosque:

– Mandaram alguém até sua casa para saber?

– Não há notícias! Será que foi preso, enfeitiçado, morto? – especulou Faminto.

– Sem ele, não tem mais peça – disse Flauta, lamentando os tristes destinos do amigo e da peça.

– Será impossível, é o melhor Píramo de toda Atenas! – Madeira concordou que o projeto não haveria de prosperar sem ele.

– Também o melhor tecelão – acrescentou Flauta.

– Uma excelente pessoa, esforçado, é o galã perfeito para o papel – Madeira juntou mais esse elogio.

O Duque chegava justamente nesse momento, e com ele trouxe as novidades do palácio, de que haveria mais dois casamentos. Se Fundilhos não estivesse desaparecido, seria a oportunidade para um grande espetáculo!

Flauta inclusive imaginou um possível prêmio-salário, em moedas de ouro, que haveria de ganhar Fundilhos; diante de seu incrível talento exibido na corte de Teseu, perigava ser contratado:

– Que lamento, uma pena!

Estavam todos mergulhando nessa tristeza e desolação quando, de repente, são surpreendidos por aquela voz tão familiar:

– Como vão rapazes? Por onde andaram os companheiros?

Era Fundilhos.

– Fundilhos! Que visão esplêndida diante dos meus olhos! Fico feliz em ver você tão bem! – alegrou-se Joca Madeira.

A trupe toda ficou contente com seu retorno e encheu-se de esperança outra vez quanto ao sucesso da peça, não sem antes desejar saber por onde foi que andara.

– Não saberei dizer ao certo onde estive, amigos, mas foi maravilhoso, acreditem. Sem muitas perguntas. Juro, direi tal como foi – falou Fundilhos.

– Conte, Fundilhos! – pediu Madeira.

– Estamos curiosos! – insistiu Justo.

– Agora não falo nada, pois não há tempo! Saibam, o Duque já jantou! Aprontem seus trajes, vamos nos reunir ligeiros no palácio, cada um repasse o seu papel! Nossa peça foi a escolhida e vamos apresentá-la. Tisbe deve ter roupas limpas; quem faz o leão, afie as unhas como garras. Cuidem do bafo, não comam cebola ou alho, é preciso manter o hálito doce! Se cuidarmos de cada detalhe com esmero, tudo será agradável e, não tenham dúvidas, ouviremos elogios de quão doce foi nossa comédia! Sem mais, vamos, vamos, rápido!

Capítulo 12

No palácio, Hipólita comentava com Teseu sobre o misterioso caso dos casais encontrados mais cedo no bosque. O Duque acreditava que tudo não passava de imaginação e devaneios da juventude, mas, para Hipólita, os acontecimentos narrados por eles eram muito estranhos e suspeitos, merecendo investigação mais atenta e cuidadosa.

– Teseu, amor, repare melhor como é esquisito o que aconteceu aos casais, não será perigoso? Que tipo de encanto reina sobre aquele lugar? Você, como Duque, não deveria pesquisar?

– Nunca acreditei em fábulas antigas ou em fadas. Loucos e amantes têm imaginação fértil e são capazes de criar imagens além da razão. Pintam o diabo mais feio do que ele realmente é. Assim também fazem o medo e o terror noturno. A imaginação nos ludibria, fez do arbusto na escuridão um terrível e apavorante urso. Não há nada por esclarecer, amada Hipólita.

– Esses astuciados noturnos e suas mentes perturbadas… A mim não parece fantasia, insisto, mas sim relato de muita consistência, embora incomum e admirável – Hipólita manteve a suspeita sobre o bosque.

Chegam os casais alvo da conversa. Teseu e Hipólita recebem os jovens, saudando-os com alegria. O assunto sobre o bosque foi deixado para depois, esquecido a fim de que fossem recebidos:

– Que alegria! Que o amor esteja sempre em seus corações! – o Duque bendisse com sinceros desejos de felicidade.

– E, especialmente, em vossa casa! – Lisandro retribuiu do mesmo modo ao Duque.

– Vamos, vamos, pois agora daremos início aos festejos! – disse o Duque.

– Venham queridos! – convidou Hipólita.

– Espera por nós uma peça teatral, a fim de fazer a hora passar mais fácil até a chegada das tão aguardadas núpcias. Filóstrato! – diz o Duque, chamando em seguida pelo mestre de cerimônias.

– Sua Graça, em que posso ajudar?

– Quais peças e outras programações temos disponíveis para o dia de festa? Precisamos matar o tempo.

– Aqui temos o sumário de seu divertimento, pode escolher o que deseja ver primeiro, senhor – Filóstrato estende uma folha ao Duque.

Teseu foi lendo a lista em voz alta, para decidir qual peça seria exibida primeiro:

– "A guerra dos centauros", eu e Hipólita já conhecemos. "O randevu das bacantes bêbadas", antiga e já foi muito encenada. "As nove Musas lastimando sua pindaíba", que peça triste, não condiz com a alegria do dia. "A mais lamentável comédia e a morte mais terrível de Píramo e Tisbe"… lamentável comédia e morte terrível? Parece uma boa sátira! – disse o Duque, ainda indeciso sobre o que assistir na primeira noite de festa.

– Se me permite Sua Graça, é realmente muito lamentável e curta. Se contei dez palavras, será muito – opinou Filóstrato.

– Quem sabe um divertimento rápido seja bom por ora?

– Ainda assim, se depender dos atores, pode ser bem longa e custará a passar seu curto tempo… Em toda a peça, não há ator nem palavra que tenha sido uma boa escolha, e trágica me parece, de fato, uma palavra ótima para constar do título, uma vez que Píramo se mata. Contudo, durante seu ensaio, as únicas lágrimas que me vieram foram das gargalhadas que não consegui conter – o mestre de cerimônias terminou sua crítica.

– Quem são os atores? – quis saber Teseu.

– Artesãos atenienses, Sua Graça. Não são atores, mas esforçam o

corpo e a memória a fim de lhe render essa sincera homenagem em suas núpcias.

– Assistiremos a ela! – decidiu.

– Vossa Graça, eu assisti e talvez não seja para olhos tão exigentes como os seus, não vale nada. A menos que lhe agrade, ou valha a intenção deles – alertou Filóstrato.

– Assistirei! A exigência não pode ser maior que a dedicação de um povo. Vá e traga-os.

– Como queira…

– Tomem seus lugares!

Hipólita não concordou, e ao pé dos ouvidos do Duque dividiu o temor de que fossem tão maus atores a ponto de serem humilhados, quando sua intenção, na verdade, era honrar Teseu. O Duque garantiu que isso não aconteceria, ainda que Filóstrato tenha garantido o quão eram ruins:

– Meu amor, em nossa educação, seremos somente agradecimento. E será divertido desculpar tantos erros! Daremos valor ao seu esforço, não ao mérito. Quando voltei de Creta vitorioso e herói, me renderam muitas homenagens, as melhores foram por vezes as mais simples e muitas vezes aquelas feitas em silêncio até, mas movidas por sinceridade e boas intenções. Isso sim é importante: o sentimento que os guia! O amor, na sua forma mais nobre, tantas vezes se manifesta no gesto simples.

– Se lhe aprouver, já estão prontos e podem começar, Sua Graça – anuncia Filóstrato.

Teseu em um gesto ordena que se apresentem, as trombetas tocam anunciando o início da apresentação. Adentra ao palco Joca Madeira, para o dizer o Prólogo:

– Se ofendermos, não é por querer.
Não acreditem que viemos ofender, mas sim
estamos cobertos de boa vontade.
Queremos mostrar nossas habilidades.

Não pensem que aqui viemos desacatar!
Esperamos sinceramente contentá-los,
Vamos todos nos divertir!

Atores estão prontos,
a peça vamos abrir…

– Até que não começou muito ruim – avaliou Teseu.

– Mas comeu toda a pontuação falando de um só fôlego – reparou Lisandro.

– Foi como uma criança a tocar flauta de mamão… desafinada – criticou Hipólita.

– Não sejam tão rigorosos – pediu Teseu. – E agora, o que virá?

Já estavam no palco, movendo-se desajeitados, enrijecidos pela tensão e vergonha, os outros personagens da peça, o mais duro deles, Bico fazendo o papel de Muro. Anunciados por um trombeteiro, dão um passo à frente Fundilhos como Píramo, Flauta como Tisbe, Faminto como Luar e Justo como Leão. Joca Madeira, olhando na direção deles, continuou o prólogo:

– Talvez esta peça cause sustos,
mas fiquem calmos, eu explico!
Este é Píramo, aqui no canto;
A dama é Tisbe.
O homem coberto de reboco, não estranhem,
Representa o Muro que separa os amantes.
Este com a lanterna sobre a cabeça representa o Luar,
Sob o qual os namorados namoram.
A fera aqui, chamem-na de Leão,
Assustou Tisbe, que chegou antes da hora,
Apavorada, escapuliu,
mas deixou cair o seu manto!
Esse vil Leão com sangue manchou.
Píramo achou o manto…
Enganado, pensando em Tisbe morta,
pelo peito enfia a espada ardente.
Tisbe vendo isso do escuro,
Usa da sua adaga,
Do mesmo modo morre de repente!
A história correntemente,
Leão, Muro e Luar, irão explicar em detalhes.

Dito o prólogo todos, saem de cena e o Muro resta sozinho no palco.

– Que espanto o Muro irá falar? – surpreendeu-se o Duque.

– Sem espanto, senhor, me parece que o leão falará também.

Começa Bico a encenar o Muro:

– Umas explicações sobre o Muro. Queria que pensassem o muro com uma fresta ou passagem, pela qual Píramo e Tisbe, temerosos de serem descobertos, sempre sussurravam. Como mostra o reboco jogado sobre minhas roupas, sou esse muro, embora oco, esta é a fresta, imaginem.

– Jamais vi um muro tão falante! – comentou o Duque.

– É uma parede que gosta de tudo muito bem explicado – emenda Demétrio.

Fundilhos, muito compenetrado, retorna ao palco para junto do muro falante e começa:

– Noite horrível e escura!
Que desventura, fui esquecido por Tisbe!
Muro, ó muro!
Doce e amável muro,
separa nossos quintais.
Posso ver por suas frestas…

Bico, o Muro, separa os dedos para que Fundilhos pudesse espiar entre eles.

– Grato, Muro, que os deuses o proteja!
Mas o que vejo? Tisbe não está lá…
Tristeza, maldito seja esse muro!

– O Muro, penso eu, sendo tão sensível, deveria dar uma resposta! – sugere o Duque.

– Não, senhor, ele não deveria, “Maldito seja” é a deixa de Tisbe – explica Fundilhos. – Ela entra agora e eu a verei através dos furos. Vão ver que irá acontecer como eu disse. Lá vem.

Faz um silêncio maior que esperado, e Fundilhos tosse para que o amigo se atente para a deixa. Então Tisbe entra:

– Ó muro! Ó muro!
Tanto ouviu minhas lamúrias,
por separar Píramo de mim.
Já beijei seus tijolos
Acariciei o veludo dos musgos
com o pensamento em meu amor…
– Ouço uma voz ao longe!
Irei até a fresta espiar,
Tisbe, Tisbe, é você?

Fundilhos encena Píramo, ao que Flauta, na pele de Tisbe, responde com uma vozinha cada vez mais estridente, esforçando-se para melhor representar.

– Meu amor, sim, sou eu!
– Beije-me, beije-me
através do buraco
deste muro, amada Tisbe!
– Já tentamos de outra feita
Senti apenas gosto amargo,
Tijolos e musgo.
– Tisbe, vamos nos ver
no túmulo de Nani.
Pode, agora?
– Não seria de Nono?
– Que seja.
Estarei lá,
o mais depressa!

Fundilho e Flauta saem do palco deixam o Muro sozinho, que achou por bem explicar a fim de que não restasse dúvidas:

– Agora eu, Bico, o Muro, terminei minha parte e sairei…

– Ó, lá se vai o Muro tão diferente – comentou o Duque.

– Se as paredes, meu senhor, têm ouvidos, é sempre melhor que se vão – disse Demétrio.

– Quanta bobagem reunida – desabafou Hipólita, impaciente.

– Os melhores contam sempre com a ajuda de nossa imaginação e

favoráveis olhos – interveio o Duque.

– Conte apenas com a sua imaginação, pois eles parecem não possuir nenhuma.

Atores no palco, calaram-se todos para ver o que viria a seguir. Era fato que, ao menos, aqueles pobres atores detinham a atenção, visto tão precária situação: figurinos improvisados, falas trocadas e quase nenhum cenário, não fosse o Muro e a Lua. Entram Faminto como Luar e Justino como Leão, que achou por bem dar aviso:

– Senhoras, senhores, aqueles que temem ratinhos a correr pela despensa, preparem-se, pois esse Leão irá rugir de forma inesperada. Quando isso se der, não corram! Lembrem-se de que sou eu, Justino, na verdade um marceneiro.

– Uma fera muito gentil e de boa educação – Teseu achou.

– Nunca vi leão mais educado – Demétrio emendou.

– Leão bastante covarde, me pareceu – disse Lisandro.

– Pode ser que seja esperto, caro Lisandro, ao contrário do que pensa – mais uma vez Teseu defendeu os artistas. – Agora, vamos ouvir a Lua.

– Trago uma lanterna para representar os raios da lua – proclamou Faminto, bem alto e solene.

Depois calou-se um pouco constrangido, sem saber se fazia bem como deveria o papel da luz da Lua. Tinha dúvidas se segurava lanterna diante do nariz ou sobre a cabeça.

– Essa Lua poderia mudar de fase e dar prosseguimento! – sugeriu Hipólita.

A Lua ficou lá parada, sem fazer nada enquanto a plateia esperava. Alguém estava atrasado em sua fala. Lisandro, para incentivar que seguissem, pediu:

– Prossiga, Lua!

– Da minha parte é apenas isso, senhor – respondeu, morto de vergonha. Então, Tisbe entrou:

– Aqui é a Tumba de Nino!
Onde estará meu amor?
– Graaaar! (o Leão ruge.)
Tisbe, aterrorizada, foge e deixa cair seu manto.

– Ótimo rugido, Leão! – finalmente Demétrio fez um elogio.

– Boa corrida, Tisbe! – o Duque incentivou.

– A Lua também brilha com desenvoltura – comentou Hipólita.

Píramo surge para o encontro marcado e parece não ver o Leão, que do outro lado brinca com o manto de Tisbe. Depois disso sai.

– Lua, obrigado por me iluminar!
Tudo deixa com esse ar de prata.
Ali parece que avisto Tisbe,
Depois do túmulo de Nuno.
Mas, espere, não é possível!
Que tragédia terrível,
Horror, horror!
O manto rasgado de Tisbe,
todo manchado de sangue.
Destino cruel!
Me leve também!
Desejo estar junto de quem amo!

– Até que me deu um pouco de pena deste homem apaixonado – confessou Hipólita emocionada. – Corta-me o coração, mais por pena do homem.

– Natureza, para que fez leões?
O vil leão matou minha amada!
A mais bela dama que viveu nesta terra.
Me descem lágrimas de ira e revolta!

Que venha minha espada,
Ferir meu próprio peito,
No lado esquerdo
onde mora e bate o coração!
Assim morro e amo!

Assim dizendo, Píramo se golpeia com a própria espada. Depois de toda essa cena, Píramo e Lua deixam o palco.

– Com ajuda de cirurgiões, quem sabe se recupere e prove que é um asno – comenta o Duque.

– Por que a Lua foi embora deixando Tisbe no escuro? – Hipólita ficou sem entender.

– Ela o encontrará sob a luz das estrelas e lamentará seu fim – Teseu acha uma explicação, enquanto Tisbe vem entrando de volta para encerrar a peça:

> *– Dormindo, meu amor? (perguntou Tisbe deixando uma longa pausa na sequência)*
> *– O quê? Meu amor morto, ó dor!*
> *Píramo, levante-se! Morto, morto!*
> *Não é possível! Logo mais estará enterrado*
> *uma sepultura irá cobrir sua beleza,*
> *pele macia, os olhos brilhantes, os lábios encarnados…*
>
> *Fim. Se foi, se foi! Já chega, não quero mais nada!*
> *Minha fiel espada, corte agora esse peito infeliz,*
> *aqui agora acaba.*
> *Tisbe, morre, adeus!*

Tisbe se apunhala e cai no palco desmilinguida, ao som dos aplausos da plateia, que reconhecia o esforço daquela trupe, não sem perder o humor.

– Lua e Leão ficaram para enterrar os mortos – comenta o Teseu.

– Com ajuda do Muro – lembra Demétrio.

Píramo e Tisbe se levantam do palco gemendo, como quem retorna à vida.

– Não, sabemos se o Muro que os separava caiu, senhores. Gostariam de ver o epílogo ou um espetáculo de dança de nossa companhia? – ofereceu Fundilhos, tentando agradar ao Duque, com medo que não estivesse muito satisfeito.

– Nada de epílogo, por favor, pois a sua peça não carece de mais nada! Escute os aplausos, estão felizes. Agora, que venha a dança! – autorizou o Duque.

Ao fim da dança, Teseu mandou que todos se recolhessem aos seus quartos, já era tarde da noite. Deveriam descansar, ainda havia de se

seguir uma quinzena de festejos e celebrações do casamento.

Com todos recolhidos, o palácio de Teseu ficou silencioso e vazio, já era hora das fadas, e apareceu por ali, com uma vassoura nas mãos, o duende Puck.

– Altas horas da noite! O lobo uiva para a lua, o camponês dorme cansado de um dia de trabalho. É a hora da noite mais escura, de assombração e visagem. A hora que as fadas escapam fugazes a fazer sonhos, colher orvalho... Com a vassoura, nesta hora mágica, vim varrer o pó atrás das portas desse glorioso palácio.

Além do duende, chegam também ao palácio Oberon e Titânia, acompanhados de seu séquito de fadas e elfos. O Rei ordena que as fadinhas iluminem todo o lugar. As chamas do fogo crescem, as pequenas fadas se põem a dançar e a cantar a mais bela canção, bailando leves como fagulhas no ar.

Titânia ordena que não desafinem, nem saiam do tom, tudo aquilo era para aquela casa ser abençoada.

– Cantem e dancem! – pedia a Rainha. – Até o raiar da aurora, dancem! Que em cada cômodo, cada canto desta casa se espante todo o mal! Incluindo os aposentos do Duque, vão! A descendência ali gerada será muito afortunada! Todos os casais aqui unidos, no amor permaneçam reunidos para sempre! Que o dono deste palácio e seus convidados sejam abençoados! Vão fadas, elfos e encontrem-me de volta na hora da alvorada!

Todos saem e vão abençoar o palácio de Teseu, menos Puck, que ao leitor dessa história reservou algumas palavras finais:

– Se nós, seres etéreos, os ofendemos,
saibam, nem tudo sai como se pensou.
Imaginem que as visões deste livro apareciam
enquanto vocês apenas dormiam.
Estes astuciados enfadonhos, uma história boba
nada mais, são mero sonho.
Senhores, por favor, não se zanguem,
desculpem, compreendam.
Sou Puck, muito honesto, prometo,
faremos por onde melhorar.
Ainda que justas vaias recebamos,

faremos outra vez até que fique bom,
ou me chame de duende mentiroso!
A todos uma ótima noite,
e aplaudam se formos amigos,
se não, estarei aqui, para fazer o certo!

WILLIAM SHAKESPEARE
Sonho de uma noite de Verão
Principis

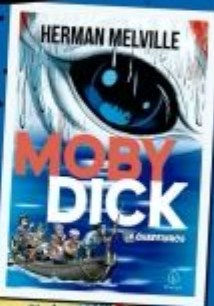
Sonho de uma noite de verão

Shakespeare, William
9786555526783
96 páginas

Compre agora e leia

Sonho de uma noite de verão é uma das obras mais populares de Shakespeare para o palco e traz lições preciosas sobre a condição humana diante do fantástico. O tema principal desta comédia é a percepção dos sentimentos que envolvem as relações entre as pessoas, bem como as ações que são geradas por essas emoções, como a traição. A genialidade de Shakespeare, amplamente iluminada na adaptação do escritor Tiago de Melo Andrade, traz à tona todos os elementos da peça para a prosa, o que contribui para tornar a leitura ainda mais interessante.

Compre agora e leia

E-BOOK
EDIÇÃO ESPECIAL I
CLÁSSICOS EM QUADRINHOS
ROBERT LOUIS STEVENSON
A ILHA DO TESOURO
HERMAN MELVILLE
MOBY DICK
SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO
WILLIAM SHAKESPEARE
William Shakespeare
ROMEU E JULIETA

Clássicos em Quadrinhos I

Melville, Herman
9786555520729
304 páginas

Compre agora e leia

Os clássicos da literatura mundial, agora em quadrinhos! Aventuras em alto mar incríveis são exploradas em A Ilha do Tesouro e Moby Dick, e romance é o foco de Sonho de uma noite de verão e do trágico Romeu e Julieta. Obras de autores aclamados com uma abordagem diferente.

Compre agora e leia

GEORGE
ORWELL
1984
Principis

E-BOOK
FRANZ KAFKA
3 volumes
A FRANZ KAFKA METAMORFOSE
O FRANZ KAFKA PROCESSO
O FRANZ KAFKA CASTELO
Principis

Box Franz Kafka com 3 livros

Kafka, Franz
9786555527254
640 páginas

Compre agora e leia

Conheça as principais obras de um dos maiores escritores de ficção do século XX. Para este box foram selecionados os títulos O castelo, O processo e A metamorfose.

Compre agora e leia

Table of Contents